

QUAL O TEXTO ORIGINAL Do NOVO TESTAMENTO?

POR

Wilbur (Dr. Gilberto) Norman Pickering, ThM
PhD

©

ÍNDICE

| | |
|--|----|
| PREFÁCIO..... | 8 |
| ARTIGO: <i>Minha peregrinação a família 35</i> | 10 |
| 1. INTRODUÇÃO..... | 12 |
| 2. ECLECTISMO..... | 17 |
| O Que É?..... | 18 |
| Que Tal Ele?..... | 20 |
| Qual É a Sua Origem?..... | 21 |
| 3. A TEORIA CRÍTICA DE WESTCOTT-HORT..... | 26 |
| A Abordagem Básica..... | 27 |
| Genealogia..... | 27 |
| Tipos de Texto e Recensões..... | 28 |
| Conflação..... | 28 |
| Leituras “Sírias” Anteriores a Crisóstomo..... | 29 |
| Evidência Interna das Leituras..... | 30 |
| A “Recensão Luciânica” e a <i>Peshitta</i> | 31 |
| Sumário e Conseqüências..... | 32 |
| 4. UMA AVALIAÇÃO DA TEORIA DE WESTCOTT-HORT..... | 34 |
| A Abordagem Básica..... | 34 |
| Genealogia..... | 38 |
| Tipos de Texto e Recensões..... | 41 |
| Eruditismo subsequente..... | 41 |
| Os “tipos de texto” em si..... | 43 |
| Um retorno recente..... | 46 |
| O classificar dos MSS..... | 49 |
| Conflação..... | 50 |
| Leituras “Sírias” Anteriores a Crisóstomo..... | 55 |
| Miller <i>versus</i> Kenyon..... | 57 |
| Ninguém jamais aceitou o desafio de Miller..... | 60 |
| Leituras puramente “Sírias”..... | 62 |
| Um expediente preconceituoso..... | 64 |
| O testemunho dos antigos Pais..... | 67 |
| O testemunho dos antigos Papiros..... | 67 |
| Evidência Interna das Leituras..... | 69 |
| A leitura mais curta..... | 70 |
| A leitura mais difícil..... | 73 |
| Harmonização..... | 75 |
| 1) Van Bruggen..... | 76 |
| 2) Exemplos..... | 78 |
| Inferioridade..... | 81 |
| A “Recensão Luciânica” e a <i>Peshitta</i> | 82 |
| Conclusão..... | 84 |
| 5. A HISTÓRIA DO TEXTO..... | 86 |
| Os Escritos do NT Foram Reconhecidos?..... | 86 |
| O período apostólico..... | 86 |
| O segundo século..... | 88 |
| Os Cristãos Primitivos Eram Cuidadosos?..... | 91 |
| Os apóstolos..... | 91 |

| | |
|---|------------|
| Os pais primitivos..... | 92 |
| Ireneu..... | 93 |
| Tertuliano..... | 93 |
| Quem Era Melhor Qualificado?..... | 94 |
| Acesso aos autógrafos..... | 94 |
| Domínio da língua original..... | 95 |
| A situação da Igreja..... | 96 |
| Atitude para com o Texto..... | 98 |
| Conclusão..... | 99 |
| A Transmissão Foi Normal?..... | 99 |
| A transmissão normal..... | 100 |
| A transmissão anormal..... | 101 |
| 1) A maior parte do estrago foi feito até 200 d.C..... | 102 |
| 2) As formas de texto aberrantes..... | 103 |
| O Fluxo da Transmissão..... | 103 |
| Qual É a Evidência em Si?..... | 108 |
| Os unciais..... | 108 |
| Os cursivos..... | 114 |
| Observações Finais..... | 115 |
| 6. ALGUMAS POSSÍVEIS OBJEÇÕES..... | 116 |
| Os MSS Mais Antigos Não São os Melhores?..... | 116 |
| A sua qualidade julgada por eles próprios..... | 117 |
| A sua qualidade julgada entre eles próprios..... | 120 |
| A sua qualidade julgada pela Igreja antiga..... | 121 |
| Por Que Não Há MSS “Bizantinos” dos Primeiros Séculos?..... | 123 |
| “Filhos órfãos”..... | 123 |
| O processo de transliteração no século IX..... | 125 |
| Repressão imperial ao NT..... | 126 |
| A <i>Biblia Pauperum</i> | 127 |
| “Mas Não Há Evidência do <u>Texto</u> Bizantino nos Primeiros Séculos”..... | 128 |
| Evidência oriunda dos pais antigos..... | 128 |
| Evidência oriunda de Clemente de Alexandria..... | 131 |
| Evidência oriunda dos papiros antigos..... | 135 |
| Evidência oriunda das versões antigas..... | 137 |
| Sumário e conclusão..... | 138 |
| Não Devem as Testemunhas Ser Pesadas, em Vez de Contadas?..... | 139 |
| Primeiro pesar..... | 139 |
| A seguir, contar..... | 141 |
| 7. DEFININDO A IDENTIDADE DO TEXTO..... | 142 |
| As “Marcas da Verdade”..... | 142 |
| Antigüidade, ou Primitividade..... | 142 |
| Consenso de Testemunhas, ou Número..... | 143 |
| Variedade de Evidência, ou Universalidade..... | 145 |
| Continuidade, ou Tradição Ininterrupta..... | 146 |
| Respeitabilidade das Testemunhas, ou Peso..... | 147 |
| Evidência da Passagem Inteira, ou Contexto..... | 148 |
| Evidências Internas, ou Razoabilidade..... | 149 |
| Exemplos e Implicações..... | 149 |
| 1) Exemplo – Lucas 3:33..... | 150 |
| 2) Exemplo – Atos 23:20..... | 150 |
| 3) Exemplo – Atos 21:8..... | 151 |
| 4) Exemplo – Atos 13:42..... | 152 |
| 5) Exemplo – Atos 24:6 ^b -8 ^a | 153 |
| 6) Exemplo – Atos 15:34..... | 154 |

| | |
|--|------------|
| 7) Exemplo – Atos 12:25..... | 155 |
| 8) Exemplo – Lucas 6:1..... | 158 |
| 9) Exemplo – Apocalipse 4:8..... | 159 |
| Conclusão..... | 160 |
| 8. CONCLUSÃO..... | 162 |
| APÊNDICES | |
| A. INSPIRAÇÃO E PRESERVAÇÃO..... | 165 |
| B. 7Q5..... | 169 |
| C. AS IMPLICAÇÕES DA PROBABILIDADE ESTATÍSTICA PARA A HISTÓRIA DO TEXTO..... | 173 |
| Probabilidade Estatística..... | 175 |
| Objecções..... | 179 |
| D. CONFLAÇÃO OU CONFUSÃO?..... | 184 |
| “Conflação” Verdadeira, ou Clara..... | 185 |
| a) Mera adição ou telescopamento de leituras, ou omissão delas..... | 185 |
| b) Adição + conjunções simples, ou omissão..... | 192 |
| Avaliação..... | 194 |
| “Conflação” Duvidosa, ou Confusão..... | 195 |
| a) Complicada por substituição, transposição ou mudanças internas moderadas, ou omissão..... | 195 |
| b) Diferenças substanciais – “conflação” duvidosa..... | 203 |
| Avaliação..... | 207 |
| Conclusão..... | 209 |
| E. DETERMINAÇÃO DE TEXTO NA PASSAGEM DA “COLHEITA DE ESPIGAS NO SÁBADO”..... | 210 |
| Introdução..... | 210 |
| Número e Distribuição das Variantes p)..... | 211 |
| Crítica Interna e Externa..... | 212 |
| Será que Variantes p) São Realmente Variantes p)?..... | 213 |
| Determinação de Texto..... | 214 |
| Conclusão..... | 215 |
| F. MARCOS 16:9-20 E A DOCTRINA DA INSPIRAÇÃO..... | 216 |
| Mas, e Todas as Variantes, Como Ficam?..... | 217 |
| Mas, os Autógrafos Não Estão Perdidos?..... | 219 |
| A Questão da Canonicidade..... | 222 |
| A Evidência Externa..... | 222 |
| A “Evidência?” Interna..... | 228 |
| G. UM ESTEMA DIFERENTE PARA JOÃO 7:53-8:11..... | 231 |
| H. QUE DIFERENÇA FAZ?..... | 245 |
| Erros de Fato e Contradições..... | 246 |
| Anomalias Sérias / Aberrações..... | 253 |
| Implicações..... | 259 |
| Por que usar Cânones Subjetivos?..... | 260 |
| O Mito da Neutralidade..... | 262 |
| Conclusão..... | 263 |

| | |
|---|-----|
| Informações adicionais: A AUTORIDADE DO TEXTO SAGRADO | 265 |
| REFERÊNCIAS | 269 |

Prefácio

Wilbur Norman Pickering, ThM, PhD, é filho de missionários norte-americanos. Devido ao nome de difícil dicção, ele optou pelo pseudônimo brasileiro, Gilberto. Dedicou toda vida a aprender como ser escravo do Senhor Jesus Cristo. Morou na Floresta Amazônica com a etnia Apurinã durante 10 anos para aprender o dialeto e dar início a tradução da Bíblia na língua dos indígenas.

Possui vasto currículo acadêmico, com mestrado em teologia pelo Seminário Teológico de Dallas – EUA; mestrado e doutorado em lingüística pela Universidade de Toronto – Canadá. Atualmente ele investe grande parte do tempo cotejando manuscritos gregos do Novo Testamento com o escopo de identificar a exata redação original dos livros que compõe este testamento. Ele já avaliou manuscritos vindos de várias cidades como Jerusalém, Mosteiro de Santa Catarina - Monte Sinais, Constantinopla, Patmos e Monte Atos.

Com o dom de mestre – Efésios 4:11, busca “anular sofismas e toda altivez que se levante contra o conhecimento de Deus, e levando cativo todo pensamento à obediência de Cristo.” 2 Coríntios 10:5.

A simplicidade do autor permite uma vida materialmente suprida por ofertas. Ademais, o desejo de levar a verdade a um maior número de pessoas faz com grande parte de seu trabalho, incluindo este livro, possa ser encontrado em inglês no sítio www.walkinhiscommandments.com. Onde o acesso ao material é totalmente gratuito e de livre reprodução, vedado o uso para qualquer fim comercial.

Para permitir o acesso a um maior número de pessoas, Dr. Wilbur abdicou-se de auferir qualquer vantagem pecuniária neste livro. A permanência deste material na internet foi *conditio sine qua non* para a publicação.

Optou-se por acrescentar a esta obra algumas informações que não fazem parte do livro disposto na internet e da versão já publicada em inglês, mas que ajudarão ao leitor ter maior compreensão do tema. Destarte, inseriu-se um artigo publicado em 2003. Trocou-se o título original “ $F^{35} = K^7 = M^7$ na *Pericope Adulterae* e M^c em Apocalipse” pelo “Minha peregrinação até a família 35 - F^{35} ”, para facilitar a compreensão. Como se entende que a família F^{35} foi a usada por Deus para preservar as Escrituras Sagradas (Novo Testamento), neste artigo explica-se como Dr. Wilbur chegou a ela.

Ademais, inseriu-se um anexo chamado “informações adicionais” com um gráfico que mostra avaliação da qualidade do texto grego usado nas traduções frente ao Texto Original Majoritário. Esclarece-se que, apesar dessas “informações adicionais” não terem sido escritas pelo Dr. Wilbur, todo conhecimento para se redigir o tópico foi dado por ele.

Após inúmeras experiências no campo de guerra espiritual, Dr. Wilbur advoga enfaticamente a necessidade primordial da leitura diária do Texto Sagrado e o compromisso com O Senhor Jesus Cristo.

Marcelo Mendes Freitas

Minha Peregrinação até a Família 35 - F³⁵ F³⁵ = K^r = M⁷ na *Pericope Adulterae* e M^c em Apocalipse

[título original dado pelo autor]

Wilbur N. Pickering, ThM, PhD

A área de concentração do meu Mestrado em Teologia foi em Grego. O paradigma então dominante na área da Crítica Textual do Novo Testamento era o ecletismo, em si mesmo nada mais do que um ramo da teoria crítica de Westcott e Hort (W-H). Tornou-se óbvio para mim que nenhuma das duas abordagens poderia oferecer certeza quanto à redação original do Novo Testamento (NT); de fato, elas se fundamentam abertamente na premissa de que a redação original foi “perdida” durante o segundo século. Então empreendi uma análise da teoria de W-H (ver capítulo 4 do deste livro), convenci-me de que estava errada em cada ponto e a abordagem eclética a acompanhou. Tornei-me um discípulo de J.W. Burgon (no âmbito da Crítica Textual do Novo Testamento - CTNT), tendo lido todas as suas obras.

H.C. Hoskier, na sua obra *Codex B and its Allies* (Códice B e seus Aliados), demonstra objetivamente que os Códices mais antigos em pergaminho são de qualidade inferior. E.C. Colwell e outros lograram demonstrar o mesmo em relação aos papiros antigos. Segue-se, portanto, que atribuir valor ou peso especial a eles em virtude da sua antiguidade não se sustenta. Assim, temos que voltar nossa atenção para os Manuscritos (MSS) mais recentes. Por não ter uma cópia de von Soden, eu nunca dediquei muita atenção às suas divisões de K, e basicamente acompanhei *Notes of Truth* (Notas da Verdade), de Burgon, onde a ampla maioria era normalmente convincente.

Foi a representação da evidência [textual] para a *Pericope Adulterae* (PA) de Hodges-Farstad (H-F) que chamou minha atenção, estando baseada na colação de von Soden, presumivelmente de mais de 900 MSS. Conforme exposto naquele aparato, havia três correntes principais: **M⁵**, **M⁶** e **M⁷**. **7** estava sempre com a maioria (exceto em uma subdivisão em quatro grupos), porque estava sempre acompanhada por **5** ou **6** (5 + 6 nunca se opõem a 7). Isto me pareceu como três correntes independentes, em que raramente mais do que uma se desviaria em qualquer ponto considerado. Por ser o denominador comum, **7** claramente era a melhor das três (o apêndice G deste livro demonstra a superioridade de **7**, com base nos números de von Soden).

Então me voltei para o Apocalipse (em H-F), e percebi três grandes correntes, mais uma vez: **M^{a-b}**, **M^c** e **M^{d-e}**. O quadro era semelhante ao da PA. Apocalipse representa um corpo muito mais extenso do que PA, mas, mesmo assim, há apenas 8 casos onde **a-b** e **d-e** estão juntos contra **c** (mais seis outros onde um dos quatro está dividido), em comparação a mais de 100 em que ou **a-b** e **c** se unem contra **d-e** ou **c** e **d-e** se unem contra **a-b**. Novamente, por ser o denominador comum, **c** era claramente a melhor das três (ver o aparato do meu Texto Grego do Apocalipse).

Agora note bem, o que de fato acontece é que **M⁷** na PA e **M^c** no Apocalipse correspondem a **K^r** em von Soden, de modo que comecei a farejar algo. Mais ainda, a série *Text und Textwert* provou que **K^r** é independente de **K^x** ao longo do Novo Testamento, de modo que **K^r** não pode ser uma revisão de **K^x**. E ainda há centenas de lugares onde **K^r** tem evidente atestação antiga, contra **K^x**, mas não há qualquer padrão nessa atestação antiga. Em não havendo padrão, segue-se que **K^r** tem que ser antiga, conforme o quadro em PA e no Apocalipse já deixou implícito. Se **K^r** é antiga e independente, então tem que ser reabilitada na crítica textual do Novo Testamento. E se é a melhor linha de transmissão na PA e no Apocalipse, então pode também ser a melhor nos demais lugares.

Contudo, há arraigado desdém e antipatia em relação ao símbolo **K^r**, de modo que proponho um novo nome para o tipo de texto. Vamos substituir **f³⁵** por **K^r** – é mais objetivo e afastará o preconceito que recai sobre o último. O cursivo 35 contém todo o Novo Testamento e reflete **K^r** por toda parte, e é o MS com o menor número que atende a essas qualificações (exatamente como os cursivos 1 e 13 são os de menor número nas suas famílias, e, como eles, o 35 não é o melhor representante – mas é do século 11, de modo que o tipo de texto não pode ter sido criado no século 12, Q.E.D.).

Dr. Wilbur Norman Pickering

Brasília, em 20/06/2003.

Horácio Sabóia Vieira
(Tradução)

INTRODUÇÃO¹

Uma vez que este livro será lido por pessoas que representam um amplo espectro de interesses e experiências, começarei com uma breve revisão do problema textual.

Que existe um problema concernente à identificação da exata redação² original do Novo Testamento em grego, fica evidente pelo fato de terem sido impressas um considerável número de edições do mesmo, competindo umas com as outras. Por “competindo” quero dizer que elas não concordam uma com as outras em relação a quais são as exatas palavras do texto. Tal discordância é possível porque não há sequer dois dos antigos manuscritos em grego (cópias escritas à mão) por nós conhecidos que sejam absolutamente idênticos em cada palavra, e temos que depender dessas cópias porque os Autógrafos dos Apóstolos (isto é, os documentos originais) não mais existem. (Eles se destruíram pelo muito uso, provavelmente bem antes de 200 DC.)

Em resumo, temos pela frente o desafio de, a partir dos manuscritos sobreviventes, identificarmos a redação do texto original, mesmo não havendo dois deles em perfeita concordância. Nesta tarefa podemos também apelar para cópias das antigas Versões (traduções para sírio, latim, cóptico, etc.) e para os escritos sobreviventes dos antigos Pais da Igreja (onde eles citam ou se referem a passagens do Novo Testamento),

Existem mais de 5000 manuscritos (conhecidos) do Novo Testamento em grego (as siglas MS e MSS se referirão a eles, respectivamente no singular e no plural). Eles variam em tamanho desde um pequeno fragmento com partes de dois versos até Novos Testamentos completos. Variam, quanto à data, desde o segundo século até ao décimo sexto.³ Provêm de todo o mundo Mediterrâneo. Contêm várias centenas de milhares de leituras⁴ variantes (diferenças no texto). A imensa maioria destas é constituída de enganos quanto à ortografia ou de outros erros óbvios, devidos a descuido ou inabilidade da parte dos copistas. No entanto, ainda restam muitos milhares de variantes que precisam ser avaliadas à medida que procuramos identificar a exata redação do texto original. Como melhor proceder em tamanho empreendimento? Este livro procura prover uma resposta.

¹Uma grande parte da pesquisa subjacente a este livro foi realizada em conexão com a tese de mestrado que submeti ao Seminário Teológico de Dallas, em 1968, com o título “*An Evaluation of the Contribution of John William Burgon to New Testament Textual Criticism.*” Minha tese foi subsequentemente publicada em forma editada [e não totalmente integral] em *True or False?*, [livro] editado por D. Otis Fuller, (Grand Rapids: Grand Rapids International Publishers, 1972)—o texto completo da tese aparece na 2ª edição [desse livro de Fuller], em 1975. Nesta presente obra tenho reutilizado algum material da minha tese, com permissão de ambas as entidades.

²“Redação” abrange não só as palavras como a correta seqüência e grafia das mesmas.

³Existem mais que cem do século dezessete e outros quarenta do século dezoito, mas, como várias edições impressas do N.T. em grego apareceram durante o século dezesseis, presume-se que tais manuscritos sejam de pouco interesse.

⁴Nota dos tradutores: Em crítica textual “variante” significa qualquer alteração, grande ou pequena, na redação dum texto, a partir da redação tida como padrão. “Leitura” significa tanto a variante quanto a forma “padrão” com a qual concorre.

Certamente não sou o primeiro a me esforçar para prover tal resposta. Numerosas alternativas têm sido propostas através dos anos. Elas tendem a formar dois ajuntamentos ou linhas, e essas linhas diferem substancialmente uma da outra. Em termos muito amplos e simplificados podemos dizer que uma das linhas costuma seguir a grande maioria (raramente abaixo de 80% e usualmente acima de 95%) dos MSS, os quais estão em concordância essencial entre si mesmos, mas não datam de antes do quinto século DC, enquanto a outra linha costuma seguir um pequeno punhado (freqüentemente menos de dez) de MSS mais antigos (do terceiro, quarto e quinto séculos), os quais não apenas discordam da maioria, mas também freqüentemente se contradizem entre si. A segunda linha vem dominando, de forma geral, o mundo da erudição durante os últimos 110 anos.

A mais visível conseqüência e prova desse controle pode ser percebida nas traduções do Novo Testamento feitas durante esses 110 anos, para o inglês [e muitas outras línguas também, inclusive o português]. Virtualmente cada uma dessas traduções reflete uma forma de texto baseada nos poucos MSS mais antigos. Em contraste com eles, a Versão do Rei Tiago (“King James Version”, que denotaremos por AV, sigla de “Authorized Version”) e a Nova Versão do Rei Tiago (“New King James Version”, que denotaremos por NKJV)⁵ refletem uma forma do texto baseado nos numerosos MSS mais recentes. Assim, a diferença fundamental entre, de um lado, o Novo Testamento nas “American Standard Version” [ASV], “Revised Standard Version” [RSV], “New English Bible” [NEB], “Today’s English Version” [TEV], “New American Standard Bible” [NASB], “New International Version” [NIV], etc.⁶ e, de outro lado, o Novo Testamento nas AV e NKJV [e, em português, na AC Fiel; a “Corrigida” representa meio caminho andado entre o TR e o texto “crítico”], é que estes dois lados estão baseados em diferentes formas do texto em grego. (Há mais de 5500 diferenças entre estas duas formas.)⁷

Até o ponto em que você possa estar consciente desses fatos, talvez tenha aceito como razoáveis as alegações usualmente feitas no sentido de que a substancial melhora no nosso estoque de materiais disponíveis (manuscritos em grego e outras testemunhas) e no nosso entendimento de que fazer com eles (os princípios da crítica textual) tornaram possível uma aproximação mais acurada do texto original do que aquela que foi alcançada há várias centenas de anos. As declarações encontradas nos prefácios de algumas versões dão ao leitor a impressão de que esta melhora está refletida

⁵N.trads.: Todas as vezes que o autor referir-se às excelentes qualidades da King James Version, poderíamos também dizer o mesmo daquelas Bíblias em português que se basearam essencial e fielmente no mesmo texto grego daquela AV: as Bíblias conhecidas como Almeida 1681, 1753, 1847; e Almeida Corrigida Fiel (AC Fiel), da Sociedade Bíblica Trinitariana.

⁶N.trads.: Todas as vezes que o autor referir-se aos inúmeros e gravíssimos defeitos dessas Bíblias modernas (em inglês), poderíamos também dizer o mesmo daquelas Bíblias modernas, em português, que se basearam essencialmente na mesma família de textos críticos, em grego. Isto é, as Bíblias conhecidas como Almeida Edição Contemporânea (AECont), Almeida Revista e Atualizada (ARAtzld), Almeida Revista e Melhorada (ARMelh), Nova Versão Internacional (NVI), Bíblia Viva (BViva), Bíblia na Linguagem de Hoje (BLHoje), e todas as Bíblias ecumênicas, dos romanistas, dos Testemunhas de Jeová e de outras seitas.

⁷F.H.A. Scrivener, ed., *The New Testament in the Original Greek, together with the variations adopted in the Revised Version* (Cambridge: Cambridge University Press, 1880). A despeito das diferenças entre as edições impressas do texto em grego geralmente usadas [tanto do T. Receptus como do T. Crítico], todas elas concordam sobre a identidade [isto é, quais são as exatas palavras originais] de cerca de 90 por cento do texto.

nas suas traduções [fazendo-as superiores]. Por exemplo, o prefácio da Revised Standard Version, página ix, diz:

O Novo Testamento da Versão do Rei Tiago baseou-se em um texto grego que foi desfigurado por equívocos, contendo os erros acumulados em quatorze séculos do processo manual de copiar manuscritos [isto não é verdadeiro: quase todas as leituras adotadas no TR são antigas]... Possuímos, agora, muito mais manuscritos antigos do Novo Testamento, e estamos muito melhor equipados para procurar recuperar as palavras originais do texto em grego.

E o prefácio da “New International Version”, página viii, diz:

O texto em grego usado na tradução foi um texto eclético. Nenhuma outra peça de literatura antiga tem tanto apoio de manuscritos quanto o Novo Testamento. Onde os textos existentes diferem, os tradutores escolheram uma entre as leituras, de acordo com os princípios de crítica textual. Notas de rodapé chamam a atenção para aqueles locais onde há incerteza sobre em que consistia o texto original.

Mas, se você tem usado um bom número de versões modernas, você pode ter notado algumas coisas que talvez lhe intrigaram, desconcertaram, ou mesmo angustiaram. Estou pensando no grau em que elas diferem entre si mesmas, na incerteza quanto à identidade do texto que é refletida nas muitas notas de rodapé referentes às variantes textuais, e na natureza e extensão das divergências que compartilham contra a Versão do Rei Tiago [e as Almeida Revista-Corrigida e Corrigida-Fiel].

A maioria das diferenças entre as versões modernas deve-se, presumivelmente, às diferenças em estilo e técnicas de tradução. No entanto, embora elas estejam essencialmente em concordância quanto ao texto grego que usaram, em oposição a aquele em que se baseia a AV [e a AC Fiel], não há sequer duas dessas traduções modernas que se baseiem em textos gregos [realmente] idênticos. Ademais, nem sempre os tradutores têm estado inteiramente certos quanto às exatas palavras do texto [grego]—enquanto algumas versões têm poucas notas sobre variantes textuais, outras têm muitas, e mesmo nestes casos de modo algum todas as dúvidas têm sido registradas.⁸ Enfim, ninguém no mundo, hoje, realmente sabe qual foi a exata redação original do texto grego do Novo Testamento.

Essa constatação pode gerar uma inquietude nos recessos da sua mente. Por que ninguém está totalmente seguro, se temos tantos materiais e tanta sabedoria? Bem, porque a presente “sabedoria”, os “sãos princípios da crítica textual” em voga, podem ser sumariados em duas máximas: (1) escolha a leitura que melhor explique a origem das variantes oponentes, e (2) escolha a variante mais provável de ter sido escrita pelo autor.

⁸Por exemplo, Tasker diz dos tradutores da NEB: “Cada membro do Painel estava consciente de que algumas das decisões deste [Painel] não eram em nenhum sentido finais nem [bastante] confiáveis, mas, no máximo, conclusões inseguras...” *The Greek New Testament* [este é o texto traduzido pela New English Bible] ed. R.V.G. Tasker (Oxford: Oxford University Press, 1964), pag. viii. Ver também B.M. Metzger, *Historical and Literary Studies*, NTTS, VIII (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans, 1968), pag. 160-61.

Não é de se admirar que Bruce Metzger⁹ diga: “É compreensível que em alguns casos diferentes estudiosos cheguem a diferentes avaliações da significância da evidência.”¹⁰ Uma rápida inspeção dos escritos dos estudiosos das questões textuais sugere que o “*em alguns casos*” de Metzger é decididamente uma diminuição da verdade. De fato, até mesmo os mesmos estudiosos irão vacilar, como demonstrado quando a “United Bible Societies”, na terceira edição do texto grego que produz, introduziu “mais de quinhentas mudanças” em relação à segunda edição (a mesma comissão de cinco redatores preparou ambas).¹¹ Ademais, é evidente que as máximas acima não podem ser aplicadas com segurança. Ninguém que hoje vive sabe ou pode saber o que realmente aconteceu. Segue-se que enquanto os materiais textuais forem manipulados desta maneira **não iremos jamais estar seguros** de qual a redação exata do texto original em grego.¹²

Não é surpreendente que estudiosos trabalhando dentro de tal arcabouço digam o mesmo. Por exemplo, Robert M. Grant, um bem conhecido estudioso das questões bíblicas, diz:

O objetivo primário do estudo textual do Novo Testamento continua sendo a recuperação daquilo que os seus escritores escreveram. Já temos sugerido que alcançar este objetivo é extremamente próximo de ser impossível. Portanto, temos que nos contentar com aquilo que Reinhold Niebuhr e outros têm chamado, em outros contextos, de uma ‘possibilidade impossível’.¹³

E Kenneth W. Clark, um outro bem conhecido professor titular-catedrático e estudioso do texto [neo-testamentário], comentando sobre P⁷⁵: “... o papiro exhibe vividamente um estado fluido do texto ao redor do ano 200 DC. ... Uma tal liberdade no trabalho dos copistas sugere que o texto do evangelho era pouco mais estável do que a tradição oral, e que nós podemos estar perseguindo a miragem fugidia do ‘texto original’.”¹⁴

⁹Bruce M. Metzger é um dos estudiosos do Novo Testamento considerado do mais alto nível, na América do Norte; tem sido professor titular-catedrático na Universidade de Princeton, por muitos anos; e é o autor de muitas obras eruditas, inclusive do livro-texto padrão, *The Text of the New Testament*.

¹⁰B.M. Metzger, *The Text of the New Testament* (London: Oxford University Press, 1964), pag. 210.

¹¹K. Aland, M. Black, C.M. Martini, B.M. Metzger, and A. Wikgren, eds., *The Greek New Testament*, third edition (New York: United Bible Societies, 1975), pag. viii. Embora esta [terceira] edição seja datada de 1975, a obra *Commentary*, de Metzger, baseada nela, foi publicada em 1971. A segunda edição data de 1968. Assim, parece que, no espaço de três anos (1968-1971), sem nenhuma acumulação significativa de novas evidências, o mesmo grupo de cinco estudiosos mudou de opinião em mais de quinhentos locais. É difícil deixarmos de suspeitar que eles estavam conjeturando [isto é, “chutando no escuro”].

¹²Mesmo onde há testemunho unânime sobre as palavras do texto, os cânones da evidência interna não impedem a possibilidade de que o testemunho unânime possa estar errado. Uma vez que evidência interna é aceita como a maneira de determinar qual é o texto, então, em princípio, não há mais base para objetar contra *emendas conjeturais*. Daí, nenhuma parte do Texto estará segura. (Mesmo que seja exigido que uma leitura proposta seja atestada por pelo menos um manuscrito, um novo Papiro pode ser descoberto amanhã, com novas variantes desafiando o testemunho unânime dos demais, e assim por diante).

¹³R.M. Grant, *A Historical Introduction to the New Testament* (New York: Harper and Row, 1963), pag. 51.

¹⁴K.W. Clark, “The Theological Relevance of Textual Variation in Current Criticism of the Greek New Testament,” *Journal of Biblical Literature*, LXXXV (1966), pag. 15.

Cinquenta anos atrás, Grant tinha dito, “é geralmente reconhecido que o texto original da Bíblia não pode ser recuperado.”¹⁵

Tais colocações me deixam intranquilo. Se a redação original está para sempre perdida e desaparecida, o que estamos usando? As conseqüências de uma tal admissão têm um tal alcance, ao meu ver, que uma completa e meticulosa revisão das evidências se faz obrigatória. Será que os fatos realmente forçam uma mente honesta à conclusão expressa por Grant? Na procura de uma resposta a essa pergunta, começarei com a análise da presente situação da crítica textual do Novo Testamento, e depois irei trabalhando retroativamente no tempo. O procedimento que domina o cenário de hoje é chamado de “ecletismo”.¹⁶

¹⁵Grant, “The Bible of Theophilus of Antioch,” *Journal of Biblical Literature*, LXVI (1947), pag. 173. Para uma declaração a mais pessimista, ver E.C. Colwell, “Biblical Criticism: Lower and Higher,” *Journal of Biblical Literature*, LXVII (1948), pag. 10-11. Ver também G. Zuntz, *The Text of the Epistles*, 1953, pag. 9; K. and S. Lake, *Family 13 (The Ferrar Group)*, 1941, pag.vii; F.C. Conybeare, *History of New Testament Criticism*, 1910, pag. 129.

¹⁶No uso normal, o termo “ecletismo” refere-se à prática de selecionar de várias fontes. Na crítica textual há a implicação adicional de que as fontes são marcadamente distintas em qualidade ou caráter. O que isto significa, na prática, é elucidado na seção “O que é?”, no capítulo 2.

ECLETISMO

Em 1974 Eldon Jay Epp, um respeitado estudioso textual contemporâneo, escreveu: “O método ‘ecclético’ é, de fato, o método de crítica textual do NT do século XX, e quem o criticar se torna imediatamente um crítico de si próprio, pois todos nós usamos esse método, alguns com uma certa medida de relutância e restrições, outros com entrega completa.”¹⁷

Assim, as RSV (“Revised Standard Version”), NEB (“New English Bible”) e NIV (“New International Version”) são confessadamente baseadas num texto eclético.

Os dois grandes esforços de tradução destes anos [do século XX]—RSV e NEB—cada um escolheu o texto em grego a ser traduzido tomando como base as evidências internas das leituras variantes. O capítulo de F.C. Grant, na brochura que apresenta e explica a RSV, deixou isto claro. Os tradutores, diz ele, seguiram duas regras: 1) Escolher a leitura que melhor se ajusta ao contexto; 2) Escolher a leitura que [melhor] explique a origem das outras leituras. O Professor C. H. Dodd informou-me que os tradutores britânicos também usaram estes dois princípios—a Probabilidade Intrínseca e a Probabilidade Transcricional, segundo Hort. Um dos tradutores da RSV, enquanto dava palestras ao Clube do Novo Testamento na Universidade de Chicago, respondeu a uma pergunta sobre qual era o texto em grego que ele usava dizendo que isto dependia de onde ele estava trabalhando: ele usava Souter no escritório e Nestle em casa. Um dos tradutores britânicos, ao admitir a desigualdade de qualidade textual da tradução NEB, explicou que a qualidade dependia da habilidade do homem que fez a primeira tradução-esboço do livro.

Tanto nos primeiros dias do cristianismo quanto hoje, os tradutores têm tão frequentemente tratado o texto descuidadamente, que os críticos textuais deveriam estar já endurecidamente precavidos contra isto. Mas muito mais séria é a presença maciça desta mesma dependência das evidências internas das leituras, encontrada nos artigos eruditos sobre crítica textual, e na popularidade das edições do Novo Testamento em grego de tamanho reduzido. Estas últimas, com suas limitadas citações de variantes e de testemunhas, na realidade compelem o usuário a depender das evidências internas das leituras. Os documentos que estes aparatos severamente abreviados citam não podem levar o usuário a se apoiar nas evidências externas dos documentos. Estas edições (“manuais”) usam documentos (para citar Housman) “como os bêbados usam os postes—não para receberem luz nos seus caminhos, mas para dissimularem suas instabilidades.”¹⁸

A declaração no prefácio da NIV já foi notada: “O texto grego usado no trabalho de tradução foi um texto eclético.”

A Introdução ao texto grego publicado pela “United Bible Societies”, páginas xxi (1966), diz;

¹⁷E.J. Epp, “The Twentieth Century Interlude in New Testament Textual Criticism,” *Journal of Biblical Literature*, XCIII (1974), pag. 403.

¹⁸E.C. Colwell, “Hort Redivivus: A Plea and a Program,” *Studies in Methodology in Textual Criticism of the New Testament*, E.C. Colwell (Leiden: E.J. Brill, 1969), pag. 152-53. Tasker registra os princípios seguidos pelos tradutores da NEB: “O Texto a ser traduzido terá, necessariamente, que ser eclético,...” (pag. vii).

Por meio das letras A, B, C, e D, colocadas entre colchetes [] no início de cada conjunto de variantes textuais, a Comissão tem procurado indicar o grau de certeza relativo das leituras adotadas como texto, ao qual chegou com base na consideração de evidências tanto internas quanto externas. A letra A significa que o texto é virtualmente certo, enquanto B indica que há um certo grau de dúvida quanto a ele. A letra C quer dizer que há um considerável grau de dúvida se o texto ou o aparato contem a melhor leitura, enquanto D mostra que há um grau muito elevado de dúvida concernente à leitura selecionada para o texto.

Basta atentar para o aparato do texto da UBS e a sua falta de padrão na correlação entre o grau de certeza atribuído e as evidências externas; fica claro que aquele texto é eclético. Em Atos 16:12 eles até mesmo incorporaram uma conjectura! Deve-se lembrar que este texto foi preparado especificamente para ser usado por tradutores da Bíblia. A TEV (Today's English Version) foi traduzida diretamente dele, como o foi a *Version Popular*, etc. As conclusões de crítica textual de G. D. Kilpatrick, um total ecletista, encontraram expressão em *A Greek-English Diglot for the Use of Translators*, impresso pela British and Foreign Bible Society. E assim por diante. As evidências já apresentadas deixam claro que o ecletismo é um fator principal (se não for o fator controlador) no cenário textual de hoje.

O Que É?

Em que consiste o “ecletismo”? Metzger explica que um redator eclético “ora segue um conjunto de testemunhas, ora outro, de acordo com o que se reputa ser o estilo do autor ou as exigências das armadilhas na transcrição.”¹⁹

E.C. Colwell²⁰ elucida:

Hoje em dia a crítica textual procura sua validação final na avaliação de leituras individuais, de uma maneira que envolve julgamento subjetivo. A tendência tem sido enfatizar menos e menos cânones de crítica. Muitos [críticos] modernos enfatizam somente dois, a saber: 1) prefere-se a leitura que melhor se ajuste ao contexto; e 2) prefere-se a leitura que melhor explique a origem de todas as outras.

Estas duas regras são nada menos que fórmulas concentradas de tudo que o crítico textual tem que saber e usar na solução de seu problema. A primeira regra, sobre escolher o que [melhor] se ajusta ao contexto, exorta o estudante a conhecer o documento (com que está trabalhando) tão completamente que as expressões idiomáticas dele serão também as suas, as idéias dele serão tão bem conhecidas quanto um cômodo familiar. A segunda regra, sobre escolher o que poderia ter causado as outras leituras, requer que o estudante saiba tudo da história do cristianismo que poderia levar à criação de uma leitura variante. Isto en-

¹⁹Metzger, *The Text*, pag. 175-76.

²⁰O falecido Ernest Cadman Colwell bem poderia ter sido descrito como o deão da crítica do Novo Testamento, na América do Norte, durante as décadas 1950 e 1960. Ele foi associado com a Universidade de Chicago por muitos anos como professor titular-catedrático e como reitor. Alguns dos seus artigos importantes têm sido coletados e reimpressos em *Studies in Methodology in Textual Criticism of the New Testament*.

volve conhecimento de instituições, doutrinas, e eventos. ... Este é um conhecimento de forças e movimentos complicados e freqüentemente conflitantes.²¹

(Que pessoa vivente realmente possui estas qualificações? E como podem tais regras ser aplicadas, quando nem a identidade nem as circunstâncias do originador de uma dada variante são conhecidas?)

Mais recentemente, Colwell parece estar menos encantado com o método:

Os estudiosos que professam seguir 'o Método Eclético' freqüentemente definem este termo de modo que restrinja as evidências a [apenas] as Evidências Internas das Leituras. Por 'eclético' eles, de fato, querem dizer livre escolha entre as leituras. Esta escolha em muitos casos é feita unicamente com base na probabilidade intrínseca. O redator escolhe aquela leitura que se auto-recomenda a ele, como [melhor] se ajustando ao contexto, seja em estilo, ou idéia, ou referência contextual. Tal redator relega os manuscritos ao papel de [meros] supridores de leituras. O peso do manuscrito é ignorado. O seu lugar na tradição [transmissão] manuscritológica não é considerado. Assim, Kilpatrick argumenta que certas leituras encontradas apenas em um manuscrito recente da Vulgata devem receber a mais séria consideração porque elas são leituras boas.²²

J.K. Elliott, um total ecletista como Kilpatrick, diz das probabilidades transcripcionais:

Ao usar critérios tais como os acima, o crítico pode chegar a uma conclusão, na discussão das variantes textuais, e estar habilitado a dizer qual variante é a leitura original. No entanto, é legítimo perguntar: pode uma leitura ser aceita como genuína se é atestada por apenas um ms.? Não há nenhuma razão pela qual uma leitura original não deva ter sido preservada em apenas um ms., mas obviamente uma leitura pode ser aceita com maior confiança quando ela tem sustentação mais forte. ...

Até mesmo Aland, com suas reservas com respeito ao ecletismo, diz: 'Teoricamente, as leituras originais podem estar escondidas em um único ms., assim erguendo-se sozinho contra o resto da tradição,' e Tasker tem uma observação similar: 'Tem que ser deixada aberta a possibilidade de que, em alguns casos, a verdadeira leitura possa ter sido preservada e apenas umas poucas testemunhas ou mesmo em uma única testemunha relativamente recente'.²³

Entre o que Elliott chama de "vantagens incontestáveis do método eclético" está a seguinte:

Um esforço é feito para chegar ao texto verdadeiro ou original. Este é, naturalmente, o alvo supremo de qualquer crítico textual, mas o método eclético, por usar critérios diferentes e por trabalhar a partir de um ponto de vista diferente,

²¹Colwell, "Biblical Criticism," pag. 4-5. Para palavras do mesmo efeito, ver também K. Lake, *The Text of the New Testament*, 6ª edição, revisada por Silva New (London: Rivingtons, 1959), pag. 10. Ver também Metzger, *The Text*, pag. 216-17.

²²Colwell, "Hort Redivivus," pag. 154. Compare pag. 149-54.

²³J.K. Elliot, *The Greek Text of the Epistles to Timothy and Titus*, ed., Jacob Geerlings, *Studies and Documents*, XXXVI (Salt Lake City: University of Utah Press, 1968), pag. 10-11. Compare K. Aland, "The Significance of the Papyri for Progress in New Testament Research," *The Bible in Modern Scholarship*, ed. J.P. Hyatt (New York: Abingdon Press, 1965), pag. 340, e Tasker, pag. viii.

tenta chegar à verdadeira leitura sem amarras de discussões sobre o peso da sustentação por ms. ...²⁴

Não admira que Epp proteste:

Este tipo de ‘ecletismo’ se torna o grande nivelador—todas as variantes são iguais e igualmente candidatas a ‘texto original’, sem considerações de data, residência, linhagem, ou contexto textual. Neste caso, não seria apropriado ir mais adiante e sugerir que mais umas poucas leituras conjecturais sejam adicionadas ao suprimento disponível de variantes, na suposição de que aquelas [[leituras] devem ter existido mas foram perdidas em algum ponto da história da transmissão textual?²⁵

Que diremos de um tal método: é boa coisa?

Que Tal Ele?

Um ecletismo baseado unicamente em considerações internas é inaceitável por várias razões. Não tem bom senso. Ignora os mais de 5000 MSS gregos hoje ainda disponíveis (para não se dizer nada das evidências das antigas versões e dos Pais da Igreja) exceto para catar leituras variantes a partir deles. Nas palavras de Elliott, este ecletismo “tenta chegar à verdadeira leitura sem amarras de discussões sobre o peso da sustentação por ms.” Segue-se que tal ecletismo não tem nenhuma razão, a partir de princípio, para rejeitar emendas conjecturais. Não tem nenhuma história da transmissão do texto. Portanto, a escolha entre variantes depende, em última análise, de ‘chutar’ a partir da imaginação. Isto tem sido reconhecido por Colwell:

Na última geração temos depreciado as evidências externas de documentos e temos valorizado as evidências internas de leituras; mas temos jovialmente assumido que estávamos rejeitando ‘emenda conjectural’ se nossas conjecturas fossem apoiadas por alguns manuscritos.²⁶ Precisamos reconhecer que a redação de um texto eclético repousa sobre conjecturas.²⁷

F.G. Kenyon²⁸ chamou emenda conjectural “um processo extremamente precário e que raramente permite a ninguém, exceto o adivinhador, se sentir confiante da veracidade dos seus resultados.”²⁹ Embora entusiastas como Elliott pensem que desta maneira possam restaurar as palavras originais do texto, é claro que o resultado não pode ter mais autoridade do que aquela do(s) estudioso(s) envolvido(s). Crítica textual dei-

²⁴Elliott, pag. 11.

²⁵Epp, pag. 404.

²⁶N.Trads: Os ‘críticos’ textuais da linha dominante durante os últimos cem anos, muitas vezes se apoiam em não mais que 10, não raramente em 2, às vezes em somente 1 MS (!), contra a evidência de muitas centenas de MSS (de melhor tradição e qualidade), unânimes em apresentar, essencialmente, uma mesma leitura.

²⁷Colwell, “Scribal Habits in Early Papyri: A Study in the Corruption of the Text,” *The Bible in Modern Scholarship*, ed. J.P. Hyatt (New York: Abingdon Press, 1965), pag. 371-72.

²⁸Frederick G. Kenyon foi um proeminente estudioso britânico durante a primeira metade deste século [XX]. Foi o diretor e bibliotecário-chefe do Museu Britânico, e seu *Handbook to the Textual Criticism of the New Testament* ainda é um livro-texto padrão.

²⁹F.G. Kenyon, *Handbook to the Textual Criticism of the New Testament*, 2nd ed., 1926, pag. 3.

xa de ser uma ciência e fica-se imaginando o que o prefácio da NIV quer dizer por “sãos princípios” [citado acima].

Clark and Epp estão certos ao chamarem ecletismo um método secundário, hesitante, e temporário.³⁰ Como A.F.J. Klijn³¹ diz, “Este método chega a resultados tão variados que questionamos se redatores de textos gregos e de traduções podem seguir esta estrada sem danos”.³² Este procedimento parece tão insatisfatório, de fato, que a razão pede explicação da sua origem.

Qual É A Sua Origem?

Ecletismo é um rebento que cresceu a partir da teoria de crítica textual de Westcott e Hort (doravante, W-H). Epp a sintetiza de forma útil, para nossos propósitos imediatos:

... o agrupamento de manuscritos levou à separação dos manuscritos antigos (que são relativamente poucos) da massa dos mais recentes, e eventualmente o processo alcançou seu clímax de desenvolvimento e seu enunciado clássico na obra de Westcott e Hort (em 1881-1882), e particularmente na clara e firme visão deles (realmente, de Hort) sobre a história do texto do NT nos seus primeiros séculos. Esta visão clara foi formada a partir de Hort ter separado os manuscritos em essencialmente três (embora ele dissesse quatro) grupos textuais básicos, chamados de tipos-texto. Baseados principalmente em evidências de manuscritos da metade do 4º século em diante, e em evidências das antigas versões e Pais da Igreja, dois destes tipos-texto, chamados Neutro e Ocidental, foram considerados textos que competiam desde cerca da metade do 2º século, enquanto o terceiro tipo, agora denominado Bizantino, foi um texto eclesiástico posterior, conflado³³ e polido. ... Isto deixou essencialmente dois tipos-texto básicos competindo no mais antigo período rastreável da transmissão textual, o Ocidental e o Neutro, mas esta reconstrução histórica não pôde ser levada mais adiante, de modo a revelar—em bases históricas—qual dos dois era mais aproximado de (e assim mais provável de representar) o texto original do NT.³⁴

³⁰Epp, pag. 403-4. Compare K.W. Clark, “The Effect of Recent Textual Criticism upon New Testament Studies,” *The Background of the New Testament and its Eschatology*, ed. W.D. Davies and D. Daube (Cambridge: The Cambridge University Press, 1956), pag. 37. Em um artigo apresentado no 46º encontro anual da “Evangelical Theological Society” (Nov. 1964), Maurice A. Robinson enfatiza a deficiência séria [consistente no fato] que “nem o ecletismo ‘racionalizado’ nem o ‘rigoroso’ oferecem uma história coerente da transmissão textual. ...” (pag. 30). A seriedade desta deficiência pode ser vista nos resultados [do ecletismo]. UBS³, um texto confessadamente eclético, repetidamente nos oferece uma colcha de retalhos. Por exemplo, em Mateus há pelo menos 34 locais onde a exata redação não se encontra em nenhum MS grego disponível, tomado isoladamente (compare R.J. Swanson, *The Horizontal Line Synopsis of the Gospels, Greek Edition, Volume I. The Gospel of Matthew* [Dillsboro, NC: Western North Carolina Press, 1982]).

³¹A.F.J. Klijn é um bem conhecido estudioso textual que tem se especializado no estudo do “tipo-texto Ocidental.”

³²A.F.J. Klijn, *A Survey of the Researches into the Western Text of the Gospels and Acts: part two 1949-1969* (Leiden: E.J. Brill, 1969), pag. 65.

³³N.Trads: Em crítica textual, **conflar** (do latim *conflare*, fundir, juntar por fusão; e do inglês *conflate*) significa a mistura ou combinação das leituras de 2 (ou mais) documentos, formando uma nova leitura. Isto se dá, algumas vezes, pela mera adição (com ou sem conjunção) de palavras ou trechos de uma leitura à outra, outras vezes por fusão, em maior ou menor escala. Conjugam-se conflar como o verbo inflar (do latim *inflare*). **Conflação** é o ato ou resultado de conflar. Ver Cap. 3.

³⁴Epp, pag. 391-92.

... a pergunta que confrontou Westcott-Hort permanece para nós: É o texto original algo mais próximo do tipo Neutro ou do tipo Ocidental? ... Hort resolveu o problema, não com base na história do texto, e sim em termos da presumida qualidade interna dos textos e fundado em julgamentos em grande parte subjetivos daquela qualidade.³⁵

Hort, seguindo o “tinir de genuinidade”, preferiu as leituras do tipo-texto “Neutro” (hoje chamado Alexandrino) e especialmente aquelas do Códice B, enquanto alguns estudiosos subsequentes têm preferido as leituras do tipo-texto “Ocidental” e do Códice D, na mesma base. Embora Hort alegasse estar seguindo evidências externas—e ele de fato seguiu seu tipo “Neutro”, em geral—sua escolha prévia daquele tipo-texto foi baseada em considerações internas (subjetivas).³⁶ Apesar disto, a impressão geral foi dada de que a teoria de W-H se baseava em evidências externas (isto é, históricas e de manuscritos).

Mas várias facetas da teoria ficaram sob ataques assim que apareceram em 1881, e com as vozes conflitantes veio confusão. É esta confusão que deu origem ao ecletismo. Assim, Elliott abertamente declara: “Em vista do presente dilema e discussão a respeito dos méritos relativos dos mss. individuais e da tradição dos mss., é razoável fugir de um estudo documentário e examinar o texto do NT de um ponto de vista puramente eclético.”³⁷

Nas palavras de R.V.G. Tasker, “O estado fluido da crítica textual de hoje faz a adoção do método eclético não apenas desejável mas quase inevitável.”³⁸ Metzger cita insatisfação “com os resultados alcançados pela ponderação das evidências externas a favor das leituras variantes” como a causa [do ecletismo].³⁹ Epp culpa “a ausência de uma teoria e uma história primitiva do texto definitivas” bem como a resultante “situação caótica na avaliação de leituras variantes no texto do NT.”⁴⁰ Colwell também condena “o estudo de manuscritos sem uma história.”⁴¹ A prática do ecletismo puro parece implicar: 1) em perda de todas as esperanças que as palavras originais possam ser recuperadas com base na evidência externa; ou 2) em uma recusa de tomar sobre se o duro trabalho de reconstruir a história do texto; ou 3) em ambas as coisas.

Mas a maioria dos estudiosos não pratica ecletismo **puro**—eles ainda trabalham essencialmente dentro do arcabouço de W-H. Assim, as duas edições do texto grego mais populares que hoje temos, Nestle-Aland e UBS (“United Bible Societies”), realmente pouco diferem do texto W-H.⁴² As versões recentes—RSV, NEB, etc.—também pouco se afastam do texto W-H.

³⁵ *Ibid.*, pag. 398-99.

³⁶ Metzger afirma que “o [método de] crítica de Westcott e Hort é subjetivo,” *The Text*, pag. 138. Ver também Colwell, *Studies in Methodology in Textual Criticism of the New Testament* (Leiden: E.J. Brill, 1969), pag. 1-2.

³⁷ Elliott, pag. 5-6.

³⁸ Tasker, pag. vii.

³⁹ Metzger, *The Text*, pag. 175.

⁴⁰ Epp, pag. 403.

⁴¹ Colwell, “Hort Redivivus,” pag. 149.

⁴² Ver K.W. Clark, “Today’s Problems with the Critical Text of the New Testament,” *Transitions in Biblical Scholarship*, ed. J.C.R. Rylaarsdam (Chicago: The University of Chicago Press, 1968), pag. 159-60, para fatos e números. Ver também Epp, pag. 388-90.

Qual o porque disto? Epp responde:

Uma resposta para o fato que nossos textos críticos populares ainda são tão próximos daquele de Westcott-Hort poderia ser que o tipo de texto a que eles chegaram, e que é tão largamente apoiado pela crítica subsequente, é de fato e sem questionamento o melhor texto do NT a que podemos chegar; todavia, todo crítico textual sabe que esta similaridade de textos indica, ao contrário, que nós pouco temos progredido em teoria textual depois de Westcott-Hort; que simplesmente não sabemos como fazer uma determinação definitiva sobre qual o melhor texto é; que não temos um quadro claro da transmissão e alteração do texto

G.D. Fee tem levantado a acusação de que meu tratamento de ecletismo é “desesperançadamente confuso” (“A Critique of W.N. Pickering’s *The Identity of the New Testament Text: A Review Article*, “*The Westminster Theological Journal*, XLI [Spring, 1979], pag. 400). Ele acha que eu não distingo adequadamente entre ecletismo “rigoroso” (por mim chamado “puro”) e “racionalizado”; e que tenho, portanto, dado uma visão distorcida do último. Bem, ele próprio diz do ecletismo racionalizado que esposa: “Tal ecletismo reconhece que a visão das coisas de W-H, foi essencialmente correta, ... (Ibid., pag. 402).” Minha declaração é “Mas a maioria dos estudiosos não pratica ecletismo **puro**—a eles ainda trabalham essencialmente dentro do arcabouço de W-H.” (pag. 28, na edição em inglês). São as duas declarações realmente tão diferentes?

A imparcialidade desta avaliação pode ser ilustrada a partir dos trabalhos de ambos Fee e Metzger (a quem Fee considera ser um praticante do ecletismo racionalizado). Em sua “Rigorous or Reasoned Eclecticism—Which?” (*Studies in New Testament Language and Text*, ed. J.K. Elliott [Leiden; Brill, 1976]), Fee diz: “Ecletismo racionalizado concorda, em princípio, que nenhum MS ou grupo de MSS tem uma prioridade prima facie [isto é, prioridade auto-evidente, desde a primeira visão] como [reproduzindo] o texto original” (pag. 179). Mas, na página seguinte, ele diz de Hort: “se sua avaliação de B como ‘Neutro’ foi uma deferência demasiadamente elevada àquele MS, isto não altera seu julgamento que, comparado a todos os outros MSS, B **é** uma testemunha superior.” Metzger diz, por um lado: “a única metodologia apropriada é examinar a evidência de cada variante imparcialmente, sem nenhuma predileção a favor ou contra qualquer um dos tipos de texto.” (*Chapters*, pag. 39), mas, por outro lado, [diz]: “leituras que são atestadas somente por testemunhas Koiné [o grego comum], isto é, testemunhas Bizantinas (o grupo Sírio, de Hort) podem ser postas de lado [isto é, descartadas] como sendo secundárias, com certeza quase que total.” (*The Text*, pag. 212).

Mas Fee tem mais a dizer: “Um erro ainda maior [do que minha ‘distorção’ acima tratada] é ele [Pickering] argumentar que o método de Elliott está sob ‘a pressão psicológica de W-H. (pag. 29)” (“A Critique”, pag. 401).” Ele [Fee] segue em frente, para explicar que Elliott e W-H estão em extremos opostos do espectro de evidências internas/externas, porque “é bem conhecido que W-H dão um peso extraordinário à evidência externa, exatamente como o fazem Pickering e Hodges” (*Ibid.*). No entanto, em outra ocasião, o próprio Fee escreveu: “tem que ser lembrado que Hort não usou genealogia para descobrir o texto original do NT. Quer justificadamente ou não, Hort usou genealogia somente para descartar o texto Sírio (Bizantino). Uma vez que ele tem eliminado os Bizantinos de serem seriamente considerados, sua preferência pelos MSS neutros (egípcios) foi fundada estritamente sobre probabilidades intrínseca e transcricional” [ênfase de Fee] (“Rigorous”, pag. 177). E novamente: “De fato, as próprias considerações internas que Kilpatrick e Elliott defendem como a base para a recuperação do texto original, Hort as usou primeiro [ênfase de Fee] para a avaliação das testemunhas existentes.” (*Ibid.*, pag. 179).

Parece-me que estas últimas declarações de Fee são claramente corretas. Uma vez que a preferência de Hort por B e pelo tipo-texto “Neutro” foi baseada “estritamente” sobre considerações internas, seu uso subsequente daquele tipo-texto não pode ser racionalmente chamado de um apelo a evidências externas. Em resumo, não vejo nenhuma diferença essencial entre ecletismo “rigoroso” e ecletismo “racionalizado”, porque a preferência dada a certos MSS e tipos pelos ecletistas “racionalizados” é ela própria derivada de evidência interna, as mesmas considerações empregadas pelos ecletistas “rigorosos”. Eu nego a validade do “método eclético”, sob qualquer disfarce, como um meio de determinar a identidade do texto [original] do NT. (No entanto, eu decididamente concordo com Z.C. Hodges que qualquer e todas as leituras do Texto Tradicional podem ser defendidas em termos de considerações internas, se alguém desejar fazê-lo).

nos primeiros séculos; e, conseqüentemente, que é largamente por falta [de existência/ aceitação de alternativas] que o tipo de texto de Westcott-Hort tem mantido sua posição dominante. Gunther Zuntz reforça este ponto de um modo ligeiramente diferente quando diz que ‘a concordância entre nossas edições modernas não significa que temos recuperado o texto original. Ela se deve ao simples fato que seus redatores ... seguem um segmento estreito da evidência, a saber, os Antigos Unciais não-Occidentais.’⁴³

Clark concorda com Zuntz: “Todos [os textos críticos modernos] estão fundamentados sobre a mesma recensão⁴⁴ egípcia e, em geral, refletem as mesmas hipóteses de transmissão.”⁴⁵ Clark também dá um enfoque mais penetrante a um aspecto da resposta de Epp:

... o texto de Westcott-Hort tem se tornado, hoje, nosso **textus receptus**. Libertamo-nos de um somente para nos tornarmos escravizados pelo outro. ... Os grilhões psicológicos de nossos pais, tão recentemente rompidos, têm sido novamente forjados sobre nós, ainda mais fortemente. ...

Até mesmo o especialista textual acha difícil quebrar o hábito de avaliar cada teste-munha pela norma deste atual **textus receptus**. Sua mente pode ter rejeitado o termo “Neuro”, de Westcott-Hort, mas seu procedimento técnico ainda reflete a aceitação generalizada do texto. Um problema básico de hoje é o fator técnico e psicológico [resultante do fato] de que o texto de Westcott-Hort tem se tornado nosso **textus receptus**.

Psicologicamente é agora difícil abordar o problema textual com uma mente independente e livre. Não importa quão grande tenha sido o progresso alcançado com o texto de Westcott-Hort: progresso subsequente, que tanto desejamos, somente poderá ser obtido quando nossas cadeias psicológicas forem quebradas. Aqui repousa o principal problema de hoje com o texto crítico do Novo Testamento.⁴⁶

A despeito da incerteza e insatisfação reinantes, quando desponta oposição a maioria dos críticos textuais recua e se refugia na posição W-H—quando em dúvida, a coisa segura a fazer é permanecer na linha do partido.⁴⁷

Elliott, mencionado anteriormente, deliberadamente tentou por de lado a linha do partido, e o resultado é interessante—sua reconstrução do texto das epístolas pastorais difere do *Textus Receptus* 160 vezes, difere de W-H 80 vezes, e contém 65 leituras que não têm aparecido em nenhuma outra edição impressa. Uma revisão do seu racio-

⁴³Epp. Pag. 390-91. Compare G. Zuntz, pag. 8. Epp reforça uma declaração anterior de Aland: “É claro que a situação com a qual o método dos nossos presentes dias, para estabelecer o texto do Novo Testamento, nos confronta, é decididamente insatisfatória. Não é de forma alguma o caso, como alguns parecem pensar, que tudo já tem sido feito neste campo e nós podemos, para propósitos práticos, descansar satisfeitos com o texto em uso. Ao contrário, a tarefa decisiva ainda está à frente.” “The Present Position of New Testament Textual Criticism.” *Studia Evangelica*, ed. F.L. Cross e outros (Berlin: Akademie—Verlag, 1959), pag. 731.

⁴⁴N.Trads.: Em crítica textual, **recensão** (do latim *recension*, enumeração; de *recensere*, revisar; e do inglês, *recension*) é o resultado de um trabalho de revisão, feito deliberadamente por estimados redatores e não por meros escribas.

⁴⁵Clark, “Today’s Problems,” pag. 159.

⁴⁶*Ibid.*, pag. 158-60. Compare M.M. Parvis, “Text, NT.,” *The Interpreter’s Dictionary of the Bible* (4 Vols.; New York: Abingdon Press, 1962), IV, pag. 602, e D.W. Riddle, “Fifty Years of New Testament Scholarship,” *The Journal of Bible and Religion*, X (1942), pag. 139.

⁴⁷Compare Clark, “Today’s Problems,” pag. 166; e especialmente Colwell, “Scribal Habits” pag. 170-71.

cínio sugere que ele não escapou totalmente da pressão psicológica de W-H, mas mesmo assim o resultado difere significativamente de qualquer outra coisa que já se fez.⁴⁸

O esforço de Elliott enfatiza, em contraste, a extensão em que a UBS, a NEB, etc. ainda se moldam rigorosamente à linha de W-H. Para realmente entender o que está se passando hoje, temos de ter uma clara percepção da teoria de W-H e de suas implicações. A importância daquela teoria é universalmente reconhecida.⁴⁹ A declaração de J.H. Greenlee é representativa: “A teoria textual de W-H é o alicerce para, virtualmente, todo o trabalho subsequente de crítica textual do NT.”⁵⁰

Por isso me volto agora para uma discussão daquela teoria.

⁴⁸Os resultados de Elliott são interessantes de uma maneira adicional. Ele faz sua reconstrução “sem amarras” de considerações sobre a sustentação por manuscritos, e então investiga o desempenho dos principais manuscritos. Sumariando sua enunciação dos resultados, e considerando apenas aqueles locais onde houve variação, Códice Aleph esteve certo 38% das vezes, Códice A esteve certo 38% das vezes, Códice C certo 41%, Códice D certo 35%, F e G certos 31% [cada um deles], e a massa dos minúsculos (Bizantinos) esteve certo 35% das vezes (pag. 241-43). Ele afirma que fazendo uma reconstrução [do texto] à sua maneira habilita uma pessoa a investigar o comportamento dos MSS individuais e então mostrar suas “flutuações contra a lógica”. Tal investigação é baseada sobre sua própria avaliação subjetiva das leituras, mas as flutuações contra a lógica podem ser vistas empiricamente ao se comparar as colações de uma variedade de MSS.

Nota dos Tradutores: **Colacionar** (do latim *collationare*, combinar, e do inglês *collate*) = tomar 2 cópias em grego, de um mesmo trecho, e compará-las, confrontá-las, conferi-las, cotejá-las, para verificar a correspondência entre os respectivos textos, que se expressa num estema (árvore genealógica), e assim analisar a maior ou menor autoridade dos documentos, para, finalmente, escolher a leitura exata. **Colaço** (do latim *collatione*, comparação, e do inglês *collation*) = ato ou efeito de colacionar 2 ou mais documentos. Ver ambos verbetes no Dicionário Língua Portuguesa, de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira.

⁴⁹Ver, por exemplo, K. Aland, “The Significance of the Papyri,” pag. 325; Colwell, “Scribal Habits,” pag. 370; Metzger, *The Text*, pag. 137; V. Taylor, *The Text of the New Testament* (New York: St. Martin’s Press Inc., 1961), pag. 49; K. Lake, pag. 67; F.G. Kenyon, *Handbook to the Textual Criticism of the New Testament* (2nd ed.; Grand Rapids: Wm B. Eerdmans Publishing Co., 1951), pag. 294; Epp, “Interlude,” pag. 386, e Riddle, Parvis and Clark, acima referidos (Nota de Rodapé 30).

⁵⁰J.H. Greenlee, *Introduction to New Testament Textual Criticism* (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1964), pag. 78.

A TEORIA CRÍTICA DE WESTCOTT-HORT

Embora Brooke Foss Westcott se identificasse com o projeto e os resultados, é geralmente entendido que foi principalmente Fenton John Anthony Hort⁵¹ quem desenvolveu a teoria e compôs a *Introdução* da obra deles (em dois volumes).⁵² Na discussão que segue considero a teoria de W-H como sendo criação de Hort.

Com a idade de 23 anos, ao final de 1851, Hort escreveu a um amigo: “Eu não tinha nenhuma idéia, até as últimas poucas semanas, da importância de textos, tendo lido tão pouco o Testamento Grego, e vinha me arrastando com o iníquo *Textus Receptus*. . . . Pense naquele vil *Textus Receptus*, se apoiando inteiramente em MSS recentes; é uma bênção que haja MSS tão antigos.”⁵³

Pouco mais que um ano depois, “o plano de uma revisão conjunta [com Westcott] do texto do Testamento Grego foi acordado definitivamente pela primeira vez.”⁵⁴ E dentro daquele ano (1853) Hort escreveu a um amigo dizendo que esperava ter o novo texto impresso “em pouco mais que um ano”.⁵⁵ Que isto, na realidade, lhe tomou vinte e oito anos não esconde [nem atenua] a circunstância que, embora desinformado, como ele mesmo admitiu, Hort concebeu uma animosidade pessoal para com o *Textus Receptus*,⁵⁶ e somente porque ele estava inteiramente baseado, assim Hort pensava, em manuscritos recentes. Torna-se visível que Hort não chegou a sua teoria através de intercurso imparcial e não preconceituoso com os fatos. Ao contrário, ele deliberadamente se lançou à construção de uma teoria que iria justificar sua animosidade preconcebida para com o Texto Recebido.

Colwell fez a mesma observação: “Hort organizou seu argumento inteiro para depor o *Textus Receptus*.”⁵⁷ E novamente: “Westcott e Hort escreveram com duas coisas

⁵¹F.J.A. Hort e B.F. Westcott eram clérigos Anglicanos altamente respeitados e influentes, do século passado—especialmente durante os anos 1870s e 1880s. Westcott foi bispo de Durham e Hort foi um professor titular-catedrático na Universidade de Cambridge. O texto grego do N.T. por eles preparado foi adotado (essencialmente) pela comissão que produziu a “English Revised Version” de 1881. Westcott escreveu vários comentários sobre livros do N.T. que ainda são considerados obras padrão. O prestígio e influência dele foram importantes para o sucesso do projeto.

⁵²B.F. Westcott e F.J.A. Hort, *The New Testament in the Original Greek* (2 Vols.; London: Macmillan and Co. Ltd., 1881).

⁵³A.F. Hort, *Life and Letters of Fenton John Anthony Hort* (2 Vols.; London: Macmillan and Co. Ltd., 1896), I, 211.

⁵⁴*Ibid.*, pag. 240.

⁵⁵*Ibid.*, pag. 264.

⁵⁶A expressão “*Textus Receptus*” se refere, propriamente, a uma das edições impressas do texto grego do N.T. associadas em caráter com o texto preparado por Erasmo, no século XVI. (De mais de 30 tais edições, poucas são idênticas). Este TR não é idêntico ao texto refletido na AV (embora seja bastante próximo), nem ainda ao assim chamado texto “Sírio” ou “Bizantino” (estes termos serão introduzidos abaixo, neste capítulo). A edição crítica do texto “Bizantino”, preparada por Zane C. Hodges, ex-professor titular-catedrático de Literatura e Exegese do Novo Testamento no Seminário Teológico de Dallas, por Arthur L. Farstad, e por outros, e publicado por Thomas Nelson em 1982, difere do *Textus Receptus* em mais ou menos 1500 locais [a maioria faz pouca diferença no sentido].

⁵⁷Colwell, “*Hort Redivivus*,” pag. 158.

constantemente em mente: O *Textus Receptus* e o *Códice Vaticanus*. Mas não os retinham em mente com aquela objetividade passiva que os sonhadores românticos atribuem à mente científica.”⁵⁸

À medida que os anos foram se passando, Hort deve ter visto que, para alcançar seus fins, ele precisava de uma convincente história do texto—ele tinha que explicar porque apenas um tipo de texto (essencialmente) podia ser encontrado na massa dos manuscritos mais recentes, e mostrar como esta explicação justificava a rejeição deste tipo de texto.

A Abordagem Básica

Hort começou por tomar a posição de que o Novo Testamento é para ser tratado como qualquer outro livro.⁵⁹ “Os princípios de crítica explanados na seção anterior valem para todos os textos antigos, preservados em uma pluralidade de documentos. Ao lidar com o texto do Novo Testamento, nenhum novo princípio é necessário ou legítimo.”⁶⁰

Esta postura exigiu a pressuposto declarado de que nenhuma malícia tocou o texto: “Não será inapropriado adicionar aqui uma distinta expressão de que cremos que, mesmo entre as numerosas leituras inquestionavelmente espúrias do Novo Testamento, não há nenhum sinal de falsificação deliberada do texto em favor de propósitos dogmáticos.”⁶¹

Uma tal posição permitiu a Hort trazer para dentro da crítica textual do Novo Testamento o método de árvore de família, ou genealogia, como desenvolvido pelos estudiosos dos clássicos.

Genealogia

Aqui está a definição clássica de Hort, para o método genealógico:

O acurado método de Genealogia consiste ... na recuperação mais ou menos completa dos textos de ancestrais sucessivos, pela análise e comparação dos textos variantes dos seus descendentes respectivos, cada texto ancestral assim recuperado sendo por sua vez usado, em conjunção com outros textos similares, para a recuperação do texto de um ancestral comum e ainda mais antigo.⁶²

Colwell diz do uso que Hort fez deste método:

Como justificativa de terem rejeitado a maioria [dos MSS], Westcott e Hort acharam que o potencial do método genealógico era inestimável. Suponha que há apenas dez cópias de um documento e que nove delas são todas elas copiadas da outra; então a maioria pode ser rejeitada com segurança. Ou suponha que as nove são copiadas de um manuscrito perdido e que este manuscrito perdido e o outro [o décimo] foram ambos copiados do original; então o voto da maioria não

⁵⁸Colwell, “Genealogical Method: Its Achievements and its Limitations,” *Journal of Biblical Literature*, LXVI (1947), pag. 111.

⁵⁹De fato, Hort não mantinha uma visão elevada da inspiração. Compare A.F. Hort, I, 419-21, e Westcott e Hort, II, *Introduction*, 280-81.

⁶⁰Westcott e Hort, pag. 73.

⁶¹*Ibid.*, pag. 282.

⁶²*Ibid.*, pag. 57.

deveria sobrepujar aquele da minoria. Estes são os argumentos com os quais W. e H. abriram sua discussão do método genealógico. ... Eles mostraram claramente que uma maioria de manuscritos não é **necessariamente** para ser preferido como correto. É esta possibilidade *a priori* que Westcott e Hort usaram para demolir o argumento baseado na superioridade numérica [defendido] pelos aderentes do *Textus Receptus*.⁶³

É claro que a idéia de genealogia é crucial para a teoria e propósito de Hort. Ele achou que o método genealógico lhe habilitava a reduzir a massa de testemunho de manuscritos a quatro vozes—“Neutra”, “Alexandrina”, “Ocidental”, e “Síria”.

Tipos-de-texto e Recensões

Para sumariar o que tem sido dito dos resultados da evidência genealógica propriamente dita, como afetando o texto do Novo Testamento, consideramos as seguintes proposições como absolutamente certas: (I) Os grandes textos antigos realmente existiram como os descrevemos nas Seções II e III ... (III) Os documentos existentes [conhecidamente] não contém nenhuma leitura (a não ser que as não-interpolações peculiares do texto “Ocidental”, notadas acima, sejam contadas como exceções), que sugira a existência de importantes eventos textuais a nós desconhecidos, um conhecimento dos quais poderia alterar materialmente a interpretação das evidências tal qual determinada pela história acima.⁶⁴

Os “grandes textos antigos” são os quatro supra mencionados. Embora os “Neutro” e “Alexandrino” de Hort sejam agora geralmente classificados como um só tipo, chamado “Alexandrino”, e o “Sírio” de Hort seja agora usualmente chamado “Bizantino”, e a literatura se refira a um tipo-de-texto adicional, “Cesariano”, a noção de pelo menos três tipos-de-texto ou recensões domina a disciplina até os dias de hoje. Nisto está um outro elemento fundamental da teoria de Hort.

Tendo, ostensivamente, justificado a manipulação da massa de manuscritos posteriores como uma [única] testemunha ou texto, Hort agora prosseguiu para demonstrar que este suposto texto seria uma testemunha inferior e até mesmo insignificante. A primeira prova oferecida foi “conflação”.

Conflação

Uma vez que os manuscritos são classificados como pertencendo a um dos “tipos de texto”, a partir das variantes características compartilhadas em comum, quase qualquer manuscrito antigo que se ocorra apanhar exibe variantes consideradas como sendo características de tipos-de-texto diferentes. Tal situação tem sido chamada de “mistura”. “Conflação” é um tipo especial de mistura. Nas palavras de Hort:

A mais clara evidência para rastrear os fatores antecedentes de mistura em textos é provido por leituras que são elas próprias misturadas ou, como elas são algumas vezes chamadas, ‘confladas’, isto é, não simples substituições da leitura

⁶³Colwell, “*Genealogical Method*,” pag. 111.

⁶⁴Westcott e Hort, pag. 178-179. Observar que Hort fez uso de somente uma pequena fração dos manuscritos existentes na sua época. Compare K. Aland “*The Significance of the Papyri*,” pag. 327-28. Uma checagem de “*Notes on Select Readings*”, de W-H, no volume 2 da obra deles, *The New Testament in the Original Greek*, sugere que Aland é, provavelmente, generoso.

de um documento pela de um outro, mas combinações das leituras de ambos documentos, formando uma totalidade complexa, algumas vezes por mera adição com ou sem uma conjunção, outras vezes com maior ou menor [proporção de] fusão.⁶⁵

Hort advogou enfaticamente a conclusão que um texto contendo leituras confladas tem que ser posterior em data aos textos contendo os vários componentes dos quais as confluções foram construí-das.⁶⁶ Então ele apresentou oito exemplos⁶⁷ onde, por sua interpretação, o texto “Sírio” (Bizantino) teria combinado elementos “Neutros” e “Ocidentais”. Ele continuou para dizer:

Ao melhor da nossa crença, as relações assim provisoriamente traçadas não são jamais invertidas. Não conhecemos nenhum local onde o grupo α de documentos dê apoio a leituras aparentemente confladas das leituras dos grupos β e δ , respectivamente, ou onde o grupo β de documentos dê apoio a leituras aparentemente confladas das leituras dos grupos α e δ , respectivamente.⁶⁸

Era essencial para o propósito de Hort, de demonstrar que o texto “Sírio” seria posterior, que ele não encontrasse nenhuma inversão do relacionamento entre os três “textos”. (Uma “inversão” seria o texto “Neutro” ou o texto “Ocidental” conterem uma conflução do outro, juntamente com o “Sírio”.) Então ele alegou que inversões não existem.

A declaração e interpretação de Hort têm sido geralmente aceitas.⁶⁹ Vincent Taylor chama o argumento de “muito persuasivo, na verdade”.⁷⁰ Kirsopp Lake chama-o de “a pedra angular da teoria deles”.⁷¹ Eis aqui outro elemento que é crucial à teoria e propósito de Hort. Para uma segunda prova independente da outra, da posterioridade do texto “Sírio”, ele voltou-se para os pais de antes do Concílio de Nicena.

Leituras “Sírias” de Antes de Crisóstomo

Após uma longa discussão Hort concluiu:

Antes da metade do terceiro século, ao mais cedo possível, não temos nenhum sinal histórico da existência de leituras, confladas ou não, que sejam marcadas como distintivamente Sírias, pela falta de atestação por grupos de documentos que tenham preservado as outras formas antigas de texto. Este é um fato de grande significado, uma vez que está provado exclusiva-mente por evidência externa, e portanto supre uma verificação absolutamente independente e uma ex-

⁶⁵Westcott e Hort, pag. 49.

⁶⁶*Ibid.*, pag. 106. Isto parece bastante óbvio, uma vez que os materiais usados para manufaturar alguma coisa têm necessariamente que existir antes do produto resultante. Um possível exemplo claro ocorre em Lucas 24:53. O texto “Ocidental” traz “louvando a Deus”, o “Neutro” traz “bendizando a Deus” e o “Sírio” traz “louvando e bendizando a Deus.” De acordo com a hipótese de Hort, a redação mais longa foi construída a partir das duas mais curtas. Observar que o uso da palavra “conflução” traz embutida a rejeição da possibilidade que a redação mais longa seja a original e que as mais curtas sejam simplificações independentes da mesma.

⁶⁷Marcos 6:33, 8:26, 9:38, 9:49, Lucas 9:10, 11:54, 12:18, 24:53.

⁶⁸Westcott e Hort, pag. 106. Por “grupo α ” Hort quer dizer seu texto “Neutro”, por “grupo β ” seu texto “Ocidental”, e por “grupo δ ” seu texto “Sírio”.

⁶⁹Cf. Kenyon, pag. 302; E.F. Harrison, *Introduction to the New Testament* (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1964), pag. 73; e Metzger, *The Text*, pag. 135-36.

⁷⁰Taylor, pag. 53.

⁷¹Lake, pag. 68.

tensão do resultado já obtido pela comparação do caráter interno das leituras, tais como classificadas por confluência.⁷²

Em outro local, ele considerou que Crisóstomo (que morreu em 407) foi o primeiro Pai a usar o texto “Sírio” caracteristicamente.⁷³

A importância deste argumento para a teoria de Hort foi reconhecida por Kenyon:

A alegação de Hort, que foi a pedra de esquina da sua teoria, foi que leituras características do Texto Recebido nunca são encontradas nas citações dos escritores cristãos anteriores a cerca de 350 DC. Antes daquela data encontramos leituras caracteristicamente “Neutras” e “Ocidentais”, mas nunca “Sírias”. Este argumento é, de fato, decisivo; . . .⁷⁴

Lake, também, o considerou decisivo.⁷⁵

O propósito de Hort pareceria ter sido alcançado, mas por medida de segurança ele propôs um terceiro argumento contra o texto “Sírio”, este baseado em evidência interna.

Evidência Interna das Leituras

Tal “evidência” é baseada em dois tipos de probabilidade, intrínseca e transcricional. Probabilidade intrínseca é orientada em direção ao autor—qual leitura faz o melhor sentido, melhor se ajusta ao contexto, e se conforma ao estilo e propósito do autor? Probabilidade transcricional é orientada em direção ao escriba ou copista—qual leitura pode ser atribuída a descuido ou interferência por parte do copista? Salvo enganos não intencionais, mudanças presumidamente deliberadas deram origem a dois cânones importantes da crítica textual—1) *brevior lectio potior*, a leitura mais curta seja a preferida (supondo-se a propensão dos escribas de adicionarem material ao texto), e 2) *proclivi lectioni praestat ardua*, a leitura mais difícil seja a preferida (supondo-se a propensão dos escribas de tentarem simplificar o texto quando confrontados com uma suposta dificuldade).

Com base em tais considerações, Hort declarou o texto “Sírio” ser caracterizado por “lucidez e completude”, “simplicidade aparente”, “assimilações harmonizadas”, e como sendo “notavelmente um texto cheio”.⁷⁶ Disse ele, ademais:

Em si próprias, as leituras Sírias quase nunca ofendem à primeira vista. Com raras exceções, elas fluem agradável e facilmente quanto à forma e imediatamente oferecem, mesmo a um leitor descuidado, um sentido razoável, livre de surpresas e aparentemente transparente. Mas quando leituras distintamente Sírias são minuciosamente comparadas uma após outra com suas variantes rivais, a pre-

⁷²Westcott e Hort, pag. 115.

⁷³*Ibid.*, pag. 91.

⁷⁴F.G. Kenyon, *Recent Developments in the Textual Criticism of the Greek Bible* (London: Oxford University Press, 1933), pag. 7-8.

⁷⁵Lake, pag. 72.

⁷⁶Westcott e Hort, pag. 134-35.

tensão delas a serem consideradas como as leituras originais gradualmente diminuí até, finalmente, desaparecer.⁷⁷

A caracterização que Hort fez do texto “Sírio” tem sido geralmente aceita pelos estudiosos subsequentes.⁷⁸

Mesmo após ter demonstrado, assim ele pensou, que o texto “Sírio” fosse eclético e posterior, Hort tinha um obstáculo sério a saltar. Ele tinha que explicar como este “texto” surgiu e, acima de tudo, como ele chegou a dominar a cena do quinto século em diante. Uma revisão do texto organizada, executada e imposta sobre as igrejas por autoridade eclesiástica [maior], foi a solução dele para o problema.

A “Recensão Luciânica” e a Peshitta

“O texto Sírio”, disse Hort, “tem, de fato, que ser o resultado de uma ‘recensão’ no sentido próprio da palavra, um tentativa de criticismo, deliberadamente realizado por redatores e não meramente por escribas.”⁷⁹

Uma Revisão autoritativa em Antioquia ... foi ela própria submetida a uma segunda Revisão autoritativa que alcançou mais completamente os propósitos da primeira. Em que data entre 250 e 350 DC o primeiro processo ocorreu, é impossível se dizer com confiança. O processo final foi aparentemente completado em 350 DC ou ao redor disto.⁸⁰

Hort tentativamente sugeriu Luciano (que morreu em 311) como, talvez, o líder no movimento, e alguns estudiosos subsequentes se tornaram dogmáticos nesta tese.

O assunto da versão síria Peshitta é freqüentemente tratado em conexão com o da “recensão luciânica” (do grego) por causa de uma suposta conexão entre eles. Porque a Peshitta dá testemunho do texto “Bizantino”, Hort tinha que removê-la do segundo e terceiro séculos. Consequentemente, ele postulou que houve uma recensão posterior, para explicá-la. F.C. Burkitt foi além de Hort e especificou Rábula, bispo de Edessa de 411 a 435 DC, como o autor da revisão.⁸¹

Ambas idéias têm tido uma ampla aceitação. A declaração de H.C. Thiessen é típica, tanto em conteúdo como em dogmatismo:

Esta [Peshitta] foi previamente considerada como a mais antiga das versões sírias; mas Burkitt tem mostrado que ela é na realidade uma revisão da Antiga Síriaca, feita por Rábula, bispo de Edessa, ao redor do ano 425. Esta visão é agora mantida por praticamente todos estudiosos das versões Sírias.... O texto [base] da Peshitta é agora identificado como o texto Bizantino, que remonta, com

⁷⁷ *Ibid.*, pag. 115-16.

⁷⁸ Ver, por exemplo, Kenyon, *Recent Developments*, pag. 66, Metzger, *The Text*, pag. 131, e Greenlee, pag. 91.

⁷⁹ Westcott e Hort, pag. 133.

⁸⁰ *Ibid.*, pag. 137.

⁸¹ F.C. Burkitt, *Evangelion da-Mepharreshe* (2 vols.; Cambridge: Cambridge University Press, 1904), II, 161.

certeza quase que total, à revisão feita por Luciano de Antioquia ao redor de 300 DC.⁸²

Sumário e Conseqüências

E aí você tem a essência da teoria crítica de W-H. Eu mesmo tenho lido cada palavra da “*Introdução*” de Hort, todas as difíceis 324 páginas dela, e creio que a descrição acima oferecida é [bastante] razoável. Basta que se diga que Hort alcançou seu propósito, mesmo que isto lhe tenha tomado vinte e oito anos. Embora homens tais como Tischendorf, Tregelles, e Alford tivessem feito muito para solapar a posição do TR (*Textus Receptus*), Westcott e Hort geralmente recebem o crédito de terem desferido o golpe de morte, fazendo começar uma nova era. Muitos estudiosos têm formulado esta conclusão,⁸³ mas Colwell a expressa tão bem quanto qualquer deles:

A mão morta de Fenton John Anthony Hort repousa pesadamente sobre nós. Nos primeiros anos deste século [XX], Kirsopp Lake descreveu o trabalho de Hort como um fracasso, embora um glorioso [fracasso]. Mas Hort **não** falhou em alcançar seu objetivo principal. Ele destronou o *Textus Receptus*. Depois de Hort, esta Vulgata Grega do final da Idade Média não [mais] foi usada por estudiosos sérios, e o texto sustentado pelas testemunhas mais antigas se tornou o texto padrão. Este foi um feito sensacional, um sucesso impressionante. O sucesso de Hort nesta tarefa, e a aguda força lógica da sua teoria firmemente argumentada, modelou—e ainda modela—o pensamento daqueles que abordam a crítica textual do NT através da linguagem inglesa.⁸⁴

E isto explica a natureza e extensão da divergência comunal das versões modernas contra a AV (King James Version)—as versões modernas são quase todas elas baseadas essencialmente na teoria e no texto de W-H, enquanto que a AV é essencialmente baseada no *Texto Receptus*.

Mas a questão permanece: O potencial aparente de melhoria do texto (decorrente do aumento [na disponibilidade] de materiais e de “sabedoria”) tem sido alcançado? Os tradutores da RSV, por exemplo, fizeram melhor uso dos manuscritos e empregaram superiores princípios de crítica textual do que fizeram os tradutores da AV? Bem, os princípios que eles usaram os levaram a adotar o texto de W-H com muito pouca variação, e aquele texto é baseado essencialmente em apenas dois manuscritos, Códices B e \aleph .⁸⁵

Hort declarou: “É nossa crença: 1) que as leituras de \aleph B devem ser aceitas como a verdadeira leitura até que forte evidência interna seja encontrada ao contrário; e 2) que nenhuma leitura de \aleph B pode ser rejeitada de forma absoluta, seguramente.”⁸⁶

⁸²H.C. Thiessen, *Introduction to the New Testament* (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1955), pag. 54-55.

⁸³Ver nota de rodapé 34, Capítulo 2 [sobre Aland, Colwell, Metzger, Taylor, Lake, Kenyon, Epp, Riddle, Parvis, e Clark].

⁸⁴Colwell, “Scribal Habits,” pag. 370.

⁸⁵Cf. Colwell, “External Evidence and New Testament Criticism,” *Studies in the History and Text of the New Testament*, eds. B.L. Daniels and M.J. Suggs (Salt Lake City: University of Utah Press, 1967), pag. 3; Colwell, “Hort Redivivus,” pag. 162; Clark, “Today’s Problems,” pag. 159-60, Epp, pag. 390.

⁸⁶Westcott e Hort, pag. 225. Compare pag. 212-13.

Novamente, Hort diz de B e de Aleph: “A mais completa comparação não faz senão aumentar a convicção que a preeminente pureza relativa deles é, da mesma forma, aproximadamente absoluta, uma reprodução verdadeiramente aproximada do texto dos autógrafos.”⁸⁷ Levanta-se a pergunta se a teoria e o texto de W-H teriam jamais visto a luz do dia se o Códice B não mais existisse. Hort se trai enquanto discute genealogia:

No Apocalipse a dificuldade de reconhecer os textos antigos é ainda maior, devido à grande escassez relativa de documentos, e especialmente a ausência ou perda deste livro do MS Vaticanus (B), que é disponível para praticamente todo o resto do Novo Testamento; e assim o poder de usar um método diretamente genealógico fica muito limitado.⁸⁸

O efeito prático da teoria de W-H foi uma completa rejeição do texto “Sírio” e uma quase que exclusiva preferência pelo texto “Neutro” (igual a B e Aleph). A erudição acadêmica subsequente tem geralmente rejeitado a noção de um texto “Neutro”, mas tem mantido a rejeição do texto “Sírio”.

Curiosamente, parece haver uma determinação para não reconsiderar o *status* do texto “Sírio”, apesar de cada um dos argumentos que Hort usou para relegá-lo ao esquecimento ter sido desafiado. Assim, J.N. Birdsall, depois de referir-se ao trabalho de Lake, Lagrange, Colwell e Streeter, como também ao seu próprio, declara: “É evidente que todas as pressuposições relativas ao texto (ou textos) Bizantino, exceto sua inferioridade em relação aos outros tipos, têm que ser duvidadas e de novo investigadas.”⁸⁹ (Mas, a suposta inferioridade não depende daquelas pressuposições?)

Recordando o que já foi dito acima, na discussão de ecletismo, parece evidente que Clark está bastante certo quando diz que “teoria textual parece ter chegado a um impasse em nossos dias.”⁹⁰

Uma vez que o propósito de Hort foi o de livrar-se do texto “Sírio” e que este é o único ponto da sua teoria que estudiosos geralmente não têm questionado, talvez seja hora de perguntar se isto não pode ter algo a ver com a presente confusão e impasse, e questionar se Hort estava realmente certo. Então vou fazer outra passagem pela teoria de Hort, ponto por ponto, para investigar até que ponto ela corresponde às evidências.

⁸⁷ *Ibid.*, pag. 276. E, “B excede em muito todos outros documentos, quanto a neutralidade de texto,” pag. 171.

⁸⁸ *Ibid.*, pag. 109-10.

⁸⁹ J.N. Birdsall, “The Text of the Gospels in Photius,” *Journal of Theological Studies*, VII (1956), pag. 43. Alguns estudiosos parecem mesmo refletir a emoção de Hort aos 23 anos de idade—recentemente, Epp falou de “o tirânico *textus receptus*” (pag. 386).

⁹⁰ Clark, “The Effect of Recent Textual Criticism,” pag. 50.

UMA AVALIAÇÃO DA TEORIA DE WESTCOTT-HORT

A Abordagem Básica

Deve o Novo Testamento ser tratado como um outro livro qualquer? Os mesmos procedimentos usados para com as obras de Homero ou Aristóteles serão suficientes? Se tanto Deus como também Satanás estão intensamente interessados no destino do texto do Novo Testamento, a resposta presumível é não. Mas como podemos pôr em prova o fato ou extensão da intervenção sobrenatural? Felizmente temos relatos de testemunhas oculares que nos dão pelo menos uma resposta parcial. Hort afirmou que “não há sinais de falsificação deliberada do texto por motivos doutrinários,” mas os antigos Pais da Igreja discordam disso. Metzger afirma:

Irineu, Clemente de Alexandria, Tertuliano, Eusébio, e muitos outros Pais da Igreja acusaram os hereges de terem adulterado as Escrituras com a finalidade de prover apoio para seus pontos de vista particulares. Na metade do segundo século, Márcion eliminou das suas cópias do Evangelho segundo Lucas todas as referências feitas à formação judaica de Jesus. A Harmonia dos Evangelhos de Taciano contém várias alterações textuais que deram apoio ao ponto de vista ascético ou da seita encratita.⁹¹

Gaio, um Pai ortodoxo que escreveu entre 175 e 200 DC, cita Asclepiades, Teódoto, Hermófilo e Apollonides como hereges que prepararam cópias adulteradas das Escrituras e que tinham discípulos que multiplicaram cópias dessas fabricações.⁹² Certamente Hort conhecia as palavras de Orígenes.

Hoje em dia, como é evidente, há uma grande diversidade entre os vários manuscritos; seja por negligência de certos copistas, seja pela audácia perversa exibida por alguns em corrigir o texto, ou seja por culpa daqueles que, fazendo o papel de corretores, o alongam ou o abreviam ao seu bel-prazer (*In Matth. tom. XV, 14; P. G. XIII, 1293*).⁹³

Até os ortodoxos foram capazes de mudar a leitura por razões doutrinárias. Epifânio declara (ii.3b) que os ortodoxos omitiram “ele chorou” em Lucas 19:41 pelo zelo que tinham da divindade do Senhor.⁹⁴

Os estudiosos subsequentes têm tendido a reconhecer o erro de Hort. Colwell fez uma meia-volta instrutiva.

⁹¹ Metzger, *The Text*, pag. 201. Sturz oferece exemplos específicos emitidos por Irineu, Clemente, Tertuliano e Eusébio (pags. 116-19); também tem uma boa discussão da significância deles. Como disse Sturz: “Embora enganos [involuntários] no copiar foram reconhecidos por eles [os Pais] como uma causa de variação, as declarações mais fortes e mais enfáticas, pelos Pais, são relativas às alterações introduzidas pelos hereges” (pag. 120). H.A. Sturz, *The Byzantine Text-Type and New Testament Textual Criticism* (Nashville: Thomas Nelson Publishers, 1984).

⁹² J.W. Burgon, *The Revision Revised* (London: John Murray, 1883), pag. 323.

⁹³ Colwell, “The Origin of Texttypes of New Testament Manuscripts,” *Early Christian Origins*, ed. Allen Wikgren (Chicago: Quadrangle Books, 1961), pag. 130.

⁹⁴ J.W. Burgon, *The Causes of the Corruption of the Traditional Text of the Holy Gospels*, arranjado, completado e editado por Edward Miller (London: George Bell and Sons, 1896), pags. 211-12. Cf. Martin Rist, “Pseudepigraphy and the Early Christians,” *Studies in New Testament and Early Christian Literature*, ed. D.E. Aune (Leiden: E.J. Brill, 1972), pags. 78-79.

A maioria das variantes textuais do Novo Testamento foi criada por motivos teológicos ou doutrinários.

A maioria dos manuais e livros-texto atualmente circulando (inclusive o meu!) dizem que estas variantes foram fruto de descaso que foi possível porque os livros do Novo Testamento ainda não haviam alcançado um status forte de "Bíblia". O caso é o inverso. Foi porque eram o tesouro religioso da igreja que eles foram alterados.⁹⁵

⁹⁵Colwell, *What is the Best New Testament?* (Chicago: The University of Chicago Press, 1952), pag. 53. Observe que Colwell contradiz Hort frontalmente. Hort disse que não haviam variantes motivadas teologicamente; Colwell disse que elas são a maioria. Mas, na próxima citação, Colwell usa o termo "deliberadamente", sem se referir a teologia (ambas as citações vêm do mesmo trabalho, a cinco páginas uma da outra). Que é que Colwell quer realmente dizer? Não mais podemos perguntar-lhe pessoalmente, mas a seguir arriscarei dar uma interpretação por minha conta.

Os MSS contém várias centenas de milhares de leituras variantes. A enorme maioria delas é de erros de ortografia ou outros erros óbvios devidos a falta de cuidado ou a ignorância por parte dos copistas. Como puro 'chute' eu diria que há entre dez e quinze mil variantes que não podem ser tão facilmente descartadas—i.e., um máximo de cinco por cento das variantes são "significantes". É a este cinco por cento que Colwell (e Kilpatrick, Scrivener, Zuntz, etc.) se refere quando fala da "criação" de leituras variantes. Um bom número destas provavelmente também resulta de acidente, mas Colwell afirma, e eu concordo, que a maior parte delas foi criada deliberadamente.

Mas por que alguém tomaria o peso de fazer alterações deliberadas no texto? Colwell responde, "porque eles eram o tesouro religioso da igreja." Algumas alterações seriam "bem intencionadas"—muitas harmonizações presumivelmente vieram a ocorrer por que um copista zeloso sentiu que uma suposta discrepância era um embaraço à sua elevada visão da Escritura. A mesma coisa provavelmente é verdadeira quanto a muitas mudanças filológicas. Por exemplo, o estilo simples Koinê dos escritos do Novo Testamento foi ridicularizado pelo pagão Celso, entre outros. Embora Orígenes defendesse a simplicidade do estilo do Novo Testamento, o espaço que deu à questão indica que ela era objeto de alguma preocupação (*Against Celsus*, Livro VI, capítulos 1 e 2), tanto assim que houve provavelmente aqueles que alteraram o texto para "melhorar" seu estilo. Novamente o motivo deles seria embaraço, derivando de uma elevada visão da Escritura. Seguramente Colwell está correto ao dizer que a motivação para tais variantes foi teológica embora nenhum propósito doutrinário óbvio esteja sendo servido.

A julgar pelas declarações enfáticas dos antigos Pais, haviam muitas outras alterações que não foram "bem intencionadas". Parece claro que numerosas variantes existiram no segundo século que não sobreviveram em nenhum manuscrito hoje existente. Metzger refere-se ao detalhado estudo de Gwilliam dos capítulos 1-14 de Mateus na Peshitta Siríaca, como reportado em "The Place of the Peshitta Version in the Apparatus Criticus of the Greek N.T.," *Studia Biblica et Ecclesiastica* V, 1903, 187-237. Do fato que em trinta e uma instâncias a Peshitta está sozinha (naqueles capítulos), Gwilliam concluiu que seu desconhecido autor "revisou um antigo trabalho a partir de MSS gregos que agora não têm representante sobrevivente (pag.237)." (*The Early Versions of the New Testament*, Oxford, 1977, pag. 61.) Em uma comunicação pessoal, Peter J. Johnston, um membro do painel editorial da IGNT trabalhando especificamente com as versões e os pais siríacos, diz da Versão Harkleana: "Leituras referenciadas confiantemente na margem harkleana como [estando] em 'bem-aprovados MSS em Alexandria', algumas vezes não chegaram até nós de modo algum, ou se chegaram, são encontradas apenas em MSS minúsculos medievais." Comentando sobre as discrepâncias entre as declarações de Jerônimo sobre a evidência dos MSS e aquela hoje existente, Metzger conclui por dizer, "a possibilidade inquietante permanece que a evidência que nos é hoje disponível pode, em certos casos, ser totalmente não representativa da distribuição de leituras na igreja primitiva" ("St. Jerome's explicit references to variant readings in manuscripts of the New Testament," *Text and Interpretation: Studies in the New Testament presented to Matthew Black*, editado por Best e McL. Wilson, Cambridge: University Press, 1979, pag. 188).

Alguns dos meus críticos parecem achar que a evidência que nos chegou às mãos dos primeiros séculos é representativa (cf. Fee, "A Critique," pag. 405). No entanto, há boa razão para crer que não o é, e neste caso os MSS sobreviventes podem preservar alguns sobreviventes aleatórios de conjuntos de alterações intencionadas para servir a um ou outro propósito doutrinário. A motivação para uma tal leitura isolada não nos seria aparente hoje, necessariamente.

Eu iria além de Colwell e diria que a disposição para alterar o texto, mesmo com "boas intenções", ela própria denuncia uma mentalidade que tem implicações teológicas.

Quanto aos tipos de erros, as cópias do Novo Testamento diferem extremamente das cópias [que temos] dos clássicos [literários]. A percentagem de variantes devido aos erros [involuntários] nas cópias dos clássicos é grande. [Mas] a maioria das variantes nos manuscritos do Novo Testamento, creio eu, foram feitas deliberadamente.⁹⁶

Matthew Black afirma categoricamente:

A diferença entre os escritos sagrados utilizados constantemente no uso eclesiástico e popular, e a obra de um autor clássico, nunca foi enfatizada suficientemente na crítica textual do Novo Testamento. Os princípios válidos para a restauração de um texto de Platão ou Aristóteles não podem ser aplicados a textos sagrados como os Evangelhos (ou às cartas Paulinas). Não podemos supor que seja possível chegar ao protótipo ou texto autógrafo do escritor bíblico por um [mero] peneirar de 'enganos dos copistas'.⁹⁷

H.H. Oliver faz um bom resumo da mudança de posição recente dos estudiosos que não mais apoiam Hort nesta questão.⁹⁸

O fato de alterações deliberadas, e aparentemente numerosas, nos primeiros anos da história textual, é um inconveniente considerável à teoria de Hort por dois motivos: introduz uma variável imprevisível com a qual os cânones da evidência interna não podem lidar, e põe a restauração do texto original além do alcance do método genealógico.⁹⁹

(Aqueles que estão decididos a levar o Texto Sagrado a sério fariam bem em ponderar as implicações de Ef. 2:2, "... o espírito [Satanás] que agora opera nos filhos da desobediência," não apenas durante os primeiros 200 anos da Igreja mas também durante os últimos 200.)

⁹⁶Colwell, *What is the Best New Testament?*, pag. 58.

⁹⁷M. Black, *An Aramaic Approach to the Gospels and Acts* (Oxford: Oxford University Press, 1946), pag. 214.

⁹⁸H.H. Oliver, "Present Trends in the Textual Criticism of the New Testament," *The Journal of Bible and Religion*, XXX (1962), 311-12. Cf. C.S.C. Williams, *Alterations to the Text of the Synoptic Gospels and Acts* (Oxford: Basil Blackwell, 1951), pags. 14-17.

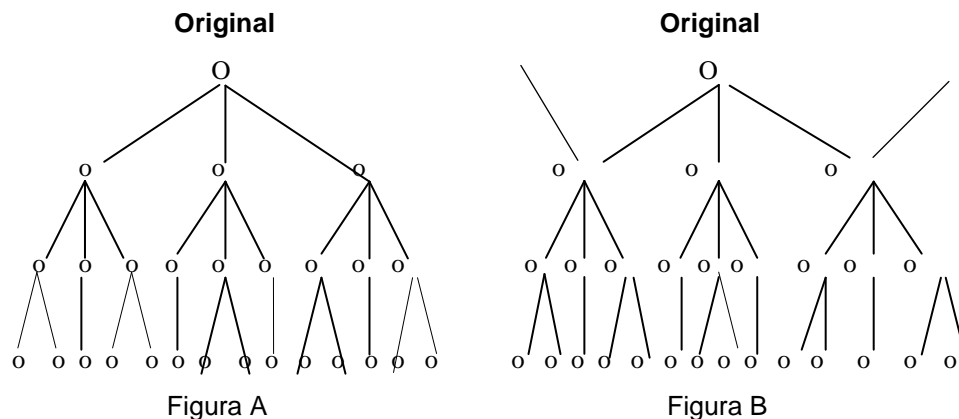
⁹⁹A "inconveniência" referida é virtualmente fatal à teoria de W-H, pelo menos como formulada em sua "Introduction." A teoria de W-H é muito semelhante a um prédio de muitos andares—cada um apoia-se sobre e depende daquele sob si. Assim, a noção simplista de Hort sobre "genealogia" é absolutamente dependente da alegação de que não houve alteração *deliberada* do texto, e sua noção de "tipos de texto" é absolutamente dependente da "genealogia", e seus argumentos com respeito à "conflação" e "leituras sírias" antes de Crisóstomo dependem absolutamente daqueles "tipos de texto". O alicerce de todo o edifício é a posição de Hort que o Novo Testamento foi um livro comum que gozou de uma transmissão comum. Com seu fundamento removido, o edifício rui.

Fee parece errar de alvo quando diz, "se o 'fundamento' for seguro, então a estrutura sobre ele erigida pode somente necessitar algum reforço, não demolição" ("A Critique," pag. 404). A remoção de qualquer dos andares intermediários também irá 'destruir o edifício,' isto é, invalidar as conclusões de Hort. Parece-me que pelo menos os três primeiros andares do edifício de Hort são irrecuperáveis.

Fee afirma que eu confundo mudanças "deliberadas" com "dogmáticas" [portanto doutrinárias] e, conseqüentemente, minha crítica do alicerce de Hort é reprovada. ("A Critique," pags. 404-8). Em suas próprias palavras, "A vasta maioria das adulterações textuais, embora deliberadas, **não são** maliciosas, e também não são motivadas teologicamente. E **uma vez que** elas não o são, a visão de Pickering de transmissão "normal" (a qual é a questão essencial em sua teoria) simplesmente se desintegra" (pag. 408).

Fee se prende ao meu uso do termo "malicioso", que usei apenas ao discutir a transmissão anormal. Em local algum eu disse que uma maioria de variantes é maliciosa. O claro testemunho dos antigos pais indica que algumas têm que sê-lo, e eu continuo a insistir que a teoria de Hort não pode manejar tais variantes. (Fee distorce seriamente minha posição ao ignorar minha discussão da transmissão anormal. Pareceria

Para ilustrar o segundo ponto, a visão de Hort quanto à história textual primitiva pode ser representada pela figura A, ao passo que a visão sugerida pelos Pais da Igreja pode ser representada pela figura B. As linhas pontilhadas na figura B representam as maquinações introduzidas por diferentes hereges (como os antigos Pais os chamavam).



Genealogia não pode arbitrar as reivindicações conflitantes apresentadas pela primeira fileira de descendentes na Figura B.¹⁰⁰ Ademais, nas palavras de Colwell, este método (genealogia)

se baseou em erros em comum como o indício para uma ancestralia comum. Estes erros foram alterações feitas sem intenção, que podem ser identificadas objetivamente como erros. Concordância em variantes deste tipo raramente ocorre por coincidência ou por acaso. As cópias do Novo Testamento diferem amplamente das cópias dos clássicos [de literatura antiga] neste ponto. O percentual

que a distorção foi deliberada, uma vez que ele cita minhas páginas 104-110 para a transmissão "normal", quando, ao contrário, as páginas 107-110 contêm meu tratamento da transmissão anormal.) Mas quais são as implicações da admissão de Fee que a vasta maioria das adulterações textuais é "deliberada"? Deixando de lado a questão da motivação teológica, podem os cânones da evidência interna realmente manejar variantes "deliberadas"?

No Apêndice E van Bruggen mostra que supostas harmonizações podem razoavelmente ter outras explicações. O próprio Fee reconhece esta possibilidade ("Modern Text Criticism and the Synoptic Problem," *J.J. Griesbach: Synoptic and Text-Critical Studies 1776-1976*, ed. B. Orchard e T.R.W. Longstaff, Cambridge: University Press, 1976, pag. 162). Na página seguinte, Fee reconhece um outro problema.

Deve ser honestamente admitido que nossas predileções para com uma dada solução do problema sinóptico algumas vezes afetarão decisões textuais. Integridade também deve nos fazer admitir, às vezes, uma certa medida de inevitável raciocínio circular. Um exemplo clássico deste ponto é a bem conhecida "pequena concordância" entre Mt. 26:67-8 e Lc. 22:64 (//Mc. 14:65) da 'adição' τις εστιν ο παισας σε. B.H. Streeter, G.D. Kilpatrick, e W.R. Farmer cada um resolve o problema textual de Marcos de uma maneira diferente. Em cada caso, uma dada solução do problema sinóptico tem afetado a decisão textual. A este ponto poder-se-ia oferecer copiosas ilustrações.

O debate de Fee ("Rigorous") com Kilpatrick ("Atticism") demonstra que possíveis mudanças filológicas são capazes de interpretações contraditórias por parte de estudiosos que usam, ambos, evidência interna. Em suma, reitero que os cânones da evidência interna **não podem** nos dar interpretações confiáveis com referência a variantes deliberadas. Aqueles que usam tais cânones estão alagados num mar de especulações.

¹⁰⁰ Ademais, se uma reconstrução genealógica termina com somente dois descendentes imediatos do original, como na reconstrução do próprio Hort, então o método genealógico deixa de ser aplicável, como o próprio Hort o reconheceu. Westcott e Hort, pag. 42.

de variantes devido a erros [não intencionais] nas cópias dos clássicos é grande. Nos manuscritos do Novo Testamento, por outro lado, os estudiosos agora acreditam que a maioria das variantes foram feitas deliberadamente.¹⁰¹

A reconstrução de árvores genealógicas é seriamente complicada pela presença de alterações deliberadas. E essas não são as únicas dificuldades que a genealogia tem de enfrentar.

Genealogia

Já vimos como Hort definiu a genealogia e o uso que alegou fazer dela. Entretanto, os estudiosos até agora só conseguiram isolar uns poucos pares de “pai e filho” dentre os mais de 5.000 manuscritos.¹⁰² Como então Hort conseguiu traçar a descendência genealógica dos manuscritos existentes? M.M. Parvis responde: “Westcott e Hort nunca aplicaram o método genealógico aos manuscritos do Novo Testamento, . . .”¹⁰³ Colwell concorda.

Que Westcott e Hort não aplicaram este método aos manuscritos do Novo Testamento é óbvio. Onde estão os diagramas que começam com a maioria dos manuscritos mais recentes e que ascendem às gerações de ancestrais de número cada vez menor até os textos Neutro e Ocidental? A resposta é que não estão em lugar nenhum. Olhe novamente para o primeiro diagrama, e verá que a, b, c, etc. não são manuscritos reais do Novo Testamento, mas são manuscritos hipotéticos. As demonstrações ou ilustrações do método genealógico, como aplicado aos manuscritos do Novo Testamento pelos seguidores de Hort (os “Horticulti”, como eram chamados por Lake) da mesma forma usam manuscritos hipotéticos, e não códices verdadeiros. Note, por exemplo, os diagramas e discussões na obra de crítica textual mais popular de Kenyon, incluindo a edição mais recente. Todos os manuscritos referidos são na realidade manuscritos imaginários, e o último destes diagramas foi impresso sessenta anos depois de Hort.¹⁰⁴

Como então podia Hort falar de apenas “ambigüidades ocasionais na evidência a favor das relações genealógicas,”¹⁰⁵ ou dizer—

Até onde as relações genealógicas forem descobertas com certeza absoluta, os resultados textuais que as seguem também são absolutamente certos, estando diretamente envolvidos nos fatos históricos; e quaisquer suposições aparentes sugeridas contra elas por outros métodos são meras conjecturas contra o que se conhece como fato¹⁰⁶ —

¹⁰¹Colwell, *What is the Best New Testament?*, pag. 49.

¹⁰²Códice Claromontanus aparentemente tem um “filho” três séculos mais novo que ele (também, minúsculo 205 pode ter sido copiado de 208). Códices F e G, contendo as epístolas de Paulo, parecem ser quase irmãos gêmeos, e grupos tais como família 1 e família 13 claramente são parentes próximas. Também no Apocalipse Hoskier tem identificado um número de grupos aparentados, os quais incluem alguns pares.

¹⁰³Parvis, pag. 611. Fee diz o equivalente: “Propriamente falando, genealogia tem que lidar com a descendência de manuscritos e tem que reconstruir estemas para aquela descendência. Hort nunca fez isto; ao contrário, aplicou o método a tipos de texto, e fez isto **não** para encontrar o texto original, mas para eliminar os manuscritos Bizantinos de [qualquer] consideração adicional [isto é, tirar do páreo].” (“Modern Text Criticism,” pags. 155-56.)

¹⁰⁴Colwell, “Genealogical Method,” pags. 111-12.

¹⁰⁵Westcott e Hort, pag. 63.

¹⁰⁶*Ibid.*

quando ele não havia demonstrado a existência de **sequer uma** tal relação, e muito menos com “certeza absoluta”?

Um outro desafio à genealogia é a “mistura”.

A segunda limitação sobre a aplicação do método genealógico aos manuscritos do Novo Testamento provém da presença quase universal de mistura nestes manuscritos. . . .

O diagrama genealógico anterior (pag. 110), tirado da obra de Westcott e Hort, mostra o que acontece *quando não há mistura*. Quando **há** mistura (e Westcott e Hort afirmam que isto é comum, realmente quase universal até certo ponto), então o método genealógico, *quando aplicado aos manuscritos*, é inútil.

Sem mistura, uma árvore genealógica é como uma árvore normal com seus galhos, só que colocada de cabeça para baixo: ela se apoia sobre os galhos [os MSS mais recentes] e tem no topo o tronco (o texto original). Partindo da massa de manuscritos mais recentes, quanto mais alto—ou quanto mais no passado—você vai, menos ancestrais encontra! *Com* mistura você reverte isto em qualquer série de gerações. O número de combinações possíveis desafia a computação e mais ainda a confecção de diagramas.¹⁰⁷

Outros estudiosos concordam que o método genealógico nunca foi aplicado ao Novo Testamento, e vão mais adiante afirmando que *não é possível* aplicá-lo. Assim, Zuntz diz que ele é “inaplicável”,¹⁰⁸ Vaganay que é “inútil”,¹⁰⁹ e Aland que “não pode ser aplicado ao Novo Testamento”.¹¹⁰ Colwell também declara enfaticamente “que *não pode* ser aplicado assim”.¹¹¹ À luz de tudo isto, o que podemos pensar de Hort quando assevera:

Estamos persuadidos de que não há qualquer justificativa (nem na probabilidade antecedente, nem na experiência) para ceticismo quanto à possibilidade de se obter uma interpretação genealógica confiável dos fenômenos documentários no Novo Testamento. . . . Qualquer que seja a ambigüidade do total das evidências em determinadas passagens, o rumo geral da crítica futura deve ser moldado pela feliz circunstância de que o quarto século nos proporcionou dois MSS, dos quais até mesmo o menos íntegro deles tem que ter sido de excepcional pureza dentre todos os seus próprios contemporâneos.^{112?}

Depois de demolir o método genealógico, Colwell conclui seu artigo dizendo que, “ainda assim o método genealógico de Westcott e Hort aniquilou o *Textus Receptus*. A demonstração *a priori* é logicamente irrefutável.”¹¹³ Entretanto, a demonstração *a priori* não pode resistir a uma demonstração *a posteriori* que lhe seja contrária. Colwell mesmo, uns doze anos antes de fazer esta afirmação, reconheceu que “a demonstração *a priori*” a qual ele se referia havia sido refutada.

¹⁰⁷Colwell, "Genealogical Method," pag. 114. O tipo de diagrama genealógico que sempre se vê é como uma árvore genealógica de uma família que mostre somente os pais (sexo masculino). Devido a mistura, os diagramas deveriam ser como uma árvore de família que mostra **ambos** os pais [sexo masculino e feminino] a cada nível—então quanto mais você retroceder mais desesperadamente complicado fica.

¹⁰⁸Zuntz, pag. 155.

¹⁰⁹L. Vaganay, *An Introduction to the Textual Criticism of the New Testament*, traduzido por B.V. Miller (London: Sands and Company, 1937), pag. 71.

¹¹⁰Aland, "The Significance of the Papyri," pag. 341.

¹¹¹Colwell, "External Evidence," pag. 4.

¹¹²Westcott e Hort, pag. 287.

¹¹³Colwell, "Genealogical Method," pag. 124.

O domínio universal e intolerante da idade média por apenas um tipo de texto é agora reconhecido como um mito. . . .

As complexidades e perplexidades do texto medieval foram impostas à nossa atenção pelo trabalho de dois grandes eruditos: Hermann von Soden e Kirsopp Lake. . . .

Esta obra pioneira e inestimável de von Soden enfraqueceu grandemente o dogma do domínio de um texto Sírio homogêneo. Mas a falácia recebeu seu golpe mortal pelas mãos do catedrático Lake. Numa digressão publicada junto com seu estudo sobre o texto Cesareano do Evangelho de Marcos, ele devastou a teoria de que a idade média foi regida por uma única recensão que atingiu um alto grau de uniformidade.¹¹⁴

Em verdade, Hort não produziu qualquer “demonstração”—apenas suposições. Uma vez que o método genealógico não foi aplicado aos MSS do Novo Testamento, não pode ser usado como parte integral de uma teoria da crítica neotestamentária. Se foi o método genealógico de Hort que “aniquilou o Textus Receptus”, então este ainda permanece são e salvo—a arma nunca foi usada. Mas Hort alegou tê-la usado, e a arma era tão temível, e ele falou dos “resultados” com tanta confiança, que ele ganhou a parada.

Desde Westcott e Hort, o método genealógico tem sido o método canônico usado para restaurar o texto original dos livros do Novo Testamento. Este método domina os manuais sobre o assunto. Sir Frederic Kenyon, C.R. Gregory, Alexander Souter, e A.T Robertson são alguns entre muitos que declaram a sua excelência.¹¹⁵

A situação é essencialmente a mesma hoje, e a advertência que Colwell fez em 1965 ainda é válida.

Há muitos anos juntei-me a outros em apontar as limitações do uso que Hort fez da genealogia, e a inaplicabilidade do método genealógico—estritamente definido—à crítica textual do NT. Desde então muitos outros têm concordado com esta crítica, e raramente se tenta traçar árvores genealógicas. Por isso poderíamos supor que a influência da ênfase de Hort no método genealógico não é mais uma ameaça. Mas esta suposição é falsa.

A obra brilhante de Hort ainda cativa nossas mentes. Então quando nos confrontamos com um texto cujo apoio é mínimo e muito separado no tempo e no espaço, pensamos primeira e unicamente em relações genealógicas. Hort colocou vendas genealógicas nos nossos olhos. . . .¹¹⁶

Os estudiosos, exegetas, e tradutores da atualidade continuam a agir como se o método genealógico não apenas pudesse ser aplicado aos manuscritos do NT, mas [realmente] o tenha sido, e a basear seus trabalhos nos supostos resultados. Mas que dizer desses “resultados”?

¹¹⁴Colwell, "The Complex Character of the Late Byzantine Text of the Gospels," *Journal of Biblical Literature*, LIV (1935), 212-13.

¹¹⁵Colwell, "Genealogical Method," pag. 109.

¹¹⁶Colwell, "Scribal Habits," pags. 370-71.

Tipos-de-texto e Recensões

Embora Hort tenha reivindicado certeza absoluta para os resultados da evidência genealógica conforme os descreveu, fica claro que os “resultados” foram fabricados. Como poderia haver resultados se o método jamais foi aplicado aos MSS? Um contemporâneo de W-H protestou que tais reivindicações só poderiam ser admissíveis se o crítico textual tivesse primeiramente feito um índice de [todas as citações do NT por] cada um dos principais Pais da Igreja e, por um processo laborioso de indução, tivesse reduzido os MSS a famílias.¹¹⁷

Ainda assim, os “resultados” de Hort foram aceitos como fato por muitos—George Salmon falou da “atitude servil com a qual a sua [de Hort] história do texto tem sido aceita, e até sua nomenclatura adotada, como se agora a última palavra tivesse sido dita sobre o assunto da crítica do Novo Testamento. . . .”¹¹⁸

Eruditismo subsequente

Estudiosos subsequentes têm sido obrigados a reconsiderar o assunto pela descoberta dos papiros e exame mais cuidadoso dos MSS previamente existentes. Parvis se queixa:

Temos reconstruído tipos de texto, famílias e sub-famílias, e assim fazendo criamos coisas que nunca antes existiram na terra ou no céu. Tomamos por certo que os manuscritos se reproduziram a si mesmos seguindo os princípios genéticos de Mendel. Mas quando descobrimos que um determinado manuscrito não se encaixa em nenhum dos nossos esquemas refinadamente construídos, abanamos as mãos e dizemos que o manuscrito contém um texto misto.¹¹⁹

Allen Wikgren mostra que generalizações abrangentes acerca de tipos de texto em geral, e do texto “Bizantino” e dos lecionários em particular, simplesmente não deveriam ser feitas.¹²⁰ Colwell afirma:

O maior erro é feito em pensar dos “antigos tipos-de-texto” como se fossem blocos congelados, mesmo depois de admitir que nenhum manuscrito é um testemunho perfeito para qualquer tipo-de-texto. Se nem sequer um MS é um testemunho perfeito para qualquer tipo, então todas as testemunhas são misturadas em parentesco (ou são individualmente adulteradas, e assim pais de mistura).¹²¹

Depois de cuidadoso estudo de P⁴⁶ Zuntz faz certas observações e conclui:

Gostar-se-ia de pensar que observações como estas porão fim a veneradas doutrinas tais como que o texto de B é o texto “Neutro” ou que o texto “Ocidental” é “O” texto do segundo século. Se os fatores de cada uma destas equações

¹¹⁷Burton, *The Revision Revised*, pag. 358. O índice [das citações Bíblicas] dos pais, [organizado] pelo próprio Burton, sem dúvidas ainda é o mais abrangente em existência—contém 86.489 citações.

¹¹⁸G. Salmon, *Some Thoughts on the Textual Criticism of the New Testament* (London, 1897), pag. 33.

¹¹⁹M.M. Parvis, “The Nature and Task of New Testament Textual Criticism,” *The Journal of Religion*, XXXII (1952), 173.

¹²⁰A. Wikgren, “Chicago Studies in the Greek Lectionary of the New Testament,” *Biblical and Patristic Studies in Memory of Robert Pierce Casey*, ed. J.N. Birdsall and R.W. Thomson (New York: Herder, 1963), pags. 96-121.

¹²¹Colwell, “The Origin of Texttypes,” pag. 135.

são intencionados ser qualquer coisa que não sinônimos, eles estão errados; se são sinônimos, nada significam.¹²²

Klijn duvida "se qualquer agrupamento de manuscritos dá resultados satisfatórios,"¹²³ e continua, dizendo:

Ainda é costume dividir manuscritos nas quatro famílias bem conhecidas: a Alexandrina, a Cesareana, a Ocidental e a Bizantina.

Esta divisão clássica não pode mais ser mantida. ...

Se qualquer progresso deve ser esperado na crítica textual, temos que nos livrar da divisão em textos locais. Novos manuscritos não devem ser atribuídos a uma área geográfica limitada mas a seus locais na história do texto.¹²⁴

Após uma longa discussão do texto "Cesareano", Metzger diz, a título de sumário, que "tem que ser reconhecido que, presentemente, o texto Cesareano está se desintegrando."¹²⁵ Duas páginas depois, referindo-se ao impacto de P⁴⁵, ele pergunta, "Houve uma falha fundamental na investigação prévia que tolerou um agrupamento tão errôneo?" Evidentemente houve. Poderia ela ser a mentalidade que insiste em pensar em termos de tipos-de-texto e recensões como sendo entidades reconhecidas e reconhecíveis?¹²⁶ Aqueles poucos homens que têm feito coleções extensivas de manuscritos, ou dedicado atenção àquelas feitas por outros, em geral não têm aceito tais agrupamentos errôneos.¹²⁷

¹²²Zuntz, pag. 240.

¹²³Klijn, pag. 36.

¹²⁴*Ibid.*, pag. 66.

¹²⁵Metzger, *Chapters in the History of New Testament Textual Criticism* (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1963), pag. 67.

¹²⁶Klijn parece ser desta opinião (pags. 33-34). Não D.A. Carson. Ele se refere à minha posição aqui como "um falha básica no argumento mais abrangente de Pickering" (*The King James Version Debate*, Grand Rapids: Baker Book House, 1979, pag. 108). Depois de uma discussão confusa onde distorce minha posição (uma de pelo menos dez distorções), Carson conclui dizendo: "De cara, já que um manuscrito foi copiado de outro ou de vários outros, relacionamentos genealógicos **têm** que existir. A única questão é se temos ou não identificado tais relações, ou podemos identificá-las" (pag. 109). Exatamente. É claro que relações genealógicas têm que existir, ou têm que ter existido, mas **a questão toda** é "se as temos ou não identificado." Eu entendo que Aland, Colwell, Klijn, Parvis, Vaganay, Wikgren, Zuntz, etc. estão dizendo que tais relacionamentos **não** têm sido identificados de fato. Este é meu ponto! E eu insisto em que até que tais relacionamentos sejam empiricamente demonstrados, eles não podem ser legitimamente usados na prática da crítica textual do NT. (Alguns dos estudiosos supracitados vão além e afirmam que **não podemos** identificar tais relacionamentos, pelo menos por genealogia direta—quase todos os elos estão faltando).

Os conceitos de "tipo de texto" e "recensão", **como usados por Hort** e seus seguidores, são demonstravelmente errôneos. Segue-se que as conclusões sobre eles baseadas são inválidas. Mas permanece verdadeiro que leituras em comum implicam uma origem em comum, e concordância em erro condena os participantes como dependentes. Carson deseja reter o termo "tipo-de-texto" para referenciar os "tipos de texto tais como indexados por vários extremos notáveis" (pag. 109). Quanto a mim isto está bem, desde que fique claro a todos que o termo não está sendo usado no sentido Hortiano. Para declarações de evidência, contudo, creio que os editores das edições da UBS têm estabelecido o exemplo correto -- não são usados símbolos coletivos para "tipos-de-texto" exceto por "Byz", que se refere à tradição bizantina de manuscritos.

¹²⁷Cf. Burgon, *The Revision Revised*, pag. 380.

H. C. Hoskier, cujas colações de MSS do NT são insuperadas em qualidade e talvez em quantidade, fez o seguinte comentário após colacionar Códice 604 (hoje 700) e compará-lo com outros MSS:

Desafio qualquer um, depois de ter cuidadosamente escrutinado as listas acima, e depois de ter notado as quase incompreensíveis combinações e permutações dos manuscritos tanto unciais quanto cursivos, a voltar aos ensinamentos do Dr. Hort com qualquer grau de confiança. Quão inútil e supérfluo falar de Evan. 604 como tendo uma grande "influência Ocidental", ou [falar] de seu alinhamento, em muitos locais, com o "texto neutro." Toda a questão de famílias e recensões é assim colocada proeminentemente à vista, e havendo espaço, poder-se-ia comentar amplamente sobre combinações profundamente interessantes que assim se apresentam a si próprias ao crítico. Mas **vamos** nos compenetrar que estamos na infância desta parte da ciência, e não imaginarmos que tenhamos colocado certas pedras de alicerce, imutáveis e seguras, e que podemos, continuar a edificar sobre elas com segurança. Não é assim, e muito destes alicerces, se não todos, têm que ser demolidos.¹²⁸

Os "tipos-de-texto", em si

Vamos tratar os "tipos-de-texto" um por um. Kenyon diz do texto "Ocidental":

O que temos chamado de texto- δ , na verdade, não é tanto um texto como uma pilha de várias leituras, não descendendo de um arquétipo qualquer, mas possuindo um parentesco infinitamente complicado e intrincado. Nenhum manuscrito pode ser tomado como mesmo uma aproximação representando o texto- δ , se por 'texto' entendemos uma forma do Evangelho que em algum momento existiu em um único manuscrito.¹²⁹

Colwell observa que o texto de Nestle (25^a edição) nega a existência do texto "Ocidental" como um grupo identificável, e diz que esta é "uma negação com a qual eu concordo."¹³⁰ Falando da classificação do texto "Ocidental" por von Soden, Metzger diz: "tão diversos são os fenômenos textuais que von Soden foi compelido a propor dezesseite subgrupos de testemunhas que são mais ou menos proximamente aparentados com este texto."¹³¹ E Klijn, falando de "um Texto Ocidental 'original' ou 'puro'" afirma que "um tal texto não existiu."¹³² K. e B. Aland falam de "o 'texto Ocidental' fantasma" e o substituem pelo "texto D", referindo-se ao Códice Bezae.¹³³

Quanto ao texto "Alexandrino" de hoje, que parece essencialmente incluir os "Neutro" e "Alexandrino" de Hort, Colwell oferece os resultados de uma pesquisa interessante.

¹²⁸H.C. Hoskier, *A Full Account and Collation of the Greek Cursive Codex Evangelium 604* (London: David Nutt, 1890), Introduction, pages. cxv-cxvi.

¹²⁹Kenyon, *Handbook*, pag. 356. Onde Hort usou "grupo δ " para referir-se ao seu texto "Sírio", Kenyon usa "texto δ " para referenciar o texto "Ocidental".

¹³⁰Colwell, "The Greek New Testament with a Limited Critical Apparatus: its Nature and Uses," *Studies in New Testament and Early Christian Literature*, ed. D.E. Aune (Leiden: E.J. Brill, 1972), pag. 33.

¹³¹Metzger, *The Text*, pag. 141.

¹³²Klijn, pag. 64.

¹³³K. e B. Aland, *The Text of the New Testament* (Grand Rapids: Eerdmans, 1987), pages. 55, 64. De fato, fazem muitas décadas desde que qualquer aparato crítico tenha utilizado um símbolo para representar o texto "Ocidental".

Depois de um estudo cuidadoso de todas as alegadas testemunhas do Tipo-de-texto Beta no primeiro capítulo de Marcos, seis manuscritos gregos emergiram como testemunhas principais: \aleph B L 33 892 2427. Portanto, os manuscritos Beta mais fracos C Δ 157 517 579 1241 e 1342 foram postos de lado. Então, com base nas seis testemunhas principais, um texto "médio" ou mediano foi reconstruído incluindo todas as leituras sustentadas pela maioria das testemunhas primárias. Mesmo a partir desta base restrita a quantidade de variação registrada no aparato foi de pasmar. Neste primeiro capítulo, cada uma das seis testemunhas diferiu do tipo-de-texto Beta "médio" como segue: L, dezenove vezes (Westcott e Hort, vinte e uma vezes); Aleph, vinte e seis vezes; 2427, trinta e duas vezes; 33, trinta e três vezes.; B, trinta e quatro vezes; e 892, quarenta e uma vezes. Estes resultados mostram convincentemente que qualquer tentativa de reconstruir um arquétipo do tipo-de-texto Beta sobre uma base quantitativa está condenada ao fracasso. O texto assim reconstruído não é reconstruído mas sim construído.¹³⁴

Hoskier, depois de encher 450 páginas com uma detalhada e cuidadosa discussão dos erros do Códice B e outras 400 páginas com as idiossincrasias do Códice \aleph , afirma que, **apenas nos Evangelhos**, estes dois MSS diferem entre si bem mais que 3000 vezes, número que não inclui erros de menor importância tais como de grafia, nem variantes entre certos sinônimos que poderiam se dever a "mudanças provinciais."¹³⁵ De fato, com base na sugestão de Colwell de uma concordância de 70% [nos locais onde existe variação] ser exigida para se atribuir dois MSS ao mesmo tipo, Aleph e B não se qualificam. Os textos UBS e Nestle não mais utilizam um símbolo coletivo para o tipo-de-texto "Alexandrino".

A respeito do texto "Bizantino", Zuntz diz que "a grande massa de manuscritos Bizantinos desafia todas as tentativas de agrupá-las."¹³⁶ Clark se expressa de forma parecida.

A conclusão principal a respeito do texto Bizantino é que ele foi extremamente fluido. Pode se esperar de qualquer manuscrito isolado que mostre um bom número de afinidades inconstantes. Todavia, dentro da variedade e confusão, uns poucos tipos textuais têm sido distinguidos. ... Estes tipos não são proximamente aparentados como as famílias, mas são como a larga Via Láctea incluindo muitos membros dentro de uma afinidade geral.¹³⁷

A declaração enfática de Colwell com o mesmo efeito foi dada acima. O trabalho de Lake a que Colwell se refere foi uma colação de Marcos, capítulo onze, em todos os MSS de Monte Sinai, Patmos, e na Biblioteca dos Patriarcas e coleção do Santo Saba em Jerusalém. Lake, com R. P. Blake e Silva New, verificou que o texto "Bizantino" não era homogêneo, que houve uma ausência de relacionamento estreito entre MSS, mas que houve menos variação "dentro da família" do que seria encontrado em um tratamento similar dos textos "Neutro" ou "Cesareanos". Nas suas próprias palavras:

¹³⁴Colwell, "The Significance of Grouping of New Testament Manuscripts," *New Testament Studies*, IV (1957-1958), 86-87. Cf. também Colwell, "Genealogical Method," pags. 119-123. Colwell segue Kenyon e usa "tipo-de-texto Beta" para referir-se ao texto "Alexandrino" de hoje, enquanto Hort usou "grupo β " para referir-se ao seu texto "Occidental."

¹³⁵H.C. Hoskier, *Codex B and its Allies* (2 vols.; London: Bernard Quaritch, 1914), II, 1.

¹³⁶Zuntz, "The Byzantine Text in New Testament Criticism," *The Journal of Theological Studies*, XLIII (1942), 25.

¹³⁷Clark, "The Manuscripts of the Greek New Testament," *New Testament Manuscript Studies*, ed. M.M. Parvis e A.P. Wikgren (Chicago: The University of Chicago Press, 1950), pag. 12.

Esta colação cobre três das grandes coleções antigas de MSS; e estas não são conglomerações modernas, ajuntadas de todas as direções. Muitos dos MSS, agora em Sinai, Patmos e Jerusalém, têm que ser cópias escritas nos "scriptoria" destes mosteiros. Esperávamos achar que uma colação cobrindo todos os MSS em cada biblioteca mostraria muitos casos de cópia direta. Mas praticamente não há nenhum tal caso. ... Ademais, a quantidade de genealogia direta que tem sido detectada nos códices existentes é quase negligenciável. Também poucos MSS conhecidos são códices irmãos. O grupo Ferrar e a família 1 são os únicos casos reportados do copiar repetido de um único arquétipo, e assim mesmo há provavelmente dois arquétipos para o grupo Ferrar, ao invés de um. ... Há grupos cognatos—famílias de primos distantes—mas os manuscritos que temos são quase todos filhos órfãos e sem irmãos ou irmãs.

Levando este fato em consideração juntamente com o resultado negativo de nossa colação de MSS em Sinai, Patmos, e Jerusalém, é difícil resistir à conclusão que os copistas usualmente destruíam seus exemplares quando tinham copiados os livros sagrados.¹³⁸

J.W. Burgon,¹³⁹ uma vez que ele próprio tinha colacionado numerosos MSS minúsculos, tinha feito a mesma observação anos antes de Lake.

Agora, aqueles muitos MSS foram demonstravelmente produzidos em tempos diferentes e em países diferentes. Eles trazem os sinais, em suas muitas centenas, de representarem a área inteira da Igreja, exceto onde versões foram usadas ao invés de cópias no grego original. ... Todavia, das multidões deles que sobrevivem, dificilmente qualquer deles tem sido copiado de qualquer um dos demais. Ao contrário, percebe-se que eles diferem entre si em incontáveis minúcias sem importância; e de vez em quando uma cópia isolada exhibe idiossincrasias que são realmente surpreendentes e extraordinárias. Portanto, demonstravelmente não tem havido nenhum conluio—nenhuma adaptação a um padrão arbitrário—nenhuma fraude no atacado. É certo que cada uma delas [as cópias] representa um MS, ou uma linhagem de MSS, mais velho que ela própria, e não é senão razoável supor que ela exerce tal representação com tolerável acurácia.¹⁴⁰

¹³⁸K. Lake, R.P. Blake e Silva New, "The Caesarean Text of the Gospel of Mark," *Harvard Theological Review*, XXI (1928), 348-49. O trabalho mais recente de Frederick Wisse fornece uma forte demonstração objetiva da diversidade dentro da forma textual "Bizantina". *The Profile Method for Classifying and Evaluating Manuscript Evidence* (Grand Rapids: Eerdmans, 1982), é uma aplicação do "Claremont Profile Method" a 1.386 MSS em Lucas 1, 10 e 20. Ele isolou 15 agrupamentos maiores de MSS (que se subdividem em pelo menos 70 subgrupos) mais 22 grupos menores, mais 89 "desgarrados solitários" (MSS tão misturados que nem se enquadram em nenhum dos grupos acima nem formam grupos entre si). Um dos 15 grupos "maiores" é o "Egípcio" ("Alexandrino")—ele é composto de precisamente 04 unciais e 04 cursivos, mais 04 MSS (02 unciais e 02 cursivos) que eram "Egípcios" em um dos três capítulos. Se o entendo corretamente, Wisse considera que virtualmente todos os [1.386 - 89 - 4 - 4 - 4 =] 1285 MSS restantes recaem no largo rio "Bizantino". Em outras palavras, quando falamos de examinar o texto "Bizantino" há, dentro do rio, pelo menos [15 - 1 + 22 =] 36 correntes de transmissão que precisam ser consideradas!

¹³⁹John William Burgon foi Deão de Chichester de 1876 até sua morte em 1888. Seu biógrafo lhe reputou ser "o maior professor religioso do seu tempo" na Inglaterra (E.M. Goulburn, *Life of Dean Burgon*, 2 Vols.; London: John Murray, 1892, I, vii). Clark alista Burgon juntamente com Tregelles e Scrivener, como "grandes contemporâneos" de Tischendorf, a quem chama de "o colosso entre os críticos textuais" ("The Manuscripts of the Greek New Testament," pag. 9). Como um contemporâneo de Westcott e Hort, Burgon vigorosamente se opôs ao texto e à teoria deles, e é geralmente reconhecido como tendo sido a mais importante voz na "oposição" (cf. A.F. Hort, II, 239).

¹⁴⁰J.W. Burgon, *The Traditional Text of the Holy Gospels Vindicated and Established*, arranjado, completado, e editado por Edward Miller (London: George Bell and Sons, 1896), pags. 46-47.

Kurt Aland¹⁴¹ resumia:

P⁶⁶ confirmou as observações já feitas em conexão com os papiros Chester Beatty. Com P⁷⁵ terreno novo se nos tem aberto. Antes, todos compartilhávamos a opinião, em concordância com nossos professores e de acordo com a erudição neotestamentária, antes e depois de Westcott e Hort, que em vários locais, durante o quarto século, recensões do texto do NT tinham sido feitas, das quais os principais tipos-de-texto então se desenvolveram. ... Falávamos de recensões e tipos-de-texto, e se isto não era suficiente, referíamos-nos a tipos-de-texto pre-Cesareanos e outros, a textos mistos, e assim por diante.

Eu, também, tenho falado de textos mistos, em conexão com a forma de texto do NT nos séculos segundo e terceiro, mas sempre o fiz com uma consciência culpada. Pois, de acordo com as regras de filologia lingüística, é impossível se falar de textos mistos antes que recensões tenham sido feitas (aqueles apenas podem seguir estas), ao passo que, os manuscritos do NT dos séculos segundo e terceiro que têm um "texto misto" claramente existiram antes que recensões fossem feitas. ... O simples fato que todos estes papiros, com suas várias características distintivas, existiram lado a lado, na mesma província eclesiástica, isto é, no Egito onde foram encontrados, é o melhor argumento contra a existência de quaisquer tipos-de-texto, inclusive o Alexandrino e o Antioquino. Ainda vivemos no mundo de Westcott e Hort com nossa concepção de recensões e tipos-de-texto diferentes, embora este conceito tenha perdido sua razão de ser, ou pelo menos ela precise ser nova e convincentemente demonstrada. Pois o aumento da evidência documentária e as áreas de pesquisa inteiramente novas que nos foram abertas pela descoberta dos papiros, significam o fim da concepção de Westcott e Hort.¹⁴²

(Tenho citado homens tais como Zuntz, Clark e Colwell sobre o texto "Bizantino" para mostrar que os estudiosos modernos estão prontos para rejeitar a noção de uma recensão "Bizantina", mas a principal lição a ser extraída da variação entre MSS "Bizantinos" é aquela observada por Lake e Burgon—eles são testemunhas órfãs, independentes; pelo menos nas suas gerações. A variação entre dois MSS "Bizantinos" difere tanto em número quanto em severidade daquela entre dois MSS "Ocidentais" ou dois MSS "Alexandrinos"—o número e natureza das discordâncias entre dois MSS "Bizantinos" através de todos os Evangelhos parecerá trivial comparado com o número (acima de 3000) e natureza (muitas sérias) das discordâncias entre Aleph e B, os principais MSS "Alexandrinos", no mesmo compasso).

Um retorno recente

Tanto Colwell¹⁴³ como Epp¹⁴⁴ discordam de Aland, alegando que os papiros se harmonizam corretamente com a reconstrução da história textual de Hort. Mas a evidência de uma afinidade entre B e P⁷⁵ não demonstra a existência de um tipo-de-texto ou recensão. Acabamos de ver a demonstração e declaração de Colwell que um arquétipo

¹⁴¹Kurt Aland, ex director do *Institut für neutestamentliche Textforschung* em Münster, foi talvez o principal crítico textual na Europa até sua morte (1995). Foi um dos co-redatores das duas edições mais populares do N.T. grego—Nestle e U.B.S. Foi quem catalogava cada novo MS que foi descoberto.

¹⁴²Aland, "The Significance of the Papyri," pags. 334-37.

¹⁴³Colwell, "Hort Redivivus," pags. 156-57.

¹⁴⁴Epp, pags. 396-97.

"Alexandrino" nunca existiu. O próprio Epp, depois de colocar os antigos MSS em três trajetórias ("Neutra", "Ocidental", e "meio-termo"), diz:

Naturalmente, este esboço grosseiro não deve ser entendido como significando que os manuscritos mencionados sob cada uma das três categorias supramencionadas necessariamente tiveram quaisquer conexões **diretas** um com o outro; antes, eles ficam como membros aleatoriamente sobreviventes destas três correntes de tradição textual.¹⁴⁵

A questão é que, embora manuscritos diferentes exibam afinidades variadas e compartilhem certas peculiaridades, cada um deles difere substancialmente de todos os outros (especialmente os mais antigos) e portanto não devem ser agrupados. Não há tal coisa como o testemunho de um tipo-de-texto "Ocidental" ou "Alexandrino" (como uma entidade)—há apenas o testemunho individual de MSS, Pais, Versões (ou MSS de versões).

Ao discordar de Aland (ver notas 52 e 54), Epp declarou que nosso material existente revela "apenas duas claras correntes ou trajetórias textuais" nos primeiros quatro séculos de transmissão textual, a saber, os tipos-de-texto "Neutro" e "Ocidental".¹⁴⁶ Ele sugeriu também que P⁷⁵ pode ser considerado como um ancestral para o texto "Neutro" de Hort, P⁶⁶ para o texto "Alexandrino" de Hort, e P⁴⁵ para o texto "Ocidental" de Hort.

Mas ele mesmo tinha acabado de fornecer evidência contrária. Assim, com referência a 103 unidades de variação em Marcos 6-9 (onde P⁴⁵ é sobrevivente), Epp registra que P⁴⁵ mostra uma concordância de 38 por cento com Códice D, 40 por cento com o *Textus Receptus*, 42 por cento com B, 59 por cento com f¹³, e 68 por cento com Códice W.¹⁴⁷ Como pode Epp dizer que P⁴⁵ é um ancestral "Ocidental" quando ele está mais próximo dos principais representantes de cada um dos outros "tipos-de-texto" do que está de D? Em Marcos 5-16, Epp registra que o Códice W mostra uma concordância de 34 por cento com B, 36 por cento com D, 38 por cento com o *Textus Receptus*, e 40 por cento com ℵ.¹⁴⁸ A qual "corrente textual" deve W ser atribuído?

Ambos P⁶⁶ e P⁷⁵ têm sido geralmente afirmados pertencer ao "tipo-de-texto Alexandrino."¹⁴⁹ Klijn oferece os resultados de uma comparação de ℵ, B, P⁴⁵, P⁶⁶ e P⁷⁵ nas passagens onde todos eles são sobreviventes (Jo. 10:7-25, 10:32-11:10, 11:19-33 e 11:43-56). Ele considerou apenas aqueles locais onde ℵ e B discordam e onde pelo menos um dos papiros se junta a ℵ ou a B. Ele encontrou oito tais locais *mais* 43 onde todos três papiros se alinham com ℵ ou B. Ele reporta o resultado para os 43 locais como se segue (adicionei números relativos ao *Textus Receptus*, BFBS [British and Foreign Bible Society] 1946):

¹⁴⁵ *Ibid.*, pag. 398.

¹⁴⁶ *Ibid.*, pag. 397.

¹⁴⁷ *Ibid.*, pags. 394-96.

¹⁴⁸ *Ibid.*

¹⁴⁹ Cf. Metzger, *A Textual Commentary on the Greek New Testament* (London: United Bible Societies, 1971), pag. xviii.

P⁴⁵ concorda com √ 19 vezes, com B 24 vezes, com TR 32 vezes,
 P⁶⁶ concorda com √ 14 vezes, com B 29 vezes, com TR 33 vezes,
 P⁷⁵ concorda com √ 9 vezes, com B 33 vezes, com TR 29 vezes,
 P^{45,66,75} concordam com √ 4 vezes, com B 18 vezes, com TR 20 vezes,
 P^{45,66} concordam com √ 7 vezes, com B 3 vezes, com TR 8 vezes,
 P^{45,75} concordam com √ 1 vez, com B 2 vezes, com TR 2 vezes,
 P^{66,75} concordam com √ 0 vezes, com B 8 vezes, com TR 5 vezes.¹⁵⁰

Quanto aos outros 8 locais:

P⁴⁵ concorda com √ 2 vezes, com B 1 vez, com TR 1 vez,
 P⁶⁶ concorda com √ 2 vezes, com B 3 vezes, com TR 5 vezes,
 P⁷⁵ concorda com √ 2 vezes, com B 3 vezes, com TR 4 vezes.¹⁵¹
 (Cada um dos três papiros também tem outras leituras.)

Tudo computado, a atribuição sumária de P⁶⁶ e P⁷⁵ ao "tipo-de-texto Alexandrino" é razoável? G.D. Fee se esforça consideravelmente para interpretar a evidência de modo a apoiar sua conclusão que "P⁶⁶ é basicamente um membro da tradição Neutra",¹⁵² mas a própria evidência para João 1-14, como ele a registra, é a seguinte: P⁶⁶ concorda com o TR 315 em 663 vezes (47.5%), com P⁷⁵ 280 de 547 (51.2%), com B 334 de 663 (50.4%), com √ 295 de 662 (44.6%), com A 245 de 537 (45.6%), com C 150 de 309 (48.5%), com D 235 de 604 (38.9%), com W 298 de 662 (45.0%).¹⁵³

Esta evidência realmente sugere "duas claras correntes textuais"?

¹⁵⁰Klijn, pags. 45-48. (Observar que 19 + 24 = 43, 14 + 29 = 43, mas 9 + 33 = 42 [P⁷⁵ deve ser ilegível num dos locais]. As concordâncias de dois ou três juntos estão dentro do número dado para cada papiro individualmente.)

¹⁵¹*Ibid.* Tenho usado o estudo de Klijn com referência à existência dos tipos de texto, mas seu material também fornece evidência da antigüidade do texto "Bizantino." Sumariando a evidência das 51 instâncias que Klijn discute,

P⁴⁵ concorda com Aleph 21 vezes, com B 25 vezes, com TR 33 vezes,

P⁶⁶ concorda com Aleph 16 vezes, com B 32 vezes, com TR 38 vezes,

P⁷⁵ concorda com Aleph 11 vezes, com B 36 vezes, com TR 33 vezes;

Ou, colocando de outra maneira,

todos os três papiros concordam com Aleph 4 vezes, com B 18 vezes, com TR 20 vezes,
 quaisquer dois deles concordam com Aleph 8 vezes, com B 13 vezes, com TR 15 vezes,
 somente um deles concorda com Aleph 36 vezes, com B 62 vezes, com TR 69 vezes,
 para um total de 48 vezes, 93 vezes, 104 vezes.

Em outras palavras, na área coberta pelo estudo de Klijn, o TR tem mais atestação antiga que B e duas vezes mais que Aleph—evidentemente o TR reflete um texto mais antigo que ambos B ou Aleph!

¹⁵²G.D. Fee, *Papyrus Bodmer II (P⁶⁶): Its Textual Relationships and Scribal Characteristics* (Salt Lake City: University of Utah Press, 1968), pag. 56.

¹⁵³*Ibid.*, pag. 14.

Nestes manuscritos do terceiro século, cujas evidências nos levam de volta pelo menos à metade do segundo século, não encontramos nenhuma pureza original, nenhum casto ancestral de Vaticanus, mas sim representantes desfigurados e decaídos do texto original. Características de todos os textos principais isolados por Hort ou por von Soden são aqui encontradas—'combinados' muito diferentemente em P⁶⁶ e P^{45, 154}.

O classificar dos MSS

Uma parte grave do problema é a maneira pela qual MSS têm sido atribuídos a um "tipo-de-texto" ou a outro. Por exemplo, os editores de P¹ (Oxyrh. 2), Grenfell e Hunt, declararam que "o papiro claramente pertence à mesma classe dos códices Sinaítico e Vaticano, e não tem nenhuma inclinação Ocidental ou Síria." Ora, o papiro contém apenas Mateus 1:1-9a, 12b-20 (e não é todo ele legível), mas C.H. Turner declarou que ele concorda intimamente com o texto de B e "pode ser razoavelmente crido que conduz todo o texto dos Evangelhos [encontrado] em B de volta ao terceiro século."¹⁵⁵ Até o presente dia P¹ é atribuído ao "tipo-de-texto Alexandrino."¹⁵⁶ Bem, ele evidentemente concorda com B sete vezes, contra o TR, mas quatro daquelas variantes têm algum apoio "Ocidental"; no entanto, **discorda** de B dez vezes, embora apoiando o TR em apenas duas daquelas.¹⁵⁷ Amontoar P¹ e B juntos é realmente razoável?

Para uma demonstração clara da grande tolice de caracterizar um manuscrito com base em apenas um capítulo (ou ainda menos!), o leitor pode ver o estudo de P⁶⁶ por Fee. Ele faz um gráfico da percentagem de concordância entre P⁶⁶ e o T.R., P⁷⁵, B, \aleph , A, C, D, e W respectivamente, capítulo por capítulo, através dos primeiros 14 capítulos de João.¹⁵⁸ Para cada um dos documentos o gráfico sobe e desce de capítulo a capítulo, de um modo errático. Todos eles mostram uma faixa de variação acima de 30%—e.g. Códice B vai de uma concordância com P⁶⁶ de 71.1% no capítulo 5 para uma concordância de 32.3% no capítulo 7.

Já tem sido observado que B e Aleph discordam entre si bem mais que 3000 vezes somente nos Evangelhos. (Suas concordâncias são menos.)¹⁵⁹ Devem eles ser amontoados juntos? Não basta notar somente as peculiaridades compartilhadas entre

¹⁵⁴J.N. Birdsall, *The Bodmer Papyrus of the Gospel of John* (London, 1960), pag. 17.

¹⁵⁵C.H. Turner, "Historical Introduction to the Textual Criticism of the New Testament," *Journal of Theological Studies*, Jan. 1910, pag. 185.

¹⁵⁶Metzger, *The Text*, pag. 247; Epp, "Interlude," pag. 397.

¹⁵⁷Hoskier, *Codex B*, pag. xi.

¹⁵⁸Fee, *Bodmer II*, pags. 12-13.

¹⁵⁹Uma contagem apressada usando o aparato crítico de Nestle (24^a edição) (deduzo que qualquer concordância entre \aleph e B será infalivelmente registrada) mostra [estes manuscritos] concordando 3007 vezes, onde há variação. Destas, aproximadamente 1100 são contra o texto "Bizantino" (com ou sem outra atestação), enquanto as restantes são contra uma pequena minoria de MSS (várias centenas de vezes sendo contra leituras singulares do Códice D, dum dos papiros, etc.). Parece que B e Aleph não satisfazem o requerimento de Colwell de 70 por cento de concordância para que sejam classificados no mesmo tipo de texto.

dois MSS; a extensão de discordância é igualmente relevante para qualquer esforço de classificação.¹⁶⁰

Ao invés de ordeiramente alinhados em "claras correntes" ou "tipos-de-texto" (como entidades objetivamente definidas), os manuscritos mais antigos se mostram "salpicados" sobre um largo espectro de variação. Embora existam graus variados de afinidade entre eles, devem ser tratados como indivíduos na prática da crítica textual. Até que chegue a hora em que as relações entre os manuscritos mais recentes sejam empiricamente esboçadas, eles também devem ser tratados como indivíduos. Arremessá-los numa cesta de lixo rotulada "Bizantina" é insustentável.

Uma vez que genealogia não tem sido (e não pode ser?) aplicada aos MSS, as testemunhas têm que ser contadas, sim senhor—incluindo muitos dos minúsculos, os quais evidentemente tiveram linhas de transmissão independentes (ver citações 48 e 50). Será imediatamente protestado que "testemunhas devem ser pesadas, não contadas." Por causa da importância desta questão, vou discuti-la com algum detalhe, quando chegar sua vez.¹⁶¹ Mas primeiro temos que continuar nossa avaliação da teoria de W-H e, com este propósito, falarei de "tipos-de-texto" nos termos de Hort.

Conflação

Todo o litígio de Hort contra o *Textus Receptus*, sob este título, foi baseado sobre apenas oito exemplos, tomados de dois Evangelhos (Marcos e Lucas). Caracterizar todo um texto, para todo o Novo Testamento, com base em oito exemplos, é tolice. Colwell enuncia bem o problema:

Nenhum texto ou documento é bastante homogêneo para justificar que, com base em parte de suas leituras, se julgue o restante. Este foi o calcanhar de Aquiles de Hort. Ele está dizendo aqui que, desde que estas oito leituras confladas ocorrem no texto Sírio, este é misto como um todo; se faltam aquelas leituras a um manuscrito ou texto, ele, em suas outras leituras, é testemunha de um texto antecedente à mistura. ...

Westcott e Hort enunciam esta falácia muito claramente ao argumentarem pela importância da evidência de um documento ao contrário de leituras:

"Então, quando descobre-se que um dos documentos habitualmente contem estas leituras moralmente certas ou pelo menos fortemente preferidas, e o outro habitualmente contem suas rivais rejeitadas, não podemos ter nenhuma dúvida, primeiro, que o texto do primeiro tem sido transmitido em comparativa pureza, e que o texto do segundo tem sofrido adulteração comparativamente grande; e, a seguir, que a *superioridade do primeiro tem que ser tão grande nas variações nas quais a Evidência Interna das Leituras não tem fornecido nenhum critério decisivo, quanto naqueles que nos têm habilitado a formar uma apreciação comparativa dos dois textos.*" [Ênfase de Colwell.]

¹⁶⁰Esta é uma das características centrais do método proposto por Colwell e E.W. Tune em "The Quantitative Relationships between MS Text-Types," *Biblical and Patristic Studies in Memory of Robert Pierce Casey*, eds. J.N. Birdsall e R.W. Thomson (Frieberg: Herder, 1963).

¹⁶¹Ver seção com este título, no Capítulo 6.

Isto seria verdadeiro se conhecêssemos que não houve mistura envolvida e que manuscritos e textos eram rigorosamente homogêneos. Tudo que temos aprendido desde Hort confirma a posição oposta.¹⁶²

Tem sido geralmente suposto e declarado que há muitos outros exemplos. Assim, Harrison diz, "Outra objeção foi a pobreza de exemplos de confluência. Hort somente citou oito, mas poderia ter dado outros."¹⁶³ Kenyon e Lake fizeram a mesma alegação,¹⁶⁴ mas onde estão os "outros" exemplos? Por que Harrison, ou Kenyon, ou Lake não os produzem? Porque há muito poucos que trazem as características exigidas. Kenyon refere-se de passagem a *An Atlas of Textual Criticism*, por E. A. Hutton (London: Cambridge University Press, 1911), que ele diz conter exemplos adicionais de confluência.

Sob inspeção, a característica central do trabalho de 125 páginas prova ser uma lista alegadamente completa de variantes triplas no Novo Testamento onde os textos "Alexandrino", "Ocidental" e "Bizantino" são colocados um contra cada outro. Hutton cita 821 instâncias exibindo as características exigidas. De tudo isto, uns poucos casos de possíveis "confluências Sírias", aparte das oito de Hort, podem ser catados—tais como em Mt. 27:41, Jo. 18:40, At. 20:28 ou Rm. 6:12. Cinquenta anos atrás um Hortiano poderia ter insistido que Jo. 10:31 também tem uma "confluência Síria", mas agora que P⁶⁶ leva a leitura "Síria" de volta a 200 DC, uma interpretação diferente é exigida.

¹⁶²Colwell, "Genealogical Method," pag. 118. A despeito desta declaração demonstravelmente correta de Colwell, Bart Ehrman, na sua tese de M.Div. em Princeton, 1981, virtualmente repete as palavras de Hort:

... dois pontos têm que ser constantemente conservados em mente. Primeiro, se uma leitura fosse provada ser uma confluência, então os documentos que a contêm preservariam—em maior ou menor escala—um texto que é misto (por definição). Isto é verdadeiro, quero dizer, mesmo se somente uma instância provada de confluência for encontrada nestes documentos. E desde que a maioria das misturas teria resultado em leituras não confladas, isto é na escolha arbitrária ou intencional por um transcritor da leitura de um manuscrito sobre a de outro, então o caso solitário e provado de mistura indicaria que um número maior de instâncias existem que não podem ser tão prontamente demonstradas. Segundo, o caráter textual de grupos de documentos pode ser razoavelmente avaliado por se determinar o grau com que contêm confluências. Se, por exemplo, há dois grupos de documentos que nunca contêm leituras confladas, e um que as vezes contém, então claramente o último grupo tem que representar um texto misto. Se (ou não) os outros grupos também o fazem é indeterminável por este critério. Mas o ponto é que mesmo instâncias isoladas de mistura mostram que um texto é misto, e assim é tanto tardio quanto secundário em seu testemunho ao texto verdadeiro. A contenção de Hort foi que o texto Sírio, e somente ele, continha confluências. Se continha oito ou oitocentos seria imaterial para este efeito. A simples presença de confluências de qualquer número prova que o texto é misto ("New Testament Textual Criticism: Quest for Methodology," pags. 55-56).

Tem sido repetidamente demonstrado que a qualidade textual de um MS pode variar significativamente de capítulo para capítulo, quanto mais de livro para livro. Uma confluência provada na verdade condena seu MS de mistura naquele ponto, mas somente naquele ponto. A declaração de Ehrman sobre "oito ou oitocentos" é simplesmente estúpida. Mesmo os oito exemplos que Hort citou têm sido todos eles contestados, e por estudiosos com pressuposições diferentes.

¹⁶³Harrison, pag. 73.

¹⁶⁴Kenyon, *Handbook*, pag. 302; Lake, pag. 68. Ehrman declara que "é significativo que outros exemplos podem ser encontrados com pouca dificuldade. Hort proveu quatro exemplos de confluência de Marcos e quatro de Lucas; os exemplos a seguir complementam sua lista, quatro sendo de Mateus e quatro de João" (*Ibid.*, pag. 56). Ele dá exemplos de Mt. 10:3, 22:13, 27:23, 27:41 e de Jo. 5:37, 9:25, 10:31, 17:23. Todos estes podem ser encontrados em Apêndice D (exceto Jo. 9:25, porque a leitura "Ocidental" não tem atestação em grego e, assim, não é válida para o propósito em pauta). Ehrman distorce a evidência de Jo. 5:37, dando uma falsa impressão. No Apêndice D eu falo de todos estes exemplos, e também de todos os oito de Hort.

A lista de Hutton bem que pode ser passível de questionamento considerável. Mas se pudermos, para efeito de raciocínio, recebê-la pelo valor pretendido, surge que a proporção de variantes triplas "Alexandrina-Occidental-Bizantina" para possíveis "conflações Sírias" é de cerca de 100:1. Em outras palavras, para cada instância onde o texto "Sírio" é possivelmente edificado sobre os textos "Neutro" e "Occidental", há cem onde ele não o é.

Isto ergue um outro problema. Se o texto "Sírio" é eclético, de onde obteve o material que é de sua propriedade privada? Como Burgon observou na ocasião: "É impossível 'conflar' em locais onde B, \aleph e seus associados não fornecem nenhum material para a suposta confluência. Tijolos não podem ser feitos sem argila. Os materiais realmente existentes são aqueles do próprio Texto Tradicional."¹⁶⁵

Mas há uma outra consideração que é fatal para o propósito de Hort. Ele alegou que inversões não existem, mas elas existem sim. Ele próprio citou uma de cada tipo; D confla em Jo. 5:37 e B confla em Cl. 1:12 e 2Ts. 3:4.¹⁶⁶ Ademais, há várias outras

¹⁶⁵Burgon, *The Traditional Text*, pag. 229.

¹⁶⁶Westcott e Hort, pag. 94 e pags. 240-41. (Uma vez que Hort considerou D e B como adequados para representar os textos "Occidental" e "Neutro" em outros locais, ele não deve objetar aqui.) Mas Ehrman nos favorece com o seguinte:

O que é mais digno de nota é que a significância de tais 'inversões' é raramente explicada pelos advogados do texto Majoritário. Pickering, por exemplo, se contenta em alistar as confluências invertidas, aparentemente assumindo que isto sozinho nega o argumento de Hort. Mas há duas considerações que impedem qualquer apelo a estas inversões com o propósito de criticar a posição básica de Hort sobre a natureza tardia e secundária do texto Sírio. Em primeiro lugar, a maioria das instâncias que têm sido consideradas como inversões genuínas ocorrem em membros isolados de um tipo-de-texto, mas não em todo o grupo maior. [Ele tinha concluído sua tese antes de ver meu Apêndice D, que não estava na primeira edição.] Em outras palavras, os três casos de confluência no Códice B não indicam que o tipo-de-texto alexandrino é misto, mas apenas que B o é. E o fato que B foi transcrito no século IV sugeriria que em alguns casos pode se esperar que ele contenha evidência de mistura de textos anteriores. [Uma admissão interessante.] Isto dificilmente pode estragar a prova de Hort, uma vez que ele próprio reconheceu a presença de confluências em ambos D e B, e no caso deste, especialmente nas cartas Paulinas. [!]

Em segundo lugar, ao colocarem este tipo de argumento contra Westcott e Hort, os advogados do Texto Majoritário têm se colocados a si mesmos sobre os chifres de um dilema. Por um lado, se eles escolherem negar a validade da asserção de Hort—que um texto contendo confluências é secundário, e que quanto mais confluências ele contenha menos ele é uma testemunha confiável do texto original—então um apelo a confluências invertidas de modo algum constitui um argumento. Se confluências não mostram que um texto é secundário, então por que apontá-las? Em um tal caso, exemplos contrários somente mostrariam o erro de Hort em assumir que somente textos Sírios contêm confluências, mas não indicaria absolutamente nada a respeito do caráter dos respectivos tipos-de-texto. Assim, claramente, o argumento é viável somente se a premissa de Hort for aceita.

Mas, por outro lado, aceitando esta premissa, os advogados do Texto Majoritário se deparam com um sério problema. Se os tipos-de-texto Alexandrino e Occidental contêm confluências, então todos os três textos são tardios e secundários. (*Ibid.*, pags. 60-61).

Ou Ehrman não entende o argumento ou está sendo desonesto. Naturalmente nós advogados do Texto Majoritário reconhecemos que uma confluência é uma leitura secundária, necessariamente. Se todos três tipos de texto contêm confluências, "então todos os três textos são tardios e secundários." Exatamente! E isto invalida o uso que Hort fez de "confluência" para desqualificar o texto "Sírio". Uma vez que os textos "Alexandrino" e "Occidental" ambos contêm confluências evidentes, ambos são secundários. Se Hort apenas tivesse admitido isto desde o início, uma grande abundância de debate desnecessário teria sido poupado. No entanto, eu ainda estou por ver qualquer suposta confluência "Bizantina" que me impressione como realmente o sendo—Apêndice D dá numerosos exemplos com atestação dos séculos II e III; se qualquer

conflações, não apenas da parte de D, B, e Aleph, mas também dos tipos de texto "Ocidental" e "Alexandrino". Favor ver Apêndice D para exemplos e evidência. Márcion (segundo século) confla as leituras "Bizantina" e "Neutra-Ocidental", em 1Co. 14:19!

Bodmer II mostra que algumas leituras "Sírias" são *anteriores* às "Neutras", ao redor de 200 DC.

O João Bodmer (P⁶⁶) também é uma testemunha da existência primitiva de muitas das leituras encontradas no tipo-de-texto Alpha ("Sírio", de Hort). Contrariando as nossas idéias prévias, as correções contemporâneas naquele papiro frequentemente mudam uma leitura tipo-Alpha para uma tipo-Beta ("Neutra", de Hort). Isto indica que neste período tão antigo leituras dos dois tipos eram conhecidas, e as de tipo-Beta estavam suplantando as de tipo-Alpha—pelo menos tanto quanto diz respeito a esta testemunha.¹⁶⁷

Hoskier, após seu meticuloso estudo (450 páginas) do Códice B, ofereceu este veredicto: "o caluniado Textus Receptus serviu em larga medida como a base a qual B torceu e mudou."¹⁶⁸

É claro que a caracterização por Hort do texto "Sírio" como eclético e secundário, como posterior a e edificando-se sobre os textos "Ocidental" e "Neutro", não encontra respaldo na evidência. Mas enquanto estamos neste assunto, que tal os oito exemplos de Hort; prestam-se eles à sua interpretação? Temos que perguntar se realmente se qualificam como possíveis confluções e então considerar a explicação inversa, a saber, que as formas mais curtas são simplificações independentes da forma longa original.

Burgon examinou os oito minuciosamente e observou que a maioria deles simplesmente não exhibe as características exigidas.¹⁶⁹ O leitor pode ver por si próprio, consultando qualquer *apparatus criticus* razoavelmente completo (todos são inclusos no Apêndice D). Qualquer explicação que possa ser dada da origem das leituras "Bizantinas" em Mc. 8:25, Lc. 11:54, e Lc. 12:18, elas não são "confluções" das leituras "Neutra" e "Ocidental." O mesmo pode ser dito, embora não tão enfaticamente, a respeito de Mc. 6:33 e Lc. 9:10.

Em quase todos os casos as testemunhas dentro dos arraiais "Neutro" e "Ocidental" estão divididas entre si próprias, de modo que uma escolha consideravelmente arbitrária tem que ser feita para oferecer a leitura "Neutra" ou "Ocidental". Hort iniciou sua discussão dos oito exemplos de conflução que propôs "postulando que não tentamos notar cada variante insignificante nas passagens citadas, com receio de confundir a evidência substancial."¹⁷⁰

Mas em uma questão deste tipo a confusão tem que ser computada. Se as testemunhas "Neutras" discordam entre si próprias, que crédito podemos dar ao testemunho "Neutro" como um todo?

deles é uma conflução, é bem primitivo. (Naturalmente, uma conflução genuína é, por definição, secundária, mesmo se criada em 100 DC!)

¹⁶⁷Colwell, "The Origin of Texttypes," pags. 130-31.

¹⁶⁸Hoskier, *Codex B*, I, 465.

¹⁶⁹Burgon, *The Revision Revised*, pags. 257-65.

¹⁷⁰Westcott e Hort, pag. 95.

Dada uma instância, tal como Lc. 24:53, onde as características exigidas para uma confluência estão presentes, tem de ser demonstrado que as duas leituras mais curtas não surgiram através de omissões independentes de partes diferentes da leitura mais longa, antes que possa ser asseverado que uma confluência ocorreu. Sem uma tal demonstração não é justo alegar uma confluência e então construir uma teoria em cima dela. A demonstração de Hort relativa a Lc. 24:53, na sua totalidade, é "Esta simples ocorrência não necessita nenhuma explanação."¹⁷¹

Burgon (que pessoalmente colacionou D) observou que no último capítulo de Lucas o Texto Recebido tem 837 palavras—destas D omite 121, ou uma em cada sete palavras.¹⁷² Para alguém usando o Texto de Nestle (24^a edição), D omite 66 de 782, ou uma em cada doze (Nestle omitiu 38 palavras do texto grego de Lucas 24 baseando-se na autoridade grega de D sozinho, e outras 5 palavras na de D e \aleph sozinhos). Em face de uma tal inveterada propensão para omissão, não é irrazoável suspeitar que no verso 53 D omitiu "e bendizendo" do original "louvando e bendizendo" ao invés de que a leitura de todos MSS gregos existentes (exceto seis) é uma confluência. Ademais, a leitura de D pode facilmente ter surgido da "Bizantina" por homoioteuton (*OYNTEC--OYNTEC*). Kilpatrick está entre os mais recentes de um número de estudiosos que têm argumentado que pelo menos algumas das "confluências Sírias" de Hort são a leitura original.¹⁷³

K. Lake falou do problema de decidir qual interpretação tomar.

A pedra fundamental da teoria deles [W-H] está nas passagens onde obtemos esta variação tripla, e o efeito do argumento repousa sobre a hipótese que a leitura mais comprida é fabricada pela união das duas mais curtas—não as duas mais curtas por tratamentos diferentes da mais longa. Este ponto pode ser testado apenas por um apelo à evidência patrística e à probabilidade geral. O segundo argumento [que faz apelo à probabilidade] é precário em razão de ser subjetivo, portanto o critério supremo e decisivo é o da evidência patrística.¹⁷⁴

Parece, segundo Lake, que a evidência patrística é que decide a questão. Mas nem Lake nem mais ninguém tem produzido qualquer citação patrística destas passagens nos primeiros três séculos. As poucas citações disponíveis depois daquela época, todas elas, apoiam as leituras Bizantinas.¹⁷⁵

Na realidade, toda a questão de "confluência" é um pseudo-problema, uma tempestade em copo d'água. Simplesmente não há possíveis exemplos em número suficiente para sustentar generalizações. A evidência que existe, no entanto, certamente não é

¹⁷¹ *Ibid.*, pag. 104.

¹⁷² Burgon, *The Revision Revised*, pag. 264.

¹⁷³ G.D. Kilpatrick, "The Greek New Testament Text of Today and the *Textus Receptus*," *The New Testament in Historical and Contemporary Perspective*, H. Anderson e W. Barclay, eds. (Oxford: Basil Blackwell, 1965), pags. 190-92. Cf. Bousset, *TU*, vol. 11 (1894), pags. 97-101, que concordou com Hort em apenas uma das oito [supostas confluências].

¹⁷⁴ Lake, pag. 68.

¹⁷⁵ Victor de Antioquia para Mc. 8:26, 9:38 e 9:49; Basílio para Mc. 9:38 e Lc. 12:18; Cirilo de Alexandria para Lc. 12:18; Augustinho para Mc. 9:38.

desfavorável ao texto "Sírio". Como Zuntz diz, a idéia de que o texto posterior foi derivado das duas "recensões" anteriores combinadas, é errônea.¹⁷⁶

Leituras "Sírias" Antes de Crisóstomo

As declarações de Hort concernentes à natureza do testemunho patrístico pré-Niceno ainda são aceitas por muitos. Assim, afirma-se largamente que Crisóstomo usou o texto "Bizantino."¹⁷⁷ Mas Lake tem afirmado:

Escritores sobre o texto do Novo Testamento usualmente copiam um do outro a declaração que Crisóstomo usou o texto Bizantino, ou também chamado Antioquino. Mas assim que qualquer investigação é feita diretamente, torna-se evidente, mesmo a partir das suas obras impressas, que há muitas variações importantes no texto que ele cita, o qual evidentemente não foi idêntico àquele encontrado nos MSS do texto Bizantino.¹⁷⁸

Metzger chama a atenção para o trabalho de Geerlings e New.

Tem sido freqüentemente dito pelos estudiosos textuais que Crisóstomo foi um dos primeiros Pais a usar o texto Antioquino. Esta opinião foi examinada por Jacob Geerlings e Silva New em um estudo sobre evidência que, por falta de uma edição crítica, foi tomado da *opera* de Crisóstomo editada por Migne. As conclusões deles são que "O texto de Marcos usado por Crisóstomo não é o de nenhum grupo de manuscritos até hoje descoberto e classificado. ... Seu texto de Marcos, ou melhor, o texto que pode ser fracamente percebido através de suas citações, é um 'texto misto' combinando alguns dos elementos de cada um dos tipos que tinha florescido antes do fim do século quarto."¹⁷⁹

Eles dizem mais: "Nenhum dos manuscritos de Marcos conhecidos tem o texto encontrado nas homílias de Crisóstomo, ou qualquer coisa se aproximando dele. E provavelmente nenhum texto que existiu no quarto século chegou muito mais próximo dele."¹⁸⁰ Eles fizeram uma colação do texto de Crisóstomo e observaram a seu respeito: "O

¹⁷⁶Zuntz, *The Text*, pag. 12. Sturz (pags. 70-76) tem um capítulo intitulado "Byzantine-Western Alignments Go Back Into The Second Century Independently And Originate In The East--Not In The West." Ele faz uso intenso do trabalho de Zuntz e conclui que

... seus achados desferem um golpe devastador na teoria básica de W-H sobre a história do texto, isto é, destroem a suposta dependência do texto-K sobre fontes Ocidentais.

Se esta dependência nos alinhamentos K-Ocidentais têm que ser revertida como Zuntz demonstra, então metade da sustentação para a teoria básica de confluência, de Hort, desmorona imediatamente! Mas a teoria de W-H não apenas rui neste ponto, ela é mudada no oposto! Isto é mais de que o 'consenso geral da erudição' pode conceder. É um pensamento intolerável e por demais revolucionário o reconhecer que o texto Antioquino possa ter sido a fonte ao invés do recipiente do material em comum em tais alinhamentos Bizantino-Ocidental (pag. 76).

Eu não tenho conscientemente distorcido Zuntz, Colwell, Metzger, Aland, etc., ao citar seus escritos. Entendo que Colwell rejeita a noção de genealogia de Hort; que Aland rejeita a noção de recensões de Hort; que Zuntz rejeita a noção de confluência "Síria" de Hort; e assim por diante. No entanto, não quero implicar e não deve ser assumido que quaisquer destes estudiosos concordaria inteiramente com minha avaliação da situação em qualquer ponto, e eles certamente não concordam (até onde eu saiba) com minha posição total.

¹⁷⁷Westcott e Hort, pag. 91.

¹⁷⁸Lake, pag. 53.

¹⁷⁹Metzger, *Chapters*, pag. 21.

¹⁸⁰J. Geerlings e S. New, "Chrysostom's Text of The Gospel of Mark," *Harvard Theological Review*, XXIV (1931), 135.

número de variantes a partir do *Textus Receptus* não é apreciavelmente menor do que o número de variantes a partir do texto de Westcott e Hort. Isto prova que não é um representante típico do texto posterior (**K**, de von Soden) mais do que o é do texto Neutro¹⁸¹

Que tal Orígenes; ele realmente representa o texto "Neutro"?

É impossível reproduzir ou restaurar o texto de Orígenes. Ele não tinha texto estabilizado. Uma referência aos locais inumeráveis onde ele está em **ambos** os lados de uma questão, como aqui detalhado, mostrará isto claramente. Adicione os locais onde ele está em direta oposição a \aleph e B, e temos que reconsiderar a posição inteira.¹⁸²

Zuntz concorda.

As dificuldades insuperáveis se opondo ao estabelecimento de 'o' texto do Novo Testamento de Orígenes e Eusébio são bem conhecidas a todos que já tentaram, fazê-lo. ... Deixando de lado as dificuldades comuns impostas pelas incertezas da transmissão, o estado incompleto do material, e a freqüente frouxidão ao citar, sobra o fato incontestável que estes dois Pais estão freqüentemente em desacordo; que cada um deles cita a mesma passagem diferentemente em escritos diferentes; e que às vezes eles fazem isto dentro do âmbito de um e o mesmo trabalho. ... Sempre que uma e a mesma passagem é sobrevivente em mais que uma citação por Orígenes ou Eusébio, variação entre elas é a regra ao invés da exceção¹⁸³

Metzger afirma: "Orígenes sabia da existência de leituras variantes que representam cada uma das principais famílias de manuscritos que os estudiosos modernos têm isolado."¹⁸⁴ (Isto inclui a "Bizantina".) Edward Miller, em seu estudo exaustivo dos Pais, descobriu que Orígenes se alinhou com o Texto Tradicional 460 vezes enquanto se alinhou com o "Neologiano" 491 vezes.¹⁸⁵ (Texto "Neologiano,"¹⁸⁶ como Miller usava o termo, inclui tanto leituras "Neutro" como "Ocidental"; enquanto "Texto Tradicional" é seu termo para o texto "Sírio" de Hort.) Como então pôde Hort dizer de Orígenes, "Por outro lado suas citações, ao melhor de nossa crença, não exibem nenhum traço claro e tangível do texto Sírio"?¹⁸⁷

Que tal Ireneu; ele realmente representa o texto "Ocidental"? Miller descobriu que Ireneu tomou o lado do Texto Tradicional 63 vezes e do "Neologiano" 41 vezes.¹⁸⁸ Ele disse mais:

Hilário de Poitiers está longe de ser contra o Texto Tradicional, como tem sido freqüentemente dito, embora em seus comentários ele não usou o Texto Tradicional tanto quanto em seu *De Trinitate* e suas outras obras. Os textos de Hipólito, Metódio, Ireneu, e mesmo de Justino, não são daquele caráter exclusivamen-

¹⁸¹ *Ibid.*, pag. 141.

¹⁸² Hoskier, *Codex B*, I, ii-iii.

¹⁸³ Zuntz, *The Text*, pag. 152.

¹⁸⁴ Metzger, "Explicit References in the Works of Origen to Variant Readings in N.T. MSS.," *Biblical and Patristic Studies in Memory of Robert Pierce Casey*, ed. J.N. Birdsall e R.W. Thomson (New York: Herder, 1963), pag. 94.

¹⁸⁵ Burgon, *The Traditional Text*, pags. 100, 121.

¹⁸⁶ Para ser preciso, aqui se tem em mente o texto grego usado pelo Comitê que produziu a "English Revised Version" em 1881, ou mais precisamente, aqueles locais onde difere do TR.

¹⁸⁷ Westcott e Hort, pag. 114.

¹⁸⁸ Burgon, *The Traditional Text*, pag. 99.

te Ocidental que Dr. Hort lhes atribui. Leituras Tradicionais ocorrem quase igualmente com as outras nas obras de Justino, e predominam nas dos outros três.¹⁸⁹

Hoskier adiciona uma palavra concernente a Hipólito.

Tomemos uma outra testemunha muito interessante, viz. Hipólito, quem, como Lúcifer, freqüentemente cita em tal extensão de ambos os Testamentos, Velho e Novo, que é absolutamente certo que estava **copiando** do seu exemplar das Escrituras.

Hipólito cita 1 Ts. iv.13-17, 2 Ts. ii.1-12, completos. Em face destas citações se vê quão frouxamente Turner argumenta quando diz "Hort foi o último e talvez o mais hábil de uma longa linhagem de editores do Testamento Grego, começando no décimo oitavo século, que muito tentativamente a princípio, mas bastante intransigentemente no final, *jogou fora os MSS gregos mais RECENTES em favor dos mais ANTIGOS*, e aquela questão nunca terá que ser examinada novamente.

Mas permitam-me perguntar o que o Sr. Turner quer dizer com esta sentença alegre. Que quer ele dizer com Manuscritos mais antigos e mais recentes? Não pode querer dizer que o manuscrito de Hipólito é mais recente que o de B? Todavia, permitam-me dizer que, nestas longas passagens abrangendo 12 versos consecutivos de uma epístola e quatro da outra, o manuscrito de Hipólito, do início do terceiro século, geralmente se encontra ao lado do que Turner chamaria de MSS "mais recentes".¹⁹⁰

De acordo com o estudo de Miller, a vantagem do Texto Tradicional sobre o "Neologiano", antes de Orígenes, foi realmente de 2:1, deixando de lado Justino Mártir, Heracleon, Clemente de Alexandria e Tertuliano. Se estes quatro forem incluídos, a vantagem do Texto Tradicional baixa para 1.33:1, sendo que a confusão que é mais óbvia em Orígenes já é observável nestes homens. De Orígenes a Macário Magno a vantagem do Texto Tradicional baixa para 1.24:1 enquanto que de Macário até 400 DC ela volta a 2:1.¹⁹¹ Favor de observar que o Texto Tradicional sempre estava com a vantagem, mesmo no pior dos tempos.

Miller vs. Kenyon

Por causa da importância do estudo de Miller, já citado, considerá-lo-ei agora em mais detalhes, juntamente com a resposta de Kenyon. Miller viu claramente a natureza crucial da proposta de Hort.

É evidente que o período crucial da controvérsia entre nós e a escola Neologiana tem que repousar nos séculos antes de São Crisóstomo. Se, como Dr. Hort

¹⁸⁹ *Ibid.*, pag. 117.

¹⁹⁰ Hoskier, *Codex B*, I, 426-27.

¹⁹¹ Burgon, *The Traditional Text*, pags. 99-101. Fee chama meu uso dos números de Miller de "absurdo" e os rejeita em termos taxativos ("A Critique," pags. 419 e 422). No entanto, Peter J. Johnston (comunicação pessoal) dá o seguinte relatório sobre uma checagem independente que fez dos antigos Pais, nos Evangelhos, usando edições críticas. Checando seis do 3º século (Irineu, Clemente de Alexandria, Tertuliano, Hipólito, Orígenes, Cipriano), cinco do 4º século (Afraates, Efraem Arminiano, Efraem Sírio, Gregório Naz., Gregório de Nyssa) e sete do 5º século (Crisóstomo, Pelágio, Niceta, Teodoro de Mopsuestia, Augustinho, Cirílo de Alexandria, Fausto), ele os achou alinhando-se com o Texto Majoritário "aproximadamente 60%" das vezes, onde há variação. Isto está muito próximo dos resultados declarados por Miller!

mantém, o Texto Tradicional não apenas ganhou supremacia naquela era mas não existiu nas eras anteriores, então nossa contenção é vã. ... Por outro lado, se é provada se estender para trás, em linha inquebrada, alcançando até o tempo dos Evangelistas, ou até um período tão próximo deles quanto o testemunho sobrevivente possa provar, então a teoria do Dr. Hort, de um texto 'Sírio' formado por recensão ou não, de modo exatamente tão evidente cai em terra.¹⁹²

Miller, editor póstumo de Burgon, sondou exaustivamente a questão do testemunho anterior ao Concílio de Nicena, fazendo uso completo do índice, feito por Burgon, de (86.489) citações patrísticas do Novo Testamento. Ele merece ser ouvido, em detalhes.

Quanto à alegada ausência de leituras do Texto Tradicional nos escritos dos Pais ante-Nicena, Dr. Hort saca liberalmente de sua imaginação e seus desejos. A perseguição de Dioclécio também é aqui o pai de muita falta de informação. Mas há realmente uma tal escassez destas leituras nas obras dos Pais Primitivos, como é suposto?¹⁹³

Fiz, eu mesmo, um árduo exame das citações ocorrentes nos escritos dos Pais antes de São Crisóstomo ou (como as defini para ter um limite objetivo) daqueles que morreram antes de 400 DC, com o resultado que o Texto Tradicional se revela apoiado na proporção geral de 3:2 [quer dizer 60%, exatamente como Peter J. Johnston verificou—ver nota 101] contra as outras variações, e numa proporção muito mais alta em trinta passagens de teste. Depois, não querendo apoiar meu argumento sobre [somente] um escrutínio, fui novamente através dos escritos dos setenta e seis Pais afetados (com limitações explanadas neste livro), além de outros que não produziram evidências, e encontrei que, embora algumas instâncias adicionais fossem consequentemente introduzidas no meu livro de anotações, os resultados gerais permaneceram os mesmos. Não me li sonjeio que mesmo agora eu tenha registrado todas as instâncias que poderiam ser colocadas—qualquer pessoa realmente familiarizada com este [tipo de] trabalho saberá que uma tal façanha é absolutamente impossível, porque tal perfeição não pode ser obtida exceto depois de muitos esforços repetidos. Mas afirmo, não apenas que meus esforços têm sido honestos e imparciais, mesmo ao ponto de auto-abnegação, mas que os resultados gerais (que são muito mais do que o exigido pelo meu argumento, como explicado no corpo deste trabalho) estabelecem abundantemente a antigüidade do Texto Tradicional, por provar que, durante o período em pauta, sua aceitação foi superior ao de qualquer outro [tipo-de-texto].¹⁹⁴

Kenyon reconheceu o trabalho de Miller e enunciou os resultados corretamente.

¹⁹²Burgon, *The Causes of the Corruption*, pags. 2-3.

¹⁹³E. Miller, *A Guide to the Textual Criticism of the New Testament* (London: George Bell and Sons, 1886), pag. 53.

¹⁹⁴Burgon, *The Traditional Text*, pags. ix-x. O exercício levado a cabo por Miller colocou o Texto Recebido contra o texto grego costurado pelo corpo de revisores que produziram a "English Revised Version" de 1881, o qual Miller apropriadamente designa de "Neologiano." Ele usou o *Cambridge Greek Testament*, 1887, de Scrivener, que dá o exato texto grego representado pela E.R.V. mas imprime em negrito os locais que diferem do Texto Recebido. Miller limitou a investigação aos Evangelhos. Disse que descartou citações duvidosas e meras questões de grafia, que em casos duvidosos decidiu contra o *Textus Receptus*, e que na tabulação final omitiu muitas instâncias menores, favoráveis ao *Textus Receptus* (*Ibid.*, pags. 94-122).

Aqui está uma questão óbvia. Se puder ser mostrado que as leituras que Hort chama 'Sírias' existiram antes do final do quarto século, cairá a pedra fundamental da estrutura da sua teoria, e uma vez que ele não produziu nenhuma estatística em prova da sua assertiva [!], seus oponentes estavam perfeitamente livres para desafiá-la. Precisa ser admitido que o Sr. Miller não se evadiu do teste. Uma considerável parte do seu trabalho como editor dos papéis do Deão Burgon tomou a forma de uma classificação de citações patrísticas, baseadas sobre os grandes índices que o Deão deixou atrás de si, de acordo com o testemunhar deles a favor ou contra o Texto Tradicional dos Evangelhos.

Os resultados de seu exame são por ele enunciados como segue. Tomando os Pais gregos e latinos (não os Sírios) que morreram antes de 400 DC, descobri-se que suas citações apoiam o Texto Tradicional em 2630 instâncias, e o "neologiano" em 1753. Esta maioria também não é devida somente aos escritores que pertencem ao fim deste período. Ao contrário, se somente os escritores mais antigos forem tomados, de Clemente de Roma até Ireneu e Hipólito, a maioria em favor do Texto Tradicional é proporcionalmente ainda maior, 151 contra 84. Somente nos escritores Ocidentais e Alexandrinos encontramos aproximada igualdade de votos em quaisquer dos lados. Ademais, se uma lista seleta de trinta passagens importantes for tomada para exame detalhado, a preponderância da evidência patrística primeva em favor do Texto Tradicional se revela ser nada menos que 530 contra 170, uma maioria bastante irresistível.

Agora, é claro que se estes números fossem confiáveis haveria um final para a teoria de Hort, pois suas premissas seriam mostradas ser completamente falsas.¹⁹⁵

Antes de procedermos para a réplica de Kenyon, será bom pausarmos e rever as implicações deste intercâmbio. Hort e os muitos (como Kenyon) que lhe têm repetido as palavras, têm asseverado que nem sequer uma leitura "estritamente Bizantina" é encontrada nas obras existentes de qualquer Pai da Igreja antedatando Crisóstomo (que morreu em 407). Para desprovar a afirmação de Hort só é preciso encontrar *algumas* leituras "estritamente Bizantinas" anteriores ao tempo especificado, uma vez que a questão imediatamente em foco é a existência, não necessariamente a prevalência delas. Miller afirma que o texto Bizantino não apenas é encontrado nos escritos dos antigos pais, mas que de fato ele *predomina*.

Com relação aos pais que morreram antes de 400 DC, a questão pode ser agora formulada e respondida. Eles testemunham do Texto Tradicional como existindo desde o início, ou não? Os resultados da evidência, tanto em quantidade quanto em qualidade do testemunho, nos permitem responder não só que o Texto tradicional estava em existência, mas que era predominante durante o período em questão. Que qualquer um que disputar esta conclusão parta da evidência dos Pais e forme para o Texto Ocidental, ou Alexandrino, ou para o Texto de B e S, um arrazoado que possa igualar ou suplantar aquele que tem sido agora posto ante o leitor.¹⁹⁶

¹⁹⁵Kenyon, *Handbook*, pags. 321-22. Tanto Hort como Kenyon claramente declararam que nenhuma leitura estritamente "Síria" existiu antes do fim do 4º século. É encorajador ver que ambos Carson (pag. 111) e Fee ("A Critique," pag. 416) têm retrocedido à afirmação mais fraca que são todas estas leituras juntas, ou o completo "tipo-de-texto", que não teve tal existência.

¹⁹⁶Burgon, *The Traditional Text*, pag. 116.

Ninguém jamais aceitou o desafio de Miller.

Como citado acima, Kenyon reconheceu que, se os números de Miller são corretos, então a teoria de Hort está liquidada. Mas Kenyon continuou:

Um exame deles, no entanto, mostra que não podem ser aceitos como de modo algum representando o verdadeiro estado do caso. Em primeiro lugar, é razoavelmente certo que edições críticas dos vários Pais, se existissem, mostrariam que em muitos casos as citações têm sido assimiladas, em MSS posteriores, ao Texto Tradicional, ao passo que nos anteriores elas concordariam com as testemunhas 'Neutra' ou 'Ocidental'. Contudo, não podemos responsabilizar o Sr. Miller por este defeito. As edições críticas dos Pais Gregos e Latinos, agora em curso de produção pelas Academias de Berlim e Viena, tinham coberto muito pouco do terreno ao tempo quando seus [de Miller] materiais foram compilados, e naquele tempo ele pôde legitimamente usar os materiais acessíveis a ele; e os erros que surgissem desta fonte dificilmente afetariam o resultado geral em qualquer extensão muito séria.¹⁹⁷

Depois de sofismar a respeito de edições críticas ele admitiu que "os erros que surgissem desta fonte dificilmente afetariam o resultado geral em qualquer extensão muito séria." No entanto, a sugestão de Kenyon que "em muitos casos as citações têm sido assimiladas, em MSS posteriores, ao Texto Tradicional" dá a essência de uma contenção hoje largamente usada para evitar a força da crescente evidência em favor de um texto "Bizantino" antigo. Retornaremos a este item daqui a pouco.

Kenyon prosseguiu:

A falácia verdadeira em sua estatística é diferente, e é revelada no detalhado exame das trinta passagens selecionadas. Destas, fica claro que ele entendeu a contenção de Hort de forma completamente errada. As trinta leituras "tradicionais", que ele mostra ser tão esmagadoramente vindicadas pelos Pais, não são o que Hort chamaria de leituras "Sírias" em circunstância alguma. Em praticamente cada caso elas têm atestação "Ocidental" ou "Neutra" em adição a aquela das autoridades posteriores.¹⁹⁸

Ele então se referiu brevemente a instâncias específicas em Mt. 17:21, Mt. 18:11, Mt. 19:16, Mt. 23:38, Mc. 16:9-20, Lc. 24:40 e Jo. 21:25, e continuou:

Em suma, o Sr. Miller evidentemente computou para seu lado cada leitura que ocorre no Texto Tradicional, sem considerar se, sob os princípios de Hort, elas são leituras velhas que conservaram seu lugar na revisão Síria, ou leituras secundárias que foram então introduzidas pela primeira vez. De acordo com Hort, o Texto tradicional é o resultado de uma revisão na qual elementos velhos foram incorporados; e o Sr. Miller meramente aponta para alguns destes elementos velhos, e daí argumenta que o todo é velho. É claro que a teoria de Hort não é tocada por tal argumentação.¹⁹⁹

¹⁹⁷ Kenyon, *Handbook*, pags. 322-23.

¹⁹⁸ *Ibid.*, pag. 323.

¹⁹⁹ *Ibid.*

É difícil acreditar que Kenyon foi exatamente imparcial aqui. Ele tinha obviamente lido a obra de Miller com cuidado. Por que ele não disse nada acerca de "ao arrependimento" em Mt. 9:13 e Mc. 2:17,²⁰⁰ ou "vinagre" em Mt. 27:34,²⁰¹ ou "da porta" em Mt. 28:2,²⁰² ou "os profetas" em Mc. 1:2,²⁰³ ou "boa vontade" em Lc. 2:14,²⁰⁴ ou a oração do Senhor por seus assassinos em Lc. 23:34,²⁰⁵ ou "um favo de mel" em Lc. 24:42,²⁰⁶ ou "aqueles" em Jo. 17:24?²⁰⁷

Essas ocorrências também estão entre "as trinta" e pareceriam ser leituras "estritamente Sírias", se realmente existe uma tal coisa. Por que Kenyon as ignorou? Os casos que Kenyon citou caem dentro do escopo da investigação de Miller porque são leituras Tradicionais, sejam quais forem as outras atestações que também possam ter, e porque os Revisores Ingleses de 1881 as rejeitaram. (Favor observar que uma vez que Hort *et al.* rejeitaram as testemunhas não Bizantinas que concordam com o texto Bizantino naqueles locais, elas têm que ser vistas como tendo fugido da "norma" que escolheu. Se elas se assimilaram ao texto Bizantino, não podem razoavelmente ser citadas como evidência contra esse texto.) Kenyon asseverou que os números de Miller "não podem ser aceitos como de modo algum representando o verdadeiro estado do caso," mas não tem nos mostrado porque. Kenyon [também] nada disse sobre as alegadas "leituras secundárias" que têm amparo patrístico antigo.

²⁰⁰Sustentado por Barnabé (5), Justino M. (*Apol.* i.15), Irineu (III. v. 2), Orígenes (Comentário sobre João xxviii. 16), Eusébio (Comentário sobre Salmo cxlvi), Hilário (Comentário sobre Mateus *ad loc.*), Basílio (*De Poenitent.* 3; Homília sobre Salmo xlviii. 1; *Epist. Class.* I. xlv. 6). A evidência citada nas notas de rodapé 110-117 foi tomada de Burgon, *The Traditional Text*.

Entre as numerosas afirmações dúbias com que Fee nos favorece, nenhuma é mais surpreendente do que sua acusação que "os dados de Burgon e Miller são simplesmente repletos com evidência sustentadora inútil," ("A Critique," pag. 417). Quem quer que estude seus trabalhos com cuidado (com fiz) sairá convencido que são excepcionalmente exaustivos, cuidadosos e escrupulosos em seus tratamentos da evidência patrística. Fee não o é. Diz ele, da leitura "vinagre" em Mt. 27:34, "Tomei o incômodo de conferir novamente três quartos dos dezessete Pais sustentadores [citados] por Burgon e **nenhum deles** [ênfase de Fee] pode ser provado estar citando Mateus!" (pags. 417-18). Uma vez que afirma que ele próprio conferiu os Pais, a construção mais caridosa que pode ser colocada sobre as palavras de Fee é que a checagem foi apressada e sem cuidado. (Favor ir para a nota de rodapé 3 no capítulo 7, para uma refutação da declaração de Fee. Com referência à evidência patrística para "ao arrependimento" em Mt. 9:13 e Mc. 2:17, o leitor interessado deverá conferir as fontes por si mesmo.)

²⁰¹Sustentado pelo Evangelho de Pedro (5), *Acta Philippi* (26), Barnabé (7), Irineu (pags. 526, 681), Tertuliano, Celso, Orígenes, Eusébio de Emesa, pseudo-Taciano, Teodoro de Heraclea, Efraem, Atanásio, *Acta Pilati*.

²⁰²Sustentado pelo Evangelho de Nicodemus, *Acta Philippi*, Atos Apócrifos dos Apóstolos, Eusébio (*ad Marinum*, ii. 4), Gregório de Nyssa (*De Christ. Resurr.* I. 390, 398), Evangelho de Pedro.

²⁰³Sustentado por Irineu (III. xvi. 3), Orígenes, Porfírio, Eusébio, Tito de Bostra.

²⁰⁴Sustentado por Irineu (III. x. 4), Orígenes (*c. Celsum* i. 60; *Seleções sobre Sl xlv.*; Comentário sobre Mt xvii; Comentário sobre João i. 13), Gregório Taumaturgo (*De Fid.* Cap. 12), Metódio (Sermões de Simeão e Ana), Constituições Apostólicas (vii. 47; viii. 12), *Diatessaron*, Eusébio (*Dem. Ev.* pags. 163, 342), Afraates (i. 180, 385), Jacob-Nisibis, Tito de Bostra, Cirilo de Jerusalém (pag. 180), Atanásio, Efraem (Gr. iii. 434).

²⁰⁵Sustentado por Hegésipo (*Eus. H.E.* ii. 23), Marcion, Justino, Irineu (*c. Haer.* III. xviii. 5), Arquelau (xliv), Hipólito (*c. Noet.* 18), Orígenes (ii. 188), Constituições Apostólicas (ii. 16; v. 14), Homílias de Clementino (*Recogn.* vi. 5; Hom. xi. 20), pseudo-Taciano (E. C. 275), Eusébio (cânon x), Hilário (*De Trin.* 1. 32), *Acta Pilati* (x. 5), Teodoro de Heraclea, Atanásio (i. 1120), Tito de Bostra, Efraem (ii. 321).

²⁰⁶Sustentado por Marcion (*ad loc.*), Justino M. (ii. 240, 762), Clemente de Alexandria (pag. 174), Tertuliano (i. 455), *Diatessaron*, Atanásio (i. 644), Cirilo de Jerusalém (iv. 1108), Gregório de Nyssa (i. 624).

²⁰⁷Sustentado por Irineu (*c. Haeres.* IV. xiv. 1), Clemente de Alexandria (*Paed.* i. 8), Cipriano (pags. 235, 321), *Diatessaron*, Eusébio (*De Eccles. Theol.* iii. 17--bis; *c. Marcell.* pag. 292), Hilário (pags. 1017, 1033), Basílio (*Eth.* ii, 297), Celestino (*Concilia* iii. 356).

Os números de Miller representam precisamente o que ele afirmou representarem. "O verdadeiro estado do caso" é que o Texto Tradicional ("Bizantino") recebe *mais sustentação* dos antigos Pais da Igreja do que o texto crítico (essencialmente W-H) usado pelos Revisores ingleses. Deve ser notado que, sem dúvidas, há numerosas leituras assim chamadas "Ocidentais" e "Alexandrinas"²⁰⁸ a serem encontradas nos Pais primeiros as quais não estão incluídas nos números de Miller porque os Revisores as rejeitaram. Se estivessem todas elas tabuladas, as leituras "Bizantinas" talvez perderiam a maioria absoluta da atestação patrística antiga, mas ainda estariam presentes e atestadas, a partir do começo, e esta é a questão em pauta agora.

Leituras Puramente "Sírias"

A declaração de Kenyon contém um outro problema. Ele referiu-se a "leituras puramente 'Sírias'" e efetivamente negou ao texto "Sírio" qualquer leitura que porventura tenha alguma atestação "Ocidental" ou "Alexandrina" (atestação que já foi arbitrariamente categorizada de acordo com as pressuposições da teoria). Mas quais, exatamente, seriam estes componentes "Sírios" tardios ou "puros"?

E. F. Hills evidentemente conduziu uma busca por eles. Ele observa:

A segunda acusação comumente alegada contra o texto Bizantino é que contém tantas leituras recentes. Um texto com todas essas leituras recentes, assim se diz, tem que ser um texto recente. Mas é extraordinário quão poucas realmente foram as leituras Bizantinas que Westcott e Hort designaram como recentes. Em seu *Notes on Select Readings*, Hort discutiu cerca de 240 exemplos de variação entre os manuscritos dos Evangelhos, e em apenas umas vinte quis ele caracterizar a leitura Bizantina como sendo recente. Assim, pareceria que mesmo na própria admissão de Hort apenas cerca de dez por cento das leituras do texto Bizantino [questionadas] são recentes, e desde os dias de Hort o número destas leituras Bizantinas alegadamente recentes vem gradualmente diminuindo.²⁰⁹

²⁰⁸Novamente deparamos com o fugir-da-pergunta-por-assumir-o-fato-como-provado que é característico de Hort e muitos escritores subsequentes. Ireneu, por exemplo, é arbitrariamente declarado ser uma testemunha do "tipo-de-texto Ocidental" e então qualquer leitura que ele tenha é imediatamente e por isso declarada ser "Ocidental". Mesmo se concedêssemos a existência de tais entidades como os tipos-de-texto "Ocidental" e "Alexandrino" (só para fins de argumentação), se fosse imposta a exigência que somente aquelas leituras que são sustentadas por uma **maioria** das testemunhas atribuídas a um tipo-de-texto possam ser reivindicadas para este, então o número de leituras "Ocidentais", "Alexandrinas", e "Cesareanas" encolheria **drasticamente**. Em contraste, o número de leituras "Bizantinas" permaneceria aproximadamente o mesmo.

Há um detalhe adicional que, penso eu, não tem recebido atenção suficiente. Miller colocou o Texto Tradicional contra o "Neologiano" (W-H) porque este representava o julgamento dos Revisores quanto ao que seria o texto original. Segue-se que quaisquer testemunhas "Ocidentais" e, especialmente, "Alexandrinas" que atestaram algo diferente foram rejeitadas, em cada um desses pontos. Assim, presumivelmente, quaisquer testemunhas "Alexandrinas" rejeitadas não mais seriam "Alexandrinas", naqueles pontos—ou existiram diversos tipos-de-texto "Alexandrinos"? Em que base podem aquelas testemunhas "Alexandrinas" rejeitadas (rejeitadas por Hort e pelos Revisores) ser usadas para invalidar leituras "Bizantinas"?

²⁰⁹E.F. Hills, *The King James Version Defended!* (Des Moines: The Christian Research Press, 1956), pag. 73. Carson continua a fugir-da-pergunta-por-assumir-o-fato-como-provado (pag. 111). Se a tendência atual continuar até que todas as leituras "puramente Bizantinas" tenham atestação bem antiga, ele não ficará perturbado, uma vez que continuará a declarar arbitrariamente que tais leituras são "Ocidentais" ou "Alexandrinas." Quero respeitosamente submeter a opinião que as normas geralmente aceitas do proceder acadêmico não permitem a continuada fuga deste questionamento em particular, por meramente assumir o fato como provado .

(E todavia Hort depreciou o inteiro testemunho "Sírio" como sendo recente.)

Parece claro que o texto "Bizantino" não pode ganhar num fórum presidido por um juiz com a inclinação de Kenyon. Sempre que uma testemunha primeva vem à tona é declarada ser "Alexandrina" ou "Ocidental" ou "Cesareana" e daí aquelas leituras "Sírias" que ela contém cessam de ser "puramente Sírias" e não mais são permitidas como evidência. Um tal procedimento é evidentemente útil aos defensores da teoria de Hort, mas é ele certo?

É comum entre os muitos que estão determinados a desprezar o texto "Bizantino" evadirem-se da questão, como Kenyon o fez acima. Os postulados da teoria de Hort são assumidos como verdadeiros e a evidência é interpretada com base nessas pressuposições. Além da natureza imaginária dos textos "Alexandrino" e "Ocidental", como entidades estritamente definíveis, a antecedência deles face o texto "Bizantino" é o exato ponto a ser provado e não pode ser assumido. A declaração de Kirsopp Lake é representativa. Tomando Orígenes, Ireneu e Crisóstomo respectivamente como representantes dos textos "Neutro", "Ocidental", e "Bizantino", ele asseverou:

Embora Crisóstomo e Orígenes freqüentemente se unam em diferir de Ireneu, e Crisóstomo e Ireneu em diferir de Orígenes, já Crisóstomo não difere de ambos a uma só vez. E isto é quase [uma] prova demonstrativa que seu texto, (caracteristicamente representativo dos Pais, versões e MSS posteriores), é um texto eclético.²¹⁰

Mesmo se a descrição dos fenômenos por Lake fosse verdadeira (mas lembre o que ele próprio disse de estudiosos copiando um do outro, com referência a Crisóstomo), há uma outra interpretação perfeitamente adequada de tais fenômenos. Nas palavras de Hills,

Certamente há uma maneira muito mais razoável de explicar porque cada texto não Bizantino (incluindo Papiro Bodmer II) contém leituras Bizantinas não encontradas em outros textos não Bizantinos. Se considerarmos o texto Bizantino como o original, então é perfeitamente natural que cada texto não Bizantino deva concordar com o texto Bizantino em locais onde os outros textos não Bizantinos se desviaram dele.²¹¹

Também, dada a antecedência do texto "Bizantino", os locais onde todos os textos divergentes acontecem abandonar o "Bizantino" ao mesmo tempo seriam poucos. Arbitrariamente atribuir Pais e manuscritos e versões às famílias "Alexandrina" e "Ocidental", e então negar ao texto "Bizantino" leituras que uma ou mais destas testemunhas arbitrariamente atribuídas também acontecem sustentar, não parece nem honesto nem coisa que se espera de estudiosos.

²¹⁰Lake, pag. 72. Pelo contrário: uma situação dessas demonstra a existência de três linhas de transmissão independentes. Se Crisóstomo nunca fica sozinho, então ele representa a melhor linha.

²¹¹J.W. Burgon, *The Last Twelve Verses of the Gospel According to Saint Mark* (Ann Arbor, Mich.: The Sovereign Grace Book Club, 1959), pag. 55. Esta reimpressão da obra de Burgon, 1871, contém uma Introdução por E.F. Hills, ocupando as páginas 17-72.

Um expediente preconceituoso

Antes de fecharmos esta seção, resta lidarmos com o expediente a que previamente aludimos, pelo qual muitos procuram se evadir da evidência patrística ante-Nicena para o texto "Bizantino." Vincent Taylor expressa o expediente tão nuamente quanto qualquer deles. "Ao julgar entre duas leituras alternativas [para um dado Pai em um dado local], o princípio a ser adotado é que aquele que diverge do texto eclesiástico posterior (o TR) é mais provável de ser original"²¹²

²¹²Taylor, pag. 39. Fee continua a propor vigorosamente este expediente. "Minha experiência é que em cada instância uma edição crítica do Pai move o texto de seu Novo Testamento em algum grau **distanciando-se da** tradição Bizantina" ("Modern Text Criticism," pag. 160). Ele recentemente observou que "todos os dados de Burgon ... são suspeitos devido ao seu uso de edições não críticas" ("A Critique," pag. 417).

Mas há razão para questionar se podemos confiar em editores com uma tendência anti-Bizantina para relatar a evidência de modo imparcial. Certamente uma edição crítica de Irineu preparada por Fee não seria de confiar. Ao discutir a evidência para "nos profetas" contra "em Isaías o profeta" em Mc. 1:2 ("A Critique," pags. 410-11), Fee não menciona Irineu sob a leitura do Texto Majoritário, aonde ele se enquadra, mas sob a outra leitura diz, "exceto por uma citação de Irineu". Fee então oferece o seguinte comentário em uma nota de rodapé: "Uma vez que esta citação ergue-se solitária em toda a evidência antiga grega e latina, e uma vez que o próprio Irineu claramente conhece o outro texto, esta 'citação' é especialmente suspeita de adulteração posterior." Ele vai em frente para concluir sua discussão desta passagem afirmando que a leitura mais longa é "a única leitura conhecida por todo Pai da igreja que cita o texto." Ao fim de sua discussão Fee tem completamente suprimido o indesejado testemunho de Irineu.

Mas é o testemunho de Irineu, aqui, realmente suspeito? Em Adv. Haer. III.10.5 lemos: "Marcos ... assim começa sua narrativa do Evangelho: 'O princípio do Evangelho de Jesus Cristo, o Filho de Deus, como está escrito nos profetas: Eis ... [as citações continuam].' Claramente o começo do Evangelho cita as palavras dos santos profetas, e apontam para Ele ... a quem confessaram como Deus e Senhor." Note que Irineu não apenas cita Mc. 1:2 mas comenta sobre ele, e em ambos citação e comentário sustenta a leitura "Bizantina". Mas o comentário é um pouco distante da citação e é inteiramente improvável que um copista teria molestado o comentário mesmo se tivesse se sentido chamado a mudar a citação. Jogo limpo exige que esta citação seja lealmente registrada como apoio do 2º século para a leitura "Bizantina".

Uma outra citação, quase tão inambígua, ocorre em Adv. Haer. III.16.3, onde lemos: "Razão pela qual Marcos também diz: 'O princípio do Evangelho de Jesus Cristo, o Filho de Deus, como está escrito nos profetas.' Conhecendo um e o mesmo Filho de Deus, Jesus Cristo, quem foi anunciado pelos profetas. ..." Veja que novamente Irineu não apenas cita Mc. 1:2 mas também o comenta, e em ambos citação e comentário ele sustenta a leitura "Bizantina".

Há também uma clara alusão a Mc. 1:2 em Adv. Haer. III.11.4, onde lemos: "Por qual Deus, então, foi João, o arauto-precursor ... enviado? Verdadeiramente foi por Ele ... quem também tinha prometido pelos profetas que enviaria Seu mensageiro diante da face do Seu Filho, quem [o mensageiro] prepararia Seu [do Filho] caminho..." Não podemos nós razoavelmente reivindicar esta como uma **terceira** citação em apoio da leitura "Bizantina"? Em qualquer caso, fica claro que a manipulação das evidências de Irineu por Fee na melhor das hipóteses é decepcionante, se não repreensível.

Enquanto estamos no assunto da confiabilidade de Fee, ofereço a avaliação feita por W.F. Wisselink [cf. nota de rodapé 168, abaixo] depois de uma exaustiva investigação da sua obra:

Enquanto eu estava estudando o relato de Fee [P⁷⁵, p⁶⁶, and Origen: 'The Myth of Early Textual Recension in Alexandria,' *New Dimensions in New Testament Study*, ed. R.N. Longenecker e M.C. Tenney (Grand Rapids: Zondervan, 1974), pags. 42-44] tornou-se-me aparente que ele é incompleto e indistinto, e que contém erros. Fee descreve a sua investigação em pouco mais que uma página. Introduce seu relato como segue: 'A plena justificativa desta conclusão requererá um volume de considerável tamanho cheio com listas de dados. Aqui podemos oferecer somente uma ilustração-amostra, com a nota adicional que os dados completos variarão pouco da amostragem' (Fee, 1974, 42).

Daí, solicitei de Fee os dados completos. Recebi seis páginas parcialmente preenchidas contendo os dados (em forma de rascunho) sobre as assimilações em Lucas 10 e 11. "Depois de

Este expediente é estendido mesmo a casos onde não há nenhuma alternativa. A alegação é que copistas alteraram a redação do Pai para conformá-la à "Bizantina", que consideravam como "correta".²¹³ É óbvio que o efeito de um tal procedimento é pôr o texto "Bizantino" em desvantagem. Uma investigação baseada neste princípio está "armada" contra o TR.²¹⁴

Mesmo que pareça haver certos exemplos onde isto tem demonstravelmente ocorrido, tais exemplos não justificam uma ampla generalização. Esta se baseia na suposição que o texto "Bizantino" é subsequente—mas isto é o exato ponto a ser provado e não pode ser assumido.

Se o texto "Bizantino" é primevo não há nenhuma razão para supor que uma leitura "Bizantina" em um Pai antigo é devida a um copista posterior, a não ser que seja possível uma demonstração inequívoca neste sentido. Miller mostrou claramente que estava plenamente consciente deste problema e alerta para excluir da sua tabulação quaisquer exemplos suspeitos.

Uma objeção talvez possa ser feita, que os textos dos livros dos Pais são certos de terem sido alterados para coincidirem mais acuradamente com o Texto Recebido. Isto é verdadeiro a respeito de *Ethica* ou *Moralia*, de Basílio, e de *Regulae brevius Tractatae*, que parecem ter sido constantemente lidos nas refeições, ou senão estiveram em uso contínuo nas Casas Religiosas. Os monges de uma época posterior não se contentariam em ouvir diariamente passagens familiares

estuda-los, cheguei à conclusão que também são incompletos e indistintos, e contém erros. Assim, pontos de interrogação podem ser colocados na confiabilidade da investigação à qual aqueles dados rudes e aquele relatório fazem referência. [Wisselink, pag. 69.]

Wisselink então prossegue para documentar suas acusações nas três páginas seguintes.

Repito que não poderíamos confiar numa edição crítica de Irineu preparada por Fee, e começo a duvidar que qualquer edição preparada por alguém com um preconceito anti-Bizantino seria de confiar. Isto sem falar da falácia do ponto de partida deles, a saber que o texto "Bizantino" é recente.

As três citações de Irineu são tomadas de A. Roberts e J. Donaldson, eds. *The Ante-Nicene Fathers*, 1973, Vol. I, pags. 425-26 e 441, e foram conferidas, quanto à acurácia, contra a edição crítica de W. W. Harvey (*Sancti Irenaei: Episcopi Lugdunensis: Libros Quinque Adversus Haereses*, Cambridge: University Press, 1857). Devo este material sobre Irineu a Maurice A. Robinson.

²¹³Naturalmente este princípio também é aplicado aos MSS gregos, com conseqüências sérias. Uma declaração por Metzger dá um exemplo claro.

Deve ser observado que, de acordo com a teoria que membros de f¹ e f¹³ foram sujeitos à progressiva acomodação ao texto Bizantino posterior, estudiosos têm estabelecido o texto destas famílias por adotarem leituras de testemunhas (dentro da família) que diferem do *Textus Receptus*. Por conseqüência, a citação da sigla f¹ e f¹³ pode, em qualquer dado exemplo, significar uma minoria de manuscritos (ou mesmo somente um) que pertence à família. (*A Textual Commentary on the Greek New Testament* [companheiro de UBS³], pag. xii.)

Um tal procedimento engana o usuário do aparato, que tem todo o direito de esperar que a sigla somente será usada quando todos (ou quase todos) os membros concordam. Uma visão distorcida é criada—a divergência de f¹ e f¹³ para com o texto "Bizantino" é feita parecer maior do que realmente é, e a extensão da variação entre os membros [em cada família] é obscurecida. O estudo sobre Cirilo de Jerusalém por Greenlee (pag. 30, ver próxima nota de rodapé) provê um outro exemplo. Ente outras coisas, ele apela para o "bem conhecido fato que todas as testemunhas Cesareanas são mais ou menos corrigidas em direção ao padrão Bizantino, mas em diferentes locais, de modo que os grupos têm que ser considerados como um todo, não pelos membros individuais dele, para se ter a verdadeira visão [da situação]." O comportamento dos MSS individuais não fariam mais sentido se vistos como fugindo do padrão Bizantino?

²¹⁴Eu acredito que o estudo sobre Cirilo de Jerusalém por J.H. Greenlee é um exemplo. *The Gospel Text of Cyril of Jerusalem* (Copenhagen: Ejnar Munksgaard, 1955).

das Santas Escrituras fraseadas em termos diferentes daqueles com os quais estavam acostumados e que consideravam corretos. Este fato ficou perfeitamente evidente depois de exame, porque esses tratados foram achados dar evidência ao *Textus Receptus* na proporção de cerca de 6:1, enquanto os outros livros de São Basílio a concedem correspondendo a uma proporção de cerca de 8:3. [Mas, não poderia ser o caso que, precisamente por causa do “uso contínuo nas Casas Religiosas” (e ainda mais se esse uso começou bem cedo), a proporção de 6:1 reflete a transmissão fiel ou pura enquanto “os outros livros” sofreram alguma adulteração?]

Pela mesma razão não tenho incluído a edição do Evangelho de São Lucas por Marcion, ou o *Diatessaron* de Taciano, na lista de livros ou autores, porque tais representações dos Evangelhos, tendo estado em uso público, seguramente foram revisados de tempos em tempos, de modo a conciliá-los com o julgamento daqueles que os liam ou ouviam. Nossos leitores observarão que fiz um exercício de auto-negação porque, pela inclusão das obras mencionadas, a lista no lado Tradicional teria sido grandemente aumentada. Mas nossos alicerces têm sido fortalecidos, e realmente a posição do Texto Tradicional apoia-se tão firmemente sobre o que não é passível de dúvidas, que pode dispensar aqueles prístimos que possam ser abertos a alguma suspeita. (Todavia Marcion e Taciano podem ser razoavelmente citados como testemunhas sobre leituras individuais.) E permanece a inferência natural que as diferenças entre os testemunhos de *Ethica* e de *Regulae brevius Tractatae* por um lado, e aqueles das outras obras de Basílio do outro lado, sugerem que demasiada variação e demais daquilo que é evidentemente variação característica, de leituras, vem ao nosso encontro nas obras dos diversos Pais, para a existência de qualquer dúvida que na maioria dos casos temos as palavras, embora talvez não a grafia, como originalmente fluíram da pena do autor. Leituras variantes de citações ocorrendo em edições diferentes dos Pais são encontradas, de acordo com minha experiência, com muito menos freqüência do que alguém poderia supor. Onde eu vi uma diferença entre MSS anotada no Beneditino ou outras edições ou em cópias a partir do Beneditino ou em outros impressos, naturalmente considerei a passagem duvidosa e não a registrei. Familiaridade com este tipo de testemunho não pode senão fazer mais evidente a sua confiabilidade geral.²¹⁵

Depois deste cuidadoso peneiramento, Miller ainda chegou a 2630 citações, de 76 Pais ou fontes, cobrindo uma extensão de 300 anos (100 - 400 DC), sustentando leituras do texto "Bizantino" em oposição àquelas do texto crítico dos Revisores Ingleses (que recebeu 1753 citações). Irá alguém seriamente propor que todas aquelas citações, ou a maioria delas, foram alteradas? Que base objetiva existe para fazer tal proposta? Hills discute o caso de Orígenes como segue:

²¹⁵Burton, *The Traditional Text*, pags. 97-98. Acredito que Suggs tende a concordar com Miller que a inclinação assimiladora dos copistas medievais pode facilmente ser superestimada ("The Use of Patristic Evidence," pag. 140). Os Lecionários dão testemunho eloqüente contra a suposta inclinação assimiladora. Depois de discutir em alguma extensão a falta de consistência textual deles, Colwell observa: "Figurativamente falando, o Lecionário é um conservante no qual, de tempos em tempos, porções do texto vivo foram colocadas. Uma vez submersas no Lecionário, cada porção foi solidificada ou determinada." (Colwell and Riddle, *Prolegomena to the Study of the Lectionary Text of the Gospels*, pag. 17). Similarmente, Riddle cita favoravelmente a estimativa de Gregório: "Ele viu que, como um produto do sistema litúrgico, eles eram guardados por uma força fortemente conservadora, e ele foi correto na sua inferência que o conservadorismo da liturgia tenderia freqüentemente a fazê-los o meio para a preservação de um texto antigo. Foi boa a sua analogia com o Saltério da Igreja Anglicana" (*Ibid.*, pags. 40-41). Muitas das lições no Livro de Orações Anglicano são muito mais velhas que a AV mas nunca têm sido adaptadas à AV. Em suma, temos boas razão para duvidar que copistas medievais foram tão pesadamente inclinados a assimilar (adaptar) o texto como estudiosos tais como Taylor desejam nos fazer crer.

Nos primeiros quatorze capítulos do Evangelho de João (isto é, na área coberta pelo Papiro Bodmer II), de 52 ocasiões nas quais o texto Bizantino fica sozinho, Orígenes concorda com o Bizantino 20 vezes e discorda 32 vezes. Assim, a afirmação dos críticos que Orígenes nada sabia do texto Bizantino torna-se verdadeiramente difícil de manter. Ao contrário, estas estatísticas sugerem que Orígenes conhecia o texto Bizantino e freqüentemente adotou suas leituras em preferência àquelas dos textos Ocidental e Alexandrino.

Críticos naturalistas, é verdade, têm feito um esforço resolutivo para justificar removerem as leituras 'distintamente' Bizantinas que aparecem nas citações do Novo Testamento por Orígenes (e outros Pais ante-Nicena). É argumentado que estas leituras Bizantinas não são realmente de Orígenes mas representam alterações feitas por escribas que copiaram suas obras. É mantido que estes copistas revisaram as citações originais de Orígenes e as conformaram ao texto Bizantino. A evidência do Papiro Bodmer II, no entanto, indica que esta não é uma explanação adequada para os fatos. Certamente parece uma maneira muito insatisfatória para explicar os fenômenos que aparecem nos primeiros quatorze capítulos de João. Nestes capítulos, 5 das 20 leituras 'distintamente' Bizantinas que ocorrem em Orígenes também ocorrem em Papiro Bodmer II. Estas 5 leituras, pelo menos, devem ter sido as leituras de Orígenes, não aquelas de escribas que copiaram as obras de Orígenes. E o que é verdade a respeito destas 5 leituras é provavelmente verdade a respeito das outras 15, ou pelo menos da maioria delas.²¹⁶

Esta demonstração deixa claro que o expediente acima deplorado é de fato indefensável.

O testemunho dos antigos Pais

Para recapitular, leituras "Bizantinas" são reconhecidas (mais notavelmente) pela *Didache*, Diogneto e Justino Mártir na primeira metade do segundo século; pelo Evangelho de Pedro, Atenágora, Hegésipo, e Ireneu (pesadamente) na segunda metade; por Clemente de Alexandria, Tertuliano, Clementino, Hipólito e Orígenes (todos pesadamente) na primeira metade do terceiro século; por Gregório de Taumaturgo, Novaciano, Cipriano (pesadamente), Dionísio de Alexandria e Arquelau na segunda metade; por Eusébio, Atanásio, Macário Magno, Hilário, Dídimo, Basílio, Tito de Bostra, Cirilo de Jerusalém, Gregório de Nyssa, Cânones e Constituições Apostólicas, Epifânio, e Ambrósio (todos pesadamente) no quarto século. Aos quais podemos adicionar o testemunho dos antigos Papiros.

O testemunho dos antigos Papiros

Nos dias de Hort e mesmo de Miller, os antigos Papiros não eram conhecidos—se o fossem, a teoria de W-H dificilmente poderia ter aparecido na forma que o fez. Cada um dos primeiros Papiros (300 DC ou antes) atesta algumas leituras "Bizantinas". G. Zuntz realizou um estudo exaustivo de P⁴⁶ e concluiu:

Para sumariar: várias leituras Bizantinas, a maioria delas genuína, que previamente foram descartadas como 'posteriores', são antecipadas por P⁴⁶. ... Como

²¹⁶Burton, *The Last Twelve Verses*, pag. 58. Sturz lista um número de leituras "Bizantinas" adicionais que têm tido sustentação patrística antiga (Clemente, Tertuliano, Marcion, Metódio) e que agora têm também sustentação antiga pelos papiros (pags. 55-56). Aqui, novamente, não mais funcionará a alegação que os MSS dos Pais têm sido alterados para se conformarem ao texto "Bizantino".

então—assim vem a vontade de continuar perguntando—onde não acontece de algum papiro Chester Beatty certificar a existência primitiva de uma leitura Bizantina? São todas as leituras Bizantinas antigas? No caso cognato da tradição Homérica G. Pasquali responde a mesma pergunta na afirmativa.²¹⁷

Colwell reconhece a declaração de Zuntz e concorda.²¹⁸ Ele tinha dito do "Novo Testamento Bizantino" alguns anos antes, "A maioria das suas leituras existiram no segundo século."²¹⁹

Hills afirma que os papiros Beatty vindicam 26 leituras "Bizantinas" nos Evangelhos, 8 em Atos e 31 nas epístolas de Paulo.²²⁰ Ele diz em referência a P⁶⁶:

Para ser preciso, o Papiro Bodmer II contém treze por cento (18 de 138) de todas as leituras alegadamente posteriores do texto Bizantino na área que ele cobre. Treze por cento das leituras Bizantinas que a maioria dos críticos tem considerado como posteriores têm sido provados agora pelo Papiro Bodmer ser leituras primevas.²²¹

A declaração de Colwell sobre P⁶⁶ já foi dada.

Muitos outros estudos são disponíveis, mas aquele de H.A. Sturz sumaria tudo.²²² Ele inspecionou "todos os papiros disponíveis" para descobrir quantas leituras "Bizantinas", sustentadas por papiros, existem. Ao tentar decidir quais leituras eram "distintamente Bizantinas" ele fez um esforço consciente para 'errar do lado conservador', de modo que a lista é mais curta do que poderia ser (p. 144).

Ele encontrou (e alista a evidência em favor de) mais de 150 leituras "distintamente Bizantinas" que têm apoio por papiros primevos (antes de 300 DC) (pags. 145-59). Localizou 170 leituras "Bizantinas-Occidentais" com sustentação por antigos papiros (pags. 160-174). Encontrou 170 leituras "Bizantinas-Alexandrinas" com sustentação por antigos papiros (pags. 175-87). Fornece as evidências para mais 175 leituras que são Bizantinas mas que têm sustentação escassa "Occidental" ou "Alexandrina", com sustentação por antigos papiros.²²³ Refere-se ainda a outras 195 leituras onde a leitura "Bizan-

²¹⁷Zuntz, *The Text*, pag. 55.

²¹⁸Colwell, "The Origin of Texttypes," pag. 132.

²¹⁹Colwell, *What is the Best New Testament?*, pag. 70.

²²⁰Burgon, *The Last Twelve Verses*, pag. 50. (Hills escreveu a Introdução.)

²²¹*Ibid.*, pag. 54.

²²²H.A. Sturz, *The Byzantine Text-Type and New Testament Textual Criticism*.

²²³Pags. 188-208. Sturz observa que leituras em um bom número (15 desta lista) realmente devem ser consideradas como "distintamente Bizantinas," mas uma ou outra testemunha alegadamente "Occidental" ou "Alexandrina" também as contém, e daí

Sturz formula as seguintes conclusões a partir das evidências que apresenta: 1) Leituras "Distintamente Bizantinas" são encontradas em papiros antigos (pag. 55). 2) Consequentemente, tais leituras são antigas (pag. 62). 3) Tais leituras não podem ser o resultado de um editar no 4º século (pag. 62). 4) Os unciais antigos não têm preservado um quadro completo da situação textual no 2º século (pag. 62). 5) O tipo-de-texto "Bizantino" tem preservado alguma parte da tradição do 2º século **não** encontrada nos outros (pag. 64). 6) A posterioridade de outras leituras "Bizantinas", para as quais atestação por papiros antigos ainda não tem vindo à tona, é agora questionável (pag. 64). 7) Alinhamentos "Bizantino-Occidentais" retrocedem até dentro do 2º século; eles **têm** que ser antigos (pag. 70).

(Fee fala de minhas "distorções da evidência dos papiros" e diz, com referência a ela, que eu tenho "grosseiramente mal-interpretado os dados" ("A Critique," pag. 422). Eu convido o leitor a conferir as evidências apresentadas por Sturz e então decidir por si próprio se tem ou não havido distorção e má interpretação.)

tina" tem sustentação por papiros, mas ele não se deu o trabalho de alistá-los (aparentemente considerou que estas variantes eram de menor consequência).²²⁴

A magnitude desta atestação pode ser mais plenamente apreciada ao se lembrar que somente cerca de 30 por cento do Novo Testamento tem atestação por papiros antigos, e boa parte desses 30 por cento tem somente um papiro. Onde mais que um cobre uma extensão de texto, cada novo MS descoberto vindica leituras Bizantinas adicionais. Extrapolando o comportamento daqueles ao alcance, se tivéssemos pelo menos 3 papiros cobrindo todas as partes do Novo Testamento, quase todas as 6000+ leituras Bizantinas rejeitadas pelos textos críticos (ecléticos) seriam vindicadas por um papiro primevo.

Parece que a declaração de Hort sobre (ou seu tratamento de) a evidência externa não tem nenhuma base nos fatos. Que tal sua declaração sobre evidência interna?

Evidência Interna das Leituras

Já temos registrado algo sobre o uso que Hort fez da evidência interna, mas ele próprio reconheceu as fraquezas daquele uso. Ele disse: "Ao lidar com este tipo de evidência [Evidência Intrínseca das Leituras], críticos igualmente competentes frequentemente chegam a conclusões contraditórias quanto às mesmas variações."²²⁵

E outra vez, quatro páginas depois: "Impulsos mentais são assuntos não apenas insatisfatórios para estimativas de força comparativa; mas uma pluralidade de impulsos por nós reconhecidos como possíveis em qualquer dado caso, de modo algum implica uma pluralidade de impulsos como realmente tendo estado em operação."²²⁶

Exatamente! Nenhuma pessoa do vigésimo século, confrontando um conjunto de leituras variantes, pode saber ou provar o que realmente aconteceu para produzir as variantes.

Uma vez mais, a pregação de Hort é melhor do que sua prática:

As decisões sumárias (inspiradas por um instinto sem hesitações quanto ao que um autor tem que ter escrito, ou ditadas pela suposta autoridade dos 'cânones da crítica') quanto ao que os copistas têm que ter introduzido, realmente são, em uma ampla proporção dos casos, tentativas para fugir de solucionar problemas que dependem de dados genealógicos.²²⁷

Se apenas trocarmos as palavras "dados genealógicos" por "evidência externa", então podemos concordar com Hort. Infelizmente, no entanto, os admiráveis pensamentos acima citados não foram senão uma cortina de fumaça. Como Fee diz, referindo-se a Hort:

²²⁴Pag. 189. Isto significa que os papiros antigos atestam as leituras "Bizantinas" em 660 (ou 885) locais onde há variação significativa. Poder-se-ia desejar que Sturz também nos tivesse dado os números para leituras "distintamente Ocidentais" e "distintamente Alexandrinas", mas como definir tais expressões? Onde há uma definição objetiva para "leitura Ocidental", por exemplo?

²²⁵Westcott e Hort, pag. 21.

²²⁶*Ibid.*, pag. 25. Fee me critica severamente por meu "agnosticismo" ("A Critique," pag. 409), mas minha declaração dificilmente é mais forte que a de Hort.

²²⁷*Ibid.*, pag. 286.

A evidência interna de leituras foi também o fator predominante na escolha do seu texto 'Neutro' sobre os textos 'Occidental' e 'Alexandrino' ... e sua escolha de B. ...

O ponto relevante é que Hort não chegou à sua conclusão acerca dos [manuscritos] Bizantinos e B pelo método genealógico, ...²²⁸

A natureza precária e insatisfatória da evidência interna já tem recebido alguma atenção na discussão de ecletismo. Colwell diz especificamente do uso de probabilidade intrínseca e transcricional, "Infelizmente, estes dois critérios freqüentemente colidem frontalmente, porque tanto copistas antigos como redatores modernos freqüentemente preferiram a leitura que melhor se adequa ao contexto."²²⁹ "Se escolhermos a leitura que melhor explica a origem da outra leitura, estamos usualmente escolhendo a leitura que não se encaixa no contexto. Os dois critérios se cancelam um ao outro."²³⁰ E isto deixa o estudioso "livre para escolher em termos dos seus próprios prejuízos."²³¹

Burton disse a respeito de considerações internas: "Freqüentemente são o produto de inclinação pessoal ou observação limitada: e, onde um estudioso as aprova, outro as condena dogmaticamente. Evidência circunstancial é merecidamente avaliada como inferior, nos fóruns de justiça: e advogados apresentam testemunhas sempre que puderem."²³²

Aventuramo-nos a declarar que, já que as noções de um perito sobre o que é 'transcricionalmente provável' provam ser diametralmente contrários às noções de um outro perito, a suposta evidência a ser derivada desta fonte pode, com vantagem, ser totalmente desprezada. Permita-se que o estudo da **Evidência Documental** tome seu lugar. Noções de 'Probabilidade' são a grande praga daquelas províncias da Ciência onde é possível recorrer a **Fatos**.²³³

Burton também chamou a atenção para um perigo envolvido no uso de um sistema de cânones rígidos: "As pessoas são usualmente constituídas de tal modo que, uma vez que tenham construído um sistema de cânones, não põem nenhum limite à operação deles, e tornam-se seus escravos."²³⁴ (O uso de *ardua lectio potior* [preferir a leitura mais difícil] por Gordon Fee me parece ser um caso relevante.)²³⁵

A leitura mais curta

Talvez o cânnon mais amplamente usado contra o texto "Bizantino" seja *brevior lectio potior*—a leitura mais curta seja a preferida. Hort assim expressou a base alegada para o cânnon: "No Novo Testamento, como em quase todos os escritos em prosa que têm sido muito copiados, adulterações por interpolação são muitas vezes mais numero-

²²⁸Fee, "Modern Text Criticism and the Synoptic Problem," *J.J. Griesbach: Synoptic and Text-Critical Studies 1776-1976*, ed. B. Orchard e T.R.W. Longstaff (Cambridge: University Press, 1978), pag. 156.

²²⁹Colwell, "The Greek New Testament," pag. 37.

²³⁰Colwell, "External Evidence," pag. 4.

²³¹*Ibid.*, pag. 3.

²³²Burton, *The Traditional Text*, pag. 67.

²³³Burton, *The Revision Revised*, pag. 251.

²³⁴Burton, *The Traditional Text*, pag. 66.

²³⁵Fee, *Papyrus Bodmer II*.

sas que adultrações por omissão.²³⁶ Consequentemente, tem sido costumeiro, desde Hort, taxar o Texto Recebido como sendo cheio e interpolado, e considerar B e Aleph como excelentes exemplos de textos não interpolados.²³⁷

Mas será realmente verdade que interpolações "são muitas vezes mais numerosas" que omissões na transmissão do Novo Testamento? B.H. Streeter pensou que não:

Hort fala da 'tendência quase universal dos copistas fazerem seus textos tão completos quanto possível, e abominar omissões', e infere que copistas tenderiam a preferir um texto interpolado a um texto não interpolado. Isto pode ser verdade quanto a certos textos locais do segundo século; é o extremo oposto da verdade, no que concerne aos copistas ou editores treinados na tradição da crítica textual Alexandrina. Os editores Alexandrinos de Homero eram tão perspicazes para detectar e marcar como duvidáveis 'interpolações' em Homero quanto um crítico moderno. ...

Temos evidência irrefutável de que copistas e estudiosos cristãos eram capazes da mesma atitude crítica. ... Está completamente refutada a noção que a tendência normal dos copistas era escolher a leitura mais longa, e portanto que o redator moderno está bastante seguro enquanto firmemente rejeitar [as leituras mais longas]. ...

Agora, quem quer que tenha sido responsável por ele, o texto B tem sido editado a partir do princípio Alexandrino.²³⁸

Toda a questão de interpolações nos MSS antigos tem sido posta sob uma luz inteiramente nova pelas pesquisas de A.C. Clark, Professor Catedrático de Latim na Universidade de Oxford. ... Em *The Descent of Manuscripts*, uma investigação da tradição manuscrita dos clássicos gregos e latinos, ele prova conclusivamente que o erro a que os copistas eram mais inclinados não era interpolação mas sim omissão acidental. ... Até aqui a máxima '*brevior lectio potior*' ... tem sido assumida como um postulado de crítica científica. Clark tem mostrado que, tanto quanto toca aos textos clássicos, os fatos apontam inteiramente na outra direção.²³⁹

Burton tinha objetado, muito antes:

Como pode, na verdade, ser possivelmente mais verdadeiro [em relação] às fraquezas dos copistas, ao veredicto da evidência nas várias passagens, e à origem do Novo Testamento na infância da Igreja e entre associações que não eram literárias, supor que foi primeiramente produzida uma composição abreviada a qual foi amplificada em uma era posterior, com objetivos de 'torná-la mais

²³⁶Westcott e Hort, pag. 235.

²³⁷Aliás, um exame de um bom aparato ou das colações de MSS revela que o tipo de texto "Bizantino" é freqüentemente mais curto que seus rivais. Sturz oferece diagramas que mostram que, onde o texto "Bizantino" (com apoio de papiros antigos) ergue-se contra tanto o "Occidental" como o "Alexandrino", aquele adiciona 42 e omite 36 palavras, em comparação com estes. O "Bizantino" revela-se algo mais longo, mas o quadro não é desequilibrado. Entre as palavras adicionadas estão 9 conjunções e 5 artigos, mas entre as omitidas estão 11 conjunções e 6 artigos, o que faria o "Bizantino" **menos** suave que seus rivais. (Sturz, pag. 229.)

²³⁸B.H. Streeter, *The Four Gospels: A Study of Origins* (London: Macmillan and Co., 1930), pags. 122-24. Para uma discussão mais recente da atividade crítica em Alexandria, ver W.R. Farmer, *The Last Twelve Verses of Mark* (Cambridge: Cambridge University Press, 1974), pags. 13-22.

²³⁹*Ibid.*, pag. 131. Estou ciente que Kenyon e outros têm criticado o tratamento de Clark a esta máxima, mas creio que a abordagem dele tem validade suficiente para merecer ser levada em conta.

lúcida e completa', ao invés de supor que aquelas palavras e cláusulas e sentenças foram omitidas (sob princípios definitivamente entendidos) em uma pequena classe de documentos, por copistas desleixados ou ignorantes ou com preconceitos.²⁴⁰

Leo Vaganay também tinha reservas relativas a este cânon:

Via de regra o copista, especialmente quando executando o trabalho de revisão, é inclinado a amplificar o texto. ... Mas a regra sofre muitas exceções. ... Distrações do copista, ... correções intencionais. ... E, finalmente, ... a tendência fundamental de alguma recensão, da qual um bom exemplo é a recensão egípcia. ... E também não devemos esquecer que os escritores do Novo Testamento eram orientais, que são mais dados a comprimento que a brevidade.²⁴¹

Kilpatrick inclusive sugere que um cânon substituto, "a leitura mais longa é preferível," não seria pior. Ele conclui:

Refletindo bem, não conseguimos achar nenhuma razão para pensar que a máxima *lectio brevior potior* realmente seja válida. Podemos somente esperar que uma mais completa familiaridade com os problemas envolvidos crescentemente nos capacite a discernir, em cada instância, razões pelas quais as leituras mais longas ou mais curtas parecem mais prováveis.²⁴²

Colwell publicou um estudo muito significativo dos hábitos dos copistas, como ilustrado pelos três papiros antigos P⁴⁵, P⁶⁶ e P⁷⁵. O estudo demonstra que amplas generalizações sobre hábitos dos copistas nunca deveriam ter sido feitas, e segue-se que as idéias acerca de leituras variantes e tipos de texto baseadas em tais generalizações devem ser reconsideradas. Será bom citar Colwell em alguma extensão:

A caracterização destas leituras singulares pode ir mais adiante até que os copistas individuais tenham sido caracterizados. Suas leituras peculiares devem-se às suas [próprias] peculiaridades. Isto foi bem expresso por Dain. Ele nos lembra que embora todos copistas cometam erros e erros do mesmo tipo, todavia cada copista tem um coeficiente pessoal da freqüência [de cada tipo] dos seus erros. Cada um tem seu próprio padrão de erros. Um copista é inclinado a ditografia, um outro à omissão de linhas do texto; um lê bem, um outro lembra mal; um é bom de ortografia, etc., etc. Nestas diferenças têm que ser incluídas a seriedade de intenção do copista e as peculiaridades do seu próprio método de copiar.²⁴³

Em geral, P⁷⁵ copia letras, uma por uma; P⁶⁶ copia sílabas, usualmente com o comprimento de duas letras. P⁴⁵ copia frases e cláusulas.

A acurácia destas assertivas pode ser demonstrada. Que P⁷⁵ copiou letras uma por uma é mostrado pelo padrão dos seus erros. P⁷⁵ tem mais de sessenta leituras envolvendo uma única letra, e não mais de dez (causadas por desleixo) que envolvem uma sílaba. Mas P⁶⁶ omite sessenta e uma sílabas (vinte e três delas 'saltando para uma semelhante', e da mesma maneira, também omite uma dúzia de artigos e trinta palavras curtas. Em P⁴⁵ não há a omissão de sequer

²⁴⁰Burton, *The Causes of the Corruption*, pag. 156.

²⁴¹Vaganay, pags. 84-85.

²⁴²Kilpatrick, pag. 196.

²⁴³Colwell, "*Scribal Habits*," pag. 378.

uma sílaba 'saltando para uma semelhante', nem há nenhuma lista de omissões de sílabas por descuido. P⁴⁵ omite palavras e frases.²⁴⁴

Como um editor, o copista de P⁴⁵ brandiu um machado afiado. O aspecto mais impressionante do seu estilo é sua concisão. As palavras dispensáveis são dispensadas. O copista omite advérbios, adjetivos, substantivos, participios, verbos, pronomes pessoais—sem qualquer hábito compensatório, de adição. Frequentemente omite frases e cláusulas. Prefere as palavras simples às compostas. Em suma, favorece brevidade. Encurtou o texto em pelo menos cinquenta locais, **contando-se apenas leituras singulares**. Mas **não** omite sílabas ou letras. Seu texto encurtado é legível.²⁴⁵

Bastante destes tem sido citado para estabelecer a colocação que P⁶⁶ edita como faz tudo o mais—de uma maneira desleixada. Quando faz suas mudanças, não é guiado por algum objetivo claramente definido e que seja sempre mantido em vista. Se tem uma inclinação para omitir, não é "de acordo com o conhecimento", mas é inconstante e sem cuidado, frequentemente levando a nada mais que irracionalidade.²⁴⁶

"P⁶⁶ tem 54 'saltos para um semelhante' para a frente e 22 para trás; 18 [dos 54] saltos para frente são haplografias.²⁴⁷

P⁷⁵ tem 27 'saltos para um semelhante' para frente e 10 para trás.

P⁴⁵ tem 16 'saltos para um semelhante' para frente, e 2 para trás.

Disto, fica claro que o copista, procurando pelo local que havia perdido [no exemplar], procurou à frente três vezes mais frequentemente do que à trás. Em outras palavras, a perda de posição usualmente resultou em uma perda de texto, uma omissão.²⁴⁸

O jogo foi virado. Aqui está uma clara demonstração que interpolações não são "muitas vezes mais numerosas" que omissões. Omissão é mais comum do que adição, como um erro não intencional, e ademais, P⁴⁵ mostra que, quanto a alguns copistas, omissões foram deliberadas e extensivas. Seria mera coincidência que Aleph e B provavelmente foram elaborados na mesma área que P⁴⁵ e que exibem características similares a ele? De qualquer modo, a "completude" do Texto Tradicional, ao invés de ser uma prova de inferioridade, emerge como um ponto a seu favor.

A leitura mais difícil

Um outro cânon usado contra o texto "Bizantino" é *proclivi lectioni praestat ardua*—a leitura mais difícil seja a preferida. A base para isto é uma alegada propensão dos escribas ou copistas para simplificarem ou alterarem o texto quando encontravam uma suposta dificuldade ou algo que não entendiam. Mas onde está a demonstração estatística que autorize uma tal generalização? Provavelmente, como no caso do cânon que acabamos de discutir, quando uma tal demonstração for produzida, ela provará o oposto.

Vaganay diz deste cânon:

²⁴⁴ *Ibid.*, pag. 380.

²⁴⁵ *Ibid.*, pag. 383.

²⁴⁶ *Ibid.*, pag. 387.

²⁴⁷ N.Trads.: *Haplografia* é um erro de cópia que consiste: (a) na omissão de uma ou mais sílabas vizinhas (usualmente iguais ou similares) de um vocábulo ("semimiserável" vira "semiserável"); ou (b) na omissão de uma ou mais palavras vizinhas (usualmente homônimas ou parônimas), de uma sentença ("antes queria morrer do que ~~que~~ me acusassem de ladrão" perde um "que").

²⁴⁸ *Ibid.*, pags. 376-77.

Mas a leitura mais difícil não é sempre a mais provavelmente autêntica. A regra não se aplica, por exemplo, no caso de alguns erros acidentais. ... Mas, o que é pior, algumas vezes achamos leituras difíceis ou intrincadas que são o resultado de correções intencionais. Um copista, por entender mal certa passagem ou por não tomar o contexto em conta, pode com toda sinceridade obscurecer aquilo que tenciona esclarecer.²⁴⁹

Não temos todos nós ouvido pregadores fazerem esta mesma coisa?

Metzger observa a reclamação de Jerônimo: "Jerônimo reclamou dos copistas 'que escrevem não o que encontram, mas aquilo que pensam ser o intencionado: e enquanto tentam retificar os erros dos outros, meramente expõem os seus próprios'."²⁵⁰ (Exatamente, produzindo assim leituras que nos pareceriam ser "mais difíceis" mas que são de fato espúrias.)

Depois de relatar um incidente em uma assembléia dos bispos cipriotas em 350 DC, Metzger conclui:

Apesar da vigilância de eclesiásticos com o temperamento do Bispo Esperidião, é aparente, mesmo ao exame casual de um aparato crítico, que copistas, ofendidos por erros (reais ou imaginados) de grafia, de gramática, e de veracidade histórica, deliberadamente introduziram mudanças naquilo que estavam transcrevendo.²⁵¹

Muitas destas mudanças nos pareceriam ser "leituras mais difíceis", não?

Seja como for, o fato amplamente documentado que numerosas pessoas no segundo século fizeram alterações deliberadas no texto, por razões quer doutrinárias quer outras, introduz uma variável imprevisível que invalida este cânon. Uma vez que uma pessoa se arroga a autoridade para alterar o texto, não há nada, em princípio, que impeça que capricho individual se intrometa ou que tome o controle—não temos maneira de saber que fatores influenciaram o originador de uma variante (quem quer que tenha sido) ou se o resultado nos pareceria ser "mais difícil" ou "mais fácil". Este cânon é simplesmente inaplicável.²⁵²

Um outro problema com este cânon é sua vulnerabilidade à manipulação de uma imaginação hábil e determinada. Com engenhosidade suficiente, virtualmente qualquer leitura pode ser feita parecer "convicente." Hort é um excelente exemplo deste tipo de imaginação e engenhosidade. Zuntz tem declarado:

O tratamento de Dr. Hort a esta e às outras evidências patrísticas para esta passagem [1Co. 13:3] exige uma palavra de comentário. Ninguém poderia sentir maior respeito (até reverência) por ele do que o atual escritor, mas seu trata-

²⁴⁹Vaganay, pag. 86.

²⁵⁰Metzger, *The Text*, pag. 195.

²⁵¹*Ibid.*, pag. 196.

²⁵²Para qualquer um que sentir que somos obrigados a explicar a origem de toda ou cada leitura variante peculiar, mesmo se encontrada em apenas uma ou duas cópias—especialmente se as cópias acontecem de ser B, Aleph ou um dos papiros—Burgon chama a atenção para uma obrigação correlata muito maior. "Freqüentemente ocorre que a única desculpa restante, de muitos críticos, por adotarem leituras de um certo tipo, é a natureza inexplicável dos fenômenos que estas leituras exibem. 'Como você poderia explicar uma leitura tal como a presente,' (dizem eles) 'se ela não for autêntica?' ... Eles perdem de vista a dificuldade correlata: -- Como é que o restante das cópias têm leitura diferente?" (*The Causes of the Corruption*, pag. 17.)

mento desta variante, fazendo cada peça da evidência dizer o oposto do seu verdadeiro significado, mostra a que distorções mesmo um grande estudioso pode ser levado pelo apaixonado desejo de ajustar os fatos a uma teoria errônea ou, pelo menos, imperfeita. Souter, Plummer e muitos outros exibem as consequências da tenacidade do Dr. Hort.²⁵³

Salmon notou a mesma coisa: "Aquilo com que Hort ganhou tantos aderentes teve alguma influência adversa para comigo—quero dizer, seu extremo brilhantismo como um advogado; pois eu tenho sentido como se não existisse nenhuma leitura tão improvável à qual ele não pudesse dar boas razões para se pensar ser ela a única genuína."²⁵⁴

Samuel Hemphill escreveu a respeito do papel de Hort no Comitê do Novo Testamento que produziu a "Revised Version" de 1881:

Também não é difícil entender que muitos dos seus colegas menos resolutos e decididos freqüentemente devem ter sido completamente conquistados pela capacidade persuasiva e astúcia e zelo de Hort, ... De fato, dificilmente pode ser duvidado que a vontade mais forte de toda a Companhia foi a de Hort, e sua sagaz agilidade em debate somente foi igualada pela sua pertinácia.²⁵⁵

(Pareceria que a composição do texto grego usado pelos autores da "English Revised Version"—e consequentemente pelos da RSV, NASB, etc.—foi em larga medida determinada pelo brilhantismo e pertinácia de Hort, inspirados pela sua devoção a um único manuscrito grego.)

O desempenho de Hort mostra a razoabilidade da advertência de Colwell contra a "distorção de julgamento que tão facilmente manipula os critérios de evidência interna."²⁵⁶

Harmonização²⁵⁷

É amplamente alegado que o texto "Bizantino" é caracterizado por harmonizações; e.g. Metzger diz: "Os montadores deste texto procuraram ... harmonizar passagens paralelas divergentes."²⁵⁸ Pela escolha desta terminologia é assumido que as variadas leituras encontradas na minoria dos MSS são originais e que copistas se sentiram impedidos a fazer relatos paralelos concordarem. Talvez seja tempo de perguntar se jamais foi (ou se pode ser) provado que tal interpretação é correta. Jakob Van Bruggen diz da declaração de Metzger, "*Este julgamento não tem sido provado, e não pode sê-lo.*"²⁵⁹

²⁵³Zuntz, *The Text*, pag. 36.

²⁵⁴Salmon, pags. 33-34.

²⁵⁵S. Hemphill, *A History of the Revised Version* (London: Elliot Stock, 1906), pags. 49-50.

²⁵⁶Colwell, "External Evidence," pag. 2. A aplicação é minha. Colwell talvez não teria concordado com ela.

²⁵⁷Meus críticos graciosamente chamaram a atenção para algumas fraquezas, de fato, em meu tratamento deste tópico na primeira edição [deste livro]. Na segunda edição, a seção foi rescrita e consideravelmente aumentada. Para esta atual e considerável revisão, temos agora acesso à massiva (quatro volumes) avaliação da questão, por W.F. Wisselink. Sua obra priva os oponentes do texto "Bizantino" deste o seu último argumento.

²⁵⁸Metzger, *A Textual Commentary*, pag. xx.

²⁵⁹Jakob Van Bruggen, *The Ancient Text of the New Testament* (Winnipeg: Premier, 1976), pag. 30. Cf. W.F. Wisselink, *Assimilation as a Criterion for the Establishment of the Text*, 4 vols. (Kampen: Uitgeversmaatschappij J.H. Kok, 1989). Wisselink conclui: "Assimilações ocorrem em todos manuscritos. Mesmo no manuscrito B há uma questão de assimilação em 31 por cento das 1489 variantes que foram investigadas.

1) *Van Bruggen*

Uma vez que o valioso trabalho de Van Bruggen pode não estar disponível a muitos leitores, citarei com certa extensão o seu tratamento do assunto em foco. Sua reação à declaração de Metzger continua:

Freqüentemente exemplos ilustrativos são dados para sustentarem esta caracterização negativa do texto Bizantino. Mas não seria difícil 'provar', com a ajuda de exemplos cuidadosamente escolhidos de outros tipos de texto, que estes também são culpados de harmonizar, conflar leituras, e suavizar a enunciação.²⁶⁰

Kilpatrick, usando evidência estritamente interna, conclui que, "embora o texto sírio tenha seu quinhão de harmonizações, outros textos (incluindo o egípcio) também têm sofrido neste sentido. Não podemos condenar o texto sírio por harmonização. Se o fazemos, temos que condenar os outros textos também pelos mesmos motivos."²⁶¹

Van Bruggen continua:

Aqui ilustrações não provam nada. Afinal de contas, pode-se, sem muita dificuldade, dar um grande número de exemplos do texto Bizantino em apoio à proposição que este texto não harmoniza e não suaviza diferenças. Em comentários, o exegeta muitas vezes fica satisfeito com o exemplo incidental, sem compará-lo com a totalidade dos dados textuais. Todavia, uma proposição sobre o tipo Bizantino não deve se basear em ilustrações, mas sim em argumentos provindos do texto como um todo. Quem quer que deseje achar tais argumentos encontrará um número de problemas e barreiras metodológicos que obstruem o caminho para a prova. Podemos aqui mencionar os seguintes pontos:

1. Metodologicamente, temos que primeiro perguntar como um 'tipo' é determinado. Isto não pode ser feito com base em leituras selecionadas, porque então a seleção logo será determinada pelo que se está tentando provar. Você só pode

Em P⁷⁵ o número de assimilações é: 39 por cento das 165 variações que foram investigadas" (pag. 87). Maurice A. Robinson contribui com as seguintes questões relevantes:

1) Por que a forma de texto bizantina não se desenvolveu como deveria ter se desenvolvido [pela hipótese de Hort], e se mover mais consistentemente na direção de harmonização de todas as passagens?

2) Por que, ao contrário, encontramos tantas ou mais harmonizações possíveis entre os tipos de texto minoritários do que aquilo que é alegado ter ocorrido com respeito à forma do texto bizantino?

3) Em adição, por que os conservadores e guardiões da tradição bizantina corretamente rejeitaram a vasta massa de tais harmonizações? A maioria delas nunca ganhou mais que um insignificante ponto de apoio que não poderia sobreviver e não o fez.

4) Por que, também—se harmonização foi tão comum, além de ser uma tendência popular dentro de um processo crescente e contínuo—as "antigas harmonizações" (diretas e claras) entre os representantes dos tipos de texto Alexandrino e Ocidental **não** sobreviveram à medida que o texto progrediu para dentro da era bizantina?

5) Por que, especialmente, harmonizações preexistentes, como as encontradas nas tradições Ocidental e Alexandrina, foram *des*armonizadas pelos copistas da era bizantina, uma vez que isto foi precisamente o oposto do que deveria ter ocorrido?

Robinson, "Two Passages in Mark: A Critical Test for the Byzantine-Priority Hypothesis," apresentado ao 46º encontro anual da E.T.S. [Evangelical Theological Society], Nov., 1994, pag. 25. O leitor interessado faria bem em ler as pags. 24-34 deste artigo— Robinson desfecha várias colocações penetrantes.

²⁶⁰*Ibid.* Cf. E.F. Hills, "Harmonizations in the Caesarean Text of Mark," *Journal of Biblical Literature*, 66 (1947), 135-152.

²⁶¹Kilpatrick, pag. 193.

falar de um tipo de texto se as características que têm que distingui-lo não são incidentais mas **sim** são encontradas ao longo de todo ele, e se elas não aparecem em outros tipos do qual ele tem que ser distinguido. Os critérios têm que ser distintivos e gerais. Quanto a este ponto, suspeita é despertada quando Hort observa que as interpolações harmonizadoras e assimiladoras no texto Bizantino são 'afortunadamente caprichosas e incompletas' ('Introduction', pag. 135). Então, será que, na verdade, Hort generalizou e tomou as características de algumas leituras como se fossem características do tipo de texto? Esta suspeita torna-se certeza quando Metzger, em seu *Textual Commentary*, tem que observar mais de uma vez que leituras não Bizantinas, por exemplo, no Códice Vaticanus, podem ser explicadas pelas tendências dos copistas de assimilarem e simplificarem o texto.²⁶²

Em uma nota de rodapé, Van Bruggen cita a discussão que Metzger apresenta sobre Mt. 19:3 e 19:9, Jo. 6:14, Tg. 2:3, 4:14, 5:16 e 5:20, onde harmonização e outros esforços suavizadores são atribuídos ao Códice B e seus companheiros. Sua discussão prossegue:

O que é [dito ser] típico do texto Bizantino evidentemente não é tão exclusivo deste tipo de texto! Mas se certos fenômenos parecem ser visíveis em todos tipos de texto, então não é justo categoricamente condenar um deles e considerá-lo inferior, com base em tais fenômenos.

2. Ademais, é metodologicamente difícil falar de desvios harmonizadores e assimiladores em um texto, quando o original não é conhecido. Ou será um axioma que, em qualquer caso, o texto original foi tão desarmonioso que toda leitura harmoniosa torna-se imediatamente suspeita? Hort nos deixa sentir que ele pessoalmente não prefere um Novo Testamento 'mais adequado ao estudo superficial e a recitação do que ao estudo repetido e diligente' (*Introduction*, pag. 153). Mas quem, sem o original à sua disposição, pode provar que este original tinha as características que um filologista e um crítico textual consideram ser mais recomendáveis?²⁶³

P. Walters comenta sobre o senso de estilo de Hort como segue:

O senso de estilo de Hort, sua idéia do que era correto e preferível em cada alternativa, foi adquirido de uma íntima companhia com seu texto 'neutro'. Não lhe ocorreu que a maioria dos aspectos formais deste texto correspondeu tão bem com os padrões dele [Hort] exatamente porque estes foram tomados de seu modelo. Até aqui as decisões de Hort têm a natureza de um círculo vicioso: Nós que hoje vivemos fora deste círculo mágico, o qual manteve enfeitada uma geração, somos capazes de desmascarar a ilusão de Hort.²⁶⁴

Van Bruggen continua:

4. Se os editores do texto Bizantino tivessem se dispostos a harmonizar o texto e a encaixar passagens paralelas dos Evangelhos uma dentro da outra, então temos que observar que eles deixaram quase todas as suas oportunidades escapar. ... Além disso, o que parece ser harmonização, freqüentemente em uma direção diferente não é harmonização. Uma leitura pode parecer ajustada à passagem paralela em um outro Evangelho, mas então freqüentemente se desvia

²⁶² Van Bruggen, pags. 30-31.

²⁶³ *Ibid.*, pags. 31-32.

²⁶⁴ P. Walters, *The Text of the Septuagint. Its Corruptions and their Emendation*, ed. D.W. Gooding (Cambridge: University Press, 1973), pag. 21. (Citado por Van Bruggen.)

novamente da leitura no terceiro Evangelho. Uma leitura pode parecer ter sido tomada emprestada do relato paralelo, todavia ao mesmo tempo desafinar no contexto do próprio Evangelho. Aqui os exemplos são inumeráveis, enquanto alguém não se limitar a uns poucos textos e sim prestar atenção ao contexto e aos Evangelhos como um todo.²⁶⁵

Com referência a dar a devida atenção ao contexto, Van Bruggen cita um estudo onde comparou o TR com Nestle²⁵ em catorze passagens extensas, para ver se qualquer delas poderia ser caracterizado como harmonizando ou assimilando:

A comparação da edição de Stephanus (1550) com Nestle-Aland (25^a edição) levou à conclusão que o dilema 'harmonização/ não harmonização' é inapropriado para distinguir ambas dessas edições de texto. Examinamos Mt. 5:1-12; 6:9-13; 13:1-20; 19:1-12; Mc. 2:18-3:6; Lc. 9:52-62; 24:1-12; Jo. 6:22-71; At. 18:18-19:7; 22:6-21; 1Co. 7; Tg. 3:1-10; 5:10-20; Ap. 5. No exame comparativo, não apenas o contexto, mas também todas as passagens paralelas foram levadas em conta. Uma vez que o texto de Stephanus é intimamente aparentado com o Bizantino e a edição de Nestle-Aland é claramente não Bizantina, o resultado desta investigação também pode se aplicar à relação entre o texto Bizantino e outros tipos de texto: o dilema 'harmonização/não harmonização' ou 'assimilação/não assimilação' é inválido para distinguir tipos na tradição textual do Novo Testamento.²⁶⁶

Isto nos lembra a observação de Burgon que decisões baseadas em considerações internas são freqüentemente "o resultado de inclinação pessoais ou de observação limitada."²⁶⁷ A este respeito, será bom considerarmos alguns exemplos.

2) Exemplos

Mc. 1:2—Leremos "em Isaías o profeta", com os textos "Alexandrino-Ocidental", ou "nos profetas", com o texto "Bizantino"? Todas as edições críticas seguem a primeira leitura e Fee afirma que ela é um "claro exemplo da 'leitura mais difícil sendo preferida como a original'.²⁶⁸ Eu diria que a discussão superficial de Fee é um "claro exemplo" de inclinação pessoal (para o cânon da "leitura mais difícil") e de observação limitada. Os únicos outros locais em que Isaías 40:3 é citado no Novo Testamento são Mt. 3:3, Lc. 3:4 e Jo. 1:23. Os primeiros dois são em passagens paralelas a Mc. 1:2 e todas três são idênticas à LXX. A citação em João difere da LXX em uma palavra e é também usada em conexão com João Batista. A consideração crucial, para nosso propósito aqui, é que Mateus, Lucas e João todos identificam a citação como sendo de Isaías (sem variação de MS). Parece claro que a leitura "Alexandrina-Ocidental" em Mc. 1:2 é simplesmente uma assimilação aos outros três Evangelhos. Deve também ser notado que o material de Malaquias (3:1) parece mais uma alusão que uma citação direta. Ademais, embora Malaquias seja citado (ou aludido) várias vezes no Novo Testamento, nunca o é por nome. Os próprios hábitos de Marcos podem também ser relevantes a esta discussão. Marcos cita Isaías em 4:12; 11:17 e 12:32 e a ele alude em cerca de dez outros locais, todos sem dar o nome de sua fonte. A única vez que ele usa o nome de Isaías

²⁶⁵Van Bruggen, pags. 32-33.

²⁶⁶*Ibid.*, pag. 33.

²⁶⁷Burgon, *The Traditional Text*, pag. 67.

²⁶⁸Fee, "A Critique of W.N. Pickering's *The Identity of the New Testament Text: A Review Article*," *The Westminster Theological Journal*, XLI (Spring, 1979), pag. 411.

as é quando cita Jesus em 7:6.²⁶⁹ É o texto "Bizantino" que escapou de harmonização e preserva a leitura original.

- Mc. 10:47 -- *Ναζαρηνος* B L W Δ Θ Ψ 1 lat cop
Ναζορηνος D
Ναζωραιος Byz ℵ A C (K) X Π 13 *pl* it^{pt} syr²⁷⁰
- //Lc. 18:37 -- *Ναζαρηνος* D 1 *pc*
Ναζωραιος *rell*
- Mc. 1:24 -- *Ναζαρηνε* todos concordam
 Mc. 14:67 -- *Ναζαρηνου* todos concordam
 Mc. 16:6 -- *Ναζαρηνον* todos concordam, com exceção das omissões de ℵ e D.

Todas as edições críticas seguem a primeira leitura em Mc 10:47 e interpretam a leitura "Bizantina" como uma assimilação a Lc 18:37 (onde elas rejeitam a leitura de D). Deve ser observado, no entanto, que em todos os outros locais onde Marcos usa a palavra, a forma *-αρην-* ocorre. Não será igualmente tão possível que Códice B e companhia têm se assimilado à forma prevalectente de Marcos?²⁷¹

- Mc. 8:31 -- *μετα τρεις ημερας* todos concordam
 //Mt. 16:21 -- *μετα τρεις ημερας* D *al*
τη τριτη ημερα *rell*
- //Lc. 9:22 -- *μεθ ημερας τρεις* D it
τη τριτη ημερα *rell*
- Mc. 9:31 -- *μετα τρεις ημερας* ℵ B C D L Δ
τη τριτη ημερα Byz Θ *pl*
- //Mt. 17:23 -- *μετα τρεις ημερας* D it
τη τριτη ημερα *rell*
- Mc.10:34 -- *μετα τρεις ημερας* ℵ B C D L Δ Ψ it cop
τη τριτη ημερα Byz A^c K W X Θ Π 1 13 *pl* syr
- //Mt. 10:19 -- *τη τριτη ημερα* todos concordam
 //Lc. 18:33 -- *τη ημερα τη τριτη* todos concordam

Todas edições críticas seguem a primeira leitura em Mc. 9:31 e 10:34, e interpretam a leitura "Bizantina" como uma assimilação a Mateus, em ambos os casos. Mas então, por que os "Bizantinos" também não assimilaram em Mc. 8:31, onde havia a presença de ambos Mateus e Lucas? Não será mais provável que os "Alexandrinos" façam Marcos consistente (notar que Mateus é consistente) por assimilar as duas últimas ins-

²⁶⁹ Devo a Maurice A. Robinson o material da discussão acima.

²⁷⁰ Seguindo o aparato crítico da série Nestle: *pc* = poucos [MSS], *al* = alguns, *pm* = muitos [a maioria], *pl* = a grande maioria, *rell* = todos os demais, *it* = itálica.

²⁷¹ Esta discussão é adaptada de Van Bruggen, pags. 33-34.

tâncias à primeira? Notar que, neste exemplo e no precedente, é o Códice D que se enjaia na atividade de assimilação mais flagrante.²⁷²

Mc. 13:14—Leremos "que foi dito por Daniel o profeta" com o texto "Bizantino" ou seguiremos o texto "Alexandrino-Occidental" no qual esta frase está faltando? Todas edições críticas tomam a segunda opção e Fee nos assegura que o texto "Bizantino" tem se assimilado a Mt. 24:15, onde todas testemunhas têm a frase em questão.²⁷³ Mas consideremos a própria evidência:

Mt. 24:15 -- *το ρηθεν δια Δανηλ του προφητου*

Mc. 13:14 -- *το ρηθεν υπο Δανηλ του προφητου*

Se os "Bizantinos" estavam resolvidos a copiar de Mateus, por que alteraram a redação? Se o propósito deles foi harmonizar, por que desharmonizaram, para usar a expressão de Fee? Ademais, se usarmos apenas o texto "Bizantino" e compararmos o trecho completo em ambos os Evangelhos (Mt. 24:15-22 e Mc. 13:14-20), o resultado será que, embora os dois relatos sejam virtualmente do mesmo comprimento, vêm a diferir em nada menos que um terço das palavras. A alegação que os "Bizantinos" eram dados a harmonizar torna-se tola. Ainda mais, parece haver três claras assimilações a Marcos da parte das testemunhas "Alexandrino-Occidental", e uma a Mateus (*επι* a *εις* em Mt. 24:15, *καταβαινετω* a *καταβατω* em Mt. 24:17, *τα ματια* a *το ματιον* em Mt. 24:18, e a omissão de *ων* em Mc. 13:16) mais três outras assimilações "Occidentais" (*τα* a *τι* em Mt. 24:17, *και* a *ουδ* em Mc. 13:19, e *δε* adicionado a Mt. 24:17). Mas, retornando à primeira variante, por que os "Alexandrinos" teriam omitido a frase em questão? Uma comparação da LXX de Daniel com o contexto imediato sugere uma resposta. A frase de Marcos, "onde não deve" não é encontrada em Daniel [compare Dn. 9:27; 11:31; 12:11]. Que algumas pessoas sentiram que a integridade de Marcos necessitava de proteção é claro das ações remediais esboçadas por uns poucos MSS gregos e de versões. A omissão Alexandrina pode muito bem ser uma tal tentativa.²⁷⁴

Para concluir, é demonstrável que todos "tipos de texto" têm muitas possíveis harmonizações. Não tem sido demonstrado que o texto "Bizantino" tem mais harmonizações possíveis ou reais do que os outros. Segue-se que "harmonização" não pode ser razoável ou responsabilmente usada para argumentar que o tipo de texto "Bizantino" é inferior.

²⁷²Esta discussão é adaptada de Van Bruggen, pag. 34. Suspeito que uma cuidadosa checagem revelará que é o texto "Occidental", não o "Bizantino", que lidera todos os outros em harmonização. Wisselink confirma isto, "*D especialmente tem sido assimilado*" (pag. 87). Aqui está sua conclusão:

"Com um grau de certeza bastante grande, chegamos a esta conclusão: Assimilação não é restrita a um único grupo de manuscritos, nem a um único evangelho; em nenhum evangelho assimilação tem acontecido em um grau chocantemente elevado.

"Assim, se uma assimilação é sinalizada, nada pode ser concluído dela com respeito à idade de nenhuma variante ou ao valor de nenhum tipo de texto." (Wisselink, pag. 92.)

²⁷³Fee, "A Critique," pags. 411-12.

²⁷⁴Devo a Robinson o material usado na discussão acima.

Inferioridade

Hort não ofereceu uma demonstração estatística em apoio à sua caracterização do texto "Bizantino".²⁷⁵ Metzger faz referência a von Soden como suprindo evidência adequada a esta caracterização. Depois do exame das páginas designadas,²⁷⁶ descobrimos que não há nenhuma lista de evidência de manuscritos e nenhuma discussão. Sua lista limitada de referências alegadamente ilustrando adição ou omissão ou assimilação, etc., pode ser vista de outra forma por uma mente diferente. De fato, Kilpatrick tem argumentado pela originalidade de um considerável número de leituras Bizantinas do tipo que von Soden alistou.²⁷⁷

Em qualquer caso, o comprimento das listas dificilmente é satisfatório. Ninguém tem feito para o texto "Bizantino" algo mesmo remotamente próximo daquilo que Hoskier fez para Códice B, enchendo 450 páginas com uma cuidadosa discussão, um por um, de muitos dos seus erros e idiossincrasias.²⁷⁸ Como já registramos, Hort declarou o *Textus Receptus* ser "depravado" e "vil" quando só tinha vinte e três anos de idade—antes que tivesse estudado a evidência, antes que tivesse trabalhado através do texto para avaliar leituras variantes uma por uma. Você supõe que ele trouxe uma mente aberta para aquele estudo e avaliação?

Elliott e Kilpatrick professam fazer suas avaliações com uma mente aberta, sem nenhuma predileção quanto aos tipos de texto; todavia inescapavelmente usam os cânones ambíguos da evidência interna. Que concluem eles? Elliott decidiu que o texto "Bizantino" estava correto aproximadamente tão freqüentemente quanto Aleph e D, os principais representantes dos textos "Alexandrino" e "Ocidental" (nas Epístolas Pastorais).²⁷⁹ Kilpatrick afirma:

²⁷⁵A caracterização de Hort é similar a descrições contemporâneas do grego Koinê nos tempos do Novo Testamento.

"Fontes não bíblicas atestam que houve um tal estilo simples e comum de escrita e fala do grego, originando nos tempos mais primitivos do Novo Testamento. Fontes tais como os papiros não bíblicos e como os Discursos de Epíteto, o filósofo estóico, atestam este estilo. Adicionalmente, há uma delineação formal do que o estilo direto deve ser, o qual tem sido datado como aproximadamente do mesmo tempo em que o Novo Testamento estava sendo escrito. *Demétrio, Sobre Estilo* cita "o estilo comum" ... como um dos quatro que ele descreve e discute. ... Partes do seu tratamento deste assunto tendem a lembrar-nos das descrições do Koinê do período helenístico e do tipo de grego que se supõe caracterizar o Novo Testamento. . . .

.....

"A despeito da conhecida existência de um tal estilo comum como foi apresentado por Demétrio e encontrado em Epíteto, haviam aqueles, no período primitivo da Igreja e seus escritos, que escarneciam do estilo comum e falavam dele desdenhosamente, como se encontra nas Escrituras. Um desses foi o pagão Celso, que procurou refutar a fé cristã através de um ataque literário escrito em algum tempo entre 161-180 DC. Orígenes indica que Celso ridicularizou as Escrituras por leva-las a uma comparação desfavorável com os escritos dos filósofos, em trechos onde parecia haver algum paralelo" (Sturz, pags. 112-13).

²⁷⁶H.F. von Soden, *Die Schriften des Neuen Testaments* (2 Vols.; Gottingen: Vandenhoeck und Ruprecht, 1911), Vol. 1, part. ii, pags. 1456-1459 (cf. 1361-1400), 1784-1878.

²⁷⁷Kilpatrick, *Op. Cit.*

²⁷⁸Hoskier, *Codex B*, Vol. I. Não consigo ver como qualquer pessoa pode ler este trabalho de Hoskier com atenção e ainda reter uma opinião elevada dos códices B e Aleph.

²⁷⁹Elliott, pags. 241-43.

Nossa conclusão principal é que o texto Sírio é freqüentemente correto. Ele, em muitos pontos, está isento de enganos e alterações deliberadas encontrados em outras testemunhas. Isto significa que em cada variação temos que encarar as leituras dos manuscritos Bizantinos com a possibilidade em mente que eles podem estar corretos. Não podemos descartar suas variantes características como sendo, em princípio, inferiores.²⁸⁰

A deficiência básica, tanto fundamental quanto séria, de qualquer caracterização baseada em critérios subjetivos, é que o resultado é uma mera opinião: não pode ser verificado objetivamente. Será que não existe nenhuma maneira melhor para identificar a redação original do Novo Testamento? Creio que sim, mas primeiro há mais um componente da teoria de Hort a ser analisado.

A "Recensão Luciânica" e a Peshita

Burgon deu a resposta suficiente a esta invenção:

No entanto, deixando de lado a improbabilidade intrínseca grosseira da suposta Recensão, a mais completa ausência de sequer uma partícula de evidência, tradicional ou não, que ela jamais ocorreu, tem que ser reputada fatal à hipótese que a Recensão tenha realmente existido. É simplesmente inacreditável que um incidente de tal magnitude e interesse não deixaria nenhum vestígio de si na história.²⁸¹

Não adiantará alguém dizer que um argumento baseado em silêncio nada prova. Em uma questão desta "magnitude e interesse", ele é conclusivo. Kenyon também considerou esta parte da teoria de Hort como sem fundamento:

A ausência de evidência aponta noutra direção, pois seria muito estranho, se Luciano tivesse realmente editado ambos os Testamentos, que somente seu trabalho no Velho Testamento seria posteriormente mencionado. O mesmo argumento depõe contra qualquer teoria de uma revisão deliberada a qualquer momento definido. Sabemos os nomes de vários revisores da Septuaginta e da Vulgata, e seria estranho se historiadores e escritores da Igreja tivessem todos eles se omitido de registrar ou mencionar um tamanho evento como a deliberada revisão do Novo Testamento em seu grego original.²⁸²

Colwell é direto: "A Vulgata Grega—o tipo de texto Bizantino ou Alfa—não teve em sua origem nenhum foco único como a Latina o teve em Jerônimo."²⁸³ F.C. Grant está disposto a procurar no segundo século a origem do tipo de texto "Bizantino".²⁸⁴ Jacob Geerlings, que tem feito trabalho extenso em certos ramos do tipo de texto "Bizantino", afirma dele: "Sua origem, como também de outros assim chamados tipos de texto, provavelmente retrocede até os autógrafos."²⁸⁵

Em um esforço para salvar as conclusões de Hort, ao que parece, Kenyon procurou atribuir o texto "Bizantino" a uma "tendência":

²⁸⁰Kilpatrick, pag. 205.

²⁸¹Burgon, *The Revision Revised*, pag. 293.

²⁸²Kenyon, *Handbook*, pags. 324-25.

²⁸³Colwell, "The Origin of the Texttypes," pag. 137.

²⁸⁴F.C. Grant, "The Citation of Greek Manuscript Evidence in an Apparatus Criticus," *New Testament Manuscript Studies*, ed. M.M. Parvis e A.P. Wikgren (Chicago: The University of Chicago Press, 1950), pags. 90-91.

²⁸⁵J. Geerlings, *Family E and Its Allies in Mark* (Salt Lake City: University of Utah Press, 1967), pag. 1.

Parece provável, portanto, que a revisão Síria foi, antes o resultado de uma tendência cobrindo um considerável período de tempo do que uma revisão (ou conjunto de revisões) definida e imposta autoritariamente, tais como as que produziram nossas versões "English Authorized" e "English Revised". Temos somente que supor ser estabelecido, em círculos cristãos de Antioquia e suas vizinhanças, o princípio que, no caso de leituras divergentes serem encontradas nos textos copiados, seria melhor combiná-las do que omitir qualquer delas, e que obscuridade e aspereza de dicção seria suavizada tanto quanto possível.²⁸⁶

Mas que tal se escolhermos não "supor" coisa alguma, mas, ao invés, insistir exigindo evidências? Já temos visto, do *Atlas* de Hutton, que para cada instância em que o texto "Sírio" possivelmente combina leituras divergentes, há uma centena onde ele não o faz. Que tipo de "tendência" é esta? Insistir que uma variedade de copistas separados no tempo e espaço e trabalhando independentemente, mas todos sentindo a responsabilidade de aplicar suas faculdades críticas ao texto, produziria uma uniformidade de texto tal como é exibida dentro do texto "Bizantino", parece ser pedir um pouco demais, tanto deles quanto de nós. Hodges concorda:

Será notado nesta discussão que, em lugar da idéia anterior de uma revisão específica como sendo o ponto de origem para o texto Majoritário, alguns críticos querem agora postular a idéia de um 'processo' estendido sobre um longo período de tempo. Pode ser confiantemente predito, no entanto, que esta explanação do texto Majoritário terá que eventualmente desabar, da mesma maneira. O texto Majoritário, tem que ser lembrado, é relativamente uniforme em seu caráter geral, com comparativamente pequenas quantidades de variação entre seus principais representantes. Ninguém tem explicado ainda como um longo e lento processo, estendido tanto sobre muitos séculos como também sobre uma ampla área geográfica, e envolvendo uma multidão de copistas que freqüentemente não sabiam nada do estado do texto fora dos seus próprios mosteiros ou "scriptoria", poderia alcançar esta uniformidade geral a partir da diversidade apresentada pelas formas de texto mais antigas. Mesmo uma edição oficial do Novo Testamento—promovida com sanção eclesiástica através do mundo conhecido—teria tido grande dificuldade para alcançar este resultado, como a história da Vulgata de Jerônimo amplamente demonstra. Mas um processo a esmo alcançar relativa estabilidade e uniformidade nas diversificadas circunstâncias textual-histórico-culturais nas quais o Novo Testamento foi copiado, impõe esforços impossíveis à nossa imaginação.²⁸⁷

Um processo normal de transmissão textual resulta em divergência, não convergência. Uniformidade de texto é geralmente maior mais próxima da fonte e diminui ao longo da transmissão.

A evidência que se acumula parece não incomodar Metzger. Ele ainda afirmou em 1968 que o texto "Bizantino" é baseado em uma recensão preparada por Luciano.²⁸⁸ Há um problema adicional com essa tese.

²⁸⁶Kenyon, *Handbook*, pag. 325.

²⁸⁷Hodges, "A Defense of the Majority Text," pag. 42. Para uma discussão adicional dos problemas confrontando a tese de "processo", ver a seção "**Objecções**" no Apêndice C.

²⁸⁸Metzger, *The Text*, (2nd. ed., 1968), pag. 212. Em 1972 ele escreveu, "Se realmente foi Luciano ...," portanto ele pode agora estar recuando daquela posição. "Patristic Evidence and the Textual Criticism of the New Testament," *New Testament Studies*, XVIII (1972), pag. 385.

Luciano era um ariano, e clamoroso. Será que Metzger seriamente nos convida a crer que os atanasianos vitoriosos abraçaram uma revisão ariana do Novo Testamento em grego?

Quanto à Peshita Siríaca, novamente Burgon protestou a completa falta de evidência para as assertivas de Hort.²⁸⁹ A. Vööbus diz do esforço de Burkitt:

Burkitt tem tentado pintar o período de vida do bispo Rábula como decisivo no desenvolvimento do texto do Novo Testamento na igreja Síria.

Apesar da aceitação geral do axioma por ele estabelecido que 'a autoridade de Rábula garantiu um sucesso instantâneo para a nova versão revisada. ...' e que 'cópias da Peshita foram rapidamente multiplicadas, ela cedo se tornou o único texto em uso eclesiástico'—este tipo de reconstrução da história textual é pura ficção sem sequer uma raspa de evidência para apoiá-la.²⁹⁰

Vööbus entende que o próprio Rábula usou o tipo de texto da Velha Siríaca. Suas pesquisas mostram claramente que a Peshita retrocede pelo menos até a metade do quarto século e que ela não foi o resultado de uma revisão imposta autoritariamente.²⁹¹

Há aqui, novamente, uma dificuldade histórica adicional.

A Peshita é considerada como Escritura autoritativa tanto pelos Nestorianos como pelos Monofisitas. É difícil ver como isto pode ter vindo a se passar, na hipótese que Rábula foi o autor e principal promotor da Peshita. Pois Rábula era um decidido Monofisita e um determinado oponente dos Nestorianos. É quase contrário à razão, portanto, supor que os crentes Nestorianos adotariam tão rápida e tão unanimemente a obra das mãos do seu maior adversário.²⁹²

É difícil entender como homens tais como F.F. Bruce, E.C. Colwell, F.G. Kenyon, etc. puderam se permitir declarar dogmaticamente que Rábula produziu a Peshita.

Conclusão

E isto completa nossa revisão da teoria crítica de W-H. Esta teoria é evidentemente errônea em cada ponto. Nossas conclusões concernentes à teoria também se aplicam necessariamente a qualquer texto grego construído a partir dela, bem como a todas aquelas versões baseadas em tais textos (e aos comentários nelas baseados).

K.W. Clark diz do texto de W-H: "A história textual postulada para o '*textus receptus*' em que agora confiamos [isto é, o Texto Crítico de W-H] tem sido explodida"²⁹³ Epp confessa que "simplesmente, não temos uma teoria do texto."²⁹⁴ A questão relevante é que "o estabelecimento do texto do NT pode ser alcançado apenas por uma recons-

²⁸⁹Burgon, *The Revision Revised*, pags. 276-77.

²⁹⁰A. Vööbus, *Early Versions of the New Testament* (Stockholm: Estonian Theological Society in Exile, 1954), pag. 100.

²⁹¹*Ibid.*, pags. 100-102. Carson me censura por não mencionar "a crítica decisiva de Matthew Black a Vööbus" (pag. 112). Bem, Metzger evidentemente não a considera ser "decisiva": "A questão de quem foi que produziu a versão Peshita do N.T. talvez nunca será solucionada. Que não foi Rábula tem sido provado pelas pesquisas de Vööbus" (*Early Versions of the New Testament* [Oxford: Clarendon Press, 1977], pags. 57-61).

²⁹²Burgon, *The Last Twelve Verses*, pag. 56. Metzger reconhece a força desta circunstância (*Loc. Cit.*).

²⁹³Clark, "Today's Problems," pag. 162.

²⁹⁴Epp, pag. 403.

trução da história daquele texto primitivo. ..."²⁹⁵ Colwell concorda: "Sem um conhecimento da história do texto, a leitura original não pode ser estabelecida."²⁹⁶

Nas palavras de Aland: "Agora, como no passado, não é possível crítica textual sem uma história do texto."²⁹⁷ Ou, como o próprio Hort expressou: "TODA RESTAURAÇÃO CONFIÁVEL DE TEXTOS ADULTERADOS É FUNDADA NO ESTUDO DE SUAS HISTÓRIAS."²⁹⁸

Como já foi notado, uma das deficiências fundamentais do método eclético é que ele ignora a história do texto. Hort não a ignorou, mas que devemos dizer da sua "visão clara e firme"²⁹⁹ dela? O que Clark diz é:

A história textual que o texto de Westcott-Hort representa não mais é defensável, à luz de descobertas mais novas e de análises de texto mais completas. No esforço de construir uma história congruente, nosso fracasso sugere que estamos perdidos, que enveredamos num beco sem saída, e que apenas uma visão nova e diferente nos permitirá romper as barreiras e emergir.³⁰⁰

(A evidência ante nós indica que a história de Hort nunca foi defensável.)

A questão crucial permanece—*que tipo de história [do Texto] a evidência reflete?* A identificação do texto original do Novo Testamento, nosso reconhecimento dele, depende da nossa resposta!

²⁹⁵ *Ibid.*, pag. 401.

²⁹⁶ Colwell, "The Greek New Testament with a Limited Apparatus," pag. 37. Este tema permeia seu "Hort Redivivus."

²⁹⁷ Aland, "The Present Position," pag. 731.

²⁹⁸ Westcott e Hort, pag. 40.

²⁹⁹ Epp, "Interlude," pags. 391-92.

³⁰⁰ Clark, "Today's Problems," pag. 161.

5

A HISTÓRIA DO TEXTO

O lugar lógico para começar é com a possibilidade que o processo de transmissão do texto tenha sido normal.

Em circunstâncias normais, quanto mais um texto seja mais velho do que os seus concorrentes, tanto maiores serão as suas possibilidades de sobreviver numa maioria simples ou maioria absoluta dos textos existentes em qualquer dado período subsequente. Mas o **mais velho** de todos os textos é o autógrafo. Assim sendo, deve-se concluir que uma maioria absoluta de textos será muito mais capaz de representar corretamente o caráter do original do que uma pequena minoria, a não ser que tenha havido algum deslocamento radical na história da transmissão. Isso é uma verdade patente quando se trata de uma proporção esmagadora de 8:2. Sob quaisquer condições de transmissão razoavelmente normais, seria ... bem impossível uma forma textual posterior adquirir tão grande predomínio de testemunhas existentes.³⁰¹

Mas eram as condições de transmissão razoavelmente normais?

Os Escritos do N.T. Foram Reconhecidos?

Críticos naturalistas gostam de presumir que os escritos do Novo Testamento não eram reconhecidos como Escritura quando primeiro apareceram, e assim, através do descuido resultante, na transcrição, o texto ficou confuso e a redação original ficou “perdida” (no sentido que ninguém mais sabia ao certo qual era) desde o início. Assim Colwell diz: “A maioria dos manuais e guias impressos disponíveis (incluindo o meu!) lhe dirão que essas variações foram o fruto do tratamento descuidado, o que era possível porque os livros do Novo Testamento ainda não haviam alcançado uma posição forte como ‘Bíblia’.”³⁰² E Hort havia dito:

Baseado na literatura existente, a pureza textual mal atraía interesse. Não existe evidência para mostrar que de modo geral se tomava cuidado a fim de escolher para transcrição os exemplares que tinham maiores reivindicações de serem considerados autênticos, se de fato o conhecimento e a perícia necessários estavam disponíveis.³⁰³

Antes de aceitar a palavra de Hort a respeito, a prudência exige uma revisão do terreno. O lugar para começar é no princípio, quando os apóstolos ainda estavam escrevendo os Autógrafos.

O período apostólico

É claro que pelo menos o apóstolo Paulo considerava os seus escritos como sendo autoritários— ver 1 Co. 14:37, Gl. 1:6-12, Cl. 1:25-26, 1 Ts. 2:13, 2 Ts. 2:15 e 3:6-

³⁰¹Z.C. Hodges, “A Defense of the Majority Text” (notas de curso não publicadas, Dallas Theological Seminary, 1975), pag. 4.

³⁰²Colwell, *What is the Best New Testament?*, pag. 53.

³⁰³Westcott e Hort, pag. 9. Cf. pag. 7. É claro que Hort considerava a “literatura sobrevivente” como representativa do quadro textual nos primeiros séculos. Esta idéia infundada e enganadora continua a ser um fator importante no pensamento de alguns estudiosos, ainda hoje.

14. Também é razoável concluir de Cl. 4:16 e 1 Ts. 5:27 que ele esperava que os seus escritos tivessem uma audiência maior do que apenas a igreja destinatária. De fato, em Gálatas 1:2 ele se dirige “às igrejas da Galácia.” João também é bastante claro—Ap. 1:1-3 e 21:5. Tanto Paulo (Rm. 16:25-26, Ef. 3:4-5) quanto Pedro (1 Pd. 1:12,25; 2 Pd. 3:2) declaram que várias pessoas estavam escrevendo Escritura no seu tempo, presumivelmente incluindo eles próprios.

Em 1 Tm. 5:18 Paulo coloca o Evangelho segundo Lucas (10:7) no mesmo nível de Deuteronômio (25:4), chamando ambos de “Escritura.” Tomando o ponto de vista tradicional e conservador, geralmente se pensa que 1 Timóteo tenha sido escrito no período de cinco anos após Lucas.³⁰⁴ O Evangelho de Lucas foi reconhecido e declarado, por autoridade apostólica, ser Escritura tão logo que saiu do prelo, por assim dizer.

Em 2 Pd. 3:15-16, Pedro coloca as Epístolas de Paulo no mesmo nível com “as outras Escrituras.” Embora algumas tivessem sido produzidas talvez quinze anos antes, em outras a tinta mal havia enxugado, e talvez 2 Timóteo ainda não havia sido escrito quando Pedro escreveu. Os escritos de Paulo foram reconhecidos e declarados por autoridade apostólica serem Escritura tão logo que apareceram.

Clemente de Roma, cuja primeira epístola aos Coríntios comumente é datada cerca de 96 DC, fez amplo uso das Escrituras, apelando para a sua autoridade, e colocou o material do Novo Testamento lado a lado com o do Velho Testamento. Clemente citou Sl. 118:18 e Hb. 12:6 lado a lado como “a palavra santa” (56:3-4).³⁰⁵ Ele atribui 1 Coríntios ao “bendito Paulo, o apóstolo” e diz acerca dele: “com verdadeira inspiração ele vos escreveu” (47:1-3). Ele cita claramente Hebreus, 1 Coríntios e Romanos, e possivelmente Mateus, Atos, Tito, Tiago e 1 Pedro. Aqui está o bispo de Roma, antes do final do primeiro século, escrevendo uma carta oficial à igreja em Corinto, na qual uma seleção de livros do Novo Testamento foi reconhecida e declarada por autoridade episcopal ser Escritura, incluindo Hebreus.

A Epístola de Barnabé, datada entre 70 e 135 DC, diz em 4:14: “vamos ter cuidado, como está escrito, para que não se ache entre nós que ‘muitos são chamados e poucos escolhidos’.” A referência parece ser a Mt. 22:14 (ou 20:6) e a frase “como está escrito” pode justamente ser considerada como expressão técnica que se refere a Escritura. Em 5:9 há uma citação de Mt. 9:13 (ou Mc. 2:17 ou Lc. 5:32). Em 13:7 há uma citação livre de Rm. 4:11-12, palavras atribuídas a Deus. Semelhantemente, em 15:4 achamos: “Observai, filhos, o que significa ‘ele terminou em seis dias’. Significa que o Senhor

³⁰⁴Para uma declaração de minhas pressuposições, ver Apêndice A.

³⁰⁵Estou ciente que poderia ser Pv. 3:12 (LXX) em vez de Hb. 12:6. Clemente repetidamente cita ambos os livros por toda a carta e assim, neste ponto, ambos seriam candidatos iguais. Mas Clemente concorda exatamente com Hebreus enquanto Provérbios (LXX) difere em uma palavra importante. Além disso, o ponto principal do capítulo 56 de Clemente é que a correção deve ser aceita graciosamente como sendo do Senhor, o que também é o assunto de Hb. 12:3-11. Uma vez que, evidentemente, Clemente tinha ambos os livros na sua frente (no próximo capítulo ele cita nove versículos consecutivos, Pv. 1:23-31), então a concordância exata com Hebreus é significativa. Se ele escolheu deliberadamente a redação de Hebreus em lugar da de Provérbios, o que poderia isso implicar quanto à autoridade relativa dada a ambos os livros?

terminará tudo em seis mil anos, porque com Ele um dia significa mil anos. E Ele mesmo é minha testemunha, dizendo: ‘Eis que, o dia do Senhor será como mil anos’.”³⁰⁶

O autor, fosse quem fosse, claramente reivindica autoria divina para esta citação que parece ser de 2 Pd. 3:8.³⁰⁷ Em outras palavras, aqui 2 Pedro é considerado Escritura, tanto quanto Mateus e Romanos. Barnabé também possivelmente fez alusões a 1 e 2 Coríntios, Efésios, Colossenses, 1 e 2 Timóteo, Tito, Hebreus e 1 Pedro.

O segundo século

As sete cartas de Inácio (de cerca de 110 DC) contêm prováveis alusões a Mateus, João, Romanos, 1 Coríntios e Efésios (na sua própria carta aos Efésios, Inácio diz que eles são mencionados “em todas as epístolas de Paulo”—um pouco de hipérbole, mas claramente ele estava ciente de um corpo paulino), e possíveis alusões a Lucas, Atos, Gálatas, Filipenses, Colossenses, 1 Tessalonicenses, 1 e 2 Timóteo e Tito, mas bem poucas são citações claras e mesmo elas não são identificadas como tais.

Policarpo, escrevendo à igreja dos Filipenses (c. 115 DC?), tece um fio quase contínuo de claras citações e alusões aos escritos do Novo Testamento. O seu uso maciço das Escrituras relembra Clemente de Roma, contudo Clemente utilizava mais o Velho Testamento enquanto Policarpo usava mais o Novo. Existem talvez cinquenta citações claras tiradas de Mateus, Lucas, Atos, Romanos, 1 e 2 Coríntios, Gálatas, Efésios, Filipenses, Colossenses, 1 e 2 Tessalonicenses, 1 e 2 Timóteo, 1 e 2 Pedro, e 1 João, além de muitas alusões inclusive a Marcos, Hebreus, Tiago, e 2 e 3 João. (O único escritor neotestamentário não incluído foi Judas!)

A sua atitude para com os escritos do Novo Testamento fica clara em 12:1: “Estou certo que vós sois bem treinados nas Escrituras sagradas, ...Agora, como se diz nessas Escrituras: ‘Irai-vos, e não pequeis’, e: ‘não se ponha o sol sobre a vossa ira’. Bem-aventurado aquele que observa isto.”³⁰⁸

Ambas as partes da citação poderiam ser de Ef. 4:26, mas tendo-a dividido, Policarpo talvez tenha se referido a Sl. 4:5 (LXX) na primeira metade. Em todo caso, ele está declarando Efésios como sendo “Escritura sagrada”. Um subsídio a mais quanto a sua atitude se acha em 3:1-2.

Irmãos, eu vos escrevo isto acerca da justiça, não por iniciativa própria, mas porque primeiro me convidastes. Porque nem eu, nem ninguém como eu, é capaz de competir com a sabedoria do bendito e glorioso Paulo, que vivendo entre vós, cuidadosa e firmemente ensinava a palavra da verdade face a face com os seus contemporâneos, e estando ausente, vos escreveu cartas. Pelo exame cuidadoso de suas cartas sereis capazes de vos fortalecer na fé que vos foi dada, “que é a mãe de todos nós, ...”³⁰⁹

306Tenho utilizado a tradução feita por Francis Glimm em *The Apostolic Fathers* (New York: Cima Publishing Co., Inc., 1947), pertencente à coleção *The Fathers of the Church*, ed. Ludwig Schopp.

³⁰⁷J.V. Bartlett diz sobre as fórmulas de citação utilizadas em Barnabé para apresentar citações das Escrituras: “o resultado geral é uma doutrina de inspiração absoluta,” mas ele não se dispõe a admitir que 2 Pedro está sendo usada. Oxford Society of Historical Research, *The New Testament in the Apostolic Fathers* (Oxford: Clarendon Press, 1905), pags. 2, 15.

³⁰⁸Ver nota de rodapé 6.

³⁰⁹Ver nota de rodapé 6.

(Isto veio de um que era talvez o bispo mais respeitado da Ásia Menor no tempo dele. Foi martirizado em 156 DC.)

A segunda carta, assim chamada, de Clemente de Roma geralmente é datada antes de 150 DC e parece claramente citar Mateus, Marcos, Lucas, Atos, 1 Coríntios, Efésios, 1 Timóteo, Hebreus, Tiago e 1 Pedro, com possíveis alusões a 2 Pedro, Judas e Apocalipse. Depois de citar e comentar uma passagem do Velho Testamento, o autor prossegue dizendo em 2:4: “Uma outra Escritura diz: ‘Eu não vim chamar os justos, mas pecadores’” (Mt. 9:13; Mc. 2:17; Lc. 5:32). Aqui há um outro autor que reconheceu os escritos do Novo Testamento como Escritura.

Duas outras obras primitivas, o *Didaque* e a carta a Diogneto, utilizam os escritos do Novo Testamento como autoritários mas sem expressamente chamá-los Escritura.

O *Didaque* aparentemente cita Mateus, Lucas, 1 Coríntios, Hebreus e 1 Pedro, e tem possíveis alusões a Atos, Romanos, Efésios, 1 e 2 Tessalonicenses e Apocalipse.

A carta a Diogneto cita Atos, 1 e 2 Coríntios, enquanto faz alusão a Marcos, João, Romanos, Efésios, Filipenses, 1 Timóteo, Tito, 1 Pedro e 1 João.

Uma outra obra primitiva, o Pastor de Hermas, muito usada nos séculos segundo e terceiro, faz alusão relativamente clara a Mateus, Marcos, 1 Coríntios, Efésios, Hebreus e especialmente Tiago.

Desde a metade do segundo século obras relativamente extensas de Justino Mártir (martirizado em 165) chegam às nossas mãos. O seu “Diálogo com Trifo” demonstra conhecimento adestrado do Velho Testamento ao qual ele atribui a mais elevada autoridade possível—em *Trifo* 34 diz: “para persuadir você que não tem entendido nada das Escrituras, lembro-te de um outro Salmo, ditado a Davi pelo Espírito Santo.”³¹⁰ A finalidade de *Trifo* é provar que Jesus é Cristo e Deus e portanto aquilo que ele disse e mandou era da mais elevada autoridade.

Em *Apol.* i. 66 Justino disse: “Porque os apóstolos nos relatos escritos por eles, que se chamam de Evangelhos, desta maneira transmitiram aquilo que lhes foi mandado....”³¹¹ E em *Trifo* 119 ele disse que do mesmo modo que Abraão creu na voz de Deus: “de igual modo nós, tendo crido na voz de Deus falada pelos apóstolos de Cristo,...”

Também parece claro em *Trifo* 120 que Justino considerava os escritos do Novo Testamento serem Escritura. De bastante interesse é uma referência inequívoca ao Apocalipse em *Trifo* 81. “E ainda mais, havia um certo homem conosco cujo nome era João, um dos apóstolos de Cristo, que profetizou, por uma revelação que lhe foi dada, que aqueles que crêem em Nosso Cristo habitariam mil anos em Jerusalém.”³¹²

Justino continua dizendo: “Como também Nosso Senhor disse,” e cita Lucas 20:35; assim evidentemente ele considerava o Apocalipse como autoritária. (Enquanto

³¹⁰ Utilizei a tradução constante no Volume I de *The Ante-Nicene Fathers*, ed., A. Roberts e J. Donaldson (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1956).

³¹¹ Utilizei a tradução por E.R. Hardy em *Early Christian Fathers*, ed., C.C. Richardson (Philadelphia: The Westminster Press, 1953).

³¹² Ver nota de rodapé 10.

tratando do Apocalipse, em 165 DC Melito, Bispo de Sardes, escreveu um comentário sobre o livro.)

Uma passagem bem esclarecedora ocorre em *Apol.* i.67.

E no dia chamado domingo há uma reunião num lugar, daqueles que moram ou nas cidades ou no campo, e os relatos dos apóstolos ou os escritos dos profetas são lidos enquanto o tempo permitir. Quando o leitor termina, o presidente num discurso nos exorta e convida a imitar essas coisas nobres.³¹³

Quer a seqüência sugira ou não que os Evangelhos eram preferidos sobre os Profetas, claro é que ambos eram considerados autoritários e igualmente admoestados aos ouvintes. Notar ainda mais que cada congregação deveria possuir a sua própria cópia dos escritos dos apóstolos para poder lê-los, e que tal leitura acontecia cada semana.

Atenágoro, em seu “Apelo,” escrito no início do ano 177, cita Mt. 5:28 como Escritura: “...não nos é permitido sequer um olhar concupiscente. Porque as Escrituras dizem: ‘Aquele que repara uma mulher com concupiscência, já cometeu adultério no seu coração’” (32).³¹⁴ Ele trata de maneira semelhante Mt. 19:9, ou Mc. 10:11, em 33.

Teófilo, bispo de Antioquia, no seu tratado a Autólico, cita 1 Tm. 2:1 e Rm. 13:7 como “a Palavra Divina” (iii.14); cita o quarto Evangelho, dizendo que João era “inspirado pelo Espírito” (ii.22); Isaías e “o Evangelho” são mencionados em um parágrafo como Escritura (iii.14), e ele insiste em diversas passagens que os escritores jamais se contradiziam. “As declarações dos Profetas e dos Evangelhos se acham coerentes, porque todas elas foram inspiradas pelo único Espírito de Deus” (ii.9; ii.35; iii.17).³¹⁵

Os escritos sobreviventes de Irineu (faleceu em 202 DC), sua obra principal *Contra Hereges* sendo escrito no ano 185 aproximadamente, são mais ou menos iguais em quantidade aos de todos os pais anteriores juntos.

O seu testemunho à autoridade e inspiração das Escrituras Sagradas é claro e inequívoco. Difunde-se por todos os seus escritos; e este testemunho é de valor incomum porque deve ser considerado como representando pelo menos três igrejas, aquelas de Lions, Ásia Menor e Roma. O uso autoritário de ambos os Testamentos é claramente estabelecido.³¹⁶

Irineu afirmou que os apóstolos ensinavam que Deus é o Autor de ambos os Testamentos (*Contra Hereges* IV. 32.2) e evidentemente considerava que os escritos do Novo Testamento formavam um segundo cânon. Ele citou todos os capítulos de Mateus, 1 Coríntios, Gálatas, Efésios, Colossenses e Filipenses; citou todos menos um ou dois

³¹³Ver nota de rodapé 11. Seu cuidadoso estudo dos papiros literários cristãos antigos tem levado C.H. Roberts a concluir: “Isto indica o uso cuidadoso e normal das Escrituras pelas comunidades locais” (*Manuscript, Society and Belief in Early Christian Egypt* [London: Oxford Univ. Press, 1979], pag. 25). Ele também infere de P. Oxy. iii. pag. 405 que uma cópia de *Adversus Haereses*, escrita por Irineu em Lions, foi trazida a Oxyrhynchus dentro de bem poucos anos depois de ter sido escrita (*Ibid.*, pags. 23, 53), eloqüente testemunho da extensão de tráfego entre as antigas igrejas.

³¹⁴Ver nota de rodapé 11, exceto que Richardson é o tradutor, aqui.

³¹⁵Tirado de G.D. Barry, *The Inspiration and Authority of Holy Scripture* (New York: The McMillan Company, 1919), pag. 52.

³¹⁶*Ibid.*, pag. 53.

capítulos de Lucas, João, Romanos, 2 Tessalonicenses, 1 e 2 Timóteo, e Tito; citou a maioria dos capítulos de Marcos (incluindo os últimos doze versos), Atos, 2 Coríntios, e Apocalipse; e citou todos os outros livros do N.T. exceto Filemon e 3 João. Estes dois livros são muito pequenos e talvez Irineu não tivesse ocasião de fazer referência a eles nas suas obras existentes, mas isto não significa que ele não soubesse a respeito deles, nem que os tenha rejeitado. Evidentemente as dimensões do cânon do Novo Testamento reconhecido por Irineu eram muito próximas ao que afirmamos hoje.

Do tempo de Irineu em diante não poderá existir mais dúvida sobre a atitude da Igreja para com os escritos do Novo Testamento: são Escritura. Tertuliano (em 208) disse com respeito à igreja em Roma: “a lei e os profetas ela reúne em um volume com os escritos dos evangelistas e apóstolos” (*Receita contra Hereges*, 36).

Os Cristãos Primitivos Eram Cuidadosos?

Tem sido largamente afirmado que os Cristãos primitivos não tiveram preocupação ou não foram capazes de guardar a pureza do texto. (Lembre-se das palavras de Hort acima citadas). Mais uma vez precisamos revistar o terreno. Muitos dos primeiros crentes eram Judeus devotos que tinham uma reverência e um cuidado inatos (que chegava aos jotas e tis) para com as Escrituras do Antigo Testamento. Essa reverência e esse cuidado seriam naturalmente passados para as Escrituras do Novo Testamento também.

Por que será que críticos modernos imaginam que os cristãos primitivos, e particularmente os líderes espirituais entre eles, fossem inferiores em integridade ou inteligência? Um Pai citando de memória ou adaptando uma passagem à sua finalidade num sermão ou numa carta, de maneira nenhuma significa que ele usaria a mesma liberdade ao copiar um livro ou trecho. A honestidade simples exigiria que ele produzisse uma cópia fiel. Devemos presumir que todo o mundo que fez cópias dos livros do Novo Testamento nos primeiros anos foi um bobo ou um velhaco? Paulo certamente era homem tão inteligente quanto qualquer um de nós. Se Hebreus foi escrito por alguém outro, aí era outro homem de elevado entendimento espiritual e capacidade intelectual. Havia Barnabé e Apolo e Clemente e Policarpo, etc., etc. A Igreja teve homens de raciocínio e inteligência em todas as épocas. Começando com o que **sabiam** ser o texto puro, os primeiros pais não precisavam ser críticos textuais. Só precisavam ser razoavelmente honestos e cuidadosos. Mas não existem motivos sobejos para crermos que exerceriam vigilância e cuidado **especiais**?

Os apóstolos

Os próprios apóstolos tanto declaram os escritos do Novo Testamento serem Escritura, o que criaria reverência e cuidado por parte dos fiéis no seu tratamento, quanto expressamente advertiram os crentes a ficarem de alerta contra falsos mestres—ver At. 20:27-32, Gl. 1:6-12, 2 Tm. 3:1-4:4, 2 Pd. 2:1-2, 1 Jo. 2:18-19, 2 Jo. 7-11, Jd. 3-4, 16-19. A afirmação de Pedro a respeito do torcer das palavras de Paulo (2 Pd. 3:16) sugere que havia consciência e preocupação quanto ao texto e à maneira pela qual estava sendo tratado. Reconheço que os apóstolos se concentravam mais na interpretação do que na transcrição do texto, mas mesmo assim, uma vez que qualquer alteração resultaria numa interpretação diferente, podemos razoavelmente deduzir que a sua preocupação

pela verdade incluiria a transmissão fiel do texto. Aliás, mal poderíamos pedir uma expressão mais clara desta preocupação do que aquela apresentada em Ap. 22:18-19. 2 Ts. 2:2 evidentemente se preocupa com autenticidade.

Os pais primitivos

Os Pais primitivos fornecem algumas pistas úteis sobre a situação. As cartas de Inácio contêm diversas referências a um considerável intercâmbio entre as igrejas (as da Ásia Menor, Grécia, Roma) por intermédio de mensageiros (muitas vezes oficiais), o que parece indicar um profundo sentimento de solidariedade vinculando-as, e uma ampla circulação de notícias e atitudes—um problema com um herege em um lugar logo ficaria conhecido em todos os lugares, etc. Que havia forte sentimento sobre a integridade das Escrituras, Policarpo deixa claro (7:1): “Quem perverter as palavras do Senhor...esse é primogênito de Satanás.” Críticos de nossos dias podem não gostar da terminologia de Policarpo, mas o uso de termos tão fortes deixa claro que ele estava mais do que atento e preocupado.

Semelhantemente, Justino Mártir afirma (*Apol.* i.58): “os demônios iníquos também destacaram Marcion de Pontus.” E em *Trifo* xxxv ele diz a respeito dos hereges ensinando doutrinas dos espíritos do erro, que esse fato: “nos incita, nós que somos discípulos da verdadeira e pura doutrina de Jesus Cristo, a sermos mais fiéis e firmes na esperança anunciada por Ele.”

Parece óbvio que atividade herética causaria que os fiéis ficassem com maior cuidado e os obrigaria a definir nas suas próprias mentes aquilo que iriam defender. Assim sendo, o cânon truncado de Marcion evidentemente incitou os fiéis a definirem o verdadeiro cânon. Mas Marcion também alterou a redação de Lucas e das Epístolas de Paulo, e através de suas recriminações amargas fica claro que os fiéis estavam tanto cientes quanto preocupados. De passagem podemos observar que a atividade herética também fornece evidência indireta que os escritos do Novo Testamento eram considerados como Escritura—para quê falsificá-los se não tinham autoridade?

Dionísio, Bispo de Corinto (168-176), queixou-se de que as suas próprias cartas foram adulteradas e, pior ainda, também as Sagradas Escrituras.

E insistiram em que tinham recebido uma tradição pura. Assim Irineu disse que a doutrina dos apóstolos havia sido entregue através da sucessão de bispos, sendo guardada e preservada, sem qualquer alteração das Escrituras, sem permitir nem acréscimos nem diminuições, envolvendo leitura pública sem falsificação (*Contra Hereges* IV. 32:8).

Tertuliano também atesta o seu direito às Escrituras do Novo Testamento: “Eu tenho os verdadeiros registros oficiais desde os próprios donos... Eu sou herdeiro dos apóstolos. Assim como prepararam com cuidado o seu testamento e o outorgaram a uma custódia...mesmo assim eu a retenho.”³¹⁷

³¹⁷ *Prescription against Heretics*, 37. Utilizei a tradução feita por Peter Holmes no Vol. III de *The Ante-Nicene Fathers*.

Irineu

A fim de assegurar precisão na transcrição, os autores às vezes incluíam no final de suas obras literárias uma intimação dirigida a copistas futuros. Assim, por exemplo, Irineu anexou ao final do seu tratado *Sobre o Ogdoad* o seguinte: “Eu te conjuro, quem copiar este livro, por Nosso Senhor Jesus Cristo e por seu glorioso Advento, quando vier julgar os vivos e os mortos, que compares o que transcreves e o corrijas a partir deste manuscrito do qual estás copiando, e também que transcrevas este juramento e o coloques na cópia.”³¹⁸

Se Irineu tomou tais precauções extremas em prol da transmissão precisa de sua própria obra, quanto mais ele teria preocupação pela transcrição exata da Palavra de Deus? De fato, ele demonstra a sua preocupação pela exatidão do texto por defender a leitura tradicional de uma **única letra**. A questão é se o apóstolo João escreveu $\chi\xi\xi'$ (666) ou $\chiιξ'$ (616) em Ap. 13:18. Irineu assevera que 666 se acha “em todas as cópias mais antigas e aprovadas” e que “aqueles homens que viram João face a face” atestam esta leitura. E ele adverte aqueles que fizeram a alteração (duma só letra) que “o castigo sobre aquele que aumenta ou diminui qualquer coisa da Escritura não será leve” (xxx.1). Parece que Irineu está impondo Apoc. 22:18-19.

Considerando a intimidade entre Policarpo e João, a sua cópia pessoal do Apocalipse provavelmente foi feita sobre o autógrafo. E considerando a veneração de Irineu para com Policarpo, a sua cópia pessoal do Apocalipse provavelmente foi feita sobre a de Policarpo. Embora Irineu evidentemente não mais poderia se referir ao autógrafo (nem noventa anos depois deste ter sido escrito!) claramente ele estava numa posição para identificar uma cópia fiel e declarar com certeza a leitura original—isto no ano 186 DC. Que nos conduz até Tertuliano.

Tertuliano

Por volta do ano 208 ele instou aos hereges:

Percorrer as igrejas apostólicas, nas quais os próprios tronos dos apóstolos ainda estão nos seus lugares proeminentes, nas quais os seus próprios escritos autênticos (*authenticae*) são lidos, expressando a voz e representando o rosto de cada um deles individualmente. Acáia fica bem perto de vocês, (na qual) vocês acham Corinto. Já que vocês não estão longe de Macedônia, têm Filipos; (e ali também) têm os Tessalonicenses. Já que vocês podem atravessar para Ásia, encontram Éfeso. Além disso, estando perto da Itália, vocês têm Roma, donde chega às nossas mãos a própria autoridade (dos apóstolos mesmos).³¹⁹

Alguns já pensaram que Tertuliano estivesse afirmando que os autógrafos de Paulo ainda estavam sendo lidos no seu tempo (208), mas pelo menos ele queria dizer que estavam utilizando cópias fiéis. Era de esperar algo diferente? Por exemplo, quando os cristãos em Éfeso viram que o autógrafo da carta de Paulo a eles estava ficando gasto, não iriam com cuidado fazer uma cópia idêntica para o seu uso continuado? Eles deixariam o autógrafo perecer sem fazer uma tal cópia? (Deveria ter havido um fluxo constante de pessoas vindo para fazer suas cópias da carta ou verificar a leitura correta.) Creio que somos obrigados a concluir que no ano 200 a Igreja de Éfeso ainda estava em

³¹⁸ Metzger, *The Text*, pag. 21.

³¹⁹ *Prescription against Heretics*, 36, usando a tradução de Holmes.

condições de atestar a redação original de sua carta (e assim também para as outras igrejas detentoras de autógrafos)—mas isto é contemporâneo com P46, P66 e P75!

Ambos Justino Mártir e Irineu afirmaram que a Igreja estava espalhada por toda a terra, no tempo deles—lembramos que Irineu, em 177, tornou-se bispo de Lions, na **Gália**, e ele não foi o primeiro bispo daquela região. Juntando esta informação com a afirmação de Justino que as memórias dos apóstolos eram lidas todos os domingos nas congregações, torna-se claro que deveria haver milhares de cópias dos escritos do Novo Testamento em uso, em torno de 200 DC. Cada congregação precisaria de uma cópia para fazer leitura, e deveria haver cópias particulares entre aqueles que podiam custear o trabalho.

Temos evidência objetiva na História para sustentar as seguintes proposições.

- O texto verdadeiro jamais “se perdeu.”
- Em 200 DC a exata redação original dos diversos livros ainda podia ser verificada e certificada.
- Portanto não havia nenhuma necessidade de praticar a crítica textual, e qualquer esforço nesse sentido seria espúrio.

Contudo, certas regiões presumivelmente estariam em situação melhor para proteger e transmitir o texto verdadeiro do que outras.

Quem Era Melhor Qualificado?

Quais fatores seriam importantes para garantir, ou ao menos facilitar, uma transmissão fiel do texto dos escritos do N.T.? Eu proponho que há quatro fatores controladores: acesso aos autógrafos, domínio da língua original, a situação da Igreja (na região), e uma atitude condigna para com o Texto.

Acesso aos autógrafos

Este critério provavelmente vigorou por menos de cem anos (os autógrafos presumivelmente ficaram totalmente gastos dentro desse prazo) mas é altamente significativo para uma compreensão adequada da história da transmissão do Texto. Já no ano 100 certamente havia muitas cópias dos diversos livros (uns mais que outros) enquanto ainda era certamente possível verificar uma cópia com o original, caso surgisse alguma dúvida. Concluimos que havia um fluxo crescente de cópias fielmente feitas emanando dos detentores dos autógrafos para o resto do mundo cristão. Naqueles primeiros anos os produtores de cópias sabiam que a redação verdadeira poderia ser conferida, o que iria exercer pressão sobre eles no sentido de não tomarem liberdades com o texto.

Contudo, presume-se que distância seria um fator—para alguém no norte da África consultar o autógrafo de Efésios seria um empreendimento caro em termos de dinheiro e tempo. Creio que podemos concluir razoavelmente que de modo geral a qualidade das cópias seria melhor na região circunvizinha ao autógrafo e iria deteriorar à medida que aumentasse a distância. Barreiras geográficas importantes aumentariam esta tendência.

Então, quem detinha os autógrafos? Falando em termos de regiões, seguramente podemos dizer que a Ásia Menor tinha doze (João, Gálatas, Efésios, Colossenses, 1 e 2 Timóteo, Filemon, 1 Pedro, 1 e 2 e 3 João, e Apocalipse). Seguramente podemos dizer que a Grécia tinha seis (1 e 2 Coríntios, Filipenses, 1 e 2 Tessalonicenses, e Tito em Creta). Seguramente podemos dizer que a Roma tinha dois (Marcos e Romanos)—quanto aos outros, Lucas, Atos e 2 Pedro provavelmente ficaram na Ásia Menor ou Roma; Mateus e Tiago na Ásia Menor ou Palestina; Hebreus em Roma ou Palestina; enquanto é difícil citar probabilidade para Judas, é bem possível ter ficado na Ásia Menor. Considerando Ásia Menor e Grécia juntas, a região Egéia detinha os autógrafos de pelo menos dezoito (dois terços do total) e possivelmente até vinte e quatro dos vinte e sete livros do Novo Testamento. Roma detinha pelos menos dois e possivelmente até sete. Palestina pode ter detido até três (mas em 70 DC eles seriam remetidos fora para segurança, talvez para Antioquia). Alexandria (Egito) não detinha **nenhum**. Claramente a região Egéia tinha o melhor começo, e Alexandria o pior—o texto no Egito só poderia ser de segunda mão na melhor hipótese. Sem pedir favor, podemos concluir razoavelmente que na primeira fase da transmissão do Texto do N.T. as cópias mais confiáveis estariam circulando na região que detinha os autógrafos. Relembrando a discussão de Tertuliano acima, creio que podemos razoavelmente estender esta conclusão até e além de 200 DC. Assim sendo, alguém que no ano 200 procurava o melhor texto do N.T. presumivelmente iria à região Egéia, certamente não ao Egito.

Domínio da língua original

Como lingüista (PhD) e alguém que tem lidado com o processo de tradução da Bíblia por alguns anos, afirmo que uma tradução “perfeita” é impossível. (Aliás, uma aproximação razoável muitas vezes é bastante difícil realizar.) Cuidado divino em prol da forma exata do Texto do NT teria que ser mediado através da língua dos autógrafos—grego. Evidentemente versões antigas (em siríaco, latim, cóptico) podem dar um voto claro com referência a variantes maiores, mas exatidão só é possível no grego (no caso do N.T.). Isso como pano de fundo, mas a nossa preocupação principal aqui é com os copistas.

Copiar um texto manualmente numa língua que não se compreende é um exercício cansativo—é quase impossível produzir uma cópia perfeita (experimente para ver!). É preciso copiar praticamente letra por letra e constantemente verificar o lugar. (É ainda mais difícil se não existe espaço entre as palavras e nenhuma pontuação, como era o caso com o N.T. nos primeiros séculos.) Mas se você não pode entender o texto, é difícil permanecer atento. Considere o caso de P⁶⁶. Este papiro talvez seja o manuscrito conhecido mais antigo (c. 200) do N.T. de algum tamanho (contém a maior parte de João). É uma das piores cópias que temos. Tem em média mais ou menos dois erros por versículo—muitos sendo erros óbvios, erros bobos, erros sem sentido. Pelo jeito dos erros é evidente que o copista copiou sílaba por sílaba. Não hesito em afirmar que a pessoa que produziu P⁶⁶ não sabia grego. Se entendesse o texto não teria cometido o número e os tipos de erros que cometeu.

Agora, considere o problema do ponto de vista de Deus. A quem deveria Ele confiar a responsabilidade principal pela transmissão fiel do Texto do N.T.? Se o Espírito Santo ia tomar parte ativa no processo, onde deveria concentrar os Seus esforços? Presumivelmente falantes fluentes do grego teriam a vantagem, e áreas onde o grego conti-

nuaria em uso ativo seriam preferidas. Para ocorrer uma transmissão fiel, os copistas tinham que ter proficiência em grego, e isto ao longo dos anos. Então, onde o grego predominava? Evidentemente na Grécia e na Ásia Menor. Grego é língua pátria da Grécia até hoje (tendo mudado bastante através dos séculos, como há de acontecer com qualquer língua viva). A predominância do grego na área do Mar Egeu foi assegurada por muitos séculos pelo Império Bizantino (praticamente até a invenção da imprensa).

O que dizer sobre o Egito? O uso de grego no Egito já estava diminuindo no começo da era cristã. Bruce Metzger observa que a parte helenizada da população no Egito “era só uma fração comparada com o número de habitantes nativos que falavam somente as línguas egípcias.”³²⁰ No terceiro século o desuso era evidentemente bem avançado. Já tenho afirmado que o copista que fez P⁶⁶ (c. 200) não sabia grego. Agora considere o caso de P⁷⁵ (c. 220). E. C. Colwell analisou P⁷⁵ e achou cerca de 145 itacismos,³²¹ mais 257 outras leituras singulares, 25% das quais não têm sentido. Baseado no jeito dos erros, fica claro que o copista que fez P⁷⁵ copiou letra por letra!³²² Isto significa que ele não sabia grego—ao transcrever numa língua que se sabe, copia-se frase por frase, ou pelo menos palavra por palavra. K. Aland afirma que antes do ano 200 o grego já caía no desuso nas áreas onde se falava latim, siríaco ou cóptico, e cinquenta anos mais tarde a mudança para a língua local era bem acentuada.³²³

Outra vez a Área Egéia é sobejamente a mais qualificada para transmitir o Texto com confiança e integridade. Notar que mesmo se o Egito tivesse começado com um bom texto, já no final do segundo século a sua competência para transmitir o texto estava sempre diminuindo. De fato, os papiros primitivos (vêm do Egito) são visivelmente inferiores em qualidade, considerados individualmente, além de apresentarem tipos de texto um tanto divergentes (não concordam entre si).

A situação da Igreja

Esta questão é relevante à nossa discussão por duas razões. Primeiro, a lei da demanda funciona na Igreja tanto quanto em outros lugares. Onde há muitas congregações e crentes haverá uma maior demanda por cópias das Escrituras. Segundo, uma igreja forte e bem estabelecida normalmente terá uma liderança experimentada e confiante—o exato tipo que tomaria interesse na qualidade de suas Escrituras e também seria capaz de fazer algo a respeito. Assim sendo, quais eram as áreas onde a Igreja primitiva era mais forte?

Embora a Igreja evidentemente tenha começado em Jerusalém, as primeiras perseguições e a atividade apostólica causaram a sua difusão. A principal linha de avanço parece ter sido ao norte para a Ásia Menor e ao oeste para a Europa. Se a escolha das igrejas para receberem as “cartas” do Cristo glorificado (Ap. 2 e 3) for indicativa, o centro de gravidade da Igreja parece ter se deslocado da Palestina para a Ásia Menor antes do final do primeiro século. (A destruição de Jerusalém pelos exércitos de Roma

³²⁰ Metzger, *Early Versions*, pag. 104.

³²¹ “Itacismo” significa a substituição de uma vogal ou um ditongo por outro/a que se pronunciava de forma igual ou muito parecida.

³²² Colwell, *Scribal Habits*, pags. 374-76, 380.

³²³ K. e B. Aland, *The Text of the New Testament* (Grand Rapids: Eerdmans, 1981), pags. 52-53.

em 70 DC deve ter apressado o processo.) Kurt Aland concorda com Adolfo Harnack que “cerca de 180 DC, a maior concentração de igrejas estava na Ásia Menor e ao longo da costa do Mar Egeu na Grécia.” Continua: “A impressão geral é que a concentração do Cristianismo era no Oriente ... Mesmo em torno de 325 a cena permanecia praticamente sem mudança. Ásia Menor continuava sendo ‘a terra-coração’ da Igreja.”³²⁴ “A terra-coração da Igreja”—pois então, quem mais estaria numa posição melhor para certificar o texto correto do Novo Testamento?

O que dizer sobre o Egito? C.H. Roberts, num tratamento erudito dos papiros literários cristãos dos primeiros três séculos, parece favorecer a conclusão que a igreja alexandrina era fraca e insignificante para o mundo grego cristão no segundo século.³²⁵ Aland afirma: “Egito se destacava das outras províncias da Igreja, até onde podemos julgar, pelo domínio, desde cedo, do gnosticismo.”³²⁶ Prossegue nos informando que “ao final do segundo século” a Igreja egípcia era “dominada pelo gnosticismo”, e adianta mais: “As cópias existentes nas comunidades gnósticas não podiam ser usadas, por estarem sob suspeita de serem adulteradas.”³²⁷

Isto é bastante esclarecedor—o que Aland está nos dizendo, em outras palavras, é que durante o segundo século (100 a 200) a tradição textual do Egito **não era confiável**. A avaliação de Aland aqui é bem provavelmente correta. Notem o que Bruce Metzger diz sobre a Igreja primitiva no Egito:

Entre os documentos cristãos que durante o segundo século se originaram no Egito ou lá circulavam entre tanto ortodoxos como Gnósticos, estão numerosos evangelhos apócrifos, atos, epístolas e apocalipses ... Há também fragmentos de obras dogmáticas e exegéticas compostas por cristãos alexandrinos, principalmente Gnósticos, durante o segundo século ... De fato, baseado nos comentários de Clemente de Alexandria, quase todo o tipo de seita cristã digressiva se representava no Egito durante o segundo século. Clemente menciona os Valentinianos, Basilidianos, Marcionitas, Peratae, Encratitas, Docetistas, Haimetitas, Cainitas, Ofitas, Simonianos e Eutiquianos. Não se sabe que porcentagem de cristãos no Egito durante o segundo século era ortodoxa.³²⁸

Quase dá para imaginar se Isaías 30:1-3 não seria uma profecia sobre a crítica textual do N.T.!

Mas precisamos parar para refletir sobre as implicações das afirmações de Aland. É campeão do tipo de texto egípcio (“alexandrino”), mas apesar disso, ele mesmo nos informa que durante o segundo século a tradição textual do Egito não era confiável, e já no ano 200 o uso de grego lá havia praticamente cessado. Pois então, baseado em quê pode ele argumentar que mais tarde o texto egípcio tornou-se o melhor? Aland também afirma que no segundo século, no terceiro, e até no quarto século a Ásia Menor continuava sendo “a terra-coração da Igreja.” Isto significa que as qualificações superiores da Área Egéia para proteger, transmitir, e certificar o Texto do N.T. vigoram **quarto século adentro!** Acontece que Hort, Metzger e Aland (além de muitos outros) ligaram o tipo de texto “Bizantino” com Luciano (de Antioquia), que morreu em 311 DC. Ora vejam,

³²⁴ *Ibid.*, pag. 53.

³²⁵ Roberts, pags. 42-43, 54-58.

³²⁶ K. e B. Aland, pag. 59.

³²⁷ K. Aland, “The Text of the Church?” *Trinity Journal*, 1987, 8NS:138.

³²⁸ Metzger, *Early Versions*, pag. 101.

um texto produzido “na terra-coração da Igreja” não seria melhor do que qualquer coisa que tivesse evoluído no Egito?

Atitude para com o Texto

Onde se exige trabalho cuidadoso, a atitude daqueles aos quais a tarefa é confiada é essencial. Estão eles cientes? Concordam? Se não compreenderem a natureza da tarefa, provavelmente a qualidade diminuirá. Se compreenderem mas não concordarem, poderiam até praticar a sabotagem—uma eventualidade danosa. No caso dos livros do N.T. podemos começar com a pergunta: “Por que seriam feitas cópias?”

Já vimos que os fiéis reconheceram a autoridade dos escritos do N.T. desde o princípio, e assim a produção de cópias começaria imediatamente. Os autores claramente intencionaram que os seus escritos fossem circulados, e a qualidade dos escritos era tão óbvia que a notícia se espalharia e cada congregação iria querer uma cópia. O fato de Clemente e Barnabé citarem e fazerem alusão a vários livros do N.T. na virada do primeiro século torna claro que cópias estavam circulando. Um corpo paulino era conhecido a Pedro antes de 70 DC. Atendendo a um pedido da igreja em Filipos, Policarpo (XIII) c. 115 enviou uma coleção das cartas de Inácio, possivelmente dentro de cinco anos após serem escritas. Evidentemente era procedimento normal fazer cópias e coleções (de escritos dignos) para que cada congregação tivesse um conjunto. Inácio fez referência ao trânsito livre e ao intercâmbio entre as igrejas, e Justino à prática semanal de ler as Escrituras nas congregações (tinham que ter cópias).

Uma segunda pergunta seria: “Qual era a atitude dos copistas para com o seu trabalho?” Já temos a essência da resposta. Sendo seguidores de Cristo, e crendo que lidavam com Escritura, a uma honestidade básica seria acrescentada reverência no seu lidar com o Texto, desde o princípio. E a vigilância também, visto que os apóstolos haviam advertido repetida e enfaticamente a respeito de falsos mestres. Dado que os fiéis eram pessoas com inteligência e integridade pelo menos medianas, com o passar dos anos eles produziram cópias cuidadosas dos manuscritos que haviam recebido da geração anterior, pessoas em quem confiavam, assegurados que estavam transmitindo o verdadeiro texto. Haveria erros-no-copiar acidentais no seu trabalho, mas nenhuma alteração propositada. É importante notar que os primeiros cristãos não precisavam ser críticos textuais. Começando com o que sabiam ser o texto puro, só tiveram que ser razoavelmente honestos e cuidadosos. Eu digo que temos boa razão de entender que eram bastante vigilantes e cuidadosos—principalmente nas primeiras décadas.

No decorrer do tempo desenvolveram-se atitudes regionais, além de políticas regionais. O surgimento da “escola de Antioquia” é um fator relevante. A partir de Teófilo, um bispo de Antioquia que morreu cerca de 185, os antioquinos começaram a insistir na interpretação literal das Escrituras. O importante é que o literalista é obrigado (por formação) a preocupar-se com a exata redação do texto, visto que a sua interpretação depende dela.

É razoável presumir que esta mentalidade “literalista” tenha influenciado as igrejas da Ásia Menor e da Grécia e as estimulado na transmissão cuidadosa e fiel do texto puro que haviam recebido. Por exemplo, os 1.000 (?) MSS da Peshita Siríaca são sem igual na sua coerência. (Por via de contraste, os 8.000 MSS da Vulgata Latina são notáveis por suas discrepâncias extensivas, e nisto seguem o exemplo dos MSS da Ve-

Iha Latina.) Não é insensato supor que a antipatia antioquina contra a interpretação alegórica das Escrituras de Alexandria os indisporia a olhar com simpatia quaisquer formas concorrentes de texto procedentes do Egito. De modo semelhante, a controvérsia quarta-decimaniana com Roma não ajudaria quaisquer inovações procedentes do oeste.

Até o ponto em que as raízes do método alegórico que prosperou na Alexandria durante o terceiro século já estavam presentes, elas também seriam um fator negativo. Uma vez que Filo de Alexandria estava no apogeu de sua influência quando os primeiros cristãos lá chegaram, pode ser que a sua interpretação alegórica do V.T. tenha começado a influir na igreja jovem já no primeiro século. Visto que um alegorista vai impor as suas próprias idéias sobre o texto de qualquer maneira, é presumível que este teria menos inibições de alterá-lo—redação exata não teria prioridade elevada.

A escola de crítica literária existente em Alexandria também seria um fator negativo, se tivesse qualquer influência sobre a Igreja, e W.R. Farmer argumenta que teve.

Existe ampla evidência que no tempo de Eusébio as práticas de crítica textual de Alexandria estavam sendo seguidas em pelo menos algumas 'scriptória' onde os manuscritos do Novo Testamento estavam sendo produzidos. Precisamente quando primeiro foram usados os princípios da crítica textual da Alexandria . . . não se sabe.³²⁹

Ele prossegue sugerindo que a escola cristã em Alexandria fundada por Pantænus, cerca de 180, inevitavelmente seria influenciada pelos eruditos da grande biblioteca daquela cidade. O relevante é que os princípios utilizados em tentar "restaurar" as obras de Homero, não seriam apropriados para os escritos do N.T. quando ainda era possível apelar para os autógrafos, ou cópias exatas deles.

Conclusão

Qual é a resposta dada à nossa pergunta pelos "quatro fatores controladores"? Os quatro falam com voz unida: "A região Egéia era a melhor qualificada para proteger, transmitir e confirmar o verdadeiro texto dos escritos do N.T." Isto era verdade no segundo século; era verdade no terceiro século; continuou sendo verdade no quarto século. E agora estamos prontos para responder à pergunta: "A transmissão foi normal?", e tentar esboçar a história do texto.

A Transmissão Foi Normal?

A transmissão foi normal? Sim e não. Presumindo que os fiéis foram pessoas de integridade e inteligência pelo menos medianas, eles produziram cópias razoáveis dos manuscritos que haviam recebido da geração anterior, pessoas em quem confiavam, tendo segurança que estavam transmitindo o texto verdadeiro. Haveria erros-de-copiar acidentais nos seus trabalhos, mas não alterações propositadas. Mas havia outros que expressaram interesse nos escritos do Novo Testamento, pessoas às quais faltava integridade, e que faziam suas próprias cópias com intenção maliciosa. Haveria também

³²⁹W.R. Farmer, *The Last Twelve Verses of Mark* (Cambridge: University Press, 1974), pags. 14-15. Ele cita B.H. Streeter, *The Four Gospels*, 1924, pags. 111, 122-23.

erros-de-copiar acidentais no trabalho deles, mas ao mesmo tempo uma alteração propositada do texto. Primeiro vou esboçar a transmissão normal.

A transmissão normal

Já vimos que os fiéis reconheceram a autoridade dos escritos do Novo Testamento desde o princípio—se não fosse assim, estariam rejeitando a autoridade dos apóstolos, e como conseqüência não estariam entre os fiéis. A uma honestidade básica seria acrescentada a reverência no seu lidar com o texto, desde o princípio. E a estas seria acrescentada a vigilância, visto que os apóstolos os haviam advertido, repetida e enfaticamente, acerca de falsos mestres.

Com uma procura sempre crescente e a conseqüente proliferação de cópias através do mundo greco-romano, e com a possibilidade de verificar cópias por recorrer aos centros que ainda possuíam os autógrafos, a situação inicial do texto era presumivelmente bem favorável à ampla disseminação de MSS tendo concordância precisa com o texto original. Podemos razoavelmente entender que pelos primeiros anos do segundo século a disseminação de tais cópias teria sido bem ampla, com a conseqüência lógica que a forma de texto nelas incorporada logo ficaria entrincheirada em toda a área de sua influência.

As considerações que acabamos de colocar são cruciais a uma compreensão adequada da história da transmissão do texto, porque indicam que uma tendência básica ficou estabelecida logo no princípio—uma tendência que continuaria inexoravelmente até o advento dum texto impresso do N.T. Digo “inexoravelmente” porque, dado um processo normal de transmissão, a ciência da probabilidade estatística demonstra que uma forma de texto em tais circunstâncias dificilmente poderia ser deslocada de sua posição dominante—as probabilidades contra uma forma concorrente de texto jamais alcançar atestação majoritária seriam muito altas, isso não importando quantas gerações de MSS que pudessem existir. (A demonstração que justifica minha afirmação encontra-se no Apêndice C.) Seria necessário um transtorno incomum na história de transmissão para dar margem a que uma forma de texto aberrante chegasse a predominar. Não conhecemos nenhum lugar na história que dê espaço para tal transtorno.

O argumento baseado em probabilidade se aplica também a escritos seculares, além daqueles do Novo Testamento, e não leva em conta qualquer preocupação extraordinária pela pureza do texto. Contudo, tenho argumentado que os primeiros cristãos realmente tinham uma preocupação especial por suas Escrituras e que essa preocupação acompanhou a difusão do Cristianismo. Assim, Irineu claramente levou para Gálea a sua preocupação pela pureza do texto (que se estendeu até o nível de uma só letra) e sem dúvida influenciou os cristãos daquela região. O ponto relevante é que a forma de texto dos autógrafos do N.T. tinha uma grande vantagem sobre aquela de qualquer literatura secular, de sorte que a sua posição dominante ficaria ainda maior do que a sugerida pelo argumento da probabilidade. A rápida multiplicação e dispersão de boas cópias elevaria a níveis intransponíveis qualquer oportunidade para formas de texto aberrantes ganharem algum tipo de aceitação ou uso amplos.³³⁰

³³⁰Tenho evitado introduzir qualquer argumento baseado na providência de Deus porque nem todos aceitam tal raciocínio e porque a superioridade do Texto Tradicional pode ser demonstrada sem se recorrer a

Segue-se que, dentro de relativamente poucos anos após serem escritos os livros do N.T., surgiu rapidamente um texto “Majoritário” cuja forma era essencialmente aquela dos próprios autógrafos. Esta forma de texto, no decorrer natural das coisas, continuaria a se multiplicar e em cada geração sucessiva de cópias continuaria a ser exibida na massa dos manuscritos existentes. Em fim, teria uma transmissão “normal.”

O uso de designações tais como “Sírio,” “Antioquino”, e “Bizantino” para o Texto Majoritário reflete a sua ligação generalizada com aquela região. Não conheço nenhuma razão para duvidar que o texto “Bizantino” é de fato a forma de texto conhecida e transmitida na região Egéia desde o princípio.

Em suma, creio que a evidência claramente favorece aquela interpretação da história do texto que vê a transmissão normal do texto centrada na região Egéia, a área que era melhor qualificada, de todos os pontos de vista, para transmitir o texto, desde o princípio. O resultado daquela transmissão normal é o tipo de texto “Bizantino”. Em cada época, incluindo os séculos segundo e terceiro, tem sido o texto tradicional.

Assim sendo, afirmo que o texto do N.T. teve uma transmissão normal, isto é: a plenamente previsível difusão e reprodução de cópias fieis dos autógrafos desde os primeiros anos ao longo da história da transmissão até que a disponibilidade de textos impressos colocou um ponto final na prática de copiar a mão.

A transmissão anormal³³¹

Voltando agora para a transmissão anormal, sem dúvida ela começou junto com a normal. Os próprios escritos apostólicos contêm fortes reclamações e advertências contra atividades heréticas e maliciosas. À medida que o Cristianismo se espalhou e começou a impactar o mundo, nem todas as pessoas o aceitaram como “boas novas”. Vários tipos de oposição surgiram. Também surgiram divisões dentro da comunidade cristã global—no próprio N.T. notam-se os começos de alguns desses desvios. Em alguns casos fidelidade a uma posição ideológica (teológica) evidentemente tornou-se mais importante do que fidelidade ao texto do N.T. Certo é que alguns dos Pais da Igreja que escreveram durante o segundo século se queixaram amargamente a respeito das alterações propositadas do Texto feitas pelos “hereges”. Grandes partes dos escritos

tais raciocínios. Assim, creio que a argumentação a partir das probabilidades estatísticas, acima oferecida, é válida como ela se encontra. No entanto, embora eu não tenha argumentado com base na Providência, gostaria que o leitor entendesse que, pessoalmente, não creio que a preservação do verdadeiro texto foi tão mecanística quanto a discussão acima pode sugerir. Da evidência previamente apresentada, parece claro que uma grande maioria das leituras variantes (talvez a maioria das leituras maliciosas) que existiram no segundo século simplesmente não sobreviveram—não temos nenhuma testemunha sobrevivente a favor deles. Podemos razoavelmente concluir que os antigos cristãos foram “cães de guarda” conscientes e capazes do texto verdadeiro. Gostaria de crer que eles foram ajudados e assistidos pelo Espírito Santo. Nesta hipótese, a segurança do texto é consideravelmente maior que aquela sugerida somente pela probabilidade, incluindo a proposição que nenhuma das palavras originais foi perdida.

³³¹Tenho sido acusado de incoerência por criticar W-H por tratarem o NT como qualquer outro livro enquanto, todavia, eu próprio afirmo uma “transmissão normal” para o Texto Majoritário. O ponto crucial é que eu também reconheço uma “transmissão anormal”, enquanto W-H não o fizeram. Fee distorce seriamente minha posição, por ignorar minha discussão da transmissão anormal (“A Critique”, pags. 404-08) e representando distorcidamente minha visão da transmissão normal (*Ibid.*, pag. 399). Eu mantenho que 95% das variantes, os óbvios erros de transcrição, se enquadram (na maior parte) na transmissão normal, ao passo que os 5% restantes, as variantes “significativas”, se enquadram na transmissão anormal.

existentes dos primeiros Pais se ocupam precisa e exclusivamente com o combate aos hereges. É claro que durante o segundo século, e talvez já no primeiro, tais pessoas produziram muitas cópias dos escritos do N.T. incorporando as suas alterações.³³² Algumas aparentemente foram largamente circuladas por algum tempo. O resultado foi uma misturada de leituras variantes para confundir os mal informados e enganar os incautos. Tal cenário era totalmente previsível. Se o N.T. é de fato a Palavra de Deus, então tanto Deus quanto Satanás devem ter um vivo interesse na sua situação. Abordar a crítica textual do N.T. sem levar isto devidamente em conta é agir irresponsavelmente.

1) A maior parte do estrago foi feito até 200 DC

É geralmente aceito que a maioria das variantes significativas já existiam até o final do segundo século. Colwell afirma: “A maioria esmagadora das leituras foi criada antes do ano 200.”³³³ Décadas antes dele Scrivener disse: “Tanto é de acordo com os fatos quanto soa paradoxal que as piores corrupções feitas ao Novo Testamento tiveram origem dentro de cem anos de sua origem.”³³⁴ Kilpatrick comenta a evidência dos papiros mais antigos.

Vamos considerar nossos dois manuscritos mais ou menos dessa data [200 DC] que contêm partes de João, o Papiro Chester Beatty e o Papiro Bodmer. Eles trazem mais ou menos setenta versículos em comum. No escopo desses setenta versículos eles discordam entre si umas setenta e três vezes, afora equívocos.

Além disso, no Papiro Bodmer o copista original freqüentemente corrigiu aquilo que ele havia primeiro escrito. Em alguns lugares ele está corrigindo os seus próprios equívocos mas em outros, ele substitui uma forma de frase por uma outra. Em mais ou menos setenta e cinco dessas substituições ambas as alternativas são conhecidas independentemente a partir de outros manuscritos. O copista está de fato substituindo uma variante por uma outra em cerca de setenta e cinco lugares, de sorte que podemos concluir que no tempo dele já havia variação nesses pontos.³³⁵

Zuntz também reconheceu tudo isso. “A crítica moderna pára diante da barreira do segundo século. Parece ser a época de liberdades incontidas para com o texto.”³³⁶

Kilpatrick continua a argumentar que a criação de novas variantes cessou em torno de 200 DC porque tornou-se impossível “vendê-las.” Ele comenta algumas das tentativas de Orígenes para introduzir modificações no texto, e prossegue:

O tratamento dado por Orígenes a Mt. 19:19 é significante de duas outras maneiras. Primeiro ele era provavelmente o comentarista mais influente da Igreja Antiga e mesmo assim a sua conjectura parece ter influenciado só um manuscrito duma versão local do Novo Testamento. A tradição grega aparentemente não sofreu nenhuma influência dela. A partir do terceiro século nem mesmo um Orígenes podia efetivamente alterar o texto.

³³²Burgon, *The Revision Revised*, pags. 323-24.

³³³Colwell, “The Origin of Texttypes,” pag. 138.

³³⁴F.H.A. Scrivener, *A Plain Introduction to the Criticism of the New Testament*, quarta edição, editada por E. Miller (2 Vols.; London: George Bell and Sons, 1894), II, 264.

³³⁵G.D. Kilpatrick, “The Transmission of the New Testament and its Reliability,” *The Bible Translator*, IX (July, 1958), 128-29.

³³⁶Zuntz, *The Text*, pag. 11.

Isto nos leva para o segundo ponto significante—sua data. A partir do começo do terceiro século em diante a liberdade para alterar o texto que havia existido não mais podia ser praticada. Taciano é o último autor a fazer mudanças proposítas no texto acerca de quem temos informação explícita. Entre Taciano e Orígenes a opinião cristã mudou tanto que não era mais possível fazer mudanças no texto nem mesmo que fossem inofensivas.³³⁷

Kilpatrick acha que essa atitude foi uma reação contra o remanejamento do texto pelos hereges do segundo século. Certamente houve um grande clamor, e qualquer que seja a razão, parece que houve pouco prejuízo adicional após o ano 200 DC.

2) As formas de texto aberrantes

O alcance das dificuldades textuais do segundo século facilmente pode ser exagerado. Mesmo assim, a evidência citada realmente prova que formas aberrantes do texto do N.T. foram produzidas. Naturalmente, algumas daquelas formas podem ter obtido aceitação local e temporária, mas mal poderiam se tornar mais do que pequenos remansos à beira do rio “majoritário.” Lembre-se de que a possibilidade de conferir com os autógrafos deve ter servido para inibir a difusão de tais formas de texto.

Por exemplo, Gaio, um Pai ortodoxo que escreveu próximo ao fim do segundo século, citou por nome quatro hereges que não só alteraram o texto mas tinham discípulos que multiplicaram cópias de seus esforços. De interesse especial aqui é a sua afirmação que eles não podiam negar a sua culpa por não poderem produzir os originais nos quais eram baseados as suas cópias.³³⁸ Isto seria uma acusação vazia da parte de Gaio se também ele não podia produzir os originais. Já tenho argumentado que as igrejas na Ásia Menor, por exemplo, ainda possuíam os autógrafos ou cópias exatas que eles mesmos haviam feito—assim eles **sabiam**, absolutamente, qual era a redação verdadeira e podiam repelir as formas aberrantes com confiança. Um homem tal como Policarpo seria capaz de afirmar em 150 DC, letra por letra se fosse o caso, a redação original do texto para a maior parte dos livros do Novo Testamento. E presumivelmente os seus manuscritos não foram queimados junto com ele.

Não somente havia pressão procedente dos autógrafos, mas também pressão exercida pelo já estabelecido ímpeto de transmissão detido pela forma de texto majoritária. Como já mostramos, a probabilidade estatística operando contra formas aberrantes do texto seria fulminante. Em outras palavras, apesar da existência de um sortimento atordoador de variantes, julgando a partir de testemunhas conhecidas, e apesar dessas variantes serem uma influência perturbadora na corrente de transmissão, elas não poderiam ser bem sucedidas em frustrar o progresso da transmissão normal.

O Fluxo da Transmissão

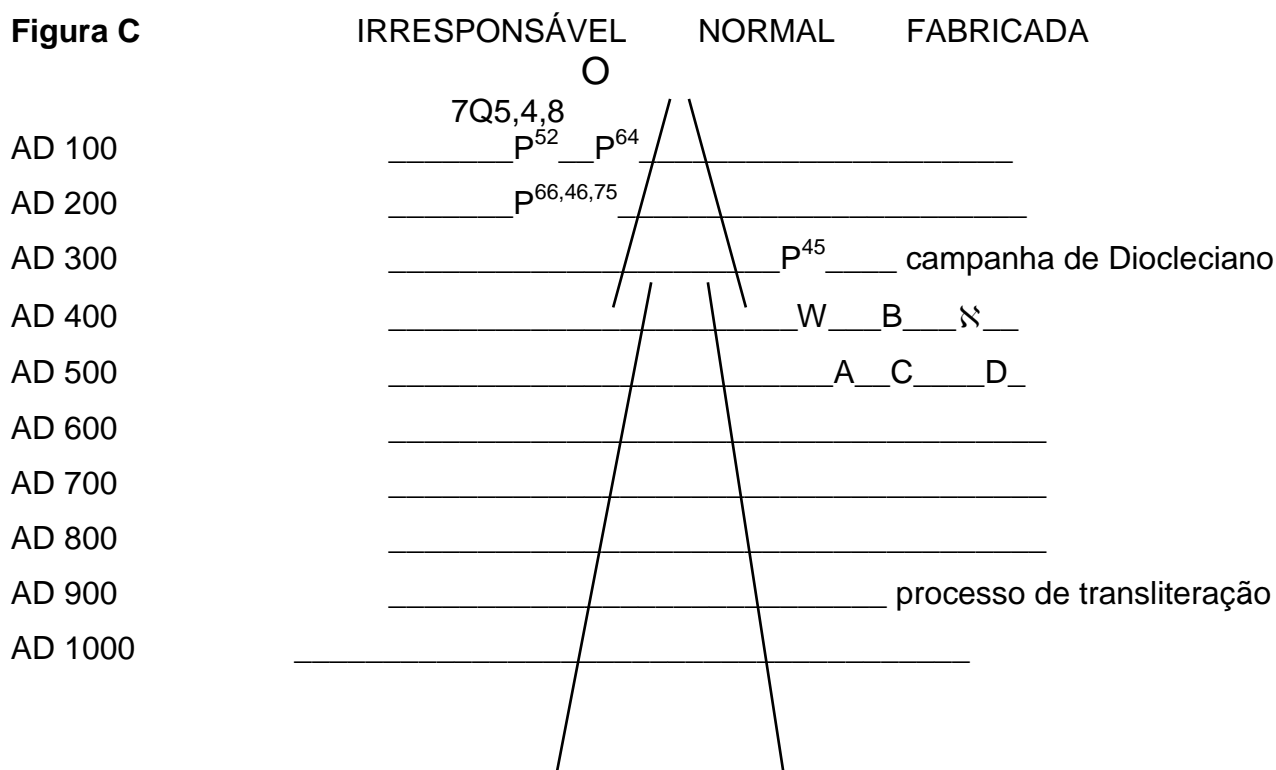
Agora, que tipo de quadro podemos esperar encontrar nas testemunhas sobreviventes, na suposição que a história da transmissão do Texto do Novo Testamento foi normal? Podemos esperar um largo espectro de cópias, apresentando pequenas diferenças devidas aos erros-de-copiar, mas todas refletindo uma tradição comum. A existência si-

³³⁷Kilpatrick, "Atticism and the Text of the Greek New Testament," *Neutestamentliche Aufsätze* (Regensburg: Verlag Friedrich Pustet, 1963), pags. 129-30.

³³⁸Cf. Burgon, *The Revision Revised*, pag. 323.

multânea de transmissão anormal nos primeiros séculos deixaria um punhado de cópias salpicadas fora daquela corrente principal. O quadro iria ter aparência semelhante à *Figura C*.

Figura C



Os MSS dentro do cone representam a transmissão “normal”. À esquerda tenho colocado alguns possíveis representantes daquilo que poderíamos caracterizar como transmissão “irresponsável” do texto—os copistas produziram cópias defeituosas por causa de incompetência ou descuido, mas não fizeram alterações proposítadas. À direita tenho colocado alguns possíveis representantes daquilo que poderíamos caracterizar como a transmissão “fabricada” do texto—os copistas fizeram alterações proposítadas no texto (quaisquer que tenham sido as razões), produzindo cópias fabricadas, não cópias verdadeiras. Estou bem ciente que os MSS distribuídos na figura acima contêm tanto erros de descuido quanto erros deliberados, em proporções diferentes (7Q5,4,8 e P⁵² são fragmentos pequenos demais para permitir a classificação de seus erros como deliberados em vez de descuidados), de sorte que uma classificação como esta, não deixa de ser relativa, e apresenta um quadro um pouco distorcido. Mesmo assim, eu insisto em que ignorância, descuido, intromissão e malícia, todos deixaram marcas sobre a transmissão do texto do Novo Testamento, e devemos levá-los em conta em qualquer tentativa de reconstruir a história dessa transmissão.

Como a figura sugere, sustento que a campanha de Diocleciano teve um efeito purificador sobre o fluxo da transmissão. Para suportar tortura (e morte) antes de entregar o(s) seu(s) MS(S), alguém teria que ser crente comprometido, o tipo de pessoa que queria boas cópias das Escrituras. Assim, é provável que eram os MSS mais contaminados, em geral, que foram destruídos, deixando os MSS mais puros para repovoar a terra (favor ver a parte: “A repressão imperial ao N.T.” no capítulo seis).

Um outro elemento deve ser considerado—uma vez que a campanha de Diocleciano, como registrado pela História, foi mais intensiva e eficiente na região Bizantina, a vantagem numérica do tipo de texto “Bizantino” sobre o “Ocidental” e o “Alexandrino” teria sido reduzida, dando a estes a oportunidade de avançar (no cômputo global). Mas assim não aconteceu. De modo geral a Igreja recusou-se a propagar essas formas do texto Grego.

O que encontramos ao consultar as testemunhas é exatamente tal quadro. Temos o Texto Majoritário (como Aland o chama), ou o Texto Tradicional (como Burgon o chama), dominando o fluxo da transmissão, com umas poucas testemunhas individualmente seguindo seus caminhos peculiares. Já vimos que a idéia de “tipos-de-texto” e recensões, como definidos por Hort e seus seguidores, é infundada. A idéia de “correntes” de Epp não é nada melhor. Só existe uma correnteza, com vários remansos pequenos pelas suas margens.³³⁹ Ao dizer que o Texto Majoritário domina o fluxo, isto significa que se representa em cerca de 95% dos MSS.³⁴⁰

Bem, tal afirmação não é completamente satisfatória porque não dá margem para a mistura ou as afinidades vagantes encontradas dentro de MSS individuais. Uma maneira melhor (embora mais trabalhosa) de descrever a situação seria algo mais ou menos assim: 100% dos MSS concordam quanto a, digamos, 50% do Texto; 99% dos MSS concordam quanto a outros 40% do Texto; mais de 95% dos MSS concordam quanto a outros 4% do Texto; mais de 90% dos MSS concordam quanto a outros 2% do Texto; mais de 80% concordam quanto a outros 2% do Texto; somente para 2% do Texto temos menos que 80% dos MSS concordando, e a maioria desses casos ocorre no Apocalipse.³⁴¹ E os componentes do grupo dissidente variam de leitura para leitura. (Alguém certamente vai me lembrar que testemunhas devem ser pesadas, não contadas; me tolere, em breve chegarei lá.) Contudo, com a ressalva acima, podemos razoavelmente dizer que até 95% dos MSS existentes pertencem ao tipo de texto Majoritário.

Não vejo como explicar uma dominação de 95% (ou 90%) a não ser que aquele texto é procedente dos autógrafos. Hort viu o problema e inventou uma revisão. Sturz parece não ter visto o problema. Ele demonstra que o “tipo-de-texto Bizantino” é primitivo e independente dos tipos de texto “Ocidental” e “Alexandrino”, e como Von So-

³³⁹Poderíamos falar de um remanso P^{45,W} ou um remanso P^{75,B}, por exemplo.

³⁴⁰Embora eu tenha usado, por necessidade, o termo “tipo-de-texto” através de todo o livro, vejo o Texto Majoritário como sendo muito mais amplo. É uma tradição textual que pode ser dita incluir vários “tipos-de-texto”, tais como K^a, Kⁱ, e K^l de von Soden. Quero enfatizar novamente que é apenas concordância em erros que determina relacionamentos genealógicos. Segue-se que os conceitos de “genealogia” e “tipo-de-texto” são irrelevantes com referência a leituras originais—eles são úteis (quando apropriadamente empregados) somente para identificar leituras espúrias. Bem, se há uma família que muito aproximadamente reflete o texto original, seu “perfil” ou mosaico de leituras irá distingui-la das outras famílias, mas a maioria daquelas leituras não será de erros (as variantes concorrentes distintivas das outras famílias sim **serão** erros).

³⁴¹Não me preocupo em defender a precisão dos números usados, eles são **palpites**, mas creio que representam uma aproximação razoável da realidade. Concordo de todo coração com Colwell quando ele insiste em que temos de “eliminar radicalmente a leitura singular” (“External Evidence”, pag. 8), na suposição inteiramente razoável (assim me parece) que uma testemunha que está solitária contra o resto do mundo não pode estar certa.

den, quer tratá-los como três testemunhas iguais.³⁴² Mas, se os três tipos de texto fossem iguais, **como** poderia o tipo “Bizantino” obter um predomínio de 90% a 95%?

O argumento baseado em probabilidade estatística entra aqui com bastante força. Não somente os MSS nos apresentam uma forma de texto gozando de uma maioria de 95%, mas os outros 5% não representam um único tipo de texto concorrente. Os MSS da minoria discordam entre si tanto (ou mais) do que o fazem com a maioria. É uma raridade dois deles concordarem tanto quanto P⁷⁵ e B o fazem. Não estamos, portanto, julgando entre duas formas de texto, uma representando 95% dos MSS e a outra 5%. Antes, temos que julgar entre 95% e uma fração de 1% (comparando o Texto Majoritário com, por exemplo, a forma de texto P⁷⁵,B). Podemos ver um caso específico: em 1 Tm. 3:16 uns 600 MSS gregos (além dos lecionários) trazem “Deus”, enquanto somente sete trazem algo diferente. Dos sete, três têm leituras particulares e quatro concordam em ler “quem.”³⁴³ De sorte que temos que decidir entre 99% e 0.6%, “Deus” contra

³⁴²Sturz, *Op. Cit.* Um texto produzido por seguir dois dos “tipos-de-texto” contra o terceiro (em qualquer combinação), moveria o texto da UBS 80% da distância em direção ao Texto Majoritário.

³⁴³As leituras, com os MSS que as atestam, são as seguintes:

o - D

ω - 061

oj *Qeoj* - um cursivo (e um Lecionário)

oj - \aleph , 33, 442, 2127 (três Lecionários)

Qeoj - A, C^{vid}, F/G^{vid}, K, L, P, Y, uns 600 cursivos (além dos Lecionários) (inclusive quatro cursivos que têm o *Qeoj* e um Lecionário que têm *Qeou*).

Será observado que minha declaração difere daquela do texto UBS, por exemplo. Ofereço a seguinte explicação.

Young, Huish, Pearson, Fell, e Mill no século XVII; Creyk, Bentley, Wotton, Wetstein, Bengel, Berriman, e Woide no século XVIII; e Scrivener tão tardiamente quanto em 1881; todos eles afirmaram, baseados em cuidadosa inspeção, que o Códice A traz “Deus”. Para uma discussão completa, favor ver Burgon, que diz de Woide “O erudito e consciente editor do Códice declara que tão recente quanto em 1765 ele tinha visto traços do θ que, vinte anos depois (a saber, em 1785), não mais lhe eram visíveis.” (*The Revision Revised*, pag. 434. Cf. pags. 431-36). Foi somente após 1765 que os estudiosos começaram a questionar a leitura de A (através de desvanecimento e desgaste, a linha do meio do *theta* não mais é discernível).

Hoskier devota o Apêndice J de *A Full Account* (o apêndice sendo uma reimpressão de parte de um artigo que apareceu em *Clergyman's Magazine*, Fevereiro 1887) a uma cuidadosa discussão da leitura de Códice C. Ele gastou três horas examinando a passagem em questão, neste MS (o próprio MS), e oferece evidência que mostra claramente, estou convencido, que a leitura original de C é “Deus”. Ele examinou o contexto ao redor e observa, “A **barra-de-contracção** tem freqüentemente se desvanecido completamente (de um exame superficial, creio que a barra desapareceu mais vezes que não), mas outras vezes está evidente e imposta da mesma maneira que em 1 Tm. iii.16” (Apêndice J, pag. 2). Ver também Burgon, *Ibid.*, pags. 437-38.

Os Códices F/G têm OC onde a barra-de-contracção é um traço inclinado. Tem sido argumentado que o traço representa a aspiração de $\omega\varsigma$, mas Burgon demonstra que o traço em questão nunca representa aspiração mas é invariavelmente o sinal de contracção, e afirma que “ $\omega\varsigma$ não é **em nenhum outro local** escrito OC em nenhum dos dois códices” (*Ibid.*, pag. 442. Cf. pags. 438-42). Presumivelmente a linha cruzada no pai comum [aos dois MSS] tinha se tornado muito fraca para ser vista. Quanto ao cursivo 365, Burgon o procurou exaustivamente e não apenas não conseguiu encontrá-lo, mas não pôde encontrar nenhuma evidência que ele jamais tenha existido (*Ibid.*, pags. 444-45).

(Tratei do caso de 1 Tm. 3:16, na primeira edição deste livro, unicamente para ilustrar o argumento da probabilidade, não como exemplo de “como fazer crítica textual” [cf. Fee, “*A Critique*”, pag. 423]. Já que a questão tem sido levantada, adicionarei umas poucas palavras sobre o assunto).

“quem.” É difícil imaginar qualquer combinação de circunstâncias na história da transmissão do texto possivelmente suficiente para produzir a cataclísmica “virada de cabeça para baixo” na probabilidade estatística necessária para afirmar que “quem” seja a leitura original.

Realmente parece que aqueles eruditos que rejeitam o Texto Majoritário enfrentam um problema sério. Como ele se explica se não reflete o Original? A idéia duma revisão luciânica, proposta por Hort, já foi abandonada pela maioria dos estudiosos pela falta total de evidência histórica. Os ecleticistas nem estão tentando explicar [o Texto Majoritário]. A tese de “processo” não tem sido articulada em detalhe suficiente para permitir uma refutação, mas parece contraditada frontalmente pelo argumento a partir da

As três variantes significativas envolvidas são representadas nos MSS unciais antigos como se segue: O, OC, e θ C, significando, respectivamente, “que”, “quem” e “Deus”. Ao escrever “Deus”, se um copista omitisse (por pressa ou distração momentânea) as duas linhas [a que cruza o *theta* e a barra em cima] resultaria em “quem”. Os Códices A, C, F, e G têm numerosas ocorrências onde uma das duas (a linha cruzante ou a barra contractante) não é mais discernível (a linha original pode ter desvanecido ao ponto de ficar invisível, ou o copista pode ter falhado em escrevê-la). A hipótese de ambas as linhas se desvanecerem, como aqui no Códice A, é presumivelmente um evento infreqüente. A hipótese de um copista inadvertidamente omitir ambas as linhas também seria um evento infreqüente, presumivelmente, mas deve ter acontecido pelo menos uma vez, provavelmente bem cedo no segundo século e em circunstâncias que produziram um efeito que se propagou amplamente.

A colocação “o mistério ... quem” é ainda mais patológica em grego do que o é em português. Foi assim inevitável, uma vez que tal leitura surgiu e se tornou conhecida, que ação remediadora fosse tentada. Conseqüentemente, a primeira leitura acima, “o mistério ... que,” é geralmente considerada como uma tentativa de fazer a leitura difícil inteligível. Mas tem que ter sido um desdobramento antigo, por que domina completamente a tradição latina, tanto de versões como dos Pais, como também é a leitura provável das versões Syr^P e Coptica. Encontra-se somente em um MS grego, Códice D, e em nenhum Pai grego antes do quinto século.

A maioria dos estudiosos modernos considera “Deus” como uma outra resposta terapêutica, para a leitura difícil. Embora domine os MSS gregos (acima de 98%), é certamente atestada por somente duas versões, a Geórgica e a Slavônica (ambas posteriores). Mas também domina os Pais Gregos. Ao redor de 100 DC há possíveis alusões em Barnabé “*Ἰησοῦς . . . ὁ υἱὸς τοῦ Θεοῦ τυπῶ καὶ ἐν σαρκὶ φανερωθεὶς*” (Cap. xii), e em Inácio, “*Θεοῦ ἀνθρώπινως φανερούμενου*” (*Ad Ephes.* c. 19) e “*ἐν σαρκὶ γενομένου Θεοῦ*” (*Ibid.*, c. 7). No século III parece haver claras referências em Hipólito. “*Θεὸς ἐν σωματι ἐφανερωθῆ*” (*Contra Haeresim Noetii*, c. xvii), Dionísio, “*Θεὸς γὰρ ἐφανερωθῆ ἐν σαρκὶ*” (*Concilia*, i. 853a) e Gregório Taumaturgo, “*καὶ ἐστὶν Θεὸς ἀληθινὸς ὁ ἀσαρκὸς ἐν σαρκὶ φανερωθεὶς*” (citado por Fócio). No 4^o século há citações ou referências claras em Gregório de Nissa (22 vezes), Gregório de Nazianzo, Dídimo de Alexandria, Diodoro, as Constituições Apostólicas, e Crisóstomo, seguido por Cirilo de Alexandria, Teodoreto, e Eutálio no quinto século, e assim por diante (Burgon, *Ibid.*, pags. 456-76, 486-90).

Quanto à leitura gramaticalmente aberrante, “quem”, além dos MSS já citados, a mais antiga versão que atesta é a gótica (quarto século). Para se ter uma clara testemunha patrística grega para esta leitura se exige a seqüência *μυστηριον ὅς ἐφανερωθῆ*, uma vez que depois de qualquer referência a Cristo, Salvador, Filho de Deus, etc. no contexto anterior, o uso de uma cláusula predicativa é previsível. Burgon afirmou que não tinha conhecimento de nenhum tal testemunho (e seu conhecimento do assunto provavelmente nunca foi igualado) (*Ibid.*, pag. 483).

Assim, parece que as leituras “Ocidental” e “Bizantina” têm atestação mais antiga que a “Alexandrina”. Todavia, se a leitura “que” surgiu para remediar a leitura “quem”, então a segunda tem que ser mais velha. A leitura “quem” é admitidamente a mais difícil, tanto assim que aplicar o cânon “escolha a leitura mais difícil”, face a uma tão fácil explanação transcricional [a omissão sem querer dos dois traços] para a leitura difícil, parece ser irrazoável. Como Burgon tão bem o disse: “Confio que pelo menos estamos de acordo que a máxima ‘proclivi lectioni praestat ardua,’ não enuncia uma tão tola proposição quanto que, ao escolher entre duas ou mais leituras conflitantes, devemos preferir aquela que tem a atestação externa mais frágil, -- contanto que, em si própria, seja [também] quase ininteligível?” (*Ibid.*, pag. 497).

probabilidade estatística.³⁴⁴ Como poderia qualquer quantidade de “processo” transpor o abismo entre B (ou Aleph) e o TR?

Mas existe um problema ainda mais básico com a tese de “processo.” Hort percebeu clara e corretamente que o Texto Majoritário tem que ter um protótipo comum. Lembre-se que o método genealógico de Hort se baseava em comunidade de **erro**. Partindo da hipótese que o Texto Majoritário seja uma forma de texto posterior e inferior, a grande massa de leituras comuns que o distingue dos tipos de texto (assim chamados) “Oriental” e “Alexandrino” devem ser **erros** (que é exatamente o que Hort alegava) e tamanha concordância em erro teria que ter uma fonte comum. A tese de “processo” é totalmente incapaz de explicar tal concordância em erro (partindo dessa hipótese).

Hort percebeu a necessidade de uma fonte comum e alegou uma revisão luciana. Eruditos hoje em dia geralmente reconhecem que o “tipo-de-texto Bizantino” deve ter originado dentro do segundo século, pelo menos. Mas que possibilidade teria o documento original “Bizantino”, o arquétipo, de galgar aceitação quando ainda era possível apelar aos autógrafos?

Sinceramente, só existe uma explicação razoável para o Texto Majoritário que tenha sido apresentada até agora—ele é o resultado de um processo de transmissão essencialmente normal, e a fonte comum para sua concordância é os autógrafos. Ao longo dos séculos de copiar, o texto original sempre tem sido refletido com elevado grau de precisão na tradição dos manuscritos como um todo. A história do texto apresentada neste capítulo não só explica bem o Texto Majoritário como também explica a minoria de MSS incoerentes. Estes são restos da transmissão anormal do texto, refletindo antigas formas aberrantes. É uma dependência de tais formas aberrantes que distingue edições contemporâneas críticas/ecléticas do Novo Testamento no Grego e as traduções modernas nelas baseadas.

Qual É a Evidência em Si?

Os Unciais

Em “*The Text of the New Testament*”³⁴⁵ K. Aland apresenta um resumo de resultados duma “colação experimental e sistemática” dos unciais mais importantes dos séculos IV-IX. Ele emprega quatro categorias: “Bizantino”, “original”, “concordâncias” entre os dois, e leituras “independentes ou distintivas.” Visto que por “original” ele parece querer dizer essencialmente “Egípcio” (ou “Alexandrino”) eu usarei as categorias seguintes: Egípcio, Majoritário (“Bizantino”), ambos (“concordâncias”) e outros (“independentes”). Eu prossigo alistando cada MS desde o século IV até o IX para os quais Aland apresenta um resumo:

| Códice | Data | cont. | Egípcio | ambos | Majoritário | outros | total | class. | Cat. |
|--------|------|-------|---------|-------|-------------|--------|-------|--------|------|
| B-03 | IV | e | 196 | 54 | 9 | 72 | 331 | E+ | I |
| | | a | 72 | 22 | 2 | 11 | 107 | E++ | I |
| | | p | 144 | 31 | 8 | 27 | 210 | E++ | I |
| | | c | 80 | 8 | 2 | 9 | 99 | E++ | I |

³⁴⁴Para uma discussão adicional, ver as páginas finais do Apêndice C.

³⁴⁵K. e B. Aland (Grand Rapids: Eerdmans, 1987), pags. 106-125.

| | | | | | | | | | |
|----------|------|----|-----|-----|-----|-----|-----|-------|-----|
| N-01 | IV | e | 170 | 80 | 23 | 95 | 368 | E | I |
| | | a | 67 | 24 | 9 | 17 | 117 | E+ | I |
| | | p | 174 | 38 | 76 | 52 | 340 | E | I |
| | | c | 73 | 5 | 21 | 16 | 115 | E | I |
| -----400 | | | | | | | | | |
| W-032 | V | e | 54 | 70 | 118 | 88 | 330 | M- | III |
| A-02 | V | e | 18 | 84 | 151 | 15 | 268 | M++ | III |
| | | a | 65 | 22 | 9 | 12 | 108 | E+ | I |
| | | p | 149 | 28 | 31 | 37 | 245 | E+ | I |
| | | c | 62 | 5 | 18 | 12 | 97 | E+ | I |
| C-04 | V | e | 66 | 66 | 87 | 50 | 269 | M- | II |
| | | a | 37 | 12 | 12 | 11 | 72 | E | II |
| | | p | 104 | 23 | 31 | 15 | 173 | E+ | II |
| | | c | 41 | 3 | 15 | 12 | 71 | E | II |
| D-05 | V | e | 77 | 48 | 65 | 134 | 324 | O- | IV |
| | | a | 16 | 7 | 21 | 33 | 77 | O- | IV |
| I-016 | V | p | 15 | 1 | 2 | 6 | 24 | E | II |
| Q-026 | V | e | 0 | 5 | 5 | 2 | 12 | M+ | V |
| 048 | V | p* | 26 | 7 | 3 | 4 | 40 | E+ | II |
| 0274 | V | e | 19 | 6 | 0 | 2 | 27 | E+++ | II |
| -----500 | | | | | | | | | |
| D-06 | VI | p | 112 | 29 | 137 | 83 | 361 | M- | II |
| E-08 | VI | a | 23 | 21 | 36 | 22 | 102 | M- | II |
| H-015 | VI | p | 11 | 0 | 5 | 1 | 17 | E | III |
| N-022 | VI | e | 8 | 48 | 89 | 15 | 160 | M+ | V |
| O-023 | VI | e | 0 | 4 | 9 | 3 | 16 | M+ | V |
| P-024 | VI | e | 3 | 16 | 24 | 0 | 43 | M++ | V |
| R-027 | VI | e | 0 | 4 | 11 | 5 | 20 | M+ | V |
| Z-035 | VI | e | 11 | 5 | 3 | 2 | 21 | E+ | III |
| Ξ-040 | VI** | e | 8 | 2 | 2 | 3 | 15 | E | III |
| Σ-042 | VI | e | 15 | 83 | 140 | 25 | 263 | M+ | V |
| Φ-043 | VI | e | 11 | 83 | 131 | 18 | 243 | M++ | V |
| -----600 | | | | | | | | | |
| 0211 | VII | e | 10 | 101 | 189 | 23 | 323 | M++ | V |
| -----700 | | | | | | | | | |
| E-07 | VIII | e | 1 | 107 | 209 | 9 | 326 | M++++ | V |
| L-019 | VIII | e | 125 | 75 | 52 | 64 | 316 | E | II |

| | | | | | | | | | |
|----------|------|---|----|-----|-----|----|-----|-------|-----|
| 047 | VIII | e | 6 | 96 | 175 | 21 | 298 | M++ | V |
| 0233 | VIII | e | 3 | 23 | 47 | 5 | 78 | M++ | III |
| Ψ-044 | VIII | e | 52 | 21 | 40 | 19 | 132 | E- | III |
| | | a | 22 | 25 | 43 | 15 | 105 | M | III |
| | | p | 38 | 42 | 135 | 33 | 248 | M | III |
| | | c | 54 | 8 | 21 | 14 | 97 | E | II |
| -----800 | | | | | | | | | |
| F-09 | IX | e | 0 | 78 | 156 | 11 | 245 | M+++ | V |
| F-010 | IX | p | 91 | 12 | 41 | 69 | 213 | E- | III |
| G-011 | IX | e | 4 | 87 | 176 | 21 | 288 | M++ | V |
| G-012 | IX | p | 91 | 12 | 43 | 66 | 212 | E- | III |
| H-013 | IX | e | 2 | 82 | 174 | 7 | 265 | M++++ | V |
| H-014 | IX | a | 2 | 22 | 48 | 1 | 73 | M+++ | V |
| K-017 | IX | e | 8 | 107 | 197 | 15 | 327 | M++ | V |
| K-018 | IX | p | 8 | 32 | 154 | 8 | 202 | M+++ | V |
| | | c | 4 | 9 | 77 | 6 | 96 | M++ | V |
| L-020 | IX | a | 1 | 23 | 51 | 3 | 78 | M+++ | V |
| | | p | 5 | 44 | 188 | 4 | 241 | M++++ | V |
| | | c | 5 | 9 | 78 | 3 | 95 | M+++ | V |
| M-021 | IX | e | 7 | 106 | 202 | 12 | 327 | M+++ | V |
| P-025 | IX | a | 1 | 29 | 70 | 0 | 100 | M++++ | V |
| | | p | 87 | 31 | 87 | 31 | 236 | E/M | III |
| | | c | 26 | 6 | 46 | 9 | 87 | M | III |
| U-030 | IX | e | 1 | 38 | 105 | 11 | 155 | M++ | V |
| V-031 | IX | e | 8 | 101 | 192 | 17 | 318 | M++ | V |
| Y-034 | IX | e | 4 | 95 | 192 | 6 | 297 | M++++ | V |
| Δ-037 | IX | e | 69 | 88 | 120 | 47 | 324 | M | III |
| Θ-038 | IX | e | 75 | 59 | 89 | 95 | 318 | O- | II |
| Λ-039 | IX | e | 0 | 10 | 41 | 2 | 53 | M++++ | V |
| Π-041 | IX | e | 11 | 104 | 190 | 18 | 323 | M++ | V |
| Ω-045 | IX | e | 3 | 104 | 208 | 10 | 325 | M+++ | V |
| 049 | IX | a | 3 | 29 | 69 | 3 | 104 | M+++ | V |
| | | p | 0 | 34 | 113 | 3 | 150 | M++++ | V |
| | | c | 1 | 9 | 82 | 4 | 96 | M+++ | V |

| | | | | | | | | | |
|------|-----|---|-----|-----|-----|----|-----|--------|-----|
| 063 | IX | p | 0 | 3 | 15 | 0 | 18 | M+++++ | V |
| 0150 | IX | p | 65 | 34 | 101 | 23 | 223 | M | III |
| 0151 | IX | p | 9 | 44 | 174 | 7 | 234 | M+++ | V |
| 33 | IX | e | 57 | 73 | 54 | 44 | 228 | E- | II |
| | | a | 34 | 19 | 21 | 11 | 85 | E | I |
| | | p | 129 | 35 | 47 | 36 | 247 | E | I |
| | | c | 45 | 3 | 21 | 14 | 83 | E | I |
| 461 | 835 | e | 3 | 102 | 219 | 5 | 329 | M+++++ | V |

----- 900

(*Aland mostra **ap**, mas não apresenta estatística para **a**. **UBS³ tem VIII.)

Por meio de explicação: “cont.” significa conteúdo, **e** = Evangelhos (mas os números de Aland são só sobre os Sinópticos), **a** = Atos, **p** = Epístolas de Paulo (incluindo Hebreus) e **c** = Epístolas Católicas (isto é, universais); “Cat.” refere-se às cinco categorias de Aland (*The Text*, pags. 105-6) e “class.” significa uma classificação elaborada por mim na qual **E** = Egípcio, **M** = Majoritário e **O** = outros. Tem os seguintes valores, ilustrados com M:

| | | |
|--------|---|------------------------------------|
| M+++++ | = | 100% |
| M++++ | = | acima de 95% = 19:1 = muito forte |
| M+++ | = | acima de 90% = 9:1 = forte |
| M++ | = | acima de 80% = 4:1 = bom |
| M+ | = | acima de 66% = 2:1 = mais ou menos |
| M | = | acima de 50% = 1:1 = fraco |
| M- | = | maioria simples = = marginal |
| M/E | = | empate |

Estou certo de que Aland concordaria comigo que E + M certamente é original, assim sendo a coluna “ambos” deve ser desconsiderada ao tentar avaliarmos as tendências dos diversos MSS. Por isso ao calcular as porcentagens eu considerei somente as colunas “Egípcio”, “Majoritário” e “outros”. Então, o que é que podemos aprender através do quadro?

Talvez seja bom começar com a correlação entre “Cat.” e “class.” Em termos dos valores atribuídos a cada MSS por ambos (Aland e eu):

| I | II | III | IV | V |
|-----|------------|--------|----|--------|
| E++ | E+++ M- O- | E+ M++ | O- | M+++++ |
| E+ | E+ | E M | | M++++ |
| E | E | E- M- | | M+++ |
| | E- | E/M | | M++ |
| | | | | M+ |

Categorias I, IV, e V são razoavelmente coerentes, mas como devemos interpretar II e III? Isto perturba porque no livro de Aland (pag. 156-159) um grande número de MSS são alistados sob III e não poucos sob II. Poderá ajudar verificar quantos MSS, ou segmentos de conteúdo, estão nos cruzamentos dos dois parâmetros:

| | I | II | III | IV | V | total | |
|--------|---|----|-----|----|----|-------|---|
| E+++ | | 1 | | | | | 1 |
| E++ | 3 | | | | | 3 | |
| E+ | 5 | 2 | 1 | | | 8 | |
| E | 6 | 5 | 2 | | | 13 | |
| E- | | 1 | 3 | | | 4 | |
| O- | | 1 | | 2 | | 3 | |
| E/M | | | 1 | | | 1 | |
| M- | | 3 | 1 | | | 4 | |
| M | | | 5 | | | 5 | |
| M+ | | | | | 5 | 5 | |
| M++ | | | 2 | | 10 | 12 | |
| M+++ | | | | | 10 | 10 | |
| M++++ | | | | | 8 | 8 | |
| M+++++ | | | | | 1 | 1 | |

0274 e 063 são fragmentários, o que presumivelmente explica seus resultados excepcionais, E+++ e M+++++ respectivamente; se fossem mais completos provavelmente desceriam um nível. De entre 45 segmentos-M, 31 deles são registrados como acima de 80% 'puros', enquanto 9 registram como acima de 95% 'puros'. Deve ser possível reconstruir um protótipo "Bizantino" com tolerável confiança. Mas tem-se que conjecturar como Aland chegou ao padrão egípcio nos Evangelhos, desde que a melhor testemunha egípcia (com a exceção do fragmentário 0274, que possui menos que 10% do texto mas registra 90% de pureza), o Códice B, mal registra além de 70%. (Em *The Text*, pag. 95, Aland apresenta um resumo para P⁷⁵ em Lucas—este registra 77% de pureza.) Ademais, além de B e 0274, P⁷⁵ e Z (ambos também fragmentários) são os únicos MSS gregos que alcançam até E+ nos Evangelhos. Isto relembra a conclusão de E.C. Colwell depois de tentar reconstruir um texto alexandrino médio para o primeiro capítulo de Marcos.

Esses resultados mostram de modo convincente que qualquer tentativa de reconstruir um arquétipo do tipo-de-texto Beta [Alexandrino] numa base quantitativa, é destinada ao fracasso. O texto assim reconstruído não é reconstruído, mas construído; é uma entidade artificial que jamais existiu.³⁴⁶

Para os outros segmentos de conteúdo a situação não é muito melhor. Só P⁷⁴ (86% de pureza), B (85%) e 81 (80%) registram E++ em **a**; além deles só A e Aleph conseguem até E+. Códice B é o único E++ (80%) em **p**, e somente P⁴⁶, A, C, 048 e 1739 alcançam E+. Além dos 88% de pureza do Códice B em **c**, somente P⁷⁴, A e 1739 alcançam até E+. De que maneira Aland chegou a seu padrão Egípcio nesses segmentos? Poderá esse "padrão" ser fictício, como Colwell afirmou?

Códice A^e é 82% Bizantino e deve ter sido baseado num exemplar Bizantino, presumivelmente do século IV. Códice W em Mateus também é claramente Bizantino e deve ter sido baseado num exemplar Bizantino. O punhado de leituras Bizantinas em B é tão limitado que poderia ser atribuído ao acaso, imagino, mas essa explicação não é cabível para Aleph. Pelo menos em **p**, se não em todo o teor, o copista de Aleph certamente teve acesso a um exemplar Bizantino, que poderia ser do século III. Mas Astério apre-

³⁴⁶"The Significance of Grouping of New Testament Manuscripts," *New Testament Studies*, IV (1957-1958), 86-87.

senta evidência muito mais pesada: ele morreu em 341, e assim escreveu mais cedo que isso; parece que os seus MSS seriam do século III—já que mostra 90% de preferência por leituras Bizantinas, aqueles MSS tinham que ser **Bizantinos**. (Utilizando a minha classificação, Astério seria M++, a preferência pelo Bizantino sendo de 83%. Na base de porcentagem Astério é tão fortemente Bizantino quanto B é Egípcio.) Adamantius morreu em 300, e assim escreveu antes disso. Poderiam os MSS dele ser da primeira metade do século III? Já que mostra uma preferência de 52% por leituras Bizantinas (ou 39%, utilizando a minha classificação) pelo menos alguns dos seus MSS eram presumivelmente Bizantinos. Ademais, P⁶⁶ possui tantas leituras Bizantinas que seu copista tinha que ter acesso a uma exemplar Bizantino, que por necessidade seria do século III! A circunstância que algumas leituras Bizantinas em P⁶⁶* foram corrigidas para leituras Egípcias, enquanto algumas leituras Egípcias em P⁶⁶* foram corrigidas para leituras Bizantinas, realmente parece exigir que pressuponhamos exemplares dos dois tipos—entre ambas, as duas mãos dão clara evidência que o Texto Bizantino, como tal, existiu no seu tempo. (Para evidência dos primeiros Pais, papiros e versões, favor ver a seção, "Mas Não Existe Evidência do **Texto** Bizantino nos Primeiros Séculos", no capítulo seis.)

Voltando ao quadro dos unciais acima, no século IV E está na frente em todas as quatro áreas, embora Aleph seja fraco e M ganhando espaço. Se W é do século IV M já ganhou ainda mais. Relembro o leitor que estou me referindo somente à informação do quadro acima. Na realidade eu presumo que no século IV, como em todos os outros, os MSS Bizantinos predominaram. Sendo cópias boas foram usadas e gastas, e portanto se acabaram. Cópias como B e Aleph sobreviveram porque eram "diferentes", e portanto não usadas. Por "usadas" quero dizer para finalidades comuns—estou bem ciente que Aleph exercitou a ingenuidade de certo número de corretores através dos séculos, mas não deixou descendentes. No século V M toma a frente em **e** enquanto E retém **apc** (pode ser surpresa para alguns que C^e é mais M do que qualquer outra coisa). No século VI M fortalece sua posição em **e**, e fecha o espaço para **a** (pode ser surpresa para alguém que DP é mais M do que qualquer outra coisa). Após o século V, com a única exceção do fragmentário Z, todas as testemunhas egípcias são fracas—mesmo a "rainha dos cursivos," 33, não alcança E+. Dos unciais do século X, para os quais Aland oferece um resumo, todos são claramente Bizantinos (028, 033, 036, 056, 075 e 0124) exceto 0243, que tem registro como um E.³⁴⁷

³⁴⁷Em fevereiro de 1990 eu debati com Daniel Wallace no Seminário Teológico de Dallas, onde ele ensinava. Ele usou um gráfico tentando demonstrar a distribuição dos MSS gregos desde o século III até o IX, conforme os três principais "tipos de texto" (um gráfico que ele usava na sala de aula). Desde então ele usou o mesmo gráfico num artigo apresentado à Evangelical Theological Society. O gráfico é gravemente enganador. Eu desafio Wallace a identificar os MSS que o gráfico alega representar, e demonstrar que cada um pertence ao "tipo de texto" que ele alegou. Foi dito que os MSS existentes não mostram o texto Bizantino na posição majoritária até o século IX, mas conforme as estatísticas de Aland o texto Bizantino assumiu a liderança nos Evangelhos no século V, e a manteve.

Mas vamos considerar os MSS do século IX. Dos 27 MSS ou segmentos de conteúdo (Evangelhos, Corpo Paulino, etc.) Bizantinos, oito são acima de 95% 'puros', dez são acima de 90% 'puros', e mais seis são acima de 80% 'puros'. De onde esses [8 + 10 + 6 =] 24 MSS ou segmentos obtiveram o seu conteúdo Bizantino? Uma vez que todos são distintos em conteúdo, presumivelmente foram copiados de igual número de exemplares individuais, exemplares necessariamente de data anterior e também Bizantinos. E de que foram copiados esses exemplares? Evidentemente de exemplares ainda mais antigos, etc. É de esperar que Wallace não tentará argumentar que todos aqueles MSS do século IX não foram copiados de nada, mas foram independentemente criados do nada por cada copista! Segue-se que uma massiva maioria no

Os cursivos

Ao nos voltarmos para os cursivos, Aland também oferece resumos para 150 deles, escolhidos com base na sua “independência” do padrão Bizantino. Ele alista 900 MSS somente por número porque “estes minúsculos apresentam uma forma pura ou predominante do texto Bizantino,” e por isso ele considera que “todos [eles são] irrelevantes para a crítica textual” (*The Text*, pag. 155). Tratar os 150 cursivos “independentes” assim como fiz para os unciais levaria espaço demais, de sorte que farei resumo das estatísticas de Aland em forma de quadro, utilizando a minha classificação:

| cont. | M+++++ | M++++ | M+++ | M++ | M+ | M | M- | M/E | E- | E | E+ | E++ |
|-------|--------|-------|------|-----|----|----|----|-----|----|----|----|-----|
| e | | 10 | 23 | 12 | 6 | 16 | 1 | | 2 | 1 | | |
| a | | 12 | 15 | 23 | 21 | 14 | 12 | 1 | 4 | 2 | | 1 |
| p | 1 | 25 | 17 | 17 | 28 | 19 | 4 | | 2 | 3 | 1 | |
| c | 1 | 9 | 18 | 6 | 30 | 21 | 10 | 1 | 5 | 10 | 1 | |
| total | 2 | 56 | 73 | 58 | 85 | 70 | 27 | 2 | 13 | 16 | 2 | 1 |

Até mesmo entre esses cursivos “independentes” existem dois segmentos que realmente registram como 100% Bizantinos! O melhor representante Egípcio é 81 em Atos, com 80% de pureza. 1739 registra 70% (E+) em **c** e 68% (E+) em **p**. Estes são os únicos três segmentos que eu chamaria “claramente Egípcios”. Há dezesseis segmentos que registram entre 50 e 66% (E). Colocando M até M+++++ contra E até E++ temos 344 a 19, e isto baseado nos minúsculos “independentes”. Se acrescentarmos os 900 MSS “predominantemente Bizantinos”, que terão por média mais de dois segmentos cada um, a real proporção é bem mais que 100 a um. Eu presumo que quase todos esses 900 registrarão pelo menos M++, e a maioria sem dúvida registrará M+++ ou acima. Se computássemos somente os segmentos que registram pelo menos 80%, a proporção Bizantino:Egípcio seria mais parecida com **1.000** a um—os MSS que foram classificados pela “colação de ensaio”, como relatada no seu livro, talvez representem 40% do total (excluindo Lecionários), mas podemos razoavelmente concluir que a maior parte dos “independentes” já tenham sido identificados e apresentados. Segue-se que o restante, pelo menos 1.600 MSS, só poderá aumentar o lado Bizantino da proporção. Se o texto Bizantino for “o pior”, então ao longo dos séculos de copiar manuscritos a Igreja estava maciçamente errada!

Os MSS tratados no livro de Aland (primeira edição) refletem a colação feita no seu instituto até 1981. Sem dúvida muitos outros já foram colados de lá para cá, mas as proporções gerais provavelmente não se modificarão significativamente. Veja o estudo feito por Frederic Wisse. Ele colacionou e comparou **1.386** MSS em Lucas 1, 10 e 20, e descobriu só quatro unciais (de 34) e quatro cursivos (de 1.352) que apresentavam o

século IX pressupõe uma massiva maioria no século VIII, e assim por diante. É por isso que estudiosos desde Hort até Aland têm reconhecido que o texto Bizantino dominou a transmissão desde o século IV. Eruditos textuais de todas as posições, através dos anos, têm reconhecido que as testemunhas dos primeiros séculos que ainda existem não são necessariamente representativos do real estado de coisas dos seus dias. Insistir que as testemunhas sobreviventes constituem toda a história é irrazoável e foge de enfrentar a questão.

tipo de texto Egípcio, mais dois outros de cada que tinham o tipo Egípcio em um dos três capítulos.³⁴⁸

Observações Finais

No seu livro Aland discute a transmissão do texto do NT com o pressuposto forte de que o texto Bizantino tenha sido um desenvolvimento secundário que progressivamente contaminou o puro texto Egípcio (“Alexandrino”). Mas as principais testemunhas “Alexandrinas”, B, A (exceto e) e Ⲛ (*The Text*, pag. 107), têm constante e significativa discordância entre si; tanto assim que não existe maneira objetiva para reconstruir um arquétipo. 150 anos mais cedo o quadro é o mesmo; P⁴⁵, P⁶⁶ e P⁷⁵ são bem diferentes e não refletem uma única tradição. No ano 200 DC “não havia um rei no [Egito]; cada um fazia o que era bem aos seus próprios olhos,” ou assim parece. Mas quê se aceitássemos a hipótese que a tradição Bizantina é a mais antiga e que os MSS “Ocidentais” e “Alexandrinos” representam perturbações variadas nas margens da correnteza de transmissão? Isto não faria sentido melhor das evidências sobreviventes? Nesse caso não teria havido nenhum arquétipo “Ocidental” nem “Alexandrino”, somente várias fontes de contaminação que agiram de modo tão sem nexos que cada MS “Ocidental” ou “Alexandrino” apresenta um ‘mosaico’ distinto. Em contraste, realmente haveria um arquétipo “Bizantino”, que representaria o original. De fato, exemplares virtualmente perfeitos existem em nossos tempos, como ilustrado por 1841 no corpo paulino e 424 nas epístolas gerais.

Aland parece concordar que através dos séculos da história da igreja o texto Bizantino era considerado como “o texto da igreja”, e ele procura o começo deste estado de coisas com Luciano.³⁴⁹ Ele menciona repetidamente uma “escola de/em Antioquia” e da Ásia Menor. Tudo isto é bem interessante, porque no seu livro ele concorda com Adolfo Harnack que “cerca de 180 DC, a maior concentração de igrejas era na Ásia Menor e ao longo da costa do Mar Egeu na Grécia”.³⁵⁰ Esta é a região onde grego era a língua materna e onde continuou a ser usada. Esta também é a região que começou com a maioria dos autógrafos. Mas Aland continua: “Mesmo até 325 DC a cena praticamente permanecia sem mudança. Ásia Menor continuou a ser a terra-coração da Igreja.” “A terra-coração da Igreja”—pois então, quem mais estaria em melhor posição para identificar o texto correto do Novo Testamento? Quem poderia ‘vender’ um texto ‘fabricado’ à Ásia Menor no começo do século IV? Eu afirmo que o texto Bizantino dominou a história da transmissão porque as igrejas da Ásia Menor o avalizaram. E assim fizeram desde o princípio, porque sabiam que era o texto verdadeiro, tendo recebido-o dos apóstolos. O Texto Majoritário é o que é exatamente porque sempre tem sido **o Texto da Igreja**.

³⁴⁸ *The Profile Method for the Classification and Evaluation of Manuscript Evidence* (Grand Rapids: Eerdmans, 1982).

³⁴⁹ K. Aland, “The Text of the Church?”, *Trinity Journal*, 1987, 8NS:131-144 [realmente publicado em 1989], pags. 142-43.

³⁵⁰ *The Text of the New Testament*, pag. 53.

ALGUMAS POSSÍVEIS OBJEÇÕES

Os MSS Mais Antigos Não São Os Melhores?

Burgon reconheceu a "probabilidade antecedente" com estas palavras:

O testemunho mais antigo é provavelmente o melhor testemunho. Que de modo algum esta [probabilidade] sempre se concretiza também é um fato familiar. ... Contudo, permanece verdadeiro que, em qualquer ocorrência específica, até que evidência tenha sido produzida em contrário, a mais antiga de duas testemunhas pode razoavelmente ser presumida ser a testemunha melhor informada.³⁵¹

Esta expectativa **a priori** parece ter sido elevada a uma certeza virtual nas mentes de muitos críticos textuais do século passado. O ingrediente básico do trabalho de homens tais como Tregelles, Tischendorf e Hort foi uma deferência aos MSS mais antigos, e nisto eles seguiram Lachmann.

A 'melhor' atestação, assim afirmou Lachmann, é suprida pelas testemunhas mais antigas. Posicionando-se rigorosamente a favor do mais antigo, e desconsiderando toda a evidência [mais] recente, ele assumiu as conseqüências das observações de Bengel. O material que Lachmann usou poderia, com vantagem, ter sido aumentado; mas o princípio que o texto do Novo Testamento (como daquele de toda outra edição crítica) tem que ser inteiramente baseado sobre a melhor evidência disponível, foi de uma vez para sempre estabelecido por ele.³⁵²

Notar que aqui Zuntz claramente iguala "a mais antiga" a "a melhor". Ele evidentemente exemplifica o que Oliver tem chamado "a crescente crença que os manuscritos mais antigos contêm o texto mais próximo do original." Oliver prossegue:

Alguns críticos recentes têm retornado ao padrão anterior de Tischendorf e Westcott e Hort: procurar o texto original nos MSS mais antigos. Críticos do início do século XX criticaram severamente esta prática do século XIX. O retorno tem sido motivado em grande parte pela descoberta de papiros que estão separados dos autógrafos por menos de dois séculos.³⁵³

Mas, a "evidência contrária" está à mão. Já vimos que a maioria das variantes mais significativas já existiram até o ano 200, portanto antes do tempo dos MSS mais antigos hoje existentes. A pressuposição **a priori** em favor da antigüidade é anulada pela conhecida existência de uma considerável variedade de textos deliberadamente alterados, já no segundo século. Cada testemunha tem que ser avaliada em si só. Como Colwell tão bem colocou: "a questão crucial tanto para as testemunhas iniciais como para as tardias, ainda é, 'ONDE ELAS SE ENCAIXAM DENTRO DE UMA RECONSTRUÇÃO PLAUSÍVEL DA HISTÓRIA DA TRADIÇÃO MANUSCRITA'?"³⁵⁴

³⁵¹Burgon, *The Traditional Text*, pag. 40.

³⁵²Zuntz, *The Text*, pags. 6-7.

³⁵³Oliver, "Present Trends", pags. 312-13.

³⁵⁴Colwell, "Hort Redivivus," pag. 157.

Geralmente concorda-se que todos os MSS mais antigos, aqueles sobre os quais nossos textos críticos são baseados, vieram do Egito.

Quando o crítico textual olha mais acuradamente para os seus materiais manuscritos mais antigos, a escassez dos seus recursos é mais completamente apreendida. Todas as testemunhas mais antigas, quer papiros ou pergaminhos, vêm apenas do Egito. Manuscritos produzidos no Egito, estendendo-se do terceiro século ao quinto, fornecem somente uma meia dúzia de testemunhas extensivas (os Papiros Beatty, e os bem conhecidos unciais, Vaticanus, Sinaiticus, Alexandrinus, Ephraem Syrus, e Freer Washington).³⁵⁵ [A estes, os papiros Bodmer têm agora que ser adicionados.]

Mas quais são as qualificações do Egito para se impor à nossa confiança? E quão sábio é seguir o testemunho de apenas um local? Quem achar convincente a história do texto aqui apresentada colocará pouca confiança nos MSS mais antigos.

A sua qualidade julgada por eles próprios

Deixando de lado a história da transmissão do texto, os MSS mais antigos trazem as próprias condenações nas suas faces. P⁶⁶ é largamente considerado como sendo o mais antigo manuscrito de algum tamanho. Que tal sua qualidade? Novamente tomo emprestado do estudo de Colwell sobre P⁴⁵, P⁶⁶, e P⁷⁵. Falando "da seriedade de intento do copista e das peculiaridades do seu próprio método básico de copiar", ele continua:

Sobre estes últimos e importantíssimos assuntos, nossos três escribas estão marcadamente separados. P⁷⁵ e P⁴⁵ seriamente tencionam fazer uma boa cópia, mas é difícil de acreditar que esta foi a intenção de P⁶⁶. As quase 200 leituras sem sentido e 400 grafias itacísticas³⁵⁶ em P⁶⁶ são evidência de algo menos que atenção disciplinada à tarefa básica. A esta evidência de descuido têm que ser adicionadas aquelas leituras singulares cuja origem frustra especulação, leituras que não podem receber nenhum rótulo mais exato que desleixo que leva a diversificadas leituras variantes. Uma contagem apressada mostra P⁴⁵ com 20, P⁷⁵ com 57, e P⁶⁶ com 216 leituras puramente descuidadas. Como temos visto, P⁶⁶ tem, adicionalmente, mais que duas vezes os "saltos" de [palavras] iguais para iguais, que qualquer um dos outros dois.³⁵⁷

O estudo de Colwell levou em consideração somente leituras singulares— leituras não apoiadas por nenhum outro MS. Ele localizou e revelou que P⁶⁶ tem 400 itacismos mais 482 leituras singulares outras, 40 por cento das quais são sem sentido.³⁵⁸ "P⁶⁶ edita [i.é, introduz as opiniões do copista], como faz com tudo o mais—de forma desleixada."³⁵⁹ Em suma, P⁶⁶ é uma cópia extremamente ruim, no entanto é uma das mais antigas!

³⁵⁵Clark, "The Manuscripts of the Greek New Testament," pag. 3.

³⁵⁶N.Trads.: "itacístico" tem a ver com "itacismo", que diz respeito a erro cometido quando o copista confunde vogais e ditongos que têm pronúncia igual, ou muito parecida.

³⁵⁷Colwell, "Scribal Habits," pags. 378-79.

³⁵⁸*Ibid.*, pags. 374-76.

³⁵⁹*Ibid.*, pag. 387.

P⁷⁵ é colocado próximo a P⁶⁶ quanto à data de origem. Embora não seja tão ruim quanto P⁶⁶, dificilmente poderia ser dito que é uma boa cópia. Colwell localizou e revelou que P⁷⁵ tem cerca de 145 itacismos, mais 257 outras leituras singulares, 25 por cento das quais são sem sentido.³⁶⁰ Embora Colwell dê ao copista de P⁷⁵ o crédito de ter tentado produzir uma boa cópia, P⁷⁵ parece bom somente ao ser comparado com P⁶⁶. (Se você fosse copiar o Evangelho de João a mão, será que cometeria mais de 400 erros?³⁶¹ Experimente e veja!) Deve ser conservado em mente que os números oferecidos por Colwell tratam somente dos erros que são propriedade exclusiva dos respectivos MSS. Estes, sem dúvida, contêm muitos outros erros que acontecem também ser encontrados em alguma(s) outra(s) testemunha(s). Em outras palavras, P⁷⁵ e P⁶⁶ são de fato ainda piores do que os números de Colwell indicam.

P⁴⁵, embora um pouco posterior quanto à data de origem, será considerado a seguir porque é o terceiro membro do estudo de Colwell. Ele localizou e revelou que P⁴⁵ tem aproximadamente 90 itacismos mais 275 outras leituras singulares, 10 por cento das quais são sem sentido.³⁶² No entanto, P⁴⁵ é mais curto que P⁶⁶ (P⁷⁵ é mais longo) e assim não é comparativamente o tanto melhor quanto os números podem sugerir à primeira olhadela. Colwell comenta sobre P⁴⁵:

Uma outra maneira de dizer isto é que, quando o copista de P⁴⁵ cria uma leitura singular, quase sempre ela faz sentido; quando os copistas de P⁶⁶ e P⁷⁵ criam leituras singulares, elas freqüentemente não fazem sentido e são erros óbvios. Assim P⁴⁵ tem que receber o [mau] crédito de uma densidade de mudanças intencionais muito maior do que os outros dois MSS.³⁶³

Como um editor, o copista de P⁴⁵ usou um machado afiado. O aspecto do seu estilo que mais chama a atenção é sua concisão. As palavras dispensáveis são dispensadas. Ele omite advérbios, adjetivos, substantivos, participios, verbos, pronomes pessoais—sem qualquer hábito compensatório de adição. Frequentemente omite frases e cláusulas. Prefere as palavras simples às compostas. Em suma, favorece brevidade. Ele encurta o texto em pelo menos cinquenta locais, **somente contando as leituras singulares**. Mas **não** remove sílabas nem letras. Seu texto encurtado é legível.³⁶⁴

³⁶⁰ *Ibid.*, pags. 374-76.

³⁶¹ Estou provavelmente sendo injusto com o copista que produziu P⁷⁵—alguns ou muitos daqueles erros talvez estavam no exemplar do qual copiou. O fato permanece que, qualquer que seja a origem deles, P⁷⁵ contém acima de 400 erros óbvios, e pelo exercício sugerido estou tentando ajudar o leitor a visualizar quão inferiores estas cópias antigas realmente são. Carson adota um ponto de vista diferente. "Se P⁷⁵, um papiro do segundo (?) século, não é recensional, então tem que ser extremamente próximo do original ou ser extremamente adulterado. Esta última possibilidade parece ser eliminada pelo testemunho de B" (pag. 117). Como assim? Se P⁷⁵ é "extremamente adulterado" e B foi copiado dele, ou algo similar, então B também tem de ser extremamente adulterado. (Hoskier fornece evidência objetiva para este efeito, em *Codex B and its Allies*.)

³⁶² Colwell, "Scribal Habits," pags. 374-76.

³⁶³ *Ibid.*, pag. 376.

³⁶⁴ *Ibid.*, pag. 383.

De especial significância é a possibilidade de afirmar com certeza que o copista de P⁴⁵ deliberada e extensamente encurtou o texto. Colwell lhe concede o crédito de ter tentado produzir uma boa cópia. Se por "boa" ele significa "legível", pode ser, mas se por "boa" nós significamos uma reprodução fiel do original, então P⁴⁵ é uma cópia má. Uma vez que P⁴⁵ contém muitas alterações deliberadas, somente com certas reservas pode ser chamada uma "cópia".

P⁴⁶ é considerado por alguns ser tão antigo quanto P⁶⁶. O estudo de P⁴⁶ por Zuntz é bem conhecido. "Apesar da sua boa aparência (foi escrito por um copista profissional e corrigido—mas muito imperfeitamente—por um perito), de modo algum P⁴⁶ é um bom manuscrito. O copista cometeu muitos erros grosseiros. ... Minha impressão é que foi sujeito a ataques de exaustão."³⁶⁵

Deve ser observado de passagem que o Códice B também é notado por sua "boa aparência", mas não deve conseqüentemente ser presumido que deve ser uma boa cópia. Zuntz diz mais: "P⁴⁶ abunda em grosseiros erros de cópia, em omissões e também em adições."³⁶⁶

... o copista que escreveu o papiro fez seu trabalho muito mal. De suas inúmeras falhas, somente uma fração (menos que uma em dez) tem sido corrigida e mesmo aquela fração—como freqüentemente acontece em manuscritos—diminui progressivamente à medida que se aproxima do final do livro. Páginas inteiras têm sido deixadas sem qualquer correção, por mais que precisassem dela.³⁶⁷

Hoskier também discutiu o "grande número de omissões" que desfiguram P⁴⁶.³⁶⁸ Novamente, Zuntz diz: "Temos observado, por exemplo, que o copista de P⁴⁶ foi descuidado e lerdo, e produziu uma pobre representação de uma excelente tradição. Nem podemos atribuir a excelência básica desta tradição ao manuscrito do qual P⁴⁶ foi copiado (veremos que ele também foi defeituoso)."³⁶⁹

É interessante notar que Zuntz se sente capaz de declarar que o **pai** de P⁴⁶ também foi defeituoso. Mas que P⁴⁶ representa uma "excelente tradição" é uma assertiva gratuita, baseada na teoria de Hort. O que é incontroversível é que P⁴⁶, como se encontra, é uma cópia muito ruim—como o próprio Zuntz enfaticamente declarou.

Aland diz a respeito de P⁴⁷: "Não precisamos mencionar o fato de que o manuscrito mais antigo não tem necessariamente o melhor texto. P⁴⁷, por exemplo, é de longe o mais antigo dos manuscritos contendo todo ou quase todo o texto de Apocalipse, mas certamente não é o melhor."³⁷⁰

³⁶⁵Zuntz, *The Text*, pag. 18.

³⁶⁶*Ibid.*, pag. 212.

³⁶⁷*Ibid.*, pag. 252.

³⁶⁸H.C. Hoskier, "A Study of the Chester-Beatty Codex of the Pauline Epistles," *The Journal of Theological Studies*, XXXVIII (1937), pag. 162.

³⁶⁹Zuntz, *The Text*, pag. 157.

³⁷⁰Aland, "The Significance of the Papyri," pag. 333.

A sua qualidade julgada *entre eles próprios*

Quanto a B e Aleph, já registramos a asserção de Hoskier que estes dois MSS discordam entre si mais que 3000 vezes no espaço dos quatro evangelhos. A lógica simples impõe a conclusão que, acima de 3000 vezes, um ou outro tem que estar errado—isto é, eles têm mais de 3000 erros entre si. (Se você fosse escrever os quatro evangelhos à mão, será que conseguiria fazer 3000 erros? ou 1500?) Aleph e B discordam, na média, em quase cada verso dos evangelhos. Uma tal demonstração gravemente solapa a credibilidade daqueles MSS.

Burgon pessoalmente colacionou aqueles que, nos seus dias, eram "os cinco unciais antigos" (Ⲛ, A, B, C, D). Nas suas obras de forma geral ele repetidamente chama a atenção para a *concordia discors*, a confusão e discordância prevalecente que os unciais antigos mostram entre si. Lc. 11:2-4 oferece um exemplo.

“Os cinco Unciais Antigos” (ⲚABCD) falsificam a Oração [dominical] do Senhor, como registrada por São Lucas, em nada menos que 45 palavras.³⁷¹ Mas tão pouco eles concordam entre si que se colocam a si próprios em 6 combinações diferentes em seus desvios do Texto Tradicional; no entanto eles nunca são capazes de concordar entre si próprios quanto a uma única leitura variante: enquanto apenas uma vez são mais que dois deles observados concordando, e este supremo ponto de união é nada menos que a omissão de um artigo. Tãmanha é a tendência excêntrica deles que em 32 das 45 palavras [que diferem do Texto Tradicional] eles, respectivamente, dão evidência solitária.³⁷²

Mc. 2:1-12 oferece outro exemplo:

No curso daqueles 12 versos ... acharemos existir 60 variações de leitura. ... Agora, no presente caso os 'cinco unciais antigos' **não podem ser** os depositários de uma tradição—seja ocidental ou oriental—porque **em cada verso** prestam testemunho inconsistente. Ademais, tem que ser admitido (pois esta não é uma questão de opinião mas um óbvio caso fatural) que é irrazoável depositar confiança em tais documentos. Qual seria o pensamento em uma Corte Judicial a respeito de cinco testemunhas que, chamadas 47 vezes para serem examinadas, fossem observadas produzindo testemunho contraditório **todas as vezes?**³⁷³

Também Hort teve ocasião de notar um caso desta *concordia discors*. Comentando sobre os quatro locais no Evangelho de Marcos onde o cantar do galo é mencionado (14:30, 68, 72a,b), ele disse: "A confusão de atestação introduzida por estas várias correntes opostas de mudanças é tão grande que, dos sete principais MSS, Ⲛ A B C D L Δ, nenhum par deles tem o mesmo texto em todos os quatro locais."³⁷⁴ Ele poderia também ter dito que nestes quatro locais os sete unciais se apresentam em **doze** combinações diferentes (e apenas A e Δ concordam em três dos quatro locais). Se adicionarmos W e Θ a confusão continua a mesma exceto que agora há treze combinações. São tais testemunhas merecedoras de crédito?

³⁷¹N.Trads.: como no Texto grego a oração é composta de 60 palavras, 45 representa ¾ delas.

³⁷²Burgon, *The Traditional Text*, pag. 84.

³⁷³Burgon, *The Revision Revised*, pags. 30-31.

³⁷⁴Westcott e Hort, pag. 243.

Recordando o esforço de Colwell para reconstruir um arquétipo "Alexandrino" para o primeiro capítulo de Marcos, ou códice B está errado 34 vezes somente naquele capítulo, ou então a maioria das demais testemunhas "Alexandrinas" primárias está errada, e assim quanto a Aleph e L, etc. Ademais, Kenyon admitiu que B está "desfigurado por muitos erros grosseiros no processo de copiar".³⁷⁵ Scrivener disse de B:

Uma propriedade marcante, característica desta cópia, é o grande número de suas omissões. ... Que uma porção não pequena delas resultou de mera desatenção do copista parece evidente pela circunstância que este mesmo copista repetidamente escreveu palavras e cláusulas duas vezes em seguida, uma classe de enganos que Mai e os colacionadores raramente consideraram digno de registro, ... mas que de modo algum aumenta nossa estimativa do cuidado empregado no copiar deste venerável registro do cristianismo primitivo.³⁷⁶

Até mesmo Hort reconheceu que o copista de B "de modo algum alcançou um alto padrão de acurácia."³⁷⁷ Aleph é, por todos os lados, reconhecido ser pior que B, em todas as maneiras.

O Códice D forma uma classe sozinho. Disse Scrivener:

O caráter interno do códice Bezae é um tema muito difícil e, na verdade, quase inexaurível. Nenhum manuscrito conhecido contém tantas interpolações ousadas e extensivas (seiscentas, é dito, somente em Atos). ... Mr. Harris, de curiosas evidências internas, tais como a existência no texto de uma tradução viciada de um verso de Homero, que trás sinais de ter sido re-traduzido a partir de uma tradução latina, infere que o grego foi fabricado a partir do latim.³⁷⁸

Hort falou "da quantidade tremenda de erros que D contém."³⁷⁹ Burgon concluiu que D se aproxima mais de um Targum do que de uma cópia.³⁸⁰

A sua qualidade julgada pela Igreja antiga

Se estes são nossos melhores MSS podemos todos concordar com aqueles que insistem em que a recuperação das palavras originais é impossível, e voltar nossas mentes para outros empreendimentos. Mas a evidência indica que os MSS mais antigos são os piores. É claro que a Igreja em geral não propagou o tipo de texto encontrado nos MSS mais antigos, o que demonstra que eles não eram tidos em alta estima nos seus dias.

Considere o assim chamado tipo de texto "Occidental". Nos evangelhos ele é representado essencialmente por um MS grego, códice Bezae (D, 05), mais as versões em latim (mais ou menos). Tanto é assim que por muitos anos nenhum texto crítico utiliza um símbolo para representar "Occidental". Alias, K. e B. Aland agora se referem ao "texto Occidental" simplesmente como o texto "D" (a designação é objetiva, pelo menos). A Igreja universal simplesmente recusou-se a copiar, ou de qualquer outro modo propagar, aquele tipo de texto. Também, a Vulgata Latina não pode ser legitimamente reivindi-

³⁷⁵Kenyon, *Handbook*, pag. 308.

³⁷⁶Scrivener, *A Plain Introduction*, I, 120.

³⁷⁷Westcott e Hort, pag. 233.

³⁷⁸Scrivener, *A Plain Introduction*, I, 130. Ver Rendel Harris, *A Study of the Codex Bezae* (1891).

³⁷⁹Westcott e Hort, pag. 149.

³⁸⁰Burgon, *The Traditional Text*, pags. 185-90.

cada para o "Texto Ocidental"—ela é mais "Bizantina" que qualquer outra coisa (relembrar que ela foi traduzida no 4º século).

Considere o assim chamado tipo de texto "Alexandrino". Em tempos recentes, nem os textos da UBS nem os de Nestle tampouco utilizam um símbolo para representar "Alexandrino" (usam somente para o "Bizantino"). F. Wisse colacionou e analisou 1386 MSS para os capítulos 1, 10 e 20 de Lucas.³⁸¹ Com base em mosaicos compartilhados de leituras ele foi capaz de agrupar os MSS em famílias, [sendo] 15 grupos "principais" e 22 grupos menores. A um dos principais ele chama de "Egípcio" ("Alexandrino")—ele é constituído de precisamente quatro unciais e quatro cursivos, mais outros dois de cada que são "Egípcios" em um dos três capítulos. Arredondando para 10, temos meramente dez num total de 1386 MSS—menos que 1%!

Novamente, a Igreja universal simplesmente recusou-se a copiar, ou de qualquer outro modo propagar, aquele tipo de texto. Códice B não tem nenhum "filho". Códice Aleph não tem nenhum "filho"—de fato, ele é tão ruim que, através dos séculos, algo como 14 pessoas diferentes trabalharam com ele, tentando consertá-lo (mas ninguém o copiou). Relembre o estudo de Colwell onde ele tentou chegar ao arquétipo do Texto "Alexandrino" no primeiro capítulo de Marcos, com base nos 13 MSS que se presumia representar aquele tipo de texto. Eles eram tão díspares que Colwell descartou os sete "piores" deles e então tentou seu experimento usando os seis remanescentes. Mesmo assim os resultados foram tão maus—códice B divergiu do texto médio 34 vezes (somente em um capítulo)—que Colwell colocou as mãos na cabeça e declarou que um tal arquétipo nunca existiu. Se Colwell está correto, então o tipo de texto "Alexandrino" não pode representar o autógrafo. O autógrafo é o supremo arquétipo, e ele realmente existiu.

Considere um detalhe a mais. Zuntz diz do copista de P46:

De suas inumeráveis falhas, somente uma fração (menos que uma em dez) tem sido corrigida e mesmo aquela fração—como freqüentemente acontece em manuscritos—diminui progressivamente à medida que se aproxima do final do livro. Páginas inteiras têm sido deixadas sem qualquer correção, por mais que precisassem dela.³⁸²

Uma coisa similar ocorre em P66. Por que? Provavelmente porque o corretor esgotou sua esperança, desistiu. Talvez ele viu que a cópia era tão desesperançosamente má que ninguém quereria usá-la, mesmo se ele a pudesse remendar. Deve também ser notado que, embora muitas colações e discussões de MSS ignorem erros de grafia, para uma pessoa no ano 250 desejando **usar** uma cópia (para estudos devocionais ou o que seja), erros de grafia seriam tão irritantes e distrativos quanto erros mais sérios. Uma cópia como P66, com aproximadamente dois erros por verso, seria detestada e posta de lado.

Ademais, como poderiam os MSS antigos ter sobrevivido por 1500 anos se eles tivessem sido usados? (Em minha curta vida já tenho gasto várias Bíblias pelo in-

³⁸¹F. Wisse, *The Profile Method for Classifying and Evaluating Manuscript Evidence* (Grand Rapids: Eerdmans, 1982).

³⁸²Zuntz, *The Text*, pag. 252.

tenso uso.) Considerando a relativa dificuldade para adquirir cópias naqueles dias (dispendiosas, feitas à mão), qualquer cópia digna teria sido usada até acabar, pelo uso. Isto nos traz à próxima possível objeção.

Por Que Não Há MSS "Bizantinos" Dos Primeiros Séculos?

Por que poderia ou deveria haver? Exigir que um MS sobreviva por 1500 anos é efetivamente exigir tanto que tenha permanecido sem ser usado e que tenha sido armazenado no Egito (ou Qumran). Mesmo um MS não usado requereria um clima árido para durar por tanto tempo.

Mas é qualquer destas duas exigências razoável? A não ser que existissem pessoas tão ricas a ponto de serem capazes de fazer proliferar cópias das Escrituras apenas para seu bem-estar ou diversão, cópias seriam feitas sob encomenda, para serem **usadas**. À medida que o uso do grego foi se extinguindo no Egito, a procura por Escrituras em grego também foi morrendo, e portanto não devemos esperar encontrar muitos MSS gregos no Egito.

Não deve ser presumido, no entanto, que o Texto "Bizantino" não foi usado no Egito. Embora nenhum dos papiros antigos possa razoavelmente ser chamado "Bizantino", cada um deles contém leituras "Bizantinas". O caso de P⁶⁶ é muito eloqüente. A primeira mão foi extensivamente corrigida, e ambas as mãos são datadas em torno de 200 DC. A 1ª mão é quase metade "Bizantina" (cerca de 47%), mas a 2ª normalmente muda leituras "Bizantinas" para "Alexandrinas" e vice-versa (i.é, muda leituras "Alexandrinas" para "Bizantinas"), repetidamente. Isto significa que eles [copista e revisor] haviam de ter dois exemplares,³⁸³ um "Alexandrino" e um "Bizantino"—entre as duas mãos o Texto "Bizantino" recebe considerável atestação.

Considere o caso do códice B e P⁷⁵; é dito que eles concordam 82% das vezes (fato sem precedentes para MSS "Alexandrinos", mas bastante pobre para "Bizantinos"). Mas que tal a discrepância de 18%? Quando P⁷⁵ e B discordam, na maioria das vezes um ou o outro concorda com a leitura "Bizantina". Se eles vêm de uma fonte em comum, aquela fonte teria sido mais "Bizantina" que qualquer dos descendentes. Mesmo as versões cópticas concordam com o Texto "Bizantino" tão freqüentemente quanto discordam.

"Filhos órfãos"

O estudo e as conclusões de Lake, Blake, e New, já discutidos em uma seção prévia, são de especial interesse aqui. Eles procuraram evidência de genealogia direta e não encontraram virtualmente nenhuma. Eu repito a conclusão deles.

“... os manuscritos que temos são, quase todos eles, filhos órfãos, sem irmãos nem irmãs. Tomando este fato em consideração juntamente com o resultado negativo da nossa colação de MSS em Sinai, Patmos, e Jerusalém, é difícil re-

³⁸³N.Trads.: "Exemplar" é o manuscrito a partir do qual o escriba produz sua "cópia".

sistir à conclusão que os copistas usualmente destruíam seus exemplares quando tinham copiado os livros sagrados."³⁸⁴

Será irrazoável supor que uma vez que um MSS velho se tornou esfarrapado e quase ilegível em certos locais, os fiéis fariam uma exata cópia dele e então o destruiriam, ao invés de permitir a indignidade dele literalmente ir se decompondo [até completa destruição]? Que poderia tal prática acarretar às nossas chances de encontrar um MS "Bizantino" bem antigo? Quem objetar a esta conclusão ainda terá que explicar o fato de que em três bibliotecas monásticas antigas equipadas com *scriptória* (cômodos desenhados para facilitar o copiar fiel de MSS), só há "filhos órfãos". Por que não há nenhum pai?!

Van Bruggen aborda o problema de uma direção ligeiramente diferente. Ele diz do Texto "Bizantino":

O fato que esta forma de texto se faz conhecida a nós através de manuscritos mais recentes não é, como tal, nenhuma prova de que é um tipo de texto tardio, mas parece se tornar uma prova quando ao mesmo tempo um texto diferente é encontrado em todos os manuscritos mais antigos. A combinação destas duas coisas parece oferecer prova decisiva para a origem tardia do Texto Tradicional.³⁸⁵

Ele responde à "prova aparente" da seguinte maneira:

Façamo-nos conscientes do **que** temos pressuposto com este argumento aparentemente convincente. Que condições têm que ser satisfeitas se desejarmos conceder o prêmio aos maiúsculos mais velhos? Enquanto fizemos esta pergun-

³⁸⁴Lake, Blake e New, pag. 349. D.A. Carson oferece a seguinte resposta a esta sugestão: "As respostas a esta teoria engenhosa são óbvias: (1) Se apenas uma cópia fosse feita antes que o exemplar fosse destruído, não haveria nunca mais que uma cópia sobrevivente do Novo Testamento Grego! (2) Se várias cópias foram feitas de um exemplar, então (a) não foram todas elas feitas ao mesmo tempo e portanto, afinal de contas, a destruição do exemplar não foi uma prática comum; ou (b) as cópias foram todas elas feitas ao mesmo tempo. (3) Se a última hipótese prevalece, então deve ser possível identificar a relação de irmãos entre as cópias; todavia, tal identificação é de fato tão difícil e precária quanto a identificação da relação exemplar-cópia entre os manuscritos. Isto provavelmente significa que temos perdido uma porção de manuscritos; e/ou significa que as divergências entre cópia e exemplar, como também entre cópia e cópia-irmã, são freqüentemente difíceis de detectar. (4) Por que não há **nenhuma** cópia do texto Bizantino antes de cerca de 350 DC, e **tantas** [ênfase de Carson] daí em diante? Esta anomalia, poderia ser argumentado, demonstra que a prática de destruir o exemplar morreu durante o quarto século" (*The King James Version Debate*, Grand Rapids: Baker Book House, 1979, pags. 47-48).

Talvez seja até bom que Lake não pode mais comentar sobre esta declaração extraordinária. Se posso presumir responder por ele, me parece evidente que o que Lake encontrou foi a ponta final do novelo, a última geração de cópias. Nem Lake nem ninguém tem sugerido que apenas uma cópia seria feita de qualquer exemplar, mas que, após uma vida de uso e de ser copiado, um MS gasto e esfarrapado seria destruído. O ponto (4) de Carson é difícil de acreditar. Lake, Blake e New estavam examinando MSS minúsculos, provavelmente nenhum deles anterior ao décimo século—eles tinham que ser copiados de algo, e é um fato que Lake e seus companheiros não encontraram nenhum dos "pais" deles. Carson não oferece nenhuma explicação deste *fato*. E que devemos entender da sua estranha observação a respeito de MSS "Bizantinos" antes e depois de 350 DC? Não há nenhum MS "Bizantino" do quarto século, a não ser que W (Mateus) seja lá colocado; há dois MSS parcialmente "Bizantinos" do quinto, e uma corrente gradualmente se expandindo através dos séculos subsequentes. É apenas quando chegamos à era dos minúsculos que encontramos "tantos". Favor ver a próxima seção, "o processo de transliteração do século novo", para descobrir o porquê.

³⁸⁵Van Bruggen, pag. 24.

ta assumimos, quer ou não o desejássemos, que éramos capazes de fazer uma comparação imparcial entre manuscritos de um período anterior e aqueles de um período posterior. Afinal de contas, somente se esta hipótese for verdadeira é que podemos chegar a asserções categóricas. Imagine que alguém dissesse: 'na Idade Média foram construídas principalmente catedrais, mas em tempos modernos muitas igrejas pequenas e mais simples estão sendo construídas.' Esta declaração parece completamente verdadeira quando hoje olhamos ao redor nas cidades e aldeias. Todavia estamos em erro. Um erro compreensível: muitas pequenas igrejas da Idade Média têm desaparecido, e usualmente somente as catedrais foram restauradas. Portanto, surge uma grande falsificação histórica de perspectiva com respeito à história da construção de igrejas. Não podemos fazer uma assertiva genérica sobre construção de igrejas na Idade Média, baseados nos materiais sobreviventes. Se ainda ousássemos fazer uma tal asserção, então erroneamente assumimos que os materiais sobreviventes nos capacitaram a fazer uma comparação imparcial. Mas como é a situação no campo dos manuscritos do Novo Testamento? Temos um número **representativo** de manuscritos dos primeiros séculos? Somente se esta hipótese for verdadeira é que temos o direito de fazer conclusões e declarações categóricas. Todavia é exatamente neste ponto que as dificuldades surgem. A situação é mesmo tal que sabemos com certeza que **não** possuímos um número representativo de manuscritos dos primeiros séculos.³⁸⁶

A conclusão de Lake, Blake e New reflete uma outra consideração. A idade do manuscrito não deve ser confundida com a idade do texto que ele exhibe. Qualquer cópia, por definição, contém um texto que é mais velho que ela. Nas palavras de Burgon, ela "representa um MS, ou um pedigree de MSS, mais antigos que ela própria, e não é senão justo supor que ela exercita tal representação com acurácia tolerável."³⁸⁷

O processo de transliteração no século IX

Van Bruggen discute ainda uma outra consideração relevante.

Na Codicologia é reconhecido o grande valor do processo de transliteração no século nono e depois. Naquele tempo, os manuscritos mais importantes do Novo Testamento, escritos em maiúsculas, foram cuidadosamente transcritos para a escrita minúscula. É assumido que depois deste processo de transliteração os [MSS] maiúsculos foram retirados de circulação. ... A importância deste dado não tem sido suficientemente tomada em consideração na crítica textual presente do Novo Testamento. Pois o fato implica que apenas os mais velhos, melhores e mais comumente usados manuscritos nos chegam às mãos na nova vestimenta da escrita minúscula, não é? Isto é ainda mais convincente uma vez que parece que vários arquétipos podem ser detectados neste processo de transliteração para o Novo Testamento. Assim, não recebemos um manuscrito-mãe através das comportas da transliteração, mas sim vários. Os originais têm, no entanto, desaparecido! Isto lança uma luz totalmente diferente sobre a situação com a qual estamos confrontados com respeito aos manuscritos. Por que os antigos manuscritos sobreviventes mostram um outro tipo de texto? Porque são os únicos sobreviventes da sua geração, e porque sobreviveram devido ao fato que eram de um tipo diferente. Embora alguém continue a sustentar que os copistas do tempo da transliteração transmitiram para a Idade Média um tipo de texto errado, ele, todavia, nunca poderá provar isto codicologicamente com a observação que os maiúsculos mais velhos têm um texto diferente. Isto seria raciocinar

³⁸⁶ *Ibid.*, pag. 25.

³⁸⁷ Burgon, *The Traditional Text*, pag. 47.

em círculo vicioso.³⁸⁸ Certamente existiram maiúsculos exatamente tão veneráveis e antigos quanto os sobreviventes Vaticanus e Sinaiticus, e que, como uma seção do Alexandrinus, apresentavam um Texto Bizantino. Mas eles têm sido renovados na forma de escrita minúscula e sua aparência maiúscula tem desaparecido. Historicamente, **parece** que os manuscritos maiúsculos mais antigos contêm exclusivamente um texto não Bizantino, mas esta perspectiva é falsificada, exatamente como com respeito à construção de igrejas na Idade Média e no presente.³⁸⁹

A significância do processo de transliteração foi explicada por A. Dain como segue: "A cópia transliterada, cuidadosamente escrita e firmemente encadernada, tornou-se o ponto de referência para a tradição subsequente. Os velhos exemplares em papiro e pergaminho que tinham sido copiados, sem dúvidas bastante desgastados, não foram mais de nenhum interesse e foram usualmente descartados ou destruídos."³⁹⁰ Aparentemente houve um movimento organizado para "transliterar" MSS unciais para a forma ou caligrafia minúscula. Notar que Dain concorda com Lake que os exemplares "desgastados" foram então destruídos (alguns podem ter sido "reciclados", tornando-se palimpsestos). Que tal se aqueles exemplares foram antigos unciais "Bizantinos"? Aliás, pensando melhor, eles têm que tê-lo sido, uma vez que os cursivos são "Bizantinos".

C.H. Roberts comenta sobre uma prática dos antigos cristãos que teria tido um efeito similar.

Era um hábito judaico tanto conservar manuscritos por pô-los em jarras ... quanto, também, descartar escrituras heréticas, desgastadas ou defeituosas enterando-as próximo a um cemitério; não para preservá-las, mas porque qualquer coisa que pudesse conter o nome de Deus não podia ser destruída.... certamente parece que esta instituição de um necrotério para manuscritos sagrados mas não desejados foi transmitida do judaísmo para a Igreja antiga.³⁹¹

Notar que o efeito desta prática em qualquer clima que não seja árido seria a decomposição dos MSS. Se exemplares "Bizantinos", desgastados pelo uso, foram descartados desta maneira (como parece provável), eles certamente pereceriam. Tudo isso reduz nossas chances de encontrar MSS "Bizantinos" realmente antigos. Mas isto também não é tudo.

Repressão imperial ao N.T.

Há uma consideração adicional. "É historicamente certo que o texto do Novo Testamento enfrentou um período muito difícil nos primeiros séculos. Muitas edições do texto, boas e oficiais, foram confiscadas e destruídas pelas autoridades durante o tempo das perseguições."³⁹²

Roberts refere-se à "habitual requisição e destruição de livros pelas autoridades durante os tempos de perseguição, tantas vezes registradas nos atos dos márti-

³⁸⁸N.Trads.: "*Raciocinar em círculos*" é falsamente "provar" uma tese usando argumentos que, por sua vez, a assumem como verdadeira.

³⁸⁹Van Bruggen, pags. 26-27.

³⁹⁰A. Dain, *Les Manuscrits* (Paris, 1949), pag. 115.

³⁹¹C.H. Roberts, pag. 7.

³⁹²Van Bruggen, pag. 29. Ver Eusébio, *Historia Ecclesiastica* VIII, II, 1.4 e F.H.A. Scrivener, "*A Plain Introduction*," pags. 265-66.

res."³⁹³ Tal atividade oficial parece ter chegado a um clímax na campanha de Diocleciano para destruir os manuscritos do Novo Testamento, em torno de 300 DC.

Se houve qualquer trauma na história da transmissão normal do texto, foi este; ainda mais que a campanha evidentemente se centrou na área Egéia. Muitos MSS foram descobertos ou entregues e queimados, mas outros certamente escaparam. Que muitos cristãos não teriam poupado nenhum esforço para esconder e preservar suas cópias das Escrituras é demonstrado pela atitude deles para com aqueles que desprezaram e entregaram seus MSS—o cisma Donatista, que imediatamente seguiu à campanha Diocleciana, se prendeu em parte à questão da punição àqueles que tinham entregue MSS. Os cristãos cuja completa devoção às Escrituras foi assim demonstrada viriam a ser também exatamente aqueles que seriam os mais cuidadosos quanto ao pedigree dos seus próprios MSS; do mesmo modo que eles se esforçaram para proteger seus MSS, eles presumivelmente teriam se esforçado para assegurar que seus MSS preservavam a verdadeira redação.

De fato, a campanha de Diocleciano pode mesmo ter tido um efeito purificador sobre a transmissão do texto. Se a atitude de desconsideração pelo texto, refletida na disposição de alguns para entregarem seus MSS, também se estendeu à qualidade de texto que estavam dispostos a usar, então podem ter sido principalmente os MSS mais contaminados que foram destruídos, deixando os mais puros para repovoar a terra.³⁹⁴ Mas estes MSS puros sobreviventes teriam ficado em demanda extraordinariamente pesada, para serem copiados (a fim de repor aqueles que tinham sido destruídos) e teriam se desgastado mais rápido que o normal.

Em suma, se a história da transmissão aqui apresentada é válida, não seria de esperar, necessariamente, encontrarmos quaisquer MSS "Bizantinos" mais antigos. Eles teriam se desgastado pelo muito uso. (Mas o texto que continham seria preservado por seus descendentes.) Uma analogia é fornecida pelo destino da *Bíblia dos Pobres*, no século XV.

A *Bíblia Pauperum*

De todas as obras Xilográficas (isto é, aquelas impressas a partir de blocos de madeira) a *BIBLIA PAUPERUM* é talvez a mais rara, como também a mais antiga; é um manual ou um tipo de catecismo da Bíblia, para o uso de jovens e do povo comum, de onde deriva seu nome—'Bíblia Pauperum'—'A Bíblia dos Pobres'. Assim, os pobres podiam adquirir, por um preço comparativamente baixo, um conhecimento imperfeito de alguns dos eventos registrados nas Escrituras. Sendo muito usadas, as poucas cópias que podem hoje ser encontradas nas bibliotecas dos curiosos estão na sua maior parte mutiladas ou em más condi-

³⁹³Roberts, pag. 8.

³⁹⁴Houve aqui uma excelente oportunidade para os textos "Alexandrino" e "Ocidental" progredirem e ganhar "espaço" às custas do "Bizantino", mas tal não ocorreu. A Igreja rejeitou aqueles tipos de texto. Como podem os críticos modernos possivelmente estar em uma melhor posição para identificar o verdadeiro texto do que esteve a Igreja universal no início do 4º século?

ções. A extrema raridade deste livro, e as circunstâncias sob as quais foi produzido, concorrem para lhe conferir um alto grau de interesse.³⁹⁵

Embora tenha passado por cinco edições, presumivelmente totalizando milhares de cópias, era tão popular que as cópias foram destruídas pelo uso. Sustento que a mesma coisa aconteceu com os antigos MSS "Bizantinos".

Acrescentando a tudo isto a discussão, na seção anterior, da qualidade dos MSS mais antigos, a antigüidade de um MS bem que pode despertar nossas suspeitas—por que ele sobreviveu? E isso nos leva a uma terceira possível objeção.

"Mas Não Há Evidência do Texto Bizantino Nos Primeiros Séculos"

Embora Hort e Kenyon tenham declarado claramente que nenhuma "leitura síria" existiu antes, digamos, de 250 DC, seus atuais seguidores têm sido obrigados pelos antigos papiros a retroceder para a declaração mais fraca que é a junção de todas as leituras, o texto "Bizantino" ("sírio"), que não tinha existência antiga. Ehrman declara a posição tão grosseiramente quanto qualquer um: "De qualquer local do mundo Cristão mais antigo, nenhum Pai que escrevia em grego, nenhum Pai que escrevia em Latim, ou em Siríaco, e nenhuma versão antiga do Novo Testamento, dá evidência da existência do texto sírio antes do quarto século."³⁹⁶

Evidência oriunda dos pais antigos

Esta questão já recebeu alguma atenção no capítulo 4 ("Leituras sírias antes de Crisóstomo"), mas K. Aland nos oferece certa evidência nova e fascinante. Em "The Text of the Church?" ele oferece uma tabulação de citações patrísticas do N.T.³⁹⁷ A significância da evidência é de algum modo obscurecida pela apresentação, que parece ser um pouco tendenciosa. O arranjo das palavras é tal que leva o leitor desatento a uma impressão exagerada sobre a evidência contra o Texto Majoritário. Por exemplo, Orígenes é dito ser: "55% contra o Texto Majoritário (30% das quais mostra concordância com o 'Texto Egípcio'), 28% comum a ambos os textos, e 17% pró o Texto Majoritário." $55 + 28 + 17 = 100$. O problema repousa em "das quais". No uso normal do inglês este "of which" refere-se aos 55% (não aos 100%); assim temos que calcular 30% de 55%, o que nos dá 16.5% (do total). 55 menos 16.5 deixam 38.5% que não são nem Egípcio nem Majoritário, portanto são "outros". Tabularei as estatísticas inambiguamente, seguindo esta interpretação.

| Pai | Data | Somente Egípcio | Egípcio e Majoritário | Somente Majoritário | Outros (-EM) | Número de passagens |
|---------|--------|-----------------|-----------------------|---------------------|--------------|---------------------|
| Marcion | (160?) | 23% | 10% | 18% | 49% | 94 |

³⁹⁵T.H. Horne, *An Introduction to the Critical Study and Knowledge of the Holy Scriptures*, 4th American edition (4 vols.; Philadelphia: E. Little, 1831), vol. II, pag. 217. Foi Maurice Robinson que chamou minha atenção para este material.

³⁹⁶Ehrman, pag. 72.

³⁹⁷K. Aland, "The Text of the Church?", *Trinity Journal*, 1987, 8NS:131-144 [realmente publicado em 1989], pag. 139.

| | | | | | | |
|-------------------|------------------------|-------|-------|-------|-------|-------|
| Irineu | (d.202) ³⁹⁸ | 16% | 16.5% | 16.5% | 51% | 181 |
| Clemente de Alex. | (d.215) | 13.5% | 29% | 15% | 42.5% | 161 |
| Hipólito | (d.235) | 14.5% | 31% | 19% | 46.5% | 33** |
| | - | 13.5% | 18% | 21% | 43.5% | 21 |
| | - | 14.5% | 18% | 21% | 46.5% | 33 |
| Orígenes | (d.254) | 16.5% | 28% | 17% | 38.5% | 459 |
| Metódio | (280?) | 12.5% | 31% | 19% | 37.5% | 32 |
| Adamâncio | (d.300) | 11.5% | 21% | 31% | 36.5% | 29 |
| Astério | (d.341) | - | 40% | 50% | 10% | 30 |
| Basil | (d.379) | 2.5% | 39% | 40% | 18.5% | 249 |
| Apost. Const. | (380?) | 3% | 33% | 41% | 23% | 46 |
| Epifânio | (d.403) | 11% | 33% | 41% | 37% | 114** |
| | - | 11% | 30% | 22% | 37% | 114 |
| Crisóstomo | (d.407) | 2% | 38% | 40.5% | 19.5% | 915 |
| Severiano | (d.408) | 3% | 37% | 30% | 30% | 91 |
| Teodoro Mops. | (d.428) | 4.5% | 29% | 39% | 27.5% | 28 |
| Marcus Erem. | (d.430) | 5.5% | 35% | 35% | 24.5% | 37 |
| Teódoto | (d.445) | 3% | 37.5% | 37.5% | 22% | 16 |
| Hesíquio | (d.450) | 3.5% | 37% | 33% | 26.5% | 84 |
| Teodoreto | (d.466) | 1% | 41% | 42% | 16% | 481 |
| João Damasco | (d.749) | 2% | 40% | 40% | 18% | 63 |

** (Com referência a Hipólito e Epifânio, a primeira linha reflete as estatísticas fornecidas no artigo de Aland, mas elas não totalizam 100%. A segunda linha reflete as estatísticas fornecidas em um rascunho distribuído pela American Bible Society antes da publicação do mesmo artigo. Para Epifânio, a segunda linha é provavelmente correta, uma vez que totaliza 100%—os 33 e 41 foram provavelmente copiados da linha acima. Para Hipólito a segunda linha também não totaliza 100, assim somos obrigados a fazer uma pequena crítica textual para ver se podemos recuperar o original. A terceira linha dá a minha conjectura— os 31 e 19 foram provavelmente tomados emprestados da linha abaixo [no seu artigo Metódio é colocado antes de Orígenes—eu os coloco em ordem cronológica]. Seis erros do rascunho pré-publicação foram corrigidos, mas outros quatro foram criados.)

Uma coisa torna-se aparente em um relance. Com a única exceção de Marcion, cada um dos Pais usou o Texto Majoritário **mais que** o Egípcio. Mesmo com Clemente e Orígenes (no Egito, portanto), o Texto Majoritário é preferido sobre o Egípcio, e pelo final do terceiro século a preferência é clara. Isto é surpreendente, porque vai contra quase tudo que temos sido ensinados durante todo este século. Talvez tenhamos entendido mal a declaração de Aland? Retornando a Orígenes, somos ditos que ele é "55% contra o Texto Majoritário (30% das quais mostra concordância com o 'Texto Egípcio')," Pensando melhor, o "of which" provavelmente deve referir-se ao total. Neste caso,

³⁹⁸(d.202) significa que morreu em 202 DC.

uma maneira menos ambígua de apresentar as estatísticas seria dizer: "30% concordando com o Texto Egípcio, 17% com o Majoritário, 28% com ambos o Majoritário e o Egípcio e 25% diferindo de ambos." Tabulei suas estatísticas desta maneira, usando "outros" para a última categoria.

| Pai | Data | Somente Egípcio | Egípcio e Majoritário | Somente Majoritário | Outros (-EM) | Número de passagens |
|----------------|---------|-----------------|-----------------------|---------------------|--------------|---------------------|
| Marcion | (160?) | 32% | 10% | 18% | 40% | 94 |
| Irineu | (d.202) | 24% | 16.5% | 16.5% | 43% | 181 |
| Clemente Alex. | (d.215) | 24% | 29% | 15% | 32% | 161 |
| Hipólito | (d.235) | 24% | 18% | 21% | 37% | 33 |
| Orígenes | (d.254) | 30% | 28% | 17% | 25% | 459 |
| Metódio | (280?) | 25% | 31% | 19% | 25% | 32 |
| Adamâncio | (d.300) | 24% | 21% | 31% | 24% | 29 |
| Astério | (d.341) | --- | 40% | 50% | 10% | 30 |
| Basil | (d.379) | 11% | 39% | 40% | 10% | 249 |
| Apost. Const. | (380?) | 11% | 33% | 41% | 15% | 46 |
| Epifânio | (d.403) | 23% | 30% | 22% | 25% | 114 |
| Crisóstomo | (d.407) | 8.5% | 38% | 40.5% | 13% | 915 |
| Severiano | (d.408) | 9% | 37% | 30% | 24% | 91 |
| Teodoro Mops. | (d.428) | 14% | 29% | 39% | 18% | 28 |
| Marcus Erem. | (d.430) | 19% | 35% | 35% | 11% | 37 |
| Teódoto | (d.445) | 12.5% | 37.5% | 37.5% | 12.5% | 16 |
| Hesíquio | (d.450) | 12% | 37% | 33% | 18% | 84 |
| Teodoreto | (d.466) | 6% | 41% | 42% | 11% | 481 |
| João Damasco | (d.749) | 11% | 40% | 40% | 9% | 63 |

(Imagino que este segundo quadro é mais provavelmente aquele que Aland intencionou, portanto nele basear-se-á qualquer discussão subsequente da evidência destes Pais antigos.)

Algo que Aland não explica, mas que absolutamente exige nossa atenção, é o ponto ao qual estes Pais antigos aparentemente não citaram nem o texto Egípcio nem o Majoritário—uma maioria simples para os primeiros quatro Pais. Deve isto ser interpretado como evidência contra a autenticidade tanto do texto Majoritário quanto do Egípcio? Provavelmente não, pela seguinte razão: Uma cuidadosa distinção tem que ser feita entre menção, citação e transcrição. Uma pessoa responsável, transcrevendo uma cópia, terá o exemplar ante ele e tentará reproduzi-lo exatamente. Uma pessoa citando um verso ou dois de memória é sujeito a uma variedade de truques da mente e pode criar novas leituras que não vêm de nenhuma tradição textual. Uma pessoa mencionando um texto em um sermão, comumente variará o arranjo das palavras para efeito retórico. Toda citação patrística precisa ser avaliada com estas distinções em mente e não deve ser empurrada além dos seus limites.

Mas, pelo menos nesta passagem, Clemente é mais próximo do tipo de texto Bizantino do que do Egípcio. 24 das 26 concordâncias de UBS³ com Clemente são comuns com o TM.

Há muito tempo, Códice D tem sido notório por sua “excentricidade”, e esta passagem provê um eloqüente exemplo disto. Mas, comparado a Clemente, o códice parece quase inofensivo. Eu diria que Clemente tem acima de 60 erros (envolvendo acima de 120 palavras) nestes 15 versos, ou uma média de quatro erros por verso! Como devemos explicar tamanho espetáculo?

A sabedoria convencional argumentaria que, em uma passagem tão extensa quanto esta (15 versos), o Pai certamente estava copiando um exemplar que estava aberto diante dele. Mas é difícil de imaginar que um exemplar possa ter sido tão ruim assim, ou que Clemente teria usado tal exemplar se ele existiu. Sinto-me forçado a concluir que Clemente transcreveu a passagem de memória, mas não foi bem servido por ela. Pergunto-me se isto não nos dá uma possível explanação para as estatísticas oferecidas por Aland.

Comparando “outros”, “Egípcio” e “Majoritário”, os quatro pais mais antigos têm “outros” liderando com uma maioria simples. Entre esses pais está Clemente, que se alinha com “outros” 32% das vezes. No entanto, as estatísticas de Aland são baseadas em uma seleção de unidades de variação (conjuntos de variantes) consideradas “significativas”. Se mapearmos todas as leituras de Clemente dentro das unidades de variação em Mc. 10:17-31 (segundo fornecemos acima), na mesma tabela, obtemos:

E = 2(2%) E&M = 24(23.5%) M = 9(9%) O = 67(65.5%) # 102

O valor de “outros” subiu dramaticamente. Isto ocorreu porque **O** não representa um tipo reconhecível de texto. Neste exercício, **E** e **M** são entidades definidas (UBS³ e TM) enquanto que **O** é uma cesta de lixo que inclui leituras singulares e erros óbvios. Talvez possamos concordar que verdadeiras leituras singulares devem ser excluídas de tais tabulações, mas qualquer limitação de conjuntos de variantes além daquilo será presumivelmente influenciada pela tendência de quem quer que conduza a experiência.

Pois então, que conclusões devemos tirar deste estudo de Clemente? Proponho que todas as assertivas sobre o testemunho dos Pais antigos precisam ser reavaliadas. A maioria das citações foi presumivelmente feita de memória—nelas temos que esperar variação errática. Ademais, se os Pais teriam uma tendência de fazer alterações estilísticas do tipo daquelas que são típicas do texto Egípcio (tais como se mover na direção do grego clássico), eles podem acontecer de fazer a mesma “melhoria” independentemente. Tais concordâncias acidentais não assinalam relacionamento genealógico. Também, preconceito anti-Bizantino precisa ser colocado de lado. Por exemplo, defrontados com a preferência de Clemente por leituras Majoritárias em Mc. 10:17-31, é presumível que alguns tentarão argumentar que copistas medievais “corrigiram” Clemente em direção da norma Bizantina. Mas nessa eventualidade por que eles também não corrigiram todas as leituras singulares? Táticas que pressupõem o resultado desejado, como presumir que o texto Bizantino foi um desenvolvimento secundário, precisam ser abandonadas.

Agora, quero voltar à tabela dos Pais (a segunda) e aplicar minha classificação (ver capítulo 5) àquelas estatísticas. O resultado parece assim:

| <u>II & III</u> | | <u>IV</u> | | <u>V</u> | |
|---------------------|-----------|---------------|-----------|---------------|----------|
| Marcion | O- (45%) | Astério | M++ (83%) | Teodoro Mops. | M (55%) |
| Irineu | O (51.5) | Basil | M (66) | Marcus Erem. | M (54) |
| Clemente Al. | O- (45) | Apost. Const. | M (61.5) | Teódoto | M (60) |
| Hipólito | O- (44.5) | Epifânio | O- (36) | Hesíquio | M (53) |
| Orígenes | E- (41.5) | Crisóstomo | M (65) | Teodoreto | M+ (71%) |
| Metódio | E/O(36.5) | Severiano | M- (47.5) | | |
| Adamâncio | M- (39%) | | | | |

(Epifânio, Crisóstomo e Severiano presumivelmente fizeram a maioria dos seus escritos no século IV, e seus MSS datariam de bem dentro daquele século.)

Imagino que quase todo mundo que tem estudado crítica textual do N.T., como geralmente ensinada em nossos dias, ficará surpreso com este quadro. Aonde está o texto Egípcio? Os séculos II e III são dominados por **O**—somente em Orígenes **E** consegue uma maioria simples, enquanto empata com **O** em Metódio. **M** já tomou a dianteira pelo final do século III (em Adamâncio) e está em claro controle nos séculos IV e V. Os detratores do texto Bizantino têm habitualmente argumentado que, embora “leituras” Bizantinas possam ser atestadas nos primeiros séculos, a mais antiga atestação existente do “texto” Bizantino, como tal, vem do século V. Em contraste, dizem eles, o “texto” Egípcio é atestado nos séculos III e IV. Bem, as tabulações das reais leituras dos Pais, e dos unciais, que Aland tem fornecido, parecem contar uma história diferente. Em primeiro lugar, o que é exatamente o “texto Egípcio”? Como chegou Aland à “norma”? Não poderia ser o caso que não há mesmo nenhum “texto” Egípcio, apenas “leituras”? Muitas das leituras que têm sido classificadas sob “**O**” freqüentemente têm sido chamadas “Ocidentais.” Há “leituras” Ocidentais, mas será que há um “texto” Ocidental? Muitos estudiosos responderiam que não. Se não há nenhum “texto” Ocidental, como podem haver “leituras” Ocidentais? Em que base deve uma leitura ser identificada como “Ocidental”? E o “texto” Bizantino, pode ele ser definido objetivamente? Sim. Eis aí porque podemos dizer quando estamos olhando para uma “leitura” Bizantina—ela é característica daquele “texto” definido objetivamente. Se as “leituras” Bizantinas que ocorrem nos Pais e papiros, ambos dos séculos II e III, não constituem evidência da existência do “texto”, então as “leituras” Egípcias e Ocidentais também não constituem evidência daqueles “textos”.

Evidência oriunda dos papiros antigos

Na página 140, Aland também apela para os papiros: “Não há sequer um vestígio que se ache do texto Majoritário (segundo definido por Hodges e seus colegas) em nenhum dos mais de quarenta papiros do período primitivo (antes do período de Constantino), nem em nenhum dos cinquenta papiros adicionais até o final do 8^o século.” Ele está se referindo a “texto”, não a “leituras”, mas o que quer ele dizer com “sequer um vestígio”? Em uso normal, um “vestígio” não é muito. Depois de sua tabulação das citações nos Pais mais antigos, Aland declara: “Pelo menos uma coisa está claramente demonstrada: é impossível dizer que a existência fora do Egito, no período primitivo, daquilo que Hodges chama ‘Texto Egípcio’, não está provada” (pag. 139). Ele então se refere por nome aos primeiros cinco Pais. Notar que ele está afirmando que os 24% de prefe-

rência por “leituras” Egípcias em Irineu, por exemplo, “provam” a **existência** do **texto** Egípcio fora do Egito, no século II. Ora, se 24% são bastantes para provar a existência de um “texto”, não deveriam seguramente 18% ser chamados pelo menos de um “vestígio”? Se o argumento que Aland aqui usa é válido, então os 18% de preferência de Marcion pelas “leituras” Majoritárias provam a existência de um “**texto**” Majoritário na metade do segundo século! Se Aland não está disposto a conceder que a percentagem das “leituras” Bizantinas encontradas nestes Pais antigos constituem um “vestígio”, então presumivelmente eles também não contêm nenhum vestígio do texto Egípcio. Mas que tal os papiros?

Infelizmente, o livro de Aland não contém um sumário da “colação de teste sistemático”⁴⁰² para os papiros, como faz para os unciais, portanto uma breve menção será feita dos estudos de P⁴⁵ por Eldon Epp e de P⁶⁶ por Gordon Fee. Com referência a 103 unidades de variação em Mc. 6-9 (onde P⁴⁵ é sobrevivente), Epp registra que P⁴⁵ mostra uma concordância de 38% com D, 40% com o TR, 42% com B, 59% com f¹³ e 68% com W.⁴⁰³ Fee registra que em João 1-14 P⁶⁶ mostra uma concordância de 38.9% com D, 44.6% com Aleph, 45.0% com W, 45.6% com A, 47.5% com o TR, 48.5% com C, 50.4% com B e 51.2% com P⁷⁵.⁴⁰⁴ Será que 40% não constituem um “vestígio”? O quadro é similar àquele oferecido pelos Pais antigos. Se mapeássemos estes papiros em uma tabela com os mesmos cabeçalhos, haveria um significativo número de variantes em cada coluna—“Egípcio”, “Majoritário” e “outros”, todos eles foram atores importantes na cena do Egito ao final do segundo século.

Deve ser mencionado o estudo feito por Harry A. Sturz.⁴⁰⁵ Ele próprio colacionou P^{45,46,47,66,72 e 75}, mas tirou citações de P¹³ e P³⁷ dos aparatos nos textos de Nestle (pag. 140). Ele, através de todo o N.T., comparou estes papiros com os textos Bizantino, Alexandrino e Ocidental, tabulando os resultados como segue:

| <u>Leituras Comparadas</u> | <u>Número de Ocorrências</u> | <u>Percentagem do Total</u> |
|----------------------------|------------------------------|-----------------------------|
| PB/A/W | 31 | 6.3 |
| PB/AW | 121 | 24.7 |
| PBW/A | 169 | 34.4 |
| PBA/W | <u>170</u> | <u>34.6</u> |
| Total: | 491 | 100.0% |

"PB = leituras de Papiros endossando o texto Bizantino; A = texto Alexandrino; e W = texto Ocidental. Portanto, PB/A/W significa que as leituras Papiro-Bizantinas estão sen-

⁴⁰²Não apenas aquilo; não nos são dados os critérios usados na escolha dos conjuntos variantes a serem colacionados. Similarmente, não nos são dados os critérios usados na escolha dos Pais e citações para seu artigo, "The Text of the Church?". Considerando a tendência anti-Bizantina de Aland, estamos provavelmente seguros ao presumir que nenhuma escolha foi feita para favorecer o texto "Bizantino"; nesta hipótese, uma amostragem mais ampla poderia aumentar bastante as percentagens Bizantinas.

⁴⁰³Eldon Epp, "The Twentieth Century Interlude in New Testament Textual Criticism," *Journal of Biblical Literature*, XCIII (1974), pags. 394-96.

⁴⁰⁴G.D. Fee, *Papyrus Bodmer II (P⁶⁶): Its Textual Relationships and Scribal Characteristics* (Salt Lake City: U. of Utah Press, 1968), pag. 14.

⁴⁰⁵H.A. Sturz, *The Byzantine Text-Type and New Testament Textual Criticism* (Nashville: Thomas Nelson, 1984).

do comparadas contra as Alexandrinas onde elas diferem das leituras Ocidentais” (pag. 228). Assim, torna-se visível que Sturz identificou 31 + 121 = 152 locais onde os antigos papiros se alinham com o texto Bizantino contra ambos os textos Alexandrino e Ocidental. Ele dá evidência para mais 175 leituras Bizantinas apoiadas por papiros mas que também têm alguma atestação Ocidental ou Alexandrino, e assim não são “distintamente Bizantinas” (pags. 189-212). Ele ainda se refere a outros 195 casos onde a leitura Bizantina tem apoio de papiros, mas não alista estes casos (pag. 187). As 169 ocorrências PBW/A nos lembram a declaração feita por Gunther Zuntz. “Leituras Bizantinas que reaparecem em testemunhas Ocidentais **têm** [ênfase dele] que ser antigas. Elas retroagem ao tempo anterior àquele em que o papiro Chester Beatty [P⁴⁶] foi escrito; o tempo anterior à emergência das separadas tradições Oriental e Ocidental; em suma, elas retroagem para bem dentro do segundo século.”⁴⁰⁶ Poderíamos desejar que Sturz também nos tivesse dado os alinhamentos PA/BW e PW/AB, mas não o fez. De qualquer modo, será que toda aquela atestação das leituras Bizantinas por papiros antigos não merece ser chamada pelo menos de um “vestígio”?

Evidência oriunda das versões antigas

Tem sido afirmado que as versões antigas (Latina, Siríaca e Cóptica) não testemunham em prol do texto “Bizantino”. Isto é parte de um procedimento maior (que foge da questão), no qual estas três versões são atribuídas aos “tipos de texto” Alexandrino ou Ocidental (a própria existência dos quais não tem sido demonstrada) e, portanto, negadas ao texto “Bizantino”. Mas que aconteceria se olhássemos para o desempenho destas versões sem quaisquer tais idéias preconcebidas? Acabei de fazer uma checagem rápida dos balanços de evidência no aparato da UBS³ para João. 172 conjuntos de variantes são alistados (lembrar que apenas os conjuntos “significativos” foram incluídos) mas 13 deles são conjuntos de variantes dentro de versos disputados—estes eu desconsidereei, uma vez que a questão anterior é se a passagem deve ou não ser incluída. Restaram 159 conjuntos, umas três dúzias dos quais não eram muito aplicáveis (algumas diferenças são ambíguas em uma tradução). A cada uma das testemunhas Latina, Siríaca e Cóptica, perguntei se ela era **a favor** do texto Bizantino, **contra** ele, ou se estava **dividida**. Aqui está o resultado daquela contagem rápida:⁴⁰⁷

| | A favor | Contra | Dividida |
|---------|---------|--------|----------|
| Latina | 60 | 32 | 27 |
| Siríaca | 63 | 23 | 35 |
| Cóptica | 49 | 45 | 27 |

Mesmo a versão Cóptica se alinha com o texto Bizantino mais freqüentemente que não, mas a tendência de cada uma das versões Latina e Siríaca é claramente em direção ao texto Bizantino. E parece não haver nenhuma correlação previsível entre qualquer uma destas três versões e os unciais e papiros mais antigos e importantes. A versão Velha Latina freqüentemente discorda de D, por exemplo, ou divide seu apoio. Eu diria que a Velha Latina dá testemunho claro da existência antiga do “texto” Bizantino.

⁴⁰⁶G. Zuntz, *The Text*, pags. 150-51.

⁴⁰⁷Peter J. Johnston fez uma avaliação independente, deste material, e concluiu que eu fui demasiadamente cauteloso; especialmente no caso da Siríaca, a atestação para o texto “Bizantino” é mais forte que meus números indicam (comunicação pessoal).

Se a Siríaca e a Cóptica não testemunham pelo "texto" Bizantino, então presumivelmente também não podem ser reivindicados para nenhum outro "texto".

Sumário e conclusão

[da evidência do *texto* Bizantino nos primeiros séculos]

A distinção entre "leiturias" e "texto" é comumente feita de um modo enganador. Por exemplo, não é legítimo falar de **leiturias** "Ocidentais" até que alguém tenha definido um **texto** "Ocidental", como tal. Para definir um "texto" deve-se reconstruir o arquétipo presumido. Tendo feito isto, então pode-se identificar as leituras que são peculiares àquele arquétipo e portanto características dele. Ninguém jamais reconstruiu um arquétipo "Ocidental", e há concordância geral entre os estudiosos que nunca existiu. Eis aí porque edições críticas do N.T. grego não incluem um símbolo (ícone) representativo do "texto Ocidental". Em seu recente livro *texto*, os Aland agora falam do texto "D", referindo-se ao Códice Bezae. Segue-se que não é legítimo falar de leituras "Ocidentais". É menos legítimo ainda atribuir MSS, Pais ou Versões ao texto "Ocidental" fantasma. É verdade que MSS, Pais e Versões dos primeiros séculos certamente contêm muitas leituras que não são nem "Alexandrinas" nem "Bizantinas", mas elas parecem ser largamente aleatórias, com uma influência comum discernível aqui e ali. Se o texto "Ocidental" não tem arquétipo, ele não pode representar o original. Vou repetir: Sem arquétipo o texto "Ocidental" **não pode** representar o original; é impossível!

Similarmente, não é legítimo falar de leituras "Alexandrinas" até que se tenha reconstruído o arquétipo presumido. Colwell tentou e desistiu, declarando que ele nunca existiu. As edições UBS e N-A²⁶ não mais incluem um símbolo (ícone) representativo do "texto Alexandrino". Pelos números fornecidos por Aland, a testemunha "Alexandrina" mais forte, Códice B, é somente 72% 'pura' nos Sinópticos—aonde devemos ir para encontrar os outros 28%? Dizem que P⁷⁵ e B têm uma concordância de 82%—aonde devemos ir para encontrar os outros 18%? As testemunhas geralmente atribuídas ao texto "Alexandrino" estão em discordância constante e significativa entre elas próprias. Uma influência comum sobre elas é, na verdade, discernível, mas há, do mesmo modo, uma grande quantidade de variações aparentemente aleatórias. Todas elas mostram concordâncias significativas com o texto "Bizantino", em diferentes locais e em variados graus. De fato, nos Sinópticos o Códice C é mais "Bizantino" que "Alexandrino". Uma vez que não há nenhum arquétipo "Alexandrino" à mão, eu contesto a legitimidade de falar de leituras "Alexandrinas" e de reivindicar MSS, Pais e Versões dos primeiros séculos em favor daquele suposto "texto". Se o texto "Alexandrino" não tem arquétipo, ele não pode representar o original. Vou repetir: Sem arquétipo o texto "Alexandrino" **não pode** representar o original; é impossível!

Em contraste, um arquétipo "Bizantino" ou "Majoritário" pode na verdade ser reconstruído, com grau de certeza acima de 99%. Eis aí porque edições críticas modernas do N.T. em grego ainda incluem um símbolo (ícone) representativo do "texto Bizantino" ou "texto Majoritário". Segue-se que é inteiramente legítimo falar de leituras "Bizantinas" ou "Majoritárias"—elas são definidas pelo arquétipo. Uma vez que o arquétipo "Bizantino" é o único que tem sido demonstrado existir, de onde veio ele senão dos Autógrafos?

De qualquer maneira, as considerações apresentadas demonstram que, se a evidência dos séculos II e III não atesta a presença do "texto" Bizantino, então ela também não atesta a presença dos "textos" Ocidental ou Alexandrino. Contudo, afirmo que a evidência é clara no sentido de que o "texto" Bizantino, como tal, certamente existiu no século II.

Não Devem As Testemunhas Ser Pesadas, Ao Invés de Contadas?

A forma da pergunta, que reflete aquela da asserção usualmente feita, é tendenciosa. Implica que pesar e contar são mutuamente exclusivos. Mas como assim? Em qualquer investigação, jurídica ou não, testemunhas devem ser **tanto** pesadas (avaliadas) **quanto** contadas. Primeiro elas devem ser pesadas, certamente, mas então têm que ser contadas—senão, para que se incomodar em pesá-las, ou então, para que se incomodar com testemunhas? Discutirei as duas atividades pela ordem, começando com a pesagem.

Primeiro pesar

Como exatamente devem os MSS ser pesados? E quem seria competente para realizar a pesagem? Como o leitor a esta altura já é bem sabedor, Hort e a maioria dos estudiosos subsequentes têm feito suas "pesagens" com base na assim chamada "evidência interna"—os dois critérios padrão são "escolha a leitura que se adequa ao contexto" e "escolha a leitura que explique a origem da outra leitura."

Um problema com isto foi bem exposto por Colwell: "De fato, estes dois critérios padrão para a avaliação da evidência interna de leituras podem facilmente cancelar um ao outro e deixar o estudioso livre para escolher [entre as leituras] em termos de seus próprios pre-julgamentos."⁴⁰⁸ Ademais, "quanto mais conhecimento erudito o estudioso tem, mais fácil é para ele produzir uma defesa razoável de ambas as leituras. ..."⁴⁰⁹

Todo o processo é tão subjetivo que faz da palavra "pesar" uma sátira ridicularizante. O significado básico do termo envolve uma avaliação feita por um instrumento objetivo. Se queremos que nossa pesagem de MSS tenha validade objetiva, temos que achar um procedimento objetivo.

Como avaliamos a credibilidade de uma testemunha na vida real? Observamos como ela age, ouvimos o que diz e como o diz, e ouvimos a opinião dos seus vizinhos e associados. Se podemos demonstrar que uma testemunha é um mentiroso habitual ou que suas faculdades críticas estão afetadas, então recebemos seu testemunho com ceticismo. Em considerável medida, é bastante possível avaliarmos MSS de modo similar, e é difícil de entender porque os estudiosos têm geralmente negligenciado fazê-lo.

Favor referir-se à evidência já dada, na discussão dos MSS mais antigos. Podemos objetivamente dar a P⁶⁶ peso, como uma testemunha? Bem, no espaço do Evangelho de João, P⁶⁶ tem acima de 900 erros claros e indubitáveis—como testemunha à identidade do texto de João, nos enganou mais de 900 vezes. É P⁶⁶ uma teste-

⁴⁰⁸Colwell, "External Evidence," pag. 3.

⁴⁰⁹*Ibid.*, pag. 4.

munha acreditável? Eu argumentaria que nenhum dos copistas de P⁶⁶ e P⁷⁵ sabiam grego. Não devemos dizer que, como testemunhas, estavam desqualificados?⁴¹⁰

Relembrar, do estudo de Colwell, que o copista de P⁴⁵ evidentemente fez numerosas mudanças **deliberadas** no texto. Não devemos dizer que estava moralmente desqualificado? Em qualquer caso, ele repetidamente nos deu informação falsa. Ainda confiaremos nele?

Similarmente, tem sido mostrado por simples lógica/aritmética que Aleph e B têm acima de 3000 conflitos entre si, somente nos Evangelhos. Aleph é claramente pior que B, mas provavelmente não duplamente pior—pelo menos 1000 daqueles conflitos são erros de B. Será que Aleph e B se encaixam na nossa noção de uma boa testemunha?

Mesmo quando não é possível afirmar objetivamente que uma testemunha particular é mal informada, sua credibilidade sofre se ela anda em companhia suspeita. Várias referências já têm sido dadas para o fenômeno que Burgon chamou de *concordia discors*. Darei mais um exemplo. Burgon nos convida a irmos para Lc. 8:35-44 e colacionar os cinco unciais antigos— \aleph, A, B, C, D —para a passagem toda. Comparando os unciais um aos outros e contra o pano de fundo da maioria dos MSS—códice A aparece sozinho 2 vezes; B, 6 vezes; \aleph , 8 vezes; C, 15 vezes; D, 93 vezes—A e B aparecem juntos contra todos 1 vez; B e \aleph , 4 vezes; B e C, 1 vez; B e D, 1 vez; \aleph e C, 1 vez; C e D, 1 vez—A, \aleph e C conspiram juntos 1 vez; B, \aleph e C, 1 vez; B, \aleph e D, 1 vez; A, B, \aleph e C, 1 vez; B, \aleph , C e D, 1 vez. Todos os cinco não concordam juntos nenhuma vez sequer contra a maioria. Como Burgon observou, eles "concordam e novamente se separam, com singular imparcialidade,"⁴¹¹ o que o levou a concluir:

Após uma sincera inspeção das dependências, irá alguém nos condenar como irrazoáveis se declararmos que uma tal demonstração da 'concordia discors' que sempre prevalece entre os unciais mais antigos, mas que especialmente caracteriza $\aleph B D$, grandemente nos indispõem a tolerar que sua autoridade sem apoio nos determine o Texto das Escrituras?⁴¹²

Não havemos de concordar com Burgon?

Precisamos também checar a opinião dos contemporâneos de uma testemunha. Eles testemunham pró ou há reservas quanto ao bom caráter dela? A julgar pela circunstância que Códices tais como Aleph e B não foram copiados, o que nos diz que a Igreja em geral rejeitou sua forma de texto, parece que eles não foram respeitados nos

⁴¹⁰O fato de que o copista de P⁷⁵ o copiou letra por letra e o de P⁶⁶ sílaba por sílaba (Colwell, "Scribal Habits," pag. 380) fortemente sugere que nenhum dos dois sabia grego. Quando copiar em uma língua que você sabe, o faz frase por frase ou, no mínimo, palavra por palavra. P⁶⁶ tem tantas leituras sem o menor sentido que o copista não pode ter conhecido o significado do texto. Quem quer que tenha jamais tentado copiar à mão (não digitar) um texto de qualquer comprimento, em uma linguagem que não entenda, saberá que esta é uma tarefa exigente e tediosa. Pureza de transmissão não é de se esperar sob tais circunstâncias.

⁴¹¹N.Trads.: entenda-se "imparcialidade" como "aleatoriedade", não tendendo preponderantemente para lado algum.

⁴¹²Burgon, *The Revision Revised*, pags. 16-18.

seus dias. Que evidência objetiva temos que nos leve a reverter o julgamento dos seus contemporâneos?

Estudiosos tais como Zuntz protestarão que um MS pode representar uma tradição excelente a despeito do trabalho inferior feito pelo copista.⁴¹³ Talvez, mas como podemos sabê-lo? Vejo somente duas maneiras de chegar à conclusão que uma certa tradição é excelente—através da atestação de testemunhas que se aprovam como confiáveis, ou através da preferência e imaginação do crítico. Em nenhum caso a conclusão depende da cópia inferior em si—em um caso a conclusão repousa sobre a autoridade de testemunhas independentes e confiáveis, e no outro caso repousa sobre a autoridade do crítico. A cópia inferior não tem, por si própria, nenhum direito à nossa confiança.

A seguir, contar⁴¹⁴

Tendo pesado as testemunhas, temos então que contá-las. Na contagem, preferência deve ser dada àquelas cópias que não são demonstravelmente inferiores, ou más. Do mesmo modo que, ante a lei, uma pessoa é considerada inocente até que seja provada culpada, assim também uma testemunha tem que ser assumida veraz até que possa ser provado que é mentirosa. Mas antes de contar, temos que tentar determinar se tem havido qualquer conluio entre as testemunhas. Quaisquer delas que pareçam ser mutuamente dependentes devem ser consideradas como uma só. Então, cada testemunha que parece ser tanto independente como confiável tem que ser permitida votar; tais testemunhas têm, na verdade, que ser contadas. Se várias centenas delas concordam contra três ou quatro mentirosos inveterados, pode haver qualquer dúvida razoável quanto à identidade da verdadeira leitura? Retornarei a este assunto no capítulo seguinte.

Caso alguém ainda esteja disposto a levantar a objeção que "leituras Bizantinas repetidamente demonstram ser inferiores", respondo: "Prove-o!" Uma vez que tais caracterizações têm sido baseadas sobre os cânones demonstravelmente falazes da "evidência interna", não têm nenhuma validade. Considero a alegação como pífia. Também exigiria que o rejeitador do texto Bizantino abertamente enuncie suas pressuposições. Diferentes pressuposições normalmente levam a diferentes conclusões.

Tenho demonstrado que a teoria crítica e a história do texto, ambos de W-H, são errôneas. Tenho esboçado a história da transmissão do texto a qual creio melhor concordar com a evidência disponível. Resta fornecer uma declaração coerente do procedimento pelo qual podemos nos assegurar da exata identidade da redação original do texto do Novo Testamento.

⁴¹³Cf. Zuntz, *The Text*, pag. 157.

⁴¹⁴O quadro que Carson aqui pinta da minha posição exige algum comentário. Ele diz que eu argumento que "temos que ver a maioria dos manuscritos como autoridades independentes que devem ser contadas, não pesadas" (pag. 108). "Não devem os manuscritos ser pesados, ao invés de contados? Pickering pensa que contar deve ser preferido porque ele já tem descartado o princípio genealógico—pelo menos para sua própria satisfação" (pag. 107). "A única alternativa [para ecletismo] é apelar para um método de contar manuscritos" (pag. 105). Não tem o leitor da crítica de Carson o direito de assumir que este leu meu livro com razoável cuidado? Se Carson assim leu meu livro, ele tem deliberadamente distorcido minha posição, como o leitor pode facilmente constatar.

7

DEFININDO A IDENTIDADE DO TEXTO

Como arcabouço para a discussão que segue usarei as sete “Marcas da Verdade” de Burgon. Elas são:

- | | | |
|--------------------------------------|----|-------------------------------|
| 1. Antigüidade, | ou | Primitividade; |
| 2. Consenso de Testemunhas, | ou | Número; |
| 3. Variedade de Evidência, | ou | Universalidade; |
| 4. Respeitabilidade das Testemunhas, | ou | Peso; |
| 5. Continuidade, | ou | Tradição Ininterrupta; |
| 6. Evidência da Passagem Inteira, | ou | Contexto; |
| 7. Considerações Internas, | ou | Razoabilidade. ⁴¹⁵ |

As Marcas da Verdade

Antigüidade, ou Primitividade

Uma leitura, para ser candidata séria a ser a original, deve ser antiga. Se não há atestação⁴¹⁶ para uma leitura antes da Idade Média,⁴¹⁷ é improvável que ela seja genuína. No entanto uma palavra de cautela se faz necessária. Não apenas pode antigüidade ser demonstrada por uma única testemunha antiga, mas também pela concordância de um número de testemunhas independentes subsequentes—a fonte comum delas teria de ser bem mais antiga. Sturz tem uma boa discussão deste ponto.⁴¹⁸ Mas qualquer leitura que tenha ampla atestação mais recente quase sempre tem também atestação explícita bem anterior.

Para dar uma definição concreta à idéia de “antigüidade”, tomarei o ano 400 DC como um ponto-de-corte arbitrário. Permitindo somente aquelas testemunhas que “falaram” antes daquela data, “antigüidade” incluiria acima de setenta Pais; incluiria os Códices Aleph, B, e vários unciais fragmentários; incluiria os Papiros mais antigos; e também as Versões mais antigas. Como uma ilustração específica, desde 1881 a palavra “vinagre” em Mat. 27:34 tem sido desprezada como uma leitura “recente, Bizantina”—mas qual é o veredicto do critério de “antigüidade”? Contra “vinagre” estão os Códices Aleph e B, as versões Latina e Cópticas, os Atos Apócrifos dos Apóstolos, o Evangelho de Nicodemus, e Macarius Magnes—sete testemunhas. A favor de “vinagre” estão o Evangelho de Pedro, *Acta Philippi*, Barnabé, Ireneu, Tertuliano, Celso, Orígenes, pseu-

⁴¹⁵Burgon, *The Traditional Text*, pag. 29. Reconheço prontamente minha considerável dívida ao Deão Burgon, especialmente por me estimular a atentar para a **evidência**, mas meu tratamento das várias “marcas” não é idêntico ao seu. Fee diz dessas marcas; “todas elas são simplesmente sete maneiras diferentes de dizer que a maioria sempre está certa” (“A Critique”, pag. 423). Deve ser evidente ao leitor, mesmo de relance, que a declaração de Fee é irresponsável. Esta é uma clara ilustração da falta de cuidado e da superficialidade que caracterizam a maior parte da sua crítica.

⁴¹⁶N.Trads.: Lembrar que testemunhas abrangem: MSS, lecionários, citações pelos Pais, e versões (traduções).

⁴¹⁷N.Trads.: A Idade Média, ou Idade das Trevas, vai de cerca de 590 (com o papa Gregório I) a cerca de 1517 (com Lutero) DC, período em que foi asfixiante a escravidão imposta pela igreja de Roma a toda a Europa.

⁴¹⁸Sturz, pag. 67-70.

do-Taciano, Atanásio, Eusébio de Emesa, Teodoro de Heracla, Dídimo, Gregório de Nissa, Gregório Nazianzo, Efraim Sírio, Lactâncio, Tito de Bostra, e a versão Siríaca—dezoito testemunhas.⁴¹⁹ As testemunhas a favor de “vinagre” são tanto mais antigas quanto mais numerosas que aquelas a favor de “vinho”.

Naturalmente grande idade, em si própria, não é suficiente. Temos visto que a maioria dos desvios significativos datam do segundo século. O que estamos procurando é a leitura mais antiga, a original, e para julgarmos entre leituras antigas que competem entre si, precisamos de outras considerações.

Consenso de Testemunhas, ou Número

Uma leitura, para ser candidata séria a ser a original, deve ser atestada por uma maioria absoluta das testemunhas independentes. Favor lembrar a discussão [no capítulo anterior] sobre o pesar e contar das testemunhas. Uma leitura atestada por somente umas poucas testemunhas é impro-vável de ser genuína—quanto menos

⁴¹⁹Burton, *The Traditional Text*, pag. 107, 255-56. Com respeito a esta contabilidade de evidências, Fee diz o seguinte: “Eu me dei ao trabalho de conferir acima de três quartos dos dezessete Pais da Igreja usados por Burton em suporte [de “vinagre”], e não é demonstrável que **qualquer um deles** [ênfase de Fee] esteja citando Mateus” (*Ibid.*, pag. 418-19). (O termo oxoj, “vinagre”, também ocorre nas passagens quase-paralelas—Mc. 15:36; Lc. 23:36 e João 19:29.)

Antes de conferir os Pais individualmente, podemos registrar surpresa ante a veemência de Fee, em vista da sua própria afirmação que é “incontroversível” que “o Evangelho de Mateus foi o mais citado e usado dos Evangelhos Sinópticos”, e que “estes dados simplesmente não podem ser ignorados ao se fazer decisões textuais” (*Ibid.*, pag. 412). Somos agradecidos a Fee por esta informação, mas não podemos senão notar que ele próprio parece estar “ignorando”. Poderíamos supor, justificadamente, que pelo menos 9 das 17 citações de Burton são de Mateus, mas não estamos reduzidos a um procedimento tão fraco.

Muito embora um Pai possa não dizer, “*Aqui eu estou citando Mateus*”, pela atenta observação do contexto poderemos estar virtualmente tão certos quanto se ele o tivesse dito. Então, embora todos os quatro evangelhos usem a palavra “vinagre”, apenas Mateus usa a palavra “fel”, cole, em associação com o vinagre (e Atos 8:23 é o único outro local no N.T. onde “fel” aparece). Segue-se que qualquer referência patrística a vinagre e fel, juntos, só pode ser uma citação baseada em Mateus (ou Sal. 69:21). Quando Barnabé diz, potizein colen meta oxoj (7:5), pode haver qualquer dúvida quanto à fonte [da sua citação]? Quando o Evangelho de Pedro diz, Potisate auton colen meta oxouj (5:16), a fonte não tem de ser Mateus? Quando Gregório de Nissa diz, cole te kai oxei diabrocoj (Orat. x:989:6), pode sobrar qualquer dúvida [quanto ele estar citando Mateus]? Podemos notar de passagem que o N.T. grego de Alford, no próprio versículo, diz claramente que Orígenes e Tertuliano ambos dão suporte à leitura “Bizantina” sob discussão. (A pesquisa refletida na discussão acima foi realizada por Maurice A. Robinson e gentilmente posta à minha disposição).

Notar também que Ireneu escreveu, “*Ele deveria ter vinagre e fel dados a Si, para beber*” (*Against Heresies*, XXXIII:12), em uma série de profecias do V.T. que ele disse que Cristo cumpriu. Presumivelmente, Ireneu tinha Sl 69:21 em mente—“*Deram-me fel por mantimento, e na minha sede me deram a beber vinagre*”—mas ele parece ter assimilado a Mt 27:34 (a leitura “Bizantina”). O Evangelho de Nicodemus tem “*e também Lhe deu a beber fel com vinagre*” (Parte II, 4). A Revelação de Esdras tem “*Vinagre e fel eles me deram a beber.*” As “Constituições Apostólicas” têm “*deram-Lhe vinagre a beber, misturado com fel*” (V:3:14). Tertuliano tem “*e fel é misturado com vinagre*” (Apêndice, réplica a Marcion, V:232). Em uma lista dos sofrimentos de Cristo a partir da qual os leitores são exortados a seguir Seu exemplo, Gregório Nazianzus tem: “*Provai fel pelo propósito de provar; bebei vinagre*” (Oratio XXXVIII:18).

Qualquer que seja a interpretação que o leitor possa desejar dar à declaração de Fee, notada no início [desta nota de rodapé], é claro que a leitura “vinagre” em Mt. 27:34 tem atestação do segundo século (ou talvez mesmo do primeiro, no caso de Barnabé!). A leitura em foco passa o teste de “antigüidade” triunfantemente.

forem as testemunhas menor será a probabilidade [da leitura ser a original]. Por outro lado, quanto maior for a maioria mais provavelmente certa é a originalidade da leitura assim atestada. Sempre que o texto tem atestação unânime, a única conclusão razoável é que ele certamente é original.⁴²⁰

Até mesmo Hort reconheceu o peso inerente a maioria absoluta: “Uma pres-suposição teórica verdadeiramente permanece: que uma maioria de documentos existentes é mais provável de representar uma maioria de documentos ancestrais, a cada etapa de transmissão, do que vice-versa.”⁴²¹ O trabalho daqueles que têm feito colação extensa de MSS tende a confirmar esta hipótese. Assim Lake, Blake e New acharam apenas filhos órfãos entre os MSS que eles colocaram, e declaram ademais que quase não existiam irmãos—cada MS é um “filho único.”⁴²² Isto significa que eles são testemunhas independentes, na própria geração deles. Nas palavras de Burgon:

. . . dificilmente qualquer deles tem sido copiado de qualquer um dos restantes. Ao contrário, descobre-se que diferem entre si em incontáveis detalhes sem importância; e de vez em quando cópias isoladamente trazem idiossincrasias que são totalmente surpreendentes e extraordinárias. Portanto, é demonstrável não ter qualquer conluio conspiratório—nenhum ajustamento a um padrão arbitrário—nenhuma fraude no atacado. É certo que cada um deles representa um MS (ou uma linhagem de MSS) mais antigo que ele próprio, e não é senão justo supor que ele exercita tal representação com acurácia satisfatória.⁴²³

De acordo com a boa prática jurídica, é injusto declarar arbitrariamente que os ancestrais **não** eram independentes, algum tipo de evidência tem de ser exibida [antes que tal se afirme]. Já tem sido demonstrado que a “evidência genealógica” de Hort, com referência aos MSS, é fictícia. Mas é verdade que concordância numa leitura implica origem comum, a não ser que seja o tipo de engano que diversos escribas possam ter feito independentemente. O que se considera aqui é a origem comum de leituras individuais, não a dos MSS, mas onde vários MSS compartilham um grande número de leituras peculiares a si próprios, evidentemente sua pretensão a serem independentes fica completamente comprometida. (O “Método Claremont de [traçar] Perfis”⁴²⁴ dá promessas de ser um instrumento eficaz para traçar o relacionamento entre MSS.)

No entanto, existe uma situação onde igualdade de leitura não compromete independência. Se a origem comum de uma leitura é a original, então os MSS que a têm não podem ser desqualificados; a pretensão deles à independência permanece incontaminada. Naturalmente não sabemos, neste estágio da investigação, qual é a leitura original, mas alguma ajuda negativa é imediatamente disponível. Se uma ou mais das vari-

⁴²⁰Quem quer que ofereça uma emenda conjectural em face de tais atestações está alegando que sua autoridade é maior que a de todas as testemunhas combinadas—mas, uma vez que tal pessoa não é, de modo algum, uma testemunha (não sabe nem pode saber o que foi escrito, tendo rejeitado atestação de 100%), sua autoridade é nula.

⁴²¹Westcott e Hort, pag. 45.

⁴²²Lake, Blake e New, pag. 348-49.

⁴²³Burgon, *The Traditional Text*, pag. 46-47.

⁴²⁴Compare Epp, “The Claremont Profile Method for Grouping New Testament Minuscule Manuscripts,” *Studies in the History and Text of the New Testament in Honor of Kenneth Willis Clark, PhD.* (*Studies and Documents*, 29) ed. B.L. Daniels e M.J. Suggs (Salt Lake City: University of Utah Press, 1967), pag. 27-38.

antes em competição é um erro óbvio, então aqueles MSS que atestam tais variantes são desqualificados, naquele lugar só (lembrar que genealogia seria baseada sobre concordância em erro).

Quanto ao restante, a história da transmissão torna-se um fator importante, mas para esboçá-la com confiança devemos de levar em conta pelo menos duas considerações adicionais. Nesse meio tempo, o status de “independente”, dado aos MSS concordando quanto a leituras que podem ser originais, deve ficar como que “de mo-lho”—não há, ainda, evidência suficiente para desqualificá-los.

Variedade de Evidência, ou Universalidade

Uma leitura, para ser candidata séria a ser a original, deve ser atestada por uma ampla variedade de testemunhas. Por variedade se quer dizer, em primeiro lugar, muitas áreas geográficas, mas também diferentes espécies de testemunhas—MSS, Pais, Versões, e Lecionários. A importância da “Variedade” é bem estabelecida por Bur-gon:

Variedade, distinguindo testemunhas amontoadas juntas, certamente constitui um argumento bastante poderoso para se crer que tal Evidência é verdadeira. Testemunhas de diferentes espécies, de países diferentes, falando línguas diferentes—testemunhas que não podem jamais ter se encontrado, e entre as quais é inimaginável que tenha havido conluio de qualquer tipo—tais testemunhas merecem ser ouvidas com muito respeito. Na verdade, quando testemunhas de tão variados tipos concordam em grandes números, elas devem ser consideradas merecedoras até mesmo de confiança implícita. ... Variedade é que confere vir-tude a mero Número, impede a urna de ser enchida de cédulas fraudulentas, as-segura testemunho genuíno. Testemunho falso é assim detectado e condenado, porque não concorda com o restante. Variedade é o consenso de testemunhas independentes, ...

É precisamente esta consideração que nos constringe a prestar suprema aten-ção ao testemunho combinado dos Unciais e de todo o corpo das Cópias Cursi-vas. Elas: a) são espalhadas por um período de pelo menos 1000 anos; b) evi-dentemente pertencem a tantas regiões diversas (Grécia, Constantinopla, Ásia Menor, Palestina, Síria, Alexandria, e outras partes da África, para não mencio-nar Sicília, Sul da Itália, Gália, Inglaterra, e Irlanda); c) exibem tantas caracte-rísticas estranhas e empatias peculiares; d) tão claramente representam incon-táveis famílias de MSS, os quais não sendo em nenhuma instância absoluta-mente idênticos em seus textos, e certamente não sendo cópias de nenhum ou-tro Códice em existência—que a decisão unânime delas eu asseguro ser uma evidência absolutamente irrefutável da Verdade.⁴²⁵

Variedade nos ajuda a avaliar a independência das testemunhas. Se as testemunhas que apresentam uma leitura em comum vêm de uma única área, digamos Egito, então a independência delas tem que ser duvidada. Parece bastante irrazoável supor que uma leitura original sobreviveria em apenas um local limitado. Se a história da transmissão do texto foi normal em geral, como creio que foi, então devemos de concluir que uma leitura encontrada apenas em uma área limitada não pode ser a original. Se-gue-se que testemunhas dando suporte a uma tal leitura são desqualificadas, tanto quanto aquelas dando suporte a erros óbvios—elas não são independentes, naquele

⁴²⁵Bur-gon, *The Traditional Text*, pag. 50-51. Quem quer que tenha sido ensinado que Bur-gon se-guiu “meros números” perceberá que há mais na história do que lhe foi contado.

ponto. Elas são desqualificadas como testemunhas independentes, mas o testemunho combinado delas ainda conta como um voto: o ancestral que elas têm em comum ainda é uma testemunha independente.

Como Burgon menciona, é variedade que empresta validade a número, porque variedade implica independência. Por outro lado, falta de variedade implica dependência, razão pela qual uma leitura que tem falta de variedade de atestação tem pouco direito à nossa confiança. É um testemunho eloqüente dos efeitos soporíficos da teoria de W-H (com sua “genealogia”) que a erudição acadêmica subsequente tem grandemente ignorado o fator de variedade em atestação. Tem havido um murmúrio de inquietação ocasional,⁴²⁶ mas nada que se aproxime de um reconhecimento da verdadeira posição que “Variedade” deveria ter na prática da crítica textual do Novo Testamento. Burgon declarou o óbvio quando disse:

Falando em geral, o testemunho consensual de dois, quatro, seis, ou mais testemunhas, nos chegando de regiões largamente separadas, é de longe mais pesado que o mesmo número de testemunhas procedentes de uma e a mesma localidade, entre as quais provavelmente existe algum tipo de empatia, e possivelmente algum grau de conluio.⁴²⁷

Intimamente associado a variedade é o fator de continuidade.

Continuidade, ou Tradição Ininterrupta

Uma leitura, para ser candidata séria a ser a original, deve ser atestada através das eras de transmissão, do princípio ao fim. Se a história da transmissão do texto foi de algum modo normal, esperaríamos que a redação original “deixasse rastros da sua existência e do seu uso através das eras.”⁴²⁸ Se uma leitura ou tradição morreu no quarto ou quinto século, temos o veredicto da História contra ela. Se uma leitura não tem nenhuma atestação antes do século XII, seguramente é uma invenção recente.⁴²⁹

Onde há variedade, quase sempre há continuidade também, mas elas não são considerações idênticas. Continuidade também nos ajuda a avaliar a independência das testemunhas. Leituras que existem na forma de pequenos remansos à margem do fluxo do rio “Bizantino”, naqueles instantes condenam como dependentes as suas [testemunhas] sustentadoras. Leituras que gozam tanto de variedade como de continuidade de atestação, defendem a independência das suas [testemunhas] sustentadoras. A não ser que haja alguma demonstração objetiva em contrário (tal como Hort alegou para “genealogia”) não é justo rejeitar a independência de tais testemunhas. Elas têm direito a voto. A conclusão crítica é esta: A maioria dos MSS existentes emerge como testemunhas independentes, em suas gerações, e eles têm que ser *contados* até um tempo tal

⁴²⁶Compare Streeter, pag. 148; Tasker, “Introduction to the Manuscripts of the New Testament,” *Harvard Theological Review*, XLI (1948), 76; Metzger, *The Text*, pag. 171; Clark, “The Manuscripts of the Greek New Testament,” pag. 3.

⁴²⁷Burgon, *The Traditional Text*, pag. 52.

⁴²⁸*Ibid.*, pag. 59.

⁴²⁹Parece-me ser francamente impossível que uma leitura original pudesse ter desaparecido totalmente do conhecimento da Igreja por acima de um milênio e então pipocar magicamente no século XII. Refiro-me a uma testemunha isolada: centenas de MSS medievais necessariamente refletem um texto antigo.

onde colações completas permitam um agrupamento empírico, como F. Wisse fez em Lucas 1, 10, e 20.⁴³⁰

Hort, seguido por Zuntz e outros,⁴³¹ rejeitou esta consideração [de continuidade] taxativamente. Mas o leitor tem agora alguma condição para julgar por si mesmo. Uma vez que não houve nenhuma revisão autoritativa do texto em 300 DC (ou em qualquer outra ocasião), e uma vez que a evidência indica uma história de transmissão razoavelmente normal, como pode a validade de “continuidade” como uma “marca da verdade” ser racionalmente negada? Ao meu ver, os fatores de número, variedade e continuidade formam a espinha dorsal de uma sã metodologia de crítica textual. Eles formam uma trança de três cordas, não facilmente rompível. Mas há várias outras considerações que são úteis, por vezes e da sua maneira.

Respeitabilidade das Testemunhas, ou Peso

Enquanto as quatro “marcas” prévias se concentraram nas leituras, a atual se centra nas testemunhas. Enquanto as “marcas” de número, variedade e continuidade nos ajudaram a avaliar a independência das testemunhas, esta se ocupa da credibilidade de uma testemunha, julgada por seu próprio comportamento.

Quanto ao Peso associado a Cópias separadas, ele tem que ser determinado principalmente pela observação das evidências delas. Se as Cópias são continuamente achadas em erro, os seus caracteres devem ser vis. Elas são governadas, neste respeito, pelas regras que funcionam na vida [de forma geral].⁴³²

A evidência acima oferecida na discussão dos mais antigos MSS e sobre o pesar versus o contar terá que ser suficiente para ilustrar tanto a importância como a aplicabilidade desta “marca” [a respeitabilidade das testemunhas]. Podemos mostrar de forma objetiva e estatística que os MSS mais antigos são habitualmente errados, e portanto testemunhas de caráter muito baixo. Seus quocientes de respeitabilidade pairam próximos de zero. A grande idade deles torna o seu comportamento mais repreensível. (Penso na repreensão do jovem Rei Henrique a Falstaff.)⁴³³ Mais precisamente, não consigo ver como alguém pode ler com atenção *Codex B and its Allies*, de Hoskier, e ainda reter respeito por B e Aleph como testemunhas do texto do Novo Testamento—de ambos MSS pode ser dito: “pesado foste na balança, e foste achado em falta”.

Visto que os textos críticos e ecléticos da atualidade são baseados precisamente em B e Aleph e nos outros manuscritos mais antigos, todos eles guias cegos, fica claro que os estudiosos modernos têm severamente ignorado a consideração de respeitabilidade, como um critério objetivo. Contudo, eu afirmo que esta “marca da verdade” tem de ser levada a sério: o resultado será a completa derrota do tipo de texto presentemente em voga.

⁴³⁰F. Wisse, *The Profile Method for Classifying and Evaluating Manuscript Evidence* (Grand Rapids: Eerdmans, 1982).

⁴³¹Westcott e Hort, pag. 275; Zuntz, *The Text*, pag. 84.

⁴³²Burgon, *The Traditional Text*, pag. 58.

⁴³³“Quão mal cabelos brancos assentam na cabeça de um tolo e gaiato!” (Shakespeare’s *King Henry IV*, part 2, Act V, Scene V, em torno da linha 50).

Evidência da Passagem Inteira, ou Contexto

O “contexto” aqui referido não é aquele que é usualmente entendido pela palavra, mas se relaciona com o comportamento de uma dada testemunha na vizinhança imediata do problema sendo considerado. É uma aplicação limitada e específica da “marca” anterior.

Com respeito à exata forma de linguagem empregada, em cada caso será também uma salutar precaução contra erro: inspecionar com severo rigor crítico o inteiro contexto da passagem em disputa. Se em certos Códices aquele contexto vier a ser provado estar confessadamente em um estado muito adulterado, então se torna realmente auto-evidente que aqueles Códices só podem ser admitidos como testemunhas com considerável suspeita e reserva.⁴³⁴

Uma excelente ilustração da necessidade deste critério é fornecida pelo Códice D, nos três últimos capítulos de Lucas—a cena das famosas “não-interpolações Ocidentais” de Hort. Depois de discutir dezesseis casos de omissão (onde W-H omitiram material presente no TR) nestes capítulos, Burgon continua:

A **única** autoridade para exatamente metade [sendo explícito: Lucas 22:19-20; 24:3, 6, 9, 12, 36, 40, 52] dos locais acima enumerados é **um único códice em grego**—e este é o mais depravado de todos—a saber, o [códice] D, de Beza. Ademais, deve ser dito que os únicos aliados que se pode descobrir para D são umas poucas cópias da velha [versão em] Latim. ... Quando tiramos Códice D da prateleira, somos lembrados que dentro do espaço dos três capítulos do Evangelho de São Lucas que estão agora sob consideração há em total de não menos que 354 palavras omitidas: **das quais 250 são omitidas somente por D**. Alguém poderia explicar-nos por que, destas 354 palavras, somente 25 são escolhidas pelos Drs. Westcott e Hort para permanente erradicação do Texto Sagrado? Dentro dos mesmos 3 capítulos, não menos que 173 palavras têm sido **adicionadas** por D ao Texto geralmente Recebido—146 palavras têm sido **substituídas**—243 têm sido **transpostas**. Seria permissível perguntar porque destas [173+146+243=] **562** palavras, nem uma sequer foi promovida pelos Revisionistas para aparecer sequer na margem do seu texto?⁴³⁵

Estamos aqui enfocando Westcott e Hort. De acordo com o **próprio julgamento deles**, códice D tem omitido [354-25=] 329 palavras do texto genuíno dos últimos três capítulos de Lucas, além de ter adicionado 173, substituído 146 e transposto 243 palavras. Pela própria admissão deles, o texto de D está aqui em um estado fantásticamente caótico; todavia, em oito locais eles omitiram material do texto baseados na **autoridade de D**, sozinho! Com o escriba numa orgia sem freio de omissões, para não dizer nada das suas outras iniquidades, como pode qualquer valor ser dado ao testemunho de D nestes capítulos, muito menos preferi-lo acima da voz unida de cada uma das outras testemunhas?!?!

Esta Marca da Verdade tem por seu fundamento a bem conhecida lei que erros têm a tendência de se repetirem a si mesmos na mesma ou de outras formas. O desleixo, ou a atmosfera viciada, que leva um copista a distorcer uma palavra, seguramente o levará a erro em outra palavra. A falta de dedicação que sugeriu uma má correção muito provavelmente não parou ali. E os erros cometidos por

⁴³⁴Burgon, *The Traditional Text*, pag. 62.

⁴³⁵Burgon, *The Revision Revised*, pag. 77-78.

uma testemunha pouco antes ou pouco depois do testemunho que está sendo peneirado não podem senão ser tidos como intimamente relevantes à investigação.⁴³⁶

À parte da razoabilidade patente da assertiva de Burgon, os estudos de Colwell nos P⁴⁵, P⁶⁶ e P⁷⁵, têm demonstrado que a assertiva é verdadeira. Já temos visto como Colwell foi capaz de dar uma clara e diferente caracterização a cada um dos três copistas, com base no padrão dos seus erros.⁴³⁷ Aqui, novamente, esta “marca da verdade” parece ser completamente ignorada pelos estudiosos atuais. Por que? Não é óbvia sua validade?

Evidências Internas, ou Razoabilidade

Esta “marca” não tem nada a ver com a “evidência interna” da qual tanto temos ouvido. Ela é aplicável apenas raramente por ter a ver com leituras que são gramatical, lógica, geográfica, ou cientificamente impossíveis. Burgon considerou que:

- ◇ pantwn, a leitura de B,D em Lucas 19:37, é uma impossibilidade gramatical;
- ◇ kardiaij, a leitura de Ɱ,A,B,C,D, etc. em 2 Cor. 3:3, é uma impossibilidade lógica;
- ◇ ekaton exhkonta, a leitura de Ɱ,K,N,Q,P em Lc. 24:13, é uma impossibilidade geográfica;
- ◇ eklipontoj, a leitura de P⁷⁵, Ɱ,(B)C,L em Lc. 23:45,⁴³⁸ é uma impossibilidade científica (a Páscoa sempre coincide com uma lua cheia, e uma lua cheia nunca pode eclipsar o sol);
- ◇ autou, a leitura de Ɱ,B,D,L em Mc. 6:22, é uma impossibilidade histórica (ela contradiz ambos Mateus e Josephus)⁴³⁹

Eu gostaria de oferecer *oj* [aquele], a leitura de Aleph e três cursivos em 1 Tim. 3:16, como um excelente exemplo de impossibilidade gramatical—ele é um pronome relativo nominativo sem nenhum antecedente no contexto; encaro a alegação de que veio de um hino primitivo como sendo sem nenhum fundamento, um esforço desesperado para salvar uma leitura obviamente má. Na seção seguinte haverá exemplos adicionais.

Embora Burgon aparentemente limitasse o uso desta “marca” a leituras que ele considerava ser virtualmente impossíveis, eu a irei expandir na direção do que é normalmente entendido por “razoabilidade”, a saber as exigências do contexto, as quais considero ser uma importante consideração. Uma variante que esteja em discordância com o contexto é suspeita.

Exemplos e Implicações

A primeira edição deste livro [em Inglês] foi criticada porque não continha nenhum exemplo mostrando como estes princípios [as 7 “marcas” acima] se aplicam a casos específicos. A primeira revisão incluiu os apêndices D e E, que aliviaram um pouco a crítica. Nesse meio tempo, meu pensamento sobre este assunto tem amadurecido consideravelmente, em parte por causa de pesquisa significativa que se tornou disponível neste

⁴³⁶Burgon, *The Traditional Text*, pag. 65.

⁴³⁷Colwell, “Scribal Habits.”

⁴³⁸N.Trads.: Lc. 23:44, nas Bíblias em português.

⁴³⁹Burgon, *Ibid.*, pag. 66-67.

ínterim. Por isso agora proponho discutir alguns exemplos específicos—cada um deles oferece alguma dificuldade que tem implicações teóricas, e estas serão discutidas. Uma pergunta fundamental para a teoria do Texto Majoritário é esta: “*Existe um piso acima do qual uma leitura pode ser considerada segura; isto é, acima de dúvidas razoáveis?*” Pessoalmente, tendo a considerar 80% como tal piso; creio que outros se tranquilizariam com 70%. Mas que faremos se a atestação cair abaixo de 70% dos MSS, ou abaixo de 60%, ou de 50%? Creio que temos que concordar com Burgon que o fator de número não pode ser o único critério.

1) Exemplo – Lucas 3:33

De acordo com o “International Greek New Testament Project”, quanto a Lucas, cerca de 60% dos MSS gregos inserem tou lwram entre “Arão” e “Esrom”.⁴⁴⁰ Mas, de 27 unciais existentes, somente 9 incluem “Jorão”; [os outros] 18 não incluem e são sustentados pelas três Versões mais antigas. (“Jorão” foi provavelmente uma *adulteração* de “Arão” [pelo ancestral do MS 1542] que foi subseqüentemente *conflado* com ele; a confluência sobrevive em um amplo segmento da tradição “Bizantina”, a qual, aqui, está seriamente dividida.)

1) Implicações

“Jorão” tem uma clara atestação majoritária, mas ela é fraca. Porém, o manuscrito [existente] mais antigo que inclui “Jorão” é do século VIII; todos os MSS de data anterior não o trazem. Em termos das “Marcas da Verdade” de Burgon, “Jorão” ganha em “Número” mas perde em “Antigüidade”, “Variedade” e “Continuidade”. Creio que Burgon concordaria que “Jorão” deve ser visto como uma interpolação.

2) Exemplo – Atos 23:20

O *Institut für neutestamentliche Textforschung*, em Münster, Alemanha, tem publicado uma colação quase que completa dos MSS disponíveis, para selecionados conjuntos de variantes em Atos. Isto permite uma relação de evidências diferente da que se vê usualmente—este e os seguintes exemplos de Atos são baseados naquela fonte.⁴⁴¹ A evidência se apresenta desta forma:

| | |
|---|------------------|
| 1) <i>μελλοντες</i> --{TR}f ¹⁸ ,lat,syr,sa | 160MSS = 33.1% |
| 2) <i>μελλοντα</i> --{HF} | 130 " = 26.9% |
| 3) <i>μελλοντων</i> -- | (3)82 " = 17.6% |
| 4) <i>μελλων</i> --P ⁷⁴ AB,bo | 45 " = 9.3% |
| 5) <i>μελλον</i> --{NU}S | 36 " = 7.5% |
| 6) <i>μελλοντας</i> -- | (1)25 " = 5.4% |
| (um outro) -- | <u>1</u> " = .2% |
| | 483 |

⁴⁴⁰ *The New Testament in Greek: The Gospel According to St. Luke*, Vol. I, ed. The International Greek New Testament Project (Oxford: Clarendon Press, 1984), pag. 74.

⁴⁴¹ *Text und Textwert der Griechischen Handschriften des Neuen Testaments*, ed. Kurt Aland (Berlin: Walter de Gruyter, 1993).

Um quadro angustiante—que fazer? Para começar, as variantes são todas formas de participios do mesmo verbo [*mellw* = estar ao ponto de fazer]. A chave parece ser o que pudermos perceber como sendo o referenciado ou antecedente do participio: é ele “os judeus”, “o Sinédrio”, ou “o tribuno”? A melhor resposta, do ponto de vista gramatical, é evidentemente “os judeus”, o que exigiria uma forma plural, nominativa, masculina—o único candidato é a variante 1. No entanto, houve aqueles que tomaram o referenciado como sendo “o Sinédrio”—os MSS Alexandrinos têm *sunedrion* próximo ao participio, separados somente por *wj*. A gramática exige uma forma singular, acusativa, neutra—variante 5. Mas o Sinédrio era formado por homens, assim alguns talvez decidiram que seria mais apropriado optar por uma variante plural—variante 2; e talvez mesmo optar por uma forma masculina além de plural—variante 6. Variante 3, sendo um caso genitivo, é realmente estranha, a não ser que, de alguma forma, alguém pensou que o **tribuno** tenha intencionado inquirir o Sinédrio, visto como plural. Variante 4 presumivelmente toma “o tribuno” como o referenciado, mas põe a forma no nominativo mais ou menos *ad sensum*, já que se é acusativo. Mas variante 2 também pode dizer respeito ao tribuno, precisamente masculino, acusativo singular.

Quais são as exigências do contexto? “O tribuno” como o referenciado não se adequa [ao con-texto]: Não apenas não foi sua idéia [mandar trazer Paulo ao Conselho para inquiri-lo, no dia seguinte], como também ele enviou Paulo embora naquela mesma noite, para impedir a possibilidade. (Que os judeus devam ter tentado dizer ao tribuno o que estava na mente **dele** é difícil de acreditar.) “O Sinédrio” como referenciado também não se ajusta: *to sunedrion* aparece no texto como o objeto de uma preposição, não como um agente ativo-iniciador. É “os judeus” que é o sujeito do verbo principal, e portanto dos dois infinitivos, e nosso participio está trabalhando com o segundo infinitivo, “como uns tencionando inquirir.”

Conclusão: a variante 1 é a única que realmente se adequa ao contexto; é também a melhor atestada. Embora somente ajunte 33.1% dos votos (incluindo **f**¹⁸), é também atestada pelas três Versões antigas—sempre um testemunho de peso.

2) Implicações

Embora o Texto Majoritário seja usualmente atestado por mais de 95% dos MSS, vez por outra temos uma surpresa desagradável onde de modo algum há uma leitura majoritária. Este exemplo é tão seriamente dividido quanto qualquer outro que eu tenha visto. Mesmo assim, nossas “marcas da verdade” nos permitem alcançar uma conclusão convincente. “Número” nos falha, mas não “Antigüidade”, “Variedade”, nem “Continuidade”. Embora variantes 4 e 5 sejam antigas, variante 1 também é, e esta ganha em “Variedade” e “Continuidade”; ganha também em “Razoabilidade”. Assim estou tranquilamente satisfeito que *mellontej* é a leitura original.

3) Exemplo – Atos 21:8

A evidência se apresenta desta forma:

| | | |
|--------------------------------------|--|-------------------|
| 1) <i>οι περι τον παυλον ηλθον</i> | --{TR,HF} | (1)218MSS = 46.3% |
| 2) -- -- -- -- <i>ηλθομεν</i> | --{NU}P ⁷⁴ (B)Cf ¹⁸ ,syr,cop | (4)180 " = 38.9% |
| 3) <i>οι περι τον παυλον ηλθομεν</i> | -- | (1)62 " = 13.3% |

| | | |
|---|-------------------|--------|
| 4) <i>οι αποστολοι απο τυρου ηλθον</i> -- | [3](1)1 " | = 1.1% |
| (uma outra leitura) -- | $\frac{2}{473}$ " | = .4% |

A variante 3 parece ser uma confluência não muito feliz. A variante 2 [“nós chegamos”] é a que melhor se adequa ao contexto—desde o começo do capítulo, e antes, os principais participantes têm sido apresentados na 1ª pessoa plural. O verbo finito mais próximo, em cada lado da variante em foco, é *emeinamen*, 1ª pessoa plural. A informação na variante 1 é desnecessária mas não objeccionável: se a variante 1 fosse original não haveria necessidade de mudá-la. Naturalmente, se a variante 2 fosse original, também não haveria necessidade de mudá-la, a não ser que alguns sentiram que era tempo de lembrar o leitor a quem “nós” estava se referindo. Mais provavelmente a variante 1 existe por influência dos lecionários, uma vez que eles têm precisamente esta variante. Já que os MSS estão bem divididos, a concordância de todas as três versões mais antigas torna a variante 2 a melhor atestada. (Novamente, *f*¹⁸ concorda com uma tradição antiga.)

3) Implicações

Mais uma vez, não temos uma leitura majoritária, embora a divisão não seja tão má quanto no exemplo antecedente. “Antigüidade” e “Variedade” estão claramente com a variante 2, e assim “Continuidade” também está mais com 2 do que com 1, presumivelmente. Eu concluo que variante 2 tem o melhor direito de ser impresso no texto.

4) Exemplo – Atos 13:42

A evidência se apresenta desta forma:

| | | |
|---|---|-------------------------|
| 1) <i>δε εκ της συναγωγης των ιουδαιων</i> | --{TR,HF} <i>f</i> ¹⁸ | 1285MSS = 60.2% |
| 2) <i>δε αυτων</i> | --{NU}P ⁷⁴ ΣABCD,lat,syr,cop | (1)77 " = 16.4% |
| 3) <i>δε αυτων εκ της συναγωγης των ιουδαιων</i> -- | | [13]98 " = 23.3% |
| (uma outra leitura) -- | -- | $\frac{1}{477}$ " = .2% |

Creio que este conjunto de variantes deve ser considerado juntamente com a presença de *ta eqnh* depois de *parekaloun*, mas o grupo de Aland não incluiu o segundo conjunto. No entanto, de UBS³ parece que o mesmo rol de testemunhas [da variante 2 do exemplo antecedente], incluindo as três versões antigas (!), traz a variante 2 e omite “os gentios”. Onde está, então, o sujeito do verbo principal *parekaloun*? Presumivelmente, segundo aquelas testemunhas, seriam os judeus e prosélitos que tinham acabado de ouvir Paulo e queriam ouvir tudo de novo no próximo sábado. Então, por que são eles (judeus e prosélitos) abertamente mencionados novamente, no verso 43? E em que base iria “toda a cidade” aparecer na próxima semana (v. 44)? Mas, voltando ao verso 42, a troca de quem iriam os primeiros ouvintes desejar ouvir a mesma coisa (*ta rhmata tauta*) novamente? Os realmente interessados se aderiram a Paulo e Barnabé para aprender mais (v. 43), exatamente como esperaríamos.

As testemunhas das variantes 1 e 3 juntam-se em suporte de “os gentios”, nos dando uma maioria forte (acima de 80%). Assim, o sujeito de *parekaloun* é *ta eqnh*—**eles** desejam uma chance de também ouvir o evangelho, e toda a cidade se ajunta. Isto se adequa perfeitamente ao contexto. Deste modo, a variante 3 parece ser uma confluência e a leitura básica é a variante 1. [Se a variante 3 fosse vista como original, a variante 2 poderia ser o resultado de homoioteleuton, mas não a variante 1.] As testemunhas da variante 3, porque têm “os gentios”, estão realmente do lado da variante 1, não 2, daí, presumivelmente, 1 pode ser vista como tendo 80% de atestação. Quanto às testemunhas da variante 1, o antecedente ou referente de *exiontwn* tem que ser o grupo de Paulo, uma vez que os gentios com toda probabilidade dirigiram seu pedido ao mestre.

Na variante 2 *autwn* presumivelmente serve como sujeito de ambos o particípio e o verbo principal, mas naquele caso o verbo principal deveria tomar precedência e o pronome deveria ser nominativo, não genitivo. Explique como alguém queira explicar a motivação para uma tal mudança—de 1 para 2 e eliminando “os gentios”—a variante 2 é evidentemente errada, mesmo sendo atestada pelas três versões primitivas (o que me perturba). Talvez alguém, defrontado pela variante 1, tomou “dos judeus” como sendo o referenciado pelo particípio ao invés de modificar “sinagoga” (como na NKJV), e pensou que também deveria ser o sujeito do verbo principal—então, naturalmente, “os gentios” não cabia mais e foi eliminado. Então 1 poder ter sido abreviada para 2, por “clareza”.

4) Implicações

Desta vez temos uma leitura majoritária, embora não tão forte quanto poderíamos desejar. “Antigüidade” e “Variedade” estão com a variante 2, embora *f*¹⁸ também confira “Antigüidade” à variante 1 também e portanto 1 ganha em “Continuidade”. Mas “Contexto” (o desempenho dos MSS no contexto próximo) entra em cena desta vez—ele claramente favorece variante 1, como o faz “Razoabilidade”—ela nos habilita a dizer que a atestação de 3 realmente vai para 1 e não 2, assim 1 termina com mais de 80% de atestação. Em suma: a variante 1 tem “Número”, “Continuidade”, “Contexto”, “Razoabilidade” e “Antigüidade”; a variante 2 tem “Antigüidade” e “Variedade”. Concluo que o texto original tinha: *exiontwn de ek thj sunagwghj twn ioudaiwn parekaloun ta eqnh*, etc.

5) Exemplo – Atos 24:6^b-8^a

A evidência se apresenta desta forma:

1) (sem a longa adição) --{HF,NU}P⁷⁴ \ AB^f¹⁸,lat^{pt}, cop 280MSS = 58.1%

2)-31): *kai kata ton hmeteron nomon hqelhsamen krinai parelqwn de lusiaj o ciliarcoj meta pollhj biaj ek twn ceirwn hmwn aphygagen keleusaj touj kathgorouj autou ercesqai epi se*. Os cinco principais [grupos de] variações se centram nas três palavras sublinhadas, e são:

- | | |
|--|-------------------------------|
| 2) <i>κριναι . . . επι σε</i> --lat ^{pt} ,syr | (6)42MSS = 10% [7 variantes] |
| 9) <i>κριναι . . . επι σου</i> -- | (15)26 " = 8.5% [8 variantes] |
| 17) <i>κριναι . . . προς σε</i> -- | (22)8 " = 6.2% [9 variantes] |
| 26) <i>κρινειν . . . επι σου</i> -- | (2)18 " = 4.1% [3 variantes] |

29) κρινειν . . . επι σε --{TR} (5)4 " = 1.9% [3 variantes]

32) substitui απηγαγεν por cinco palavras, mais duas outras mudanças:

κριναι . . . επι σου-- (6)15 " = 4.4% [6 variantes]

38) completamente remaneja o material:

κριναι . . . προς σε-- (2)11 " = 2.7% [3 variantes]

(doze variantes adicionais)-- 20 " = 4.1%

482

A variante 2 presumivelmente tem o melhor direito de ser a forma padrão da adição: *krinai* bate *krinein*(*epi* bate *proj*(*se* bate *sou*. Ela também é atestada por syr e lat^{pt}. No entanto, embora alguma forma da adição domine 41.9% dos MSS, existem nada menos que 51 variantes!

Que tal o contexto? A adição faz bom senso, e se ajusta agradavelmente. Mas não é realmente necessária; aquela informação, Felix já a sabia. O texto também flui muito bem sem a adição. Eu deduzo que a forma curta foi julgada como sendo abrupta ou incompleta, dando origem à adição; presumivelmente o Autógrafo não a continha. Sendo que Tertuliano foi um orador, ele talvez tenha dito o que está na adição, de fato, além de outro tanto, mas será que Lucas realmente a escreveu?

5) Implicações

A evidência externa, embora dividida, é adequada para resolver este caso: 58.1% contra um 41.9 severamente fragmentado. As versões antigas, estando divididas, não ajudam muito desta vez. Embora 58% não seja de modo algum uma maioria forte, mesmo assim a severa fragmentação dos 42% de algum modo deixa a variante 1 sem um oponente idôneo. A variante 1 ganha em “Antigüidade”, “Número”, “Variedade”, e “Continuidade”; portanto não tenho dúvidas de que ela é o original. (A leitura do TR, variante 29, realmente tem pouco que a recomende.)

6) Exemplo – Atos 15:34

A evidência se apresenta desta forma:

| | |
|--|---------------------|
| 1) --- -- -- --- --- --- --{HF,NU}P ⁷⁴ \sABf ¹⁸ ,sy ^p ,bo | 339MSS = 70.5% |
| 2) εδοξεν δε τω Σιλα επιμειναι αυτου --{TR}{it ^{pt} }sy ^{h?} ,sa | [2](12)83 " = 20.2% |
| 3) “ “ “ “ “ αυτοθι-- | (3)33 " = 7.5% |
| 4) “ “ “ “ “ αυτους--C(D,lat ^{pt}) | (4)2 " = 1.2% |
| (três outras leituras) -- | <u>3</u> " = .6% |
| | 481 |

UBS e H-F concordam que a variante 1 é correta, e na verdade o verso 33 parece exigir que Silas tenha retornado a Jerusalém: “eles foram enviados de volta ... aos apóstolos”, onde “eles” se refere a Judas e Silas. O “problema” é que, no verso 40, Paulo escolhe Silas para acompanhá-lo, então este tinha de estar em Antioquia, não em Jerusalém. Conseqüentemente, a leitura mais longa foi criada para resolver o “problema”. Os “alguns dias” do verso 36 podem bem ter sido um ou dois meses. De Antioquia para Je-

rusalém seria uma viagem de alguns 650 km. Silas teve tempo de ir a Jerusalém e voltar a Antioquia.

6) Implicações

“Razoabilidade” se faz sentir aqui: a variante 2 introduz uma contradição, a qual, infelizmente, o TR perpetua. Variante 1 também ganha em “Número” e “Continuidade”. “Antigüidade” e “Variedade” estão divididas. Conseqüentemente, com uma maioria de 70.5%, a variante 1 é a melhor candidata para ser a leitura original.

7) Exemplo – Atos 12:25

Este é o último exemplo tirado de Atos, e um que considero ser especialmente difícil (tendo o potencial de ser danoso). A evidência se apresenta desta forma (arbitrariamente negligenciei margens e corretores, exceto para os unciais mais antigos):

| | | |
|---|--|------------------|
| 1) <i>εις Ιερουσαλημ</i> | --{HF,NU}NB(f ¹⁸ =30mss) | 281MSS = 59.7% |
| 2) <i>απο Ιερουσαλημ</i> | --D(f ¹⁸ =6mss)lat(sy ^h) | 51 " = 10.8% |
| 3) <i>εξ Ιερουσαλημ</i> | --{TR}P ⁷⁴ A bo (sy ^h) | 16 " = 3.4% |
| 4) <i>εξ Ιερουσαλημ εις Αντιοχειαν</i> | --(f ¹⁸ =5mss) sa (sy ^p) | 57 " = 12.1% |
| 5) <i>απο Ιερουσαλημ εις Αντιοχειαν</i> | --(f ¹⁸ =10mss) it ^{Pt} (sy ^p) | 36 " = 7.6% |
| 6) <i>εις Αντιοχειαν</i> | --(f ¹⁸ =21mss) | 24 " = 5.1% |
| 7) <i>εις Ιερουσαλημ εις Αντιοχειαν</i> | -- | 3 " = .6% |
| (três outras leituras) | -- | <u>3</u> " = .6% |
| | | 471 |

Há na verdade uma leitura majoritária, embora fraca, mas dentro do contexto ela dificilmente pode estar correta.⁴⁴² Considere:

a) Atos 11:30, o *kai epoihsan aposteilantej* (“o que eles também fizeram, tendo enviado ..., por B. e S.”) Um participio aoristo é anterior em tempo ao seu verbo principal, neste caso também aoristo—o propósito deles é declarado como realizado. O autor claramente implica que a oferta chegou, ou tinha chegado, na Judéia/Jerusalém.⁴⁴³ Note que o verso seguinte (12:1) nos coloca em Jerusalém.

b) Atos 12:25 (12:1-24 não é relacionado, exceto que vv. 1-19 tomam lugar em Jerusalém), *Barnabaj kai Sauloj*—a ação inclui **ambos** [Barnabé e Paulo].

c) Atos 12:25, *upestreyan*)))*plhwsantej thn diakonian*, “eles retornaram ... tendo cumprido a missão”. Novamente, tanto o participio como o verbo principal são aoristos, e ambos estão no plural. “Tendo cumprido a missão” define o verbo principal. Desde que a missão foi para Judéia, o que necessariamente inclui Jerusalém como sua capital, o “retornaram” tem de ser ao local onde a missão teve sua origem.

⁴⁴²Notar que estudiosos com pressuposições tão diversas quanto um Alford, um Burgon, um Hort ou um Metzger têm chegado à mesma conclusão.

⁴⁴³Em Atos o autor parece quase usar “Jerusalém” e “Judéia” equivalentemente, talvez para evitar repetição. E.g. 11:1 Judéia, 11:2 Jerusalém (os apóstolos não estavam em Jerusalém ou seus arredores imediatos?); 11:27 Jerusalém, 11:29 Judéia, 11:30 os anciãos (os principais presbíteros não estariam em Jerusalém?); 12:1-19 tomou lugar em Jerusalém, mas v. 19 diz que Herodes desceu da Judéia para Cesaréia; 15:1 Judéia, 15:2 Jerusalém; 28:21 cartas da “Judéia” provavelmente significa Jerusalém.

d) Atos 12:25, *sumparalabontej kai lwannhn*, “havendo tomado João também, juntamente com eles”. Novamente, tanto o particípio quanto o verbo principal são aoristos. Compare Atos 13:13, onde João retorna *ej Jerosaluma*.

Barnabé poderia ser visto como retornando para Jerusalém, tendo completado sua missão a Antioquia, mas isto não pode ser dito de Saulo. Não há nenhuma base para supor que Marcos estivesse em Antioquia (compare Atos 12:12), para poder retornar a Jerusalém com Barnabé e Saulo. Eu concluo que “para Jerusalém” dificilmente pode estar correto aqui, embora seja atestado por 60% dos MSS. Observamos que os outros 40% dos MSS, mais as três versões antigas, concordam que o sentido foi deixando Jerusalém para traz, não indo em sua direção. **No entanto**, eles estão divididos em cinco variantes principais, mais quatro outras isoladas, portanto como escolheremos a redação original? Suponho que me um caso como este temos realmente que apelar para o cânone básico da crítica textual: “*prefira a variante que melhor explique a origem das outras.*”

Havemos de começar com pressuposições. Aqueles que pressupõem, que o texto original não foi inspirado, não foi inerrante, presumivelmente escolherão a variante 1.⁴⁴⁴ Ela é a leitura “mais difícil”, conflitando com o contexto; muitos copistas notaram o problema e tentaram uma ação remediadora, produzindo as variantes 2, 3 e 6. As variantes 4 e 5 pareceriam ser confluções e, assim, desenvolvimentos subsequentes. A variante 7 é uma conflução óbvia. Não obstante, é curioso que embora “para Jerusalém” seja evidentemente antiga, nenhuma das primeiras versões a segue.

Eu estou entre aqueles que pressupõem que o texto original foi verdadeiramente inspirado e portanto inerrante; segue-se que eu estou predisposto contra variante 1, estando ela evidentemente em erro.⁴⁴⁵ Que fazer, então? Se 4 e 5 são confluções, então 2, 3 e 6 são anteriores. Variantes 2 e 3 pareceriam ser tentativas independentes de “consertar” a variante 1.⁴⁴⁶ Forçado a escolher entre 1 e 6, minhas pressuposições me guiam à variante 6; mas como poderia 6 ter dado origem a 1?

Bem, um leitor superficial poderia ter focalizado em Barnabé e assumido que ele estava retornando a Jerusalém, tendo completado seu ministério em Antioquia. Sendo que 12:25 é a primeira menção de Barnabé (e Saulo) depois de 11:30, e como 11:30 não diz abertamente que eles “foram”, “retornaram”, ou qualquer outra coisa, um leitor superficial poderia facilmente decidir que ele tinha de ter Barnabé de volta a Jerusalém. Se o original de 12:25 lesse “a Antioquia” isto seria percebido como um problema, uma vez que, para o leitor superficial, eles ainda estariam lá, nunca havendo saído. Esta “correção” evidentemente aconteceu bastante cedo, e possivelmente mais que uma vez, independentemente—se um número de copistas separados entendessem mal o texto, na

⁴⁴⁴Favor notar que eu não estou dizendo que eles são os únicos que poderiam fazer uma tal escolha, nem mesmo que eles necessariamente o farão.

⁴⁴⁵Favor notar, novamente, que estou falando somente de mim mesmo. Estou estabelecendo o ponto essencial que pressuposições sempre têm que ser levadas em conta, uma vez que influenciam pesadamente a interpretação dos dados. Isto é verdadeiro para todos os praticantes, em qualquer disciplina.

⁴⁴⁶*Upostrefw ek* não tem precedentes (no N.T.), *upostrefw apo* ocorre 4 vezes, *upostrefw ej* ocorre 17 vezes. A leitura do TR é altamente improvável, falando-se estatisticamente. Se tivéssemos de escolher entre *apo* e *ek* *apo* ganharia em todas as contas.

maneira sugerida, e se sentiram constrangidos a “consertá-lo”, presumivelmente a maioria deles meramente mudaria “Antioquia” para “Jerusalém.”

Embora 25.4% dos MSS, mais *sy*^p e *sa*, leiam *eij Antioceian*, apenas 5.1% o fazem sem confluência. No entanto, a variante 3 tem somente 3.4% [de atestação] sozinha e 15/5% com a confluência. A variante 2, sozinha, tem 10.8%, e com a confluência tem 18.4%. Assim, a variante 6 bate 3 tanto sozinha como também com confluências; a variante 6 perde para a 2 sozinha, mas com confluências, ganha. Eu submeto [à apreciação dos leitores minha opinião] que a variante 6 melhor explica a origem de todas as outras e, dadas as complexidades deste caso, tem o melhor direito a ter nossa confiança. Eu concluo que o Autografo de Atos 12:25 leu *eij Antioceian*, que presumivelmente é precisamente o que aconteceu (eles retornaram a Antioquia); isto também encaixa suavemente com 13:1—comparando Atos 1:1 com Lc. 1:3 podemos concluir razoavelmente que Atos também foi planejado para ser um relato ordenado.

Parece-me que só há, aqui, um modo de “salvar” a variante majoritária: colocar uma vírgula entre *upestreyan* e *eij*, assim fazendo “a Jerusalém” modificar “o ministério”. Mas tal construção é não natural ao ponto de ser inaceitável—tivesse aquele sido o propósito do autor, deveríamos esperar *thn eij lerousalhm diakonian* ou *thn diakonian eij lerousalhm*. Nas outras dezesseis vezes em que Lucas usa *upostrefw eij*, encontramos o significado normal, esperado: “retornar a”. Como um lingüista (PhD) eu diria que as normas da linguagem exigem que usemos o mesmo significado em Atos 12:25. O que, à minha mente, deixa *eij Antioceian* como o único candidato viável para a leitura Original, neste local.

7) Implicações

O quadro inteiro da evidência é perturbador. É evidente que todas as variantes foram criadas deliberadamente; os copistas estavam reagindo ao significado de toda a frase dentro do contexto (nesta situação não adiantará considerar o nome de cada cidade isoladamente; a preposição acompanhante também tem que ser levada em conta). As variantes 2 a 6 são todas elas votos contra 1, mas temos que escolher uma delas para se erguer contra 1—a escolha clara é 6. “Para Jerusalém” tem “Número”, “Antigüidade”, e “Continuidade”. “Para Antioquia” tem “Antigüidade”, “Variedade”, “Continuidade” e “**Razoabilidade**”. Como Burgon diria, este é um daqueles locais onde “Razoabilidade” simplesmente não pode ser ignorada, mas ela não está sozinha. “Para Antioquia” também ganha em “Variedade” enquanto “para Jerusalém” ganha somente em “Número” (não fortemente; “Antigüidade” e “Continuidade” são compartilhadas). Em consequência, as “marcas da verdade” confirmam nossa conclusão que *eij Antioceian* é a leitura original neste local.

Terá sido observado que eu incluí **f**¹⁸ na declaração de evidências (em Atos). **f**¹⁸ em Atos corresponde a **M**^c em Apocalipse, como foi usado no Texto Majoritário H-F (**M**^c = família Complutense de Hoskier, cerca de 33 mss). Estou convicto que **M**^c representa a melhor (mas não necessariamente perfeita) linha de transmissão em Apocalipse, e assim estou especialmente interessado no desempenho de **f**¹⁸ em Atos (e nas epístolas de Paulo). Em Atos **f**¹⁸ representa um núcleo de 70-75 MSS que estão usualmente em concordância. Mas não em Atos 12:25—eles se dividem em cinco direções. A variante 1 tem a maior parte, 30 mss, seguida pela variante 6, 21 mss. Todos aqueles com

“Antioquia” são 36 mss; todos aqueles sem “Antioquia”, também 36 mss [mas seis deles são contra a variante 1]. Evidentemente f^{18} não é monolítica; eu gostaria de vê-la receber um estudo detalhado.

8) Exemplo – Lucas 6:1

Devemos ler *sabbatw deuteroprwtw* (variante 1) ou *sabbatw* (variante 2)? A variante 1 é atestada por A,C,D,K,Q(P(Y(uns 1,800 outros MSS gregos, por lat, sy^h ,goth,arm,geo, e por vários dos antigos Pais. A variante 2 é atestada por P^4 , \aleph ,B,L,W, por uns 12 outros MSS gregos, e por it^{dt}, sy^p ,^{pal},cop,eth,Diat. A atestação da variante 2 é certamente antiga e variada, mas ela dificilmente tem mais que 1% dos votos! As passagens paralelas em Mt. 12:1 e Mc. 2:23 ambas têm “os sábados” (plural). Embora *deuteroprwtw* [segundo-primeiro] sem dúvida fizesse excelente senso no primeiro século, temos desde então perdido a informação cultural relevante. Assim, a variante 1 é definitivamente a leitura “mais difícil” e a palavra ofensiva poderia facilmente ter sido retirada, aqui e ali, especialmente em locais como Egito e Etiópia, onde as minúcias da cultura judaica provavelmente seriam desconhecidas. O fato que tanto Mateus como Marcos utilizam o plural sugere que Lucas simplesmente foi mais específico. Temos aqui uma ilustração eloqüente da fidelidade que caracterizou a vasta maioria dos copistas através dos séculos de traslado manual. Embora, presumivelmente, não entendessem a palavra *deuteroprwtw*, nem por isso eles deixaram de reproduzi-la letra por letra, em suas cópias. Devemos a eles um débito de gratidão.

8) Implicações

A variante 2 tem “Antigüidade” e “Variedade”. A variante 1 também tem “Antigüidade” e “Variedade”, mais “Continuidade” e “Número” (esmagadoramente). “Razoabilidade” não pode ser alegada contra a variante 1, neste caso, porque a dificuldade surge da nossa ignorância, não do contexto nem de fatos demonstráveis da história, ciência ou seja o que for. A “marca” de “Respeitabilidade” atua neste caso: os MSS citados para a variante 2 são todos de qualidade demonstravelmente inferior. Não temos a mais leve dúvida que a variante 1 é a leitura original.

Discutirei agora as implicações de “número esmagador.” No começo desta seção [Exemplos e Implicações] fiz referência a um “pisso” de atestação, e sugeri 80%. Onde uma leitura domina 80% (para não mencionar 90% ou 95%) da atestação, ela evidentemente dominou o rio da transmissão, ou árvore genealógica, e as chances de um erro assim fazer são minúsculas. (Naturalmente, um erro poderia ter conseguido isso, aqui e acolá, mas cada vez que nós “descontamos aquele [mau] cheque” isto aumenta as chances contra qualquer uso subsequente daquele expediente—uma dúzia de maus cheques é suficiente para fechar a conta.) Eu pessoalmente não concederia sequer a possibilidade teórica que um erro poderia dominar tanto quanto 95% da atestação, e provavelmente nem mesmo 90%. (Meus “maus cheques” hipotéticos ficariam portanto entre 80% e 90%. Favor de notar o termo **hipotético**: ainda não encontrei um exemplo real.) Assim, “Jeremias” em Mat 27:9 tem que ser original, uma vez que é atestado por mais que 98% dos MSS gregos. Em 1 João 5:7-8, 99% dos MSS gregos não trazem as “três testemunhas celestiais”. Marcos 16:9-20 é atestado por não menos que 99,8% dos MSS existentes!

Mas por que por o piso em 80% ao invés de 70%, ou mesmo 60%? Bem, a escolha é arbitrária. Qualquer coisa com mais de 2/3 de atestação é muito provável de ser correta, mas há uma significativa diferença entre 70% e 80%—uma racha 70/30 dá uma proporção 2.33:1, mas uma racha 80/20 dá uma proporção 4:1, quase duas vezes mais forte (90% dá uma proporção 9:1 enquanto 95% dá uma proporção 19:1 e 98% dá uma proporção 49:1!) Os acidentes da história poderiam facilmente resultar em uma transmissão desigual tal que uma leitura sem méritos poderia aparecer com 60% de atestação, ou mesmo mais. Tenho visto diversas leituras com até 75% de suporte que eu suspeito irão ser provadas estar em erro. Onde a atestação é seriamente dividida (ou estilhaçada) temos que verdadeiramente “pesar” as testemunhas, não apenas contá-las. Com base em colações completas, temos que estabelecer famílias ou agrupamentos de MSS, e determinar a “média de acertos” ou quociente de credibilidade de cada uma—especial atenção deve ser dada aos grupos que obtêm as mais elevadas notas.

9) Exemplo – Apocalipse 4:8

A contabilidade das evidências está baseada em Hoskier e no Texto Majoritário de H-F.⁴⁴⁷ A questão é se “santo” ocorre três vezes (variante 1) ou nove vezes (variante 2). A variante 1 é atestada por A,P,**M**^{d,e,g,h}, a maioria dos “independentes” e 38% de **M**^a, fazendo um total de 108 MSS. A variante 2 é atestado por (⋈),**M**^{c,b,f,a}, fazendo um total de 95 MSS. **M**^a e **M**^b usualmente concordam e derivam de um exemplar em comum, eu creio. **M**^d e **M**^e usualmente concordam e derivam de um exemplar em comum. **M**^{d,e} e **M**^{a,b} usualmente discordam, enquanto **M**^c ora se alinha com um, ora com outro, aproximadamente meio a meio. Isto significa que temos três linhas independentes de transmissão, e elas são mais antigas que Aleph, uma vez que Aleph as conflata (em outros locais). O grupo liderado por **M**^a é algumas vezes chamado “Q” e inclui **M**^f e **M**^g. **M**^h e os “independentes” são difíceis de avaliar.

Que **M**^{a,b,f} estão em concordância presumivelmente indica que o exemplar **M**^{a,b} leu variante 2. Neste caso, aqueles MSS “Q” que têm a variante 1 têm se desviado do seu exemplar, quer por mistura ou por simplificação independente (se privássemos a variante 1 daqueles 23 MSS, a atestação numérica mudaria de forma significativa). Seguramente é mais provável que a variante 2 seja mudada para variante 1 do que vice-versa. Aliás, experimente ler alto “santo” 9 vezes em seguida—começa a ficar desconfortável! Uma vez que, no contexto, os quatro seres vivos [ou “animais”] estão se repetindo interminavelmente, os nove “santos” são tanto apropriados quanto eficazes (cada pessoa da Trindade recebe três). Eu deduzo que **M**^c e **M**^{a,b} preservam o original, enquanto **M**^{d,e} se desviou.

9) Implicações

Por causa das três linhas independentes de transmissão (pelo menos), e por cause dos alinhamentos instáveis entre elas e seus sub-grupos, Apocalipse é o único livro onde encontramos muitos jogos de variantes sem nenhuma leitura majoritária—cerca de 150, e mais 250 onde a maioria é menos que 60%. Aqueles que argumentam

⁴⁴⁷Hoskier, *Concerning the Text of the Apocalypse*; Hodges e Farstad, *The Greek New Testament according to the Majority Text*.

que a teoria do Texto Majoritário faz sua melhor defesa em Apocalipse estão redondamente enganados; ocorre precisamente o contrário. As colações de Hoskier nos permitem agrupar os MSS empiricamente, de modo que, na avaliação de variantes, precisamos lidar com os grupos, não apenas contar MSS individuais. As “marcas” de Burgon são freqüentemente difíceis de aplicar em casos tais como os 400 [= 150+250] mencionados; a maioria das marcas se dividem, não dando nenhum veredicto claro. Com base no seu desempenho através do livro, eu diria que **M^c** tem a melhor “média de acertos”, mas se há basicamente três linhas independentes de transmissão, então duas contra uma deverão vencer. Aqui temos **M^c** e **M^{a,b}** (em favor da variante 2) contra **M^{d,e}** (em favor da variante 1)—se os três “santos” fossem a leitura original, como jamais poderiam os nove “santos” chegar a capturar duas das [três] correntes independentes?

Conclusão

E agora? Como identificarmos a exata redação original? Primeiro devemos juntar as evidências disponíveis—isto incluirá os MSS gregos (incluindo os lecionários), os Pais e as Versões. Depois devemos avaliar as evidências para determinar qual forma de texto goza da mais antiga, mais plena, mais ampla, mais respeitável, mais variada atestação.⁴⁴⁸ Deve ser enfatizado que a força das “marcas da verdade” reside na sua cooperação. Elas têm que ser consideradas e tomadas todas juntas, porque o mesmo fato da existência de variantes em competição [umas com as outras] significa que pelo menos algumas das notas não podem ser plenamente satisfeitas. Mas ao aplicarmos todas elas, seremos capazes de formar um julgamento inteligente quanto à independência e credibilidade das diversas testemunhas.

Na verdade, o trabalho de Hoskier e Wisse⁴⁴⁹ nos mostra que é possível agrupar os MSS empiricamente, com base em um mosaico compartilhado de leituras. Uma vez que isto seja feito, estaremos lidando com grupos independentes, não com MSS individuais. Deste modo, o estudo de Wisse sobre Lucas reduziu 1386 MSS a 37 grupos (mais 89 MSS, cada um “independente de todos”).⁴⁵⁰ Estes [grupos] têm que ser avaliados quanto à independência e credibilidade. As testemunhas independentes e merecedoras de confiança têm então que ter seus votos contados. Eu proponho que o processo devido exige de nós que recebamos como original aquela forma de texto que é atestado por uma maioria clara daquelas testemunhas; rejeitar seu testemunho em favor da nossa própria imaginação a respeito do que a leitura deveria ser é manifestamente indefensável.

Estou seguro que se Burgon estivesse vivo hoje concordaria que as descobertas e pesquisa dos últimos cem anos tornam possível, e mesmo necessário, alguns reto-

⁴⁴⁸ Compare Burgon, *The Revision Revised*, pag. 339.

⁴⁴⁹ As colações publicadas na série *Text und Textwert*, editada por K. Aland, representam uma contribuição importante com referência aos jogos de variantes tratados.

⁴⁵⁰ Favor notar que estou aqui interessado no **princípio** envolvido. Naturalmente estudiosos diferentes podem argumentar em favor de alinhamentos diferentes, atribuir MSS individuais a grupos diferentes, etc., mas nada disto altera o princípio que os MSS podem ser agrupados, empiricamente.

ques na sua teoria. Prossigo para esboçar o que considero ser a abordagem correta para a crítica textual do N.T. Aventuro-me a chamá-la *Teoria do Texto Original*.⁴⁵¹

- 1) Primeiro: a TTO está interessada em identificar a exata redação original dos escritos do N.T.
- 2) Segundo: os critérios devem ser bíblicos, objetivos e sensatos.
- 3) Terceiro: uma atestação de 90% será considerada inatacável, e 80% virtualmente inatacável.
- 4) Quarto: as “marcas da verdade” de Burgon entrarão em ação, especialmente onde a atestação caia abaixo de 80%.
- 5) Quinto: onde existem colações, fazendo possível um agrupamento empírico dos MSS na base de mosaicos compartilhados de leituras, este [agrupamento] deve ser feito. Tais grupos têm de ser avaliados com base nos seus desempenhos, e terem atribuídos um quociente de credibilidade. Uma história presumível da transmissão do Texto precisa ser desenvolvida, com base nos inter-relacionamentos de tais grupos. **Agrupamentos e relacionamentos que tenham sido demonstrados substituem a contagem de MSS.**⁴⁵²
- 6) Sexto: a TTO pressupõe que o Criador existe e que Ele tem falado para nossa raça. Ela aceita o implícito propósito divino de preservar Sua revelação para o uso das gerações subsequentes, incluindo a nossa. Ela entende que tanto Deus como Satanás têm um interesse ativo e contínuo no destino do Texto do N.T.—abordar a crítica textual do N.T. sem devidamente tomar em conta estes interesses é agir de forma irresponsável.
- 7) Sétimo: a TTO insiste em que pressuposições e motivações sempre devem ser tratados e avaliados.

⁴⁵¹ Já pensei em ressuscitar o termo “tradicional”, mas desde que Burgon e Miller não estão aqui para protestar, eu hesito; ademais, aquele termo não mais é descritivo. Termos tais como “antioquino” ou “bizantino” carregam um peso inapropriado de antipatia, ou têm sido já escolhido por outros. Assim, aqui decidimos por **Teoria do Texto Original**. Uma vez que eu realmente creio que Deus tem preservado a redação original para nossos dias, e que podemos saber qual é ela, com base em um procedimento defensável, eu não temo a acusação de arrogância, ou presunção, ou seja o que for, por eu usar o termo “original”. Toda crítica textual merecedora de assim ser chamada está em busca da redação original.

⁴⁵² Favor notar que não estou me referindo a qualquer tentativa de reconstruir uma genealogia de MSS—concordo com aqueles estudiosos que têm declarado tal tarefa ser virtualmente impossível (existem demasiados elos faltando). Estou me referindo, de fato, à reconstrução de uma genealogia de **leituras**, e portanto da história da transmissão do Texto.

8

CONCLUSÃO

Como o leitor pode agora ver, as palavras do prefácio da RSV, que citei no meu capítulo 1, são altamente enganadoras. O potencial real que existe para melhorar a King James Version, e o *Textus Receptus*, não tem sido alcançado.⁴⁵³ A perturbadora compreensão nos alcança de que o "progresso" dos últimos cem anos tem sido precisamente na direção errada—nossas versões modernas e textos críticos estão algumas vezes mais distanciados do original do que estão a AV e o TR!⁴⁵⁴ Como pode tal calamidade ter caído sobre nós?!⁴⁵⁵

Mas esta não é a história completa do nosso infortúnio. Tal tem sido o efeito soporífico da teoria de W-H, que a evidência disponível não tem sido avaliada, não tem sido assimilada. Nas palavras de Aland:

... o principal problema da crítica textual do N.T. repousa no fato que pouco mais que a existência física é conhecida a respeito da maioria dos manuscritos até aqui identificados, e por isso constantemente temos problemas com muitas incógnitas para resolver. Procedemos como se os poucos manuscritos que têm sido completa ou quase completamente estudados contivessem todos os problemas em questão ...⁴⁵⁶

Ademais, muito do trabalho que tem sido feito é bastante imperfeito. Assim, no seu relatório sobre o andamento de *The International Greek New Testament Project*, prestado à *Society of Biblical Literature*, em 29 de dezembro de 1967, Colwell declarou:

A preparação de um aparato textual exaustivo tem exigido atenção a edições prévias do NT grego, a saber, Tischendorf, Tregelles, von Soden e Legg. Estudo cuidadoso mostrou que a evidência textual nestas edições não pode ser usada no aparato IGNT, desde que eles falham em citar testemunhas completa, consistente, e em alguns casos, acuradamente.⁴⁵⁷

Isto não apenas significa que não podemos presentemente especificar a exata redação do texto original, mas que será necessário considerável tempo e esforço antes

⁴⁵³A NKJV é uma melhoria sobre a AV, mas o é principalmente em termos de modernizar a linguagem—a NKJV se baseia sobre o mesmíssimo texto grego da AV. *The Greek New Testament according to the Majority Text* é certamente uma melhoria sobre o TR, na minha visão—eu diria que ele representa pelo menos 99.8% da redação original, enquanto o TR representa cerca de 98% (comparado com 92% para UBS⁴/N-A²⁷). No entanto, ainda não está disponível nenhuma tradução do Texto Majoritário para o inglês (e nem o português). Uma está sendo preparada e o Evangelho de João está agora em uso (*Living Water, the Gospel of John--Logos 21 Version*; editada por Arthur L. Farstad e publicada por *Absolutely Free Incorporated*, Glide, OR).

⁴⁵⁴Quando toda a evidência for computada, creio que será constatado que o *Textus Receptus* difere do Original em algo mais que 1500 locais, a maioria das diferenças sendo muito insignificantes, enquanto que os textos críticos (UBS/N-A) diferirão em mais que 6500 locais, muitas das diferenças sendo graves.

⁴⁵⁵Eu tenho uma resposta, mas ela terá que aparecer em outro lugar. Para entender o que tem acontecido tem-se que reconhecer o mundo espiritual—na minha observação, a grande maioria dos estudiosos do NT não levam em consideração este âmbito da realidade.

⁴⁵⁶Aland, "The Significance of the Papyri," pag. 330-31.

⁴⁵⁷E.C. Colwell, *et. al.*, "The International Greek New Testament Project: a Status Report," *Journal of Biblical Literature*, LXXXVII (1968), 192, nota 13.

que possamos estar em posição de fazê-lo. E quanto mais demorarmos a mobilizar e coordenar nossos esforços, mais distante estará aquela posição.⁴⁵⁸

No entanto, o quadro não é tão escuro quanto poderia ser. O *Institut für neutestamentliche Textforschung*, em Münster, Alemanha, tem uma coleção de microfílm de aproximadamente 5000 dos MSS gregos existentes (cerca de 90% deles) e estudiosos ligados ao *Institut* estão colacionado uma seleção deles. Estudiosos ligados a *The International Greek New Testament Project* também estão fazendo alguma colação.

Mas é a disponibilidade de computadores e programas sofisticados que me parece ser a chave [para o problema]. É agora possível colacionar os MSS de Münster (ou, melhor ainda, ler os MSS com um scanner e deixar o computador fazer a colação, verificada [depois] pelo olho humano) e escrever um programa de computador tal que possamos determinar qualquer coisa que quisermos saber sobre as inter-relações dos MSS (com base em mosaicos compartilhados de leituras). Deste modo deverá ser possível identificar e rastrear a pura corrente de transmissão do texto e declarar com confiança, com base em critérios objetivos, qual é a exata redação do texto original. Isto exigirá pessoas competentes e dedicadas, bem como dinheiro—bastante de ambos—mas não valerá a pena? Possa Deus instilar nos seus servos um peso para empreenderem tão gloriosa obra!

Em termos de proximidade do original, a King James Version e o Textus Receptus foram os melhores disponíveis até 1979 e 1982 [em inglês]. Em 1979 Thomas Nelson Publishers lançou o Novo Testamento da NKJV, e em 1982 uma edição crítica do Texto Tradicional (Majoritário, "Bizantino")—nele temos um excelente Texto grego interino para usarmos até que a história completa e final possa ser contada.⁴⁵⁹ Embora possamos desejar esperar pelo texto definitivo antes de procedermos a uma revisão autoritativa das AV e NKJV, um meticoloso trabalho baseado no Texto interino seria uma melhoria tanto sobre a AV como sobre todas as versões modernas.

Em conclusão, gostaria de tomar emprestadas as palavras encontradas ao final de uma das obras de Burgon:

E assim aventuro-me a tomar a posição, agora que a questão foi levantada, que tanto os doutos quanto os bem informados virão gradualmente a ver que nenhum outro curso com respeito às Palavras do Novo Testamento é tão fortemente justificado pela evidência, nenhum é tão próprio à mente sã e aberta, nenhum é tão razoável em cada aspecto, nenhum é tão compatível à fé inteligente, nenhum é tão produtor de direção e conforto e esperança, quanto defender contra todos os assaltos de adulteração

460

O TEXTO TRADICIONAL.

⁴⁵⁸O atual estado do nosso conhecimento (ou ignorância) é tal que nos restam cerca de 400 locais onde não estamos seguros sobre qual de duas leituras em competição deve ser seguida. Contudo, na maioria desses casos a diferença no sentido é pouca.

⁴⁵⁹Nashville: Thomas Nelson Publishers, 1982. Ele foi editado por Zane C. Hodges, Arthur L. Farstad e outros. Em 1991 a Original Word Publishers (Roswell, GA) publicou *The New Testament in the Original Greek according to the Byzantine/Majority Textform*, editado por Maurice A. Robinson e William G. Pierpont. Eu diria que este texto é provavelmente mais próximo do original do que o Texto Majoritário de H-F (99.9% comparado com 99.8%), mas não é fácil de utilizar.

⁴⁶⁰Burgon, *The Causes of the Corruption*, pag. 286. Embora eu tenha usado as expressões "Texto Bizantino" e "Texto Majoritário" ao longo do livro, como uma ajuda ao entendimento, eu prefiro "Texto Tradicional". (Neste livro as três expressões são usadas como sinônimas.) O termo "Bizantino" não é apenas pejo-

rativo (para muitos), ele também favorece a noção [errônea] de que o Texto Tradicional foi confinado àque-la área—embora eu creia que de fato ele lá [região Egéia] se originou, eu diria que o texto "Bizantino" estava plenamente instalado na região Egéia até 150 DC, no mais tardar. O termo "Majoritário" encoraja a impressão equivocada de que a defesa do Texto Tradicional é predicada somente em termos de "número" e de "contar." Por "Tradicional" eu quero dizer que em cada era, desde a apostólica até o século XIX, a forma-de-texto em questão (apenas o texto grego) foi aquela que a Igreja em geral reconheceu, usou, e transmitiu.

Apêndice A

INSPIRAÇÃO E PRESERVAÇÃO

“Nas discussões precedentes, tenho deliberadamente evitado introduzir quaisquer argumentos baseados nestas doutrinas, na esperança que não serei interpretado distorcidamente pelos críticos, do modo como Burgon tem sido.”⁴⁶¹ Escrevi isto na primeira edição deste livro (Nelson, 1977). Não adiantou muito. Seguramente, qualquer pessoa com integridade pelo menos mediana tem que concordar que no corpo deste livro tenho argumentado com base na evidência histórica e nas conclusões lógicas dela decorrentes. Mesmo assim, há aqueles que perversamente persistem em afirmar que minha argumentação fundamenta-se em pressuposições teológicas.⁴⁶² O tratamento que Bart Ehrman dá ao assunto é típico:

Não se pode ler a literatura produzida pelos vários defensores do texto Majoritário sem ficar impressionado por uma notável concordância teológica. Em maior ou menor grau, todos eles (ao meu conhecimento, sem exceção) afirmam que o fato de Deus ter inspirado uma Bíblia inerrante exigiu [ênfase adicionada] que Ele preservasse seu texto.⁴⁶³

Ele então discute três “apropriações” desta posição. A primeira é aquela de E.F. Hills (e D.O. Fuller, e outros), que argumentou que Deus “tinha” que preservar o N.T. inerrantemente.⁴⁶⁴ Concordo com a crítica de Ehrman à posição de Hill, embora tal crítica não tenha sido a primeira.⁴⁶⁵ A posição de Hill se contradiz e é arbitrária, e não condiz com as evidências. Dada a inspiração do Texto,⁴⁶⁶ a sua preservação é meramente uma inferência lógica (ver Apêndice F para uma discussão filosófica das implicações). Abro mão da afirmação que Deus tinha que preservar o Texto, a não ser que possa ser demonstrado que Ele mesmo tenha dito que o faria. Penso que é implícito,⁴⁶⁷ mas

⁴⁶¹ *The Identity of the New Testament Text* (Nashville: Thomas Nelson, 1977), pag. 143. Metzger é típico: “O argumento de Burgon foi basicamente teológico e especulativo.” (*The Text*, pag. 135.) Ver também Greenlee, pag. 81; Harrison, pag. 73; Vaganay, pag. 172; Sturz, pag. 24; Paul McReynolds, *Journal of Biblical Literature*, XCIII (1974), 481; etc.

⁴⁶² Por exemplo, Fee e Wallace. Gordon D. Fee, “A Critique of W.N. Pickering’s *The Identity of the New Testament Text: a Review Article*,” *Westminster Theological Journal* 41 (1979), pag. 397-98. [Uma versão condensada deste artigo apareceu na edição de *The Bible Translator*, January, 1980 (Vol. 31, No. 1). Eu submeti uma resposta à TBT, mas eles recusaram publicá-la. Tenho cópia de uma carta de Fee para Paul Ellingworth, o editor, sugerindo-lhe que não publicasse minha resposta.] Daniel B. Wallace, “The Majority Text and the Original Text: Are They Identical?” *Bibliotheca Sacra*, April-June 1991, pag. 152-155. [Eu preparei uma resposta e a levei pessoalmente a Roy Zuck, o editor. Mostrei-lhe que Wallace tinha deliberadamente apresentado minha posição distorcidamente—ele concordou, mas recusou-se a publicar minha resposta.]

⁴⁶³ Estou citando de uma cópia que me foi enviada pessoalmente pelo autor, Bart D. Ehrman: “*New Testament Textual Criticism: Search for Method*,” tese de M.Div, Princeton Theological Seminary, 1981, pag. 40.

⁴⁶⁴ *Ibid.*, pag. 40-44.

⁴⁶⁵ Ver Harry Sturz e D.A. Carson.

⁴⁶⁶ Eu declaro que a divina inspiração do NT é uma pressuposição que trago à minha tarefa. A evidência e argumentos em defesa desta posição são bem conhecidos e têm sido adequadamente enunciados por outros, antes e depois de B.B. Warfield.

⁴⁶⁷ Eu entendo que passagens tais como 1Cro. 16:15, Sal. 119:89, Isa. 40:8, Mat. 5:18, Luc. 16:17 e 21:33, João 10:35 e 16:12-13, 1 Ped. 1:23-25 e Luc. 4:4 podem razoavelmente ser tomadas como implicando uma promessa que as Escrituras (até os tís) serão preservadas para o uso do homem (devemos viver “por cada palavra de Deus”), e até o fim do mundo (“para mil gerações”), mas nenhuma implicação é dada a respeito de como, exatamente, Deus propôs fazê-lo.

em local algum é dito como Ele planejou fazê-lo—temos que deduzir a resposta a partir daquilo que Ele de fato fez. Descobrimos que Ele realmente o preservou, quer ou não tivesse que fazê-lo.

Ehrman limita o conceito de preservação de um modo que beira à criação de um “opponente-de-palha”.⁴⁶⁸

Qualquer afirmação de que Deus preservou o texto do Novo Testamento intato, dele dando à Sua igreja posse real, não teórica, tem [ênfase adicionada] que significar uma de três coisas— ou 1) Deus preservou o texto em todos os manuscritos existentes de modo tal que nenhum deles contem qualquer adulteração textual, ou 2) Ele o preservou em um grupo de manuscritos, nenhum dos quais contem qualquer adulteração, ou 3) Ele o preservou em um único manuscrito que, somente ele, não contem qualquer adulteração.⁴⁶⁹

Aí ele procede para demonstrar, corretamente, que nenhuma das três opções é verdadeira. Mas há uma quarta opção—Deus preservou o texto através de um processo normal de transmissão, efetivada por pessoas cuidadosas, de modo que podemos identificar a redação original com base no consenso de testemunhas independentes e confiáveis (determinadas empiricamente). Embora seja verdade presumível que cada MS conhecido tenha pelo menos alguns erros por descuido ao copiar, estes [erros] podem ser prontamente isolados porque os outros MSS concordam quanto à leitura correta.

A segunda posição que Ehrman discute é aquela de J.W. Burgon. Ele começa por permitir que Burgon fale por si próprio:

Não há nenhuma razão para supor que o Agente Divino, que no início assim deu as Escrituras da Verdade à humanidade; imediatamente abdicasse do Seu ofício; não tomasse nenhum cuidado a mais do Seu trabalho; abandonasse estes preciosos escritos ao “acaso”. Que um perpétuo milagre foi operado na preservação delas—que copistas foram protegidos contra o risco de erro, ou homens maus impedidos de vergonhosamente adulterarem cópias do Depósito—ninguém, podemos presumir, é tão fraco ao ponto de supor. Mas é uma coisa bastante diferente afirmar que, através de todas as eras, os escritos sagrados têm necessariamente que ter sido o objeto do peculiar cuidado de Deus; que sob Ele a Igreja os tem protegido com inteligência e habilidade; tem reconhecido quais cópias exibiam um texto fabricado, quais exibiam um texto honestamente transcrito; geralmente sancionou um e geralmente desaprovou o outro.⁴⁷⁰

Depois de identificar a posição de Burgon como sendo de “providência geral”, Ehrman afirma: “O principal problema com a posição de Burgon é que ela é totalmente arbitrária. Se alguém afirma o envolvimento de Deus no processo de transmissão, de qualquer que seja o modo, seria qualquer coisa senão presunçoso dizer que Ele foi geralmente mas não completamente envolvido?”⁴⁷¹ De modo algum. Tanto a Bíblia como a História da humanidade concordam que o ser humano foi criado com o poder ou habilidade de escolher, e tanto Deus como os homens têm que viver com as conseqüências das suas escolhas. A posição de Burgon é Bíblica e histórica.

⁴⁶⁸N.Trads: a idéia de “creation of a straw man” é a do truque de um debatedor dizer distorcidamente o que o outro pensa, para então fragorosamente atacá-lo e derrubá-lo. Assemelha-se a um guerreiro agindo como muito valente ao atacar e destruir um boneco de palha que construiu só para derrotar e ganhar fama e coragem.

⁴⁶⁹Ehrman, p.44.

⁴⁷⁰Burgon, *The Traditional Text*, pag. 11-12.

⁴⁷¹Ehrman, pag. 47.

Ehrman prossegue citando B.B. Warfield e conclui:

O fato que ambos Warfield e Burgon afirmaram uma doutrina de preservação geral, e ainda assim mantiveram posições diametralmente opostas sobre como o texto foi preservado, sugere que a doutrina é inapropriadamente usada em apoio de qualquer visão particular da história da transmissão do texto. Ao contrário disto, tais afirmações somente podem ser feitas após a avaliação da evidência a partir do progresso da história da transmissão. A evidência tem que levar à doutrina, não vice-versa—caso contrário, a doutrina simplesmente será citada para sustentar um certo conjunto de conclusões históricas.⁴⁷²

Muito bem! Eu concordo; e Burgon também concordaria—ele declarou suas conclusões depois de muitos anos de escrutinar a evidência (em contraste com Warfield). A crítica que Ehrman faz a Burgon é incorreta e injusta, talvez por causa das suas próprias pressuposições.

A terceira posição que Ehrman discute é aquela de Z.C. Hodges. Acho o tratamento de Ehrman a Hodges especialmente reprovável. Ele critica Hodges, e outros, por declararem suas pressuposições, e afirma: “Como resultado, as conclusões são inquestionavelmente pré-inclinadas.” O que é reprovável aqui é que Ehrman deixa de reconhecer que é impossível trabalhar sem pressuposições. Cada profissional estudioso de qualquer área de conhecimento inescapavelmente traz pressuposições para seu trabalho. Ehrman critica Hodges por declarar suas pressuposições enquanto deixa de enunciar as suas próprias. A natureza da sua crítica implica, desonestamente, que ele próprio não tem nenhuma pressuposição, mas obviamente Ehrman é exatamente tão pré-inclinado quanto Hodges. Ehrman é injusto e incorreto quando faz a acusação que as pressuposições de Hodges o fazem incapaz de realmente considerar argumentos sensatos daqueles que têm outras posições. Ora, uma vez que todo mundo têm pressuposições, mas mesmo assim as pessoas frequentemente mudam suas opiniões e até mesmo suas pressuposições, torna-se óbvio que a acusação de Ehrman é falsa.⁴⁷³

Desde Burgon, que anunciou suas pressuposições honesta e abertamente (como todo verdadeiro erudito tem que fazer), tem havido um ataque constante e insistente contra aquelas pressuposições, e mesmo contra a sua enunciação. Uma psicose tem sido criada, ao ponto em que até mesmo alguns defensores modernos do texto majoritário têm se tornado paranóicos quanto ao assunto. No entanto, em Lucas 11:23, o Criador, Jeová o Filho encarnado, declara: “*Quem não é comigo é contra mim; e quem comigo não ajunta, espalha.*” Aqui está uma declaração clara e direta—há apenas dois times neste mundo; há apenas dois lados; não há nenhum território neutro; não há nenhum verdadeiro agnosticismo. Se você não está com Jesus, você está automaticamente contra Ele; se você não está ajuntando com Ele, você está automaticamente espalhando. Se você não aceita as afirmações de Jesus a respeito das Escrituras, você as tem rejeitado. Neutralidade não existe.

Havemos de questionar a competência daqueles que fingem não ter nenhuma pressuposição, que recusam ou, de qualquer modo, deixam de declarar abertamente suas pressuposições. Se aquelas mesmas pessoas nos criticam por declarar as nossas, temos de questionar a honestidade básica delas. Uma tal tática, covarde e não de ver-

⁴⁷² *Ibid.*, pag. 48.

⁴⁷³ *Ibid.*, pag. 49-51.

dadeiros estudiosos, não deve mais ser tolerada. Eles nos acusam de usar argumentação “ad hominum”,⁴⁷⁴ mas tal acusação não passa de um disfarce para o abominável procedimento “ad hominum” deles próprios. Eles nos desafiam a publicar, mas recusam nossos artigos. Basta!

Creio na inspiração verbal e plenária dos Autógrafos. Creio que Deus tem providencialmente preservado a redação original do texto até nossos dias, e que nos é possível saber exatamente qual é ela com base num procedimento defensível (embora, no momento, não o saibamos [totalmente], devido ao nosso desleixo e indolência). Minhas crenças tornam-se pressuposições que trago ao meu estudo da evidência—qualquer pessoa pensante compreenderá que é impossível trabalhar sem pressuposições—mas um esforço sério deve ser feito para deixar que a evidência conte sua própria história. Não é lícito alguém declarar *a priori* o que a situação tem que ser, com base nas suas pressuposições. Elas inescapavelmente contam na sua interpretação, de modo que diferentes conjuntos de pressuposições usualmente resultam em diferentes conclusões, mas o corpo de evidência deve ser o mesmo para todos. Ao final, a razoabilidade das próprias pressuposições deve ser medida pela evidência.

Pois então, e a minha crença que Deus tem preservado o texto do N.T., como ela casa com a evidência? Eu vejo no Texto Tradicional (“Bizantino”) tanto o resultado como a prova daquela preservação. Por favor, notar que eu não estou impondo minhas pressuposições sobre a evidência—o Texto Tradicional realmente existe e, tanto quanto posso ver, representa a transmissão normal do texto original.

Ainda nos resta a necessidade de cuidadosamente avaliar a evidência que nos tem chegado às mãos, para que possamos identificar com confiança a exata redação original. Mesmo quando aquilo for feito, será necessário admitirmos candidamente que não podemos *provar*, em qualquer sentido absoluto, que temos as palavras originais; não temos os Autógrafos. No final, minha afirmação de que Deus tem preservado a redação original do texto do Novo Testamento é uma assertiva de fé; uma fé inteligente, uma fé que concorda com a evidência disponível, mas, no final das contas, fé. Pode ser que o propósito de Deus ao criar a raça humana fez necessário não permitir que a verdade fosse inescapável; se a evidência fosse absoluta não haveria nenhum teste.

“Ora, sem fé é impossível agradar a Deus, porque é necessário que aquele que se aproxima de Deus creia que ele existe, e que é galardoador dos que o buscam diligentemente” (Heb. 11:6).

⁴⁷⁴N.Trads: Uma argumentação é “ad hominum” quando é voltada contra a pessoa ou visa ferir as emoções do oponente, ao invés de efetivamente responder às suas contenções.

Apêndice B

7Q5

A identificação do fragmento de papiro 5 da caverna 7 de Qumran com Marcos 6:52-53 pelo estudioso jesuíta José O'Callaghan, em princípios de 1972, produziu uma comoção de reações.⁴⁷⁵ As implicações de uma tal identificação são tais que supor ter sido inevitável que a maioria das reações fosse partidária. Mas a falta de objetividade e comedimento da parte de alguns estudiosos só pode ser vista como falta de educação, na melhor das hipóteses.

O'Callaghan é um papirólogo experiente, um estudioso cuidadoso, e merece ser ouvido com respeito.

Ao meu ver, a falta de comedimento e objetividade na resposta de M. Baillet beira o repreensível.⁴⁷⁶ Infelizmente o artigo de Baillet tem sido citado amplamente e parece ter influenciado muitas pessoas, inclusive K. Aland.⁴⁷⁷ Tendo eu mesmo trabalhado um pouco com papiros do período Ptolomaico (terceiro século AC), gostaria de comentar sobre a resposta de Baillet à transcrição de 7Q5 por O'Callaghan. O fragmento contém cinco linhas de texto e vou discuti-las pela ordem.

Linha 1: Tudo que resta é um vestígio da extremidade inferior de uma letra—que é mesmo a inferior pode ser visto medindo-se a distância média entre as outras linhas. O'Callaghan reconstrói um *epsilon* e põe um ponto sob ele, para mostrar que o que resta da tinta em si não é suficiente para permitir uma identificação segura da letra. Isto está rigorosamente de acordo com a norma universalmente seguida pelos papirólogos. Baillet chama isto de uma “hipótese gratuita” [isto é, sem fundamentos], embora ele próprio oferecesse *epsilon* como uma de quatro possibilidades, no *editio princeps*. De fato, o vestígio [de tinta] parece precisamente com a extremidade inferior ou de um *epsilon* ou de um *sigma*. É importante notar que a identificação do fragmento não é de modo algum baseada nesta letra; ela não desempenha um papel positivo. Ela poderia desempenhar um papel negativo se o vestígio não parecesse casar com a letra exigida pela reconstrução. Mas, longe de ser um embaraço à reconstrução de O'Callaghan, o vestígio de tinta concorda muito bem com ela. A crítica de Baillet é inteiramente improcedente.

Linha 2: Uma vez que há alguma tinta no papiro, O'Callaghan tem perfeita liberdade de reconstruir um *epsilon*, desde que ponha um ponto sob ele, como fez. Baillet aceita que isto é possível. Novamente, a identificação do fragmento não está baseada nesta letra; é apenas necessário que os vestígios da tinta não sejam contra a identificação.

Todos concordam que o *tau* e o *omega* são inequívocos. Depois do *omega* O'Callaghan reconstrói um *nu*. A esta iniciativa Baillet atribui os epítetos “absurda” e “im-

⁴⁷⁵J. O'Callaghan, "Papiros neotestamentarios en la cueva 7 de Qumran?" *Biblica*, LIII (1972), pag. 91-100. 7Q5 é datado ao redor do ano 50 DC.

⁴⁷⁶M. Baillet, "Les manuscrits de la Grotte 7 de Qumran et le N.T." *Biblica*, LIII (1972) pag. 508-516. Baillet foi um dos dois editores do *editio princeps*, o qual apresentou os fragmentos 7Q ao mundo erudito, em 1962.

⁴⁷⁷K. Aland, "Neue Neutestamentliche Papyri III," *New Testament Studies*, XX (July, 1974), pag. 358-76.

possível”, enquanto opina que um *iota* “parece seguro”. A retórica de Baillet é decepcionante e eu começo a duvidar da sua competência como um papirólogo. A letra mais claramente preservada em todo o fragmento é o *iota* na linha 3, e o traço vertical imediatamente seguindo o *omega* na linha 2 difere substancialmente do *iota*. Parece mais com o traço vertical esquerdo do *nu* ou do *eta*, [ambos] na linha 4. A extremidade horizontal do vestígio seguinte poderia facilmente ser a extremidade inferior do traço diagonal de um *nu* (mas não o traço horizontal de um *eta*). Em resumo, a reconstrução de um *nu* que O’Callaghan aqui fez, naturalmente que com um ponto sob ele, é perfeitamente razoável.

Quanto ao *eta* que completa a linha 2 na reconstrução de O’Callaghan, embora Baillet prefira um *alfa*, ele concede que *eta* é possível, e o *editio princeps* (do qual Baillet foi co-editor) sugere *eta* como uma possibilidade. O’Callaghan observa que para ele esta é a peça mais difícil do quebra-cabeça—sua resposta à discussão da linha 2 por Baillet é um modelo de comedimento e competência.⁴⁷⁸

Uma consideração adicional deve ser mantida em mente. É uma regra empírica entre os papirólogos que qualquer reconstrução proposta para um texto seja acompanhada de uma tradução (ou uma identificação com uma peça conhecida da literatura)—em outras palavras, a reconstrução tem que fazer sentido. Frequentemente há tantos detalhes individuais que são incertos, tomados isoladamente, que há pouca valia em oferecer uma reconstrução a não ser que uma tradução ou identificação razoável possa também ser oferecida—é o quadro total que tem força. O’Callaghan produziu uma identificação, mas Baillet não.

Linha 3: É geralmente concordado que a linha começa com um *eta* (com um ponto sob ele), seguido por um notável espaço e então pelas letras *KAIT*, que são bastante nítidas. Depois do *tau* O’Callaghan reconstrói um *iota*, o qual Baillet declara ser “impossível.” Eu não consigo ver como qualquer estudioso cuidadoso poderia usar o termo “impossível” tão livremente. A letra em questão é uma réplica bem aproximada do *iota* indubitável dois espaços à esquerda, tanto assim que poderia ser razoavelmente escrita sem um ponto sob ela. Mas O’Callaghan de fato põe este ponto e, portanto, fica acima de reprovação.

Linha 4: Há concordância geral sobre esta linha. Ela começa com metade de uma letra que é quase certamente um *nu*, seguido por claros *nu* e *eta*, seguidos por um *sigma* duvidoso. Esta é uma linha muito importante, por causa da seqüência inusitada de letras [*NNHC*].

Linha 5: Há assentimento geral que a primeira letra é um *theta* dúbio e a segunda um *eta* inequívoco. O’Callaghan chama a terceira letra de um *sigma* claro, enquanto Baillet prefere chamá-la um *epsilon*. Só com o olho nu eu a chamaria um *sigma* óbvio, mas O’Callaghan afirma que, vista com um microscópio, aquilo que parece ser uma curta barra atravessada é na realidade dois pontos; não se sabe como eles chegaram lá ou o que podem significar, mas evidentemente não devem ser usados para interpretar a letra como um *epsilon*.⁴⁷⁹

⁴⁷⁸O’Callaghan, “Notas sobre 7Q tomadas en el ‘Rochefeller Museum’ de Jerusalén” *Biblica*, LIII (1972), pag. 519-21.

⁴⁷⁹*Ibid.*, pag. 523.

A última letra é dada por O'Callaghan como um possível *alfa*; Baillet ergue-se a novas alturas: "Mais jamais de la vie un *alpha*, ..." ⁴⁸⁰ O papiro está demasiadamente dilacerado neste ponto para se dizer muito a partir de uma fotografia, mas após estudar o original com uma forte lupa, O'Callaghan afirma que a metade esquerda de um *alfa* é claramente visível, e convida Baillet para ver por si próprio. ⁴⁸¹

Em suma, não vejo nenhuma razão de tomar as críticas de Baillet seriamente—ao contrário, onde quer que ele diga "impossível" devemos entender "muito provavelmente." Parece-me que a reconstrução por O'Callaghan é eminentemente razoável, mas há vários problemas conectados com o identificar do fragmento com Marcos 6:52-53.

O fragmento nos oferece duas variações em relação à redação encontrada em todos nossos textos impressos. Na linha 3 o fragmento tem um indubitável *tau* onde o texto tem um *delta*. Mais sério, a identificação envolve a omissão das palavras *επι την γην* entre as linhas 3 e 4. Pode ser dito algo que contorne estes problemas? Sim. Aparentemente a diferença entre um oclusivo alveolar sonoro e um oclusivo alveolar mudo (*delta* e *tau*) não era óbvia a alguns usuários de grego. De qualquer modo, a substituição de uma [letra] pela outra não era infreqüente na literatura do grego antigo. O'Callaghan oferece vinte exemplos, tirados de quatro papiros, de exatamente a mesma mudança em questão. ⁴⁸² Aquilo que temos em 7Q5 poderia facilmente ser um exemplo a mais.

A omissão de três palavras parece mais difícil, até que se relembra que uma característica dos manuscritos mais antigos do N.T. é que eles são cheios de excentricidades. Já tenho discutido isto com bastante detalhe. Citarei dois exemplos específicos aqui.

P⁶⁶ é tão cheio de erros que suspeito que seria próximo de impossível encontrar nele cinco linhas consecutivas quaisquer tais que, se sobrepostas a um fragmento do tamanho de 7Q5, a reconstrução não nos apresentaria com variantes singulares. P⁹ é similar a 7Q5 em também consistir de apenas cinco linhas, embora com mais de três vezes o número de letras. Todos o têm identificado com 1 João 4:11-12. Mas distorce severamente uma palavra na primeira linha, erra a grafia duma palavra na segunda, omite uma palavra e escreve outra erradamente na terceira, e adiciona uma palavra sem sentido na quarta (a linha 5 está certa). Se somente as primeiras quatro ou cinco letras de cada linha tivessem sido preservadas (ao invés de doze ou treze) duvido que teria sido identificado, ou que a sugestão de ser 1 João 4:11-12 teria sido aceita. ⁴⁸³

O ponto essencial da questão é que toda a nossa experiência com os papiros mais antigos deve nos levar a esperar variantes estranhas em qualquer deles que seja descoberto—seria de longe mais surpreendente descobrir um que não tivesse nenhuma variante. A identificação de 7Q5 com Marcos 6:52-53 não deve ser rejeitada por tais motivos.

⁴⁸⁰Baillet, pag. 511.

⁴⁸¹O'Callaghan, "Notas", pag. 524.

⁴⁸²O'Callaghan, "El cambio $\delta > \tau$ en los papiros biblicos," *Biblica*, LIV (1973), pag. 415-16.

⁴⁸³Minha discussão de P⁹ está baseada em O'Callaghan, "Notas", pag. 528-30.

Apesar dos problemas, há evidência a favor da identificação. Em primeiro lugar, o efeito total da reconstrução é impressionante—casar 15 letras claras ou razoavelmente claras, espalhadas sobre quatro linhas, com uma métrica de 23, 20, 21, 21 para as respectivas linhas, é quase conclusivo. A maneira feliz em que a seqüência singular de letras, *NNHC*, se ajusta à reconstrução é um argumento favorável. A seqüência presumivelmente indicaria uma forma aparentada com a palavra grega “geração” ou com um nome próprio tal como “Gennesaret” [Genesaré].

Ainda mais impressionante é o espaço óbvio (da largura de duas letras) que ocorre precisamente na fronteira entre os versos 52 e 53. (Lembrar que nos MSS mais antigos não há espaço entre as palavras.) Uma vez que o verso 53 começa um novo parágrafo, o espaço é apropriado, tanto assim que atribuir a ocorrência do espaço ao mero acaso parece um tanto incrível. A combinação do espaço na quebra do parágrafo com um feliz casamento para *NNHC*, eu creio ser coerciva. Não vejo nenhuma maneira razoável de rejeitar a identificação de O'Callaghan.⁴⁸⁴ Para mais considerações e uma discussão de algumas implicações, ver a série de artigos na edição de *Eternity* em Junho de 1972.

Uma vez que 7Q5 é firmemente identificado com Marcos 6:52-53, então a probabilidade de que 7Q4 deva ser identificado com 1 Tim. 3:16, 4:1,3 e 7Q8 com Tiago 1:23-24 torna-se muito forte. Os fragmentos restantes são tão pequenos que dogmatismo é indefensável—as identificações de O'Callaghan são possíveis, mas não se pode insistir. Parece-me que 7Q5, 4, e 8 podem ser vistos como relevantes à tese deste livro no seguinte sentido: Que alguém teria uma tal coleção de escritos do Novo Testamento em uma data tão antiga pode sugerir que bem cedo foram reconhecidos como Escritura e até mesmo que já havia uma noção de um cânon do Novo Testamento.

⁴⁸⁴Um encontro internacional de papirólogos chegou à mesma conclusão. *Christen und Christliches in Qumran?* Bernhard Mayer, ed., Eichstatter Studien n.F. XXXII, Verlag Friedrich Pustet, Regensburg, 1992.

Apêndice C

As Implicações da Probabilidade Estatística para a História do Texto⁴⁸⁵

Por Zane C. Hodges e David M. Hodges

Hoje em dia, toda a questão da derivação de “tipos de texto” através de recensões definidas e históricas está aberta ao debate. Na verdade, E.C. Colwell, um dos principais críticos contemporâneos, afirma dogmaticamente que a assim chamada recensão “síria” (como Hort a teria concebido) jamais ocorreu.⁴⁸⁶ Ao contrário, Colwell insiste que todos os “tipos de texto” são o resultado não de atividade editorial definida, mas sim de “processo”.⁴⁸⁷ Nem todos os estudiosos, talvez, concordariam com esta posição, mas provavelmente é justo dizer que poucos estariam preparados a negá-la categoricamente. No mínimo, a posição de Colwell, até onde ela e suas conseqüências vão, teria agradado muito ao Deão Burgon, que foi o grande antagonista de Hort. Burgon, que defendeu o *Textus Receptus* com veemência algo mais do que os estudiosos geralmente gostam, tinha amontoado zombaria sobre a idéia da revisão “síria”, que foi a pedra de esquina da teoria de Westcott & Hort. Aliás, a idéia da recensão síria também foi criticada por outros, e um estudioso textual tão bem conhecido quanto Sir Frederic Kenyon formalmente a abandonou.⁴⁸⁸ Mas a dissidência tendeu a se extinguir, e a forma na qual existe hoje é bastante independente da questão do valor do TR. Em suma, o ceticismo moderno a respeito do conceito clássico de recensões prospera em um novo contexto (em grande parte criado pelos papiros). Mas este contexto não é de modo algum desencorajador para aqueles que sentem que o *Textus Receptus* foi abandonado com pressa demasiada.

A própria existência da presente discussão sobre a origem de tipos de texto põe em alto relevo aquilo que os defensores do Texto Recebido sempre afirmaram. A tese pela qual lutaram é esta: Westcott e Hort, através de sua teoria de recensões, não conseguiram explicar adequadamente a situação real da tradição dos manuscritos gregos; e, em particular, falharam em explicar a relativa uniformidade desta tradição. Esta contenção agora encontra apoio em razão das questões que o estudo moderno tem sido obrigado a erguer. Está bem avançada a suspeita de que o Texto Majoritário (como Aland designa a assim chamada família bizantina⁴⁸⁹) não pode ser rastejado com sucesso até um evento único na história textual. Mas, se não o pode, como podemos explicá-lo?

Aqui jaz a questão crucial na qual toda a teoria textual está logicamente pen-

⁴⁸⁵ Este apêndice é um sumário editado a partir de “*Uma Defesa do Texto Majoritário*”, de Zane C. Hodges e David M. Hodges (notas de aula, não publicadas, Seminário Teológico de Dallas, 1975), usado com permissão dos autores.

⁴⁸⁶ Sua afirmação é: “*A Vulgata Grega—o tipo-de-texto Bizantino ou Alfa—não teve sua origem em nenhum foco único tal como a Latina teve em Jerônimo*” (itálicas no original) E.C. Colwell, “The Origin of Texttypes of New Testament Manuscripts,” *Early Christian Origins*, pag. 137.

⁴⁸⁷ *Ibid.*, pag. 136. Ver nossa discussão desta tese na seção “Objecções”.

⁴⁸⁸ Ver F.G. Kenyon, *Handbook to the Textual Criticism of the New Testament*, pag. 324 e seguintes.

⁴⁸⁹ Kurt Aland, “The Significance of the Papyri for Progress in New Testament Research,” *The Bible in Modern Scholarship*, pag. 342. “Texto Majoritário” é o nome mais cientificamente não objeccionável já dado a esta forma de texto.

durada. Estudos empreendidos no Institut für neutestamentliche Textforschung, em Münster (onde fotos ou microfímes de mais de 4500 manuscritos estão guardados) tendem a apoiar a visão geral de que até 90% dos manuscritos gregos cursivos (em minúsculas) conhecidos exibem substancialmente a mesma forma de texto.⁴⁹⁰ Se papiros e manuscritos unciais (em maiúsculas) forem considerados juntamente com os manuscritos cursivos, a percentagem dos textos conhecidos refletindo a forma majoritária dificilmente pode ser menos que 80%. Mas esta é uma cifra fantasticamente alta; ela incontornável e imperiosamente exige uma explicação. De fato, se alguém não tiver uma explicação racional para um texto que permeia toda a tradição exceto 20%, jamais deveria seriamente afirmar saber como manipular nossos materiais textuais. Se a alegação for feita que grande progresso em direção ao original é possível enquanto a origem de 80% da evidência grega é embrulhada em sombras, uma tal alegação tem que ser vista como monstruosamente anticientífica, se não perigosamente obscurantista. Nenhum volume de apelos às preferências subjetivas por esta ou por aquela leitura, por este ou aquele texto, pode camuflar este fato. O Texto Majoritário tem que ser explicado como *um todo*, antes que seus direitos como *um todo* possam ser cientificamente rejeitados.

É característica peculiar da crítica textual do Novo Testamento que, juntamente com um conhecimento dos nossos recursos manuscritos, que cresce constantemente, tem havido uma correspondente diminuição na confiança com que a história desses recursos é descrita. O esquema cuidadosamente construído por Westcott e Hort é hoje considerado, por todos os estudiosos respeitáveis, como muito inadequado. A declaração confiante de Hort, “seria uma ilusão antecipar mudanças importantes no texto [crítico] a partir de qualquer aquisição de nova evidência,” é com justiça reputada hoje como extremamente ingênua.⁴⁹¹

A formação do Institut für neutestamentliche Textforschung é virtualmente um esforço para começar tudo de novo, fazendo aquilo que deveria ter sido feito desde o início—a saber, coletar a evidência! É neste contexto de reavaliação que é inteiramente possível que a questão da origem do Texto Majoritário venha a exigir mais atenção. Na verdade, pode ser confiantemente antecipado que, se a crítica moderna continuar sua tendência em direção a procedimentos mais genuinamente científicos, essa questão [da origem do Texto Majoritário] novamente se tornará uma consideração central. Porque ela permanece sendo a questão que, logicamente, é a mais determinativa em toda a disciplina [da crítica textual].

Têm os proponentes do *Textus Receptus* uma explicação para o Texto Majoritário? A resposta é sim. Mais que isto, a posição que seus proponentes mantêm é tão descomplicada que ela chega a ser isenta de dificuldades encontradas por hipóteses mais complexas. Há muito tempo, no processo de atacar a autoridade dos números na crítica textual, Hort foi estrangido a confessar: “Uma pressuposição teórica verdadeiramente permanece, que uma maioria de documentos em existência é mais provável de representar uma maioria de documentos ancestrais em cada etapa da transmissão, do que *vice-versa*.”⁴⁹² Ao reconhecer isto, ele estava meramente afirmando um truísmo da transmissão de manuscritos, a saber: Sob circunstâncias normais, quanto mais velho um

⁴⁹⁰ *Ibid.*, pag. 344.

⁴⁹¹ *Ibid.*, pag. 330 e seguintes.

⁴⁹² B.F. Westcott e F.J.A. Hort, *The New Testament in the Original Greek*, II, pag. 45.

texto for em relação aos seus rivais, maiores são as suas chances de sobreviver em uma pluralidade ou em uma maioria dos textos em existência, em qualquer período subsequente. Mas **o mais velho** de todos os textos é o autógrafo. Portanto, deveria ser ponto pacífico que, fora algum deslocamento radical na história da transmissão, uma maioria de textos será muito mais provável de corretamente representar o caráter do original, do que uma pequena minoria de textos. Isto é especialmente verdadeiro quando a proporção é um esmagador 8:2. Sob quaisquer condições de transmissão razoavelmente normais, para todos os efeitos práticos seria completamente impossível que uma forma-de-texto posterior obtivesse, das testemunhas em existência, uma preponderância tão esmagadora. Mesmo se levarmos a origem do assim chamado texto Bizantino até uma data contemporânea a P⁷⁵ e P⁶⁶ (cerca de 200 DC)—uma época quando centenas de manuscritos certamente já existiam—proporções matemáticas tais como as reveladas pela tradição em existência não poderiam ser explicadas à parte de alguma sublevação prodigiosa na história textual.

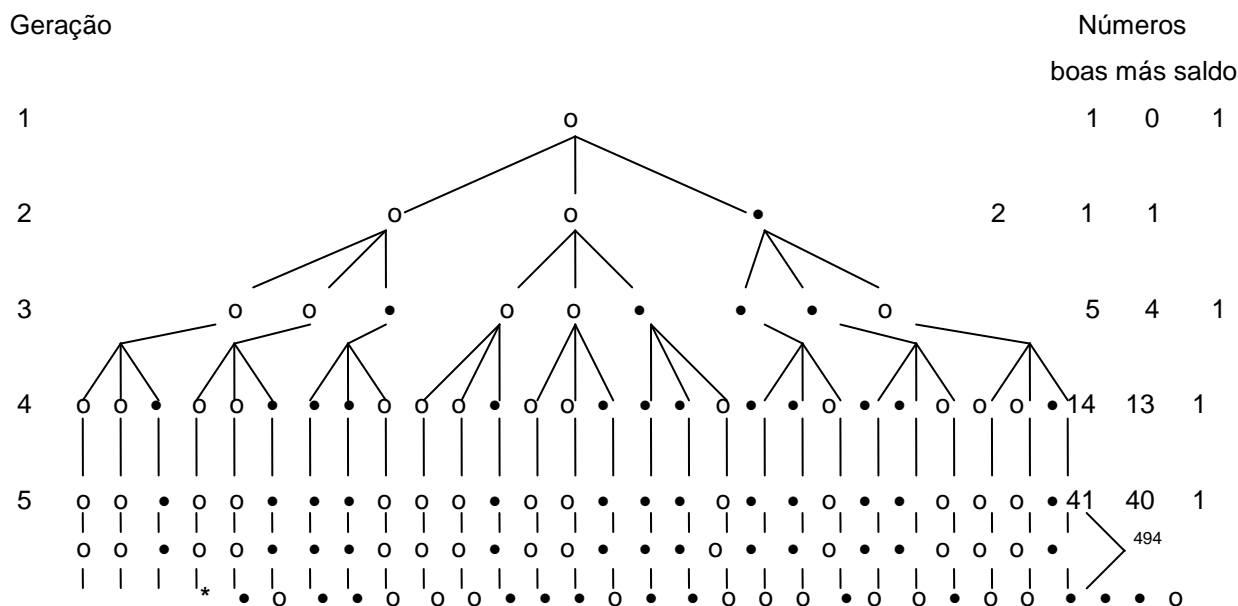
Probabilidade Estatística

Este argumento não é simplesmente tirado do nada. O que está envolvido pode ser dito de variadas formas em termos de probabilidades matemáticas. Para isto, no entanto, eu tive de procurar ajuda do meu irmão, David M. Hodges, graduado como Bacharel em Ciências pelo Wheaton College,⁴⁹³ em 1957, com sua principal área de especialização em Matemática. Sua experiência subsequente, no campo da Estatística, inclui: serviço na Intendência do Exército em Letterkenny (Pensilvânia) como um Oficial Estatístico para a Agência de Dados de Itens Principais do Exército dos USA, e como um Estatístico Supervisor de Levantamentos para o Escritório de Campo dos Manuais de Equipamentos do Comando de Materiais do Exército (1963-67); e, de 1967 a 1970, como um Estatístico no Quartel General do Comando de Materiais do Exército dos USA., em Washington, D.C. Em 1972 ele recebeu seu grau de Mestre em Ciências, em Pesquisa Operacional, da George Washington University.

É mostrado, abaixo, um diagrama de uma situação de transmissão [textual], onde uma das três cópias de um autógrafo contém um erro, enquanto duas retêm a redação correta. Subsequentemente, o fenômeno textual conhecido como “mistura” entra em jogo, resultando na introdução de leituras errôneas em bons manuscritos, como também no processo reverso, no qual boas leituras são introduzidas em maus. A declaração do meu irmão a respeito das probabilidades da situação segue-se ao diagrama, nas suas próprias palavras.

⁴⁹³N.Trads.: Lembrar que “college” é uma faculdade, uma instituição de ensino superior, uma universidade com menor número de cursos em áreas diversificadas.

FIGURA 1



Contanto que bons e maus manuscritos serão copiados igual número de vezes e que a probabilidade de introdução de uma má leitura ao copiar um bom manuscrito seja igual à probabilidade de reintroduzir uma boa leitura ao copiar um mau manuscrito, a leitura correta predominará em qualquer geração de manuscritos. O grau da predominância da boa leitura depende da probabilidade de introdução do erro.

Para efeito de demonstração, chamaremos o autógrafo de 1ª geração. As cópias do autógrafo serão chamadas de 2ª geração. As cópias dos manuscritos da 2ª geração serão chamadas de 3ª geração, e assim por diante. O número da geração será identificado como “n”. Daí, na 2ª geração, $n = 2$.

Supondo que cada manuscrito é copiado um igual número de vezes, o número de manuscritos produzidos em uma geração qualquer é k^{n-1} , onde “k” é o número de cópias feitas de cada manuscrito.

A probabilidade que uma boa leitura será reproduzida a partir de um bom manuscrito é expressa como “p”, e a probabilidade de introduzirmos uma leitura errônea em um bom manuscrito é “q”. A soma de “p” e “q” é “1”. Baseado nas nossas suposições originais, a probabilidade de reinserção de uma boa leitura a partir de um mau manuscrito é “q” e a probabilidade de perpetuar uma má leitura é “p”.

O número esperado de bons manuscritos em uma geração qualquer é a quantidade $(pkG_{n-1} + qkB_{n-1})$ e o número esperado de maus manuscritos é a quantidade $(pkB_{n-1} + qkG_{n-1})$, onde G_{n-1} é o número de bons manuscritos dos quais estamos copiando, e B_{n-1} é o número de maus manuscritos dos quais estamos copiando. O número de bons manuscritos produzidos em uma geração é G_n e o número de maus é B_n . Temos, portanto, as fórmulas:

- 1) $G_n = pkG_{n-1} + qkB_{n-1}$
- 2) $B_n = pkB_{n-1} + qkG_{n-1}$

⁴⁹⁴ **Atenção**, a 5ª geração abrange três fileiras, ou linhas; quer dizer, cada exemplar da 4ª geração tem três “filhos” ou cópias, exatamente como nas outras gerações.

$$3) k^{n-1} = G_n + B_n = (pkG_{n-1} + qkB_{n-1}) + (pkB_{n-1} + qkG_{n-1}).$$

Se $G_n = B_n$, então $(pkG_{n-1} + qkB_{n-1} = pkB_{n-1} + qkG_{n-1})$ e $(pkG_{n-1} + qkB_{n-1} - pkB_{n-1} - qkG_{n-1} = 0)$.

Ajuntando os termos semelhantes, temos $(pkG_{n-1} - qkG_{n-1} + qkB_{n-1} - pkB_{n-1} = 0)$ e, desde que “k” pode ser fatorado, temos $(p-q)G_{n-1} + (q-p)B_{n-1} = 0$, e $(p-q)G_{n-1} - (p-q)B_{n-1} = 0$, e $(p-q)(G_{n-1} - B_{n-1}) = 0$. Uma vez que a expressão do lado esquerdo é igual a zero, então pelo menos um dos seus fatores $(p-q)$ ou $(G_{n-1} - B_{n-1})$ tem que ser igual a zero. Mas $(G_{n-1} - B_{n-1})$ não pode ser zero, uma vez que o autógrafo era bom. Isto significa que $(p-q)$ tem que ser igual a zero. Em outras palavras, o número esperado de más cópias pode igualar o número esperado de boas cópias somente se a probabilidade de fazer uma má cópia é igual à probabilidade de fazer uma boa cópia.

Se $G_n > B_n$, então $(pkB_{n-1} + qkG_{n-1} > pkG_{n-1} + qkB_{n-1})$. Podemos subtrair uma mesma quantidade de ambos os lados de uma desigualdade, sem mudá-la. Assim, temos $pkB_{n-1} + qkG_{n-1} - pkG_{n-1} - qkB_{n-1} > 0$. Podemos também dividir ambos os lados [da desigualdade] por “k”, obtendo $pB_{n-1} + qG_{n-1} - pG_{n-1} - qB_{n-1} > 0$. Então, $(p-q)B_{n-1} + (q-p)G_{n-1} > 0$. Também, $(p-q)B_{n-1} - (p-q)G_{n-1} > 0$. Também, $(p-q)(B_{n-1} - G_{n-1}) > 0$. No entanto, $G_{n-1} > B_{n-1}$, uma vez que o autógrafo era bom. Consequentemente, $(B_{n-1} - G_{n-1}) < 0$. Portanto, $(p-q)$ também tem que ser menor que zero. Isto significa que “q” tem que ser maior que “p”, para que o número esperado de maus manuscritos seja maior que o número esperado de bons. Isto também significa que a probabilidade de uma cópia errada tem que ser maior que a probabilidade de uma correta.

O número esperado é realmente a média da distribuição binomial. Na distribuição binomial, um de dois resultados ocorre: ou um sucesso (isto é, uma cópia acurada), ou uma falha (isto é, uma cópia não acurada).

Na situação discutida, equilíbrio se implanta quando um erro é introduzido. Isto é, uma vez que um erro tenha sido introduzido, a diferença numérica entre o número de cópias boas e más é mantida. Em outras palavras, más cópias são transformadas em boas na mesma proporção com que boas cópias são transformadas em más. O elemento crítico é quão cedo uma má cópia aparece. Por exemplo, suponhamos que duas cópias são feitas de cada manuscrito e que “q” é $1/4 = 25\%$. A partir do autógrafo, duas cópias são feitas. A probabilidade da cópia número 1 ser boa é $3/4$, como também é o caso para a segunda cópia. A probabilidade de que ambas sejam boas é $(3/4) \times (3/4) = 9/16 = 56\%$. A probabilidade de que ambas sejam más é $1/4 \times 1/4 = 1/16 = 6\%$. A probabilidade de que só uma [quer seja a primeira, quer a segunda] é má é $(3/4 \times 1/4) + (1/4 \times 3/4) = 6/16 = 38\%$. O número esperado de boas cópias é $pkG_{n-1} + qkB_{n-1}$ que é $(3/4 \times 2 \times 1) + (1/4 \times 2 \times 0) = 1,5$. O número esperado de más cópias é $2 - 1,5 = 0,5$. Agora, se um erro for introduzido na segunda geração, o número de cópias boas e más será igual, dali para frente. Mas a probabilidade disto acontecer é 44%. Se a probabilidade de uma cópia acurada for maior que $3/4$, a probabilidade de um erro na segunda geração decrescerá. Isto permanece verdade não importando qual seja o número de cópias e o número de gerações, desde que o número de cópias feitas a partir de maus manuscritos seja igual ao número de cópias feitas a partir de bons manuscritos. Obviamente, se um tipo de manuscrito é copiado mais freqüentemente que o outro, o tipo de manuscrito copiado mais freqüentemente perpetuará sua leitura mais freqüentemente.

Uma outra observação é que, se a probabilidade de introduzir uma leitura incorreta diferir da probabilidade de reintroduzir uma leitura correta, a discussão não se aplica.

Esta discussão, no entanto, não é de modo algum desequilibrada de modo a favorecer a tese que estamos apresentando. O reverso é o caso. Uma declaração adicional do meu irmão clarificará este ponto:

Uma vez que a redação correta é aquela aparecendo na maioria dos textos em cada geração, é aparente que, se um escriba consulta outros textos aleatoriamente, a leitura majoritária predominará nas fontes consultadas aleatoriamente. A proporção de bons:maus textos consultados irá se aproximar da proporção bons:maus textos na geração precedente. Se um número pequeno de textos é consultado, naturalmente uma proporção não representativa pode ocorrer. Mas, em um número grande de consultas a textos existentes, a aproximação será representativa da proporção existente em todos os textos em existência.

Na prática, contudo, comparações aleatórias provavelmente não ocorreram. O escriba consultaria aqueles textos que lhe fossem mais prontamente disponíveis. Conseqüentemente, haveriam ramos de textos que seriam corruptos porque a maioria dos textos disponíveis ao escriba conteriam o erro. Por outro lado, quando um erro ocorreu a primeira vez, se o escriba checkou mais que um manuscrito ele acharia todos com a leitura correta exceto a cópia que introduziu o erro. Assim, quando um escriba usou mais que um manuscrito, a probabilidade de reproduzir um erro seria menor que a probabilidade de introduzir um erro. Isto se aplicaria à geração imediatamente seguinte à introdução de um erro.

Em resumo, portanto, nosso problema teórico estabelece condições para reproduzir um erro que são demasiadamente favoráveis ao erro. Todavia, mesmo assim, nesta situação idealizada, a maioria original a favor da leitura correta é mais provável de ser retida do que perdida. Mas a maioria na quinta geração é uma frágil razão de 41:40. Que diremos, então, quando encontramos a real situação existente, onde (de quaisquer 100 manuscritos dados) podemos esperar achar uma proporção [bons:maus manuscritos] de, digamos, 80:20? Faz-se imediatamente evidente que, em qualquer tipo de transmissão normal, a probabilidade de que os 20 manuscritos representam a redação original é, na verdade, muito pequena.

Portanto, abordando a questão a partir deste lado (i.é.: *começando* com os manuscritos em existência), podemos supor um problema envolvendo (para conveniência matemática) 500 manuscritos em existência, nos quais temos proporções de 75% para 25%. A declaração do meu irmão a respeito deste problema é a seguinte:

Dados cerca de 500 manuscritos dos quais 75% exibem uma leitura e 25% exibem outra, dada uma probabilidade de 1/3 para introduzir um erro, dada a mesma probabilidade para corrigir um erro, e dado que cada manuscrito é copiado duas vezes, a probabilidade que a redação majoritária se originou de um erro é menor que 10%. Se a probabilidade de introduzir um erro for menor que 1/3, a probabilidade que a redação errônea ocorra 75% das vezes é ainda menor. O mesmo se aplica se três, e não duas, cópias forem feitas de cada manuscrito. conseqüentemente, a conclusão é que, dadas

as condições descritas, é altamente improvável que a leitura errônea predominaria ao ponto que o Texto Majoritário predomina.

Esta discussão se aplica a uma leitura individual e não deve ser interpretada como uma declaração da probabilidade que manuscritos copiados serão isentos de erros. Tem que ser notado também que uma probabilidade de 1/3 na introdução de erros é alta, se houve perícia e cuidado no processo de copiar.

Não bastará argumentar, em resposta a esta demonstração, que é óbvio que um erro pode facilmente ser copiado mais que a leitura original, em qualquer instância particular. Naturalmente isto é verdadeiro e é livremente reconhecido. Mas o problema é mais agudo que isto. Se, por exemplo, em um certo livro do Novo Testamento encontramos (digamos) 100 leituras [jogos de variantes] onde os manuscritos se dividem na proporção de 80% para 20%, deveríamos supor que em cada um destes casos, ou mesmo na maioria deles, esta reversão de probabilidades tem ocorrido? Todavia isto é o que, *em efeito*, a crítica textual contemporânea está dizendo. Pois o Texto Majoritário é repetidamente rejeitado a favor de leituras minoritárias. É evidente, portanto, que o que os críticos textuais modernos estão *realmente* afirmando—quer implícita ou explicitamente—constitui nada menos que uma rejeição [da ciência] das probabilidades “por atacar”, e em uma escala que a tudo abrange!

Seguramente, portanto, fica claro que aqueles que repetida e consistentemente preferem leituras minoritárias a leituras majoritárias—especialmente quando as maiorias rejeitadas são muito grandes—estão confrontados com um problema. Como pode esta preferência ser justificada contra as probabilidades latentes em qualquer visão razoável da história da transmissão do Novo Testamento? Porque deveremos rejeitar estas probabilidades? Que tipo de fenômeno textual seria requerido para produzir um texto majoritário espalhado através de 80% da tradição, e que, apesar disto, seria mais frequentemente errado que os 20 por cento que se lhe opõe? E, mesmo se pudéssemos conceber um tal fenômeno textual, que prova há que ele jamais ocorreu? Pode alguém, racionalmente, seguir em frente na crítica textual sem fornecer uma convincente resposta a estas perguntas?

Eu venho insistindo, por bastante tempo, que o ponto crucial do problema textual é como explicamos a esmagadora preponderância do Texto Majoritário na tradição em existência. Explicações atuais da sua origem são seriamente inadequadas (ver abaixo, a seção “Objeções”). Por outro lado, a proposição que o Texto Majoritário é o resultado natural de um processo normal de transmissão de manuscritos lhe dá uma explicação perfeitamente natural. Assim, as formas de texto minoritárias são explicadas, *mutatis mutandis*, como existindo nas suas formas minoritárias devido ao distanciamento comparativo do texto original. A teoria é simples mas, creio, completamente adequada em cada nível. Sua adequação pode ser demonstrada também pela simplicidade das respostas que oferece às objeções colocadas contra ela. Algumas destas objeções seguem.

Objeções

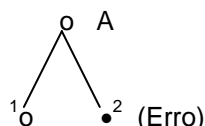
1. “Uma vez que todos manuscritos não são copiados um mesmo número de vezes, demonstrações matemáticas como as acima são inválidas.”

Mas isto é entender mal o propósito de tais demonstrações. Naturalmente, o diagrama acima, Figura 1, dá uma situação “idealizada” e que não representa o que re-

almente aconteceu. Ao invés disto, ele simplesmente mostra que, todas as outras coisas sendo iguais, a [ciência da] *probabilidade estatística* favorece a perpetuação, em cada geração, da condição majoritária original das leituras autênticas. E tem que ser lembrado que, quanto maior for a maioria original, mais imponente se tornará este argumento baseado em probabilidades. Elaboremos este ponto.

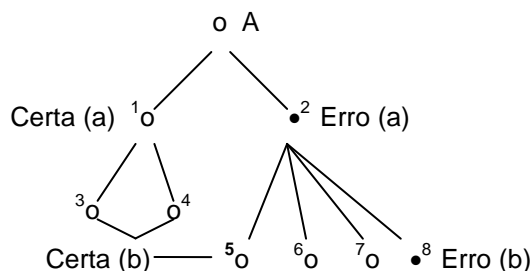
Se imaginarmos um estema [ver glossário] como segue:

FIGURA 2



onde A = autógrafo, e (1) e (2) são cópias feitas a partir dele; é aparente que, *teoricamente*, o erro (em 2) tem uma chance igual à da leitura autêntica (em 1) de ser perpetuado. Mas, naturalmente, *na realidade* (2) pode ter sido copiado mais freqüentemente que (1), e assim o erro pode ter sido perpetuado em um número maior de manuscritos posteriores do que a verdadeira leitura (em 1). Tudo bem, até aí. Mas suponha—

FIGURA 3

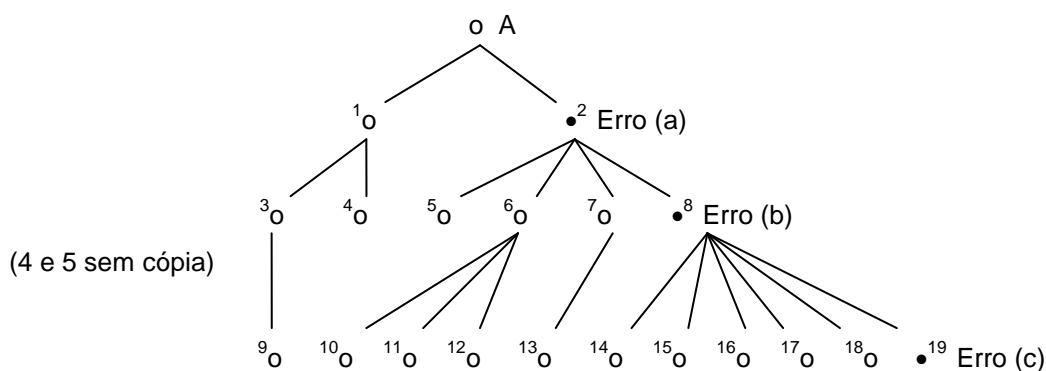


Agora, já concedemos que o erro designado (a) está sendo perpetuado em número maior que a verdadeira leitura designada (a), de modo que “erro (a)” é encontrado nas cópias 5-6-7-8, enquanto “leitura verdadeira (a)” é encontrada somente nas cópias 3 e 4. Mas quando “erro (b)” é introduzido na cópia 8, sua rival “verdadeira leitura (b)” é encontrada nas cópias 3-4-5-6-7.⁴⁹⁵ Irá alguém supor, neste ponto, que é sequer um pouco provável que “erro (b)” terá a mesma boa sorte que “erro (a)” e que manuscrito 8 será copiado mais freqüentemente que 3-4-5-6-7 juntos?

Mas, mesmo admitindo-se esta situação *muito* menos provável, suponha novamente—

⁴⁹⁵Por “erro (b)” queremos dizer, naturalmente, um erro feito em outro local no texto sendo transmitido a partir do autógrafo. *Não* queremos dizer que “erro (b)” substituiu “erro (a).” Assim, enquanto as cópias 5-6-7 contêm “erro (a),” elas também contêm a redação original que rivaliza com “erro (b).”

FIGURA 4



Irá alguém crer que as probabilidades favorecem uma repetição da mesma situação para “erro c” na cópia 19?

Não é patente que, à medida que manuscritos se multiplicam e erros são introduzidos mais tarde no fluxo de transmissão, a probabilidade de que o erro seja copiado mais freqüentemente do que os seus textos rivais, em número cada vez maior, é drasticamente reduzida?

Assim, admitir que *alguns* erros possam ser copiados mais freqüentemente que a leitura autêntica rival, de modo algum atinge o cerne do nosso argumento. A razão é simples: a crítica moderna repetida e sistematicamente rejeita, em uma escala tremenda, leituras majoritárias. Mas, com cada tal rejeição, a probabilidade de que esta rejeição seja válida é dramaticamente reduzida. *Chocar-se contra as probabilidades estatísticas umas poucas vezes é uma coisa, fazê-lo repetida e persistentemente é algo bem diferente!*

Por tudo isto, continuamos a insistir que rejeitar em números enormes as leituras do Texto Majoritário, sem fornecer um arrazoado global acreditável a favor desse procedimento, é voar às cegas de encontro a toda a probabilidade razoável.

2. O Texto Majoritário pode ser explicado como produto de um “processo” que resultou na formação gradual de um tipo-de-texto numericamente preponderante.

Esta tese do Texto Majoritário como resultando de um “processo” parece estar ganhando preferência, hoje em dia, entre os estudiosos do texto do Novo Testamento. Todavia, ao que eu tenha conhecimento, ninguém tem oferecido uma explicação detalhada do que, exatamente, constituiu o processo, quando ele começou, ou como—uma vez começado—alcançou o resultado que lhe tem sido atribuído. Na verdade, os proponentes da tese de “processo” são provavelmente espertos em permanecerem vagos a respeito dele, porque, já de cara, parece impossível conceber *qualquer tipo* de processo que seja ao mesmo tempo historicamente acreditável e adequado para explicar todos os fatos. O Texto Majoritário, tem que ser lembrado, é relativamente uniforme no seu caráter geral, com comparativamente baixas quantidades de variação entre seus represen-

tantes principais.⁴⁹⁶

Ninguém ainda conseguiu explicar como um processo lento e longo, espalhando-se tanto por muitos séculos como também por uma ampla área geográfica, e envolvendo uma multidão de copistas que às vezes não sabiam nada do estado do texto fora dos seus próprios monastérios ou *scriptoria*, poderia alcançar esta uniformidade universalmente prevalecente, a partir da [suposta] diversidade apresentada pelas formas de texto anteriores. Mesmo uma edição oficial do Novo Testamento—promovida ao redor do mundo conhecido com sanção eclesiástica—teria tido grandes dificuldades para alcançar este resultado, como a história da Vulgata de Jerônimo amplamente demonstra.⁴⁹⁷ Mas um processo não dirigido alcançar relativa estabilidade e uniformidade nas tão diversificadas circunstâncias textuais, históricas e culturais nas quais o Novo Testamento foi copiado, impõe torções insuportáveis à nossa imaginação.

Assim, vê-se que quanto mais clara e especificamente a tese de “processo” possa vir a ser articulada, mais vulnerável ela provavelmente será a todas as objeções em potencial que lhe fizemos agora. Ademais, quando articulação for dada a uma tal tese, esta terá que se localizar definitivamente em algum local da história—com muitas inconveniências adicionais se acumulando contra seus defensores. Porque, seja lembrado, assim como a História é muda a respeito de qualquer “recensão síria” (tal como aquela que Hort imaginou), do mesmo modo também a História é muda sobre qualquer tipo de “processo” que esteve de algum modo influenciando ou guiando os escribas à medida que manuscritos eram transmitidos. Críticos modernos são os primeiros a descobrir um tal “processo”, mas antes de aceitá-lo teremos que ter mais que proclamações vagas e não documentadas sobre ele.

Parece não ser injusto que se diga que a tentativa de explicar o Texto Majoritário por algum “processo” obscuro e nebuloso é uma confissão implícita de fraqueza da parte da crítica contemporânea. A erosão da tese de Westcott e Hort, que rastejou o Texto Majoritário até uma recensão oficial e definitiva do Novo Testamento, tem criado

⁴⁹⁶As palavras chave, aqui, são “relativamente” e “comparativamente.” Naturalmente, membros individuais [da família de manuscritos] do Texto Majoritário mostram variados índices de conformidade com ele. No entanto, a proximidade dos seus representantes para com o padrão geral não é difícil de demonstrar, na maioria dos casos. Por exemplo, em um estudo de cem locais de variação em João 11, os representantes do Texto Majoritário usados no estudo mostraram uma faixa de concordância entre 70 e 93 por cento. Ver Ernest C. Colwell e Ernest W. Tune, pag. 28, 31. Os 93% de concordância do códice uncial Ômega com o *Textus Receptus* compara-se bem com os 92 por cento de concordância entre P⁷⁵ e B. A afinidade de Ômega com o TR é mais aproximadamente típica do padrão que se encontraria na grande massa dos textos minúsculos. Altos níveis de concordância deste tipo são (como no caso de P⁷⁵ e B) o resultado de uma base ancestral compartilhada. São as divergências que são o resultado de um “processo” e não o contrário.

Uma declaração sumária mais geral, sobre a matéria, é feita por Epp, “... os manuscritos Bizantinos formam juntamente, afinal, um grupo bastante entrelaçado, e as variações a discutir dentro deste grande grupo inteiro são relativamente secundárias em caráter.” (Eldon Jay Epp, “The Claremont Profile Method for Grouping New Testament Minuscule Manuscripts,” pag. 33.)

⁴⁹⁷Depois de discutir as vicissitudes que afligiram a transmissão da Vulgata, Metzger conclui: “Como resultado, os mais de 8000 manuscritos da Vulgata que hoje existem exibem a maior quantidade de contaminação cruzada de tipos textuais.” (*Text of the New Testament*, pag. 76.) Uniformidade de texto é sempre maior na fonte e diminui—ao invés de aumentar—à medida que a tradição se expande e multiplica. Este farol de advertência é ignorado pela tese do Texto Majoritário como resultado de um “processo”.

um vácuo verdadeiramente muito difícil de ser preenchido. Mais que nunca, vê-se que críticos não podem rejeitar o Texto Majoritário e ao mesmo tempo explicá-lo. *E este é o nosso ponto principal e essencial!* Rejeição do Texto Majoritário e explicação acreditável para o mesmo, são bastante incompatíveis um com outro. Mas a aceitação do Texto Majoritário imediatamente fornece uma explicação para ele e também para os textos rivais! *E é a essência do processo científico preferir hipóteses que explicam os fatos disponíveis e rejeitar hipóteses que não o façam!*

Apêndice D

CONFLAÇÃO OU CONFUSÃO?⁴⁹⁸

Conflação é a teoria que, quando um escriba ou editor teve diante de si dois ou mais manuscritos os quais, em um dado ponto, tinham leituras diferentes que podiam ser "apropriadamente" combinadas para produzir um texto mais "pleno", ele poderia fazer esta combinação. O resultado seria chamado "conflação", de acordo com Hort.

Quando se avalia um exemplo aparente de conflação, deve-se dar a devida consideração à hipótese oposta, à possibilidade que as diferenças possam advir da omissão accidental (ou intencional) de diferentes partes de uma leitura original "completa".

A lista a seguir inclui exemplos de possíveis confluções colecionados de várias fontes. (Um olhar aguçado pode descobrir outros exemplos). Estes casos são apresentados ao leitor para sua própria avaliação e decisão. Eles vão desde casos de conflação óbvia e omissões óbvias, até casos de completa confusão onde é altamente duvidoso que o mecanismo de "conflação" tenha operado. Por isso, os exemplos são classificados em dois conjuntos de dois grupos cada:

1. "Conflação" verdadeira, ou clara:
 - 1.a. Mera adição ou telescopeamento de leituras, ou omissão delas;
 - 1.b. Adição + conjunções simples, ou omissão.
2. "Conflação" duvidosa, ou confusão:
 - 2.a. Complicada por substituição, transposição ou mudanças internas moderadas, ou omissão;
 - 2.b. Diferenças substanciais—"conflação" duvidosa.

A extensão completa da confusão existente não será aparente ao leitor uma vez que, na maior parte dos exemplos, há uma ou mais variantes adicionais não incluídas aqui porque não são relevantes aos possíveis exemplos de conflação.

Os símbolos no aparato crítico são essencialmente aqueles de uso geral. As abreviações *pc*, *al*, *pm* e *rell* têm o mesmo significado que nas edições de Nestle.⁴⁹⁹ Tenho representado f^1 e f^{13} somente pelos seus números. Apenas um símbolo de tipo-de-texto é usado, **Biz**, que representa a tradição manuscrita "Bizantina". Utilizo parênteses em duas maneiras—quando eles delimitam um papiro, significam que há dúvidas quanto a que leitura ele exhibe; quando delimitam qualquer outro tipo de testemunha, significam que as suas leituras têm uma leve variação em relação às outras testemunhas. O leitor não pode deixar de notar que a abrangência do aparato varia consideravelmente de exemplo para exemplo—isto é um reflexo das fontes que me eram disponíveis.

⁴⁹⁸O título e formato básico deste apêndice eu devo a William G. Pierpont, e os uso com sua permissão. No entanto, tenho quase triplicado o número de exemplos, e os comentários editoriais são meus. As principais fontes para os exemplos adicionados são H.A. Sturz (*The Byzantine Text-Type*) e Maurice A. Robinson (artigo não publicado). Peter J. Johnston contribuiu de forma importante para o balanço contábil das evidências.

⁴⁹⁹Nota explicativa: *pc* = poucos [MSS], *al* = vários, *pm* = muitos, maioria simples, *pl* = grande maioria, *rell* = todos os demais, ^{pt} = em parte (daí porque muitas vezes ocorre duas vezes).

"Conflação" Verdadeira, ou Clara

a) Mera adição ou telescopeamento de leituras, ou omissão delas

1. Mat. 3:12 *αυτου εις την αποθηκην* **Biz** Ϻ C K Δ 0233 1 *pm lat*
 cop
εις την αποθηκην αυτου L 892 *al/b ff¹ g¹ sy^{p,h}*
αυτου εις την αποθηκην αυτου B W *pc*

(Isto pareceria ser uma confluência da parte de B e de W. Uma vez que Hort não seguiu B aqui, ele deve ter sido de uma opinião similar.)

2. Mat. 16:11 *προσεχειν* **Biz** D^c W X *pm sy^{c,s,h}*
προσεχετε D Θ 13 124 *pc lat sy^p*
προσεχετε δε Ϻ B C L 1 *pc cop*
προσεχειν προσεχετε δε C^c 33 237 *al q*

(Uma confluência evidente da parte de alguns MSS mais recentes, construída sobre as leituras "Bizantina" e "Alexandrina/Ocidental".)

3. Mat. 17:25 *οτε εισηλθεν* **Biz** E F G K L W Y Π
ελθοντα B 1
εισελθοντα Ϻ
εισελθοντων Θ 13
εισελθοντι D

(Não pode esta ser uma confluência da parte de Ϻ, com embelezamentos "Cesareanos" e "Ocidentais"?)

4. Mat. 20:21 *δεξιων σου . . . ευωνυμων* D Θ 1 *pc lat*
δεξιων . . . ευωνυμων σου Ϻ B
δεξιων σου . . . ευωνυμων σου **Biz** C L N W Z 085 13 *pm sy^{p,h}*

(É esta uma confluência "Bizantina" das leituras "Ocidental" e "Alexandrina", ou são estas simplificações independentes daquela? Deve ser notado que Ϻ e B estão sozinhos na omissão do primeiro σου.)

5. Mat. 23:25 *ακρασιας* Ϻ B D L Δ Θ Π 1 13 33 *al it sy^h*
αδικιας **Biz** C K Γ *pm f sy^p*
ακρασιας αδικιας W

(Parece evidente que códice W aqui confla as leituras "Alexandrina" e "Bizantina".)

6. Mat. 24:38 *εκειναις προ* D 253 *pc it^{pt} sy^{h,pal}*
ταις προ **Biz** Ϻ L W Θ 067 0133 1 13 *pl it^{pt} vg bo*
εκειναις ταις προ B

(Isto pareceria ser uma confluência da parte de B. Uma vez que Hort usou colchetes aqui, ele deve ter tendido a uma opinião similar.)

7. Mat. 26:22 *εις εκαστος* ⋈ B C L Z 0281 33 *pc sa*
 εκαστος αυτων **Biz** P^{37,64} (P⁴⁵) A W Γ Δ Π Σ Ψ 074 1 13 *pl sy^p*
 εις εκαστος αυτων (P⁴⁵) D M Θ 69 *pc bo*

(Isto pareceria ser uma confluência "Ocidental" de elementos "Bizantinos" e "Alexandrianos". Uma reunião recente de papirólogos decidiu que P⁶⁴ data do 1º século [!], e confirmou que ele traz a leitura bizantina.)

8. Mat. 26:36 *ου* **Biz** B E F G 067 *pm*
 αν D K L W Δ Θ 074 1 69 *al*
 ου αν P⁵³ A *pc*

(Antes do advento de P⁵³, presumivelmente todos concordariam que A aqui conflou as leituras "Bizantina" e "Ocidental". Embora o papiro [P⁵³] antedate quaisquer testemunhas conhecidas destes dois "tipos de texto", eu sugiro que a conclusão correta é que a confluência ocorreu muito cedo.)

9. Mat. 26:70 *αυτων* K *al*
 παντων ⋈ B D E G L Z Θ 090 13 33 *al lat sy^{p,h}*
 αυτων παντων **Biz** A C W Γ Δ 0133 1 *pm*

(Deveremos dizer que o texto "Bizantino" tem uma confluência baseada, por um lado, em um punhado de MSS recentes, e, por outro lado, nos tipos de texto "Alexandrino-Ocidental" combinados? Parece mais provável que K etc. tenham simplificado a leitura "Bizantina", uma ocorrência fácil de homoioteuton. Neste caso, a leitura "Alexandrina-Ocidental" é melhor explicada como uma outra simplificação da leitura original, um caso de *parablepsis*.)

10. Mat. 27:55 *εκει* **Biz** B C *pl lat*
 και D 56 *aur d*
 εκει και F K L Π 33 *sy^{h,pal}*
 κακει ⋈ (*sy^p*)

(Aqui parece que temos variadas testemunhas conflando as leituras "Bizantina-Alexandrina" e "Ocidental".)

11. Marcos 1:4 *ο βαπτιζων εν τη ερημω* B 33 *pc*
 βαπτιζων εν τη ερημω και **Biz** A K P W Π 1 13 *pl/f sy^{h,pal}*
 ο βαπτιζων εν τη ερημω και ⋈ L Δ *pc bo*
 (εν τη ερημω βαπτιζων και) D Θ *pc lat sy^p*

(Aqui temos testemunhas "Alexandrinas" conflando a leitura "Bizantina" e aquela do Códice B. Embora não tenha havido acréscimo de nova evidência, UBS³ parece espessar esta óbvia confluência enquanto UBS¹ não o fez.)

12. Marcos 1:28 *ευθους* **Biz** A D E G H K M U V Y Γ Δ Π Σ Φ Ω 0104 *pm* lat sy^{p,h}
 πανταχου W 579 *pc* b e q
 ευθους πανταχου ℵ^c B C L 0133 13 *pc*
 (omite) ℵ Θ 1 *al* c ff² r¹ sy^s

(Não é esta uma óbvia confluência "Alexandrina"? Apesar disto, o texto da UBS a adota sem dar qualquer indicação de que há outras leituras.)

13. Marcos 1:40 *κυριε* C L W Θ *pc* e c ff sy^{pal}
 οτι **Biz** ℵ A *pl* sy^h
 κυριε οτι B

(Isto parece ser uma confluência clara da parte de B. Uma vez que Hort não seguiu B aqui, ele presumivelmente tendia à mesma opinião.)

14. Marcos 5:42 *εξεστησαν* **Biz** P⁴⁵ A K W Θ Π 0133 1 13 *pl* e sy^{p,h}
 εξεστησαν ευθους ℵ B C L Δ 33 892 *pc* bo
 εξεστησαν παντες D it sa

(Se os "produtores" do texto "Sírio" seguirem uma política de confluência, por que eles negligenciaram esta excelente oportunidade? Notar que aquela que Hort chamou de leitura "Síria tardia" tem agora a atestação mais antiga.)

15. João 4:29 *παντα οσα* **Biz** P^{66,75} A D L W Γ Δ Θ Λ Π Ψ 086 1 13 *pl* lat sy^h
 παντα α ℵ B C e a d q sy^p cop
 παντα οσα α 579

(Esta é uma confluência óbvia num MS recente. Notar a forte atestação antiga para a leitura "Bizantina.")

16. João 5:37 *εκεινος* *μεμαρτυρηκεν* P⁷⁵ ℵ B L W 213 *pc* a ff^a j sy^{p,h}
 αυτος μεμαρτυρηκεν **Biz** P⁶⁶ A Γ Δ Θ Λ Π Ψ 063 1 13 *pl* lat
 εκεινος αυτος μαρτυρει D a b c l q

(Isto parece ser um caso de confluência "Ocidental." Notar que aquela que Hort chamou de leitura "Síria tardia" tem atestação muito antiga.)

17. João 7:39 *πνευμα* P^{66c,75} ℵ K N T Θ Π Ψ *pc* bo
 πνευμα αγιον **Biz** P⁶⁶ L W X Γ Δ Λ 0105 1 13 *pl*
 πνευμα δεδομενον lat sy^{c,s,p} Eusébio

πνευμα αγιον δεδομενον B 053 *pc e q sy^{pal,h}*
(το πνευμα το αγιον επ αυτοις) D d f

(Aqui parece que B confla elementos "Bizantinos" e "Ocidentais". Uma vez que Hort não seguiu B, ele deve ter tendido à mesma opinião. Notar que aquela que Hort chamou de leitura "Síria tardia" tem agora atestação muito antiga.)

18. João 10:19 *σχισμα ουν* D 1241 *sy^s*
σχισμα παλιν P⁽⁴⁵⁾⁷⁵ ⋈ B L W X 33 *pc lat sy^p sa*
σχισμα ουν παλιν Biz P⁶⁶ A Γ Δ Θ Λ Π Ψ 1 13 *pl sy^h*

(Um século atrás, isto poderia ter sido interpretado como uma confluência "Síria", mas agora, dificilmente podemos dizer que P⁶⁶ conflou P⁷⁵ e D. A possibilidade tem que ser pelo menos considerada de que aquela que Hort chamou de leitura "Síria tardia" é de fato a mais antiga, a original.)

19. João 10:31 *εβαστασαν* P⁴⁵ Θ
εβαστασαν ουν D 28 1780 *pc lat sy^s bo*
εβαστασαν παλιν (P⁷⁵) ⋈ B L W 33 *pc sy^p*
εβαστασαν ουν παλιν Biz P⁶⁶ A X Π Ψ 1 13 565 *pl f sy^h*

(Um século atrás, isto poderia ter sido interpretado como uma confluência "Síria", mas agora, dificilmente podemos dizer que P⁶⁶ conflou B e D. Tem que ser reconhecida a possibilidade que aquela que Hort chamou de leitura "Síria tardia" é de fato a mais antiga. Todas as três palavras terminam em *nu*, portanto ambas [ou todas as três] leituras mais curtas podem ser o resultado de homoioteleuton.)

20. João 11:22 *αλλα* 1780
και P⁷⁵ ⋈ B C X 1 33 *pc it^{pt}*
αλλα και Biz P^{45,66} ⋈² A C³ D L W Θ Ψ Ω 0250 13 *pl lat sy^{p,h} cop*

(Parece óbvio que a leitura "Bizantina" não pode ser uma confluência da "Alexandrina" e de um manuscrito recente. 1780 deixou de fora parte da leitura "Bizantina." Sugiro a mesma explicação para a leitura "Alexandrina." Observar que a leitura Bizantina tem agora atestação muito antiga.)

21. João 12:9 *οχλος πολυς* Biz P^{66,75} A B² I Q X Θ Ψ 065 1 33 *pl (cop)*
ο οχλος πολυς ⋈ B L *pc lat*
ο οχλος ο πολυς W 1010
ο οχλος ο πολυς P^{66c}

(Confluência ou confusão? Foi P^{66c} que conflou B e W? Ou devemos dizer que P^{66c} tem a leitura original, a qual todos os demais manuscritos [incluindo P^{66*}] simplificaram? Notar que aquela que Hort chamou de leitura "Síria tardia" tem agora a mais antiga atestação, e como!)

(A quarta leitura pareceria ser uma confluência "Ocidental" das leituras "Bizantina" e "Alexandrina".)

| | | |
|----------------|--------------------|-------------------------------------|
| 28. Atos 14:15 | τον θεον ζωντα | D pc |
| | θεον τον ζωντα | ℵ |
| | τον θεον τον ζωντα | Biz P ⁴⁵ H L P pm |
| | θεον ζωντα | P ⁷⁴ B C E 33 al |

(Um século atrás, isto poderia ter sido interpretado como uma confluência "Síria", mas agora, dificilmente podemos dizer que P⁴⁵ confluiu Aleph e D. Por que não dizer que aquilo que Hort chamou de leitura "Síria tardia" não apenas é a mais antiga como também a melhor? Eu diria que a leitura "Alexandrina" é decididamente inferior em termos da estrutura de discurso do texto, o tipo de coisa que engodaria escribas sem domínio do grego koinê como língua materna.⁵⁰⁰)

| | | |
|----------------|------------------------|---------------------------------------|
| 29. Atos 24:14 | τοις προφηταις | Biz ℵ ^c A pm syr bo |
| | εν τοις προφηταις | B C D al |
| | τοις εν τοις προφηταις | ℵ E |

(Esta parece ser uma confluência clara da parte de Aleph.)

| | | |
|---------------|--------------|---------------------|
| 30. Atos 25:5 | τουτω | Biz pm |
| | ατοπον | ℵ A B C E 33 al lat |
| | τουτω ατοπον | Ψ 69 614 al syr bo |

(A terceira leitura pareceria ser uma confluência das leituras "Bizantina" e "Alexandrina".)

| | | |
|-----------------|----------------------------------|----------------------------------|
| 31. 1 Cor. 7:34 | η αγαμος και η παρθενος | P ¹⁵ B P al cop |
| | και η παρθενος η αγαμος | Biz D F G K L Ψ pm it syr |
| | η αγαμος και η παρθενος η αγαμος | P ⁴⁶ ℵ A 33 pc |

(Embora inquestionavelmente antiga, esta realmente parece ser uma confluência da parte de P⁴⁶, etc.)

| | | |
|-----------------|----------|--|
| 32. Filip. 1:18 | πλην | Biz D E K L pm |
| | οτι | B sy ^p |
| | πλην οτι | P ⁴⁶ ℵ A F G P 048 33 pc sa |

(Editores modernos tendem a encarar a leitura longa como original, mas agora que sabemos que o texto "Bizantino" retroage até pelo menos o segundo século, devemos

⁵⁰⁰Para uma descrição completa daquilo que quero dizer por "estrutura de discurso", ver meu livro, *A Framework for Discourse Analysis* (Dallas: Summer Institute of Linguistics and University of Texas at Arlington, 1980).

reconsiderar a possibilidade de que P⁴⁶, etc. têm uma confluência. No exemplo acima, eles já demonstraram esta capacidade.)

33. Col. 2:2 *του Θεου και Πατρος και του Χριστου* **Biz** D^c K *pm* Lect
 του Θεου και Πατρος του Χριστου ᵛ^b Ψ *pc* sy^h
 του Θεου Πατρος και του Χριστου 0208 1908 sy^p
 του Θεου Πατρος του Χριστου A C it^{pt} sa^{pt} bo
 του Θεου Πατρος Χριστου ᵛ 048
 του Θεου Χριστου P⁴⁶ B (só eles)
 του Θεου Χριστου D^b H P 436 1881 sa^{pt}
 (pelo menos sete variações adicionais)

(Os editores do texto da UBS fazem a leitura de B sua primeira escolha, e aquela do texto "Bizantino" sua última! Eles devem considerar a leitura "Bizantina" como sendo uma excelente ilustração de confluência, mas como foi que ela ocorreu? Será que "editores sírios" tomaram emprestado os dois *και* s de Ψ e de 0208 respectivamente, ou eles deixaram de lado partes da leitura mais longa? Foi *Πατρος* tomado emprestado de Aleph, A, C ou estes deixaram de lado mais outras partes do original? Presumivelmente os editores da UBS sentiram que H omitiu parte de B, mas B também poderia facilmente exibir o resultado de omissão, um caso não muito difícil de homoioteleuton [quatro palavras terminam em *-ου*]. Eu submeto [ao leitor minha convicção] que a leitura que melhor explica o surgimento de todas as outras é precisamente aquela do texto "Bizantino".)

34. Col. 3:17 *Κυριου Ιησου* **Biz** P⁴⁶ B (Ψ) *pl*
 Ιησου Χριστου A C D F G
 Κυριου Ιησου Χριστου ᵛ D² 365 1175 *pc*
 (Aleph confla, presumivelmente. Notar a atestação bem antiga para a leitura "Bizantina".)

35. 1 Tes. 5:27 *τοις αγιοις* 103 1984 1985
 τοις αδελφοις ᵛ B D E F G *pc* d e f g sa
 τοις αγιοις αδελφοις **Biz** (P⁴⁶) ᵛ^c A K L P Ψ 33 *pl* it syr bo

(A leitura "Bizantina" dificilmente pode ser uma confluência baseada em 103, portanto 103 deve ter uma simplificação da leitura "Bizantina". Sugiro a mesma explicação para a leitura "Alexandrina-Occidental." Ambas as formas curtas podem facilmente ser o resultado de homoioteleuton [3 x *-οις*].)

36. Heb. 7:22 *και* 920
 κρειττονος **Biz** P⁴⁶ ᵛ^c A C^c D E K L P Ψ *pl* lat syr cop
 και κρειττονος ᵛ B C 33 *pc*

(É claro que B não pode ter uma confluência baseada em 920, a não ser que este seja o único sobrevivente de uma tradição muito antiga, mas também não podemos dizer

que P⁴⁶ está simplificando B. Notar que aqui é o texto "Alexandrino" que tem a leitura "mais completa e suave".)

37. Apo. 6:1/2 *και ιδε* *και ιδου* M^{a,b,ept}
 και ειδον και ιδου M^{c,d,ept} (A C)
 και ιδε και ειδον και ιδου Ξ (sozinho)

(Aqui Aleph confla as leituras de dois grupos de MSS minúsculos. Segue-se que embora estes MSS sejam de data muito mais recente que Aleph, eles refletem uma forma mais antiga do texto. Em 6:3/4 Aleph repete esta leitura em um claro caso de assimilação. A relação de evidências nos exemplos 37, 38, 39 e 49 foi tirada de *The Greek New Testament According to the Majority Text* [Thomas Nelson, 1982].)

38. Apo. 6:5 *και ιδε* *και ιδου* M^{a,b}
 και ειδον και ιδου M^{c,d,ept} C (A)
 και ιδε και ειδον και ιδου Ξ (sozinho)

(Aleph repete a confluência.)

39. Apo. 6:7/8 *και ιδε* *και ιδου* M^{a,b,ept}
 και ειδον και ιδου M^{c,d,ept}
 και ιδον και ιδου A (C)
 και ιδε και ιδον και ιδου Ξ (sozinho)

(Aleph novamente repete a confluência.)

b) Adição + conjunções simples, ou omissão

40. Mat. 4:3 *αυτω ο πειραζων ειπεν* **Biz C L P Θ 0233 pm k sy^h**
 ο πειραζων ειπεν αυτω Ξ B W 1 13 33 al vg sy^p bo
 αυτω ο πειραζων και ειπεν αυτω D it sy^{c,s,pal}

(Aqui presumivelmente temos uma confluência "Ocidental" das leituras "Bizantina" e "Alexandrina".)

41. Mat. 9:18 *εις ελθων/εισελθων* **Biz** Ξ² C D E K M N S V W X Θ 1 33 pm d f
 προσελθων Ξ 69 157 pc q sy^p
 εις προσελθων Ξ¹ B lat pc
 τις προσελθων L 13 al k
 τις ελθων Γ al

(O códice B parece ter uma confluência, uma opinião com a qual os editores dos textos da UBS evidentemente concordam.)

42. Mat. 27:41 *και πρεσβυτερων* A B L Θ 1 13^{pt} 33 al it^{pt} vg sa
 και Φαρισαιων D W pc it^{pt} sy^s

και πρεσβυτερων και Φαρισαιων **Biz** Δ Φ 13^{pt} *pm* sy^{p,h} bo Diatessaron

(Aqui, finalmente, parece que temos uma clara confluência "Bizantina", embora datando do segundo século. A cláusula completa, no texto "Bizantino", é esta: *οι αρχιερεις εμπαιζοντες μετα των γραμματεων και πρεσβυτερων και Φαρισαιων ελεγον*. Ela realmente parece ser um pouquinho cheia demais; tanto que editores treinados em Alexandria bem que podem ter sido tentados a melhorar o estilo por encurtá-la. Não pode a leitura "Ocidental" ser o resultado de parablepsis? De fato, ambas as formas curtas podem facilmente ser o resultado de homoioteleuton [–ων και, –ων και, –ων].)

43. Lucas 24:53 *ιουντες* D it^{pt}
 ευλογουντες P⁷⁵ ⋈ B C L cop sy^{s,pal}
 αιουντες και ευλογουντες **Biz** A C² K W X Δ Θ Π Ψ 063 1 13 *p*/it^{pt} vg sy^{p,h} Diat.

(Esta é uma das oito "confluências Sírias" de Hort. De acordo com o próprio julgamento de Hort, nos últimos 3 capítulos de Lucas o códice D omitiu 329 palavras do texto genuíno, além de ter adicionado 173, substituído 146, e transposto 243. Uma vez que o produtor de D estava numa orgia de omissões nestes capítulos, não é irrazoável sugerir que D simplesmente omitiu "e bendizendo" do texto original, um caso fácil de homoioteleuton. Também não é difícil imaginar que editores, treinados em Alexandria, poderiam reduzir a leitura mais longa para as proporções exibidas pelo texto "Alexandrino". Notar, uma vez mais, que a leitura Bizantina tem atestação do segundo século.)

44. Atos 20:28 *του κυριου* P⁷⁴ A C D E Ψ 33 *al* cop
 του θεου ⋈ B 056 0142 *al* syr
 του κυριου και θεου **Biz** L P 049 *pm*

(Aqui temos um excelente candidato para uma confluência "Bizantina", mas somente caso a interpretação oposta possa ser rejeitada. A leitura de A pode facilmente ser um caso de homoioteleuton e aquela de B o resultado de parablepsis ou de revisão estilística—observar que três palavras terminam em -ου.)

45. Atos 25:6 *πλειους η δεκα* **Biz** Ψ *pm*
 οκτω η δεκα 2147 *pc* syr
 πλειους οκτω η δεκα E *al*
 ου πλειους οκτω η δεκα (P⁷⁴ ⋈) A B C 33 *pc* lat bo

(Seria esta uma confluência "Alexandrina"?)

46. 2 Cor. 11:3 *της απλοτητος* **Biz** ⋈^c H K P Ψ 0121 0243 *pm* vg
 syr
 της αγνοτητος cinco pais primitivos
 της απλοτητος και της αγνοτητος P⁴⁶ ⋈ B G 33 *pc* it cop
 της αγνοτητος και της απλοτητος D

(Os editores das edições UBS evidentemente concordam que a leitura "Bizantina" aqui é genuína.)

52. Mat. 8:1 *καταβαντι δε αυτω* **Biz** K L (Δ) *pm* (lat sy^{p,h})
 και καταβαντος αυτου Z sy^{c,pal}
 καταβαντος δε αυτου B C W Θ 33 (lat sy^{p,h}) cop
 καταβαντι δε αυτου Ξ

(Se alguém conflou, pareceria ser os "Alexandrinos." Aleph certamente tem uma confluência.)

53. Mat. 9:2 *σου αι αμαρτιαι* Ξ B C W Δ 1 33 *pc*
 σοι αι αμαρτιαι D Δ^c *pc k*
 σοι αι αμαρτιαι σου **Biz** L Θ 0233^v 13 *pm lat syr*
 σου αι αμαρτιαι σου M

(O códice M evidentemente conflou, mas deveríamos dizer o mesmo do texto "Bizantino"? Não seriam as leituras "Alexandrina" e "Ocidental" simplificações independentes?)

54. Mat. 10:3 *Θαδδαιος* Ξ
 και *Θαδδαιος* B *pc vg cop*
 και Λεββαιος D 122 d k
 και Λεββαιος ο επικληθεις Θαδδαιος **Biz** C² K L W X Δ Θ Π 1 *pl syr*

(A leitura "Bizantina" realmente não apresenta as características de uma confluência. A leitura de Aleph é obviamente errada. A leitura "Ocidental" pode facilmente ter resultado de homoioteleuton. Não é difícil imaginar que editores treinados em Alexandria possam preferir uma leitura mais curta.)

55. Mat. 10:13 *ει δε μηγη* D sy^s
 εαν δε μη η αξια **Biz** Ξ B *pl lat sy^{p,h}*
 ει δε μη αξια L

(Isto parece ser uma confluência da parte do códice L.)

56. Mat. 12:4 *εφαγεν ους* **Biz** (P⁷⁰) C K L Δ Θ Π 0233 1 33 *pl vg sy^h cop*
 εφαγον ο B 481
 εφαγεν ο D W 13 it sy^{p,(c)}
 εφαγον ους Ξ

(Aleph e o texto "Ocidental" parecem ter confluências independentes da leitura "Bizantina" e daquela de B. P⁷⁰ tem *εφαγεν* mas nenhum pronome [o papiro está quebrado]—portanto a forma "Bizantina" do verbo tem a atestação mais antiga.)

57. Mat. 12:46 *ετι αυτου λαλουντος* Ξ B 33 *pc lat*

λαλουντος δε αυτου D L Z 892 sy^p
ετι δε αυτου λαλουντος Biz C W Θ 1 13 pm sy^h

(É esta uma confluência "Bizantina", ou são as outras duas leituras simplificações independentes?)

58. Mat. 13:28 *οι δε αυτω λεγουσιν* B 157 pc cop
οι δε δουλοι ειπον αυτω Biz L W Θ 1 13 pm vg sy^h
οι δε δουλοι αυτω λεγουσιν C
λεγουσιν ουτω οι δουλοι D it (sy^{c,s,p})
οι δε δουλοι λεγουσιν αυτω ⋈

(Confluência ou confusão? Ambos C e Aleph parecem ter confluências, ambas baseadas na leitura "Bizantina", combinada com B e D, respectivamente. Surpreendentemente, o texto da UBS segue Aleph, sem comentários, enquanto Nestle²⁴ segue C. A leitura de B pareceria ser um erro claro.)

59. Mat. 14:6 *γενεσιων δε αγομενων* Biz W 0119 0136 13 pm ff¹ sy^{h mg}
γενεσιοις δε γενομενοις ⋈ B D L Z pc (syr)
γενεσιοις δε αγομενοις 1 pc
γενεσιων δε γενομενων C K N Θ al (syr)

(O códice C e f¹ parecem ter confluências independentes, combinando as leituras "Bizantina" e "Alexandrina.")

60. Mat. 14:34 *επι την γην Γεννησαρετ* C N 13 al sy^{pal}
εις την γην Γεννησαρετ Biz L 1 pm lat sy^{p,(c,s)}
επι την γην εις Γεννησαρετ ⋈ B W Δ 0119 33 pc sy^h
επι την γην εις Γεννησαρ D 700

(Não poderia esta ser uma confluência "Alexandrina/Ocidental"?)

61. Mat. 15:14 *οδηγοι εισιν τυφλοι τυφλων* Biz C W X Δ Π 0106 pm q
οδηγοι εισιν τυφλοι ⋈ cop sy^c
οδηγοι εισιν τυφλων K pc sy^s
τυφλοι εισιν οδηγοι B D 0237
τυφλοι εισιν οδηγοι τυφλων ⋈^c L Z Θ 1 13 33 al/lat sy^{p,h}

(A leitura "Alexandrina" parece ser uma confluência das "Bizantina" e "Ocidental." Os códices Aleph e K parecem ter reduções independentes da leitura "Bizantina", devido a homioarcton.)

62. Mat. 17:7 *προσελθων . . . ηψατο αυτων και ειπεν* Biz C L W 1 pm sy^h
προσηλθεν . . . και αψαμενος αυτων ειπεν ⋈ B pc
προσελθων . . . και αψαμενος αυτων ειπεν Θ 13 pc
προσηλθεν . . . και ηψατο αυτων και ειπεν D lat sy^{p,pal,(c)}

(As leituras "Ocidental" e "Cesareana" parecem ser confluções independentes das leituras "Bizantina" e "Alexandrina".)

63. Mat. 19:9

μη επι πορ. και γαμ. αλλην μοιχαται Biz ᵛ C^c K L N (W) Z Δ Θ Π 078
ρm vg sy^{s,p,h}
παρ. λογου πορ. ποιει αυ. μοιχευθηναι (P²⁵) B 1 bo
παρ. λογου πορ. και γαμ. αλλην μοιχαται D 13 33 *pc it sy^{c,pal} sa*
μη επι πορ. και γαμ. αλλην ποιει αυ. μοι. C 1216 *pc*

(A leitura "Ocidental" e o códice C têm confluções independentes das leituras "Bizantina" e "Alexandrina".)

64. Mat. 20:10

ελθοντες δε Biz ᵛ L W Z 1 *pm sy^h bo*
και ελθοντες B C D Θ 085 13 33 *pc e sy^{c,s,p}*
ελθοντες δε και N 473 *pc lat arm*

(Uma variedade de testemunhas confla as leituras "Bizantina" e "Alexandrina".)

65. Mat. 22:13

αρατε αυτον ποδων κ. χειρων και β. α D it^{pt} *sy^{c,s}*
δησαντες αυτου ποδας κ. χειρας εκβ. α. ᵛ B L Θ 085 1 (13) *pc it^{pt} vg*
sy^p cop
δησαντες αυτου ποδας κ. χειρας αρατε α. και εκβ. Biz C W 0138 *pm (M Φ a)*
sy^h

(É esta realmente uma conflução "Bizantina?" A leitura mais longa é perfeitamente razoável como se encontra; talvez um pouquinho "completa" demais para editores treinados em Alexandria, mas perfeita para um judeu falando aramaico. Não pode a leitura "Ocidental" ser uma revisão latina?)

66. Marcos 4:5

και οτι D W it *sy^s*
οπου Biz ᵛ A *pl vg sy^{p,h}*
και οπου B

(Uma conflução evidente por parte de B.)

67. Marcos 7:35

διηνοιχθησαν Biz P⁴⁵ A N X Γ Π 0131 13 *pm lat syr*
ηνοιχθησαν L
ηνοιγησαν ᵛ B D Δ 0274 1 892
διηνοιγησαν W Θ *pc*

(Tem P⁴⁵ conflado L e W, ou têm estes chegado a confluções independentes, a partir das leituras "Bizantina" e "Alexandrina"? Notar que o que Hort chamou de leitura "Síria tardia" tem agora a atestação mais antiga.)

68. Marcos 9:49

πας γαρ πυρι αλισθησεται

B L (N W) Δ 0274 1 13 *pc sy^s sa* Diat^{apt}

πασα γαρ θυσια αλι αλισθησεται

D it

πας γαρ πυρι αλισθησεται και πασα θυσια αλι αλισθησεται

Biz A E K N Π Σ (C X Θ Ψ) *pm fl q vg sy^{p,h}* Diat^{apt,p}

(Esta é outra das "confluções Sírias" de Hort. Mas a leitura "Alexandrina" pode facilmente ser o resultado de homoioteleuton, e um outro caso de *parablepsis* pode ter dado origem à leitura "Occidental". A presença do artigo referindo-se a "sal", no início do verso 50, não sugere que "sal" já tem sido introduzido no contexto anterior? Em todo caso, a leitura "Bizantina" tem atestação antiga e não pode ser descartada como "Síria tardia".)

69. Marcos 12:17

και αποκριθεις

W 258 *al*

ο δε Ιησους

N B C L Δ Ψ 33 *pc sy^(p) cop*

και αποκριθεις ο Ιησους

Biz P⁴⁵ A N X Γ Π Φ 1 13 *pm sy^{(s),h}*

αποκριθεις δε ο Ιησους

D 700 *pc lat*

αποκριθεις δε

Θ 565

(Quem está conflando quem? Parece mais provável que a leitura de *Theta* tem simplificado a "Occidental" do que esta ter estendido aquela. Mas a leitura "Occidental" pode bem ser uma conflução das "Bizantina" e "Alexandrina". Parece claro que P⁴⁵ não pode ter conflado W e B, mas não podem estes manuscritos ter simplificações independentes da leitura "Bizantina"? Notar que a leitura que Hort chamou de "Síria tardia" tem agora a atestação mais antiga.)

70. Luc. 9:57

και πορευομενων

P^{45,75} N B C L Θ Ξ 33 *pc sy^{c,s,p} bo*

εγενετο δε πορευομενων

Biz A W Ψ 1 *pm lat sy^h*

και εγενετο πορευομενων

D 13 a c e r¹

(Isto pareceria ser uma conflução "Occidental".)

71. Luc. 10:42

ενος δε εστιν χρεια

Biz P^{45,75} A C K P W Γ Δ Θ Λ Π Ψ 13 *pl lat sy^{c,p,h} sa*

ολιγων δε χρεια εστιν η ενος

B

ολιγων δε εστιν χρεια η ενος

P³ L C² 1 33 *pc sy^{hmg} bo*

ολιγων δε εστιν

η ενος N

(Os MSS usualmente associados com o tipo-de-texto "Alexandrino" estão aqui muito divididos. O códice L [e seus acompanhantes] talvez tenha conflado as leituras "Bizantina" e aquela de B. Notar que a leitura "Síria tardia" de Hort tem agora a atestação mais antiga, com vingança!)

da mais porque ele freqüentemente também fez o oposto, i.e. mudou uma leitura "Alexandrina" para uma "Bizantina". Isto em 200 DC!)

78. João 9:6 *επεθηκεν* B *pc*
εχρισεν 661
επεχρισεν **Biz** P^{66,75} ⋈ A C D K L W Δ Θ Π Ψ 0124 0216 1 13 *pl* lat syr
 cop

(Presumivelmente, mesmo antes do advento de P^{66,75}, ninguém desejaria sugerir que a leitura "Bizantina" seja uma confluência de B e 661 ! Mesmo assim, Hort seguiu B. . . .)

79. João 9:8 *τυφλος ην* **Biz** C³ Γ Δ *pm*
προσαιτης ην P^{66,75} ⋈ B C D *a/lat cop sy*^{s,p,h}
τυφλος ην και προσαιτης 69 *pc e sy*^{pal}

(Uma confluência evidente da parte de uns poucos MSS.)

80. João 11:44 *αυτοις ο Ιησους* **Biz** P^{45,66} ⋈ A C² D X Γ Δ Θ Λ Π Ψ 0250 1 13 *pl* it
αυτοις 157
ο Ιησους 700 *sy*^s
ο Ιησους αυτοις L W
Ιησους αυτοις P⁷⁵ B C cop

(157 e 700 têm simplificações independentes da leitura "Bizantina". Sugiro a mesma explicação para a leitura "Alexandrina"—os editores do texto da UBS evidentemente concordam, mas Hort não.)

81. João 13:24
πυθεσθαι τις αν ειη π. ου λεγει **Biz** P⁶⁶ A (D) K W Γ Δ Λ
 Π 1 13 *pl* syr cop
και λεγει αυτω ειπε τις εστιν π. ου λεγει B C I L X 068 33 *pc*
πυθεσθαι τις αν ειη π. ου ελεγεν και λεγει αυτω ειπε τις εστιν π. ου λεγει ⋈

(Esta pareceria ser uma confluência aberrante demais da parte de Aleph, baseada nas leituras "Bizantina" e "Alexandrina".)

82. João 13:36 *απεκριθη* B C L *pc* lat cop
λεγει αυτω D
απεκριθη αυτω **Biz** P⁶⁶ ⋈ A C³ K W X Γ Δ Θ Λ Π Ψ 1 13 *pl*

(Um século atrás este caso poderia ter sido interpretado como uma confluência "Síria" das leituras "Alexandrina" e "Ocidental", mas agora a presença de P⁶⁶ mais apropriadamente encoraja a conclusão oposta.)

83. Atos 11:7 *ηκουσα δε* **Biz L P pm**
 και ηκουσα D pc sy^s
 ηκουσα δε και ℵ A B E al cop

(Não pode esta ser uma confluência "Alexandrina"?)

84. Atos 23:9 *τινες* P⁷⁴ A E 33 pc bo
 οι γραμματεις **Biz pm**
 τινες των γραμματεων ℵ B C al sa

(Não pode esta ser uma confluência "Alexandrina"?)

85. Rom. 6:12 *αυτη* P⁴⁶ D E F G d f g m
 ταις επιθυμιας αυτου ℵ A B C al lat cop
 αυτη εν ταις επιθυμιας αυτου **Biz K L P Ψ pm**

(Aqui está outro excelente candidato para uma confluência "Bizantina", a não ser que as outras duas leituras sejam simplificações independentes. Se a leitura "Ocidental" fosse original, como poderia a "Alexandrina" ter surgido, e vice-versa? Mas se a leitura "Bizantina" é a original, as outras duas são facilmente explicadas.)

86. 1 Cor. 9:21 *κερδησω ανομους* **Biz ℵ^c K L Ψ pl**
 κερδανω τους ανομους ℵ A B C P 33 pc
 κερδησω τους ανομους P⁴⁶
 κερδανω ανομους F G
 τους ανομους κερδησω D E

(Não pode este caso envolver uma confluência "Ocidental", ou talvez duas delas? Notar que P⁴⁶ dá apoio à forma "Bizantina" do verbo—se a sua leitura for uma confluência, então os componentes "Bizantino" e "Alexandrino" já existiam em 200 DC.)

87. 2 Cor. 7:14 *επι τιτου αληθεια* ℵ B pc
 η προς τιτον αληθεια D E F G P Ψ pc lat syr cop
 η επι τιτου αληθεια **Biz P⁴⁶ ℵ^c C K L 0243 pl**

(Um século atrás este caso poderia ter sido interpretado como uma confluência "Síria", mas P⁴⁶ agora faz a leitura "Bizantina" a mais antiga e fortalece sua reivindicação a ser a original—uma reivindicação com a qual os editores do texto da UBS evidentemente concordam.)

88. 1 Tes. 3:2 *και διακονον του Θεου και συνεργον ημων* **Biz K pl syr**
 και διακονον του Θεου ℵ A P Ψ pc lat cop
 και συνεργον B 1962

| | | |
|-----------------|------------------------------|----------------|
| | <i>και συνεργον του Θεου</i> | D 33 b d e mon |
| <i>διακονον</i> | <i>και συνεργον του Θεου</i> | G f g |

(Ambas as leituras "Alexandrinas" podem ser o resultado de homoioarcton [2 x *και*]; ou será que B simplificou a leitura "Ocidental"? O códice G evidentemente tem uma confluência e o códice D também pode ser dito ter uma. É a leitura "Bizantina" uma confluência, ou é ela a original, a qual todas as outras têm alterado, de uma maneira ou de outra?)

| | | |
|----------------|---|---|
| 89. 2 Tes. 3:4 | <i>και εποιησατε και ποιειτε</i> | G |
| | <i>και ποιειτε και ποιησετε</i> | Biz ℵ ^c D ^c Ψ ρl |
| | <i>ποιειτε και ποιησετε</i> | ℵ A ρc |
| | <i>ποιειτε και ποιησατε</i> | D |
| | <i>και εποιησατε και ποιειτε και ποιησετε</i> | B sa |

(Este caso pareceria ser uma confluência [não muito elegante] por parte de B, que é abandonada tanto pelo texto Nestle como pelo UBS. O códice D parece ter uma confluência independente.)

| | | |
|------------------------|--|----------------------|
| 90. Heb. 9:10 | | |
| <i>και δικαιωμασιν</i> | D ² K L 056 075 0142 0150 0151 0209 0220 (532 MSS = 94%) ⁵⁰¹ | a vg sy ^h |
| <i>δικαιωματα</i> | P ⁴⁶ ℵ A I P 0278 (24 MSS = 5%) | b sa |
| <i>και δικαιωματα</i> | ℵ ² B (8 MSS = 1%) | |
| <i>δικαιωμα</i> | D (sozinho) | |

(Uma confluência evidente da parte de B, construída sobre as leituras "Bizantina" e "Alexandrina". Notar que 0220 é do século III, dando à leitura "Bizantina" atestação antiga cabal.)

b) Diferenças substanciais—"confluência" duvidosa

| | | |
|----------------|--|-------------------------|
| 91. Mat. 10:23 | <i>φευγετε εις την αλλην</i> | Biz C K X Δ Π ρl |
| | <i>φευγετε εις την ετεραν</i> | ℵ B W 33 ρc |
| | <i>φευγετε εις την αλλην κ. εκ τ. δ. υ. φευγετε εις την ετεραν</i> | Θ (D L 1 13) ρc |

(A leitura "Ocidental" aqui parece incluir uma confluência das "Bizantina" e "Alexandrina".)

| | | |
|----------------|------------------------------|---------------------------------|
| 92. Mat. 27:23 | <i>ο δε εφη</i> | ℵ B Θ 028113 33 ρc sa |
| | <i>λεγει αυτοις ο ηγεμων</i> | D L 1 ρc lat sy ^p bo |

⁵⁰¹Esta contabilidade de evidências é baseada na série *Text und Textwert*, ed. K. Aland. Ela representa uma colação quase completa dos MSS ainda hoje conhecidos.

ο δε ηγεμων εφη **Biz** A W 064 0250 *pm sy^h*

(Conflação ou confusão?)

93. Marcos 6:33

ε. και προηλθον αυτους και συνηλθον προς αυτον **Biz** P^{84v} E G K Π (A N Σ 13) *pm f (q)*
sy^h

ε. και προηλθον αυτους

ℵ B (0187^v) *pc aur l vg (cop)*

ε. και προσηλθον αυτους

L *pc*

ε. και προσηλθον αυτοις

Δ Θ

ε. και συνηλθον αυτου

D (28 700) *b*

ε. και ηλθον αυτου

565 *it Diat^p*

προς αυτους και συνηλθον προς αυτον

33

(Esta é outra das "conflações Sírias" de Hort. Mas, a não ser que alguém esteja preparado a argumentar que é baseada em 33, ela não satisfaz os requisitos para uma conflação e pode apropriadamente ser vista como a original, que todas as outras têm simplificado. A discussão deste caso, por Hort, tem sido vista por alguns como sendo especialmente impressionante, mas eu diria que ele simplesmente entendeu mal o significado básico do texto. No verso 34 Jesus saiu do barco, não de algum local isolado em terra. A turma do Egito pode ter tido a mesma dificuldade de Hort e produzido a leitura "Alexandrina". A leitura "Ocidental" [e a "Alexandrina"] pode ser o resultado de um pouco de *parablepsis* [homoioarcton—2 x *και*]. A leitura de 33 é evidentemente secundária, fosse como fosse que surgiu.)

94. Marcos 8:26

μηδε εις την κωμην εισελθης μηδε ειπης τινη εν τη κωμη **Biz** A C E K N X Δ Π Σ 33 *pl*
sy^{p,h} Diat

μηδε εις την κωμην εισελθης

ℵ^c B L 1 *pc cop sy^s*

μη εις την κωμην εισελθης

ℵ W

υπαγε εις τον οικον σου και μηδενι ειπης εις την κωμην

D d q

υπαγε εις τον οικον σου και εαν εις την κωμην εισελθης μηδενι ειπης μηδε εν τη κωμη
13 (Θ *pc lat*)

(Esta é outra das "conflações Sírias" de Hort, mas a leitura "Bizantina" não satisfaz as exigências para uma conflação e pode razoavelmente ser vista como a original—a turma do Egito pode ter sentido que ela era redundante, reduzindo-a à leitura "Alexandrina", embora esta possa também ser o resultado de homoioarcton [2 x *ΜΗΔΕΕ*]. O texto "Ocidental" reescreve o material, como faz freqüentemente. A leitura "Cesareana" evidentemente envolve uma conflação.)

95. Marcos 9:38

ος ουκ ακολουθει ημιν και εκωλυσαμεν αυτον οτι ουκ ακολουθει ημιν

Biz A E K N Π Σ *pm sy^h*

ος ουκ ακολουθει ημιν και εκωλυσαμεν αυτον

X (W 1) 13 *pc lat*

ος ουκ ακολουθει μεθ ημων και εκωλυομεν αυτον

D

και εκωλυσαμεν αυτον οτι ουκ ακολουθει ημιν

C *pc aur f cop*

βαψας ουν Ξ B C L X 33 *pc*
και βαψας D *pc*

(É esta uma confluência "Ocidental"? Notar que a leitura "Bizantina" agora tem a atestação mais antiga.)

105. João 14:5

δυναμεθα την οδον ειδεναι
 cop

Biz P⁶⁶ A L N Q W X Γ Δ Θ Λ Π Ψ 1 13 *pl* lat syr

την οδον ειδεναι δυναμεθα Ξ K
την οδον οιδαμεν D
οιδαμεν την οδον B C a b e

(Está B baseado em D, ou D conflou B e o resto? Notar que a leitura "Bizantina" agora tem a mais antiga das atestações. Os editores do texto da UBS evidentemente concordam que a leitura "Bizantina" é a original.)

106. 1 Ped. 5:8

τινα καταπιη
τινα καταπιν
τινα καταπιει
καταπιειν
τινα καταπιειν

Biz P⁷² A 056 (33) *pm* lat syr
 Ξ
 0142 *pc*
 B Ψ 0206 1175 *pc*
 Ξ^c K L P 049 *al* bo

(A 5^a linha pode ser uma confluência da 1^a e da 4^a. A 2^a linha é provavelmente um erro de grafia a partir da 1^a—*H* se tornou *N*—enquanto a 3^a é também um erro de grafia a partir da 1^a. Notar que a leitura "Bizantina" agora tem a atestação mais antiga.)

Avaliação

Embora muitos dos exemplos no Grupo 2 dificilmente oferecem as características essenciais para uma confluência ser possível, outros sim oferecem, em maior ou menor escala. Farei algumas observações e formularei algumas conclusões, enquanto reconheço que a evidência não é tão clara quanto na primeira seção.

Deixando probabilidades de lado por enquanto, tabularei as confluências "possíveis" (muitas das quais são inteiramente improváveis).

| | Total | Exemplos |
|---|-------|---|
| Tipo-de-texto Ocidental 93, 104, 105 | 15 | 50, 56, 60, 62, 63, 64, 69, 70, 86, 88, 89, 91, |
| Tipo-de-texto Alexandrino | 8 | 50, 52, 60, 61, 71, 83, 84, 110 |
| Códice B | 3 | 66, 89, 90 |

| | | |
|-------------------------|----|--|
| Códice Aleph | 4 | 52, 56, 58, 81 |
| Tipo-de-texto Bizantino | 24 | |
| com atestação antiga | 9 | 69, 72, 73, 74, 78, 80, 82, 87, 101 |
| faltando fenômenos | 5 | 54, 93, 94, 96, 98 |
| realmente "possíveis" | 10 | 51, 53, 57, 65, 68, 85, 88?, 92?, 95, 99 |

Nenhuma das "conflações" Ocidentais tem apoio de papiros antigos, e creio que há um consenso geral entre os estudiosos que nenhum dos exemplos "Ocidentais", exceto 88, é original, quer o mecanismo que deu origem às leituras tenha sido conflação em todos os casos, quer não.

Nenhuma das "conflações" Alexandrinas (incluindo aquelas de B e Aleph) tem apoio de papiros antigos. Creio que todas as leituras de B e a maioria das de Aleph são universalmente rejeitadas pelos estudiosos (o texto da UBS segue Aleph no exemplo 58). Editores modernos continuam a adotar as variantes "Alexandrinas".

Nove das "conflações" Bizantinas têm atestação por papiros antigos (e em apenas cinco das ocorrências qualquer das outras leituras tem tal apoio), portanto elas não podem ser usadas para argumentar que o tipo-de-texto "Bizantino" é tardio. Dos quinze casos sem atestação por papiros antigos, em apenas quatro deles qualquer das outras leituras tem tal apoio (85, 96, 98, 99). Submeto [ao leitor a convicção] que em pelo menos cinco casos (creio que 88 e 92 também devem ser incluídos) a leitura "Bizantina" não exhibe as características necessárias para uma conflação. A maior parte destas está entre as oito "conflações Sírias" de Hort, de modo que senti-me abrigado a incluí-las, para não ser acusado de suprimir evidência desfavorável. Com referência aos oito casos restantes que podem ser toleravelmente descritos como possíveis conflações, creio que eles são mais razoavelmente explicados como sendo as leituras originais (ver os comentários sob cada uma delas). É significativo que em trinta e dois dos exemplos dados no Grupo 2, o texto "Bizantino" está sendo possivelmente conflado por outras testemunhas, e em vinte e cinco exemplos (não necessariamente os mesmos) a leitura "Bizantina" tem apoio por papiros antigos—em três casos adicionais alguma característica significativa da leitura "Bizantina" tem apoio por papiros antigos, e em ainda um outro caso apoio do Diatessaron (segundo século). Das possíveis "conflações Bizantinas" há consenso generalizado que 51, 80 e 87 são leituras originais.

Conclusão

A evidência apresentada neste apêndice justifica as seguintes declarações:

- 1) testemunhas "Ocidentais" têm claras, indubitáveis confluções;
- 2) testemunhas "Alexandrinas" têm claras, indubitáveis confluções;
- 3) muitas confluções aparentes se edificam sobre leituras "Bizantinas";
- 4) numerosas leituras previamente tidas como sendo "confluções Sírias" tardias agora têm atestação antiga cabal;
- 5) segue-se que a atribuição e uso do termo "conflação", por Hort, são errôneos.

Tem sido costume referir-se ao texto "Bizantino" como "o texto posterior e conflado,"⁵⁰² como se "conflação" fosse uma característica difundida através de todo este texto. A evidência acima apresentada dificilmente dá apoio a uma tal caracterização, uma vez que em completos 60% dos exemplos o texto "Bizantino" aparece como componente e não como resultado da "conflação". Já fiz referência ao *Atlas* de Hutton (no capítulo 4, na seção "Conflação"), o qual provê evidência que há acima de 800 locais onde os "produtores" do texto "Bizantino" poderiam ter conflado as leituras "Ocidental" e "Alexandrina" (segundo a hipótese de Hort), mas não o fizeram.

Espero que o leitor não me julgará irrazoável se eu expressar a esperança que todos os interessados neste assunto lealmente concederão que o fantasma de "conflação Síria" tem sido sepultado. Daqui em diante, ninguém pode razoável ou responsabilmente caracterizar o tipo-de-texto "Bizantino" como sendo "conflado", nem utilizar essa alegação para argumentar que ele tem que ser tardio.⁵⁰³

⁵⁰²Metzger, *The Text*, p. 136. Para surpresa minha, D.A. Carson parece ainda ser desta opinião tão recentemente como em 1979. Em sua crítica (*The King James Version Debate*, Grand Rapids: Baker, "Appendix") à primeira edição deste meu livro, ele declarou que "estudiosos textuais mantêm que uma característica primária do tipo-de-texto bizantino é sua tendência de conflar leituras" (pag. 110) e fala da "tradição bizantina em sua forma conflada, matura" (pag 112). O leitor está agora em alguma posição para formar sua própria opinião sobre este assunto.

⁵⁰³Estou ciente de que o mecanismo operando, principalmente nos Evangelhos, em muitos ou na maioria dos casos foi provavelmente de harmonização, ao invés de conflação. Uma vez que ambos os mecanismos produzem leituras secundárias, o efeito básico deste apêndice não fica alterado por uma escolha entre eles. Também estou ciente de que não posso **provar** conflação ou harmonização em caso algum. Mas então, asseguradamente, também Hort não o pôde, e mais ninguém poderá.

Apêndice E

DETERMINAÇÃO DE TEXTO NA PASSAGEM DA "COLHEITA DE ESPIGAS NO SÁBADO"

(Mt. 12:1-8; Mc. 2:23-28; Lc. 6:1-5)

Por Dr. Jakob van Bruggen (Holanda)⁵⁰⁴

Introdução

Entre a Versão Autorizada e as traduções modernas em inglês há várias diferenças que derivam de diferenças nos textos gregos adotados. Algumas vezes Nestle²⁵ (N²⁵) coloca o símbolo p) ao lado das leituras agora desprezadas, para indicar a opinião que estas leituras "provavelmente se infiltraram de um dos outros Evangelhos" (prefácio de N²⁵, pag. 80*).⁵⁰⁵ N25 menciona um total de seis casos de leituras corrompidas por paralelismo no texto koinê (texto K) (ver *Tabela I*). Com isto, levanta-se suspeita sobre o texto K em geral e, em particular, contra as leituras das passagens aqui focalizadas. Assim Metzger, no seu *Textual Commentary*, escreve sobre Mateus 12:4: "Embora *efagon* seja apoiado apenas por \aleph B e 481, como leitura não paralela é mais provável de ter sido alterada para *efagen* do que vice-versa."

Tabela I

| Lista das leituras que são qualificadas como p) em N ²⁵ e pertencem ao texto K | | | |
|---|---|--|--|
| | N25 | Texto K | Passagem paralela |
| Mt 12:4 | B \aleph 481 <i>evfagon</i> | <i>rell. evfagen</i> | Mc 2:26; Lc 6:4 <i>evfagen</i> |
| Mt 12:4 | B D Φ it <i>ò`</i> | \aleph C \aleph Q <i>pl ou`j</i> | Mc 2:26 <i>ou`j</i> |
| Mc 2:26 | B D -- | \aleph C \aleph Q <i>pl pw`j</i> | Mt 12:4 <i>pw`j</i> |
| Lc 6:2 | P ^{75vid} B (D) <i>pc lat --</i> | \aleph C \aleph Q <i>pl poièn</i> | Mt 12:2 <i>poièn</i> |
| Lc 6:4 | B <i>al --</i> | \aleph \aleph D Q <i>pm kai</i> | Mc 2:26 <i>kai</i> |
| Lc 6:5 | B \aleph <i>tou sabb`A o` ui`oj t`A avnqr`A</i> | \aleph (D) Q <i>pl ò o` ui`oj t`A av`A kai t`A sab`A</i> | Mc 2:28 <i>o` ui`oj t`A aaa aaa a.av`A kai t`A sab`A</i> |

Uma comparação com o aparato crítico em *Synopsis Quattuor Evangeliorum*, de Aland (1964), mostra que a suspeita a respeito das leituras abandonadas nem sempre permanece. Duas vezes a sinopse permite a designação qualificadora p) ser abandonada e em um destes casos ela também abandona a hesitação sobre a genuidade do

⁵⁰⁴Jakob van Bruggen é professor catedrático de exegese do Novo Testamento na Faculdade de Teologia Reformada em Kampen, Holanda. O material neste apêndice vem de uma palestra (não publicada) proferida em holandês. Com exceção de umas poucas alterações estilísticas, a tradução para o inglês que o Dr. van Bruggen me enviou é reproduzida à risca, com a devida autorização.

Críticos da 1ª edição deste livro observaram, corretamente, que a minha discussão de "harmonização" era fraca. Incluo este apêndice a título de resposta parcial a tais críticas. Creio que justifica duas conclusões: 1) muitas harmonizações aparentes podem razoavelmente ser interpretadas de outras maneiras, e 2) os textos "Alexandrino" e "Occidental" podem ser descritos como sendo igualmente culpados de harmonizar com o texto "Bizantino".

⁵⁰⁵N.Trads.: o símbolo p) deriva da palavra *paralelismo*; indica a opinião dos críticos que o texto foi adulterado naquele ponto para ficar paralelo ao conteúdo de outro local.

texto originalmente seguido (em Mc 2:26 os colchetes ao redor de *pw/j* desaparecem; em UBS³ eles não reaparecem). Por outro lado, uma variante não mencionada em N²⁵ é incluída como uma variante p), para descrédito do texto K (ver *Tabela II*).

Tabela II

| Diferenças entre Aland (Synopsis) e N ²⁵ concernentes às assim chamadas variantes p) no texto K | |
|--|---|
| Mt 12:4 | a qualificação p) é abandonada com a leitura <i>evfagen</i> |
| Mc 2:26 | os colchetes em volta de <i>pw/j</i> desaparecem; a designação p) no aparato crítico é abandonada |
| Mc 2:26 | a variante <i>toij i'ereusin</i> (C Ɔ A D W Q <i>pm</i> lat) é incluída como leitura p) |

Número e Distribuição das Variantes p)

Um estudo das leituras que podem ser qualificadas como p) leva à conclusão que todos os tipos de texto incluem tais leituras.

A lista das possíveis variantes p) (ver *Tabela III* [no final do apêndice]) inclui as duas leituras que foram qualificadas em N²⁵ (mas não na Synopsis) como leituras p). Também incluída foi a variante *+deuteroprwtw* de Lucas 6:1 (a omissão desta palavra é muito similar à omissão das palavras *epi Abiaqar arciepewj* em Marcos 2:26; este último caso foi classificado como p) por Aland, na Synopsis). Também, a inserção de *twn* em Lucas 6:1 foi considerada uma variante p). Assim, quatro outras variantes foram incluídas além das dezenove que Aland, na Synopsis, mencionou como variantes p), de acordo com o critério que evidentemente tinha usado nos outros dezenove casos. A inclusão destas quatro leituras (números 2, 11, 12 e 13) é mais detrimental do que vantajosa ao texto K; B tem apenas uma enquanto o texto K tem três das quatro variantes indicadas como p). A distribuição dessas possíveis variantes p) e quantas são, por manuscrito ou grupo, pode ser encontrada na metade esquerda da *Tabela III*.

Tabela III

| Panorama das possíveis variantes p) | | | | | | | | | | | | |
|-------------------------------------|---|---|---|---|-------------|---------------------------------|---|--------------|---|----|----|----|
| Presente em: | | | | | # do Texto | Variante | Avaliação | Presente em: | | | | |
| Ɔ | B | W | D | Ɔ | | | | Ɔ | B | W | D | Ɔ |
| | | x | | | 1. Mt 12:1 | + en @toij sabb)# | // Mc | | | x | | |
| | | x | x | x | 2. Mt 12:4 | efagen ı̇pro efagonÀ | // Mc-Lc | | | x | x | x |
| x | | x | | x | 3. Mt 12:4 | ouj ı̇pro o) | // Mc-Lc | x | | x | | x |
| | x | | x | | 4. Mc 2:23 | diaporeuesqai \$pro paraÄ% | // Lc | | x | | x | |
| | | | x | | 5. Mc 2:24 | ! oi maqhtai sou | // Mt | | | | | x |
| | | | | | 6. Mc 2:24 | ! poien | // Mt-(Lc) | | | | | |
| | | x | | | 7. Mc 2:25 | oude touto \$pro oudepote% | // Lc | | | x | | |
| | | | | | 8. Mc 2:25 | om. creian escen kai | // Mt-Lc | | | | | |
| | | x | x | | 9. Mc 2:26 | om. epi Abiaqar arcierewj | // Mt-Lc | | | x | x | |
| | | x | x | x | 10. Mc 2:26 | toij iereusin \$pro touj ierei% | // Mt; não // Lc | | | -- | -- | -- |
| x | | x | | x | 11. Mc 2:26 | ! pw'/j | BD: omitem <i>pw/j</i> (Mc), <i>w'j</i> (Lc) <i>alli</i> : Mateus: <i>pw/j</i> ; Lucas: <i>w'j</i> | -- | | -- | | -- |
| x | x | x | | | 12. Lc 6:1 | om. <i>Deuteroprwtw</i> | // Mt-Mc | x | x | x | | |
| | | | x | x | 13. Lc 6:1 | ! twn @sporimon# | // Mt-Mc | | | | x | x |
| | | | x | | 14. Lc 6:1 | hrxanto tillein \$pro etillor% | em D // Mc | | | | ? | |

| | | | | | | | | | | | | | | |
|---------------|---|------|---|---|------------|---|------------------|---------------|---|-------|------|----|----|--|
| | | | x | | 15. Lc 6:2 | ! autw | // Mt-Mc | | | | x | | | |
| | | | x | | 16. Lc 6:2 | ideÃ ti poiou sin oi maqÃ sou toij sabbÃ o ouk ex. | em D // Mc | | | | ? | | | |
| (x) | | (x) | | x | 17. Lc 6:2 | ! poien enE\$poieir% | // Mt; não // Mc | -- | | -- | | -- | | |
| | | | x | | 18. Lc 6:3 | oudepote \$pro oude touto% | // Mc | | | | x | | | |
| x | x | x | x | | 19. Lc 6:3 | o`te \$pro óo`pote% | // Mt-Mc | x | x | x | x | | | |
| x | x | x | x | | 20. Lc 6:3 | omÃ ontej | // Mt-Mc | x | x | x | x | | | |
| X | | | x | x | 21. Lc 6:4 | ! kai @toj metV autou# | uma parte // Mc | ? | | | ? | ? | | |
| X | | x | x | | 22. Lc 6:4 | omÃ labon/Eelaben kai | // Mt-Mc | x | | x | x | | | |
| | | | | x | 23. Lc 6:5 | oti @kurioj estin# o` ui`oj tÃ anqro- pou kai tou sabbÃ \$pro @kurioj estin# tou sabbatou o` ui`oj tÃ anqrÃ% | // Mc; não // Mt | | | | | | -- | |
| Total: | | | | | | | | Total: | | | | | | |
| 7 | 4 | 11 | 1 | 8 | | | | 5 | 4 | 9 | 10 | 3 | | |
| | | | | 4 | | | | | | | | | | |
| (8) | | (12) | | | | | | (6?) | | (13?) | (4?) | | | |

A lista completa das variantes p) tem que ser agora cuidadosamente examinada. Se, de duas leituras, uma é similar ao evangelho-paralelo I e a outra ao evangelho-paralelo II, nenhuma das duas leituras pode ser qualificada como p) (ver números 10, 17, 23). No caso do número 11, há razões especiais para não usar a descrição p): se BD tem o texto original, será necessário admitir que em algum momento, simultaneamente, *pw/j* foi inserido em Marcos e *w`j* em Lucas. Ademais, ainda há um número de casos que não são claros: nos números 14, 16 e 21, a assimilação possível em direção a um outro evangelho só está presente em um manuscrito, ou é acompanhada por desassimilação simultânea. Quando encaramos as variantes que restam como sendo candidatas sérias ao título p), parece que essas leituras harmonizadoras ocorrem *menos* no texto K [do que nos outros] (ver a metade direita da *Tabela III*).⁵⁰⁶

Crítica Interna e Externa

A omissão de todas as variantes p) levaria a um texto que algumas vezes segue B (números 2, 3 e 13) e algumas vezes segue o texto K (números 4, 12, 19 e 20). Os cinco pontos de diferença restantes entre B e o texto K (números 10, 11, 17, 21 e 22) podem ser resolvidos com base em considerações externas. Em quatro destes cinco casos a leitura koinê não é um *lectio* K específico, mas também ocorre em D (10, 21), W (10, 11, 17), ou N (11, 17, 21). Nestes quatro casos a leitura K pode ser escolhida. Isto significa que B é seguido três vezes contra oito do texto K. Há razão de perguntar se o texto K não deve ser seguido no número 23 também, que não é uma leitura K específica.

Na sinopse de Aland, B é seguido oito vezes (2, 3, 10, 12, 13, 17, 21, 23) e o texto K quatro vezes (4, 11, 19, 20) nas doze diferenças entre B e o texto K agora sendo discutidas. No texto da UBS³ o texto K foi abandonado no número 19 e foi colocado entre colchetes no número 20. Em conseqüência, B tem sido endossado nove ou dez ve-

⁵⁰⁶ N.Trads.: Na Tabela III na próxima página, leia “//” como “paralelo a”; leia “não //” como “não paralelo a”.

zes e o texto K três ou duas vezes. Isto significa que o número de leituras no texto da UBS³ qualificado como p) cresce por dois ou três. (12, 19, e (20)). Este aumento na quantidade de leituras assimiladoras no texto da United Bible Societies é o resultado do abandono das leituras K sob a influência de P⁴ (em Lc 6:3, este papiro evidentemente virou a balança a favor de um ponto de vista alterado; também em Lc 6:4 a primeira palavra *w`j* é colocada entre colchetes sob a influência de P⁴). Será que assimilação é objetável quando encontrada no texto K mas não quando ocorre em um papiro?

Ou uma leitura não é mais chamada assimilação quando aparece em um papiro? Esta sugestão acha apoio no fato estranho que a designação p) para a leitura *efagen* em Mateus 6:4 é abandonada na Synopsis de Aland no momento que P⁷⁰ também é mencionado como uma testemunha desta leitura. Tal proceder suscita questionamentos concernentes à aplicabilidade da regra de crítica interna que estipula que uma leitura não paralela merece preferência.

Será que Variantes p) São Realmente Variantes p)?

A partir da pressuposição de que na transmissão do texto houve um processo de assimilação e harmonização, estudiosos começaram a distinguir entre assim chamadas leituras paralelas e leituras não paralelas. Surge a pergunta se um arcabouço não tem sido forçado sobre os dados (ver o último parágrafo).

Exemplo (número 2):

A leitura *efagen* parece ser uma assimilação completa e formal a Marcos e Lucas. Contudo, como uma leitura assimilante, ela tem que ser de uma data mais tardia. Portanto, como pode ela aparecer em P⁷⁰? Aland (na Synopsis) agora abandona o sinal p) para esta leitura. Mas seguramente a natureza das leituras não muda quando elas ocorrem em papiros? A omissão por Aland da designação p) nos faz pedir um tipo de abordagem diferente para esta e outras leituras. Agora, a leitura não paralela aparente *efagon* pode ser descrita como assimilação interna (dentro de Mateus). A leitura oferece uma associação melhor com as palavras que a precedem diretamente (*epeinasen kai oi metV autou*) e com as que a seguem diretamente (*autw*)) *oude toij metV autou*). No entanto, embora a leitura *efagen* corresponda formalmente a Marcos e Lucas, não o faz materialmente, pois por meio desta leitura a ênfase repousa mais na ação de Daví (“os que com ele estavam” agora fica na sombra). Parece ser característico e específico de Mateus que ele põe a ênfase desta passagem mais em (Daví e) Cristo pessoalmente (ver Mt 12:5-7, mas não em Marcos e Lucas). A noção “dando também aos que com Daví estavam” é ausente em Mateus. Isto sugere que a leitura *efagon* pode ser descrita como uma alteração do texto com o propósito de melhorá-lo filologicamente, mas com o efeito que ele se torna mais vago de conteúdo e mais assimilado a Marcos e Lucas, onde o ato de comer é explicitamente relativo a Jesus e seus discípulos, a Daví e as pessoas em sua companhia.

Um novo exame das leituras que agora têm sido selecionadas como reais variantes p), leva à conclusão que estas variantes podem também ser explicadas sem o modelo p).

1. Várias leituras podem ser interpretadas como fazendo explícita uma preposição (número 1), um sujeito (número 5), um artigo (número 13) ou um objeto preposicional (número 15); em todos estes casos o contexto torna claro que estes são intencionados. Consideradas como variantes p) estas leituras seriam secundárias, mas como leituras explicitadoras elas podem ser autênticas: (1) por causa do caráter mais “semítico”,⁵⁰⁷ (2) por causa da circunstância quando um texto é ditado [no processo de

⁵⁰⁷ NTrad.: Judeu pensa e fala de forma diferente do que grego pensa e fala.

copiá-lo], a omissão de detalhes aparentemente dispensáveis é mais aceitável do que inserção pelos escritores.

2. Em um caso a tese de influência mútua entre os Evangelhos parece aceitável porque esta influência é recíproca (números 7 e 18 vice-versa).

3. Em um número razoavelmente grande de casos, variantes podem ser consideradas como resultado de melhoria filológica do texto:

Números: 2 (ver discussão acima).

3 (Marcos e Lucas *ou`j ouk exestin*; Mateus *o` ouk exon hvn*).

4 (*diaporeuesqai* em conexão com *dia tw n sporimon*).

9 (omissão de um elemento difícil, aparentemente incorreto, e também dispensável).

12 (como 9).

19 (*o`te* neste caso é melhor grego que *o`pote*).

20 (omissão de *ovntej* como a remoção de redundância desnecessária).

22 (a sentença não soa bem; isto é resolvido através da omissão de *labwn* (ϛ D W), ou através da omissão de *w`j* (P⁴BD), ver número 11).

Uma revisão da distribuição das leituras colocadas na coluna direita da *Tabela III* como variantes p) reais, de acordo com a avaliação agora oferecida em três grupos, leva à conclusão que as variantes f) (variantes de melhoria filológica) são totalmente ausentes no texto K (ver *Tabela IV*).

Tabela IV

| Distribuição das possíveis variantes p) de acordo com outro sistema de avaliação | | | | | |
|--|---|------|---|---|---------------------|
| ϛ | B | W | D | ϛ | |
| - | - | 1 | 3 | 1 | mais explícita |
| - | - | 1 | 1 | - | assimilante |
| 5 | 6 | 5(6) | 6 | - | melhoria filológica |

A aplicação do critério p) levou à confusão; a aplicação do modelo f) leva à coincidência entre o critério interno e os dados externos. A ausência de variantes f) no texto K nos dá ocasião para concedermos nossa confiança a este texto.

Determinação de Texto

Com o texto K como base é possível explicar as variantes divergentes (mais explícita, assimilante, melhoria filológica), mas, a partir do texto B ou do texto D, não é possível explicar como um texto K se originou (especialmente onde as leituras no texto K definidamente *não* são melhorias filológicas).

Se N²⁵ dá a impressão que um texto não-K pode ser tomado como base, isto se deve ao fato que N²⁵ não segue completamente a B nem a D; se todas as variantes de B rejeitadas como p) tivessem sido mantidas no texto, nenhum modelo poderia ser desenvolvido para a explicação dos grupos de variantes.

Exemplo: Se em Lucas 6:4 *w`j /pw/j* originalmente estava ausente e *labwn* se encontrava lá, então seria inexplicável porque *pw/j* foi adicionado (via assimilação a Marcos?) sem uma omissão simultânea da conseqüentemente difícil *labwn*, também por assimilação a Marcos. Se o texto K for seguido, então o embelezamento de *elaben kai* (que é um pouco rude em termos paratáticos [a seqüência das palavras]) para *labwn*, pede medidas com respeito a *w`j*.

Um outro exemplo é a escolha da leitura *o`te* por UBS³ em Lucas 6:3. Como se pode explicar que esta leitura poderia jamais ser substituída posteriormente pela leitura *o`pote*, a qual se desvia de Mateus e Marcos e é um grego mais pobre?

Conclusão

No que diz respeito às passagens analisadas, o texto K é evidentemente o mais recomendável. Esta conclusão não deve ser automaticamente transferida a outras passagens. Todavia, ao aplicar o modelo presentemente em voga, para a seleção e avaliação de leituras em outros locais, ela [nossa conclusão] nos induz a testá-lo [esse modelo] criticamente contra a totalidade de uma unidade de texto literário, bem como contra as variações de leitura nela ocorrendo. Tratamento atomístico de variantes não é a mesma coisa que determinação de texto.

Apêndice F

MARCOS 16:9-20 E A DOCTRINA DA INSPIRAÇÃO

Por mais de cem anos, tem sido um clichê da crítica textual do Novo Testamento argumentar que Marcos 16:9-20 não foi e não poderia ter sido escrito por Marcos (ou por quem quer que escreveu o resto do livro), que a passagem foi adicionada posteriormente. No entanto, entre aqueles que querem crer ou afirmar que o Evangelho de Marcos foi inspirado pelo Espírito Santo, que é Palavra de Deus, não conheço ninguém que esteja preparado para crer que pode realmente ter sido a intenção de Deus terminar o livro com *εφοβουντο γαρ* ("porque temiam"), verso 8. A hipótese mais popular parece ser que o autógrafo foi produzido como um códice (não como um rolo) e que a folha (ou folhas) contendo o seu final original foi rasgada fora e perdida antes que qualquer cópia fosse feita.⁵⁰⁸ Quero examinar as implicações da alegação que os vv. 9-20 não fizeram parte do autógrafo e que o término original desapareceu por completo (qualquer que seja a explicação para tal circunstância).

Estou escrevendo da posição de uma pessoa que crê na inspiração plenária e verbal das Escrituras e estou me dirigindo àqueles que crêem (ou gostariam de crer) que a Bíblia é a Palavra de Deus escrita—"*toda a Escritura é divinamente inspirada*" (2 Tm. 3:16).

Então, declaramos que o Espírito Santo inspirou o Evangelho de Marcos. E por que faria Ele algo como isso? Evidentemente Deus queria que as gerações subsequentes tivessem uma biografia oficial de Jesus Cristo, uma descrição da Sua vida, morte e ressurreição cuja exatidão fosse garantida e cujo conteúdo fosse suficiente para Seu propósito. (Que existam várias biografias oficiais escritas de perspectivas diferentes não é obstáculo para a integridade de cada uma individualmente.) Pois bem, acho inconcebível que uma biografia oficial do Filho, comissionada pelo Pai e escrita sob o controle de qualidade do Espírito Santo, omita provas da ressurreição de Cristo, exclua todas as Suas aparições pós-ressurreição, e termine com a cláusula "*porque temiam!*"

Mas a maioria dos críticos modernos nos assegura que tal é o caso, que o texto genuíno termina no verso 8. Mas então, onde estava Deus esse tempo todo? Se a avaliação dos críticos for correta, parece estarmos entre uma rocha e um lugar duro.⁵⁰⁹ O Evangelho de Marcos, como se encontra, estaria mutilado (se terminar com v. 8), o final original tendo desaparecido sem deixar vestígios. Mas, nessa hipótese, que seria do propósito de Deus ao comissionar esta biografia? Diríamos que Deus foi incapaz de proteger o texto de Marcos ou que Ele apenas não lhe ligou a mínima? Qualquer dessas

⁵⁰⁸Ver, por exemplo, B.M. Metzger, *A Textual Commentary on the Greek New Testament* (New York: United Bible Societies, 1971), pag. 126, nota de rodapé 7.

⁵⁰⁹N.Trads: em inglês, a expressão equivale a estarmos em insuportável dilema, tal como entre morrer e morrer, ou escolher entre a guilhotina e a forca.

opções seria fatal para a afirmação de que o Evangelho de Marcos é "*divinamente inspirado*".

Se Deus tentou mas foi impotente para impedir que Marcos fosse mutilado de tal modo, como podemos estar seguros de que o livro não foi mutilado em outros locais e de outras maneiras, ou mesmo mutilado sistematicamente? Pior ainda, como podemos estar seguros de que outros livros do Novo Testamento (ou talvez mesmo todos eles) também não foram mutilados? Seja como for, o grau de mutilação não seria mais a questão principal, porque se Deus foi incapaz de proteger Sua Palavra, então Ele não seria realmente Deus e não faria muita diferença o que Ele disse. A Bíblia perderia sua autoridade e, conseqüentemente, sua importância.

Que tal a outra opção—que Deus poderia ter protegido Marcos mas escolheu não fazê-lo? Que valor teria controle de qualidade se este se estendeu apenas à escrita do autógrafo? Se Deus permitiu que o final original de Marcos se perdesse antes que quaisquer cópias fossem feitas, então a biografia foi "publicada" em uma forma gravemente incompleta, e torna-se decididamente difícil falar de sua inspiração "verbal e plênia". Se Deus permitisse uma mutilação de tal magnitude, então que segurança temos de que Ele não permitiria qualquer número de mutilações adicionais? Novamente, o problema se estende aos outros livros do Novo Testamento. Controle de qualidade teria desaparecido pela janela e teríamos sido deixados "assobiando no escuro." Se Deus não vai proteger Seu texto, o propósito da inspiração vai se frustrar, não?

Mas, e Todas as Variantes, Como Ficam?

É um fato incontestado que os manuscritos conhecidos contêm um grande número de enganos involuntariamente cometidos no processo de copiar, e mesmo muitas alterações deliberadas. Uma vez que Deus permitiu que isso acontecesse (não há como negar), resta-nos perguntar por que o fez, e com que implicações. Primeiro, o porquê.

Por que Deus permitiria erros e alterações no processo de copiar? Não tenho nenhuma revelação direta a oferecer sobre o assunto, mas suponho que a resposta começa com o propósito de Deus ao criar a raça humana. Parece que Ele desejou um tipo de ser que pudesse Lhe corresponder em adoração e amor, um ser que pudesse escolher (João 4:23-24). Em Hebreus 11:6 somos ensinados que Deus exige fé e recompensa aqueles que **diligentemente** O buscam. Isto sugere que o Seu propósito ao criar o homem faz necessário um elemento de teste. A evidência não pode ser irresistível, esmagadora, inescapável, ou não haveria "teste" adequado. Assim, Deus permitiu variantes textuais para testar nossa fé e determinação, testar nossa atitude, testar nossa disposição de procurarmos respostas humildes e pacientemente (Pv. 25:2 e Ap. 5:10).

Um outro aspecto da criação de seres com volição é que tanto Deus como o homem têm que viver com as conseqüências do exercício dessa volição. Se Ele exerce controle completo, tornamo-nos robôs e perde-se toda a razão do exercício. Mas aí de nós, a maior parte da volição humana é expressa em rebelião contra nosso Criador. Uma

grande porção desta rebelião tem sido dirigida contra Sua Palavra—usualmente rejeitando-a, mas às vezes tentando alterá-la.

Além de tudo isso, nossas habilidades e capacidade de entender são limitadas. Como é dito em 2 Co. 4:7, somos meros "vasos [panelas] de barro". Mesmo se os autógrafos tivessem sido entalhados em tábuas de ouro e miraculosamente preservados intatos até a presente hora, quem de nós poderia oferecer uma "perfeita" interpretação daquele Texto? (Quem quer que esteja trabalhando a partir de uma tradução está lidando com alguma imperfeição antes mesmo que comece, porque nenhuma tradução pode ser perfeita—a natureza da linguagem não o permite). Desde que nosso entendimento está condenado a ser imperfeito, em qualquer caso, será realmente necessário termos um Texto perfeito? Se não o for, haverá algum ponto no qual a quantidade de imperfeição deixa de ser "tolerável"? Isto nos trás às implicações. Começarei com algumas analogias.

Nossa vida diária fornece várias analogias que iluminam a questão. Durante toda a nossa vida usamos instrumentos de medir—réguas, "metros" de madeira, fitas métricas, trenas—que variam levemente um do outro. Compramos muitas coisas por medida, sem questionarmos a acurácia do instrumento de medição, mesmo que uma comparação exata revelaria discrepâncias entre instrumentos. Por que não questionamos? Porque as discrepâncias não são grandes o bastante para nos preocuparem e porque sabemos que há um padrão absoluto a consultar, se for necessário. No Bureau of Standards em Washington, D.C. [e no Instituto Nacional de Pesos e Medidas, em Brasília, DF], em uma caixa hermeticamente selada, está o metro que é o padrão absoluto e invariável. Quantos de nós têm visto aquele padrão? Muito poucos, comparativamente. Todavia nós nascemos, vivemos e morremos sem ver o padrão e sem sentir nenhuma inconveniência. Assumimos que nossos instrumentos de medição são bastante aproximados para os propósitos práticos usuais, como realmente o são, e vivemos felizes com eles. Sabemos que podemos ir a Washington [ou a Brasília] se uma questão surgir que justifique a despesa.

Se alguém perguntar a um grupo de pessoas que horas são, bem pode obter até dez respostas diferentes, espalhadas dentro de um intervalo contínuo de dez minutos. Convivemos diariamente com uma discrepância de um ou dois minutos entre os diversos marcadores de tempo que consultamos, e achamos que isto não é nada. Duas estações de rádio em uma cidade diferem uma da outra por um minuto ou dois, e assim por diante. O sistema opera suficientemente bem porque há em Greenwich, Inglaterra, um padrão aceito por todos. Eu nunca estive lá e suponho que poucos dos leitores estiveram, mas mesmo assim a vida passa normalmente. Todavia, se não houvesse padrão, cedo estaríamos em apuros.

Quando uma legislatura está estabelecendo uma lei, grande cuidado é tomado com a precisão das palavras porque, uma vez promulgadas e publicadas, tornam-se lei—tornam-se um padrão, mandatório sobre as pessoas sob sua jurisdição. Grande cuidado é tomado com o padrão, mas os oficiais que aplicam a lei não têm que memorizá-la *ipsis litteris*. Tudo que eles precisam é um entendimento razoavelmente exato das intenções e provisões da lei. Quando prende um ofensor e lhe cita a lei pela qual o prende,

um policial provavelmente só citará a idéia principal dela. Nenhuma corte aceitará uma desculpa do acusado de que o policial que o prendeu não lhe citou a lei palavra por palavra. (Semelhantemente, duvido que Deus aceitará uma desculpa de um descrente de que não teve acesso à Lei *ipsis verbis*—é bastante ter a idéia principal). No entanto, durante um julgamento às vezes ênfase é dada à exata "letra" da lei e toda a disposição do caso pode depender da interpretação dada àquela "letra".

Álcool (etanol) pode ser encontrado nas prateleiras de qualquer drogaria, mas raramente excedendo o teor de 92% de pureza; talvez o farmacêutico tenha um suprimento privado com 96%, para propósitos especiais. Mas, para uso doméstico ordinário, 92% é mais que adequado—numa emergência, uma cachaça forte, com 60%, queimar e pode ser usado para desinfetar. Pode ser que certos experimentos científicos exijam álcool 100%, mas ele será difícil de obter e bastante caro. Como acontece com todas as mercadorias manufaturadas, quanto maior for seu grau de precisão, pureza ou "perfeição", mais ela será difícil e dispendiosa de obter. Diferentes propósitos exigem diferentes graus de precisão (em qualquer área), mas para a maioria das pessoas e maioria dos propósitos, na maior parte do tempo o grau de precisão não tem que ser muito alto. Aliás, na maioria dos casos um grau superlativo de precisão seria desperdiçado—o contexto simplesmente não permite que seja completamente utilizado ou valorizado.

Pois então, por que Deus permitiu que erros se introduzissem no Texto, ou por que Ele permite interpretação imperfeita? Em primeiro lugar, toda a razão de ter uma raça humana aparentemente envolve dar-nos a capacidade e a liberdade de pecarmos e sofrermos as conseqüências (tanto individual como corporativamente—quanto maior for o grupo que participa de um pecado, mais sérias e de mais longo alcance são as conseqüências). Mas, em segundo lugar, o uso normal e diário não requer um grau de precisão superlativo—em todo caso, temos mais da Verdade de Deus do que somos capazes de apropriar. No entanto, é a disponibilidade de um padrão reconhecido que nos habilita a tolerar imperfeições secundárias, em uma dada área. Temos o tesouro em "vasos de barro", mas o "tesouro" tem que existir!

Mas, os Autógrafos Não Estão Perdidos?

Permanece a questão de um padrão perdido. Retornando à analogia dos instrumentos de medição, que aconteceria se alguém roubasse o metro padrão do Instituto Nacional de Pesos e Medidas? Bem, não haveria inconveniente enquanto não soubéssemos disso—continuaríamos felizes como sempre. Mas, se a perda se tornasse conhecida, então a confiança nos instrumentos individuais seria solapada e nossas transações comerciais se complicariam pelo surgimento de discussões sobre o padrão de medição (como tenho observado em certos locais). Creio que temos visto esta síndrome com referência à Bíblia. Até o século 19 quase não havia questionamento sobre o padrão, e a Bíblia era aceita como autoritativa apesar de que o texto que estavam usando não era idêntico ao Original. Mas, durante os últimos 200 anos, críticos têm convencido a maioria (na Europa e América do Norte) de que o padrão se foi, com a resultante confusão espiritual e moral que vemos por todo lado.

O problema, em larga escala, é de percepção. Gerações têm vivido e morrido felizes usando réguas e metros de madeira que não são [absolutamente] perfeitos, sem sofrer quaisquer danos ou inconvenientes—as discrepâncias não eram bastante grandes para ter importância. (No entanto, se alguém tivesse convencido as pessoas que elas tinham um problema insuperável, elas teriam sido feridas—desnecessariamente.) Similarmente, nossos manuscritos e versões contêm discrepâncias, a maioria das quais não são sérias o bastante para importarem para propósitos usuais. No entanto, se alguém faz de um assunto uma "batalha de tribunal", então a existência e identidade do padrão relevante torna-se crucial.

Proponho que a "questão" central tem a ver com a autoridade da Escritura. Quando a Reforma Protestante tomou as Escrituras (nas línguas originais) como a suprema autoridade, a Igreja Católica Romana contra-atacou apontando para as variações textuais nos manuscritos e desafiando os líderes da Reforma a apresentarem o padrão.⁵¹⁰ Nos séculos dezoito e dezenove, críticos destrutivos foram além das variantes para contestarem a data, a autoria e a composição dos livros individuais da Bíblia. Considero que estes desafios têm sido adequadamente respondidos por outros e retorno ao problema da variação textual.

Como pode variação textual afetar a autoridade da Escritura? Depende. Esta autoridade deve ser vista como absoluta ou relativa? Se estamos preparados para aceitar uma autoridade relativa (esta é a posição "Neo-ortodoxa"), podemos aceitar uma mistura de adulterações no Texto. Mas se desejarmos afirmar autoridade absoluta, o padrão tem que ser perfeito. A Escritura deriva sua autoridade da inspiração divina, mas se qualquer parte do texto não é inspirado, falta autoridade a essa parte. Especificamente, falta autoridade aos erros e às alterações introduzidos por homens falíveis através dos séculos no processo de copiar. Por esta razão, aqueles que afirmam que a Bíblia é inerente usualmente limitam esta afirmação aos autógrafos. Mas, uma vez que os autógrafos cessaram de existir (eles provavelmente pereceram pelo uso dentro dos primeiros cem anos), que nos adianta? Depende.

As analogias já fornecidas mostram que podemos conviver com pequenas discrepâncias muito comodamente, sem o sentimento de termos sido trapaceados ou enganados. De fato, na maioria dos contextos, insistir em perfeição absoluta seria reputado como irrazoável, se não intolerável. Aceitamos as discrepâncias diminutas, mas não as **grandes**! Se sentimos que alguém está tentando tirar vantagem de nós, nossa reação é imediata. Similarmente, no processo de copiar, temos que distinguir entre enganos honestos (devidos à desatenção) e alterações deliberadas. Ademais, muitas alterações parecem ser relativamente "inofensivas", enquanto outras são patentemente danosas.

Em Mt. 13:25 e 39 o Senhor Jesus ensinou que Satanás semeia joio entre o trigo—isto é verdade a respeito da Igreja e é verdade a respeito do texto bíblico; embora a analogia não seja perfeita, no último caso o joio pode ser comparado a veneno misturado ao Pão da Vida. Para dar uns poucos e rápidos exemplos: as variantes em Mt. 1:7 e 10 que introduzem Asafe e Amós na genealogia de Jesus, são veneno; a variante em Mt. 1:18 que atribui a Cristo uma "origem" é veneno; a variante em Mc. 6:22 que transforma

⁵¹⁰Ver Theodore P. Letis, "John Owens Versus Brian Walton," *The Majority Text: Essays and Reviews in the Continuing Debate* (Fort Wayne: The Institute for Reformation Biblical Studies, 1987), pages. 145-90.

Herodias na filha de Herodes é veneno; a variante em Lc. 3:33 que insere os fictícios Admin e Arni na genealogia de Jesus é veneno (estes provavelmente foram o resultado de descuido ou ignorância do copista, mas os editores modernos que os forçam para dentro do texto impresso são irresponsáveis); a variante em Lc. 23:45, que tem o sol sendo eclipsado [pela lua cheia da Páscoa], é veneno; a variante em João 1:18 que lê "um deus unigênito" é veneno; a variante em 1 Co. 5:1 que nega a existência de incesto entre os gentios é veneno; a omissão de Mc. 16:9-20 é veneno; o uso de colchetes na Escritura impressa (em qualquer linguagem) para insinuar ao usuário que o material circundado é espúrio, é veneno. Por "veneno" eu quero dizer violência feita ao texto bíblico de modo a solapar sua credibilidade.⁵¹¹

E agora, onde tudo isso nos deixa? Deixa-nos com milhares de cópias manuscritas (dos escritos do NT), a partir das quais podemos recuperar a exata redação dos autógrafos, desde que avaliemos as evidências com base naquilo que a Bíblia diz de si própria, de Deus e Seus propósitos, do homem, e de Satanás e suas táticas. Aos manuscritos devem ser adicionadas as declarações dos antigos Pais da Igreja e os fatos da História, conforme ambos tenham chegado até nós. Pela cuidadosa atenção a todas as considerações relevantes, podemos identificar e excluir os erros e as alterações, e afirmar com razoável certeza qual a redação dos autógrafos. (Eu diria que *The Greek New Testament According to the Majority Text* [Thomas Nelson Publishers, segunda edição, 1985] é pelo menos 99.8% puro, sem nenhuma adição de "veneno"—teremos que pagar um alto preço em detalhadas pesquisas para alcançarmos os 100%.)

Uma vez que Deus o Filho, enquanto andou nesta terra, declarou enfaticamente que "*até que o céu e a terra passem, nem um jota ou um til se omitirá da Lei, sem que tudo seja cumprido*" (Mt. 5:18), deduzo que Ele jamais permitiria que uma leitura genuína desaparecesse da tradição manuscrita. Sou bem ciente de que Jesus estava presumivelmente se referindo especificamente ao Pentateuco. Como então posso aplicar esta declaração ao NT? Primeiro, jotas e tis se referem a **letras**, não a conceitos ou idéias; de fato, o jota era a menor das letras e o til uma parte de algumas letras. As palavras do nosso Senhor constituem uma declaração um tanto radical sobre a preservação da exata forma do Texto Sagrado através dos tempos. O terceiro capítulo de 2 Coríntios deixa claro que o "*novo testamento*" (v. 6) é de "*maior glória*" (v. 8) que o antigo, incluindo o próprio Decálogo ("*gravado com letras em pedras*", v. 7). Os capítulos 7 até 9 de Hebreus demonstram a superioridade geral do Novo Testamento sobre o Velho e o próprio Jesus tanto garante (7:22) como é o mediador (8:6) deste "melhor" testamento. Chego à conclusão que o interesse protetor que Deus tem no Novo Testamento tem de ser pelo menos tão grande quanto Seu interesse protetor no Velho. 1 Cron. 16:15 declara que este interesse se estende por mil gerações; em outras palavras, até o fim do mundo (ainda não chegamos a 300 gerações, desde Adão).

Deparar-se com a tarefa de reconhecer qual, entre duas ou mais variantes, é a redação original, é uma coisa; afirmar que algo tão crucial quanto o final de um Evangelho tem desaparecido sem deixar vestígios é outra coisa totalmente diferente. Se Mc. 16:9-20 não for genuíno, então a declaração de Cristo em Mt. 5:18 parece estar errada.

⁵¹¹Tenho, no Apêndice H, um tratamento mais completo do assunto de variação.

A Questão da Canonicidade

Há uma pergunta adicional—em primeiro lugar, por que afirmamos que Marcos é "Evangelho"? De onde ele obteve sua canonicidade? Ou, em outras palavras, se Deus vai inspirar um texto para ser usado pelas gerações subsequentes, Ele tem que garantir que as pessoas o reconhecerão como inspirado. Se a natureza de tal texto não é percebida e ele é relegado ao esquecimento, ou tratado sem nenhum respeito a mais que qualquer outra peça de literatura, então o propósito de Deus será frustrado. Então, por que dizemos que o Evangelho de Marcos é "Bíblia"? Porque a Igreja, em sua capacidade corporativa, assim o tem declarado, e tal ela tem feito através dos séculos, a partir do segundo (pelo menos). (Não temos evidência concreta do primeiro século, mas a temos do segundo e de todos os séculos subsequentes.) Foi necessário que Deus operasse através da Igreja para assegurar tanto a canonicidade (o reconhecimento público de sua qualidade) como a preservação [de cada livro da Bíblia]. (Eu diria que a qualidade superior dos escritos inspirados é intrínseca e pode ser percebida por uma pessoa espiritual em qualquer era, mas se a Igreja primitiva não os tivesse reconhecido eles não teriam sido copiados através dos séculos e assim não nos teriam chegado às mãos.)

O que tem a Igreja dito sobre Mc. 16:9-20, através dos séculos? Com voz unida, quase unânime, ela tem declarado a canonicidade da passagem. Se ela se enganou neste ponto, como sabemos que não se enganou a respeito do restante do livro? Mas desde que sua voz não foi unânime, o próximo passo a tomar é rever a evidência.

A Evidência Externa

A passagem em questão está contida em cada manuscrito grego conhecido (cerca de 1800) exceto três: os códices B (Vaticanus) e \aleph (Sinaiticus), e o minúsculo 304, do século XII. Também está contida em todo lecionário conhecido (lecionários são coleções das lições [e leituras] da Escritura, ligadas ao calendário eclesiástico). A importância desta evidência lecionária tem sido explicada por J. W. Burgon: "Que lições do Novo Testamento eram publicamente lidas nas congregações dos fiéis, seguindo um esquema definido, e em um sistema estabelecido pelo menos tão cedo quanto no quarto século—tem sido mostrado ser um fato histórico indisputado."⁵¹² E, novamente:

Descobre-se que, desde o início, Marcos xvi 9-20 tem sido, em todos os locais e por todos os ramos da Igreja Católica, designado para **duas** das maiores festas da Igreja—Páscoa e Ascensão. Uma circunstância de maior peso ou de maior significado dificilmente pode ser imaginada. Supor que é espúria uma porção da Escritura selecionada pela Igreja universal para tal extraordinária honra, é puramente irracional.⁵¹³

⁵¹²*The Last Twelve Verses according to S. Mark*, 1871, pag. 207. Reimpresso em 1959 pelo Sovereign Grace Book Club, mas a paginação dada refere-se à edição de 1871 (para achar o local correspondente na edição de 1959, adicione 78 ao número de página na edição de 1871).

⁵¹³*Ibid.*, pag. 210.

Embora depois de um certo tempo passagens da Escritura viessem a ser designadas para cada dia do ano, a prática evidentemente começou com os fins de semana, e mais especialmente aqueles mais importantes. De acordo com a Lei de Baumstark, as leituras-lições associadas com as grandes festas parecem ter sido as primeiras a serem adotadas.⁵¹⁴ Uma vez que a idéia foi tomada emprestada da prática das sinagogas judaicas, ela bem que pode ter se generalizado durante o segundo século.

Antes que a Igreja começasse a produzir lecionários como tais, manuscritos normais foram adaptados pela colocação de símbolos nas margens (ou no texto) para indicar o início e o fim das leituras-lições. Estes incluíam a palavra *τελος* (“fim”), quer abreviadamente ou por extenso. Declarações de evidência para a omissão dos vv. 9-20 usualmente mencionam um número de MSS que têm tais símbolos ao final do v. 8 (e, assim, no início do v. 9), alegando que eles foram colocados ali para indicar dúvida sobre a genuinidade dos versos seguintes. Acontece que não apenas Mc. 16:9-20 é uma das mais proeminentes de todas as leituras-lições do calendário litúrgico, como também uma outra leitura-lição termina precisamente no v.8.

Considere o que Bruce Metzger escreve concernente ao MS 2386:

Este último, no entanto, é apenas uma testemunha aparente da omissão, pois embora a última página de Marcos termine com *εφοβουντο γαρ* ["porque temiam"], a próxima folha do manuscrito está faltando, e logo após 16:8 está o sinal indicando o encerramento de uma leitura-lição eclesiástica ... , uma clara implicação de que o manuscrito originalmente continuava com material adicional de Marcos.⁵¹⁵

Notar sua "clara implicação." Não é óbvio? Não se pode ler além do fim de um livro, assim não faz sentido se colocar ali um sinal de divisão entre leituras-lições. Isto nos faz indagar quais as intenções dos editores de UBS³. No aparato deles, como evidência para a omissão dos vv. 9-20, incluem “(*Lect? A leitura-lição termina no verso 8*)”—isto presumivelmente se refere a sinais de leituras-lições nas margens, uma vez que não pode significar que os lecionários não têm vv. 9-20. Mas sinais de leituras-lições na margem são evidências a favor, não contra! Notar que, ao discutir a evidência para conjuntos de variantes dentro dos vv. 9-20, UBS³ invariavelmente cita *Byz Lect*, o que significa que seus editores reconhecem que os lecionários contêm a passagem. De fato, da circunstância que eles também listam 185m, parece que o lecionário 185 é o único que não tem os versos no Synaxarion (eles aparecem apenas no Menologion).

As versões Síriaca, Latina, Coptica e Gótica, todas elas massivamente dão apoio à passagem. Apenas as versões Armeniana e Georgiana (ambas do quinto século) a omitem. Para ser mais exato, cada MS síriaco (cerca de 1000?) exceto um (o Sinaítico, usualmente datado ao redor do ano 400) contém a passagem. Embora o Sinaítico seja aparentemente o mais antigo dos MS síriacos em existência, ele não é representativo da

⁵¹⁴W.R. Farmer, *The Last Twelve Verses of Mark* (Cambridge University Press, 1974), pag. 35. Nas pags. 34 e 35 ele dá um bom sumário da evidência lecionária. Baumstark é considerado como tendo sido o primeiro a demonstrar a tese.

⁵¹⁵Metzger, pag. 122, nota de rodapé 1.

tradição siríaca. O próprio B. F. Westcott, escrevendo em 1864, atribuiu a Peshitta ao início do segundo século, concordando com a opinião geral do mundo erudito de então.⁵¹⁶ As exigências da teoria de W-H subsequentemente os levaram a atribuir a Peshitta ao quinto século, mas Vööbus demonstra que a Peshitta retrocede pelo menos até meados do quarto século e que não foi o resultado de uma revisão autoritativa.⁵¹⁷ O Sinaítico é um palimpsesto; foi raspado para dar lugar a algum material devocional, o que é um eloqüente comentário sobre a avaliação da sua qualidade, na sua época!

Cada MS latino (8000?) exceto um (Bobiensis, usualmente datado ao redor do ano 400) contém a passagem. Mas Bobiensis (k) também parece ser a única testemunha, entre todos os tipos, a nos oferecer somente o assim chamado "final mais curto"—toda outra testemunha que contém o "final mais curto" também contém o "final mais longo," exibindo assim uma confluência (incrivelmente estúpida, por sinal!). Agora, tanto quanto eu sei, todos reconhecem o "final mais curto" como sendo uma aberração, o que significa que Bobiensis é aberrante neste ponto e não representa a tradição latina. Se a tradição latina data do segundo século, temos aqui sustentação do segundo século para o "final mais longo." Parece que a única testemunha Coptica que omite a passagem é um MS Sahídico, embora haja uns poucos que exibem a confluência já mencionada (eles são, deste modo, condenados como sendo aberrantes).

O Diatessaron (de acordo com as tradições árabe, italiana e antiga holandesa) e Irineu claramente atestam os últimos doze versos no segundo século! O mesmo faz Hipólito uns poucos anos depois. Então vêm Vincentius, o Evangelho de Nicodemus e as Constituições Apostólicas, no terceiro século; Eusébio, Afraates, Ambrósio e Crisóstomo no quarto; seguidos por Jerônimo, Augustinho, Cirilo de Alexandria, Vítor de Antioquia, etc.

Clemente de Alexandria e Orígenes são usualmente citados como sendo contra a passagem, mas este é um argumento pelo silêncio.⁵¹⁸ Emerge que as obras sobreviventes de Clemente não se referem ao último capítulo de Marcos, mas também não se referem ao último capítulo de Mateus. E daí?

A principal fonte patrística usada contra Mc. 16:9-20 é Eusébio. Parece que ele escreveu uma defesa contra quatro discrepâncias alegadas entre os relatos da ressurreição nos evangelhos, propostas por um certo "Marinus" (nosso conhecimento baseia-se em um sumário, feito no décimo século, do que ele presumivelmente escreveu, um sumário ao qual falta consistência interna). A primeira discrepância alegada é entre Mt. 28:1 e Mc. 16:9. Fica claro que "Marinus" está aceitando que v. 9 é "Evangelho" genuíno ou não haveria nenhum problema; então podemos concluir que ele entendeu que esta era a posição da Igreja. Que Eusébio gasta tempo para responder aponta na mesma direção. Ademais, respondendo à segunda discrepância alegada, Eusébio simplesmente assume a genuinidade do relato de Marcos e argumenta que a mudança de fraseologia em Mateus tem sido mal entendida. No entanto, ao responder à primeira alegação (de acordo com o sumário) ele oferece duas opções: "Alguém poderia dizer que a

⁵¹⁶*The Bible in the Church* (London: MacMillan) pag. 132 (reimpressões nos anos 1890 ainda contêm a declaração).

⁵¹⁷*Early Versions of the New Testament* (Stockholm: Estonian Theological Society in Exile, 1954), pags. 100-102.

⁵¹⁸Os estudiosos da lógica ensinam que não se pode tirar conclusões afirmativas a partir de premissas negativas.

passagem não é contida em todas as cópias do evangelho de Marcos ...; um outro diz que ambos os relatos (Mateus e Marcos) são genuínos e têm que ser propriamente entendidos." Com a primeira opção ele emprega o modo optativo [no verbo "poderia dizer", no grego], apropriado ao gênero de retórica hipotética (o que significa que nada dito pelo orador hipotético está sendo endossado por Eusébio), enquanto na segunda opção ele muda para o modo indicativo, o que leva a presumir que é esta uma indicação de que ele próprio considerava ser esta segunda posição a correta—tanto que quando passa à segunda discrepância, ele não oferece a opção de rejeitar a passagem.

No entanto, os "cânones" ou "seções" de Eusébio (mas não as assim chamadas "seções de Amônio") podem não ter incluído vv. 9-20. Em alguns MSS gregos o número de seção 233 é colocado na margem ao lado de v. 8 e é o último tal número (em Marcos)—o que significa que a seção 233 começava no v. 8, mas desde que muitas "seções" continham mais que um verso, não sabemos a extensão desta. Mas há mais coisas na estória. Burgon checou 151 MSS gregos que têm as "seções eusebianas" marcadas na margem e ofereceu a seguinte tabulação dos resultados:

em 3 MSS o último número de seção é 232, posto ao lado do v. 6,
 em 34 MSS o último número de seção é 233, posto ao lado do v. 8,
 em 41 MSS o último número de seção é 234, posto ao lado do v. 9 (?),
 em 4 MSS o último número de seção é 235, posto ao lado do v. 10 (?),
 em 7 MSS o último número de seção é 236, posto ao lado do v. 12 (?),
 em 12 MSS o último número de seção é 237, posto ao lado do v. 14 (?),
 em 3 MSS o último número de seção é 238, posto ao lado do v. 15,
 em 1 MS o último número de seção é 239, posto ao lado do v. 17,
 em 10 MSS o último número de seção é 240, posto ao lado do v. 19,
 em 36 MSS o último número de seção é 241, posto ao lado do v. 20.

Adicionado a isto, a seguinte informação pode ser de interesse:

o MS mais antigo que termina com 232 é A do século V,
 o MS mais antigo que termina com 233 é L do século VIII,
 o MS mais antigo que termina com 234 é Δ do século IX,
 o MS mais antigo que termina com 237 é Λ do século IX,
 o MS mais antigo que termina com 239 é G do século IX,
 o MS mais antigo que termina com 240 é H do século IX,
 o MS mais antigo que termina com 241 é C do século V.⁵¹⁹

Para as seções 235, 236 e 238, o MS mais antigo é do século X ou depois. Portanto, em três quartos destes MSS os números das seções manifestamente vão além do v. 8, e os dois manuscritos mais antigos (A e C) não ajudam a argumentação pró omissão.

Jerônimo é citado como sendo contra a passagem porque ele pôs as questões de Marinus nos lábios de uma certa "Hebidia" e usou um sumário das respostas de Eu-

⁵¹⁹Burgon, pag. 313; para a discussão geral, ver pags. 127-134 e 297-314.

sébio em réplica. No entanto, a própria avaliação de Jerônimo é clara pelo fato que ele incluiu Mc. 16:9-20 na sua Vulgata Latina; ele também citou os versos 9 e 14 nos seus escritos. Hesíquio de Jerusalém (não Severo de Antioquia nem Gregório de Nissa) parafraseia Eusébio em um tratado sobre os ditos "problemas". No entanto, uma vez que citou Mc. 16:19 e expressamente declarou que Marcos escreveu as palavras, sua posição é clara. Vítor de Antioquia também repete Eusébio, e reconhece que os vv. 9-20 faltam em "muitas" cópias de Marcos (não é claro se Vítor tinha verificado e se convencido que isto era verdadeiro, ou se apenas estava citando Eusébio). Então afirma que ele próprio tinha verificado que "muitas" contêm os versos, e apela para "cópias acuradas" e muito especialmente para "o exemplar palestino de Marcos o qual apresenta a verdade do Evangelho" em apoio à sua própria contenção de que a passagem é genuína. Ele chega mesmo a por a culpa da omissão sobre indivíduos que pensaram que os versos eram espúrios.⁵²⁰

Infelizmente, ainda podem ser encontrados comentários que reproduzem certas distorções do passado acerca das "scholia"⁵²¹ e "catenae".⁵²² As "catenae" não podem ser alegadas em favor da omissão, como foi demonstrado por Burgon (pags. 135-157). Quanto às "scholia" (notas críticas), a situação parece ser algo como esta:

- pelo menos 22 MSS simplesmente repetem a declaração de Vítor de Antioquia, a qual inclui a afirmação que ele mesmo tinha se certificado de que "muitas" cópias, incluindo cópias "acuradas" e mais especialmente o "verdadeiro exemplar palestino," continham os vv. 9-20;
- diversos MSS têm notas de rodapé defendendo os versos, com base em "antigas cópias de Jerusalém" (a atenção é dirigida para cada nota de rodapé através de um "+" ou de um "*" no texto, este sinal sendo repetido antes da nota de rodapé—muito similar ao que fazemos hoje);
- dois MSS dizem que a passagem está faltando em "algumas" cópias, mas presente em "muitas";
- quatro MSS dizem que ela está faltando em "algumas" cópias, enquanto presente em "outras";
- três MSS dizem que está faltando em "muitas" e presente em "muitas" cópias.⁵²³

Ora, o mais antigo desses MSS é do século X (a maioria é posterior), portanto os copistas estavam repetindo as "scholia" cegamente, sem nenhuma maneira de saber se elas eram ou não verdadeiras. Permanece o fato que, dos manuscritos hoje em existência, somente três deles não têm a passagem.

Os códices L, Ψ, 099, 0112 e 579 são às vezes alegados como sendo contra a genuinidade dos vv. 9-20, porque também contêm o assim chamado "final mais curto." A observação de Metzger (pag. 126) é enganadora—estes cinco MSS não substituem um final pelo outro mas, sim, eles conflam a ambos. Uma confluência condena (ao menos naquele local) os MSS que a contêm, mas nada diz dos méritos relativos das partes componentes.

⁵²⁰Para documentação detalhada e uma discussão exaustiva, ver Burgon, pags. 19-31, 38-69, 265-90.

⁵²¹N.Trads.: *Scholium* (plural *scholia*) é uma nota ou comentário feito à margem do texto bíblico.

⁵²²N.Trads.: *Catena* (plural *catenae*) é um série concatenada de versículos relacionados.

⁵²³Burgon, pags. 116-125, 290-292.

Temos que retornar aos códices B e \aleph , ambos do 4^o século e ambos provenientes do Egito (presumivelmente, ver Farmer, pag. 37), sendo geralmente considerados como os dois MSS mais importantes do Novo Testamento (freqüentemente referidos como "os melhores e mais antigos"). A concordância deles em omitirem vv. 9-20 tem sido um fator importante no pensamento daqueles que rejeitam a passagem (uma vez que eles geralmente consideram o tipo-de-texto Alexandrino superior a todos os outros). Contudo, a evidência não é exatamente singela. Códice B é escrito em três colunas por página e, ao se completar o processo de copiar um livro, normalmente começa o livro seguinte no topo da próxima coluna. Mas entre Marcos e Lucas existe uma coluna completamente vazia, a única coluna assim no códice. Considerando que pergaminho era caro, o "desperdício" de tal espaço seria bastante inusitado. Por que o copista fez isso?

Quanto ao códice \aleph , a folha dobrada contendo o final de Marcos e o início de Lucas é, para dizer a verdade, forjada. Tischendorf, que descobriu o códice, advertiu que aquelas quatro páginas pareciam ter sido escritas por uma mão diferente e com uma tinta diferente daquelas do resto do manuscrito. Seja como for, uma inspeção cuidadosa revela o seguinte: o final de Marcos e o início de Lucas ocorrem na página 3 (das quatro); as páginas 1 e 4 contêm o equivalente a uma média de 17 linhas de texto grego impresso por coluna (há quatro colunas por página), exatamente como o resto do códice; a página 2 contém uma média de 15,5 linhas de texto impresso por coluna; a primeira coluna da página 3 contém apenas **doze** linhas de texto impresso e deste modo o v. 8 ocupa o topo da segunda coluna, o resto da qual está em branco (exceto por alguns desenhos); Lucas começa no topo da coluna 3, a qual contém 16 linhas de texto impresso enquanto a coluna 4 volta a conter 17 linhas. Assim, na página 2 o falsário começou a espalhar as letras de modo a deslocar o equivalente a seis linhas do texto impresso. Na primeira coluna da página 3 ele ficou desesperado e deslocou o equivalente a **cinco** linhas de texto impresso, somente em uma coluna! Desta maneira [deslocando o equivalente a um total de 11 linhas do texto impresso] ele conseguiu levar duas linhas do verso 8 para a segunda coluna, evitando a reveladora coluna vazia (como a de B). Aquela coluna vazia acomodaria mais 15 linhas de texto impresso, o que, com as outras 11, perfaz um total de 26. Versos 9-20 ocupam 23,5 tais linhas, portanto há abundante espaço para eles. Realmente parece que houve jogo sujo, e não teria havido necessidade disto a não ser que a 1^a mão do MS de fato exibisse os versos disputados. De qualquer modo, \aleph tal qual se apresenta, é forjado e portanto não pode ser legitimamente alegado como uma evidência contra os versos.

Em suma: cada MS grego conhecido (cerca de 1,800) exceto dois (B e 304— \aleph não é "conhecido" porque é forjado neste ponto) contém os vv. 9-20. Cada lecionário grego conhecido (cerca de 2000?) os contém (um deles, 185, os contém somente no Menologion). Cada MS siríaco conhecido (cerca de 1000?) exceto um (Sinaítico) os contém. Cada MS latino conhecido (8000?) exceto um (k) os contém. Cada MS cóptico conhecido exceto um os contém. A favor da "inclusão", temos evidência concreta a partir do 2^o século (Irineu, Diatessaron?). A favor da "exclusão", não temos nenhuma evidência sólida semelhante.

Pareceria que, em algum momento durante o 3^o século, MSS omitindo a passagem começaram a ser produzidos no Egito, provavelmente em Alexandria, dos quais dois (ou um) do quarto século têm sobrevivido até os nossos dias. Embora a posição

omitidora tenha ganho alguma circulação no Egito, ela não se firmou nem mesmo lá, uma vez que a maioria das testemunhas alexandrinas, incluindo a versão cóptica, contém os versos. Os tradutores da versão armeniana tinham estudado em Alexandria, e a versão georgiana foi baseada na armeniana, o que explica como a posição omitidora escapou do Egito. O resto do mundo cristão parece não ter tomado conhecimento desta aberração. Como declarado na abertura deste apêndice, com voz unida através dos séculos, em todas as partes do mundo (incluindo o Egito), a Igreja universal tem afirmado e insistido que o evangelho de Marcos vai desde 1:1 até 16:20. Face a tudo isto, como pode alguém que nega a autenticidade de Mc. 16:9-20 ainda afirmar a inspiração divina de Mc. 1:1-16:8? Não está ele sendo incoerente?

A "Evidência?" Interna

Não deveria ser necessário prolongar este exercício, mas provavelmente algo deve ser dito a respeito da "evidência interna" que alguns críticos sentem ser fatal à passagem. Dizem-nos que Marcos "nunca" usa certas palavras ou frases que, no entanto, ocorrem no trecho em disputa; que outras palavras ou frases que ele "sempre" usa estão faltando; que o estilo é "estranho" a Marcos; que há problemas insuperáveis com a estrutura de discurso e com o próprio conteúdo; em uma palavra, que é "impossível" que a mesma pessoa possa ter escrito 1:1-16:8 e 16:9-20. E agora, que fazer?

A maioria dos "argumentos" deste tipo que têm sido proposta revela um decepcionante grau de superficialidade ao pesquisar e ignorância da linguagem. Tais supostos argumentos foram completamente refutados há mais de 100 anos, por J.A. Broadus (*The Baptist Quarterly*, July, 1869, pags. 355-62) e por Burgon (pags. 136-90). Um tratamento moderno (1975) é oferecido por Farmer (pags. 79-103). Eu responderei a um argumento que pode parecer impressionante a um leitor sem muita experiência.

Tem sido alegada como uma circunstância sinistra que Jesus não é mencionado por nome no v. 9 (e nem nos versos seguintes). As regras de estrutura de discurso têm sido violadas, assim dizem eles. Realmente? Consideremos a prática de Marcos em outros locais. Entre Mc. 9:27 e 9:39 Jesus não é mencionado por nome, embora lá hajam duas quebras de parágrafo e uma quebra de seção, mais duas mudanças de local. O próximo ponto onde Jesus é mencionado é 10:5, cinco versos depois de uma quebra de seção e uma outra mudança de local. Entre Mc. 3:7 e 5:6 (75 versos) Jesus não é nomeado embora hajam numerosos participantes e diversas mudanças radicais de local, cena e conteúdo. Em cada caso é apenas quando um outro homem é introduzido na narrativa (criando um potencial de ambigüidade) que Jesus é novamente nomeado, uma vez que um mero pronome seria ambíguo quanto a quem se refere. Em Marcos 16 só há uma pessoa morta sendo focalizada, precisamente o participante que tem dominado todo o livro, de sorte que v. 9 só pode se referir a Ele—não há ambigüidade e assim um nome próprio não é necessário. Ao longo dos vv. 9-20 nenhum outro participante singular masculino é introduzido e assim não há necessidade de identificar Jesus por nome. Em contraste, Maria Madalena teve de ser completamente identificada, porque não apenas há mais que uma mulher na narrativa, mas há mais que uma Maria! (A informação sobre os antecedentes, "da qual tinha expulsado sete demônios" (v. 9), é perfeitamente apropriada aqui, e só aqui, porque esta é a primeira vez que ela é enfocada. Nas referências anteriores ela somente fazia parte do grupo.)

Há um aspecto desta situação que não tem recebido atenção suficiente, até onde sei. Quanto mais estridente e cáustico um crítico se torna em proclamar a "impossibilidade" de aceitar Mc. 16:9-20 como genuíno (por causa de estilo, vocabulário e fatores de discurso), mais ele insulta os antigos e solapa a sua própria posição. Afinal de contas, Irineu falava grego koinê como nativo (presumivelmente)—por que não notou ele a "impossibilidade"? Como é que os que falavam grego koinê como língua nativa, que viverem na Grécia e Ásia Menor, e que copiaram Marcos através dos anos, não reconheceram a "óbvia estupidez", a "odiosa mentira"? Como? Como é que críticos modernos (que lidam com grego koinê como uma língua morta e a uma distância de 1800 anos) podem ser mais competentes para julgar algo como isto do que os que tinham grego koinê como língua nativa e que estavam na cena? Irineu conheceu Policarpo pessoalmente, o qual conheceu o apóstolo João pessoalmente, o qual conheceu Marcos pessoalmente. Irineu declara que Marcos escreveu 16:19. Quem entre nós está qualificado para dizer que Irineu estava iludido?

Pareceria ser óbvio que quanto mais absurda se afirma ser a passagem, mais difícil se torna explicar como ela se impôs à Igreja universal, a partir (pelo menos) do segundo século. De fato, se a passagem contém dificuldades, isto poderia facilmente explicar sua omissão em certas regiões. As dificuldades percebidas seriam um estímulo mais que suficiente para ativar editores e copistas treinados na escola alexandrina de crítica textual. Na verdade, em nossos próprios dias há não poucos que acham o conteúdo de Mc. 16:9-20 impalatável e que saúdam com alívio a alegação que a passagem é espúria.

Esperamos que todos os interessados concordarão que a identidade do texto da Escritura deve ser estabelecida com base em evidências, não em preconceitos pessoais. Afirmando que neste caso as evidências são perfeitamente claras e que o testemunho irresistível da Igreja através dos séculos deve ser lealmente aceito.

Vejo aqui um corolário: não apenas Mc. 16:9-20 fica absolvido, como também os códices B e \aleph ficam julgados e sentenciados por conterem "veneno". Eles também contêm o veneno em Mt. 1:7, 1:10 e 1:18, Mc. 6:22, Lc. 3:33 e 23:45, João 1:18 e 1 Co. 5:1. Será que isto não diminui a credibilidade deles como testemunhas?

Confesso que fico perplexo com a dedicação e intensos esforços dos oponentes dos versos finais de Marcos. Por que vão a tantos extremos e despendem tanta energia para desacreditá-los? Uma outra característica curiosa do trabalho deles é a frequente falsificação das evidências. Por exemplo, em seu conselho a tradutores sobre como proceder ao final do v. 8, A. Pope sugere colocar o seguinte:

[Alguns manuscritos terminam neste ponto]

[Em alguns manuscritos são encontradas as palavras que seguem]

FINAL MAIS CURTO

[Em alguns manuscritos as palavras que seguem são encontradas após o verso 8]

FINAL MAIS LONGO⁵²⁴

⁵²⁴ *Selected Technical Articles Related to Translation*, Oct., 1984, pag. 22.

O que me chama a atenção aqui é a falta de precisão semântica no uso da palavra "alguns". Na primeira vez, ela significa "três". Na segunda, "seis". Na terceira, "cerca de 1800"! Será que um despreparado leitor do artigo de Pope não será enganado? E se alguém seguir o conselho de Pope não irão seus leitores também ser enganados?

Fico imaginando, às vezes, se as pessoas realmente crêem no que o Jesus glorificado disse em Apocalipse 22:19.

Apêndice G

UM ESTEMA DIFERENTE PARA JOÃO 7:53-8:11

As críticas ao "*The Greek New Testament according to the Majority Text*" que já vi quase sempre se prendem (entre outras coisas) à reconstrução genealógica⁵²⁵ de João 7:53-8:11. Elas notam que, de um total de 27 vezes (onde o aparato mostra que os MSS estão significativamente divididos), 16 vezes a leitura preferida é minoritária, sendo que 11 vezes a minoria é menor que 30%! Os críticos descobrem que a discussão das leituras variantes tem um cheiro de Hort—leituras minoritárias são preferidas ao invés de majoritárias, com base na evidência interna. Tal procedimento deixa de lado o argumento da probabilidade estatística (que é usualmente associado com a Teoria do Texto Majoritário). Eles apontam a discrepância entre teoria e prática, e especulam sobre o que falhou. Será que, quando confrontada com coleções razoavelmente completas dos MSS conhecidos, a teoria simplesmente não funciona? De qualquer modo, por que dizer que o texto está "de acordo com a maioria", quando não está?

Em Apocalipse deparamo-nos com uma situação onde uma maioria absoluta freqüentemente não é disponível. Onde uma leitura majoritária não existe somos obrigados a usar uma leitura minoritária e defender nossa escolha o melhor que pudermos.⁵²⁶ João 7:53-8:11 é bastante diferente—de um total de 33 conjuntos de variantes significativos, somente a 1 deles falta uma leitura majoritária clara. Se o estema oferecido na página xxv da "Introduction" (do *Majority Text*, de H-F) fosse incontroversível, então suporho que deveríamos todos aceitar lealmente as conseqüências, mas eu acho que tanto o estema quanto a discussão dos 21 conjuntos de variantes são menos que convincentes. Uma vez que o autor da "Introdução" reconhece que a reconstrução estemática (de João 7:53-8:11) precisa ser "avaliada com afinco", e que isto "pede a cooperação de muitas mentes" (pag. xxxii), aventure-me a oferecer a seguinte reconstrução alternativa como meu quinhão de "cooperação".

Este artigo baseia-se em uma cuidadosa checagem de von Soden, feita por W.G. Pierpont (comunicação pessoal). Minha reconstrução do texto basear-se-á exclusivamente nos sete grupos de MSS, de Soden. Os seus tamanhos relativos são:

| | |
|--|--------------|
| 7 = cerca de 260 MSS, que equivalem a | 29% do total |
| 6 = 246 MSS (216 "relativamente puros" + 30 outros), que equivalem a | 27% |
| 5 = cerca de 280 MSS, que equivalem a | 31% |
| 4 = 29 | |
| } que somam 45 MSS | |
| 3 = 16 | |
| } que somam 118 MSS, que equivalem a | 13% |
| 2 = 50 | |
| } que somam 73 MSS | |

⁵²⁵Robinson-Pierpont continuam a entender mal (pag. 494) o que Hodges-Farstad e eu queremos dizer por "estema". Não estamos falando sobre a genealogia ou descendência de MSS; estamos, sim, falando sobre a genealogia ou descendência de leituras. Os grupos de MSS de Soden são baseados em "perfis" de leituras em comum, um conceito que R-P parecem aceitar; um conceito que me parece obviamente válido e necessário. Penso que todos concordaríamos que "genealogia" aplicada a MSS não funciona.

⁵²⁶Mas veja capítulo 7, seções "Exemplos e Implicações" e "Conclusões", onde argumento que, uma vez [realmente] provados, agrupamentos e relacionamentos entre MSS suplantam a mera contagem destes.

1 = 23

Com esse pano de fundo, agora apresento os 33 conjuntos de variantes sobre os quais este estudo se baseia. O total é às vezes 99% ou 101% porque arredondei frações para números inteiros. Os grupos $M^{4,3,2,1}$ são freqüentemente divididos internamente, e os MSS que os constituem muitas vezes se dispersam entre uma variedade de variantes adicionais que não estão registradas na tabulação que segue, razão pela qual os grupos nem sempre somam 100%. Uso [] para 1-20%, () para 21-95%, e somente o número inteiro para 95+%.

| # | verso | variantes | M ⁷ | M ⁶ | M ⁵ | M ⁴ | M ³ | M ² | M ¹ | % |
|----|-------|------------------------------|----------------|----------------|----------------|----------------|----------------|----------------|----------------|----|
| 01 | 7:53 | <i>απηλθεν</i> | 7 | 6 | - | (48%) | [6%] | [4%] | [9%] | 57 |
| | | <i>απηλθον</i> | - | - | - | (48%) | [12%] | [4%] | (22%) | 2 |
| | | VS | | | | | | | | |
| | | <i>επορευθη</i> | - | - | 5 | - | (76%) | (24%) | [4%] | 34 |
| | | <i>επορευθησαν</i> | - | - | - | [3%] | [6%] | (66%) | (65%) | 5 |
| 02 | 8:1 | <i>ησους δε</i> | 7 | - | 5 | - | (76%) | (68%) | (65%) | 67 |
| | | VS | | | | | | | | |
| | | <i>και ο Ιησους</i> | - | 6 | - | [3%] | [6%] | (26%) | (22%) | 29 |
| | | <i>και Ιησους</i> | - | - | - | 4 | [18%] | - | - | 3 |
| 03 | 8:2 | --- | 7 | - | 5 | (86%) | 3 | (90%) | 1 | 73 |
| | | VS | | | | | | | | |
| | | <i>βαθεως</i> | - | 6 | - | [14%] | - | [10%] | - | 28 |
| 04 | 8:2 | <i>παρεγενετο</i> | 7 | - | 5 | [7%] | 3 | (90%) | (70%) | 67 |
| | | <i>παραγινεται</i> | - | - | - | - | - | - | (22%) | 1 |
| | | VS | | | | | | | | |
| | | <i>ηλθεν ο Ιησους</i> | - | 6 | - | - | - | [10%] | - | 28 |
| | | <i>ηλθεν</i> | - | - | - | (93%) | - | - | - | 3 |
| 05 | 8:2 | <i>προς αυτον</i> | 7 | 6 | - | (45%) | 3 | 2 | (83%) | 66 |
| | | VS | | | | | | | | |
| | | --- | - | - | 5 | - | - | - | [17%] | 32 |
| | | (omittem 8:2 ^{bc}) | - | - | - | (55%) | - | - | - | 2 |
| 06 | 8:3 | <i>προς αυτον</i> | 7 | (53%) | 5 | [14%] | (69%) | [16%] | (61%) | 78 |
| | | VS | | | | | | | | |
| | | --- | - | (47%) | - | (86%) | (31%) | (84%) | (39%) | 22 |
| 07 | 8:3 | <i>επι</i> | 7 | 6 | - | 4 | 3 | 2 | (74%) | 68 |
| | | VS | | | | | | | | |
| | | <i>εν</i> | - | - | 5 | - | - | - | (26%) | 32 |
| 08 | 8:3 | <i>κατειλημμενην</i> | 7 | 6 | - | 4 | 3 | 2 | (61%) | 68 |
| | | VS | | | | | | | | |
| | | <i>καταληφθεισαν</i> | - | - | 5 | - | - | - | (30%) | 32 |
| 09 | 8:3 | <i>εν</i> | 7 | - | 5 | [7%] | - | (78%) | 1 | 67 |
| | | VS | | | | | | | | |
| | | <i>εν τω</i> | - | 6 | - | (93%) | 3 | (22%) | - | 33 |
| 10 | 8:4 | <i>λεγουσιν</i> | 7 | - | 5 | - | - | (78%) | (91%) | 67 |

| | | | | | | | | | | | | |
|-------|------|------------------------|---|-------|---|-------|-------|-------|-------|----|--|--|
| | | vs | | | | | | | | | | |
| | | οι κ. σου | - | (65%) | - | (66%) | 3 | (48%) | (74%) | 27 | | |
| | | --- | - | - | - | (31%) | - | (48%) | (26%) | 4 | | |
| ----- | | | | | | | | | | | | |
| 31 | 8:11 | ειπεν δε αυτη ο Ιησους | 7 | 6 | - | - | - | (27%) | (48%) | 59 | | |
| | | ειπεν δε — ο Ιησους | - | - | 5 | - | - | (63%) | (26%) | 35 | | |
| | | vs | | | | | | | | | | |
| | | ο δε Ιησους ειπεν αυτη | - | - | - | (62%) | 3 | [10%] | [13%] | 5 | | |
| | | ο — Ιησους ειπεν αυτη | - | - | - | (35%) | - | - | - | 1 | | |
| ----- | | | | | | | | | | | | |
| 32 | 8:11 | κατακρινω | 7 | 6 | - | 4 | 3 | 2 | 1 | 69 | | |
| | | vs | | | | | | | | | | |
| | | --- | - | - | 5 | - | - | - | - | 31 | | |
| ----- | | | | | | | | | | | | |
| 33 | 8:11 | και απο του νων | 7 | 6 | - | [10%] | (82%) | 2 | (57%) | 64 | | |
| | | vs | | | | | | | | | | |
| | | και | - | - | 5 | (66%) | [18%] | - | (39%) | 34 | | |
| | | --- | - | - | - | (24%) | - | - | [4%] | 1 | | |
| ----- | | | | | | | | | | | | |

Começarei com alguns comentários gerais a respeito dos grupos de MS. Baseado nos 33 conjuntos de variantes significativos (significativos para a reconstrução), podemos observar o seguinte:

- 7 nunca está sozinho, exceto pela única vez quando **5, 6 e 7** seguem caminhos separados (#24).
- 7 e 5 são os únicos grupos que nunca se dividem em subgrupos (de acordo com von Soden).
- 5 e 6, cada um deles ergue-se sozinho contra o resto do estema—uma circunstância condenatória. 6 o faz três vezes (#3, #21, #22), mais duas vezes adicionais onde influencia o grupo 4 (#2, #4). 5 o faz quatro vezes (#5, #7, #8, #32), mais quatro vezes adicionais onde influencia o grupo 1 (#11, #15, #19, #26).
- 5 e 6 (completo) nunca concordam (onde um dos três grupos principais diverge)—eles são os extremos (o que torna improvável que qualquer deles seja o mais próximo do autógrafo).⁵²⁸
- 3,4 e 1,2 evidentemente formam grupos no próximo nível acima, os quais são eles próprios proximamente aparentados.
- 1 é razoavelmente próximo de 5 mas distante de 6, enquanto 4 é exatamente o oposto.

⁵²⁸Robinson-Pierpont alegam que ambos 5 e 6 lêem "os pecados de cada um deles" ao final de 8:8, porque Soden parece indicar isto em dois locais (II:427 e I:514). No entanto, em dois ou três outros locais onde Soden deveria mencioná-lo, não o faz. Ambos UBS³ e N-A²⁶ pareceriam discordar de R-P (embora o texto de ambas edições seja virtualmente idêntico, sendo o trabalho dos mesmos cinco editores, entendendo que os aparatos foram preparados separadamente). UBS³ usa *Byz*^{pt} para referir-se a percentagens de MSS variando de 74% a 24% (em João 7:53-8:11), **M**⁵ e **M**⁶ cada um recebendo esta classificação, quando sozinho ou com companhia escassa. Em 8:8 o acréscimo em questão não se classifica sequer como um *Byz*^{pt}, já a ausência dele se classifica como *Byz*. Desde que **M**⁵ + **M**⁶ representariam 58% dos MSS, o acréscimo teria que se classificar como *Byz*^{pt}—segue-se que UBS³ não concorda com R-P. Embora o uso de *pm* e *al* em N-A²⁶ não seja consistente, o fato que o acréscimo se classifica somente como um *al* pareceria indicar que N-A²⁶ também discorda de R-P. (Tanto o códice **U** como **II** têm o acréscimo, o que é uma circunstância curiosa, pois **U** usualmente segue **M**⁶ e **II** usualmente segue **M**⁵. Talvez um dos assistentes de Soden tenha tomado os dois códices como representativos dos dois grupos sem realmente checar a massa dos MSS.) Em 1997 e 1998 Robinson pessoalmente colacionou 1635 MSS a respeito de João 7:53-8:11 e constatou que Soden se equivocou—uma minoria inexpressiva dos MSS que compõem os grupos 5 e 6 traz o acréscimo. Então fica confirmado que 5 e 6 (completo) nunca concordam entre si onde um dos três grupos principais diverge.

Indo a mais detalhes, começarei com os grupos **1-4**. É óbvio que de modo algum eles são monolíticos, e tem-se que questionar se a atribuição (por Soden) de MSS individuais a estes grupos, foi totalmente feliz. Ignorando desvios solitários de MSS de um grupo:

- 4 divide-se 14 vezes (2 vezes sendo divisões em 3 direções),
- 3 divide-se 10 vezes (2 sendo em três direções),
- 2 divide-se 21 vezes (5 sendo em três direções, 3 sendo em quatro direções!),
- 1 divide-se 24 vezes (7 em três direções),

e isso dentro de nossos 33 conjuntos de variantes—cada um deles tem divisões adicionais.

No entanto, parece claro que esses quatro grupos realmente existem e é geralmente possível determinar a leitura do exemplar. A seguir, portanto, pergunto como estes quatro grupos se interrelacionam:

| | <u>concordâncias isoladas</u> | <u>concordâncias totais</u> |
|------------|-------------------------------|-----------------------------|
| 4,3 | 5 + 1 (não entre os 33) | 23 + 1 |
| 4,2 | 1 | 18 |
| 4,1 | - | 10 |
| 3,2 | 1 | 23 |
| 3,1 | 1 | 15 |
| 2,1 | 7 | 20 |

É evidente que **2,1** formam um grupo e **4,3** formam um grupo; que eles juntos formam um grupo maior é claramente demonstrado pela tabulação que segue. A proximidade aparente de **3,2** deve-se a que eles são os membros mais constantes dos seus subgrupos, **4** e **1** sendo mais erráticos (**4** tem cinco leituras singulares, além de assimilar-se a **6** três vezes; **1** tem duas leituras singulares além de assimilar-se a **5** cinco vezes; enquanto **3** e **2** não têm nenhuma leitura singular). Onde **3,2** concordam eles preservam a leitura do avô. Eu chamo de **j** o pai de **2,1**, chamo de **k** o pai de **4,3**, e chamo de **h** o pai de **j** e **k**.

A tabulação que segue torna mais fácil vermos o padrão. A leitura de **7** é sempre "x"; se a de **6** difere ela é sempre "y"; se a de **5** difere ela é sempre "z". "w" é usada para qualquer variante distinta das três primeiras. Colchetes [] são usados quando uma variante é claramente derivada de outra. Chaves { } são usadas para uma segunda variante derivada. Parênteses () são usados para indicar agrupamentos separados. Barras inclinadas para trás \ são usadas quando um agrupamento é anômalo. Um ponto de interrogação ? significa que não sei o que está ocorrendo. A coluna "=" dá a leitura seguida por **h** e demonstra que **h** tem um texto misto.

| | <u>7</u> | <u>6</u> | <u>5</u> | <u>4</u> | <u>3</u> | <u>2</u> | <u>1</u> | <u>h</u> | = |
|------|----------|----------|----------|----------|----------|----------|----------|------------|-----|
| #01) | x | x | z | x/[x] | z | [z] | [z] | 3[2,1] | z |
| #02) | x | y | x | [y] | x | x | x | 3,2,1 | x |
| #03) | x | y | x | x | x | x | x | 4,3,2,1 | x |
| #04) | x | y | x | [y] | x | x | x | 3,2,1 | x |
| #05) | x | x | z | x/w | x | x | x | /,3,2,1 | x |
| #06) | x | x/y | x | y | x | y | x | \4,2\3,1\ | ? |
| #07) | x | x | z | x | x | x | x | 4,3,2,1 | x |
| #08) | x | x | z | x | x | x | x | 4,3,2,1 | x |
| #09) | x | y | x | y | y | x | x | (4,3)(2,1) | y/x |
| #10) | x | y | x | y | y | x | x | (4,3)(2,1) | y/x |
| #11) | x | x | z | x | x | x | z | 4,3,2 | x |

| | | | | | | | | | |
|------|---|-----|---|-----|-------|-----|-----|------------|-----|
| #12) | x | x | z | z | z | z | z | 4,3,2,1 | z |
| #13) | x | x | z | [z] | [z] | [z] | {z} | [4,3,2]{1} | z |
| #14) | x | x | z | z | z | z | z | 4,3,2,1 | z |
| #15) | x | x | z | [x] | x/[x] | x | z | [4]/,2 | x |
| #16) | x | y | x | y | y | y | x/y | 4,3,2,/ | y |
| #17) | x | x/y | x | y | y | y | x/y | 4,3,2,/ | y |
| #18) | x | x | x | [w] | w | w | {w} | [4]3,2{1} | w |
| #19) | x | x | z | x | x | x | z | 4,3,2 | x |
| #20) | x | x/y | x | y | y | y | x/y | 4,3,2,/ | y |
| #21) | x | y | x | x | x | x | x | 4,3,2,1 | x |
| #22) | x | y | x | [x] | [x] | [x] | x | [4,3,2]1 | x |
| #23) | x | y | x | y | y | y | y | 4,3,2,1 | y |
| #24) | x | y | z | w | w | w | z/w | 4,3,2,/ | w |
| #25) | x | x/y | x | w | y | y | y | 3,2,1 | y |
| #26) | x | x | z | x | x | x | z | 4,3,2 | x |
| #27) | x | x/y | x | w | w | x/? | x | (4,3)(2,1) | w/x |
| #28) | x | y | x | y | y | w | w | (4,3)(2,1) | y/w |
| #29) | x | y | x | w | w | w | x | 4,3,2 | w |
| #30) | x | x/y | x | y | y | y/w | y | 4,3/,1 | y |
| #31) | x | x | z | w | w | z | x/? | 4,3 | w |
| #32) | x | x | z | x | x | x | x | 4,3,2,1 | x |
| #33) | x | x | z | z | x | x | x/z | ?,3,2,/ | x |

A questão crucial para nosso estema é o inter-relacionamento dos seus quatro grupos principais: **7,6,5** e **h**. Que **h** segue "x" 13 vezes, segue "y" 6 vezes, segue "z" 4 vezes e segue "w" 3 vezes, demonstra que ele tem uma existência autônoma e tem que ser tratado como um grupo separado. Observamos o seguinte:

7 e **5** concordam 17 vezes (ignorando #18).

7 e **6** concordam 14 vezes (ignorando #18), além de seis outras vezes onde uma parte significativa de **6** segue **7** e **5** (53%, 46%, 45%, 39%, 38%, 35%).

7 e **h** concordam 14 vezes.

6 e **h** concordam 11 vezes.

5 e **h** concordam 9 vezes.

5 e **6** (completo) nunca concordam (exceto no #18 onde **7,6,5** concordam todos—incluí #18 como uma ilustração adicional de que **h** tem existência própria).

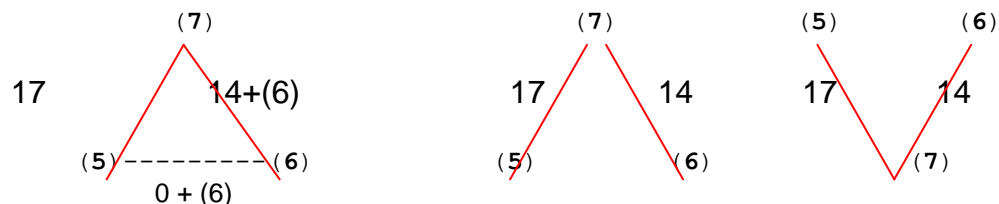
Assim, **5** e **6** são os extremos e **7** e **h** são candidatos a textos mistos—no entanto eles [**7** e **h**] não dependem diretamente um do outro, pois **7** e **h** nunca concordam a não ser que **5** ou **6** os acompanhem. Porém, **6** e **h** concordam sozinhos duas vezes (+ oito vezes adicionais quando um ou o outro está dividido), enquanto **5** e **h** concordam sozinhos quatro vezes; ademais, **h** se divide, acompanhando ambos **5** e **6** quatro vezes. Uma vez que **7,6,h** concordam nove vezes e **7,5,h** concordam cinco vezes (+ quatro vezes adicionais quando **h** está dividido), temos que propor nodos que ficam acima de **5** e **6** mas que são separados de **7**. Um escrutínio cuidadoso de **h** torna claro que este é um texto misto, derivando-se dos exemplares de **5** e **6**. Uma vez que **6** tem sete leituras singulares e **5** tem cinco, fica claro que cada um tem corrompido seu exemplar e nenhum deles pode ser o mais próximo do autógrafo. **7** não dá nenhuma evidência de ser misto; apenas tem uma leitura singular, precisamente no conjunto 24 onde cada um dos quatro grupos principais tem uma leitura diferente.

Concluo que **7** é independente e está no mesmo nível dos exemplares de **5** e **6**. Isto concorda com uma transmissão normal onde raramente mais que uma cópia de um dado nível criará uma variante no mesmo ponto, e quase nunca duas cometerão o

mesmo engano independentemente (exceto por um engano transcricional muito fácil e comum).

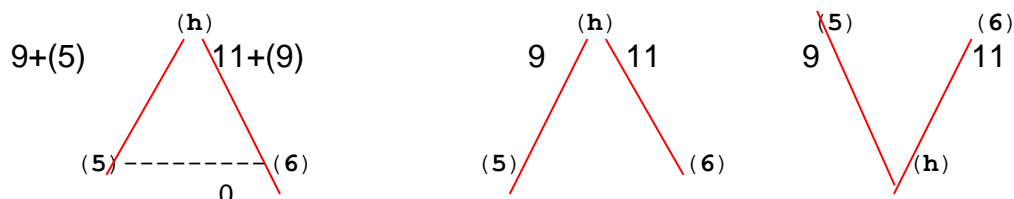
Um desenho ajudará a visualizar as opções. Considere:

7,6,5: 31 conjuntos (- #18 e #24) = ou a) ou b)



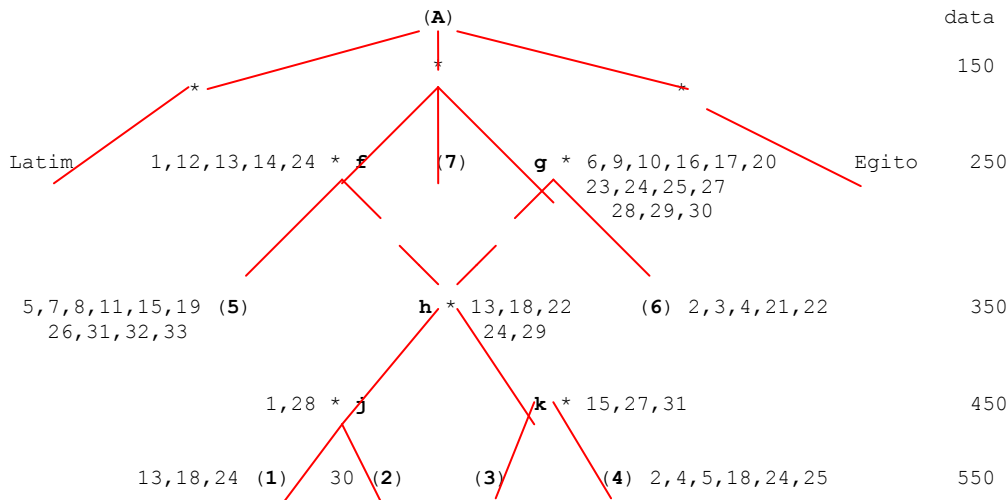
Se **7** é visto como uma mistura de **5** e **6**, a seleção uniforme é estranha, além de uma total ausência de confluções. As seis leituras divididas em **6**, mais o fato que **6** tem sete leituras singulares e **5** tem cinco leituras singulares, enquanto **7** tem somente uma leitura singular (precisamente onde todos os três discordam), apontam para a) como a melhor interpretação.

6,5,h: 29 conjuntos (- #18,#24,#29 e #31) = a) ou b)



Uma vez que **h** tem óbvias leituras secundárias, incluindo duas confluções, mais um tanto de mistura, b) parece ser a interpretação exigida. Evidentemente **h** dependeu mais pesadamente do ancestral de **6** do que daquele de **5**.

Agora, ofereço um estema que creio casar com e explicar a evidência estatística que acabei de descrever. O autógrafo é representado por "A". As letras **f,g,h,j,k** designam arquétipos reconstruídos. Os números dentro dos nodos são aqueles dos grupos de MSS de Soden. Os números ao lado dos nodos referem-se aos conjuntos de variantes nos quais os nodos introduzem um erro (tais erros vindicam chegarmos à suposição de um nodo, especialmente aqueles reconstruídos): assim **f** introduz 5 erros, **7** não introduz nenhum, **g** introduz treze, etc. As linhas sólidas indicam descendência linear, as linhas interrompidas indicam influência ocasional (quanto menores os tracinhos, menor a influência). A simetria é arbitrária, como também a cronologia. Não estou interessado em defender a cronologia, mas acontece que penso que ela está perto da realidade—é uma aproximação possível e até mesmo razoável.



Antes de retornar aos conjuntos de variantes para discutir probabilidades transcricionais, quero comentar o estema. **7**, **f** e **g** são independentes um do outro, todavia, em qualquer ponto, somente um abandona o original (exceto por #24 onde dois deles [ou todos os três] o fazem, em direções separadas). Isto é exatamente o que esperaríamos de uma transmissão normal, onde os arquétipos em um dado nível são independentes (um do outro). Com exceção de #24 há sempre uma maioria absoluta, da qual **7** sempre faz parte. Considero que **7** tem fielmente preservado o autógrafo,⁵²⁹ inclusive em #24 (ver a discussão de probabilidades transcricionais, abaixo). **f** é tolerável, mas **g** é um desgarrado, como também é **5**. **h** tem um texto misto. (A colocação de "Latim" e "Egito" é deliberada: parece-me que **6** e **4** refletem influência "egípcia", ao passo que **5** e **1** refletem influência "latina".)

Agora, às probabilidades. Os conjuntos de variantes são tomados em sequência linear, começando em 7:53:

- #1) **7** e **g** preservam o original; **6** influencia **4**. **f** cria uma variante e influencia **h**; **j** muda **h**. Presumivelmente as formas plurais foram assimilações impensadas ao sujeito do verso 52. A leitura de **3,5** é possivelmente uma harmonização com o mesmo verbo na linha seguinte.
- #2) **7**, **f** e **g** preservam o original. **6** cria uma variante e influencia **4**. Uma vez que o principal participante ou foco muda de 7:53 para 8:1, o $\delta\epsilon$ é exigido (uma norma da estrutura de discurso em grego koinê). **6** tem uma mudança estilística inepta. **4** segue **6** mas abandona o artigo.

⁵²⁹ Ambos H-F e R-P parecem aceitar que Soden iguale **M**⁷ com seu grupo **K**^r, que é definido como o texto Bizantino mais recente, em diferenciação da tradição principal (**K**^x). Estou inclinado a suspeitar que o julgamento de Soden se deriva mais das suas pressuposições do que da evidência. Creio que uma revisão da evidência feita independentemente mostrará que **M**⁷ é realmente antigo.

Aliás, as colações feitas por Robinson [ver nota de rodapé 4] o levam a declarar que todos os grupos são antigos e independentes—quer dizer, ele fez a "revisão independente da evidência" e chegou exatamente à conclusão que previ; **M**⁷ é bem antigo (III se não II século).

Uma análise das colações em Atos (publicada em *Text und Textwert*) e das em Lucas 1, 10 e 20 (feitas por F. Wisse), mostra que **f**¹⁸ (alias **K**^r) é tanto independente como antigo. **f**¹⁸ se engaja em uma considerável variedade de "mudança de partido", muito diferentemente de **K**^x, e freqüentemente compartilha leituras com MSS, versões e pais antigos (contra **K**^x); mas os compartilhamentos e "mudanças de partido" não são sistemáticos, não são previsíveis—portanto **f**¹⁸ tem que ser tanto independente como antigo.

- #3) **7, f e g** preservam o original. **6** cria uma variante. Talvez nunca saberemos o que deu em **6** aqui e no próximo exemplo. Em Lc. 24:1 realmente era "muito cedo" (ainda escuro) mas aqui já haviam pessoas no Templo. O fato de "muito" separar o advérbio "novamente" do seu verbo é contramão. De qualquer modo, é dificilmente acreditável que **6** possa estar correto contra todo o estema.
- #4) **7, f e g** preservam o original. **6** cria uma variante e influencia **4**. Uma vez que não há ambigüidade, a repetição de "Jesus" é desnecessária, se não gramaticalmente má. **4** parece ter substituído o verbo de seu exemplar com o de **6**.
- #5) **7, f e g** preservam o original. **5** cria uma variante, como faz (**4**). É difícil dizer exatamente porque **5** abandonou a frase preposicional aqui, mas isto não é razão suficiente para preferir **5** contra todo o estema.
- #6) **7 e f** preservam o original; **g** cria uma variante e é seguido por **6 e h**. **7** influencia (**6**); **5** influencia (**1**); se (**3**) foi influenciado por **7** ou **5** é o único tal caso—talvez acertou um "feliz comentário explicativo" por conta própria. Foi provavelmente pensado que a omissão melhoraria o estilo. Também seria fácil alguém inserir as palavras. Evidência externa tem que decidir a questão.
- #7) **7, f e g** preservam o original. **5** cria uma variante, tentando uma "melhoria" estilística ou gramatical.
- #8) **7, f e g** preservam o original. **5** cria uma variante e influencia (**1**). Esta variante evidentemente segue a precedente. Não vejo nada suficiente para derrubar a evidência externa.
- #9) **7 e f** preservam o original; **g** cria uma variante e é seguido por **6 e h**; **5** influencia **j**. Pode ter sido pensado que o artigo era estilisticamente melhor. Quando *μεσος* é parte de uma frase preposicional e é modificado por uma construção genitiva, nenhum artigo ocorre; sem o modificador um artigo frequentemente ocorre, mas nem sempre—como no v. 9 abaixo. Evidência externa tem que decidir a questão.
- #10) **7 e f** preservam o original; **g** cria uma variante e é seguido por **6 e h**; **5** influencia **j**. Este verbo é paralelo a aquele que começa o v. 3, assim o tempo presente *lhe* é apropriado. O tempo aoristo é presumivelmente uma assimilação superficial ao participio umas poucas palavras atrás.
- #11) **7, f e g** preservam o original. **5** cria uma variante e influencia (**1**). O comentário explicativo parece oficioso. Não vejo nada suficiente para derrubar a evidência externa.
- #12) **7 e g** preservam o original. **f** cria uma variante e influencia **h**. Este e os dois próximos conjuntos andam juntos. Aqui, a mudança foi deliberada, mas é difícil saber qual pode ter sido sua motivação. Talvez tenha sido considerado que o pronome demonstrativo era demasiadamente zombador.
- #13) **7 e g** preservam o original. **f** cria uma variante e influencia **5**; **h** corrompe **f**; **1** confla **j e 5**. A confusão dentro de **h** não inspira confiança. **5** pode representar uma "melhoria" estilística, fazendo o verbo (de **f**) mais gráfico (caso em que **5** criaria a variante e **h** reproduziria **f**).
- #14) **7 e g** preservam o original. **f** cria uma variante e influencia **h**. A escolha aqui é controlada pela escolha em #13).
- #15) **7, f e g** preservam o original; **k** corrompe **h**. **5** cria uma variante e influencia (**1**). Isto pode ter ido em qualquer das duas direções, embora talvez "nossa lei" seja mais típico de João. Evidência externa tem que decidir a questão.
- #16) **7 e f** preservam o original; **g** cria uma variante e é seguido por **6 e h**; **5** influencia (**1**). A voz passiva parece mais apropriada. Eu diria que o uso subsequente que nosso Senhor fez das palavras *λιθον βαλετω* reflete precisamente o *λιθοβολεισθαι* dos escribas.
- #17) **7 e f** preservam o original; **g** cria uma variante, seguido por **6 e h**; **7** influencia (**6**); **5** influencia (**1**). A ausência da frase é estilística e semanticamente melhor. Um copista oficioso mas não muito perspicaz pensou que estaria remediando a falta de informação implícita, mas "dela" não casa com o plural "tais".
- #18) **7, f e g** preservam o original. **h** cria uma variante, como fazem **4 e 1** também. O exemplar de **h** pode ter tido um traço cruzante fraco no *épsilon* de modo que ele [**h**] o leu como um *sigma*.

- #19) **7, f e g** preservam o original. **5** cria uma variante e influencia **1**. O infinitivo é a forma mais contramão, razão suficiente para críticos modernos a preferirem, mas a evidência externa parece clara.
- #20) **7 e f** preservam o original; **g** cria uma variante, seguido por **6 e h**; **7** influencia (**6**); **5** influencia (**1**). Seria este um acréscimo, ou uma omissão? Poderia ter acontecido de ambos os modos. Talvez **g** sentiu que "não prestando atenção" fez Jesus parecer mal educado, especialmente considerando a proeminência dos seus interrogadores.
- #21) **7, f e g** preservam o original. **6** cria uma variante; se ele influencia **2** é a única vez—(**2**) pode ter feito a mesma mudança estilística independentemente, tendo feito algo similar na sentença antecedente. A forma mais enfática foi provavelmente uma "melhoria" estilística. Em qualquer caso, é dificilmente acreditável que **6** possa estar correto contra todo o estema. Notar que (**2**) também fez o verbo mais enfático na cláusula antecedente.
- #22) **7, f e g** preservam o original; **h** corrompe **g**; **5** influencia **1**. **6** cria uma variante. É claro, do texto, que Jesus agachou-se e levantou-se duas vezes, mas **6** O tem agachando-se duas vezes sem se levantar entre elas—se um copista não notou que Jesus agachou-se duas vezes ele pode ter decidido remover a "incoerência" do Seu levantar-se duas vezes. A forma finita pode ser um retoque estilístico.
- #23) **7 e f** preservam o original; **g** cria uma variante, seguido por **6 e h**; **5** influencia (**1**). Um empate técnico, embora a frase preposicional pareça ser mais dramática, deliciosamente apropriada.
- #24) Este é um caso difícil, a única vez que os três grupos principais vão em direções separadas. Eis aí, sem dúvidas, porque este conjunto tem o maior número de variantes e confusão. Há três variáveis: o caso do pronome, o artigo, e a ordem constituinte (das palavras). Estas três variáveis recebem alinhamentos de atestação diferentes:

αυτην--(1),(2),4,5,6 VS *αυτη*--(1),(2),3,7
λιθον--(1),(2),4,6 VS *τον λιθον*--(1),(2),3,5,7
 OI,V,OD--(1),2,(3),4 VS OI,OD,V--(1),5 VS OD,V,OI--6 VS OD,OI,V--7

As duas primeiras variáveis têm o mesmo alinhamento, exceto por **5**, que troca de lado. Ele segue **6** para dar status majoritário ao acusativo, mas segue **7** para dar uma maioria absoluta ao artigo. A ordem dos constituintes parece ser confusa além de toda esperança, mas pode ser notado que há uma maioria absoluta pró o objeto direto na primeira posição (e assim pró a seqüência relativa de OD, OI dentro da cláusula) e pró o verbo na última posição (o que deixa a posição central para o objeto indireto). Mas como podemos explicar a flutuação dos alinhamentos?

Eu reconstruo a seqüência da história transmissional da seguinte maneira:

7 = *τον λιθον επ αυτη βαλετω*
g e 6 = — *λιθον βαλετω επ αυτην*
f = *επ αυτη τον λιθον βαλετω*
5 = *επ αυτην τον λιθον βαλετω*
h,j,k,3 = *επ αυτη βαλετω τον λιθον*
4 = *επ αυτην βαλετω — λιθον*
1 = *επ αυτη τον λιθον βαλετω*

Sendo livremente interpretado, isto significa:

- a) **7** preserva o original.
- b) **g**, seguido por **6**, cria uma variante: mudando o caso, abandonando o artigo e invertendo OI e V.
- c) **f** cria uma variante, invertendo OD e OI.
- d) **5** modifica **f**, mudando o caso (independentemente—*επι* leva ambos os casos).

- e) **h**, seguido por **j**, **k** e **3**, cria uma variante (edificando sobre **f**), movendo OD para o último lugar (enquanto preserva o caso e o artigo).
- f) **4** muda o caso e abandona o artigo, presumivelmente influenciado por **6** (uma ocorrência freqüente).
- g) Quatro dos dezesseis MSS **M**³ invertem V e OD (enquanto retêm o caso e o artigo); outros três assimilam em direção a **6**.
- h) **2** pulveriza-se: 28% ficando com **j**, 16% mudando somente o caso, 42% mudando o caso e abandonando o artigo, com 14% indo além dos 42% para adicionalmente inverterm V e OD. (Novamente, especula-se se von Soden alocou corretamente alguns dos MSS.)
- i) Quanto a **1**: 48% retêm o caso e o artigo de **j** mas invertem V e OD, presumivelmente influenciados por **5** (uma ocorrência freqüente); 43% retêm a ordem de palavras de **j** mas mudam o caso e abandonam o artigo (presumivelmente influenciados por **6**, uma vez que dois MSS **M**¹ assimilam completamente a **6**).

Esta reconstrução dá uma explicação razoável para o abrangimento de atestação peculiar para o caso dativo. Também explica o abrangimento de atestação para o artigo. De fato, explica muito bem o completo emaranhamento de variações. **M**⁷ preserva o original em todos os pontos.

Presumindo que **7** está correto todas as outras vezes, ele tem de longe o melhor "quociente de credibilidade". Se começarmos com **7**, **6** seria uma "melhoria" estilística, abandonando o artigo e colocando o objeto indireto por último (talvez ele considerou "primeiro" como modificando "pedra", como um número de versões proeminentes em inglês têm feito). Não é claro porque **f** poria o objeto indireto em primeiro lugar, a não ser que tenha sido para dar ênfase. **h** inventou uma nova ordem constituinte, a qual foi retida por todos os seus descendentes exceto (**1**), que foi influenciado por **5**. Considerando as flutuações de alinhamento através dos conjuntos de variantes, pareceria que copistas freqüentemente tinham acesso a mais que um exemplar e não estavam acima de fazer suas próprias escolhas—parece razoável supor que seriam mais dispostos de assim fazer quando confrontados com confusão na tradição.

O racha entre (**1**), (**2**), **3** pró o artigo e (**1**), (**2**), **4** contra ele, é estematicamente anômalo—sinto-me obrigado a concluir que houve muito "fazer sua própria escolha" neste caso. O mesmo racha entre o dativo versus o acusativo também é anômalo, embora, uma vez que *epi* leva ambos os casos, esta mudança específica pode ter acontecido independentemente mais que uma vez. Não é meu costume preferir leituras "mais difíceis" ou mais embaraçosas, mas talvez este seja um local apropriado para converter aquele cheque em dinheiro. Se **7** é estilisticamente mais contramão que algumas das outras variantes, então ele pode ter dado origem a elas.

#25) **7** e **f** preservam o original; **g** cria uma variante, seguido por **6** e **h**; **7** influencia (**6**); **4** cria uma variante. Seguramente seria mais fácil omitir uma cláusula deste tipo e tamanho do que inventá-la, especialmente se ela ocupou somente uma linha. **4** é doido; especulação nem adianta.

#26) **6**, **f** e **g** preservam o original. **5** cria uma variante e influencia **1**. A omissão pode ser o resultado de homoioteuton. De qualquer modo, **5** dificilmente poderia estar correto contra o estema.

#27) **7** e **f** preservam o original; **g** cria uma variante, seguido por **6** e **h**; **k** corrompe **h** e **5** influencia **j**. Um empate técnico, a não ser que tenha ocorrido que **g** abandonou "somente", seguido por **h**, e em esforços subsequentes para consertar isto (**6**), (**4**) e (**2**) o repuseram mas na ordem errada. Neste caso, **7** influenciou (**6**).

#28) **7** e **f** preservam o original. **g** cria uma variante, seguido por **6** e **h**; **j** omite. A solução aqui também envolve o conjunto que segue. Face a uma lacuna antes de *ειπεν γυναι*, se alguém sentiu a necessidade de criar um acréscimo como a leitura mais longa iria ele também mudar "mulher" para "para ela"? É muito mais provável que ele supriria algo tal como a leitura mais curta e deixaria "mulher" intata. Mas de cara a leitura mais longa não é do tipo que um copista formularia a partir do nada. Se começamos com a leitura mais longa é fácil de ver onde alguém pode ter se perturbado com a contradição aparente—ela diz que Jesus "não viu ninguém" exceto a mulher quando na realidade havia uma multidão observando os procedimentos. Daí ele "soluciona" o problema por substituí-la pela inócua leitura mais curta; mas agora ele tem dois pronomes muito juntos um do outro, portanto ele muda o segundo para "mulher". Pode ser instrutivo combinar os conjuntos #28) e # 29):

| | |
|--|------|
| <i>και μηδενα θεασαμενος πλην της γυναικος ειπεν αυτη</i> | 7,5 |
| <i>και μηδενα θεασαμενος πλην της γυναικος ειπεν γυναι</i> | (3) |
| <i>ειδεν αυτην και ειπεν γυναι</i> | 6 |
| <i>ειδεν αυτην και ειπεν αυτη γυναι</i> | 4(3) |
| <i>ειπεν αυτη γυναι</i> | 2 |
| <i>ειπεν αυτη</i> | 1 |

Os descendentes de **g** evidentemente estão confusos, o que tende a diminuir a sua credibilidade. Quer a leitura mais longa tenha sido abandonada acidentalmente (se ela ocupava um linha completa) ou mudada deliberadamente, não há nenhuma evidência interna suficiente para sobrepor a clara evidência externa.

#29) **7** e **f** preservam o original; **g** cria uma variante, **h** confla **f** e **g**; **5** influencia **1**. **(3)** abandona o pronome independentemente. Ver a discussão acima.

#30) **7** e **f** preservam o original; **g** cria uma variante, seguido por **6** e **h**, a qual **(4)**, **(2)** e **(1)** omitem. **7** influencia **(6)**. Se a leitura mais curta fosse original, quem teria pensado em adicionar o demonstrativo? A forma mais curta é muito agradável da maneira que está! Se a leitura mais longa fosse original alguém bem que pode ter sentido que o demonstrativo era zombador e impróprio. Ou o demonstrativo pode ter sido abandonado através de *parablepsis*. **(4)**, **(2)**, **(1)** evidentemente perpetraram uma omissão adicional, se propositadamente ou não é impossível dizer.

#31) **7**, **f** e **g** preservam o original; **k** corrompe **h** (variando a ordem das palavras mas conservando o pronome). **5** cria uma variante e influencia **j**. A evidência externa para a ordem das palavras é irresistível. **5** abandonou o pronome, seja por acidente ou de propósito (por considerá-lo supérfluo).

#32) **7**, **f** e **g** preservam o original. **5** cria uma variante. A omissão em **5** é pouco convincente.

#33) **7**, **f** e **g** preservam o original. **5** cria uma variante e influencia **(1)**; **4** comete o mesmo engano. A frase preposicional pode ter sido considerada redundante, ou foi perdida através de *parablepsis*. Presumivelmente **5** e o arquétipo de **4** omitiram independentemente; posteriormente **(4)** também abandonou "e".

Confesso que acho discussões de probabilidades cansativas e frustrantes. Raramente é possível elevarmo-nos acima de mera especulação. No entanto, talvez possamos catar do exercício acima uns poucos petiscos razoavelmente sólidos. Eu diria que em #2 o grupo **6** está claramente errado, gramaticalmente ruim. Em #3 o grupo **6** é inaceitável; é também inferior em #4. Em #11 e #12 a leitura de **5** é inaceitável. Em #16 o grupo **6** é inaceitável, como também em #22. Em #32 o grupo **5** parece inferior. O grupo

4 é errático, mas não é um candidato sério em qualquer caso. O grupo **1** é seriamente rachado e não é um candidato. Parece-me que nosso exercício confirma que nem **6** nem **5** pode ser o mais aproximado do autógrafo.

De tudo isso, que temos aprendido quanto a nossos interesses maiores? Ao meu ver, ao invés de constituir um embaraço à Teoria do Texto Majoritário, João 7:53-8:11 confirma sua validade e praticabilidade. Em geral a transmissão foi "normal". Em uma transmissão normal os copistas de uma dada geração quase nunca cometeriam o mesmo erro independentemente, e raramente mais que um deles introduziria um erro em qualquer dado ponto—assim a leitura verdadeira deve ter atestação majoritária em todos os níveis. Apesar de uma incidência de variações um tanto alta (uma vez que as testemunhas "Alexandrina" e "Ocidental" foram excluídas para começo de conversa—assim evitando a maioria dos resultados da transmissão "anormal") a passagem vindica nossas expectativas. Embora ela tenha evidentemente passado por mais turbulências que qualquer outra passagem no Evangelho de João, ainda assim o texto original é atestado por uma clara maioria dos MSS.

Para concluir, se o efeito essencial da minha discussão é convincente a meus pares, recomendo encarecidamente que, em qualquer reimpressão futura do *Majority Text* de H-F, o texto de João 7:53-8:11 seja corrigido de modo a refletir a atestação majoritária. (O mesmo se estende ao *Byzantine/Majority Textform* de R-P.)⁵³⁰ Também seria necessário revisar a discussão correspondente, na "Introdução". À medida que nossa teoria é vista como uma ameaça ao Sistema, certamente será atacada, sabemos, mas não vejo virtude em oferecer munição gratuita.

⁵³⁰*The New Testament in the Original Greek according to the Byzantine/Majority Textform* contém um apêndice sobre a *Passagem da Adúltera*, pags. 494-505. R-P imprime várias formas da passagem, inclusive aquela de **M**⁷ (minha escolha), a do *Majority Text* (de H-F) e a do *Byzantine/Majority Textform* (dos próprios R-P). Declaram que geralmente preferem **M**⁵, consideram **M**⁷ como inferior a ambos **M**⁵ e **M**⁶, mas todavia **M**⁵ + **M**⁷ sempre sobrepujam **M**⁶ (pags. 496-97). No entanto, quando inspecionamos a reconstrução de R-P, descobrimos o seguinte: rejeitam a leitura de **M**⁵ nove vezes e a põem em dúvida mais cinco outras vezes; põem **M**^{5,7} em dúvida duas vezes (contra o princípio declarado deles); seguem **M**⁵ (sozinho) sem questionamento apenas uma vez—de fato, a reconstrução deles é mais próxima de **M**⁷ do que de **M**⁵. Tudo isto me deixa um pouco perplexo: por que dizem, então, que **M**⁵ é o melhor e **M**⁷ o pior entre os três grupos principais?

APÊNDICE H

QUE DIFERENÇA FAZ?

Por pelo menos 200 anos tem sido comumente argumentado que, não importa qual o texto grego que se use, nenhuma doutrina será afetada.⁵³¹ Na minha própria experiência, por mais de 30 anos, quando tenho levantado a questão de qual é o texto grego correto do Novo Testamento, a resposta mais comum, seja qual for o auditório, tem sido: “Que diferença faz?” O propósito deste artigo é responder essa pergunta, pelo menos em parte.

O texto grego eclético atualmente em voga, UBS³/N-A²⁶, representa o tipo de texto sobre o qual a maioria das versões modernas se baseia.⁵³² A KJV e a NKJV seguem um tipo de texto bastante diferente, um primo próximo do Texto Majoritário.⁵³³ A discrepância entre o texto UBS³ e o Texto Majoritário envolve em torno de 8% das palavras. Em um texto grego com 600 páginas, isto equivaleria a 48 páginas inteiras formadas somente de discrepâncias! Cerca de um quinto desse montante reflete omissões no Texto Eclético, de modo que este é umas dez páginas mais curto que o Texto Majoritário. Mesmo se admitirmos, para efeito de raciocínio, que até metade das diferenças entre os textos Majoritário e Eclético possam ser chamadas de “sem maiores conseqüências,” isto ainda deixaria o equivalente a aproximadamente 25 páginas formadas somente por diferenças que são significativos (em graus variados). A despeito dessas diferenças, é normalmente assumido que nenhuma doutrina cristã cardeal é realmente posta em perigo (embora algumas, tais como as do julgamento eterno, da ascensão e da divindade de Cristo, são enfraquecidas). **No entanto**, a mais básica de todas, a doutrina da divina inspiração do texto, está realmente sob ataque.

O Texto Eclético incorpora erros de fato e contradições tais que qualquer afirmação que o Novo Testamento é divinamente inspirado torna-se relativa, e a doutrina da inerrância se torna virtualmente indefensável. Se a autoridade do Novo Testamento é solapada, todos os seus ensinamentos são semelhantemente afetados. Por mais de um século, a credibilidade do texto do Novo Testamento tem sido minada, e esta crise de credibilidade tem sido imposta à atenção dos leigos pelas versões modernas, que colocam partes do texto entre colchetes e têm numerosas notas de rodapé de um tipo tal que levantam dúvidas sobre a integridade do Texto.

As conseqüências de tudo isto para o futuro da Igreja são sérias e de longo alcance. Parece irrazoável que indivíduos e organizações que professam defender um

⁵³¹ John Bengel, um crítico textual que morreu em 1752, tem sido considerado como sendo o primeiro que propôs este argumento.

⁵³² *The Greek New Testament*, New York: United Bible Societies, 3rd ed., 1975. *Novum Testamentum Graece*, Stuttgart: Deutsche Bibelstiftung, 26th ed., 1979. Os textos dessas duas edições são virtualmente idênticos, tendo sido elaborados pelos mesmos cinco editores: Kurt Aland, Matthew Black, Carlo Martini, Bruce Metzger e Allen Wikgren. A maioria das versões modernas realmente se baseia no texto Nestle “antigo”, o qual difere da 26ª edição em mais de 700 locais. UBS⁴ e N-A²⁷ não oferecem mudanças no texto, mas sim no aparato crítico. Segue-se que o texto foi estabelecido pelos cinco editores anteriores, não os atuais (Matthew Black e Allen Wikgren foram substituídos por Bárbara Aland [esposa de Kurt, mas agora viúva] e Johannes Karavidopoulos).

⁵³³ *The Greek New Testament According to the Majority Text*, Nashville: Thomas Nelson Publishers, 2nd ed., 1985. Este texto foi editado por Zane C. Hodges e Arthur L. Farstad. Difere algo do *Textus Receptus* sobre o qual a KJV e a NKJV são baseadas.

alto conceito da Escritura, que defendem sua inspiração plenária e verbal, e a inerrância dos Autógrafos, venham abraçar um texto grego que efetivamente solapa suas crenças.⁵³⁴ Dado que a sinceridade desses indivíduos e organizações é evidente, havemos de concluir que estão mal informados, ou que não têm realmente atentado para as evidências e analisado as implicações. Por isso, irei agora expor algumas dessas evidências e discutir as implicações. Quero enfatizar que não estou atacando a sinceridade pessoal ou a ortodoxia daqueles que usam o texto da UBS; estou sim desafiando as pressuposições que estão por trás deste, e chamando a atenção para as conseqüências, os resultados finais.

Nos exemplos que seguem, a redação do Texto Majoritário vem sempre primeiro e a do texto da UBS³ logo depois, seguida por quaisquer outras. Imediatamente abaixo de cada variante está um equivalente literal em português. A cada variante está anexada uma relação do apoio, por manuscritos e por versões, do tipo que se pode encontrar no aparato crítico de UBS³, por exemplo. (Muitos leigos não saberão como interpretar estas relações de apoio; neste caso deverão pular para o “Problema”—vale notar, todavia, que “**Biz**” normalmente representa acima de 90% dos MSS gregos sobreviventes [conhecidos]). O conjunto de variantes, com suas respectivas atestações, é seguido por uma discussão das implicações. Primeiro apresentarei erros de fato e contradições, depois anomalias sérias e aberrações.

Erros De Fato e Contradições

Lucas 4:44

Γαλιλαιας—A,D,E,G,K,M,U,X,Y,Γ,Δ,Θ,Π,Ψ,047,0211,+6unc,f¹³,33,**Biz**,lat,sir^P
[nas sinagogas] da Galiléia

Ιουδαιας —P⁷⁵vid,Σ,B,C,L,Q,R(W)f¹,**Lec**,sir^{s,h},cop
[nas sinagogas] da Judéia

Problema: Jesus estava na Galiléia (e continuou lá), não na Judéia, como o contexto deixa claro.

Discussão: Na passagem paralela (Marcos 1:35-39), todos os textos concordam que Jesus estava na Galiléia. Assim, a UBS³ contradiz a si própria ao trazer Judéia em Lucas 4:44. Bruce Metzger deixa evidente que os editores da UBS fizeram isto propositalmente, quando ele explica que a redação deles “é obviamente a mais difícil, e copis-

⁵³⁴Provavelmente nenhum par de manuscritos gregos conhecidos está em perfeita concordância. Em conseqüência, reivindicações de inerrância são normalmente limitadas aos Autógrafos (os próprios documentos originais realmente escritos pelos seus autores humanos), ou à exata redação neles contida. Uma vez que nenhum Autógrafo do NT existe hoje (eles provavelmente se gastaram totalmente dentro de uns poucos anos, pelo uso intenso), temos que apelar para as cópias em existência, em qualquer esforço para identificar a redação original.

A teoria de crítica textual, sobre a qual UBS³/N-A²⁶ se baseiam, pressupõe que a redação original foi “perdida” durante os primeiros séculos e que certeza objetiva quanto a essa redação é agora uma impossibilidade. Uma parte central do debate atual é o argumento que o texto em uso **hoje** não é inerrante—este é um tema recorrente em *The Proceedings of the Conference on Biblical Inerrancy 1987* (Nashville: Broadman Press, 1987), por exemplo.

Estou preparado para oferecer evidência objetiva em apoio à afirmação que a redação original **não** foi “perdida” durante os primeiros séculos. Ademais, defendo a tese de que é realmente possível, com razoável certeza e com base em critérios objetivos, identificarmos a redação original ainda **hoje**.

tas a corrigiram... de acordo com as [passagens] paralelas de Mt. 4:23 e Mc. 1:39.⁵³⁵ Assim, os editores da UBS introduziram no texto deles uma contradição que é também um erro de fato. Este erro no Texto Eclético é reproduzido pelas LB, NIV, NASB, NEB, RSV, etc. A NRSV acrescenta insulto à injúria: "Assim ele continuou proclamando a mensagem nas sinagogas da Judéia."

Lucas 23:45

εσκοτισθη—A, C^c, D, E, G, K, M, Q, R, U, V, W, X, Y, Γ, Δ, Θ, Π, Ψ, 0117, 0135, +5unc, f^{1,13}, **Biz, Lec**, lat, [o sol] escureceu-se
 sir, Diat
εκλιποντος—P⁷⁵, Ξ (B, C^{vid}) L, 0124 (cop)⁵³⁶
 [o sol] entrou em eclipse

Problema: Um eclipse solar é impossível durante a lua cheia. Jesus foi crucificado durante a Páscoa, e a Páscoa sempre é neste quarto da lua (eis aí porque a data da Páscoa varia de ano para ano). A UBS introduz um erro científico.

Discussão: O verbo grego *εκλειπω* é bastante comum e tem o significado básico de “falhar” ou “terminar”, mas quando usado em respeito ao sol ou à lua, refere-se a um eclipse (a nossa palavra “eclipse” vem daquela raiz grega). Tanto é assim que versões tais como a de Moffatt, a “Twentieth Century”, a “Authentic”, a de Phillips, a NEB, a “New Berkeley”, a NAB e a “Jerusalem”, abertamente declaram que o sol entrou em eclipse. Enquanto versões tais como as NASB, TEV e NIV evitam a palavra “eclipse”, o significado normal do Texto Eclético que elas seguem é precisamente “o sol entrando em eclipse.”⁵³⁷

Marcos 6:22

αυτης της Ηρωδιαδος—A, C, E, G, H, K, M, N, S, U, V (W, Θ) Y, Γ, Π, Σ, Φ, Ω, f⁽¹⁾¹³, 33, **Biz, Lec**, lat
 [a filha] ela própria de Herodias
 (sir, cop, Diat)
αυτου - Ηρωδιαδος—Ξ, B, D, L, Δ
 dele [filha] Herodias

Problema: O texto da UBS, em Marcos 6:22, contradiz o texto da UBS em Mateus 14:6.

Discussão: Mateus 14:6 declara que a moça era a filha de Herodias (esta tinha sido esposa de Filipe, mas agora estava vivendo com o irmão dele, Herodes). Aqui a

⁵³⁵ *A Textual Commentary on the Greek New Testament*, New York: United Bible Societies, 1971, pags. 137-38.

⁵³⁶ Listas mais recentes de evidências trazem 070 em vez de 0124, isto porque 0124 e vários outros manuscritos agora são considerados como sendo retalhos de uma única cópia, que leva o número 070—contudo é 0124 que contém este verso.

⁵³⁷ Arndt e Gingrich (*A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature*. Chicago: University of Chicago Press, 1957, pag. 242), referindo-se a esta passagem, dizem: “do sol **escurecer**, talvez **ser eclipsado**.” Suspeita-se que esta assertiva foi planejada especificamente para defender a redação do Texto Eclético. Não nos surpreende ver Metzger rejeitar a redação de 99+% dos MSS como “a variante mais fácil” (pag. 182).

UBS faz aquela moça ser a própria filha de Herodes, e chama **a ela** de “Herodias.” Metzger defende a escolha da comissão da UBS com estas palavras: “É muito difícil decidir qual redação é a menos insatisfatória” (pag. 89)! (Os editores da UBS consideram que a redação original está perdida? Se não, ela também tem que [lhes] ser “insatisfatória”! Mas são aqueles editores realmente competentes para fazer um tal julgamento? E, exatamente o que será que torna ‘insatisfatória’ a redação de 99+% dos manuscritos? Deve ser porque não cria problema.) As versões modernas que normalmente se identificam com o texto da UBS aqui o abandonam, exceto a NRSV, que lê “Herodias, a filha dele.”

1 Coríntios 5:1

ονομαζεται—P⁶⁸, S^c, Ψ, **Biz** (96,8% dos MSS) *se nomeia*
 - - - —P⁴⁶, S^{*}, A, B, C, D, F, G, 33, lat, cop

Problema: É relatado que um homem possuía a esposa do seu pai, um tipo de fornicção tal que nem mesmo os gentios falavam dele. No entanto, o texto da UBS afirma que este tipo de incesto nem mesmo existe entre os gentios, uma mentira óbvia. Cada tipo concebível de perversão sexual humana tem existido através de toda a História.

Discussão: Estranhamente, versões evangélicas tais como NIV, NASB, Berkeley e LB propagam este erro. Acho interessante que versões tais como TEV, NEB e “Jerusalem”, embora seguindo o mesmo texto, evitam uma declaração categórica.⁵³⁸

Lucas 3:33

του Αμιναδαβ, του Αραμ —A, E, G, K, N, Δ, Π, Ψ, 047, 0211 (D, Θ) + 7unc(f¹) 33, **Biz, Lec**,
 de Aminadabe de Arão lat, sir^{p, h}
του Αμιναδαβ, του Αδμιν, του Αρνι —nenhum manuscrito!!
 de Aminadabe de Admin de Arni
του Αδμειν, του Αρνει —B
του Αδαμ, του Αρνι? —sir^s
του Αδαμ, του Αδμιν, του Αρνει —S^{*}
του Αδαμ, του Αδμειν, του Αρνει —cop^{sa}
του Αδμειν, του Αδμιν, του Αρνι —cop^{bo}
του Αμιναδαβ, του Αδμιν, του Αρνει —S^c
του Αμιναδαβ, του Αδμιν, του Αρνη —f¹³
του Αμιναδαβ, του Αδμη, του Αρνι —X
του Αμιναδαβ, του Αδμειν, του Αρνι —L
του Αμιναδαβ, του Αδμειν, του Αραμ —0102 (P⁴?)

Problema: Os fictícios Admin e Arni são introduzidos na genealogia de Cristo.

Discussão: O texto da UBS tem distorcido a evidência no seu aparato crítico, de modo a esconder o fato que nenhum MS grego tem o texto exato que imprimiram, uma verdadeira “colcha de retalhos.” Ao apresentar o raciocínio da Comissão da UBS neste

⁵³⁸O aparato da UBS não dá ao usuário nenhuma pista de que há variação séria neste ponto; em consequência, Metzger também não a dá. É mais provável que ele teria dito que a redação de 96,8% dos MSS é ‘insatisfatória’.

caso, Metzger escreve: “A Comissão adotou o que parecia ser a forma menos insatisfatória do texto” (pag. 136). Mas que arrogância sem medida!! Os editores da **UBS** inventam sua própria redação e a proclamam ser “a menos insatisfatória”! E o que exatamente pode ser “insatisfatório” na redação de 99+% dos MSS, exceto que não introduz quaisquer dificuldades?

Há completa confusão no arraial Egípcio. Essa confusão deve ter começado no segundo século, resultando de alguns erros fáceis de ocorrer ao transcrever, simples enganos ao copiar. É muito fácil mudar *ARAM* para *ARNI* (nos primeiros séculos, somente letras maiúsculas eram usadas): com uma pena de escrever que começa a arranhar, os traços cruzantes no *A* e no *M* poderiam ficar fracos, e um copista subsequente poderia confundir a perna esquerda do *M* como acompanhando o *A*, de modo a fazer um *N*, e a perna direita do *M* se tornaria um *I*. Muito cedo “Aminadabe” foi soletrado errado, como “Aminadam”, o que sobreviveu em cerca de 25% dos manuscritos existentes. O *AAAM* de Aleph, sir^s e cop^{sa} surgiu de uma fácil instância de homioarcton (o olho do copista foi do primeiro *A* em “Aminadabe” para o segundo, omitindo “Amin” e deixando “Adam”). *A* e *Δ* são facilmente confundíveis, especialmente quando escritos à mão—“Admin” presumivelmente veio de “AMINadab/m”, embora o processo fosse mais complicado. O “i” de “Admin” e “Arni” é adulterado para “ei” em Códice B (uma ocorrência freqüente nesse MS—talvez devido à influência Coptica). Códice Aleph fez a confluência do ancestral que produziu “Adam” com aquele que produziu “Admin”, etc. A confusão total no Egito não nos surpreende, mas como explicaremos o texto e aparato da UBS neste exemplo? E o que poderia ter se apoderado dos editores da NASB, NRSV, TEV, LB, Berkeley, etc. para abraçarem um erro tão grosseiro?⁵³⁹

Mateus 19:17

Τι με λεγεις αγαθον; ουδεις αγαθος ει μη εις, ο θεος--

C, E, F, G, H, K, M, S, U, V, W, Y, Δ, Σ, Φ, Ω, f¹³, 3
3,

Por que me chamas bom? Não há bom senão um só, que é Deus!

Biz, Lec, sir^{p,h}, cop^{sa}, Diat

Τι με ερωτας περι του αγαθου; εις εστιν ο αγαθοςj --ξ, L, Θ (B, D, f¹, sir^s)

Por que me perguntas a respeito do que é bom? Um é bom.

Τι με ερωτας περι του αγαθου; εις εστιν ο αγαθος, ο θεος--lat, sir^c, cop^{bo}

Problema: a UBS em Mateus 19:17 contradiz a UBS em Marcos 10:18 e Lucas 18:9 (em Marcos e Lucas todos textos concordam com a redação do texto bizantino em Mateus 19:17).

⁵³⁹ Lucas 3:33 oferece ainda outra dificuldade textual relacionada a esta. Eu diria que o Texto Majoritário de H-F abandonou o TR prematuramente ao inserir Jorão entre Arão e Esrom. Dos 27 unciais sobreviventes, somente nove lêem Jorão, 18 não o fazem, e são apoiados pelas três versões mais antigas. Emerge que uns 60% dos cursivos, incluindo K^r, trazem Jorão, mas o MS mais antigo a fazê-lo é do século VIII—todos os MSS anteriores não o têm. Em termos das “Marcas da Verdade” de Burgon, Jorão ganha em número mas perde em antigüidade, em variedade e em continuidade. Jorão foi provavelmente uma corrupção bem antiga de Arão (como pelo ancestral de MS 1542) que foi subsequentemente conflado com ele; a confluência sobrevive em um largo segmento da tradição bizantina, que está seriamente dividida aqui.

Discussão: Pode-se presumir que Jesus falou em aramaico, mas não há nenhuma maneira pela qual o que Ele disse pudesse legitimamente resultar nas duas traduções para o grego acima dadas.⁵⁴⁰ Que as versões em latim oferecem uma confluência sugere que as outras duas variantes tinham que existir no segundo século—na verdade, o Diatessaron abertamente põe a redação bizantina na primeira metade daquele século. A Igreja no Egito, naquele século, era dominada pelo Gnosticismo. Que uma tal variante tão deliciosamente gnóstica surgiu não é surpresa, mas porque os editores modernos a adotam? Porque é “a mais obscura” (Metzger, pag. 49). Esta “obscuridade” foi tão atraente à Comissão da UBS que eles imprimiram outra “colcha de retalhos”—ajuntando a pergunta do jovem e esta primeira parte da resposta do Senhor, o exato texto da UBS³ é encontrado somente no **corretor** do Códice B; ademais, com referência aos principais MSS gregos (Σ, B, D, L, Θ, f¹) dados como aqui apoiando o Texto Eclético, o fato é que nenhum deles [aqui] concorda precisamente com nenhum dos outros! (Devem eles ser considerados como testemunhas confiáveis? Em que base?) A maioria das versões modernas se junta ao texto da UBS neste erro, também.

Atos 19:16

αυτων —H, L, P, S (Ψ) **Biz**, sir^S
deles
αμφοτερων—P⁷⁴, Σ, A, B, D, 33, sir^P, cop
de ambos

Problema: Os filhos de Ceva eram sete, não dois.

Discussão: Argumentar que “ambos” pode significar “todos”, com base nesta passagem, é fugir da pergunta por assumir o fato como provado. Um apelo para Atos 23:8 é igualmente não convincente. “Porque os Saduceus dizem que não há ressurreição, nem anjo ou espírito; mas os fariseus reconhecem ambas as coisas.” “Anjo” e “espírito”, se não foi intencionado que fossem tomados como sinônimos, pelo menos pertencem a uma única classe, a dos seres espirituais. Os fariseus criam em “ambas as coisas”—ressurreição e seres espirituais. Não há aqui nenhuma base para alegar que “ambos” pode legitimamente se referir a sete, em Atos 19:16.⁵⁴¹ Mesmo assim, a maioria das versões modernas traduz “ambos” por “todos”. Na verdade, a NASB traduz como “eles ambos,” tornando a contradição patente!

⁵⁴⁰No Seu ensino sobre temas genéricos, o Senhor presumivelmente se repetiu muitas vezes, usando uma variedade de expressões e variações sobre os temas, e os escritores dos Evangelhos preservam algo dessa variedade. Nesta passagem estamos lidando com uma conversação específica, a qual pode-se presumir que não foi repetida.

⁵⁴¹A nota de Arndt e Gingrich (pag. 47) parece planejada para proteger a redação do Texto Eclético em Atos 19:16. A discussão de Metzger é interessante. “A dificuldade em reconciliar [“sete”] com [“ambos”], no entanto, não é grande ao ponto de tornar o texto que inclui “ambos” um texto impossível. Por outro lado, no entanto, a dificuldade é tão trabalhosa que é difícil explicar como [“sete”] entrou e foi perpetuada no Texto, se não era original ...” (pag. 471-72). Notar que Metzger assume a genuinidade de “ambos” e discute a dificuldade que isto cria, como se fosse um fato. Eu diria que sua suposição é sem fundamentos, e que a dificuldade que ela cria é um artefato das pressuposições dele.

Mateus 1:7-8

Ασα —E, K, L, M, S, U, V, W, Γ, Δ, Π, Σ, Ω, 33, **Biz, Lec**, lat^{pt}, sir

Asa

Ασαφ—N, B, C, f^{1,13}, lat^{pt}, cop

Asafe

Problema: Asafe não pertence à genealogia de Jesus.

Discussão: Asafe foi da tribo de Levi, não da de Judá; foi um salmista, não um rei. É claro, do comentário de Metzger, que os editores da UBS entendem que seu texto se refere ao levita e não deve ser entendida como uma grafia alternativa de Asa; Metzger abertamente chama Asafe um “erro” (pag. 1). De fato, “Asafe” provavelmente não é uma “escorregada da pena” ao escrever “Asa”. Sem contarmos Asa e Amon (ver v. 10), Códice B erra na escrita de 13 nomes neste capítulo, enquanto Códice Aleph erra na escrita de 10 nomes, o que mina sua credibilidade. No entanto, seus erros envolvem ditografia [isto é, repetições], mudança de gênero, ou mudança para um som similar (z ao invés de s, d ao invés de t, m ao invés de n)—não adicionar uma consoante gratuita, como f, nem trocar sons não semelhantes, como s ao invés de n.

Em resposta a Lagrange, que atribuía “Asafe” a um antigo erro de escriba, Metzger escreve: “Uma vez, no entanto, que o evangelista pode ter derivado material para a genealogia, não do Velho Testamento diretamente, mas de listas genealógicas subsequentes, nas quais a grafia errônea ocorreu, a Comissão não viu nenhuma razão para adotar o que parece ser uma emenda escribal” (pag. 1). Metzger declara, sem rodeios, que a grafia por eles adotada é “errônea”. Os editores da UBS deliberadamente importaram um erro para o seu texto, e o erro é fielmente reproduzido pela NAB (“New American Bible”) e NRSV. RSV e NASB oferecem uma nota de rodapé dizendo que o grego lê “Asafe”—seria menos enganador se eles tivessem dito que uma fração minúscula dos MSS gregos assim lê. O caso de Amon vs. Amós, no verso 10, é análogo a este. Metzger diz que “Amos” é “um erro [na grafia] de ‘Amon’” (pag. 2), e daí os editores da UBS naturalmente inseriram o erro no seu texto.

Mateus 10:10

μηδε ραβδουζ—C, E, F, G, K, L, M, N, P, S, U, V, W, Y, Γ, Δ, Π, Σ, Φ, Ω, f¹³, **Biz**, it^{pt}, sir^h, cop^b
nem bordões

μηδε ραβδον —N, B, D, Θ, f¹, 33, lat, sir^p, cop^{sa}
nem [um] bordão

Problema: Tanto em Mateus 10:10 como em Lucas 9:3, o texto da UBS tem “nem [um] bordão”, assim contradizendo Marcos 6:8, onde todos os textos têm “somente um bordão.”

Discussão: Em Lucas e Mateus, o texto bizantino lê “nem bordões”, que não contradiz Marcos— o caso dos bordões é análogo ao das túnicas: cada apóstolo devia levar somente um, não vários. Um leitor superficial provavelmente esperaria o singular; que algum escriba no Egito teria problemas com “bordões” e fizesse a simplificação para “[um] bordão”, não traz nenhuma surpresa; mas por que os editores da UBS importaram

este erro para seu texto? Quase todas as versões modernas seguem a UBS tanto aqui como em Lucas 9:3.

Marcos 1:2

εν τοις προφηταις —A,E,F,H,K,M,P,S,U,V,W,Y,Γ,Π,Σ,Φ,Ω,f¹³,**Biz,Lec**,sir^h
[como está escrito] nos profetas
εν τω Ισαια τω προφητη—N,B,L,Δ,33(D,Θ,f¹)|at,sir^{p,pal},cop
[como está escrito] em Isaías, o profeta.

Problema: O texto da UBS atribui ao livro de Isaías material nele inexistente.

Discussão: O resto do verso 2 é uma citação de Malaquias 3:1, enquanto o verso 3 é de Isaías 40:3. Mais uma vez Metzger usa, essencialmente, o argumento da “leitura mais difícil” (p. 73), mas a escolha eclética é, muito provavelmente, o resultado de atividade harmonizadora primitiva.⁵⁴² Quase todas as versões modernas seguem o texto da UBS aqui.

Lucas 9:10

εις τοπον ερημιον πολεως καλουμενης Βηθσαιδα(ν)—(A)C,E,G,K,M,U,Y,W,Γ,Δ,Π,047,0211
,
para um lugar deserto pertencente a uma aldeia chamada Betsáida,
f(1)¹³**Biz**,sir^{(p)h}
εις πολιν καλουμενην Βηθσαιδα —(P⁷⁵)B,L,X,Ξ,33 (sir^s)cop
para uma aldeia chamada Betsáida
εις τοπον ερημιον —N,sir^c,bo^{mss}
para um lugar deserto

Problema: O texto da UBS tem Jesus e Seu grupo adentrando Betsáida, mas no v. 12 os discípulos dizem que estão numa área deserta; assim uma contradição é introduzida. A UBS também está em desacordo com a UBS nas passagens paralelas.

Discussão: Em Mateus 14:13 todos os textos têm Jesus retirando-se para um lugar deserto, e no v. 15 os discípulos dizem “o lugar é deserto ... despede a multidão, para que vão pelas aldeias.” Em Marcos 6:31-32, todos os textos têm Jesus indo para um local deserto, e no v. 35 os discípulos dizem que “o lugar é deserto,” etc. Assim, a UBS não apenas faz Lucas se contradizer a si próprio, mas o coloca contra Mateus e Marcos. As versões modernas não nos surpreendem.

Detenho-me para registrar um caso onde as principais testemunhas “alexandrinas” introduzem uma contradição que os textos “críticos” não têm adotado, o que a-

⁵⁴²Os únicos outros locais onde Isaías 40:3 é citado no Novo Testamento são Mateus 3:3, Lucas 3:4 e João 1:23. Os dois primeiros são em passagens paralelas a Marcos 1:2 e casam com este ao citarem a LXX exatamente. A citação em João difere da LXX em uma palavra e é também usada em conexão com João Batista. A consideração crucial, para nossos presentes propósitos, é que Mateus, Lucas e João todos eles (sem variação de MS) identificam a citação como sendo de Isaías. Parece claro que a redação “Alexandrina-Occidental” em Marcos 1:2 é simplesmente uma assimilação aos outros três evangelhos. Deve também ser notado que o material de Malaquias parece mais uma alusão que uma citação direta. Ademais, embora Malaquias seja citado (ou aludido) várias vezes no Novo Testamento, ele nunca é nomeado. Os próprios hábitos de Marcos podem também ser muito relevantes a esta discussão. Marcos citou Isaías em 4:12, 11:17 e 12:32, e aludiu a ele em cerca de dez outros locais, sempre sem nomear sua fonte. A única vez que ele usa o nome de Isaías é quando cita Jesus, em 7:6. Ante tal clara evidência o cânon da “redação mais difícil” não pode justificar que um erro seja forçado para dentro de Marcos 1:2.

preciamos, embora Westcott e Hort a incluíssem no seu texto, entre colchetes duplos. Isto dá uma ilustração adicional da tendência daqueles MSS.

Mateus 27:49

--- --- --- --- --- --- --- --- ---
 --- --- --- --- --- A, D, K, W, Δ, Θ, Π,
 090, f^{1,13}, 33, **Biz, Lec**, lat, sir, cop, Diat
αλλος δε λαβων λογχην ενυξεν αυτου την πλευραν, και εξηλθεν υδωρ και αιμα —S, B, C, L, Γ
 mas um outro, tomando uma lança, perfurou o Seu lado, e saíram água e sangue.

Problema: A redação “Alexandrina” tem Jesus sendo traspassado pela lança antes de Sua morte (presumivelmente se tornando a causa direta dela), o que contradiz João 19:34, que claramente declara que o lado de Jesus foi perfurado **depois** que ele despediu Seu espírito.

Estou bem ciente de que os exemplos acima podem não impressionar o leitor como sendo uniformemente convincentes. Contudo, afirmo que têm um efeito cumulativo. À custa de imaginação engenhosa e de ginástica mental, pode ser possível parecer contornar um ou outro destes exemplos (inclusive aqueles que seguem), mas com cada exemplo [de manobra evasiva] adicional aumenta o desafio à nossa credulidade. Um ou dois arroteios podem ser aceitos como possíveis, mas cinco ou seis se tornam altamente improváveis; dez ou doze são extremamente difíceis de tolerar.

Anomalias Sérias / Aberrações

João 7:8

ουπω—P^{66,75}, B, E, F, G, H, L, N, T, W, X, Δ, Θ, Ψ, 070, 0105, 0141, 0250, f^{1,13}, **Biz, Lec**, sir^{p,h},
 pal, co^{sa}
 ainda não
ουκ —S, D, K, Π, lat, sir^{s,c}, co^{bo}
 não

Problema: Uma vez que Jesus de fato foi à festa (e sem dúvidas sabia o que estava prestes a fazer), o texto da UBS tem o efeito de Lhe atribuir uma mentira.

Discussão: Uma vez que os editores da UBS usualmente atribuem o mais alto dos valores a P⁷⁵ e B, não é estranho que os rejeitaram neste caso? Aqui está a explicação de Metzger: “A variante [“ainda não”] foi introduzida em uma data bem antiga (o que é atestado por P^{66,75}), para minorar a inconsistência entre verso 8 e verso 10” (pag. 216). Assim, os editores rejeitaram P^{66,75} e B (junto com 99+% dos MSS) porque preferiram a “inconsistência”. NASB, RSV, NEB e TEV se alinham com o Texto Eclético aqui.

João 6:47

εις εμε —A, C^c, D, E, G, H, K, N, Δ, Π, Ψ, 0141, 0233, **ƒ**^{1,13}, **Biz**, lat, sir^{p,h(c,s)}, cop, Diat
 [crê] em Mim
 --- --- —P^{66,75vid}, **ℵ**, B, C*, L, T, W, Θ
 [crê]

Problema: Jesus está fazendo uma declaração formal sobre como se pode ter vida eterna. “Em verdade, em verdade vos digo que aquele que crê em Mim tem a vida eterna.” Ao omitir “em Mim”, a UBS abre a porta para o universalismo.

Discussão: Uma vez que é impossível viver sem crer em algo, todos crêm—o objeto da crença é que é o essencial. O verbo “crer” ocorre em outros locais desacompanhado de um objeto explícito (que é suprido pelo contexto), mas não em uma declaração formal como esta. A redação mais curta é provavelmente o resultado de um exemplo de homioarcton muito fácil de ocorrer—três palavras curtas em seqüência começam com “E”. Todavia, Metzger diz das palavras “em Mim”: “nenhuma boa razão pode ser sugerida para explicar a sua omissão” (pag. 214). Os editores dão à omissão a nota {A} [“virtualmente inquestionável”]! Isto contra 99% dos MSS além de atestação do II século. TEV, NASB, NIV, NRSV e “Jerusalem” reproduzem, precisamente, o texto da UBS.

Atos 28:13

περιελθοντες—P⁷⁴, **ℵ**^c, A, L, P, 048, 056, 066, 0142, **Biz, Lec**, lat, sir^{p,h}
 fazendo uma volta [alcançamos Régio]
περιελοντες —**ℵ**^{*}, B, Ψ, cop^(sa)
 tirando fora (alguma coisa) [alcançamos Régio]

Problema: O verbo escolhido pela UBS, *περιαιρω*, é transitivo, e não faz sentido aqui.

Discussão: A explicação manca de Metzger é que a maioria dos membros da Comissão da UBS considerou a palavra como sendo “um termo técnico náutico de significado incerto” (pag. 501)! Por que eles escolheram desfigurar o texto com base em evidências tão pobres, quando há uma explicação transcricional fácil? As letras gregas O e Θ são muito similares e, estando lado a lado em uma palavra, seria fácil deixar uma de fora, neste caso o *theta*. A maioria das versões modernas é na realidade baseada no texto Nestle “antigo”, que aqui concorda com a redação Majoritária. NRSV, entretanto, segue a UBS³, oferecendo a tradução “então levantamos âncora.”

Marcos 16:9-20

(presente em)—cada MS grego existente (cerca de 1800) exceto três, **Lec**, lat, sir^{p,h}, cop, Diat
 (omitido em) —**ℵ**^{vid}, B, 304, sir^s

Problema: Uma aberração séria é introduzida—é afirmado que o Evangelho segundo Marcos termina em 16:8.

Discussão: A UBS³ coloca estes versos entre colchetes duplos [[]], que significam que os versos são “considerados como adições ao texto, posteriormente feitas,” e dão à sua decisão uma nota {A}, “virtualmente inquestionável”. Assim, os editores da UBS nos asseguram que o genuíno texto de Marcos termina em 16:8. Mas por que os

críticos insistem em rejeitar esta passagem? Ela está contida em cada MS grego sobrevivente (cerca de 1800), exceto três (na verdade somente dois, B e 304—Aleph não é propriamente “sobrevivente” porque, neste local, é forjado).⁵⁴³ Cada Lecionário grego sobrevivente (cerca de 2000?) contém a passagem (um deles, 185, somente no Menologion). Cada MS sírio sobrevivente (cerca de 1000?), exceto um (o Sinaítico), a contém. Cada MS em latim (8000?), exceto um (k), a contém. Cada MS cóptico sobrevivente, exceto um, a contém. Temos evidência concreta (Irineu e o Diatessaron) da “inclusão” da passagem já no século II, presumivelmente na sua primeira metade. Quanto à “exclusão”, não temos nenhuma evidência sólida semelhante.

Face tal evidência massiva, por que os críticos insistem em rejeitar esta passagem? Lamentavelmente, a maioria das versões modernas também, de uma ou de outra maneira, lança dúvidas sobre a autenticidade destes versos (a NRSV é, aqui, especialmente objeccionável). Como sou um dos que crêem que a Bíblia é a Palavra de Deus, acho inconcebível que uma biografia oficial de Jesus Cristo, comissionada por Deus e escrita sob o Seu controle de qualidade, omitiria provas da ressurreição de Cristo, excluiria todas as suas aparições subsequentes, e terminaria com a cláusula “porque temiam”! Se a avaliação dos críticos fosse correta, pareceríamos estar apertados entre uma rocha e um lugar duro. O evangelho de Marcos seria um evangelho mutilado (se interrompido no v. 8) sendo que o final original teria desaparecido sem deixar vestígios. Mas nesse evento, que seria do propósito de Deus em ordenar esta biografia?

João 1:18

ο μονογενης υιος—A, C^c, E, F, G, H, K, M, S, U, V, W^s, X, Δ, Θ, Π, Ψ, 063, **ε**^{1,13}, **Biz, Lec**, lat, sir
c,h,pal ο unigênito Filho
--μονογενης θεος—P⁶⁶, **Σ***, B, C*, L, sir^P
um unigênito deus
ο μονογενης θεος—P⁷⁵, **Σ^c**, 33, cop^{bo}
ο unigênito Deus

Problema: Uma anomalia séria é introduzida—Deus, como Deus, não é gerado.

⁵⁴³Tischendorf, que descobriu o Códice Aleph, advertiu que a folha dobrada contendo o término de Marcos e o início de Lucas parecia ser escrita por uma mão diferente e com tinta diferente do resto do manuscrito. Seja como for, um exame cuidadoso revela o seguinte: o final de Marcos e o começo de Lucas ocorrem na página 3 (de um total de 4 [da folha dobrada]); as páginas 1 e 4 contêm uma média de 17 linhas (de texto grego impresso) por coluna (há quatro colunas por página), exatamente como o resto do códice; a página 2 contém uma média de 15.5 linhas de texto impresso por coluna (quatro colunas); a primeira coluna da página 3 contém somente **doze** linhas (de texto impresso) e, desta maneira, o verso 8 ocupa o topo da segunda coluna, o resto da qual está em branco (exceto por alguns desenhos); Lucas começa no topo da coluna 3, a qual contém 16 linhas de texto impresso, enquanto a coluna 4 volta a ter 17 linhas. Na página 2 o forjador começou a distanciar as letras, deslocando seis linhas de texto impresso; na primeira coluna da página 3 ele se desesperou e deslocou **cinco** linhas de texto impresso, somente em uma coluna! Desta maneira, o forjador conseguiu que duas linhas do verso 8 sobrassem para iniciar a segunda coluna, evitando a denunciadora coluna vazia (que ocorre no Códice B). Essa segunda coluna acomodaria mais 15 linhas de texto impresso, as quais, com as outras onze linhas [6 linhas na página 2, mais 5 linhas na página 3], totalizam 26. Versos 9-20 ocupam 23,5 de tais linhas; assim existe bastante espaço para a passagem. Parece que realmente houve jogo sujo, e não teria havido nenhuma necessidade dele a não ser que a primeira mão de fato exibisse os versos disputados. Em qualquer evento, Aleph, como está, é uma fraude neste local, e assim não pode ser legitimamente alegado como evidência contra Marcos 16:9-20.

Discussão: A natureza e o corpo humanos de Jesus Cristo foram, na verdade, literalmente gerados em Maria, virgem, pelo Espírito Santo; Deus o Filho tem existido eternamente. “Um deus unigênito” é tão deliciosamente gnóstico que a origem egípcia aparente desta leitura a faz duplamente suspeita. Também seria possível traduzir a segunda leitura como “unigênito deus!”, enfatizando a qualidade [de ser Divino], e isto tem atraído muitos que aí vêem uma forte afirmação da divindade de Cristo. No entanto, se Cristo recebeu Sua “Divindade” através do processo de geração, então não pode ser a eternamente preexistente Segunda Pessoa da Trindade. Também “unigênito” não é análogo a “primogênito”, que se refere à prioridade de posição—isto poria o Filho acima do Pai. Não importa como a encaremos, a redação da UBS introduz uma anomalia séria.

Presumivelmente *μονογενής* deve significar algo mais que apenas *μονος*, “único”. Em Lucas 7:12, embora por razões de estilo um tradutor possa por “o filho **único** de sua mãe”, devemos de entender que ele foi gerado por ela—não poderia ser um filho adotivo. O mesmo acontece em Lucas 8:42 e 9:38. Em Hebreus 11:17, com referência à promessa e a Sara, Isaque foi na verdade o “filho unigênito” de Abraão, embora ele realmente tivesse outros filhos com outras mulheres. Notar em Gênesis 22:12 e 16 que o próprio Deus chama Isaque de “único” filho de Abraão. João usa *μονογενής* cinco vezes, sempre se referindo ao Filho de Deus (João. 1:14, 18; 3:16, 18; 1 João 4:9). Não vejo nada nos usos do NT que justifique a tradução “único” [em oposição a “unigênito” (único gerado)].

Que P⁷⁵ tenha uma confluência das duas primeiras redações é curioso, mas demonstra que a discrepância surgiu no segundo século. (Artigos modificam substantivos, não adjetivos, quando numa frase nominal tal qual a que aqui temos. Assim, o artigo é parte da mesma unidade de variação). A maioria das versões modernas evita uma tradução direta da redação da UBS. NIV nos oferece “mas Deus o único [Filho]”—uma má tradução para um texto mau. (Uma revisão subsequente tem “Deus o Um e Único”—uma “fraude piedosa”, uma vez que nenhuma das variantes tem este sentido.) TEV tem “O Único, que é o mesmo que Deus”—pouco melhor. NASB realmente traduz “o unigênito Deus”! (a redação de P⁷⁵). Não querendo ficar para trás, a “Amplified” confecciona uma confluência, “o único Filho suigêneris, o Deus unigênito.” Ai ai ai!

João 7:53-8:11

(presente em) —D(F)G, H, K, M, S, U, Γ((E, Λ, Π)) **Biz**, lat, sir^{pal,p(pt)}

(omitido em) —

P^{66,75}, **S**, A^{vid}, B, C^{vid}, L, N, T, W, X, Y, Δ, Θ, Ψ, 0141, 0211, 33, f^{1,13}, **Lec**(?), sir^{c,s,p(pt)},

cop, Diat

Problema: A UBS³ coloca estes versos entre colchetes duplos [[]], que significa que os versos são “considerados como adições ao texto, posteriormente feitas,” e dão à sua decisão uma nota {A}, “virtualmente inquestionável”. A omissão introduz uma aberração.

Discussão: A evidência contra o Texto Majoritário é, aqui, menos fraca do que em qualquer dos exemplos prévios. Mas, assumindo (somente para efeito de raciocínio) que a passagem é espúria, como poderia jamais ter sido introduzida aqui, e de modo tal que é atestada por uns 85% dos MSS? Tentemos ler a passagem maior sem estes versos—temos que ir diretamente de 7:52 para 8:12. Revendo o contexto, os principais sacerdo-

tes e fariseus tinham enviado guardas para prenderem Jesus, sem proveito; uma “discussão” resulta; Nicodemus faz uma colocação, ao que os fariseus respondem:

(7:52) “És tu também da Galiléia? Examina, e verás que da Galiléia nenhum profeta surgiu.”

(8:12) “Falou-lhes, pois, Jesus outra vez, dizendo: ‘Eu sou a luz do mundo.’ ...”

Qual é o antecedente de "lhes", e qual é o significado de “outra vez”? Pelas regras normais da gramática, se 7:53-8:11 estão faltando, então "lhes" tem que referir aos "fariseus" e "outra vez" significa que, [nesta conversação], Jesus já lhes dirigira a palavra ao menos uma vez. Mas 7:45 deixa claro que Jesus **não estava lá** com os fariseus. Assim, a UBS introduz uma aberração. Mesmo assim, Metzger alega que a passagem (7:53-8:11) "interrompe a sucessão de 7.52 e 8.12ss" (pag. 220)! Procurar pelos antecedentes de 8:12 em 7:37-39 não somente afronta a sintaxe mas também colide contra 8:13 – “os fariseus” respondem à reivindicação que Jesus fez no verso 12, mas "os fariseus" estão em outro lugar, 7:45-52 (se 7:53-8:11 está ausente).

Metzger também alega que “o estilo e vocabulário da passagem em foco diferem notavelmente daqueles do restante do quarto evangelho.” Mas os falantes nativos de grego naquela época não estariam em melhor posição que os críticos modernos para notarem algo assim? Então como poderiam elas permitir uma passagem tão “estranha” ser forçada para dentro do texto? Sugiro que a resposta evidente é que eles não o fizeram: a passagem estava lá desde o início. Também protesto contra o uso dos colchetes aqui. Uma vez que os editores claramente encaram a passagem como espúria eles deveriam ser consistentes e a eliminarem, como a NEB e a Bíblia de Williams o fazem. Desta maneira, toda a extensão do seu erro ficaria exposta para todos verem. As Bíblias NIV, NASB, NRSV, Berkeley e TEV também usam colchetes para questionar a validade desta passagem.

1 Timóteo 3:16

θεος—A, C^{vid}, F/G^{vid}, K, L, P, Ψ, **Biz, Lec**⁵⁴⁴
 Deus [se manifestou em carne]
ος —~~Σ~~, 33, sir^{pal}
 quem [se manifestou em carne]
ο —D, lat, sir^{p,h?}, cop?
 que [se manifestou em carne]

Problema: Uma anomalia gramatical é introduzida. “Grande é o mistério da piedade, quem se manifestou em carne” é pior em grego do que o é em português. “Mistério” é do gênero neutro enquanto “piedade” é feminino, mas “quem” é masculino!

Discussão: Em um esforço para explicar o “quem”, é comumente argumentado que a segunda metade do verso 16 foi uma citação direta de um hino, mas onde está a evidência para esta alegação? Sem evidência, a alegação [descaradamente] foge da

⁵⁴⁴Para uma explanação deste balanço de evidência, favor ver nota de rodapé 42 do capítulo V.

pergunta por assumir o fato como provado.⁵⁴⁵ Que a passagem tem algumas qualidades poéticas não diz mais do que que ela tem qualidades poéticas. “Quem” é sem sentido [gramatical], de modo que a maioria das versões modernas que seguem o texto da UBS toma aqui ações evasivas. A redação em latim, “o mistério ... que,” pelo menos faz sentido. A verdadeira redação, como atestado por 99% dos MSS gregos, é “Deus.” Nos MSS mais antigos “Deus” foi escrito ΘC, “quem” foi escrito OC, e “que” foi escrito O. A diferença entre “Deus” e “quem” é somente de dois traços cruzados, e com uma pena estragada eles poderiam facilmente ser fracos, (ou um copista poderia momentaneamente se distrair e esquecer de adicionar os traços). Assim, a variante “quem” pode ser explicada por um fácil erro transcricional. A variante “que” seria uma solução óbvia para um copista deparado com o “quem” sem sentido. Qualquer que seja a intenção dos editores da UBS, o texto deles mutila esta forte declaração da divindade de Jesus Cristo.

2 Pedro 3:10

κατακαησεται—A, 048, 049, 056, 0142, 33, **Biz, Lec** (94% dos MSS) lat, sir^h, cop^{bo}
[a terra . . .] será queimada
ευρεθησεται —(P⁷²) S, B, K, P, sir^{ph}(cop^{sa})
[a terra . . .] será achada

Problema: A redação da UBS é sem sentido; o contexto é claramente de julgamento.

Discussão: Metzger de fato declara que o texto dos editores da UBS “parece ser destituído de significado, no contexto” (pag. 706)! Então, por que eles o escolheram? Metzger explica que há “uma ampla variedade de redações, nenhuma das quais parece ser original”—presumivelmente, mesmo que “será queimada” fosse a única leitura, com atestação unânime, ele ainda a rejeitaria, mas ele dificilmente pode argumentar que é sem sentido. Os editores da UBS deliberadamente escolheram uma variante que acreditaram ser “destituída de significado, no contexto”. A NASB aqui abandona a UBS e oferece a redação bizantina; as NEB e NIV oferecem “será desnudada”; a TEV oferece “desaparecerá”.

1 Pedro 2:2

αυξηθητε --- --- ---L, **Biz**, it^{pt}
[desejai . . . a palavra para que] possais
crescer [por ela]

αυξηθητε εις σωτηριαν—(P⁷²) S, A, B, C, K(P) Ψ, 33, lat, sir, cop
[desejai . . . a palavra para que] possais crescer [por ela] para a sal-
vação

Problema: Uma anomalia doutrinária é introduzida. Pedro está escrevendo aos “e-leitos” (1:2), aos “redimidos” (1:18), aos “nascidos de novo” (1:23), a “um sacerdócio san-

⁵⁴⁵Um pronome normalmente exige um antecedente, mas material citado pode prover uma exceção. Assim, 1 Coríntios 2:9 é algumas vezes oferecido como um exemplo: a citação de Isaías começa com um pronome, sem um antecedente gramatical (embora “mistério”, no verso 7, seja presumivelmente o antecedente referencial). No entanto, as palavras de Isaías são formalmente apresentadas como uma citação, “como está escrito,” enquanto o material em 1 Timóteo 3:16 não o é, portanto não há nenhuma analogia válida. Colossenses 1:13 ou 1:15 têm sido sugeridos como analogias para o “quem” em 1 Timóteo 3:16, mesmo alegados como “hinos”, mas não há nenhum apoio objetivo para a reivindicação. O antecedente do pronome relativo em Colossenses 1:15 é “o filho” no verso 13, e o antecedente do pronome relativo no verso 13 é “o pai” no verso 12. Novamente, não há nenhuma analogia válida.

to” (2:5), a “crentes” (2:7), a “servos de Deus” (2:16)—eles realmente precisam crescer, mas não “para a salvação”.

Discussão: Metzger explica: “O TR ... omite [“para a salvação”] quer através de um descuido no copiar, ... ou porque a idéia de “crescer para a salvação” era teologicamente inaceitável” (pag. 689). Notar que os editores da UBS entendem que seu texto significa “crescer para a salvação.” A TEV, NRSV e “Jerusalem” traduzem a UBS literalmente, pondo a salvação no futuro. A NIV traduz “crescer na vossa salvação,” algo que o texto não diz, enquanto a LB tem uma paráfrase mais frouxa daquele tema (a NEB é ainda mais frouxa).

Judas 15

παντας τους ασεβεις—A, B, C, K, L, Ψ, 049, f¹, **Biz** (99.5% dos MSS) lat, sir
[convencer] todos os ímpios [dentre eles, por todas as suas obras de impiedade]

πασαν ψυχην —P⁷², S (somente um outro MS) cop^{sa}
[convencer] todas as almas [por todas as suas obras de impiedade]

Problema: a UBS³ introduz uma anomalia séria.

Discussão: Certas pessoas muito más têm sido pictoricamente descritas nos versos 4, 8 e 10-13. No verso 14, Judas introduz uma profecia “a respeito desses homens”, os mesmos que vinha descrevendo, e a citação continua até o fim do verso 15. O verso 16 continua a descrição da perversidade deles, mas o verso 17 faz uma clara distinção entre eles e os crentes a quem Judas se dirige. Assim, Enoque não pode estar se referindo a “todas as almas”—a redação da UBS³ está claramente errada. De fato, Nestle²⁵ e a UBS² permaneceram com o Texto Majoritário, lendo “todos os ímpios.” A UBS³ muda para “toda alma,” sem comentários! Não é este um procedimento curioso? Os editores da UBS, seguindo somente três MSS e a versão Sahidica, invertem uma posição que antes tinham, e nem sequer mencionam isto no aparato deles. Isto é especialmente infeliz, dado à natureza séria da mudança. A maioria das versões modernas segue aqui o Texto Majoritário, mas a NRSV tem “convencer a todos”.

Há dúzias de exemplos adicionais, alguns dos quais, tomados isoladamente, podem não parecer tão alarmantes. Mas eles têm um efeito cumulativo, e **dúzias** deles deveriam fazer o leitor responsável pausar. Existe um padrão? Se sim, por que? Mas, por enquanto o que já foi apresentado é suficiente; podemos agora atentar para as implicações [do que vimos].

Implicações

Como explicar tudo isso? Creio que a resposta repousa na área das pressuposições. Tem havido uma curiosa relutância da parte dos estudiosos conservadores em enfrentar este assunto. Imaginar que as escolhas editoriais de um estudioso naturalista não serão influenciadas pela sua tendência teológica é extremamente ingênuo.

Naturalmente, tanto tais estudiosos como os defensores conservadores do Texto Eclético irão sem dúvidas objetar: “De modo algum!” diriam eles, “Nossas escolhas editoriais derivam da aplicação imparcial dos cânones geralmente aceitos [“geralmente aceitos” por quem, e com que base; isto é, quais são as pressuposições por detrás desses cânones] da crítica textual do NT.” E quais são esses cânones? Os quatro principais parecem ser: 1) a leitura que melhor explique o surgimento das demais seja a preferida; 2) a leitura mais difícil seja a preferida; 3) a leitura mais curta seja a preferida; 4) a leitura que melhor se adequê ao estilo e propósito do autor seja a preferida. Podemos dizer que o primeiro cânon como que destila a essência de todos eles, e portanto deveria ser o cânon dominante. Mas na prática é provavelmente o segundo que é mais rigorosamente aplicado. Da apresentação que B.M. Metzger faz do arrazoado da Comissão da UBS nos exemplos acima, parece que mais da metade das vezes ela baseou suas decisões no cânon da leitura mais difícil (para quatro dos exemplos Metzger não faz nenhum comentário porque o aparato da UBS não menciona que há variação; para dois deles Metzger diz que todas as variantes são insatisfatórias!) Mas, como iremos nós decidir qual variante é a mais “difícil”? Não entrarão aí nossas tendências teológicas?

Consideremos um exemplo: em Lucas 24:52, as edições 1-25 de Nestle (e em consequência as Bíblias NASB, RSV e NEB) omitem “eles O adoraram.” A UBS³ retém as palavras, mas atribui-lhes a nota {D}, que significa um “grau muito alto de dúvida.” Somente um único manuscrito grego omite as palavras, o Códice D, apoiado por parte das testemunhas em latim. A despeito desta muito insignificante evidência externa pró omissão, é argumentado que ela é a leitura “mais difícil”—se a cláusula fosse original, que crente ortodoxo sequer pensaria em removê-la? Por outro lado, se a cláusula não constasse do original, poderia constituir uma piedosa adição que imediatamente se tornaria popular. No entanto, não apenas os gnósticos dominaram a Igreja cristã do Egito no segundo século: ao redor também haviam outros que não criam que Jesus era Deus—iriam eles resistir ao impulso de retirar tal declaração? Como escolheremos entre estas duas hipóteses? Não será com base nas nossas pressuposições? Na verdade, ao discutir este conjunto de variantes, juntamente com as outras “não-interpolações ocidentais” de Hort, Metzger explica (pag. 193) que uma minoria da Comissão da UBS argumentou que “há discernível nestas passagens uma motivação teológica Cristocêntrica que explica como elas foram adicionadas, enquanto não há nenhuma razão clara que explique porque elas teriam sido omitidas.” (Teriam os editores nunca ouvido falar dos gnósticos?)

Por que Usar Cânones Subjetivos?

É claro que os quatro cânones acima mencionados dependem pesadamente do julgamento subjetivo do crítico. Mas por que usar tais cânones? Por que não seguir a evidência dos manuscritos? É comumente argumentado que os manuscritos sobreviventes não são representativos da situação textual nos primeiros séculos da Igreja. A destruição oficial de MSS por Diocleciano (300 DC), e outros caprichos da História, teriam dizimado o suprimento de MSS ao ponto da transmissão ter sido totalmente distorcida—daí, não podemos estar certos de nada. (Tal argumento não apenas “justifica” o procedimento eclético, ele é usado para reivindicar sua “necessidade”.) Mas a eficiência da campanha Diocleciana não foi a mesma em regiões diferentes. Ainda mais relevante à questão são as implicações do movimento Donatista que surgiu logo depois da campa-

na Diocleciana passar. Em parte, se baseou na punição merecida por aqueles que entregaram seus MSS para serem destruídos. Evidentemente alguns **não** entregaram seus MSS, ou não teria havido ninguém para julgar os outros. Ademais, aqueles cuja dedicação a Cristo e a Sua Palavra foram tais que não se intimidaram com a tortura, seriam exatamente o tipo que seria o mais cheio de cuidados a respeito da pureza e genealogia dos seus MSS. Assim, no principal, foram provavelmente os exemplares mais puros que sobreviveram, e deles deriva a principal corrente da transmissão do N.T.

Uma vez que a forma do texto bizantino (Majoritário) domina acima de 90% dos MSS sobreviventes, aqueles que querem rejeitá-la não podem conceder a possibilidade que a transmissão do texto foi normal, em sentido algum. (Se o foi, então o consenso tem que refletir o texto original, especialmente um consenso tão massivo.) Assim, é argumentado que houve fraude nas urnas, que o texto bizantino foi imposto por autoridade eclesiástica, mas somente depois que ele foi “bolado” a partir de outros textos, no princípio do século IV. Mas simplesmente não há evidência histórica alguma para esta idéia! Ademais, numerosos estudos têm demonstrado que a massa de MSS bizantinos não é monolítica; há muitos fios distintos ou linhagens de transmissão, presumivelmente independentes. Que pelo menos algumas destas linhagens têm que retroceder até o século III (se não antes) é demonstrado pelo Códice Aleph em Apocalipse, onde ele conflua algumas dessas linhagens. Asterius (morto em 341 DC) usou MSS que eram claramente bizantinos—presumivelmente a maioria dos seus escritos não foi feita do seu leito de morte, assim os MSS viriam do século III. Há mais linhas de evidência que militam contra a posição eclética, inclusive a própria natureza das suas regras canônicas.

“A redação mais curta seja a preferida.” Por que? Porque, dizem, os escribas tinham uma tendência a adicionar coisinhas e pedacinhos ao texto. Mas isto teria que ser uma atividade deliberada. É demonstrável que a perda acidental da posição [de leitura] resulta muito mais em omissões que em adições—praticamente a única maneira de adicionar acidentalmente é copiar um trecho duas vezes, mas o copista teria que estar realmente tonto de sono para não se apanhar [e corrigir]. Assim, sempre que uma leitura mais curta possa ser o resultado de parablepse, ela deve ser vista com suspeita. Mas mesmo quando deliberadas, a omissão ainda deve ser mais freqüente que a adição. Se há alguma coisa no texto que você não gosta, ela lhe chama a atenção e você é tentado a fazer algo para resolver o problema. Também, mais imaginação e esforço são exigidos para criar material novo do que para suprimir o que já está lá (material sugerido por uma passagem paralela poderia ser uma exceção). Ademais, é demonstrável que a maioria dos escribas era cuidadosa e consciente, evitando enganos mesmo não intencionais. Aqueles que se engajaram em atividade editorial deliberada foram realmente poucos, mas alguns foram ofensores flagrantes (como Aleph, em Apocalipse).

“A leitura mais difícil seja a preferida.” Por que? A suposição é que uma dificuldade percebida motivaria um copista mais audacioso a tentar “remediá-la”. Notar que qualquer alteração tal tem que ser deliberada; assim, se uma redação “mais difícil” poderia ter advindo de omissão acidental (por exemplo) então este cânon não deve ser usado. Mas no caso de uma presumida alteração deliberada, como podemos realmente atribuir graus de “dificuldade”? Não sabemos quem a fez, nem por que. A devida margem tem que ser dada para possível ignorância, excesso de zelo audacioso, preconceito e maldade. De fato, este cânon é desarrazoado “na cara”—quanto mais estúpida uma redação for, quer por acidente ou por ação deliberada, mais forte será sua reivindicação de

ser “original”, uma vez que será certamente a “mais difícil”. Não é necessário um profeta para ver que esta regra canônica é escancaradamente aberta à manipulação satânica, tanto na antiga criação das variantes como na avaliação contemporânea delas. Mas em todo caso, desde que é demonstrável que a maioria dos copistas não fez mudanças deliberadas, onde há concordância massiva entre os MSS sobreviventes este cânon não deve sequer ser considerado. Na verdade, onde há concordância massiva entre os MSS nenhum dos cânones subjetivos deve ser usado—eles são desnecessários e inapropriados. Das 6000+ diferenças entre o texto da UBS³ e o Texto Majoritário, a enorme maioria das redações preferidas pelos editores da UBS tem atestação insignificante por MSS.

O Mito da Neutralidade

Precisamos sepultar o mito da neutralidade e objetividade dos estudiosos. Quem quer que tenha estado dentro da comunidade acadêmica sabe que ela é liberalmente semeada com preconceitos, linhas partidárias, ambição pessoal e maldade—sem falarmos de um ódio à Verdade.⁵⁴⁶ Nunca devemos acreditar cegamente na neutralidade e objetividade do outro, e principalmente quando se lida com a Verdade de Deus—porque nesta área nem Deus nem Satanás permitirá neutralidade. Em Mateus 12:30 o Senhor Jesus disse: “Quem não é comigo é contra mim; e quem comigo não ajunta, espalha.” Deus declara que neutralidade é impossível; ou você é por Ele ou você é contra Ele. Jesus afirma ser Deus. Ante tal reivindicação temos somente duas opções, aceitá-Lo ou rejeitá-Lo como Deus. (“Agnosticismo” é realmente uma rejeição passiva.) A Bíblia afirma ser a Palavra de Deus. Novamente, nossas opções não são senão duas. Segue-se que, quando lidamos com o texto da Escritura, neutralidade é impossível. A Bíblia é clara a respeito de interferência satânica nas mentes dos seres humanos, e mais especialmente quando eles estão considerando a Verdade de Deus. 2 Coríntios 4:4 declara claramente que o deus deste século/mundo cega as mentes dos incrédulos quando eles são confrontados com o Evangelho. O Senhor Jesus disse a mesma coisa quando explicou a parábola do semeador. “... mas, tendo-a eles ouvido, vem logo Satanás e tira a palavra que foi semeada nos seus corações.” (Marcos 4:15; Lucas 8:12).

Ademais, há uma influência satânica generalizada sobre toda a cultura humana. 1João 5:19 declara que “todo o mundo jaz no maligno.” O quadro é claramente um de forte influência, se não de controle—as Bíblias NASB, RSV, NEB e “Jerusalem” trazem como “no poder do,” TEV como “sob o domínio do,” NIV como “sob o controle do,” NKJV como “sob a influência do.” Toda a cultura humana está sob influência satânica generalizada, inclusive a cultura da comunidade acadêmica. Efésios 2:2 é ainda mais preciso: “Em que noutro tempo andastes segundo o curso deste mundo, segundo o príncipe da potestade do ar, do espírito que agora opera nos filhos da desobediência.” Satanás opera ativamente na mente de quem quer que rejeite a autoridade de Deus sobre si. Materialismo tem se infiltrado na Igreja na Europa e na América do Norte, a tal ponto que o que a Bíblia diz neste assunto [ingerência satânica] tem sido amplamente ignorado. Mas eu coloco que se alguém, que afirma crer na Palavra de Deus, aceitar uma edição

⁵⁴⁶ Por “a Verdade” quero dizer o fato de um Criador moral e inteligente, Soberano sobre todos, a quem todo ser criado dará contas. Muitos estudiosos sacrificarão a evidência, sua própria integridade e outras pessoas, ao invés de encarar [e dobrar-se] à Verdade.

da Bíblia preparada com base em premissas racionalistas, estará realmente esquecendo o ensino dessa Palavra.

Interpretação é preeminentemente uma questão de sabedoria. Um crítico textual naturalista pode ter um razoável contato com a evidência relevante, pode ter conhecimento dos fatos, mas isto de modo algum implica que sabe o que fazer com esses fatos e evidências. Se “o temor do SENHOR é o **princípio** da sabedoria” (Prov. 9:10), então, presumivelmente, o descrente não terá nenhuma, ao menos sob o ponto de vista de Deus. Quem quer que edite ou traduza o texto da Escritura precisa estar em condições espirituais tais que possa pedir ao Espírito Santo para iluminá-lo no seu trabalho, como também proteger sua mente das influências do inimigo.

Nos dias de Jesus haviam aqueles que “amavam mais a glória dos homens do que a glória de Deus.” (João 12:43), e eles ainda estão conosco. Mas a “glória dos homens” custa um alto preço—você tem que aceitar o sistema de valores deles, um sistema de valores que sofre influência satânica direta. Aceitar o sistema de valores do mundo é basicamente um ato de traição contra o Rei Jesus, é um tipo de idolatria. Aquelles estudiosos conservadores que põem um alto valor em “reconhecimento acadêmico,” em serem reconhecidos pela “comunidade acadêmica,” etc., necessitam se perguntar a si próprios quais são as pressuposições que jazem sob tal reconhecimento. Por favor observar que eu não estou desacreditando a educação e o saber legítimos—eu mesmo já coleí três graus de pós-graduação —mas sim estou desafiando os conservadores a se assegurarem que sua definição de erudição vem do Espírito Santo, não do mundo, que sua busca por reconhecimento é piedosa, não egoísta. Alimento uma ligeira desconfiança que, se isto fosse feito, então ocorreria uma mudança dramática no mundo cristão conservador com referência à prática da crítica textual do NT e à identificação do verdadeiro texto do NT.

Conclusão

Para resumir, retorno à pergunta inicial: “Que diferença faz?” Não apenas temos a confusão causada por duas formas competidoras do texto grego, bastante diferentes, mas:

1. Uma delas (o Texto Eclético) incorpora erros e contradições que minam a doutrina da inspiração e virtualmente anulam a doutrina da inerrância [da Bíblia]; a outra (o Texto Majoritário) não o faz.
2. A primeira baseia-se em critérios subjetivos, aplicados por críticos naturalistas; a segunda baseia-se no consenso da tradição dos manuscritos através dos séculos.

Uma vez que as igrejas e escolas evangélicas conservadoras têm geralmente abraçado a teoria (e, portanto, as pressuposições) em que se baseia o Texto Eclético (UBS³/Nestle²⁶), tem havido uma contínua hemorragia ou defecção dentro do campo evangélico com referência às doutrinas da inspiração e (particularmente) da inerrância da Bíblia. A autoridade das Escrituras tem sido solapada—ela não mais exige obediência imediata e sem perguntas. Como uma consequência natural, há um enfraquecimento generalizado da nossa dedicação básica a Cristo e Seu Reino. Pior ainda, através dos

nossos missionários temos estado exportando tudo isto para as igrejas emergentes do “terceiro mundo.” Ai de nós!

Pois então, que faremos: levantar nossas mãos em desespero e desistir? De modo algum! “É melhor acender uma vela do que sentar e amaldiçoar a escuridão.” Com a ajuda de Deus, trabalhemos juntos para provocarmos uma reversão da situação. Trabalhemos para desfazer o dano. Temos que começar por conscientemente tentar assegurar que todas nossas pressuposições, nossas hipóteses de trabalho, são consistentes com a Palavra de Deus. Quando abordarmos a evidência (MSS gregos, citações patrísticas, antigas versões) com tais pressuposições teremos uma base acreditável e mesmo demonstrável para declarar e defender a divina preservação, a inspiração e a inerrância do texto do Novo Testamento. Poderemos novamente ter uma base compelidora para total dedicação a Deus e à Sua Palavra. O atual Texto Majoritário impresso é uma bem acurada aproximação do original, isenta dos erros de fato e das contradições acima discutidos. Até o tempo em que uma boa tradução do Texto Majoritário se torne disponível, a melhor versão atual do NT em inglês é a NKJV—uma tradução excelente de um bom texto grego.

Informações adicionais

A AUTORIDADE DO TEXTO SAGRADO

Estas informações adicionais têm o objetivo de facilitar o entendimento do esboço “A AUTORIDADE DO TEXTO SAGRADO”, redigido pelo Dr. Wilbur, na parte que se avalia o texto grego utilizado pelos tradutores frente ao Texto Original (Família 35 - F³⁵). O esboço completo está no sítio: www.esgm.org.

A Bíblia é a palavra escrita de Deus revelada ao homem. Portanto, ela possui máxima autoridade na vida de um discípulo de Jesus, e seus ensinamentos sobrepõem ao de qualquer pessoa.

As diferentes versões da Bíblia que se encontram nas livrarias revelam a pessoa do Senhor Jesus Cristo e, por isso, trazem ensino que renovam a vida das pessoas. Contudo, para se chegar a conclusões em debates teológicos é necessário um texto que se aproxime mais do original e, a depender do assunto, é necessária a consulta das próprias cópias do Texto Original.

Para facilitar o leitor na escolha da Bíblia a ser adquirida, Dr. Wilbur traz o gráfico abaixo comparando o Texto Original (Família 35 - F³⁵) com os diferentes textos gregos utilizados nas versões traduzidas que temos no comércio. Salienta-se que a qualidade da versão abaixo se refere apenas ao Novo Testamento, e que não se avalia o trabalho do tradutor, mas apenas o texto grego usado para a tradução.

A linha separa os textos gregos (parte de cima) das versões em língua portuguesa e inglesa (parte de baixo).

| | | | | | | |
|-------------|--------------|------------|------------|-------|-----------------|------------|
| <u>100%</u> | <u>99.5%</u> | <u>99%</u> | <u>98%</u> | | <u>92%</u> | <u>90%</u> |
| W.P. | H-F | P.C. | T.R. | | SBU | W-H |
| | R-P | | IOG | | N-A | |
| W.P. | | | A.A. | Corr. | L.H. | Bras. |
| | | | ACF | | Viva, ACA | |
| | | | NKJV | | NVI, Cont, Jer. | |

W.P = Wilbur Pickering. O autor segue, conforme demonstrado neste livro, a Família 35 - F³⁵. Entende-se que ela traz a exata redação original, letra por letra. Os manuscritos gregos desta família de todos os livros do Novo Testamento estão disponíveis gratuitamente no sítio: <http://www.walkinhiscommandments.com/pickering2.htm>

H-F = Hodges-Farstad. Este é o Texto Majoritário. Em um universo de aproximadamente 140,500 mil palavras no Novo Testamento, apenas 665 palavras diferem do W.P.

P.C. = Poliglota Complutenciana. Não existe tradução desta linhagem.

T.R. = Textus Receptus (Texto Recebido).

SBU = Sociedades Bíblicas Unidas (Texto Eclético/Texto Crítico “expressões sinônimas”).

W-H = Westcott-Hort.

R-P = Robinson-Pierpont. Entende-se que o texto de Robson-Pierpont é pouco melhor que o texto de H-F, apesar das modificações feitas na segunda edição.

IOG = Igreja Ortodoxa Grega.

N-A = Nestle-Aland. (N-A = SBU = os textos são iguais letra por letra)

Estas são as famílias e textos de manuscritos gregos, tanto do fluxo Bizantino quanto do Alexandrino, contidas nos gráficos.

-

WP = Wilbur Pickering. Tradução em inglês disponível em (<http://walkinhiscommandments.com/pickering1.htm>); tradução em português inconclusa no sítio www.saiadababilonia.com.br. Como o autor segue a família 35 - F³⁵, e se conclui pela leitura deste livro que esta linhagem foi a usada por Deus para preservar as escrituras, coloca-se no 100%.

A.A. = Antiga Almeida (não existe mais. Agora se chama Almeida Corrigida Fiel).

Corr.= Almeida revista e corrigida. A falta de associação no gráfico com uma linhagem de manuscritos gregos se dá porque nela se utiliza mais de uma linhagem de manuscritos gregos.

L. H. = Linguagem de Hoje

Bras = Edição Brasileira. Tradução fiel da Westcott-Hort (a pior que já houve em português).

ACF = Almeida Corrigida Fiel = Antiga Almeida. É encontrada facilmente nas livrarias.

Viva = Bíblia viva

ACA = Almeida Corrigida e Atualizada. Esta atualização trouxe retrocesso na escolha dos manuscritos, razão pela qual se posiciona em 92% no gráfico.

NKJV = King James Version e New King James Version (é uma tradução do texto recebido – *Textus Receptus*). As duas estão na mesma posição do gráfico, já que possuem a mesma base de texto. Houve apenas atualização na linguagem.

NVI = Nova Versão Internacional.

Cont. = contemporânea (Ed. Vida).

Jer = Jerusalém (católicos).

Estas são algumas traduções em inglês e português da Bíblia. Apesar da infelicidade na escolha dos manuscritos no Novo Testamento para a tradução, não se enfrenta este problema se traduzir o Velho Testamento, vez que o Texto Massorético é utilizado pela quase totalidade das bíblias.

Assim, quem traduz a Bíblia com base em um texto diferente do original em 10% (v.g. W-H), além da perda natural do trabalho de tradução, já se inicia com 10% da perda.

Destarte, entre as Bíblias que facilmente se encontram nas livrarias, recomenda-se, na língua inglesa, a New King James Version – NKJV. Na língua portuguesa recomenda-se a Almeida Corrida Fiel, da Sociedade Bíblica Trinitariana, visto que a Trinitariana adota o Texto Massorético para traduzir o Velho Testamento, e o *Textus Receptus* para o Novo Testamento que, conforme escala acima, está 98% harmônico com o texto Wilbur Pickering. Apesar dele conter mais de 1500 equívocos, a maior parte é de ordem ortográfica, o que não redundava em diferenças textuais relevantes.

Ademais, recomenda-se o Novo Testamento Interlinear Analítico Grego – Português, traduzido por Paulo Sérgio Gomes e Odayr Olivetti, editora Cultura Cristã, feito com base no Texto Majoritário a partir da 2ª edição de *The Greek New Testament According to the Majority Text*, de Zane C. Hodges e Arthur Farstad.

Nele existe, além de um breve relato sobre a procedência do Texto Majoritário e um aparato crítico, cada palavra grega com siglas morfológicas, o que permite pesquisa gramatical sem consultar nenhum outro material. Ademais, ele possibilita que se saiba a palavra correta e se procurar no léxico grego, vez que traz todos os vocábulos na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo ativo. Este interlinear é único na língua portuguesa, pois se baseia no Texto Majoritário, e as siglas morfológicas trazem subsídios extraordinariamente úteis aos acadêmicos.

Esclarece-se que o Texto Majoritário é resultado de cotejo e seleção das palavras que mais aparecem nas diferentes cópias de manuscritos, após selecionados os manuscritos de melhor qualidade (entre eles a Família 35). Há ressalva no livro de apocalipse em que o trabalho realizado não corresponde as palavras presentes na maioria dos manuscritos selecionados, vez que Hodges-Farstad aproveitou o trabalho de von Soden, que contém muitos equívocos (apesar de ter sido um grande avanço se comparado ao que se tinha). Malgrado o exposto, o Texto Majoritário é um excelente texto, e está, conforme gráfico, mais de 99,5% igual a F³⁵.

Outrossim, insere-se o esboço abaixo, sem grandes explicações, visto que foi construído apenas para esclarecer a um pequeno público que o Novo Testamento não depende da Septuaginta. Com isso, salienta-se, apenas, que não se corrige o Novo Testamento com a Septuaginta. Se a Septuaginta discorda do Texto Massorético é porque a septuaginta sofreu alterações.

D. O uso do Velho Testamento no Novo (citações).

| | |
|--|--------------|
| A: N.T. = LXX = T.M. | — 268 |
| B: LXX é mais perto do T.M. que o N.T. | — 50 |
| C: N.T. é mais perto do T.M. que a LXX | — 33 |
| D: N.T. = LXX ≠ T.M. | — 22 |
| E: N.T. ≠ LXX ≠ T.M. | — <u>13</u> |
| | 386 citações |

[TM = Texto Massorético]

[LXX = septuaginta]

Quanto a letra “a”, a grande maioria das citações é literal, como poderíamos esperar.

Quanto as letras “b” e “c”, despreza-se a Septuaginta, pois não faz diferença se ela é mais próxima ou não que o NT, vez que ela não é inspirada. A Septuaginta é apenas uma excelente tradução, no grego koinê, do Texto Massorético (Hebraico).

Quanto as letras “d” e “e”, o Espírito Santo tinha o direito de dar aos Apóstolos interpretações do Velho Testamento que não seriam óbvias a nós. Um Apóstolo debaixo da Inspiração teria prerrogativa que nós não temos.

REFERÊNCIAS

- Aland, Kurt. "The Greek New Testament: its Present and Future Editions," *Journal of Biblical Literature*, LXXXVII (1968).
- _____. "Neue Neutestamentliche Papyri III." *New Testament Studies*, XX (July, 1974).
- _____. "The Present Position of New Testament Textual Criticism," *Studia Evangelica*, ed. F. L. Cross and others. Berlin: Akademie – Verlag, 1959. Pp. 717-31.
- _____. "The Significance of the Papyri for Progress in New Testament Research," *The Bible in Modern Scholarship*, ed. J. P. Hyatt. New York: Abingdon Press, 1965. Pp. 325-46.
- _____. *Synopsis Quattuor Evangeliorum*. Stuttgart: Württembergische Bibelanstalt, 1964.
- _____. "The Text of the Church?," *Trinity Journal*, (1987) 8NS:131-144.
- Aland, Kurt (ed.). *Text und Textwert der Griechischen Handschriften des Neuen Testaments*. Berlin: Walter de Gruyter, 1993.
- Aland, Kurt and Aland, Barbara. *The Text of the New Testament*. Grand Rapids: Eerdmans, 1987.
- Aland, Kurt, Black, Matthew, Metzger, Bruce M., and Wikgren, Allen (eds.). *The Greek New Testament*, New York: American Bible Society, 1966.
- Aland, Kurt, Black, Matthew, Martini, Carlo M., Metzger, Bruce M., and Wikgren, Allen (eds.). *The Greek New Testament*, 3rd ed. New York: United Bible Societies, 1975.
- Anderson, H. and Barclay, W. (eds.). *The New Testament in Historical and Contemporary Perspective*. Oxford: Basil Blackwell, 1965.
- Aune, D. E. (ed.). *Studies in New Testament and Early Christian Literature*. Leiden: E.J. Brill, 1972.
- Baillet, M. "Les manuscrits de la Grotte 7 de Qumran et le N. T." *Biblica*, LIII (1972).
- Barry, G. D. *The Inspiration and Authority of Holy Scripture*. New York: The Macmillan Company, 1919.
- Bartlett, J. V. *The New Testament in the Apostolic Fathers*. Oxford: Clarendon Press, 1905.
- Birdsall, J. N. *The Bodmer Papyrus of the Gospel of John*. London, 1960.
- _____. "The Text of the Gospels in Photius," *Journal of Theological Studies*, VII (1956).
- Birdsall, J. N. and Thomson, R. W. (eds.). *Biblical and Patristic Studies in Memory of Robert Pierce Casey*. New York: Herder, 1963.
- Black, Matthew. *An Aramaic Approach to the Gospels and Acts*. Oxford: Oxford University Press, 1946.
- Burgon, John William. *The Causes of the Corruption of the Traditional Text of the Holy Gospels*. Arranged, completed, and edited by Edward Miller. London: George Bell and Sons, 1896.
- _____. *The Last Twelve Verses of the Gospel According to S. Mark*. Ann Arbor, Michigan: The Sovereign Grace Book Club, 1959.
- _____. *The Revision Revised*. London: John Murray, 1883.
- _____. *The Traditional Text of the Holy Gospels Vindicated and Established*. Arranged, completed, and edited by Edward Miller. London: George Bell and Sons, 1896.
- Burkitt, Francis C. *Evangelion da-Mepharreshe*. 2 vols. Cambridge: Cambridge University Press, 1904.
- Buttrick, George A. and others (eds.). *The Interpreter's Dictionary of the Bible*. 4 vols. New York: Abingdon Press, 1962.
- Carson, D. A. *The King James Version Debate*. Grand Rapids: Baker Book House, 1979.
- Clark, K. W. "The Effect of Recent Textual Criticism upon New Testament Studies," *The Background of the New Testament and its Eschatology*, ed. W. D. Davies and D. Daube. Cambridge: The Cambridge University Press, 1956. Pp. 27-51.
- _____. "The Manuscripts of the Greek New Testament," *New Testament Manuscript Studies*, ed. M. M. Parvis and A. P. Wikgren. Chicago: The University of Chicago Press, 1950. Pp. 1-24.
- _____. "The Theological Relevance of Textual Variation in Current Criticism of the Greek New Testament," *Journal of Biblical Literature*, LXXXV (1966).
- _____. "Today's Problems with the Critical Text of the New Testament," *Transitions in Biblical Scholarship*, ed. J. C. R. Rylaarsdam. Chicago: The University of Chicago Press, 1968.
- Colwell, Ernest Cadman. "Biblical Criticism: Lower and Higher," *Journal of Biblical Literature*, LXVII (1948), 1-12.
- _____. "The Complex Character of the Late Byzantine Text of the Gospels," *Journal of Biblical Literature*, LIV (1935), 211-21.
- _____. "External Evidence and New Testament Criticism," *Studies in the History and Text of the New Testament*, eds. B. L. Daniels and M. J. Suggs. Salt Lake City: University of Utah Press, 1967.

- _____. "Genealogical Method: Its Achievements and its Limitations," *Journal of Biblical Literature*, LXVI (1947), 109-33.
- _____. "The Greek New Testament with a Limited Critical Apparatus: its Nature and Uses," *Studies in New Testament and Early Christian Literature*, ed. D. E. Aune. Leiden: E. J. Brill, 1972.
- _____. "Hort Redivivus: A Plea and a Program," *Studies in Methodology in Textual Criticism of the New Testament*, E. C. Colwell. Leiden: E. J. Brill, 1969.
- _____. "The Origin of Texttypes of New Testament Manuscripts," *Early Christian Origins*, ed. Allen Wikgren. Chicago: Quadrangle Books, 1961. Pp. 128-38.
- _____. "Scribal Habits in Early Papyri: A Study in the Corruption of the Text," *The Bible in Modern Scholarship*, ed. J. P. Hyatt. New York: Abingdon Press, 1965. Pp. 370-89.
- _____. "The Significance of Grouping of New Testament Manuscripts," *New Testament Studies*, IV (1957-1958), 73-92.
- _____. *Studies in Methodology in Textual Criticism of the New Testament*. Leiden: E. J. Brill, 1969.
- _____. *What is the Best New Testament?* Chicago: The University of Chicago Press, 1952.
- Colwell, Ernest Cadman and Riddle, Donald W. (eds.). *Studies in the Lectionary Text of the Greek New Testament: Volume I, Prolegomena to the Study of the Lectionary Text of the Gospels*. Chicago: The University of Chicago Press, 1933.
- Colwell, E. C. and Tune, E. W. "The Quantitative Relationships between MS Text-Types," *Biblical and Patristic Studies in Memory of Robert Pierce Casey*, ed. J. N. Birdsall and R. W. Thomson. Freiberg: Herder, 1963.
- Colwell, E. C. et al. "The International Greek New Testament Project: a Status Report," *Journal of Biblical Literature*, LXXXVII (1968).
- Conybeare, F. C. *History of New Testament Criticism*. London: Watts & Co., 1910.
- Cross, F. L. and others (eds.). *Studia Evangelica*. Berlin: Akademie—Verlag, 1959.
- Dain, A. *Les Manuscrits*. Paris, 1949.
- Daniels, B. L. and Suggs, M. J. (eds.). *Studies in the History and Text of the New Testament in Honor of Kenneth Willis Clark, Ph.D. (Studies and Documents, 29)*. Salt Lake City: University of Utah Press, 1967.
- Davies, W. D. and Daube, D. (eds.). *The Background of the New Testament and its Eschatology*. Cambridge: The Cambridge University Press, 1956.
- Downey, Glanville. *A History of Antioch in Syria, from Seleucus to the Arab Conquest*. Princeton: University Press, 1961.
- Ehrman, Bart D. "New Testament Textual Criticism: Search for Method." M.Div. thesis, Princeton Theological Seminary, 1981.
- Elliott, J. K. *The Greek Text of the Epistles to Timothy and Titus. (Studies and Documents, 36)*. Salt Lake City: University of Utah Press, 1968.
- Epp, E. J. "The Claremont Profile Method for Grouping New Testament Minuscule Manuscripts," *Studies in the History and Text of the New Testament in Honor of Kenneth Willis Clark, Ph. D. (Studies and Documents, 29)*, ed. B. L. Daniels and M. J. Suggs. Salt Lake City: University of Utah Press, 1967.
- _____. "The Twentieth Century Interlude in New Testament Textual Criticism," *Journal of Biblical Literature*, XCIII (1974).
- Estrada, David and White, William, Jr. *The First New Testament*. Nashville: Thomas Nelson, 1978.
- Farmer, W. R. *The Last Twelve Verses of Mark*. Cambridge: Cambridge University Press, 1974.
- Fee, G. D. "A Critique of W. N. Pickering's *The Identity of the New Testament Text: A Review Article*," *The Westminster Theological Journal*, XLI (Spring, 1979).
- _____. "Modern Text Criticism and the Synoptic Problem," *J. J. Griesbach: Synoptic and Text-Critical Studies 1776-1976*, ed. B. Orchard and T. R. W. Longstaff. Cambridge: University Press, 1978.
- _____. *Papyrus Bodmer II (P⁶⁶): Its Textual Relationships and Scribal Characteristics*. Salt Lake City: University of Utah Press, 1968.
- _____. "Rigorous or Reasoned Eclecticism—Which?," *Studies in New Testament Language and Text*, ed. J. K. Elliott. Leiden: E. J. Brill, 1976.
- Geerlings, J. *Family E and its Allies in Mark*. Salt Lake City: University of Utah Press, 1967.
- Geerlings, Jacob and New, Silva. "Chrysostom's Text of the Gospel of Mark," *Harvard Theological Review*, XXIV (1931), 122-42.
- Goulburn, Edward M. *Life of Dean Burgon*, 2 vols. London: John Murray, 1892.

- Grant, F. C. "The Citation of Greek Manuscript Evidence in an Apparatus Criticus," *New Testament Manuscript Studies*, ed. M. M. Parvis and A. P. Wikgren. Chicago: The University of Chicago Press, 1950. Pp. 81-94.
- Grant, Robert M. "The Bible of Theophilus of Antioch," *Journal of Biblical Literature*, LXVI (1947), 173-96.
 _____. *A Historical Introduction to the New Testament*. New York: Harper and Row, 1963.
- Greenlee, J. H. *The Gospel Text of Cyril of Jerusalem*. Copenhagen: Ejnar Munksgaard, 1955.
 _____. *Introduction to New Testament Textual Criticism*. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1964.
 _____. "Some Examples of Scholarly 'Agreement in Error'," *Journal of Biblical Literature*, LXXVII (1958), 363-64.
- Harris, J. Rendel. *A Study of the Codex Bezae*. London: S. J. Clay and Sons, 1891.
- Harrison, Everett F. *Introduction to the New Testament*. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1964.
- Hemphill, S. *A History of the Revised Version*. London: Elliot Stock, 1906.
- Hills, E. F. "Harmonizations in the Caesarean Text of Mark," *Journal of Biblical Literature*, LXVI (1947), 135-52.
 _____. *The King James Version Defended!* Des Moines, Iowa: The Christian Research Press, 1956.
- Hodges, Zane Clark. "A Defense of the Majority Text." Unpublished course notes, Dallas Theological Seminary, 1975.
 _____. "The Ecclesiastical Text of Revelation—Does it Exist?" *Bibliotheca Sacra*, CXVIII (1961), 113-22.
 _____. "The Greek Text of the King James Version," *Bibliotheca Sacra*, CXXV (October-December, 1968).
- Hodges, Zane C. and Farstad, Arthur F. (eds.). *The Greek New Testament according to the Majority Text*. Nashville: Thomas Nelson, 1982.
- Horne, T. H. *An Introduction to the Critical Study and Knowledge of the Holy Scriptures*. 4th American ed. 4 vols. Philadelphia: E. Little, 1831.
- Hort, Arthur Fenton. *Life and Letters of Fenton John Anthony Hort*. 2 vols. London: Macmillan and Co., Ltd., 1896.
- Hoskier, Herman C. *Codex B and its Allies*. 2 vols. London: Bernard Quaritch, Ltd., 1914.
 _____. *Concerning the Text of the Apocalypse*. 2 vols. London: Bernard Quaritch, Ltd., 1929.
 _____. *A Full Account and Collation of the Greek Cursive Codex Evangelium 604*. London: David Nutt, 1890.
 _____. "A Study of the Chester-Beatty Codex of the Pauline Epistles," *The Journal of Theological Studies*, XXXVIII (1937), 149-63.
- Hutton, Edward Ardson. *An Atlas of Textual Criticism*. London: The Cambridge University Press, 1911.
- Hyatt, J. Philip (ed.). *The Bible in Modern Scholarship*. New York: Abingdon Press, 1965.
- International Greek New Testament Project. *The New Testament in Greek: The Gospel According to St. Luke, Vol. 1*. Oxford: Clarendon Press, 1984.
- Kenyon, Frederick G. *Handbook to the Textual Criticism of the New Testament*, 2nd ed. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1951.
 _____. *Recent Developments in the Textual Criticism of the Greek Bible*. London: Oxford University Press, 1933.
- Kilpatrick, G. D. "Atticism and the Text of the Greek New Testament," *Neutestamentliche Aufsätze*. Regensburg: Verlag Friedrich Pustet, 1963.
 _____. "The Greek New Testament Text of Today and the *Textus Receptus*," *The New Testament in Historical and Contemporary Perspective*, ed. H. Anderson and W. Barclay. Oxford: Basil Blackwell, 1965.
 _____. "The Transmission of the New Testament and its Reliability," *The Bible Translator*, IX (1958), 127-36.
- Klijn, A. F. J. *A Survey of the Researches into the Western Text of the Gospels and Acts*; part two 1949-1969. Leiden: E. J. Brill, 1969.
- Lake, Kirsopp. *The Text of the New Testament*, 6th ed. revised by Silva New. London: Rivingtons, 1959.
- Lake, Kirsopp, Blake, R. P., and New, Silva. "The Caesarean Text of the Gospel of Mark," *Harvard Theological Review*, XXI (1928), 207-404.
- Lake, Kirsopp and Lake, Silva. *Family 13 (The Ferrar Group) (Studies and Documents 11)*. Salt Lake City: University of Utah press, 1965.

- Lake, Silva. *Family II and the Codex Alexandrinus (Studies and Documents V)*. London: Christophers, 1936.
- Metzger, Bruce Manning. *Chapters in the History of New Testament Textual Criticism*. Vol. IV of *New Testament Tools and Studies*, ed. B. M. Metzger. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1963.
- _____. *The Early Versions of the New Testament*. Oxford: Clarendon Press, 1977.
- _____. "The Evidence of the Versions for the Text of the N.T.," *New Testament Manuscript Studies*, ed. M. M. Parvis and A. P. Wikgren. Chicago: The University of Chicago Press, 1950. Pp. 25-68.
- _____. "Explicit References in the Works of Origen to Variant Readings in N. T. MSS.," *Biblical and Patristic Studies in Memory of Robert Pierce Casey*, ed. J. N. Birdsall and R. W. Thomson. New York: Herder, 1963. Pp. 78-95.
- _____. *Historical and Literary Studies*. Vol. VIII of *New Testament Tools and Studies*, ed. B. M. Metzger. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans, 1968.
- _____. "Patristic Evidence and the Textual Criticism of the New Testament," *New Testament Studies*, XVIII (1972).
- _____. "St. Jerome's Explicit References to Variant Readings in Manuscripts of the New Testament," *Text and Interpretation: Studies in the New Testament Presented to Matthew Black*, ed. Best and McL. Wilson. Cambridge: University Press, 1979.
- _____. *The Text of the New Testament*. London: Oxford University Press, 1964.
- _____. *A Textual Commentary on the Greek New Testament*. London: United Bible Societies, 1971.
- Miller, Edward. *A Guide to the Textual Criticism of the New Testament*. London: George Bell and Sons, 1886.
- Nestle, Erwin and Aland, Kurt. *Novum Testamentum Graece*. 24th ed. Stuttgart: Privilegierte Württembergische Bibleanstalt, 1960.
- New International Version of the New Testament*. Grand Rapids: Zondervan Bible Publishers, 1973.
- O'Callaghan, J. "El cambio □□□ en los papiros bíblicos," *Biblica*, LIV (1973).
- _____. "Notas sobre 7Q tomadas en el 'Rochefeller Museum' de Jerusalén," *Biblica*, LIII (1972).
- _____. "Papiros neotestamentarios en la cueva 7 de Qumran?" *Biblica*, LIII (1972).
- Oliver, H. H. "Present Trends in the Textual Criticism of the New Testament," *The Journal of Bible and Religion*, XXX (1962), 308-20.
- Oxford Society of Historical Research, *The New Testament in the Apostolic Fathers*. Oxford: Clarendon Press, 1905.
- Parvis, Merrill M. "The Nature and Task of New Testament Textual Criticism," *The Journal of Religion*, XXXII (1952), 165-74.
- _____. "The Need for a New *Apparatus Criticus* to the Greek New Testament," *Journal of Biblical Literature*, LXV (1946), 353-69.
- _____. "Text, NT.," *The Interpreter's Dictionary of the Bible*. 4 vols. New York: Abingdon Press, 1962. Pp. 594-614.
- Parvis, Merrill M. and Wikgren, A. P. (eds.). *New Testament Manuscript Studies*. Chicago: The University of Chicago press, 1950.
- Pickering, W. N. *A Framework for Discourse Analysis*. Dallas: Summer Institute of Linguistics and University of Texas at Arlington, 1980.
- _____. "'Queen Anne . . . ' and all that: a Response," *Journal of the Evangelical Theological Society*, XXI (June, 1978), 165-67.
- Revised Standard Version*. London: Thomas Nelson and Sons Ltd., 1952.
- Richardson, C. C. (ed.). *Early Christian Fathers*. Philadelphia: The Westminster Press, 1953.
- Riddle, Donald W. "Fifty Years of New Testament Scholarship," *The Journal of Bible and Religion*, X (1942), 136-40, 183.
- Rist, Martin. "Pseudepigraphy and the Early Christians," *Studies in New Testament and Early Christian Literature*, ed. D. E. Aune. Leiden: E. J. Brill, 1972.
- Roberts, A. and Donaldson, J. (eds.). *The Ante-Nicene Fathers*. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1956.
- Roberts, Colin H. *Manuscript, Society and Belief in Early Christian Egypt*. London: Oxford University Press, 1979.
- Robinson, Maurice A. "Two Passages in Mark: A Critical Test for the Byzantine Priority Hypothesis." Presented at Evangelical Theological Society, Nov., 1994.

- Robinson, Maurice A. and Pierpont, William G. (eds.). *The New Testament in the Original Greek according to the Byzantine/Majority Textform*. Roswell, GA: Original Word Publishers, 1991.
- Rylaarsdam, J. C. R. (ed.). *Transitions in Biblical Scholarship*. Chicago: The University of Chicago Press, 1968.
- Salmon, George. *Some Thoughts on the Textual Criticism of the New Testament*. London: n.p. 1897.
- Schopp, Ludwig (ed.). *The Apostolic Fathers*. New York: Cima Publishing Co., Inc., 1947.
- Scrivener, F. H. A. *A Plain Introduction to the Criticism of the New Testament*. 4th ed. edited by E. Miller. 2 vols. London: George Bell and Sons, 1894.
- _____. (ed.). *The New Testament in the Original Greek, together with the Variations Adopted in the Revised Version*. Cambridge: Cambridge University Press, 1880.
- Soden, Hermann F. von. *Die Schriften des Neuen Testaments*. 2 vols. Göttingen: Vandenhoeck und Ruprecht, 1911.
- Streeter, Burnett H. *The Four Gospels: A Study of Origins*. London: Macmillan and Co., 1930.
- Sturz, H. A. *The Byzantine Text-Type and New Testament Textual Criticism*. Nashville: Thomas Nelson, 1984.
- Suggs, M. J. "The Use of Patristic Evidence in the Search for a Primitive New Testament Text," *New Testament Studies*, IV (1957-1958), 139-47.
- Swanson, R. J. *The Horizontal Line Synopsis of the Gospels, Greek Edition, volume I. The Gospel of Matthew*. Dillsboro, NC: Western North Carolina Press, 1982.
- Tasker, R. V. G. (ed.). *The Greek New Testament*. Oxford: Oxford University Press, 1964.
- _____. "Introduction to the Manuscripts of the New Testament," *Harvard Theological Review*, XLI (1948), 71-81.
- Taylor, R. A. "Queen Anne Resurrected? A Review Article," *Journal of the Evangelical Theological Society*, XX (December, 1977), 377-81.
- Taylor, Vincent. *The Text of the New Testament*. New York: St. Martin's Press Inc., 1961.
- Tenney, M. C. *New Testament Survey*. Grand Rapids: Eerdmans, 1961.
- Thiessen, Henry C. *Introduction to the New Testament*. Grand Rapids, Michigan: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1955.
- Tischendorf, Constantinus. *Novum Testamentum Graece*. 8th ed. 2 vols. Lipsiae: Giesecke and Devrient, 1869-72.
- Turner, C. H. "Historical Introduction to the Textual Criticism of the New Testament," *Journal of Theological Studies*, (Jan. 1910).
- Vaganay, Leo. *An Introduction to the Textual Criticism of the New Testament*. Translated by B. V. Miller. London: Sands and Co., Ltd., 1937.
- Van Bruggen, Jakob. *The Ancient Text of the New Testament*. Winnipeg: Premier, 1976.
- _____. *The Future of the Bible*. Nashville: Thomas Nelson, 1978.
- Vööbus, Arthur. *Early Versions of the New Testament*. Stockholm: Estonian Theological Society in Exile, 1954.
- Walters, P. *The Text of the Septuagint. Its Corruptions and their Emendation*. ed. D. W. Gooding. Cambridge: University Press, 1973.
- Westcott, Brooke Foss and Hort, Fenton John Anthony. *The New Testament in the Original Greek*. 2 vols. London: Macmillan and Co. Ltd., 1881.
- Wikgren, Allen. "Chicago Studies in the Greek Lectionary of the New Testament," *Biblical and Patristic Studies in Memory of Robert Pierce Casey*. ed. J. N. Birdsall and R. W. Thomson. New York: Herder, 1963. Pp. 96-121.
- _____. (ed.). *Early Christian Origins*. Chicago: Quadrangle Books, 1961.
- Williams, Charles S. C. *Alterations to the Text of the Synoptic Gospels and Acts*. Oxford: Basil Blackwell, 1951.
- Wisse, Frederik. *The Profile Method for Classifying and Evaluating Manuscript Evidence*. Grand Rapids: Eerdmans, 1982.
- Wisselink, W. F. *Assimilation as a Criterion for the Establishment of the Text*. 4 vols. Kampen: Uitgeversmaatschappij J. H. Kok, 1989.
- Zuntz, Gunther. "The Byzantine Text in New Testament Criticism," *Journal of Theological Studies*, XLIII (1942), 25-30.
- _____. *The Text of the Epistles*. London: Oxford University Press, 1953.